

Desculpa, eu te amo

Best-seller do *New York Times*

Trilogia *O Amante*

Jodi Ellen Malpas



Desculpa,
eu te amo

Desculpa, eu te amo

Best-seller do *New York Times*

Trilogia *O Amante*

Jodi Ellen Malpas

TRADUÇÃO
VIVIANE PIRES DE ARAÚJO



Copyright © Jodi Ellen Malpas, 2013
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2015
Todos os direitos reservados.
Título original: *This Man Confessed*

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, locais e incidentes são fruto da imaginação da autora e/ou são usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança de eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou não, é coincidência.

Preparação: Sandra Scapin
Revisão: Gabriela Ghetti e Fernanda Iema
Diagramação: Marcos Gubiotti
Capa: adaptada do projeto gráfico original
Imagem de capa: © Diane Luger
Adaptação para eBook: [Hondana](#)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

M223d

Malpas, Jodi Ellen

Desculpa, eu te amo / Jodi Ellen Malpas; tradução Viviane Pires de Araújo. –
1. ed. – São Paulo: Planeta, 2015.

Tradução de: This man confessed
ISBN 978-85-422-0531-2

1. Ficção inglesa. I. Araújo, Viviane Pires de.
II. Título.

15-22056

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manoel, 100 – 21^o andar
Edifício Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo – SP

www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Sumário



[Agradecimentos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Epílogo](#)

Agradecimentos



Já agradei à minha família e aos amigos diversas vezes ao longo dessa louca viagem, por isso, nesta edição, agradecerei às pessoas que entraram em minha vida desde então.

A Jenny e Gitte, eu já havia dito isso antes e direi mais uma vez e outra e ainda outra: “Caramba, eu amo vocês demais!”.

Às minhas agentes, Andrea Barzvi e Kristyn Keene, da ICM Partners. Quando entrei no escritório de vocês, sabia que tinha chegado ao meu lugar; pela primeira vez senti-me entusiasmada, em vez de embasbacada, e vocês fizeram tudo acontecer. Sou eternamente grata.

A Beth e Selina, da Grand Central Publishing, por acreditarem em mim como autora estreante. Estou animada com o potencial do meu futuro – um futuro que vocês se ofereceram para apoiar e defender. Obrigada.

Aos blogueiros, que trabalham sem descanso para promover e apoiar autores, e às garotas obcecadas por Jesse, que dão um novo significado à palavra entusiasmo. Amo tê-las por perto, por isso nunca me abandonem! Tenho planos de capturar sua imaginação vívida por muitos anos; mal posso esperar!

Aconteceu tanta coisa desde a publicação de *O Amante* e de *Eu, submissa...* Coisas que vão além da compreensão, mas aconteceram, e aconteceram comigo, essa inglesinha com uma ideia na cabeça que não a deixava em paz. E fico feliz por isso, porque se eu tivesse descartado essa ideia não haveria Jesse Ward nem seu estilo “rolo compressor” e muito menos contagens regressivas ou dedos mergulhados em manteiga de amendoim. Esses são apenas alguns dos hábitos viciantes que causaram impacto em meus maravilhosos leitores – neles e no louco e intenso amor entre duas pessoas.

A pressão para entregar a vocês esse livro é imensa, e espero ter conseguido. É isso. Esta é a conclusão: a parte final da história de Jesse e Ava.

Divirtam-se!

Beijos,
Jodi.

Capítulo 1



Meus nervos estão em frangalhos. Não sei por quê. Sei que estou fazendo a coisa certa, mas estou uma pilha, sozinha em meio aos meus primeiros parcos momentos de silêncio e reflexão do dia, e provavelmente os últimos. Esperei por essa partícula de tempo, implorando por ele em face do caos que me cerca. Preciso desse momento só para mim, para absorver o salto imenso que estou dando. Preciso ficar comigo mesma para reunir tudo o que esse momento significa. Sei que momentos como esse serão preciosos de hoje em diante.

É o dia do meu casamento.

O dia em que prometo me entregar a esse homem por toda a minha vida. Não que eu precise de um pedaço de papel ou de uma aliança no dedo para ter certeza disso, mas ele precisa. E é por isso que, apenas duas semanas depois de ele ter se ajoelhado no terraço do Lusso, eu estou me casando com ele. E agora estou vestida com um robe e sentada em uma *chaise longue* em uma das suítes privadas do Solar – a mesma onde Jesse me arrebatou tantas semanas atrás tentando me centrar.

Estou me casando no Solar.

O dia mais importante da minha vida está acontecendo no luxuoso refúgio sexual do meu senhor. Meu nervosismo não é apenas porque sou a noiva, mas porque meus pais, meu irmão e demais membros da família perambulam por todo o terreno do suposto *resort* de Jesse, esmiuçando todo o prédio e deslumbrando-se com o esplendor e a opulência. É por isso que providenciei poderosas barreiras para impedir a entrada no salão aberto. Eu mesma me certifiquei um milhão de vezes de que ninguém conseguiria entrar ali, assim como me certifiquei de que todas as armações e estruturas de madeira e de metal dourado tivessem sido removidas das suítes privadas e sabatinei a equipe de funcionários do Solar repetidas vezes. O pobre batalhão de empregados de Jesse agora tem de suportar minha interferência constante e meus avisos persistentes de que minha família não tem ideia do que se passa ali. Eles aceitam, balançam a cabeça e me fazem um carinho no ombro ou me olham com compaixão, mas isso não me tranquiliza nem um pouco. Não estou preocupada com os homens da família; esses vão se sentar no bar e sair de lá somente se forem obrigados, mas minha mãe e minha tia são outra história. Minha mãe, e sua paixão por tudo o que é luxuoso, está fascinada com o lugar, assumindo de repente o posto de guia turístico do Solar, disposta a demonstrar quão magnífica é a propriedade de Jesse. Gostaria que ela não fizesse isso. Queria que ficasse sentada no bar, ao lado do meu pai. Na verdade, queria grudar o traseiro dela em uma cadeira e fazê-la tomar o drinque Mais Maravilhoso do Mario sem parar. Cuidar da minha mãe é uma fonte de estresse a mais, que eu

não precisaria ter no dia do meu casamento, mas com a qual acabei concordando quando meu temperamental e neurótico namorado-aniversariante se deitou sobre mim no terraço, com toda a sua força aconchegante, sem nem precisar de uma transa de lembrete.

Eu sei que ele cuidou de tudo – o Solar parece mesmo um *resort* exclusivo –, mas sei também o que há no primeiro andar, e, nesse exato momento, todas aquelas camas dançam no teto sobre mim, como que se sentindo solitárias. E devem estar mesmo... O Solar está fechado há dois dias, para que os preparativos para o casamento fossem feitos, o que por si só custou a Jesse uma pequena fortuna em reembolso de taxas a membros. Agora, devo estar sendo tão detestada pelos homens quanto sou pelas mulheres do Solar. Todos devem me odiar: as mulheres, por roubar seu Senhor debaixo do nariz delas, e os homens, por interromper suas aventuras sexuais preferidas.

Olho para o teto e giro os ombros, tentando aliviar um pouco da tensão, que só aumenta, mas não adianta. Estou muito nervosa. Levanto-me e vou até o espelho para ver como estou. Apesar do mal-estar, minha aparência é fresca, radiante, e minha maquiagem está suave e natural. Phillippe fez um trabalho incrível: deixou meus cabelos extremamente brilhantes, com ondas longas e pesadas, que se movem livremente, presas de um dos lados com um intrincado pente cravejado de pedras preciosas. Jesse ama meus cabelos soltos. E também ama que eu use renda.

Viro-me para a porta, onde meu vestido está pendurado, e me embriago na vastidão rendada – muita renda, com uma explosão de pérolas mínimas aqui e ali. Sorrio e penso: “Ele vai perder a respiração”. O vestido simples, com alças delicadas, decote profundo nas costas e cintura marcada vão deixar o meu senhor de joelhos.

Elegância discreta.

A renda marfim cobre meu traseiro, abraça minhas coxas e se esparrama pelo chão, um metro de cada lado. Muita, muita renda. Foi a Zoe, da Harrods, quem surgiu com esse vestido. Ela cuidou de tudo, inclusive dos sapatos, simples e também na cor marfim. Sem frescuras, apenas um par de Christian Louboutin clássico.

Pego meu telefone na mesa de cabeceira. É meio-dia. Preciso me aprontar. Em apenas uma hora encontrarei Jesse na sala de verão e farei meus votos, tornando minha promessa para ele oficial. Meu estômago dá um giro de trezentos e sessenta graus... outra vez.

Tiro o robe e visto a calcinha antes de pegar o *corset* tomara que caia de renda marfim e me enfiar nele, ajeitando-o sobre a barriga e arrumando o decote nos seios, que, por um triz, não deixa de fora a marca de uma mordida em forma de círculo perfeito que tenho ali. A minha marca.

Ouçou uma batida discreta à porta. Meu momento de reflexão e silêncio terminou.

– Sim? – pergunto, vestindo o robe sobre a lingerie e atravessando a suíte.

– Ava, querida, está vestida?

É minha mãe, e eu abro a porta.

– Estou vestida sim e preciso da sua ajuda.

Ela entra e fecha a porta atrás de si. Está linda, sem a tradicional combinação vestido-blazer-chapéu de mãe da noiva e adornada com um adorável vestido de cetim furta-cor. Seu corte de cabelo curto e com balanço tem um arranjo de pluma e pérola.

– Desculpe, querida. Eu estava mostrando o spa para a tia Angela. Acho que ela vai perguntar a Jesse como fazer para se associar. Está impressionada. É preciso ser membro para

usar o spa e a academia ou é apenas para hóspedes?

Eu me encolho na hora.

– Somente para hóspedes, mamãe.

– Bem, tenho certeza de que ele abrirá uma exceção para a família. Seus avós pensariam que estavam no palácio de Buckingham, que Deus os tenha – ela diz, mexendo em meus cabelos, e eu afasto suas mãos. – Já vestiu a lingerie? – ela pergunta, correndo de alto a baixo meu corpo coberto pelo robe com seus olhos cor de chocolate. – Já está quase na hora.

Eu tiro o robe novamente e o solto sobre a cama.

– Sim, preciso que o feche. – Viro-me de costas para ela e puxo os cabelos para a frente. Depois de duas semanas de tratamento com creme e as mãos de Jesse, minhas costas estão livres das provas do meu flagelo. As marcas físicas se foram, mas aquele dia ficará gravado para sempre em minha memória.

– Ah, está bem – ela começa a juntar fechos e colchetes. – Ava, você precisa ver a sala de verão. Está absolutamente linda. Você tem tanta sorte de dispor de um lugar tão maravilhoso para se casar. Muitas mulheres fariam uma segunda hipoteca da casa para conseguir um lugar como esse.

Fico feliz que ela não possa ver meu rosto, pois encontraria uma expressão dolorosamente desconfortável.

– Eu sei – respondo.

Já vi o salão e está mesmo muito bonito. Tessa, nossa cerimonialista, certificou-se de que fosse assim, mas cada canto do Solar emana suntuosidade, haja casamento ou não. Eu pouco fiz pelos preparativos do meu próprio casamento. Jesse apresentou-me Tessa no dia seguinte em que me fez a proposta, uma pequena indicação de que meu homem de personalidade forte já havia entrado em contato com ela para assumir a função de planejar a cerimônia, evento para o qual deveríamos discutir e decidir de comum acordo, como adultos. Além disso, muito convenientemente, o Solar tem licença para realizar cerimônias de casamento. Não faço ideia de como ele conseguiu isso. Tudo o que fiz pelo meu casamento foi visitar Zoe e escolher o vestido. Não tive o menor estresse com o planejamento, apenas com o local.

– Pronto! – mamãe me vira e põe meus cabelos para trás do ombro outra vez. Ela me olha com atenção, e sei o que está por vir. – Querida, sua mãe pode te dar um conselho?

– Não – respondo rapidamente, com um sorriso contido.

Ela retribui meu sorriso e se senta comigo na beira da cama.

– Quando se torna esposa de alguém, você se torna também o eixo de seu marido – ela diz com um sorriso carinhoso. – Deixe-o pensar que está no comando; deixe que ele pense que você não consegue viver sem ele, mas nunca permita que ele tire sua identidade ou sua independência, querida. Homens precisam de massagens no ego – ela ri de leve. – Eles gostam de pensar que mandam na relação e você deve deixar que pensem assim.

Eu balanço a cabeça.

– Mamãe, isso não é necessário.

– É sim – ela insiste. – Homens são criaturas complicadas.

Eu bufo. Ela não tem a menor ideia de quanto a minha criatura é complicada.

– Eu sei.

– Embora mantenham uma fachada forte e máscula, eles não são nada sem nós! – ela puxa

meu rosto corado para mais perto do seu. – Ava, posso ver que Jesse te ama e admiro a franqueza com que ele demonstra seus sentimentos por você, mas lembre-se sempre de quem você é. Não deixe que ele te faça mudar, meu amor.

– Ele não vai me mudar, mamãe.

Não estou nem um pouco confortável com aquela conversa, mesmo que ela tenha acertado na mosca. Meus pais ficaram conosco por dois dias depois que Jesse me pediu em casamento e estão de volta a Londres desde quarta-feira; então, viram como ele se comporta comigo, menos as contagens regressivas e os vários estilos de transas. Testemunharam seu jeito quase sufocante, os toques constantes e as demonstrações de afeto, e suas observações discretas não passaram despercebidas. Pelo menos, não de minha parte. Jesse está alheio a toda essa observação. Não, não é bem alheio a palavra, é só que ele não se importa, e não sou eu quem vai mudar isso. Aliás, tanto quanto ele, eu adoro o contato constante.

Mamãe sorri para mim.

– Ele quer cuidar de você e já deixou bem claro que você é preciosa para ele. Seu pai e eu ficamos muito felizes que tenha encontrado um homem que te idolatra, que faria tudo por você.

– Eu também o idolatro – digo baixinho. A sinceridade das palavras de minha mãe vai direto para as minhas cordas vocais, fazendo minha voz tremer. – Por favor, mamãe, não me faça chorar. Isso vai estragar minha maquiagem.

Ela segura meu rosto com as duas mãos e me dá um beijo estalado nos lábios.

– Sim, vamos parar de sentimentalismo. Apenas não faça nada que não queira, pois deu para ver que ele é bem persuasivo quando quer.

Eu dou risada e minha mãe ri comigo. Persuasivo?

– É uma pena que a família dele não esteja aqui – mamãe lamenta.

Eu me encolho outra vez. – Eu já te disse, eles vivem em outro país, e a família não se dá muito bem.

Eu tinha contado vagamente a razão de ninguém da família de Jesse estar presente. Muito vagamente. A história que Jesse me contou em nosso primeiro encontro basta. É perfeitamente plausível.

– Dinheiro – ela suspira. – É a maior causa de desentendimentos entre as famílias.

– É verdade – concordo. “Assim como clubes de sexo e tios *playboys*”, penso.

Alguém bate à porta, interrompendo a conversa, e minha mãe vai atender.

– Deve ser Kate – ela cantarola.

– Trago bebidas! – diz Kate assim que a porta se abre. – Uau, Elizabeth, você está incrível! – sua voz entusiasmada invade o quarto antes mesmo de ela passar por minha mãe e seus olhos azuis se fixarem em mim, encantados. – Ainda não está vestida? – pergunta, colocando uma bandeja sobre a cômoda de madeira. Ela está fabulosa em um vestido básico, de cetim marfim, com seus cabelos ruivos selvagens emoldurando o rosto claro. Kate é minha única madrinha, mas sua empolgação vale por dez.

– Estava começando agora – eu me levanto e ajeito os seios nos bojos outra vez.

– Aqui. Beba isso – ela coloca uma taça com um líquido rosa em minhas mãos.

– Oh, sim, você precisa beber isso! – mamãe festeja, fechando a porta e indo até a bandeja pegar um para si. Ela bebe um gole generoso e soluça. – Aquele italianinho sabe mesmo fazer uma mulher feliz.

- Eu balanço a cabeça, recusando o drinque que flutua diante dos meus olhos.
- Não, eu estou bem – não quero que Jesse sinta cheiro de álcool em meu hálito.
 - Vai acalmar seus nervos – Kate insiste, pegando minha mão e fazendo-me segurar a taça.
- Beba.

Ela sabe por que estou nervosa. Eu a fiz verificar os obstáculos e as suítes privadas milhões de vezes.

Kate acena para a taça com as sobancelhas erguidas e eu me rendo, sorvendo um belo gole do Mais Maravilhoso do Mario. O sabor é maravilhoso como sempre, mas nenhuma quantidade de álcool vai me curar.

– Onde está Jesse? – pergunto, colocando a bebida de volta à bandeja. Eu não o vejo desde ontem à noite. Conhecendo a visão tradicional de minha mãe, insisti que dormíssemos em quartos separados na noite que antecedeu o nosso casamento. Ele se recusou a deixar o meu quarto até um minuto antes da meia-noite e, mesmo assim, saiu bufando quando minha mãe bateu à porta da suíte principal, para removê-lo de lá. Vi que estava a ponto de passar com seu rolo compressor por cima de Elizabeth, mas, para minha surpresa, concordou em sair sem muito alarde, apenas com um olhar furioso para minha mãe, enquanto ela o conduzia para fora do quarto.

– Acho que ele está se arrumando – Kate diz, enquanto engole seu Mais Maravilhoso.

– Kate Matthews, vá com calma! – repreende minha mãe, tirando a taça das mãos dela. – Você tem o dia todo pela frente.

– Desculpe – Kate me lança um olhar travesso. Sei por que ela está bebendo tão cedo, e a razão é Dan e Sam no mesmo lugar.

– E meu pai e meu irmão, onde estão?

– No bar, Ava. Todos os homens estão no bar – Kate responde, enfatizando *todos*.

– *Todos* os homens? – pergunto, querendo dizer “inclusive Sam?”, e Kate faz que sim com a cabeça, captando meus pensamentos óbvios.

– Sim, *todos* os homens exceto Jesse e incluindo Sam... e Dan.

Faço uma careta. O dia de hoje vai ser difícil para Kate. Dan atrasou seu retorno à Austrália para poder estar aqui no meu casamento, mas não nos falamos muito, nem na noite do pedido nem depois, mas não foi preciso. É óbvio que ele está contrariado com o rumo que a minha vida está tomando e também por estar perto de Kate, especialmente adicionando um Sam totalmente desavisado à equação. Kate também está em uma luta interna, embora tente aparentar tranquilidade.

– Vamos lá, então – Kate bate palmas. – Vai se vestir ou vai entrar na cerimônia vestindo apenas isso? Eu tenho certeza de que Jesse não vai se incomodar.

Dou um sorriso para minha amiga esprevidada. Ela conhece a compulsão de Jesse por renda, mas minha mãe não.

– Vou me vestir.

Começo desembulhando os sapatos do papel de seda e calçando-os, o que aumenta minha altura em dez centímetros.

– Muito bem – respiro profundamente e caminho até a porta, onde meu vestido espera por mim. Paro diante dele e observo sua beleza por um momento.

– Talvez seja melhor você usar o banheiro antes de vesti-lo – mamãe sugere, juntando-se a

mim diante do vestido. – Oh, Ava, nunca vi nada parecido com isso.

Eu concordo, correndo os olhos de cima a baixo pelo vestido.

– Eu sei. E, sim, preciso fazer xixi – digo, deixando minha mãe admirando meu vestido enquanto vou ao banheiro e intercepto Kate dando mais um longo gole na bebida enquanto minha mãe está de costas. Se eu não estivesse tão preocupada com o local do meu casamento, talvez me preocupasse em passar o dia com Kate e Dan a tão curta distância um do outro.

Fecho a porta com cuidado antes de usar o banheiro e curtir mais um momento a sós, enquanto esvazio totalmente a bexiga. Então, ouço batidas fortes na porta, seguidas da voz de minha mãe, aguda e em pânico. Intrigada com o que acontece lá fora, termino o que vim fazer rapidamente e lavo as mãos antes de sair do banheiro.

– Jesse, nós vamos brigar se você não fizer o que eu digo – minha mãe fala, visivelmente exasperada.

Olho para Kate, que dá outro gole no Mais Maravilhoso enquanto minha mãe está distraída. Ela sorri para mim e dá de ombros.

– O que está acontecendo? – pergunto.

– Jesse quer te ver, mas Elizabeth não quer deixar.

Eu reviro os olhos, voltando minha atenção para a entrada do quarto, onde minha mãe bloqueia a fresta entre a porta e o batente. E então eu o ouço.

– Nós não vamos brigar, mamãe, se você me deixar entrar.

Sei que ele está sorrindo para ela, mas seu jeito brincalhão não me engana. Há um tom de ameaça em sua voz, mesmo dirigido à minha mãe, e sei que ele vai entrar aqui quer Elizabeth queira quer não.

– Jesse Ward, você não pode me chamar de mamãe sendo apenas nove anos mais novo que eu – ela esbraveja. – Agora vá! Você vai vê-la em meia hora.

– Ava! – ele grita, a despeito de minha mãe.

Eu olho para Kate, que balança a cabeça, compreendendo imediatamente minha intenção. Ambas corremos para a porta e Kate pega o vestido pelo cabide, enquanto eu seguro a parte de baixo nos braços, levando-o para o banheiro e pendurando-o atrás da porta.

Kate ri.

– Sua mãe um dia vai aprender ou vai continuar tentando domá-lo?

– Não sei – aliso a frente do vestido e sigo Kate de volta para o quarto, fechando a porta atrás de mim. Mamãe ainda monta guarda à porta, com um pé firmemente plantado contra ela, mas isso não vai detê-lo.

– Jesse, não! – ela agora empurra a porta contra ele. – Não! Isso dá azar! Você não tem respeito pelas tradições, homem teimoso?

– Deixe-me entrar, Elizabeth – ele diz, apertando os dentes. Sei que está fazendo isso.

Olho outra vez para Kate e balanço a cabeça. Ele vai pisotear a minha mãe, como já havia prometido fazer se ela ficasse em seu caminho, o que certamente está acontecendo agora.

Kate pega outra taça na bandeja e caminha despreocupadamente até a porta.

– Elizabeth, deixe-o entrar. Você nunca vai conseguir impedi-lo. Esse homem é um rinoceronte.

– Não! – minha mãe está dando tudo de si, não que isso vá funcionar. Ela já devia saber disso, mesmo após tão pouco tempo de convivência com ele. – Ele não vai... Oh! Jesse Ward!

Eu dou um sorrisinho ao observar minha determinada mãe ser cuidadosamente erguida do chão e colocada de lado, liberando o acesso a mim. Ela ajeita o vestido e o arranjo do cabelo, enquanto xinga meu noivo temperamental. Volto os olhos para a porta aberta e encontro dois mares verdes de puro desejo dissecando-me, o rosto impassível, a barba por fazer. Meus olhos gulosos deixam os dele e descem lentamente por seu corpo seminu, já que ele está diante de mim usando apenas um calção folgado; seu peito sólido está úmido e seus cabelos, mais escuros por causa do suor. Ele esteve correndo outra vez.

– Ava, peça que ele saia! – minha mãe não está nada feliz.

Meus olhos se voltam para os dele.

– Está tudo bem, mamãe. Dê-nos apenas cinco minutos.

Os olhos dele brilham em aprovação e ele aguarda pacientemente que minha mãe desista e nos deixe em paz. Minha mãe não gosta nada disso, mas, mesmo esse pequeno gesto, já é mais respeitoso do que Jesse costuma ser. Ele vai me possuir quando e onde quiser; então, o fato de ele não ter tirado pessoalmente minha mãe do quarto já é uma surpresa. Ele está passando por cima dela, é fato, mas poderia ser bem pior.

Pela minha visão periférica, vejo Kate indo até minha mãe e dando-lhe o braço.

– Vamos, Elizabeth. Uns minutinhos não vão fazer mal nenhum.

– Mas é a tradição! – ela argumenta, permitindo que Kate a conduza para fora.

Eu sorrio outra vez. Não há nada de tradicional em meu relacionamento com Jesse.

– E o que é aquela marca no peito dele? – ouço minha mãe perguntar, enquanto sai do quarto.

A porta se fecha e nós mantemos uma profunda conexão de olhar, sem nenhuma palavra. Eu me deslumbro só de olhar para ele, cada músculo tonificado, cada centímetro de pura beleza.

– Não quero tirar os olhos do seu rosto – ele, finalmente, fala.

– Não?

Ele balança a cabeça devagar.

– Eu vou ver renda se baixar os olhos, não vou?

Eu apenas aceno que sim com a cabeça.

– Renda branca?

– Marfim.

Seu peito se expande.

– E você está mais alta, então deve estar usando sapatos de salto alto.

Meneio a cabeça outra vez. O resultado dessa conversa pode ser fatal para os meus cabelos, minha maquiagem e minha lingerie. Também pode ser um problema para nosso cronograma apertado, pois Tessa pode aparecer a qualquer momento para verificar se eu estou pronta, antes de me dizer a quantos passos estou da sala de verão e quanto tempo levarei para chegar lá.

Ele pisca algumas vezes, e sei que não vai resistir a uma espiada. É bom que ele consiga se controlar quando tiver o impacto total, e é bom que eu também consiga. É difícil. Gotas de suor surgem em suas têmporas, descendo por seu pescoço e atingindo seu peito firme, antes de trilhar as ondulações do seu abdômen e se dispersarem no tecido do calção. Eu me mexo no lugar quando seus olhos deixam os meus e baixam lentamente pelo meu corpo, com o peito se movendo com mais intensidade enquanto seus olhos vagueiam. Minha pele formiga e tento controlar minhas reações diante da perfeição de Jesse, mas, ao mesmo tempo, querendo que ele

me tome aqui e agora.

– Você acabou de passar por cima da minha mãe – tento esconder o desejo em minha voz, mas falho de maneira espetacular, como sempre. É impossível resistir a esse homem, especialmente quando ele me olha assim, com olhos repletos de apreciação.

Eu me movimento antes dele. Cruzo o quarto lentamente e paro diante de seu corpo coberto de suor, fixando meus olhos em seus lábios carnudos. A respiração dele se acelera, e a expansão de seu peito quase faz meu tórax tocar no dele.

– Ela estava no meu caminho – ele diz em voz baixa, respirando sobre mim.

– Isso dá azar. Você não deveria me ver antes do casamento.

– Impeça-me, então – ele se inclina e seus lábios tocam delicadamente os meus, mas esse é o único toque entre nós. – Eu estava com saudade.

– Faz apenas doze horas – minha voz é rouca e convidativa, embora eu saiba que não deveria encorajar nenhum tipo de contato com ele nesse estado, todo suado, e eu usando lingerie marfim e já maquiada e penteada.

– Tempo demais – ele passa a língua lentamente pelo meu lábio inferior, arrancando-me um gemido. Começo a lutar contra o meu instinto de agarrar os ombros dele. – Você bebeu – ele me acusa, sem violência.

– Só um golinho – ele é um cão perdigueiro. – Nós não devíamos estar fazendo isso.

– Você não pode estar vestida assim e dizer esse tipo de coisa, Ava.

A boca dele busca a minha e sua língua pede passagem, incentivando meus lábios a se abrirem e aceitarem-na. O calor que emana dele dissipa qualquer estresse que eu possa ter quanto ao local onde estamos. Tudo o mais fica esquecido quando ele me reivindica, mas ainda sem pôr as mãos em mim. A dança de nossa língua é o único contato que temos, mas esse toque me consome como sempre. Meus sentidos estão saturados, minha mente está confusa e meu corpo pede pelo dele, que mantém a língua em ritmo lento e fluido, afastando-a de vez em quando, apenas para me provocar, antes de mergulhar outra vez. Mais um gemido escapa de mim nesse momento delicioso, e a inevitável sensação entre as minhas coxas aumenta enquanto ele me adora delicadamente como a uma deusa.

– Jesse, vamos nos atrasar para o casamento. – Sinto que é preciso dar um basta antes que um de nós leve a situação para o próximo nível. E serei eu.

– Não me peça que pare de te beijar, Ava – ele segura meu lábio inferior entre os dentes e o deixa escorregar entre eles lentamente. – Nunca me peça que pare de te beijar – ele se ajoelha e segura as minhas mãos, puxando-me para o chão com ele. Eu tiro os sapatos e me junto a ele. Jesse mantém os olhos fixos em suas próprias mãos acariciando as minhas por um tempo, até voltar seus gloriosos olhos verdes para o meu rosto. – Está pronta para dar esse passo? – ele pergunta baixinho.

Meu rosto se contorce em uma expressão de dúvida.

– Está me perguntando se eu ainda quero me casar com você?

Ele sorri muito de leve.

– Não, quanto a isso você não tem escolha. Só estou perguntando se está pronta.

Eu mal consigo evitar um sorriso diante de sua sinceridade.

– E se eu disser não?

– Você não vai negar.

– Então, por que perguntar?
Seu atrevimento se transforma em um sorriso tímido, e ele dá de ombros.
– Você está nervosa, e não quero que fique nervosa.
– Jesse, estou nervosa por causa do lugar onde estou me casando. Acho até que estou com o tradicional friozinho na barriga, mas é o lugar onde estamos que me causa mais aflição.

O sorriso dele desaparece.

– Ava, todas as providências foram tomadas. Eu disse que não precisava se preocupar, então não precisa se preocupar. Ponto-final.

– Eu não acredito que você me convenceu a fazer isso – eu abaixo a cabeça, sentindo uma ligeira culpa por ter duvidado que ele manteria sua palavra. Eu sei exatamente por que estou me casando no Solar. É porque não há fila. Aqui é onde ele pode me levar para o altar sem demora.

– Ei – ele ergue meu rosto pelo queixo, fazendo-me encarar o dele, absurdamente bonito. – Pare já com isso.

– Desculpe – eu murmuro.

– Ava, quero que você curta o dia de hoje; não que fique preocupada com algo que jamais vai acontecer. Jamais. Eles nunca vão descobrir. Eu prometo.

– Está bem – sacudo o corpo de leve para espantar o mal-estar e dou-lhe um sorriso, já me sentindo melhor por ouvir suas palavras reconfortantes. Eu acredito nele.

Observo-o levantar-se e ir até a cômoda, pegar algo em uma das gavetas, e voltar em seguida com uma toalha. Confusa, olho para ele, que se ajoelha novamente e enxuga o rosto e os cabelos, antes de cobrir o próprio peito e abrir os braços.

– Venha cá.

Ele dá a doce ordem e eu não perco tempo antes de me sentar em seu colo e deixar que ele me aninhe em seu abraço, meu rosto descansando em seu peito. O cheiro dele penetra meu nariz e eu relaxo.

– Melhor assim? – ele pergunta e me abraça mais forte.

– Muito melhor – eu digo contra a toalha. – Eu te amo, meu senhor – digo sorrindo.

Sinto-o agitar-se sob mim, sinal de que está rindo.

– Eu achei que era seu deus...

– E é, também.

– E você é a minha sedutora. Ou poderia ser a senhora do Solar. Eu me afasto de seu peito bruscamente e o vejo sorrir para mim.

– Eu não vou ser a senhora do Solar do Sexo!

Ele ri e me puxa de volta, acariciando meus cabelos e inalando o perfume deles, em uma respiração longa e satisfeita.

– Como quiser.

– Senhora Ward já está bom demais – sei que minhas mãos o provocam, acariciando suas costas, mas não me importo. – Eu te amo tanto.

– Eu sei que ama, Ava.

– Preciso terminar de me arrumar. Eu vou me casar, sabia?

– Vai, é? Quem é o sortudo?

Eu dou um sorriso e me afasto outra vez. Preciso olhar para ele.

– É um controlador neurótico e temperamental – toco seu rosto. – Mas é tão lindo – sussurro,

buscando os olhos dele, que me olham com atenção. – Ele me faz prender a respiração quando me toca e me leva ao delírio na cama.

Espero uma reprimenda, mas os lábios dele apenas se apertam em uma linha fina. Então eu me inclino e o beijo no queixo, subindo até os lábios.

– Mal posso esperar para me casar com ele – digo. – Acho melhor você ir embora, porque não quero deixar meu noivo esperando.

– O que ele diria se visse você beijando outro homem? – ele pergunta entre meus beijos.

Eu dou um sorriso.

– Oh, ele provavelmente o castraria e, então, perguntaria se ele prefere ser enterrado ou cremado. Ou algo assim.

Jesse arregala os olhos.

– Ele parece possessivo. Acho que não quero encará-lo.

– Não mesmo. Ele passaria por cima de você como um rolo compressor – eu encolho os ombros e ele ri. É aquela risada que faz seus olhos brilharem, aquela que faz surgir ruguinhas em torno de seus belos olhos. – Feliz?

– Não, estou me borrando – ele cai para trás e me leva com ele. – Mas sou corajoso. Beije-me.

Eu dou o máximo de mim, cobrindo o rosto dele de beijos e gemendo de felicidade, mas logo sou interrompida.

A porta se abre.

– Jesse Ward! Tire esse corpo suado de perto da minha filha! – o grito chocado de minha mãe corta a privacidade do momento.

Eu começo a rir. A bronca de minha mãe não me impede em nada de me aproveitar de Jesse, e ele permite.

– Ava, você vai ficar suada. Levante-se! – Os saltos de seus sapatos fazem ruídos nervosos da porta até nós. – Tessa, ajude-me aqui, sim?

De repente, várias mãos começam a me agarrar, tentando me afastar de Jesse.

– Pare, mamãe! – eu começo a rir, segurando-me a Jesse com mais força. – Eu já vou me levantar!

– Vamos! Seus cabelos estão uma bagunça, você vai se casar em meia hora e quebrou uma tradição milenar, rolando pelo chão com seu noivo – ela bufa mais um pouco. – Diga a ela, Tessa!

– Sim, vamos, Ava.

A voz de Tessa tem o efeito de agulhadas em minha pele. Ela é uma boa pessoa, mas é assustadoramente rigorosa com organização.

– Está bem, está bem – resmungo, afastando-me de Jesse e passando a me ajeitar.

– Oh, olhe só para você – mamãe lamenta, mexendo em meus cachos selvagens.

Eu tento manter o rosto impassível, mesmo observando que Jesse não faz o menor esforço para sair de onde está, mas apoia a cabeça nos braços, com os dedos entrelaçados na nuca, para ter melhor visão de minha mãe me cutucando.

– Vocês parecem duas crianças – ela prossegue, dirigindo os olhos cor de chocolate para o meu homem difícil. – Fora!

– Está bem – ele se levanta em um movimento fluido, seus músculos deliciosos flexionando

e desenhando seu corpo. Percebo o olhar de interesse de Tessa, mas ela sai rapidamente do torpor quando me vê olhando para ela com as sobranceiras erguidas.

– Eu vou cuidar do noivo – ela declara, olhando para qualquer lugar, exceto para o peito do meu deus. – Vamos, Jesse.

– Espere – ele olha para o meu colo. – Onde está seu diamante?

– Merda! – minha mão imediatamente toca minha clavícula e meus olhos começam a procurar pelo chão. – Merda! Merda! Mãe!

– Ava! – Jesse grita. – Por favor, olhe a boca!

– Sem pânico! – mamãe cai de joelhos e procura debaixo da cama, enquanto eu olho cada centímetro do carpete fofo.

– Aqui está! – Tessa o pega no chão e Jesse o tira da mão dela e vem até mim.

– Vire-se – ele diz e eu obedeço imediatamente, com o coração batendo forte. Esse maldito diamante ainda vai ser a causa de minha morte. – Pronto – ele beija o meu ombro e roça os quadris no meu traseiro.

– Isso é para você aprender a não rolar pelo chão – mamãe bufa. – Agora, já para fora! – ela começa a puxar o braço de Jesse, e ele não a detém.

Eu me viro e aceno para ele, fazendo uma reverência em seguida, o que arranca mais um ruído de reprovação de minha mãe e um sorrisinho atrevido de Jesse, antes de permitir que Tessa o conduza para fora da suíte.

– Certo. Já para dentro daquele vestido, Ava O'Shea. Onde ele está?

– Ali – eu aponto para o banheiro e me sento na beirada da cama. – E logo, logo você não poderá mais me chamar por esse nome – digo, soberba.

Ela caminha pesadamente pelo quarto.

– Para mim você sempre será Ava O'Shea – ela resmunga. – De pé. Seu pai chegará aqui a qualquer momento para te levar para baixo.

Eu me levanto e ajeito a lingerie mais uma vez.

– Ele está bem?

– Seu pai? – ela pergunta. – Nervoso, mas nada que algumas doses de uísque não curem. Ele detesta ser o centro das atenções.

E detesta mesmo. Ele não vê a hora de me entregar para Jesse, apenas para escapar dos olhares e se misturar à multidão. Tivemos uma conversa rápida sobre discursos e pude ver o medo nos olhos dele. Disse-lhe que não precisava fazê-lo, mas tanto ele quanto minha mãe insistiram.

Mamãe tira o vestido do cabide e o segura aberto à minha frente. Eu me apoio em seu ombro e dou um passo para dentro, deixando que ela me ajude a subi-lo, para eu poder passar os braços por dentro das alças delicadas. Em seguida, ela me vira de costas para fechar as dezenas de botõesinhos de pérola que correm sobre a minha coluna. Suas mãos vão até meus ombros e ajeitam as alças. Então, silêncio. Ela não se move mais. Sei o que vou ver se me virar, e acho que não vou conseguir me segurar. Então, ouço um soluço baixinho.

– Mamãe, por favor, não chore.

Ela começa a se mexer outra vez.

– O que foi?

Eu me viro e confirmo minhas suspeitas. Os olhos dela estão vermelhos e ela soluça

novamente.

– Oh, mamãe... – eu a advirto com carinho.

– Ava... – ela corre para o banheiro e eu ouço um puxão frenético no rolo de papel higiênico antes de ela assoar o nariz. Eu sabia que ia fazer isso. Ela aparece na porta, enxugando os olhos, com batidinhas com o papel sob os olhos. – Desculpe. Eu estava indo tão bem.

– Estava mesmo – confirmo. – Ei, me ajude aqui. – Ela precisa de uma distração.

– Sim, sim. O que quer que eu faça?

– Meus sapatos – aponto o local para onde eu os tirei e ela os alcança, colocando-os diante dos meus pés.

– Obrigada – ergo o vestido e calço meus Louboutin. – Como está meu rosto?

Ela ri.

– Você quer dizer depois de esfregá-lo em Jesse?

– Sim – é a minha resposta, antes de atravessar o quarto para me olhar no espelho.

– Uma camada de pó não lhe faria mal – ela diz.

Ela tem razão, preciso de uma camada de pó, estou um pouco corada demais. Pego o pincel e aplico um pouquinho de pó no rosto, antes de retocar o batom *nude* e de passar uma camada extra de máscara nos cílios. Meus cabelos não estão mais tão perfeitos, mas o pente continua no lugar. Pronto. Sinto-me bem melhor. É o efeito que ele tem sobre mim. Ele faz desaparecer toda a minha ansiedade com sua presença, e agora mal posso esperar para deslizar meu traseiro coberto de renda lá para baixo e encontrá-lo.

Ergo a barra do vestido e saio do banheiro, jogando os cabelos para trás dos ombros e respirando profundamente.

– Estou pronta – declaro, parando abruptamente quando vejo que minha mãe não está mais sozinha.

– Oh, Joseph, olhe para ela! – mamãe chora e apoia a cabeça no ombro de meu pai, as lágrimas pingando em seu terno cor de carvão. Kate afaga as costas de Elizabeth e revira os olhos de leve, enquanto papai a abraça pela cintura. Este é um momento raro. Meu pai não é de demonstrar emoções, de maneira nenhuma.

Dou-lhe um sorriso, que me é retribuído.

– Não comece – eu o alerto.

– Não vou dizer nada – ele ri. – Exceto, claro, que você está linda. Muito bonita mesmo, Ava.

– Mesmo? – pergunto, chocada com sua demonstração tão aberta de afeto, ainda que sejam apenas palavras.

– Sim. Mesmo – ele faz um meneio de cabeça. – Está pronta? – ele afasta minha mãe de si e passa a mão pelo paletó, fingindo não ter dito palavras tão carinhosas para sua filha.

– Sim, estou mais do que pronta. Papai, leve-me para Jesse – eu ordeno e isso surte o efeito desejado, com todos rindo do meu comando. Bem melhor assim. Não consigo lidar com tanta intensidade. Jesse já me proporciona intensidade o bastante.

Tessa entra apressada.

– Vamos. O que estão esperando? – ela pergunta, olhando de cima a baixo para as pessoas que me encaram. – Elizabeth, Kate, já para baixo, por favor. – Ela as acompanha para fora do quarto. – Ava, te vejo na sala de verão em três minutos.

Ela nos deixa, papai e eu, a sós.

– Sabe, papai, você precisa me dar o braço agora – provoco.

Seu rosto se contorce.

– Por quanto tempo?

– Bem, pelo tempo necessário para chegarmos ao pé da escada – digo enquanto pego meu copo-de-leite. Sim, meu buquê é apenas um copo-de-leite.

– Então, mexa-se – ele me oferece o braço e eu o aceito. – Pronta?

Faço um aceno de cabeça e deixo meu pai me conduzir para a sala de verão, onde meu senhor do Solar do Sexo espera por mim.

Capítulo 2



Kate e Tessa esperam por nós na entrada da sala de verão. A cerimonialista parece satisfeita, e Kate, um tanto alinha. Mantenho a respiração estável, e sinto meu pai ficar tenso ao meu lado. Olho para ele de canto de olho, mas ele mantém a atenção firmemente em algum ponto à sua frente.

– Pronto? – Kate pergunta, agachando-se para ajeitar meu vestido com cuidado. – Não acredito que não está usando véu.

– Oh, não – Tessa intervém. – Esse vestido não precisa de véu. – Ela passa a mexer nos meus cabelos e a passar as mãos nas minhas bochechas.

– Ele quer ver meu rosto – digo em voz baixa, fechando os olhos.

A enormidade do que estou prestes a fazer me toma subitamente. É agora. Posso sentir meu peito expandir-se e começo a tremer. Conheço esse homem há mais ou menos dois meses e agora caminho em direção ao altar para encontrá-lo. Como foi que isso aconteceu?

As portas da sala de verão se abrem e a música invade meus ouvidos imediatamente, e só agora, quando ouço Etta James cantando “At Last”, é que me dou conta de que nem mesmo escolhi a música do meu casamento. Não fiz absolutamente nada. Não faço ideia do que vai acontecer nem quando. Meus olhos correm pelo chão sob meus pés, e de repente tenho vontade de chorar. E sei o que verei quando subir o olhar.

Sinto meu pai me cutucar com o cotovelo e olho para ele, dando de cara com olhos suaves e reconfortantes. Ele deita a cabeça de lado e dá um sorriso calmo. Sigo sua orientação para onde olhar, apertando os lábios e virando os olhos bem lentamente. Droga, eu estava indo tão bem. Sei que todos estão olhando para mim, mas é no homem de olhos verdes ali no altar que os meus olhos se fixam. Ele tem as mãos unidas na frente ao corpo e usa um terno cinza, com um ligeiro brilho prateado, o corpo totalmente voltado para mim. Seus lábios se abrem e ele balança a cabeça de leve, jamais tirando os olhos dos meus. Papai me cutuca outra vez e eu solto a respiração que vinha prendendo. Em seguida, vejo Kate caminhando diante de nós, mas não consigo fazer minhas pernas se moverem. Não consigo dar essa ordem simples para os meus músculos. Saio do transe em que me encontrava e forço meus pés a funcionar, um após o outro, levando-me adiante, mas dou apenas dois passos antes de Jesse começar a vir em minha direção. Ouço um sobressalto de minha mãe, sem dúvida espumando pela falta de respeito às tradições por parte de Jesse, e então paro, detendo os passos de meu pai e esperando por ele. Seu rosto não tem expressão, e, quando me olha, queima minha pele com o olhar, seus olhos passando por cada parte do meu rosto, antes de parar em meus lábios. Ele levanta o braço e toca minha face com a

mão, acariciando-a com o polegar, e eu inclino a cabeça na direção da carícia. Não consigo evitar. Toda a ansiedade se dissolve sob seu toque. Meu coração se acalma e meu corpo relaxa outra vez.

Ele se inclina até minha orelha e diz baixinho:

– Me dê a sua mão.

Eu ofereço a mão a ele, que a toma gentilmente e a beija. E, então, fecha um dos lados de um par de algemas em meu punho.

Levanto os olhos e encontro um ligeiro sorriso nos cantos de seus belos lábios, mas ele não retribui o meu olhar, mantendo os olhos baixos e, rapidamente, fechando o outro lado das algemas no próprio punho. Que diabos ele está fazendo? Olho para o meu pai, mas ele apenas balança a cabeça. Em seguida, olho para a minha mãe, que está com as mãos na cabeça, obviamente em sinal de desespero. Papai solta meu braço e vai juntar-se à minha mãe, com seus sussurros indignados atacando-o assim que ele se aproxima. Meus olhos passam pelos convidados. Quem conhece Jesse está sorrindo, e quem não conhece está boquiaberto e de olhos arregalados.

Kate e Sam gargalham, o sorriso de John deixa ver o seu dente de ouro e, então, vejo meu irmão, que não está nem um pouco impressionado.

Eu estou absolutamente perplexa. Na verdade, não devia, pois sei que Jesse se comporta como quer; mas precisava ser assim no dia do nosso casamento e na frente da minha família? Minha mãe vai enfartar. Até agora, não houve nenhum respeito às tradições; nada reflete o casamento dos sonhos que ela tinha planejado para mim desde que eu era garotinha.

Recobro o bom senso e olho Jesse nos olhos.

– O que você está fazendo? – pergunto baixinho.

Ele me beija delicadamente nos lábios e segue até a minha orelha.

– Eu poderia te comer agora.

Perco o fôlego e fico com o rosto vermelho.

– Jesse, as pessoas estão olhando.

– Pois terão de esperar – ele volta aos meus lábios. – Eu gosto muito mesmo desse vestido, de verdade.

É claro que gosta, é pura renda.

Olho de relance para a minha mãe, que olha para o juiz de paz com pesar. Um sorrisinho surge em meus lábios. Eu encho a mão com uma mecha dos cabelos loiro-cinzentos de Jesse e o puxo para mim. Eu já devia estar acostumada com isso.

– Sr. Ward, o senhor está *me* fazendo esperar.

Sinto-o sorrir com a boca colada na minha orelha.

– Está pronta para me amar, honrar e obedecer?

– Sim. Case-se comigo agora.

Ele se afasta e me arrebatava com seu sorriso, aquele reservado somente para mim.

– Vamos nos casar, minha menina linda – ele me dá a mão algemada e me conduz ao altar.

– Aqui está – ele me entrega uma taça de champanhe até a metade. – Vá com calma, Sra. Ward – sua relutância em permitir que eu beba é óbvia.

Pego a taça com a mão livre, antes que ele se arrependa da oferta. Ultimamente, ele anda ainda mais irracional com o fato de eu beber álcool, e eu sei muito bem o motivo. – Vai remover as algemas agora? – pergunto.

– Não – ele responde rapidamente. – Você não vai sair do meu lado o tempo todo – ele diz, acenando para Mario trazer uma garrafa d’água, e então me dou conta de que nunca poderei desfrutar de um drinque com Jesse, nem mesmo no dia do nosso casamento.

Corro os olhos pelo bar e vejo todos conversando, deliciando-se com os canapés e bebendo champanhe. Todos calmos e relaxados, assim como eu. Jesse feriu todas as tradições. Mal acabamos de fazer os nossos votos e ele já retomou as afrontas, decidindo me beijar muito antes de o juiz de paz nos declarar marido e mulher e, em seguida, carregando-me no colo para fora da sala de verão, fazendo minha pobre mãe sair correndo, esbaforida, atrás de nós, exigindo que ele esperasse pela música (ela não tinha a menor chance). Com carinho, ele me colocou em um banco, no bar, e me cobriu de beijos, enquanto os convidados saíam da sala da cerimônia.

Reparo em Dan, do outro lado do recinto. O tempo todo calado, com os olhos fixos em Kate, o que significa que também estão apontados para Sam. Eu sabia que isso ia acontecer, sabia que, quando eles se vissem, as coisas se complicariam. E com Sam na jogada, ficariam ainda piores.

– No que está pensando?

Eu volto a atenção a Jesse e sorrio.

– Em nada.

Ele me abraça com o corpo todo, pousando a mão na minha nuca e massageando-a.

– Está feliz?

– Sim – respondo sem hesitar. Estou em delírio e ele sabe disso.

– Que bom. Meu trabalho aqui terminou. Beije-me, minha esposa – ele se inclina, oferecendo os lábios para mim.

– Você deixou minha mãe chateada – eu acuso, sem a menor seriedade.

– Ela supera. Eu disse para me beijar.

– Acho que ela não vai superar tão facilmente. Você arruinou o grande dia da vida dela – digo, sorrindo.

– Não me faça pedir de novo, Ava – ele me alerta e eu o puxo para mim e dou exatamente o que ele quer.

– Basta! – a voz ardida de minha mãe dói em meus tímpanos. – Tire essas algemas da minha filha! – ela balança minha mão. – Jesse Ward, você consegue testar a paciência de um santo! Onde está a chave?

Ele se afasta e estreita os olhos para minha mãe.

– Em um lugar onde você nunca vai querer mexer, Elizabeth.

Ela arregala os olhos para ele e depois olha para mim, irritada.

– Seu marido é uma ameaça.

– Eu o amo – declaro, e ela tenta não deixar transparecer o sorriso que insiste em se formar em seus lábios vermelhos, desesperada para se manter zangada, mas sei que ela também o ama. Sei que ela ama o quanto ele me ama e, embora ele a enfureça, ele também a deslumbra. É o mesmo efeito que exerce sobre todas as mulheres, e só porque Elizabeth é minha mãe não significa que seja imune aos seus encantos.

– Eu sei que ama, querida – ela aperta minha bochecha e vira-se para o bar, chamando por

Mario, a quem pede mais de seu Mais Maravilhoso.

– Certo! – Tessa surge diante de nós e tira a taça de minha mão. – O fotógrafo está pronto. Pensei que é melhor tirarmos as fotos de família de uma vez e depois ficamos apenas com as de vocês dois. Você precisa remover essas algemas.

Observo minha taça ser colocada no bar antes de ela tentar pegar a garrafa de água de Jesse, que a agarra primeiro, fazendo Tessa fechar a mão no ar.

– Nós não vamos sair nas fotos, eu já te disse – afirma Jesse.

– Não vamos? – eu disparo, chocada. Ele vai ignorar essa tradição também?

– Você precisa estar nas fotos – Tessa insiste. – Que memórias você vai ter? – ela está pasma. Aposto que está arrependida por estar fazendo o nosso casamento. Ou o casamento de Jesse, porque eu não tive nada a ver com esse dia.

– Tessa, leve a família lá para fora para fazer fotos – Jesse ordena. É aquela voz. – Eu não preciso de fotos para ter memórias.

Eu olho para ele horrorizada.

– Nós não estaremos nas fotos de família? – meu Deus, mais um motivo para minha mãe entrar em desespero.

– Não, não estaremos – ele responde, decisivo.

– Você não pode lhe negar uma foto com a filha!

Ele não responde; apenas dá de ombros, indiferente.

– Você está fazendo isso de propósito – resmungo. – Nós vamos fazer as fotos.

– Não vamos, não – ele se torna ainda mais incisivo.

Eu dirijo ao meu delicioso marido um olhar feio e determinado. Ele não vai estragar isso.

– Nós vamos sair nas fotografias. Esse casamento é meu também, Ward.

Ele fica de boca aberta, a garrafa parada na metade do caminho para seus lábios.

– Mas eu quero um pouco de calma. Só você e eu.

– Nós vamos fazer as fotos – digo, cheia de autoridade. Pressinto uma tempestade a caminho, mas não vou deixar que ele vença essa.

Ele demonstra seu descontentamento, mas não briga comigo. Em vez disso, sinaliza para que Tessa reúna todos os convidados no jardim dos fundos do Solar. Vejo-o assumir a posição de comando, bradando para que todos deixem o bar e dirijam-se para o jardim.

– Vamos, então – ele murmura, erguendo-me do banco e me colocando em pé, com cuidado.

Comemoro essa vitória comigo mesma e penso que ele está aprendendo, mas reconsidero: talvez, eu é que esteja aprendendo a lidar com ele. Não tenho certeza, mas esse foi um imenso progresso: assim como eu, ele sabe quando ceder.

Jesse me leva para a área descoberta, onde os convidados estão se organizando.

Tessa agrupa as pessoas em várias posições, mas minha mãe reposiciona algumas rapidamente enquanto nos aproximamos. Olho para um canto e vejo Kate sendo devorada por Sam; instantaneamente, meus olhos buscam por Dan e encontram exatamente o que eu imaginava: um olhar terrível. Será que Kate estava fazendo isso de propósito?

Volto meu olhar para Jesse.

– Por favor, faça o que te pedirem – peço, pois quanto mais confusão ele criar, mais tempo levará para fazermos as ditas fotos e mais estressada minha mãe ficará.

– Só se você me prometer um tempo para nós depois.
– Eu prometo que teremos um momento só para nós dois – respondo, rindo.
– Que bom. Detesto dividir você com outras pessoas – ele resmunga e ganha um sorriso meu. Sei que é assim que ele se sente.

Jesse passa a hora seguinte colaborando completamente: move-se quando lhe pedem, sorri quando lhe pedem, e até me liberta das algemas sem reclamar quando eu tenho de sair separada dele em algumas fotos. No último clique, ele prontamente me ergue nos braços e me carrega de volta para dentro do Solar.

Não demora, e chegamos a uma das suítes, aquela em que ele me arrebatou e tentou me seduzir, que é a mesma na qual me preparei para o nosso casamento.

A porta se fecha silenciosamente por trás de nós e ele me leva até a imensa cama coberta com lençóis de cetim. Ele me deita e rasteja pela cama, parando bem em cima de mim, e agora eu tenho um par de olhos verdes cheios de desejo me olhando de cima.

– Um momento de calma – ele sussurra, depositando um beijo de leve em meus lábios, antes de enterrar o rosto no meu pescoço.

– Você queria apenas ficar deitado abraçadinho comigo? – pergunto, um pouco surpresa.

– Quero – ele aperta ainda mais o rosto contra mim. – Quero ficar abraçadinho com minha esposa. Vai me negar isso?

– Não.

– Que bom. Então, o nosso casamento está começando bem – ele diz, completamente sério.

Eu o deixo ficar deitado sobre mim. Absorvo seu peso, seu cheiro e as batidas do seu coração contra o meu peito. Gosto desses momentos de silêncio, mas quando olho para o teto, minha mente naturalmente vaga para pensamentos que estão ali há semanas, aqueles que tentei com todas as forças afastar. Impossível. A perfeição deste momento, do nosso amor um pelo outro, é, agora, atormentada pela realidade de desafios que vamos encarar.

Ainda não tive contato com Mikael, então suponho que ainda esteja na Dinamarca – estou sendo poupada desse problema por ora, mas Mikael deve retornar em breve, e imagino que iremos nos encontrar. Também, nem sinal de Coral, e Sarah foi chutada daqui após admitir tudo o que eu já sabia que ela havia feito – eu fiz perguntas, exigei saber mais, mas meu inquérito foi impedido por um olhar duro, que parecia dizer: “não force a barra”; ele não ficou feliz, mas eu fiquei e ela se foi, isso me basta. Também não ouvi mais falar em Matt; imagino que ele tenha entendido a mensagem, mas continuo curiosa para saber como ele soube do problema de Jesse com o álcool. Por fim, há a questão da minha menstruação, que tem que descer até segunda-feira – eu nunca desejei tanto ficar menstruada! Um bebê? Nem consigo imaginar isso, mas não ignoro o fato de que estou me enfiando em um buraco fundo. Bem fundo.

Jesse não falou mais nada, mas sei que ele quer que eu engravide. Também sei que anda se esquivando de falar disso. Eu já comecei a entender meu controlador neurótico e temperamental: todos os problemas com a bebida, com controle e seu temperamento difícil, mas isso de querer que eu engravide, jamais vou entender. Ou, talvez, entenda: como ele adoraria me ver fisicamente presa ao lado dele, deve achar que um bebê faria isso. Ele veria a gravidez como a desculpa perfeita para eu abandonar meu trabalho, pois essa é outra coisa que ele já disse com todas as letras que quer que aconteça. Mas eu amo meu trabalho. Adoro passar meus dias criando projetos e interagindo com clientes, e vou ter de brigar por isso. Lutarei com afinco... se

não estiver grávida, claro. Não tenho ideia do que farei se estiver. Sei que ele procurará sinais de que eu menstruei, e não vou conseguir esconder isso dele. Tenho feito Jesse usar camisinha há duas semanas, e ele já deixou claro que não gosta, mas, se eu não estiver grávida, quero que as coisas permaneçam como estão.

– Você faria uma coisa por mim? – pergunto em voz baixa.

– Qualquer coisa – seu hálito quente em meu pescoço faz que eu vire a cabeça para vê-lo, incentivando-o a levantar a cabeça e olhar para mim. Ele deixa seu esconderijo, seus cabelos agora totalmente despenteados, seus olhos verdes encontrando os meus. – O que você quer, Ava?

– Pode não falar com Patrick sobre Mikael? – digo, preparando-me para uma reação contrariada.

Tenho conseguido mantê-lo longe do meu chefe, mas Patrick e Irene virão mais tarde, para a recepção que faremos à noite, e não sei se Jesse será capaz de se conter. As coisas estão calmas em relação ao assunto Mikael, e tenho tido liberdade para trabalhar, ainda que Jesse me ligue constantemente. Não me surpreenderia se ele soubesse que meu cliente dinamarquês está fora do país.

– Eu concordei em não visitar Patrick se você falasse com ele. E creio que você ainda não falou com ele – Jesse levanta as sobrancelhas para mim, em expectativa.

De fato, eu ainda não conversei com Patrick, porque não tenho ideia de como abordar o assunto. Já foi choque o bastante ele saber que eu ia me casar com um dos meus clientes apenas um mês após a assinatura do contrato. Eu não podia dizer-lhe também que ia abandonar o barco do mais importante cliente da Rococo Union, o cliente que será a garantia da aposentadoria de Patrick, da qual ele não vai precisar se eu lhe der essa notícia, pois vai cair duro, o choque vai matá-lo.

– Me dê até segunda-feira – peço. – Vou conversar com ele na segunda-feira.

– Segunda-feira – ele afirma, os olhos estreitando-se ligeiramente. – Estou falando sério, Ava. Você tem até segunda-feira, ou eu terei de intervir.

– Está bem.

Ele balbucia alguma coisa e depois enterra novamente o rosto em meu pescoço.

– Segunda-feira – ele murmura mais uma vez. – E quando eu vou poder te levar daqui?

– Eu falei que se você quisesse se casar comigo tão depressa não haveria lua de mel por um bom tempo. E você aceitou. Está lembrado?

Ele levanta a cabeça e olha com certa irritação.

– Quando é que eu vou ter minha esposa só para mim? Quando vou poder amá-la?

– Você me ama o tempo todo. Quando não estou trabalhando, estou com você. E você me liga e manda mensagens de texto sempre, então, tecnicamente, estamos conectados o dia todo – essa é outra questão que preciso abordar com Jesse. Ele não quer ceder.

– Eu quero que você pare – seu semblante se fecha ainda mais e eu balanço a cabeça, como fiz todas as vezes em que ele sugeriu isso. Ainda não chegamos ao estágio das exigências, mas isso não quer dizer que não chegaremos. Na verdade, é certo que sim, o mais provável é isso acontecer quando Mikael ressurgir. – Seja uma mulher do lazer – ele insiste.

– Como eu me dedicaria ao lazer se estou sempre grudada em você?

Seus quadris investem contra o meu ventre, arrancando-me um suspiro.

– Está bem. Dedique-se ao prazer, então.

Ele está sorrindo para mim, ardiloso. Suspeito que uma transa de lembrete esteja a caminho, e eu adoraria que ele me pegasse com força agora. Seria uma mudança interessante das últimas semanas de Jesse gentil.

– Ward, não vamos fazer sexo agora. Precisamos voltar lá para baixo, antes que minha mãe venha nos procurar.

– Sua mãe é dose – ele desabafa.

– Então não dê motivos – eu dou risada.

Ele se levanta e me puxa para a beirada da cama.

– Ela precisa aceitar quem detém o poder – ele diz candidamente, começando a me algemar de novo.

Minha diversão aumenta.

– Você está me tocando. É claro que o poder é seu – tento tirar a minha mão da mão dele, mas o tilintar do metal me diz que já estou presa. Olho para ele, que está com aquele sorriso safado.

– Desculpe, mas... – ele agita nossos punhos, fazendo tilintar as algemas. – Quem é que tem o poder?

– O poder é seu por hoje – eu fecho a cara e afasto os cabelos do ombro, ajeitando meu diamante.

– Você está sendo muito razoável – ele diz baixinho, deitando-se sobre mim e colando a minha boca na dele. Eu me agarro aos seus ombros e me deleito com aquela língua exploradora e com o calor de sua mão na base de minha coluna. – Hmmm... – ele geme. – Seu sabor é delicioso, Sra. Ward. Pronto?

Eu agito a cabeça para voltar à realidade.

– Sim – estou ofegante e febril.

Seus olhos baixam para o meu ventre e ele, lentamente, massageia a minha barriga. De uns tempos para cá ele deu de fazer isso, o que apenas reforça tudo o que eu já sei, mas me faz sentir incrivelmente incomodada. Essa nossa situação é o maior fardo de todos. Eu não quero um bebê.

Encolho-me, quando a mão dele me toca, e ele congela, os dedos suavemente pousados em meu ventre. Não sei por que isso aconteceu. Ele não olha para o meu rosto, apenas aguarda um momento, antes de abrir os dedos e desenhar grandes e delicados círculos em mim. Gostaria que ele parasse de fazer isso. Não conversamos sobre esse assunto, mas não vamos conseguir evitar por muito tempo. Ele deve sentir a minha falta de entusiasmo.

Afasto-me, e a mão dele me deixa.

– Vamos, então – eu digo, sem conseguir olhar para ele.

Levanto-me, para sair do quarto, mas tenho de parar, pois Jesse continua deitado. Sinto o metal da algaema cortando a minha pele e tenho uma reação de dor.

– Não vamos conversar sobre isso, Ava? – ele pergunta, sem rodeios.

– Conversar sobre o quê? – eu não posso fazer isso, não agora, não no dia do meu casamento. Já evitamos por semanas, e dessa vez sou eu quem está se recusando a conversar. Estou negando o fato, sei disso, mas fica cada vez mais difícil, pois eu posso estar grávida.

– Você sabe sobre o quê.

Mantenho os olhos baixos, sem saber o que dizer. O tempo parece se tornar mais lento, evidenciando o silêncio incômodo entre nós, e quando eu o vejo respirar profundamente para

começar a falar, já que eu claramente não vou fazê-lo, a porta se abre com um estrondo e minha mãe entra no quarto. Nunca fiquei tão feliz por vê-la, mas duvido que isso melhore o grau de tolerância de Jesse com Elizabeth.

– Posso perguntar por que vocês não fugiram para algum lugar para se casar? Vocês têm convidados lá embaixo, o jantar está sendo servido, e eu estou farta de ter de correr atrás de vocês – ela vocifera, zangada.

– Nós já vamos – eu puxo as algemas, mas Jesse não sai do lugar.

– Vamos em alguns minutos, Elizabeth – Jesse retruca, curto.

– Não, nós estamos indo – eu rebato, implorando sem palavras para que ele deixe o assunto por ora. Dirijo-lhe um olhar suplicante, e ele balança a cabeça e suspira. – Por favor – digo, num fio de voz.

Ele passa a mão nos próprios cabelos e aperta a mandíbula com força, em sinal de frustração. Ele não está nada feliz, mas rende-se e me deixa levá-lo para fora do quarto. Não acredito que tenha escolhido justo hoje para forçar uma conversa sobre isso. É o dia do meu casamento.

Vamos para o andar de baixo. O silêncio entre nós ainda é desconfortável, mas minha mãe parece não ter percebido.

Eu estou furiosa.

Por que hoje?

Capítulo 3



Asala de verão está incrível. Tessa fez um trabalho magnífico, com um esquema de cores básico em branco e verde. O branco está em toda parte, com toques de folhagem verde entre os buquês enormes de copos-de-leite, que adornam todos os espaços vazios. As cadeiras estão cobertas de organza branca, com uns grandes laços verdes na parte de trás, e as mesas têm folhas de samambaia. Altos vasos de vidro, com água límpida e copos-de-leite de cabo alto dominam o centro de cada mesa.

Simplesmente, elegante.

Mal toquei na minha refeição, composta de três pratos, sem vinho. Fiquei brincando com o guardanapo, conversei com quem vinha falar comigo e fiz tudo o que pude para evitar olhar para Jesse. John, como padrinho dele, fez um discurso breve e doce. Foi breve mesmo. Sem lembranças de episódios marcantes dessa longa amizade e sem nenhuma menção ao tio Carmichael ou aos velhos tempos. O homem de poucas palavras não fez exceção por causa do papel que cumpre hoje, e ninguém o vaiou por sua falta de humor ou pela rapidez de seu discurso. John não faz humor, embora pareça divertir-se com o modo como Jesse me trata.

E meu pai. Estou à beira das lágrimas, observando-o lutar com suas notas feitas em papeizinhos, reminiscências de minha infância, lembrando a todos da minha fase rebelde e depois comentando sobre o dia em que fui pega roubando uma bala e comi a prova do “crime”.

Ele ergue a taça e a aponta para nós.

– Boa sorte, Jesse – ele diz, sério, incitando um coro de risadas dos convidados e um sorriso amplo de Jesse, que também ergue o copo, antes de ficar em pé, mas mantendo o braço para baixo para não puxar o meu punho. Meu pai senta-se ainda sob aplausos e engole uma dose de uísque puro, enquanto mamãe afaga seu ombro, sorrindo.

Jesse coloca sua água sobre a mesa e se volta para mim, ajoelhando-se e tomando as minhas mãos nas dele. Eu endireito a coluna e meus olhos correm pela sala, confirmando que todas as atenções estão voltadas para nós. Por que ele não pode respeitar as regras?

Seus polegares acariciam as minhas mãos e ele brinca com os meus anéis, girando-os em meus dedos, antes de ajeitá-los no lugar. Então, levanta seus gloriosos olhos verdes e eu sou invadida por mares cintilantes de pura felicidade. Eu o faço feliz, mesmo quando estou enrolando para conversar sobre algo que realmente precisa ser dito. Depois de batalhar continuamente para fazer esse homem falar, agora sou eu quem evita certos assuntos. Sou eu quem está fugindo, ainda que seja de um problema criado por ele.

– Ava – ele diz em voz baixa, mas não tenho dúvida de que todos ouvem. O silêncio é

gritante. – Minha menina linda – ele sorri de leve. – Toda minha – diz, inclinando-se e beijando-me com carinho. – Não preciso ficar em pé e declarar a todos aqui quanto eu amo você. Não tenho interesse em dar satisfação a ninguém sobre isso, exceto a você.

Um nó se forma em minha garganta, e sei que ele mal começou.

Jesse suspira.

– Ava, você me conquistou completamente. E me fez mergulhar em sua beleza e em seu espírito. Você tornou a minha vida tão bela quanto você mesma. E me faz querer que a minha existência tenha valor... Eu não existo sem você. Ava, você é tudo de que eu preciso: olhar para você, ouvir você, sentir você – ele solta as minhas mãos e as apoia nas minhas coxas. – Amar você.

Estou em frangalhos. Minha mãe está em frangalhos. Todos estão em frangalhos. Meus dentes se agarram ao meu lábio inferior para evitar que um soluço escape. Estou engasgada, com um nó na garganta, e meus olhos estão marejados, com a visão turva apontada para o belo rosto de Jesse, meu marido devastador que continua a me encantar sempre, física e emocionalmente.

– Eu preciso que você me deixe fazer tudo isso, Ava. Preciso que me deixe cuidar de você para sempre.

Ouçõ minha mãe soluçar baixinho e não consigo evitar o meu próprio soluço. Ele costumava me desarmar apenas com seu toque, mas, agora, o faz com seu toque e também com suas palavras. Ao lado deste homem, estou destinada a uma vida de prazer incessante, plena de mimos que nunca se acabam e de um turbilhão de emoções que me fazem sentir em uma montanha-russa sem fim. Ele vai me arrebatrar sempre que possível.

– Eu sei – sussurro.

Ele acena com a cabeça e solta a respiração que vinha prendendo, antes de se levantar e me puxar para si apenas com o braço livre, colocando uma força extra para compensar a falta do outro braço. Meu rosto se enterra no pescoço dele e respiro o seu cheiro, o seu perfume fresco e mentolado, que me leva a fechar os olhos e a suspirar satisfeita. Preciso organizar minhas ideias e começar a pensar em como lidar com isso. Ele não vai parar, não importa quanto eu deseje que pare.

A sala já não está mais em silêncio.

Quando me desvencilho do abraço de Jesse, vejo as pessoas em pé, aplaudindo. O som dos aplausos ressoa pelo local. Eu deveria estar envergonhada, mas não estou. Jesse falou comigo como se estivéssemos sozinhos, provando que realmente não se importa com o lugar ou a companhia – quando ou onde quer que seja, como sempre foi e sempre será.

Vejo minha mãe aproximar-se e abraçar Jesse.

– Jesse Ward, eu amo você – ela diz no ouvido dele, que a abraça com o braço livre –, mas, por favor, tire essas algemas de minha filha.

– De jeito nenhum, Elizabeth.

Ela recua e dá um tapa no ombro dele, e então Kate se aproxima, jogando-se em cima dele.

– Oh, meu Deus! Tenho vontade de beijar seus pés.

Reviro os olhos. Sinto meu braço sendo puxado para todos os lados, enquanto as pessoas cumprimentam meu neurótico ex-*playboy* por seu discurso. É o dia do meu casamento e não quero estar aqui. Todos esses convidados, incluindo minha mãe e Kate, estão me atrapalhando.

Eu quero meu marido todo para mim, mas os convidados da noite estão chegando; então, acho que não vamos a lugar nenhum.

Depois de milhões de cumprimentos, beijos em meu rosto e apertos de mão em Jesse, ele me conduz para fora da sala de verão.

– Ava?

Eu me viro e vejo meu irmão bem atrás de nós. Quase penso que queria que ele não estivesse aqui. Ele não está bem e me dói ver isso. Olho para o meu punho e começo a me perguntar como farei para convencer Jesse a me soltar. Ele não cedeu por minha mãe, por isso não tenho a menor fé de que o fará por meu irmão. Sei que Dan tem um pé atrás com Jesse e também sei que meu marido sabe disso. Olho nos olhos de Jesse; vejo que está me observando. Ele sabe no que estou pensando e sei que não está nem um pouco feliz com isso; mesmo assim, enfia a mão no bolso e pega uma chave. Sem uma palavra, ele me liberta das algemas e as deixa penduradas apenas em seu punho.

– Vá – ele diz baixinho, lançando um olhar ameaçador a Dan.

Dan retribui com o mesmo olhar, dirigindo a mesma advertência a Jesse. Não! Eu não preciso de dois dos homens mais importantes da minha vida. Sei que Dan está agindo com cautela, embora nem conheça toda a história, mas sei muito bem dos motivos de Jesse. Dan é uma ameaça. Ele é meu irmão, mas ainda assim uma ameaça. Aos olhos de Jesse, pelo menos.

Eu me inclino para cima, para dar um beijo no rosto de Jesse, e sinto a mão dele deslizar pelo meu quadril e acariciar meu traseiro antes de tirar os olhos de Dan e dar o rosto para eu beijar.

– Não demore – ele diz, afastando-se em direção ao bar.

– Vamos – ofereço a mão a Dan, que a aceita, deixando que eu o leve para o jardim.

Ficamos em silêncio por algum tempo, enquanto caminhamos pela trilha de pedras, passando pelas quadras de tênis e chegando ao pomar. O sol de fim de tarde busca espaço entre as árvores e espalha raios de luz pelo chão diante de nós. Ambos temos coisas a dizer, mas nenhum dos dois quer ser o primeiro; então, eu me concentro em seguir os pontos de luz que dançam no chão, aos meus pés. Nunca passamos por essa situação antes. Nunca houve desconforto entre nós, mas este momento está compensando uma vida sem isso. Estamos, de fato, constrangidos.

Solto a mão de Dan e levanto o vestido para pular um galho seco e acabo prendendo o salto do sapato, o que me faz perder o equilíbrio.

– Cuidado – Dan segura meu cotovelo para me dar apoio. – Acho que esses sapatos não são próprios para fazer trilha – ele brinca, sorrindo.

Eu relaxo imediatamente.

– Com certeza, não – dou risada, endireitando-me.

– Ava... – ele desconversa.

Eu olho para ele, cansada.

– Diga logo, Dan, o que quer que esteja deixando você morto de vontade de dizer desde que conheceu Jesse. Vá em frente, diga.

– Está bem. Eu não gosto dele.

Eu me encolho. Ele mal o conhece.

– Está bem – eu rio, sem graça. – Não achei que você seria tão direto.

Ele dá de ombros.

– O que quer que eu diga?

– Você não o conhece. A única tentativa que fez de falar com ele foi quando tentou alertá-lo – acuso, e estou certa. Minha mãe pode ter interceptado o discurso de irmão mais velho de Dan, mas ele chegou a começar, e a óbvia tensão na mandíbula de Jesse era uma clara indicação de que ele pensou sobre o aviso que meu irmão lhe dera.

– Explique-me o problema com a bebida, então – ele questiona.

Eu arregalo os olhos.

– Do que você está falando? – eu não gosto nem um pouquinho do olhar de reprovação de Dan.

– Estou falando do problema de Jesse com o alcoolismo... Matt nos contou. O problema que nunca mais foi mencionado. O fato de ele não ter tocado em álcool hoje não passou despercebido, Ava. Não para mim, pelo menos. Mamãe está preocupada demais com sua função de mãe da noiva para ter notado.

Eu sabia que era bom demais para ser verdade. Depois de Jesse conquistar meus pais com seu plano de trazê-los para Londres, eles se apaixonam por ele e o assunto do alcoolismo nunca mais foi mencionado. Eles registraram a informação de Matt como despeito, mesmo sem eu ter dito nada para que chegassem a essa conclusão. Não quero que Dan desenterre um problema que, na verdade, não é um problema. Jesse não bebe desde que o encontrei no Lusso. Ele não precisa beber se me tiver ao lado dele, e isso, definitivamente, ele tem.

– E onde está a família dele? – ele pergunta.

– Eu já disse. Ele não fala com eles.

– Certo – ele ri. – Que conveniente! E pensar que eu não gostava do Matt...

Esse comentário me tira do sério. Nosso olhar revela um impasse, mas nem sequer me sinto no dever de defender Jesse. Não há por que defendê-lo, ainda que seja meu irmão quem exige respostas.

– Então, você, de repente, está do lado de Matt... É isso? – devolvo, com ironia, apontando o dedo para o rosto dele. Estou louca de raiva e jamais senti isso com relação a Dan. – Não há nenhuma questão mal resolvida. Ele não tem família; então, deixe-o em paz. Mas vamos falar sobre o que está realmente te consumindo: vamos falar de Kate.

Agora é a vez dele arregalar os olhos. Sim, eu acabei de encontrar o xis da questão. Não vou deixar o julgamento de meu irmão estragar o meu dia. A opinião dele não é válida e eu não quero escutá-la.

– Não há nada me consumindo! – ele berra, o que só confirma que toquei na ferida. – Eu estou me lixando para a Kate!

– Ah, claro! – eu dou risada. – É por isso que você não parou de olhar para ela o dia todo. Nem tente, Dan.

– Afinal, quem é aquele Sam?

Eu sabia! Posso não estar muito feliz com a direção que a vida de Kate vem tomando no momento, mas prefiro que continue com Sam do que caminhar para o desastre certo com Dan. Tudo terminou em lágrimas da outra vez e vai terminar de novo.

– Ele faz bem para ela – dispero, mal acreditando no que acabo de dizer. Dan cairia duro se conhecesse os detalhes do relacionamento de Kate e Sam. Eu mesma não sei de tudo, mas tenho

uma boa ideia. – Você precisa deixar as coisas do jeito que estão – recolho a barra do vestido, pronta para ir embora, mas Dan me segura pelo braço.

– E se eu não quiser?

– Tire as mãos dela.

O rosnado forte e familiar me faz virar a cabeça rapidamente. Deparo-me com Jesse ao meu lado, ofegante e com um olhar assassino.

– Está tudo bem. Já terminamos – digo, desvencilhando-me de Dan. Preciso tirar Jesse daqui antes que ele pisoteie meu irmão, e sei que isso não seria apenas força de expressão.

Dan dá um passo à frente.

– Ela é minha irmã.

Jesse diminui a distância entre eles, e seu olhar se inflama.

– Ela-é-minha-esposa – ele praticamente soletra.

Meu irmão esboça uma risadinha, o que não é nada bom, a julgar pelas mandíbulas de Jesse, que se cerram subitamente, revelando que ele está pronto para saltar em cima de Dan. Meu dever é intervir, mas meter-me entre dois brutamontes furiosos é uma ideia que não me agrada. Porém, vejo os punhos de Jesse se fechando e sei que tenho de tirá-lo daqui agora.

Toco o braço dele, mas ele me repele, concentrado demais em Dan para notar que sou eu. Assim que se dá conta, no entanto, ele quebra a conexão de olhar com Dan e volta-se para mim. Seu olhar torna-se imediatamente suave.

– Vamos – digo em voz baixa, deslizando a mão por seu braço até segurar a mão dele.

Ele concorda e se afasta comigo, sem olhar para Dan outra vez. Eu agradeço. Dan, obviamente, não está bem, e sei quanto ele pode ser turrão quando está na defensiva. Kate está mexendo com a cabeça dele outra vez, mesmo sem a intenção de fazer isso, e Dan, para não pensar nela, está se concentrando em mim.

Seguimos em direção ao Solar, deixando Dan para trás.

– Me dê a sua mão – ele ordena e eu deixo que a pegue e recoloque a algema. – Não me peça para tirá-la.

– Não vou pedir – resmungo. Aliás, gostaria que ele não a tivesse tirado da primeira vez. Talvez, assim, eu não estivesse remoendo o problema de Dan com relação a Kate ou o seu interrogatório quanto à situação de Jesse e o álcool. – Jogue a chave fora.

Ele ergue as sobrelanceiras.

– Pensando que gostaria de ter ficado presa comigo?

– Sim – admito. – Não me liberte mais.

– Está bem – ele concorda. – Quer beber alguma coisa?

Entramos no Solar, novamente algemados e juntos.

– Adoraria beber alguma coisa – mal toquei em álcool o dia todo e estou um pouco surpresa que ele tenha oferecido.

– Venha – ele me puxa para si e beija minha testa. – Não vou aguentar isso, Ava, mesmo que ele seja seu irmão.

– Eu sei – concordo, surpresa com o autocontrole que ele demonstrou.

A Jesse, não importa quem tenha de ser eliminado, e Dan não fez muito para colaborar com a própria causa. Ele tentou me segurar, e isso foi a pior coisa que poderia ter feito. Não quero que meu irmão e meu marido briguem, mas sei que Jesse jamais dará o braço a torcer quando o

assunto sou eu, e Dan nunca vai abaixar a cabeça para ele. Isso é um problema.

Os convidados da noite chegaram.

Ao entrarmos no bar, somos abordados, beijados e recebemos votos de felicidade a cada passo. Quando, finalmente, chegamos ao balcão, sou colocada em meu banco e ganho um copo d'água. Água? Olho para o copo, com seu conteúdo límpido, e olho de volta para Jesse, que ignora minha óbvia descrença. Água?

Tessa aproxima-se, soltando chispas. Parece tão transtornada quanto minha mãe.

– Onde estavam? – pergunta, incrédula, olhando de mim para Jesse e de volta para mim. – Vocês têm de cortar o bolo!

Jesse abre uma garrafa de água e bebe um gole generoso, nem um pouco perturbado com a preocupação de Tessa.

– Está tudo bem.

Tessa balança a cabeça, desanimada, e sai em direção ao *hall* de entrada. O melhor que ela faz é ir embora. Parece que seus serviços não são mais necessários.

– Você não quer cortar o bolo? – pergunto, com o braço sendo içado quando ele levanta a mão para fechar a garrafa. – Kate teve tanto trabalho para fazê-lo tão em cima da hora.

Ele estica a mão e ajeita meu diamante.

– Então, não vamos destruí-lo! – ele diz, sério.

– Você é impossível – suspiro.

Olho em volta e vejo Sam e Drew entretendo meu pai, que está com as bochechas vermelhas. Minha mãe, aproveitando a atenção, continua a oferecer *tours* pelas dependências do Solar, e Kate parece bêbada. Tom me dá tchauzinho e Victoria acena para mim com ar de menininha, antes de olhar para Drew e ajeitar os cabelos loiros, enquanto a pobre Sal parece tentar se situar. Ela continua radiante, embora não esteja acompanhada de seu novo parceiro. Dou um sorriso e volto a atenção para Jesse, no momento em que Tessa entra no bar outra vez.

– Conversei com Elizabeth – ela bufa. – Vamos cortar o bolo e fazer a primeira dança logo, então não desapareçam – ela diz, saindo apressada, e eu sorrio outra vez. Ela, definitivamente, deve estar arrependida de ter aceitado esse trabalho.

– Você está bem, querida? – a mão quente de Jesse acaricia meu rosto.

– Sim. Tudo bem – respondo, mas sei que não estou bem. Acabei de brigar com meu irmão, e isso nunca aconteceu antes.

– Você não parece bem. Eu disse que queria que você se divertisse hoje.

Rio comigo mesma e penso: “Então, ele deveria me deixar beber e não devia trazer à baila o assunto que mais me perturba nesse momento”.

– Eu estou bem – suspiro, antes de beber mais um gole de água. Da maldita água.

Patrick e Irene se aproximam. Meu chefe, que mais parece um urso, carrega um enorme pacote cor de marfim, e sua esposa, da cabeça aos pés, parece “embrulhada” em algo com estampa de animal. Imagino que seja um vestido, mas é informação demais. Rapidamente, desvio minha atenção para Jesse.

– É Patrick. Você disse segunda-feira, lembra? – preciso confirmar isso já.

Jesse me olha por cima do ombro.

– Sim, Ava. Mas só até segunda-feira.

– Flor! – Patrick me entrega o pacote, me dá um beijo no rosto e, depois, estende a mão para Jesse.

– Sr. Ward – ele o cumprimenta. Sua testa se enrugando em uma careta quando ele vê as algemas.

– Por favor, me chame de Jesse. Obrigado por vir – Jesse aperta a mão de Patrick.

– Claro, Jesse – meu chefe se esforça para tirar os olhos de nosso punho. – Esta é Irene – ele aponta para a esposa, que só falta babar, com um sorriso imenso no rosto.

Eu sorrio e penso: “Ela já sentiu o ‘efeito Jesse’”.

– Prazer em conhecê-lo – ela se desmancha em sorrisinhos.

– O prazer é meu.

Jesse a atinge com aquele sorriso reservado apenas para as mulheres, e ela desintegra no ato. É incrível.

– Por favor, a equipe do bar os atenderá – ele complementa.

– Obrigada! – ela se derrete. – Este hotel é simplesmente lindo!

– Olá, Irene – digo, ainda sorrindo, forçando-a a tirar os olhos do meu marido e a pousá-los em mim. Ela é uma mulher assustadora, mas não nesse momento. Está ocupada demais endireitando as costas e encolhendo a barriga. – Como vai?

– Encantada! – ela cantarola para mim. – Ava, você está deslumbrante.

– Obrigada – digo, totalmente surpresa. Ela jamais me fez um elogio, nunca mesmo, e eu não esperaria que o fizesse agora. Em geral, ela se vangloria de sua vida social e espalha fofocas sobre suas amigas desocupadas.

Patrick agarra o braço da esposa e a leva para longe.

– Vamos beber alguma coisa – ele sinaliza com os olhos e eu sorrio novamente para ele. Sei que ele também acha Irene irritante.

– Mulher interessante – Jesse pondera, um tanto alarmado à vista de seu corpo envolto em estampa de pele de animal afastando-se de nós.

Eu dou risada.

– Ela torna a vida de Patrick um inferno.

– Imagino.

– Aí vem John – digo, olhando além de Jesse. O grandão caminha sem pressa, os óculos a postos e, no rosto, a ameaçadora expressão que lhe é habitual. Seu olhar aponta para as algemas antes mesmo de ele olhar para mim e acenar com a cabeça. Retribuo o aceno.

– Preciso dar uma palavrinha com você, Jesse – ele resmunga.

John está extremamente sério e eu não gosto nada disso. E a olhadela rápida que Jesse me dirige faz que eu goste menos ainda.

Jesse enfia a mão no bolso e pega a chave das algemas. Eu o observo trazê-la em direção ao meu punho.

– O que está fazendo? – pergunto, puxando meu braço de volta.

– John quer conversar comigo – ele cerra os dentes.

– Ah, não – eu rio. – Você não vai me soltar quando te convém. De jeito nenhum, Ward – olho para John, que se mantém impassível.

– Ava, eu volto em um minuto – ele puxa meu punho novamente.

– Não! Aonde você vai? – pergunto a Jesse e me dirijo a John: – Para onde ele vai?
– Tá tudo bem, garota.
– Não. Não está tudo bem porra nenhuma! – eu falo um pouco alto demais e Jesse me repreende com o olhar, mas não importa. Ele não vai fazer isso. Ele não vai me dispensar quando bem entender. É o dia do meu casamento.
– Olha a boca! – ele bronceia, inclinando-se para mim. – Eu volto em um minuto e você fica aqui, Ava.

Eu me encolho diante de sua animosidade, olhando perplexa enquanto ele rapidamente tira as algemas e sai andando ao lado de John. Estou sentada no bar. A noiva, em seu vestido estupendo, enfeitada com diamantes, diante de todos os convidados rindo, conversando e bebendo, querendo ir para casa. Tenho vontade de chorar. Sinto-me desprezada e muito, muito magoada. Deço do banco e decido me valer do tempo de liberdade que tenho e ir ao banheiro. Talvez eu chore um pouquinho também. Preciso me afastar de todas essas pessoas antes que as lágrimas comecem a descer. O que há comigo?

– Onde vai, querida? – mamãe pergunta, aproximando-se de mim.
Coloco um sorriso falso no rosto. Ela já bebeu Mais Maravilhoso demais. Seu cabelo não está muito perfeito e ela parece não se importar, uma indicação clara de que já passou do limite.
– Vou ao banheiro. Não demoro.
– Precisa de ajuda? Não sei onde está Kate – ela olha em volta.
– Não, estou bem – deixo minha mãe e sigo em direção ao banheiro, melancolicamente, buscando um pouco de privacidade.

Passo pela porta e me coloco diante do espelho para olhar meu rosto patético. Não sou mais a noiva radiante. Não há mais brilho em meus olhos nem um sorriso feliz em meus lábios. Sinto-me esgotada e emotiva demais. Dou um suspiro profundo e belisco as bochechas para tentar devolver-lhes um pouco de cor. Estou pálida.

– Ahhhh, meu Deeeeeeeeeus!

Levanto a cabeça e viro o corpo na direção do gemido. Fico imóvel. Prendo a respiração ao ouvir pessoas se mexendo dentro de um dos cubículos. Alguém está fazendo sexo no banheiro? Não! Eu seguro a barra do vestido para sair dali. Isso vai ser embaraçoso. Dou um passo, mas logo congelo quando a porta se abre e Kate sai, cambaleando.

Perco o fôlego, e a barra do meu vestido cai das minhas mãos.

– O que está fazendo? – dispero, incrédula. Sei que Sam não gostou de saber que todos os acessórios foram removidos e guardados temporariamente, mas eles poderiam ter esperado.

Ela fica tensa dos pés à cabeça, seus cabelos ruivos revoltos, alguns cachos cobrindo seu rosto chocado.

– Merda! – ela pragueja baixinho, arrumando o vestido.

– Vocês não podiam ter esperado? – pergunto, horrorizada, mas ainda um pouco aliviada por não ter pego quaisquer outros convidados no flagra.

– Ava... – ela começa, mas um homem sai do banheiro logo atrás dela. E não é Sam.

Meu queixo cai.

– Dan? – não acredito no que vejo. – Que diabos você está fazendo?

Ele dá de ombros, recusando-se a olhar para mim, atento apenas ao zíper da calça. Meus olhos vão de um para o outro, esperando que digam alguma coisa, mas nenhum deles diz nada.

Ficam ali, em pé, olhando para qualquer lugar, menos para mim.

Lanço um olhar furioso para Dan.

– Eu disse pra você não fazer isso! – grito, antes de canalizar minha fúria para Kate. – E você está bêbada! O que há com vocês dois? Não aprenderam nada?

– Não é da sua conta, Ava. – Dan fala friamente antes de sair do banheiro, deixando-nos a sós.

– Kate? – pressiono, mas ela ainda se recusa a me olhar nos olhos. Ela sabe que acaba de cometer um erro enorme. – E quanto a Sam? – pergunto. O coitado do cara está lá fora, completamente alheio. – Eu não acredito – levo a mão à testa, a cabeça doendo de tanta informação.

Ela soluça e ri, encaminhando-se para a pia, buscando equilibrar o corpo cambaleante.

– Diversão – diz, áspera. – E você não tem nada a ver com isso.

– Oh, está bem! – exclamo, erguendo a barra do vestido. – Então, vou deixar você em paz para se divertir – viro-me e saio, indo direto para o escritório de Jesse.

A sala de verão sem mesas, mas lotada de gente, a banda convidando a todos para a pista de dança, tocando clássicos da Motown. Passo pelos convidados, sorrindo, tentando ao máximo parecer a noiva exultante, mas cortando todas as intenções de conversas mais longas. Já briguei com meu irmão, e agora com Kate. Quero ir embora e ficar sozinha com Jesse onde somos mais felizes – quando o mundo e seus problemas não interferem em nossa bolha de plenitude, onde temos de lidar apenas com nossas próprias questões.

Sigo rapidamente pelo corredor, em direção ao escritório. Meu coração vai parar nos pés quando vejo quem está lá dentro.

Apenas duas pessoas: Jesse... e Coral.

Capítulo 4



Meu dia acaba de piorar muito. Eles estão sentados em lados opostos de um dos sofás e voltam a cabeça imediatamente para mim. E eu fico ali parada, sentindo-me perdida. Toda a minha raiva, todas as frustrações do meu dia transformam-se em uma emoção dolorosa. Sinto meus olhos se encherem de lágrimas quentes e meu coração disparar no peito. Estou arrasada.

Sem saber mais o que fazer, mas certa de que não quero que essa mulher me veja tendo um colapso, dou passos lentos para trás e fecho a porta. Caminho pelo corredor em uma névoa de tristeza, mas, em vez de seguir rumo à felicidade do salão, vou para o outro lado e me pego escapando das conversas animadas e de gente dançando. Decidida, sigo pela trilha de pedra, em direção à floresta.

Sento-me em um tronco velho e fico mexendo em sua casca seca, esmagando-a em pedacinhos entre os dedos. O ar frio da noite escura pinica minha pele exposta. Eles estavam apenas conversando, mas ele sabe o que eu acho dela, sabe como me sinto em relação a qualquer mulher que já esteve com ele, e, mesmo assim, sacrificou parte do tempo que poderia passar comigo, no dia mais especial de nossa vida, para vê-la. Estou perdida. Quero gritar com ele, bater em seu peito, mas não tenho forças. Não tenho mais energia para brigar. Meu ânimo foi destruído pelo drama, meu e dos outros, e me deixou vulnerável e exposta. E cheia de dúvidas, também. Nesse momento, bem no dia do meu casamento, duvido de que terei forças para passar a vida inteira com Jesse, para passar a vida driblando mulheres e problemas. O desespero bate com força e as lágrimas saltam direto dos meus olhos para a renda do vestido. Impotente, é exatamente como me sinto. Não posso fazer essas mulheres desaparecerem para sempre, não consigo separar Jesse de seu passado, não consigo controlar o que as outras pessoas fazem. Uma coisa eu posso fazer, no entanto, que é garantir que vou tomar minhas pílulas. Seguro a cabeça entre as mãos e choro baixinho. Não consigo nem mesmo chorar como se deve.

Em meu choro patético e quase mudo, ouço-o aproximar-se de mim por trás. Mesmo com o nariz congestionado, posso sentir seu perfume de menta e água fresca. E mesmo em meu torpor, posso sentir sua presença. Cada parte de meu ser o sente, mas meus olhos não querem vê-lo.

Enxugo as lágrimas e soluço.

– Eu sei que você está aí – digo quase sem voz, mantendo os olhos baixos.

– Eu sei que sabe – seus passos ressoam nas folhas secas, o som aumentando à medida que ele se aproxima, e percebo que se senta ao meu lado. Suas mãos estão unidas na frente do corpo, os polegares rolando um sobre o outro, lentamente. Posso sentir sua respiração se acalmando. Ele esteve correndo por todos os lados como um louco, tentando me encontrar, e agora está sentado

aqui, em silêncio, quando deveria estar se explicando, explicando por que me abandonou no dia do nosso casamento para ir falar com uma mulher que está apaixonada por ele – mais uma mulher apaixonada por ele.

Dou risada.

– Não é engraçado que nós dois sejamos tão sintonizados um com o outro e, ainda assim, você não saiba o que me dizer? – eu o vejo mover-se, sem jeito, e, em seguida, sua mão diminuir o espaço entre nós e pousar na minha coxa. Seu toque quente causa em mim reações que eu gostaria de não ter neste momento. Olho para sua mão espalmada, a aliança de platina com diamante igual à minha brilhando quando ele flexiona os dedos e me aperta. – E então, ele me toca – digo, num fio de voz.

– Ele te ama – ele sussurra. – E gostaria de poder eliminar o passado que magoa você.

Viro o rosto para ele e vejo dois mares verdes repletos de arrependimento.

– Então, por que você foi até ela no dia do nosso casamento, quando você jurou que ficaria ao meu lado o dia todo? Por que me largou para ir vê-la?

– Eu não podia deixá-la no portão com os convidados chegando, Ava.

– Mande-a embora, então.

– E causar uma cena?

– O que ela queria? Estava aqui por alguma razão... Ela sabia que estávamos nos casando hoje?

Sua linha de expressão se aprofunda e seu lábio inferior desaparece entre seus dentes.

– Sim, ela sabia.

Ele tem conversado com ela, então?

– E ainda assim veio? Por acaso ela pretendia impedir o casamento? Achava que ia invadir a sala de verão e declarar que não podíamos nos unir em sagrado matrimônio? – isso é risível.

– Eu não sei, Ava – ele olha para o outro lado.

– Quando você falou com ela? – ela conseguiu a informação de alguma forma.

Ele suspira.

– Ela tem ligado e aparecido aqui no Solar. Tenho dito a ela repetidas vezes que não vou ajudá-la, disse que não sinto nada por ela. Não sei o que mais posso fazer, Ava.

– Qual é a sua definição de ter um caso? – pergunto.

Seus olhos se voltam para os meus na hora. Minha pergunta o deixou confuso.

– O que quer dizer?

– Ela está apaixonada por você e você diz que era apenas sexo. Obviamente, era muito mais para ela – eu o observo, tentando captar sua reação.

– Ava, eu já te disse antes, era apenas sexo. Elas sempre queriam mais, mas eu nunca lhes dei motivos para esperar mais do que isso. Nunca.

Eu tenho uma reação desagradável ao ouvir “elas”. Ele quer dizer muitas: muitas mulheres que o querem, muitas mulheres que o tiveram, muitas mulheres que se apaixonaram por ele. Tenho vontade de contar a ele o que Coral disse sobre fazê-la precisar dele, mas aí ele saberia que eu atendi uma de suas ligações. E depois de tê-lo, quem não iria querer tê-lo de novo? Talvez pensassem mesmo que precisavam dele. Eu sei que precisava, mas hoje minha necessidade é muito mais profunda que o toque físico. Agora eu preciso dele para respirar.

– Eu não quero que você a veja de novo – insisto.

Ele volta os olhos para mim.

– Eu não vou mais vê-la. Não preciso mais vê-la.

Respiro profundamente e olho para o chão outra vez.

– Já estou farta desse casamento. Quero ir embora.

– Ava, olhe para mim – ele pede com gentileza.

– Jesse, não me peça nada no momento em que estou me sentindo assim.

– Talvez você não tenha ouvido bem: eu disse para olhar para mim – ele não está mais pedindo com gentileza, mas meu desânimo me impede de desafiá-lo. Não me importo mais.

– O que é? – pergunto, cedendo à sua ordem insensata.

Ele se ajoelha diante de mim e segura as minhas mãos.

– Eu estraguei tudo. Desculpe. Estava tentando mantê-la longe de você. Entrei em pânico e pensei que poderia tentar fazê-la compreender. Não queria que ela arruinasse seu dia especial.

– É seu dia especial também – eu o faço lembrar-se, falando baixo. – Você deveria ter me dito.

– Eu sei – ele se adianta e me abraça. – Deixe-me compensá-la... O que você quer que eu faça, baby? É só dizer.

Eu relaxo nos braços dele.

– Leve-me para a cama – ordeno baixinho.

– Feito – ele se levanta e reforça seu pedido de desculpas com um beijo apaixonado e cheio de desejo. – Mais tarde faremos as pazes como se deve – ele diz, pegando-me nos braços, e partimos em direção ao Solar.

Entramos na sala de verão pelas grandes portas francesas e somos imediatamente atacados pelo olhar furioso de minha mãe.

– Ai estão vocês! – ela vem apressada até nós, ainda embriagada, mas obviamente irritada. – Vocês não cortaram o bolo e precisam fazer a primeira dança. Digam-me, estamos mesmo fazendo uma cerimônia de casamento?

Não quero fazer nada disso. Os convidados da noite estão aqui e nós deveríamos recepcioná-los, mas não quero.

– Vou levar Ava lá para cima. Ela está cansada – Jesse não se detém por minha mãe nem me põe no chão, mas segue em frente, carregando-me pelo salão, em meio aos convidados, e não para por ninguém.

– Mas são só dez horas! – ela está horrorizada, como eu esperava. – E quanto aos seus convidados?

– Temos um bar, uma banda e muita comida, Elizabeth. Tenho certeza de que sobreviverão – a tolerância de Jesse com minha mãe diminui a cada hora que passa, assim como a dela com ele.

– Ava, por favor, faça-o entender – ela está implorando e eu, de repente, sinto-me mal por ela. É um dia especial para ela também, e o meu senhor atrapalhou tudo.

Toco o rosto dele com as mãos e ele segue a passos largos, com minha mãe em nosso encalço. Eu uno meu rosto ao dele.

– Só mais um pouquinho – digo baixinho, e ele para. – Podemos dar mais um tempinho para ela.

– Você está cansada – ele fecha a cara.

Sim, estou, mas não fisicamente. Estou mentalmente exausta.

– Deixe-me levá-la para a cama, Ava.

– Dance comigo – acaricio o rosto dele com o nariz e sinto como nunca o seu adorável perfume de água fresca. – Vamos dançar! – Sinto-o dar meia-volta, enquanto inclina o rosto na direção da minha carícia. Eu sabia que isso o convenceria.

– Graças a Deus! – mamãe grita, seguindo-nos de perto.

Eu sou posta em pé bem no meio da pista de dança. Em seguida, ele vai até a banda e diz alguma coisa no ouvido do vocalista, que concorda e sorri. Então, todos deixam a pista de dança e eu permaneço ali, sentindo-me exposta. O vocalista sai do palco, juntamente com os demais membros da banda e “Chasing Cars”, do Snow Patrol, quebra o silêncio. Jesse se vira para mim e fica ali, apenas me olhando, por um bom tempo. Estou com os olhos marejados. Sei que, se olhar para a minha mãe, a verei debulhando-se em lágrimas, então não olho. Mantenho o olhar fixo em meu marido e o assisto vir até mim lentamente e me tomar em seus braços, encostando seu peito no meu. Pouso minha face em seu ombro e ele começa a nos embalar, aninhando-me em seus braços grandes e fortes. Minhas mãos deslizam para as suas costas e eu fecho os olhos, meu corpo seguindo naturalmente seus movimentos lentos e suaves.

– Desculpe, baby – ele diz baixinho, com os lábios nos meus cabelos. – Desculpe por eu ter deixado você sozinha agora há pouco.

Eu suspiro. Sei que ele está arrependido, mas gostaria que pensasse melhor antes de fazer essas coisas. Eu o abraço mais forte, indicando silenciosamente que o perdoo.

– Vamos deixar pra lá.

Ele solta a respiração e me dá um beijo na cabeça.

– Quanto mais eu tento não te magoar, mais te magoo. Eu não tenho jeito.

– Fique quieto.

– Está bem, mas continuo arrependido – ele me abraça ainda mais forte. – Mal posso esperar para cair na cama com você.

– Eu também – concordo. Mais uma vez, outras pessoas nos atrapalham. – Amanhã ficaremos na cama o dia todo – afirmo.

– Precisamos ir para casa antes.

O desânimo recai sobre mim ao me lembrar disso. Vamos ficar aqui esta noite. Todos os quartos foram preparados para os convidados, a maioria da minha família.

– Vamos para casa amanhã cedo, então – é minha exigência. Eu sei que é rude deixar nossos convidados, mas não quero olhar para Kate e, definitivamente, não quero olhar para Dan.

– Vamos, sim. Depois de ficar bastante tempo na banheira e após tomar café da manhã com seus pais.

Eu deixo que ele me conduza. Meus olhos se fecham outra vez e a minha mente relaxa, deixando Jesse drenar todo o meu estresse.

– Eu queria que você tivesse me levado para longe daqui. Para algum lugar quieto, só nós dois.

– Eu também queria ter feito isso, mas acho que a sua mãe teria uma opinião bastante contrária.

Eu sorrio. Sim, ela teria muito a dizer sobre isso. Abro os olhos e a vejo puxando meu pai, que está relutante, para a pista de dança, seguidos por Kate e Sam e por Victoria e Tom. Volto a

fechar os olhos e me deixa levar por Jesse e seus movimentos.

– Sra. Ward, está caindo no sono? – ele pergunta em voz baixa.

– Hmmm – estou tão satisfeita em seus braços... Todos os outros casais em torno de nós parecem invisíveis, e eu me mantenho ali, no escuro, apenas sentindo a pele e o cheiro de Jesse.

– Eu amo você – ele toca meus cabelos com o nariz e aspira o perfume. – Amo demais.

– Eu sei – sussurro, virando o rosto para ele e capturando seus lábios. Ele geme, feliz, tirando-me do chão e apertando-me contra o peito, a língua de cada um dançando, deslizando de uma boca para a outra. – Sr. Ward, você está atraindo a atenção de todos.

– Que se danem. Onde e quando eu quiser. Você sabe disso – ele recua. – Deixe-me ver seus olhos.

Eu mostro o que ele quer ver.

– Por que você sempre pede para ver os meus olhos?

Ele apenas dá um sorriso tranquilo, mas seus olhos verdes brilham absurdamente.

– Porque, quando olho para eles, tenho certeza de que você é real.

Eu retribuo o sorriso.

– Eu sou real.

– Fico feliz. Eu ainda não disse quanto você está linda – ele me beija de leve e continua me embalando ao som da música –, só pensei, mas minha menina bonita me torna um idiota sempre que olho para ela. É como se eu a estivesse vendo sempre pela primeira vez – ele busca meu olhar e suspira. – Você mantém meu coração batendo, Ava. E ele vai bater sempre somente por você, entendeu?

Sim, entendi e confirmo com um meneio de cabeça.

– Somente para mim – passo as mãos por seus cabelos e desfruto da sensação de tê-los entre meus dedos. – Preciso que você me leve para a cama.

Os cantos de sua boca se movem para cima.

– E minha encantadora sogra vai permitir?

Dou de ombros.

– Não me importo, só quero você para mim. Me leve para a cama.

– Feito – ele me põe no chão e me beija com carinho –, não precisa pedir duas vezes, Sra. Ward.

– Acabei de pedir...

Ele faz uma careta.

– Isso foi culpa da sua mãe – ele me vira em seus braços e me leva da pista de dança, desviando-se de todos os demais casais.

– Olhe! São Clive e Cathy! – eu digo, espiando nosso *concierge* e a governanta de Jesse dançando juntinhos, Clive conduzindo-a para um lado e para o outro. Eles estão tão bonitinhos. Ouço Jesse rir, mas meus olhos já estão em Kate sendo embalada por Sam. Depois, vejo meu irmão um pouco mais longe, sua atenção apontada diretamente para minha melhor amiga e seu namorado atrevido. Isso vai terminar em confusão. Nunca pensei que gostaria de ver meu irmão indo embora, mas é no que estou pensando. Que diabos Kate tem na cabeça?

Paro de prestar atenção em meu irmão quando Jesse me puxa. Então, noto que ele percebeu para quem eu olhava.

– Não me parece que acabou – ele ergue as sobrancelhas.

Ele tem razão. Não acabou, mas eu não confirmo nada.

Jesse se abaixa para me pegar no colo quando a música termina e é substituída por outra, mais barulhenta e agitada. Meu rosto se abre num sorriso quando o vejo parar no meio do movimento e uma voz masculina começa a cantar.

– Olá, Justin! – eu digo, observando-o endireitar-se.

Ele dá um passo para trás com cuidado e puxa as lapelas do paletó antes de passar as mãos por elas e me olhar com uma expressão excitada.

– Oh, Sra. Ward – ele balança a cabeça de leve.

Estamos prestes a arrasar nessa pista de dança.

Ele pega a minha mão e me puxa rapidamente de volta para a pista, costurando por entre convidados bêbados que dançam, até chegarmos ao meio deles. Rio feito boba ao vê-lo tirar o paletó e agitar as mãos, antes de me agarrar e me fazer lembrar que meu deus dança muito bem.

Ele, sem dúvida, arrasa na pista de dança.

Capítulo 5



Uma hora mais tarde, depois de Jesse ganhar o coração da minha mãe e brindar a todos com sua presença na pista de dança, finalmente estou nos braços de Jesse, a caminho do andar superior. Meus sapatos foram chutados de lado e Jesse os segura escada acima. Minha cabeça parece chumbo em seu ombro, e meus olhos se recusam a permanecer abertos. Ouço meus sapatos caindo no chão e, segundos depois, ele me coloca em pé.

Minha testa cai em seu peito.

– Precisamos consumir nosso matrimônio – eu balbucio contra o peito dele, rolando a cabeça e sentindo o seu cheiro. É o cheiro mais reconfortante do mundo.

Ele ri.

– Meu amor, você está muito cansada. Vamos consumir nosso matrimônio de manhã – ele me segura pela nuca e afasta meu rosto de si para poder olhar para mim.

Faço um enorme esforço para manter os olhos abertos, mas isso é trabalho demais.

– Eu sei – tento deixar a cabeça cair de volta, mas ele me segura no lugar, estudando cada pedacinho do meu rosto. – O que foi? – pergunto, quase sem voz.

– Diga que me ama – ele ordena.

– Eu te amo – digo sem titubear.

– Diga que...

– Eu preciso de você – eu o interrompo; já conheço o roteiro.

Ele sorri, pensativo.

– Você jamais vai entender quanto isso me faz feliz.

– Vou sim – eu o corrijo; entendo muito bem, porque é como me sinto. Ele sabe disso.

Ele se inclina e me beija suavemente.

– Eu quero você nua, esparramada em cima de mim. Deixe-me tirar esse vestido – ele me vira e começa a desabotoar as dezenas de pequenas pérolas que descem sobre a minha coluna. – O que está acontecendo entre seu irmão e Kate?

A pergunta me faz abrir os olhos imediatamente. É uma excelente pergunta. Nada, espero, mas não conto muito com isso.

– Não sei – respondo com honestidade; não sei mesmo. Mas não vou contar a Jesse o que vi no banheiro.

– Ou você aprendeu a controlar seu péssimo hábito, ou está falando a verdade – ele diz, baixando as alças do meu vestido pelos ombros e depois descendo-o até os meus pés, para eu sair de dentro dele.

– Estou dizendo a verdade – digo, ficando de frente para ele, que se levanta e vai até a porta para pendurar o vestido. – Acho que, quando eles se viram, antigas memórias vieram à tona, só isso.

– Memórias? – ele pergunta, voltando para o meu lado.

Ele me gira de novo para ter acesso ao meu *corset*.

– Eles faziam mal um ao outro – digo –; você conhece Kate, e Dan não é o homem mais tolerante do planeta. Eles brigavam demais. Foi melhor para os dois o Dan ter ido embora.

– Mas agora ele voltou...

– Sim, mas logo vai embora. E quanto a Kate e Sam? – é outro desastre anunciado.

– Eu já falei pra você que isso não é da nossa conta.

– Mas ela é membro do Solar – meu tom é acusador, e tudo bem, porque é o que eu estou fazendo. – Como você aprovou isso?

– Não é minha função questionar os motivos de alguém querer associar-se ao Solar. Minha pesquisa inclui antecedentes criminais, problemas de saúde e situação financeira. Então, se podem pagar, estão saudáveis e sem problemas com a Justiça, eles entram. Não coloco os futuros associados num divã para analisar seus problemas, Ava.

Faço uma careta para o nada.

– Algum membro poderia fazer uma besteira entre as visitas ao Solar e pegar alguma coisa ou ser preso por violência... Como você saberia?

– Porque é exigido deles testes mensais e eu recebo relatórios regularmente. Há questões que não se podem prevenir totalmente, mas controlamos tudo da melhor maneira possível. Não há penetração sem camisinha, e honestidade e discrição fazem parte do acordo – ele chega ao último colchete e retira meu *corset*. – Estamos falando de membros respeitáveis da sociedade, Ava.

– Que adoram sexo pervertido com estranhos e com enghocas estranhas? – resmungo.

– Não é da minha conta.

É isso, é da conta dele sim. É o trabalho dele, e por um tempo foi o seu prazer. Afasto o caminho que minha mente toma e tento me concentrar na sensação de suas mãos afastando meus cabelos das costas, por cima dos ombros. O calor inconfundível de seus lábios na minha nuca dissipa completamente os maus pensamentos. Eu tremo, e ele ri.

– Ela vai se magoar – eu digo baixinho.

Seu braço me agarra pela cintura nua, puxando-me para si. Estou totalmente desperta agora.

– O que faz você pensar assim?

Fico tensa.

– Sei que ela gosta dele.

Ele insinua os quadris em minha lombar e ondula lentamente, sem a menor pressa, mas com intenção.

– E eu sei que Sam gosta dela.

Dou um gemido quando ele flexiona as pernas para me atacar debaixo para cima, ao mesmo tempo que beija minha orelha. Nem vou tentar parecer inabalável.

– Por que eles não podem namorar como qualquer casal normal? – eu digo, ofegante.

– Não é da nossa conta...

Pronto. Essa voz, esses quadris e a firmeza do peito dele através da roupa são o bastante para

mim. Viro-me de frente para ele e começo a caminhar, fazendo-o andar de ré até a cama.

– Este matrimônio vai ser consumado agora – eu o empurro na cama e me sento sobre ele, que me olha, divertido. – Sr. Ward, eu vou assumir o controle. Alguma objeção?

Ele sorri.

– Divirta-se! Mas por favor, olhe essa boca.

– Boca – eu sussurro, segurando a gravata dele e puxando-a fortemente na minha direção, forçando-o a sentar-se para não se enforcar. Ele arregala os olhos e ficamos cara a cara. – Quem tem o poder? – pergunto em voz bem baixa.

– No momento, parece que é você – ele está tentando não rir –, mas não se acostume.

Eu dou um sorriso e o beijo. Um duplo gemido se mistura em nossa boca. Forço meu corpo sobre o dele, fazendo-o deitar-se outra vez, minha boca e a dele trabalhando em perfeita harmonia. Temos uma sintonia incrível. Sei o que ele quer e como quer, ainda que ele esteja lutando contra isso. Ultimamente, tenho visto o “Jesse gentil” com mais frequência do que gostaria, mas vou resolver isso agora mesmo. Então, deixo seus lábios e desço por seu pescoço, deliciando-me com o toque de suas mãos imensas, que acariciam minhas costas, mas não o frio metal das algemas que ele arrasta com uma delas.

– Que mulher! – ele geme.

– Você não me quer? – provoco, mordendo a orelha dele e lambendo logo abaixo do lóbulo, em círculos firmes. Seu cheiro é inebriante.

– Não faça perguntas idiotas – ele investe contra mim, e sei que sua intenção é assumir o controle e depois, provavelmente, fazer sexo sonolento; então eu me imponho sobre ele.

– Oh, não, Ward – vejo seu peito se expandir, seu belo rosto tenso.

Ele está claramente lutando contra seu instinto de tomar o poder para si, mas eu não vou ceder. Sei que ele conseguiria me virar em um segundo, sem nem fazer muita força, mas ele não vai fazer isso. Além de estar sendo extremamente gentil comigo, ele está tentando provar esse ponto de vista; tentando provar a si mesmo que pode delegar poder, que pode ser racional. Ele está lutando bravamente... e falhando.

Pego a mão dele, e ele me olha com atenção quando eu a levanto no ar, as algemas tilintando. Olho em seus olhos para ver a sua reação e encontro um olhar de compreensão. Então, ele fica tenso. Eu o puxo com gentileza, mas ele não me deixa conduzi-lo para onde eu quero que vá. Esse é o teste máximo. Sei como ele se sente quando não consegue me tocar, mas é um medo irracional e injustificado, e temos de superá-lo. Tento guiar seu braço mais uma vez, com as sobranceiras ligeiramente erguidas, mas ele está relutante, e só consigo levar seu braço até a cabeça.

– Você não vai embora desta vez – ele arfa. – Prometa que você não vai me deixar desta vez.

– Só se você prometer que não vai ficar bravo – eu fecho a alagma na barra de madeira e olho nos olhos dele. – Não fique bravo comigo.

Ele balança a cabeça e respira profundamente. Eu sei quanto isso é difícil para ele.

– Me beije – ele ordena, ríspido.

– Quem está no controle sou eu – faço-o lembrar.

– Meu Deus, Ava, não torne isso mais difícil do que já é – ele ergue a mão livre e me puxa pelo braço, contra o peito. Minha boca aterrissa na dele e deixo que seus lábios maravilhosos me

invadam. Ele está certo. Não devo tornar as coisas mais difíceis. Vamos fazer tudo lentamente.

Eu permito que ele faça o que quiser com a boca enquanto meus dedos mergulham em seus cabelos, puxando-os de leve, e nossas línguas encontram o ritmo uma da outra. Estou determinada a arrancar essa ansiedade dele, mas, após minha breve visita ao hospital, isso levará algum tempo. Enquanto ele me beija, desato o nó da sua gravata e arranco-a do seu pescoço, passando, em seguida, para os botões de sua camisa, até ter seu peito suculento sob as minhas mãos.

Diminuo a intensidade do beijo, afasto-me, e ele rosna de olhos fechados. Ignoro sua demonstração óbvia de insatisfação e começo a beijar seu pescoço, depois seu peito e seu abdômen duro, até chegar ao zíper da calça. Esfrego o rosto pela extensão de seu pênis, através do tecido, e seus quadris sobem, enquanto um som gutural escapa da sua boca. Meu plano está funcionando: vou enlouquecê-lo e depois libertá-lo; então, ele estará tão excitado que vai me comer até me deixar inconsciente. Temos muitas transas frenéticas para colocar em dia.

Sinto sua mão na parte de trás da minha cabeça, puxando meus cabelos de leve. Dou um sorriso de pura satisfação, antes de desabotoar sua calça e baixar o zíper devagar, metendo a mão dentro da sua cueca e segurando firmemente seu mastro sólido.

Seus quadris se elevam novamente e o metal das algemas faz mais barulho.

– Porra, Ava, pelo amor de Deus! – ele levanta a cabeça e me lança um olhar faminto e desesperado. – Sua boca, agora!

Eu rastejo pela cama e tomo seu rosto em minhas mãos.

– Você quer que eu te chupe? – eu o beijo com força.

– Sim.

– Quem detém o poder, Jesse? – eu mordo seu lábio e ele geme.

– Você, baby. Agora me chupe.

Eu sorrio e desço pelo seu corpo, tirando seu membro de dentro da cueca e lambendo com lascívia da base à glande.

– Ohhh... – ele geme alto. – Meu Deus, Ava. Sua boca é incrível.

– Está gostoso? – pergunto, abocanhando-o até a metade, antes de tirá-lo da boca de novo.

– Demais. Eu sabia que havia um bom motivo para eu me casar com você.

Passo os dentes bem de leve pela carne, advertindo-o.

– Quer que eu engula tudo?

– Sim.

Fecho os lábios em torno de seu pênis e desço até o limite, até que a glande encoste em minha garganta. Ele geme mais alto, os quadris sem controle. Tento relaxar a boca e aceitar a invasão, mas meus reflexos entram em ação e de repente tenho náuseas.

Que diabos?

Paro tudo e pulo da cama suando, com o estômago em convulsões. Preciso vomitar. Corro para o banheiro e desabo na frente do vaso, passando a pôr para fora todo o conteúdo do meu estômago, enquanto procuro manter os cabelos afastados do rosto e, ao mesmo tempo, tento mirar o lugar certo.

– Ava! – ele chama. As algemas tilintam com força. – Ava!

– Eu es... – vomito novamente, engasgando ao tentar falar, tentando dizer a ele que está tudo bem.

Merda... Lembro-me de que preciso soltá-lo.

– Jesus, Ava! – o ruído de metal batendo contra madeira ressoa pelo quarto, seguido dos gritos de Jesse, que está em pânico. – Porra, AVA!

Não consigo falar. Minha garganta está bloqueada, meus olhos lacrimejam e meu estômago dói de tanto se revirar. O que há de errado comigo? Eu mal havia começado. Já fiz sexo oral com ele dessa forma tantas vezes e nunca me aconteceu isso. Nossa, estou enjoada. Pego um pouco de papel higiênico e enxugo a testa. Preciso me recompor para voltar lá e libertá-lo, antes que ele tenha um infarto.

– Ava! – ouço uma porção de ruídos seguidos de um estrondo, e logo ele está no banheiro, esbaforido, com a camisa aberta, ainda vestindo o paletó, com a calça desabotoada e uma expressão de total desespero.

Eu fiz de novo. Em minha tentativa de fazê-lo ver quão ridícula, exagerada e desnecessária é essa sua obsessão por me proteger, acabei piorando as coisas. Estou bem. Só não consigo parar de vomitar. Inclino a cabeça sobre o vaso outra vez e inicio mais uma sessão de vômito que me impede de falar.

Tento fazer um gesto para ele, qualquer coisa que indique que está tudo bem, mas, de novo, agarro a borda do vaso, apoiando-me nos braços, enquanto vomito e engasgo.

– Pelo amor de Deus, Ava... – parece tão preocupado, o tolo neurótico.

Eu só estou enjoada. Sinto-o aproximar-se por trás de mim e juntar meus cabelos, segurando-os e massageando as minhas costas. Não consigo me controlar. Devo estar com uma intoxicação. Tem de ser intoxicação.

– Estou bem – enxugo o rosto e esfrego as palmas das mãos nas bochechas, quando percebo que não tenho mais o que vomitar.

– Estou vendo – ele murmura, seco. – Deixe-me olhar pra você.

Eu me viro, suspirando, e vejo que ele está sentado no chão atrás de mim.

– Ainda quer transar? – pergunto, tentando amenizar o clima de óbvia preocupação. Não vou mais tentar acalmar sua ansiedade com os cuidados que tem com o meu bem-estar. Eu estrago tudo a cada tentativa.

– Ava, por favor – ele diz, revirando os olhos.

– Desculpe.

– Você ainda vai me matar, juro – ele afasta uma mecha de cabelos do meu rosto. – Você está melhor?

– Não, estou enjoada – caio para a frente e minha face colide com o peito dele, onde a camisa está aberta.

– O que acha que causou isso? – ele pergunta baixinho.

Fico tensa. Não estou preparada para lidar com isso agora nem estou pronta para acabar com ele por ter escondido as minhas pílulas. Não tenho forças, nesse momento; então, fico de boca fechada, mas não posso mais negar os fatos. Tenho de encarar a realidade de que, muito provavelmente, eu esteja grávida. Minha vida vai ser um inferno pelos próximos oito meses e pouco... Um puro, torturante e insuportável inferno.

– Leve-me para a cama, por favor.

Ouçoo-o soltar o ar pesadamente, demonstrando de forma clara sua frustração. Não vou poder negar por muito tempo, mas a necessidade que ele tem de cuidar de mim me faz escapar

dessa, por ora.

Ele se levanta e me toma nos braços.

– Você é a mulher mais frustrante do planeta. Quer escovar os dentes?

– Sim, por favor.

Ele sorri e me acaricia o rosto.

– Vai ficar tudo bem.

Vai mesmo? Para ele, sim, já que ele vai conseguir o que quer, embora o motivo de ele querer isso ainda seja um mistério, mas eu vou entrar nesse território quando não estiver me sentindo tão fraca.

– Está bem – concordo sem muito entusiasmo, captando o brilho da algema em seu punho... e uma bolha imensa. – Jesse! O que foi que você fez? – pego a mão dele e viro a palma para cima: o lado de dentro de seu punho está coberto por vergões vermelhos. Perco o fôlego. Isso deve doer muito.

Ele tira a mão da minha e retira as algemas, jogando-as no chão.

– Você mantém meu coração batendo, Ava, mas também pode fazê-lo parar – ele balança a cabeça e me coloca sentada sobre o gabinete do banheiro. – Você disse que não pode viver sem mim, não disse?

– Sim.

Recebo um olhar acusador.

– Então, pare de tentar me matar.

Sinto um sorriso brotar.

– Você é tão dramático.

– Não há drama nenhum em ficar preocupado quando minha esposa tem vontade de vomitar enquanto chupa o meu pau.

Não me contenho. Minha cabeça pende para trás, meus olhos se fecham e eu começo a gargalhar com vontade. Choro de tanto rir. A ânsia de vômito foi substituída por um ataque de riso. Eu não consigo parar e ele não interrompe minhas gargalhadas, deixando-me curtir aquele momento e esperando pacientemente que eu recupere o controle, enquanto segura a escova de dentes na frente da minha boca.

– Desculpe – mais uma risada. – Desculpe mesmo – enxugo os olhos e me deparo com um par de olhos verdes curiosos, uma sobranceira erguida e um lábio sendo mordido. – É engraçado, não é?

– Fico feliz que ache isso divertido. Agora, abra a boca.

Eu obedeço e ele escova os meus dentes, com sua linha de expressão evidente devido à concentração. Assim que termina, ele passa uma toalha úmida em meu rosto, antes de me pegar no colo e me levar para a cama. Arregalo os olhos quando vejo o estado da cabeceira da cama, todo retorcido, com farpas de madeira penduradas e espalhadas. O rolo compressor também passou por cima da cama.

– Já para a cama – ele me senta na beirada e eu não perco tempo: entro debaixo das cobertas e dou um suspiro longo e satisfeito.

Viro-me e observo-o enquanto se despe, meus olhos gulosos deliciam-se com sua perfeição.

– Não acredito que vou passar minha primeira noite como sua esposa em uma de suas câmaras de tortura – o pensamento desagradável me faz remexer na cama e querer saber quem

já esteve ali e o que aconteceu. Quero me levantar.

– Ninguém dormiu nessa cama, Ava – ele sabe no que eu estou pensando.

– Não? – respondo confusa e de cara fechada.

Ele sorri e tira a camisa.

– Ninguém vem a esse quarto desde que eu te peguei – ele me observa atentamente e minha mente volta ao dia em que me vi presa e silenciosamente torcendo para que ele fosse em frente.

– E a cama é nova.

– Verdade? – eu disparo, surpresa.

Ele ri.

– Verdade.

– Por quê?

– Porque eu não ia me deitar com você em uma cama que outras pessoas... – sua linha de expressão aparece outra vez – frequentaram – ele termina.

“Onde outros transaram”, é o que ele quer dizer, mas não me importa como ele o diz. Ninguém dormiu, transou ou rolou nessa cama, e eu me sinto muito melhor sabendo disso.

– E ninguém esteve nesse quarto depois de mim? – indago.

Ele tira a calça e a cueca.

– Só eu. Agora, tire a calcinha. Quero você nua.

Faço o que ele manda.

– Você ficou aqui em silêncio, pensando em mim? – pergunto, sorrindo.

Ele vai até uma cômoda e abre a primeira gaveta.

– Mais vezes do que você imagina – ele responde em voz baixa, virando-se e me mostrando um sutiã.

Meu sutiã.

– Esse sutiã é meu! – exclamo.

Na mesma hora, tenho uma onda de lembranças do dia em que ele me encurralou. Eu deixei meu sutiã aqui e ele o guardou por todo esse tempo?

Ele o deixa em cima da cômoda e encolhe os ombros, tímido. Então, vem para a cama e se deita ao meu lado, e eu me deito imediatamente em seu peito, esparramando-me sobre ele, com o rosto enfiado em seu pescoço.

– Confortável? – ele pergunta.

Solto um gemido e deixo minhas mãos acariciarem-no em todas as partes que consigo alcançar, matando a necessidade de senti-lo e aproveitando a sensação do contato da minha pele com a dele.

Ele ficou aqui em silêncio, pensando em mim. Guardou meu sutiã. Ninguém mais veio aqui exceto eu, e ele trocou a cama.

– Como está se sentindo? – ele pergunta, deixando que eu o idolatre.

– Estou bem – suspiro. Estou bem nesse momento, mas não será por muito tempo, disso não tenho dúvida.

Ele imita meu suspiro.

– Ela está bem – ele me abraça mais forte e posso sentir seus batimentos cardíacos em meu peito.

– Durma, minha menina bonita.

E é o que eu faço. Meus olhos lentamente se fecham e eu adormeço.

Capítulo 6



Abro os olhos e me espreguiço. Uma daquelas espreguiçadas exageradas, barulhentas, alongadoras e satisfatórias, que me faz esticar o corpo para todos os lados da cama. Depois, abro um sorriso ao ouvi-lo se mover pelo banheiro – o som da torneira derramando água quente na banheira, ele pegando os produtos de que precisa para preparar o banho e, então, o inconfundível som de sua mão agitando a água para fazer espuma. Meu autodenominado apaixonado por banhos de banheira está cumprindo sua palavra: vamos ficar de molho por um bom tempo e teremos um de nossos papos de banheira enquanto isso. Será que eu quero um papo de banheira hoje?

Levanto-me da cama gigante e, ainda nua, vou até o banheiro. Paro e me encosto no batente da porta. Ele está sentado em uma cadeira, de frente para a janela, com os cotovelos apoiados nos joelhos, olhando para as terras do Solar. Ele também está nu, todos os músculos evidentes em suas costas bem-torneadas e seus cabelos úmidos com vapor que já preencheu todo o espaço. Eu poderia ficar olhando para ele o dia todo, mas mesmo a essa distância e de costas para mim, posso ver as engrenagens em sua mente girando a mil por hora. E sei muito bem no que está pensando. Está pensando no que eu estou negando e, sem dúvida, está imaginando como vai me manter em casa, grudada ao lado dele. Amanhã é segunda-feira. Dia de trabalho, portanto.

Meu controlador temperamental, irracional, complicado e neurótico.

Meu *ex-playboy*.

E, agora, meu marido.

Preciso tocá-lo.

Avanço em silêncio, meus olhos mais e mais se deleitando à medida que me aproximo dele e minha pele formigando com as faíscas que percorrem o meu corpo. Estou tensa e seguro a respiração.

– Eu sei quando você está perto, menina bonita – ele fala sem olhar para trás. – Você nunca vai conseguir me pegar assim.

Meu corpo relaxa. Solto a respiração e meus pulmões se esvaziam. Fico de frente para ele, sento-me no seu colo e encosto o rosto em seu peito.

Seus braços me envolvem e seu rosto se enterra nos meus cabelos.

– Tentando chegar de fininho?

– Não adianta tentar.

– Não mesmo. Como está se sentindo hoje?

Eu dou um sorriso.

– Bem.

– Bem – ele repete, puxando-me para si. – Não vá trabalhar amanhã.

Eu murcho em seu colo, ainda que soubesse o que me esperava e estivesse aliviada por ele não ter abordado o outro assunto. Eu aceitei me casar com ele assim rapidamente se ele concordasse que não haveria lua de mel e diminuísse a superproteção e a insensatez. Minha intuição me dizia que ele falharia nas duas coisas. Afasto-me para olhar em seus olhos, que parecem implorar.

– Eu preciso trabalhar.

Ele balança a cabeça.

– Você não precisa trabalhar. Nós precisamos ficar juntos.

– Nós estamos juntos.

– Você sabe o que eu quero dizer – ele resmunga. – Sarcasmo não faz o seu gênero, Ava.

Não vou chegar a lugar algum com isso, então eu me levanto do colo dele e vou para a banheira.

– O que está fazendo?

Nem preciso me virar para saber que está me olhando de cara feia.

– Tomando banho – eu entro na banheira e me sento, mas já me inclinando para a frente, para lhe dar espaço, quando o escuto aproximar-se resmungando alguma coisa ininteligível, mas que deixa clara sua contrariedade.

Ele entra na banheira e se acomoda atrás de mim, puxando-me para encostar em seu peito e indo direto para a minha orelha, onde rosna e mordisca.

– Eu já te disse. Não me afaste.

– Então pare de fazer exigências descabidas – retruco, firme. Ele morde o lóbulo da minha orelha com mais força.

– Eu também já te disse isso antes. Não há nada descabido em querer te manter em segurança.

– Você quer dizer me guardar só para você – fecho os olhos e deixo a cabeça relaxar no corpo dele, as palmas de minhas mãos deslizando em suas coxas molhadas.

– Não – ele entrelaça os dedos nos meus – para te manter segura.

– Isso é desculpa para o seu comportamento irracional.

– Não, Ava. É que você me deixa louco.

– Você se deixa louco... Eu vou trabalhar amanhã e você vai me deixar ir sem fazer escândalo. Você prometeu – preciso lembrá-lo do acordo que fizemos, embora eu saiba que ele não esqueceu e que, no fundo, não se importa em quebrar a promessa.

Sinto sua boca mastigar minha orelha novamente, e faço força pra não soltar um gemido.

– Mas você prometeu me obedecer. Acho que os votos do casamento anulam todas as promessas feitas anteriormente – ele se insinua contra meu traseiro. – Alguém aí está precisando de uma transa de lembrete?

Eu estremeço, criando ondinhas na água em torno de nós. Adoraria uma boa transa de lembrete, mas não vou ceder.

– Você também prometeu acabar com as transas de lembrete, porque nós concordamos que os lembretes favorecem só a você – digo isso e imediatamente penso que, no fundo, meu desejo é que ele nunca tivesse aceitado aquele acordo, pois uma transa de lembrete é igual uma transa

selvagem.

– Amar, honrar e obedecer – ele sussurra e meu rosto se inclina na direção daquela voz rouca e grave e meus lábios encontram os dele. – Isso faz sentido, não?

– Não – eu ofego. – Quase nenhuma de suas exigências faz sentido.

– Nós fazemos sentido – ele me ataca com sua boca. – Diga que nós fazemos sentido.

– Claro que nós fazemos sentido...

– Boa menina. Fique de joelhos para eu te lavar – ele deixa meus lábios, o que me causa uma sensação de perda, e me empurra suavemente para a frente. – Vamos tomar café da manhã com a sua família e depois vou te levar para casa. Certo?

– Certo – concordo. Mal posso esperar para ir para casa, mas posso esperar um bom tempo antes de descer e encarar Kate e Dan. Mulherzinha estúpida. Nem vou tentar imaginar o que se passa na cabeça dela porque nunca vou entender, e acho que nem mesmo ela sabe. Será que ela ao menos se lembra? Estava bêbada o bastante para ter esquecido. E Sam. Eu gemo por dentro. Como vou encarar Sam sabendo disso?

– No que está pensando? – Jesse pergunta, trazendo-me para a realidade.

– Em Kate – respondo imediatamente. – Estou pensando em Kate e Sam.

– Eu já te disse, A...

– Não diga que não é da minha conta, Jesse – eu corto sua frase totalmente. – Ela é minha melhor amiga. Parece que estou assistindo a um acidente de carro em câmera lenta. Preciso impedir que isso aconteça.

– Não, você precisa cuidar da sua vida, Ava – vem sua bronca. – Terminei – ele coloca a esponja na beirada da banheira e se levanta, pegando uma toalha e saindo. – Lave os cabelos – ele diz, enrolando a toalha em torno da cintura. – Talvez você devesse mostrar a mesma preocupação com um pequeno detalhe em nosso relacionamento que também precisa ser discutido.

O olhar de expectativa de Jesse penetra em mim e eu imediatamente me esqueço de todos os problemas relacionados a Sam e Kate. Entretanto, me animo com esse novo interesse dele por conversar. Em vez disso, mergulho na água. Ainda não estou pronta, e também percebo que sua recém-descoberta habilidade para conversar só é posta em prática nos assuntos que lhe interessam.

Não estou olhando para ele, mas sei que está revirando os olhos. Pois pode revirá-los o quanto quiser, que eu vou lidar com esse assunto do meu jeito. Mas que jeito será esse? Enfiando a cabeça na terra o mais fundo possível, como avestruz.

Entramos no restaurante do Solar de mãos dadas e somos imediatamente recebidos com aplausos e gritos, mas a primeira coisa que noto, fora o barulho, é a óbvia situação delicada de Kate e, do outro lado da sala, a cara fechada de Dan, apontada para Jesse.

Meu marido ou não nota ou ignora tudo ao redor, porque apenas me pega nos braços e caminha entre as mesas, levando-me direto para nossa, onde me acomoda em uma cadeira em frente a mamãe e papai, antes de se sentar ao meu lado.

– Querida! – a voz aguda e excitada de minha mãe fere meus ouvidos. – Que dia maravilhoso tivemos ontem, apesar de um certo homem complicado – ela olha feio para Jesse.

– Bom dia, Elizabeth – Jesse abre um sorriso para minha mãe e ela revira os olhos, mas sei que tenta reprimir um sorriso amistoso. – Como vai, Joseph?

Meu pai sorri, enquanto se serve de linguiça.

– Muito bem. Vocês aproveitaram bem o seu dia?

– Sim, obrigado. Estão cuidando bem de vocês? – Jesse passa os olhos pelo restaurante, obviamente verificando se a equipe está servindo bem os convidados remanescentes.

– Bem demais – meu pai ri. – Nós vamos pegar a estrada após o café da manhã; então, gostaria de aproveitar essa oportunidade para agradecer a sua hospitalidade. Foi realmente um dia especial.

Eu dou um sorriso para o meu pai e sua delicadeza: as boas maneiras lhes são inseparáveis. Fico feliz que eles tenham gostado.

– Dan vai voltar com vocês? – pergunto, tentando soar casual.

– Não. Ele não te contou? – pergunta Elizabeth.

Jesse passa manteiga em uma torrada, coloca-a na minha mão e aponta para ela, mandando silenciosamente que eu coma.

– Contou o quê? – pergunto, antes de abocanhar uma das pontas da torrada.

– Ele vai ficar em Londres por um tempo – ela diz, enquanto corta a gordura do bacon do prato de meu pai.

Começo a tossir.

– Ele o quê?

– Vai ficar em Londres, querida!

Eu sabia que tinha ouvido bem. Olho para o outro lado do restaurante, onde Dan conversa com a tia Angela, sem, no entanto, escutar uma palavra do que ela diz. A atenção dele está toda em Kate.

– Por quê? – pergunto. – Achei que ele estivesse se preparando para expandir a escola de surfe e trabalhar nela. – Isso é uma má notícia.

Coloco a torrada no prato e Jesse a coloca de volta na minha mão imediatamente.

– Ele diz que não tem pressa, e não sou eu quem vai discutir isso – mamãe aceita mais café servido por Pete, que também me serve.

– Sem chocolate e sem açúcar – ele confirma, enquanto coloca a xícara na minha frente.

Sorrio pra ele e agradeço.

– Obrigada, Pete.

Coloco a torrada no prato outra vez, mas Jesse a recupera de novo.

– Coma – ele põe a torrada em minha mão livre.

– Eu não quero essa merda de torrada! – disparo de maneira rude, interrompendo a ação de todos na mesa.

– Ava, olha a boca! – Jesse recua e eu sinto o olhar chocado de mamãe e papai. Também estou chocada, mas não preciso que ele me alimente à força, assim como, definitivamente, não preciso de Dan por aqui para complicar uma situação que já está complicada. Qual é o jogo dele? Não sou tão ingênua a ponto de pensar que ele vai ficar por causa de sua antipatia por Jesse e preocupação comigo.

Ignoro o olhar incrédulo de Jesse e a expressão pasma de meus pais e me levanto da mesa.

– Onde é que você vai? – Jesse se levanta comigo. – Ava, sente-se. – Seu tom é de

advertência, mesmo na presença de meus pais, mas, a essa altura, eu já devia saber que ele está pouco se importando com o local onde está ou com quem está presente. Ele se enfurece comigo ou me cobre de carinhos onde e quando quiser. Meus pais não vão impedi-lo.

– Sente-se e tome o seu café, Jesse – eu passo por ele, mas ele agarra meu braço.

– Como é? – ele ri.

Eu olho bem nos olhos dele.

– Eu disse “sente-se e tome seu café”.

– Sim, foi o que pensei – ele me põe sentada e coloca a torrada na minha mão. Em seguida, inclina-se e diz ao meu ouvido: – Ava, esta não é a hora nem o lugar para você começar a resolver suas diferenças. Tenha um pouco de respeito pelos seus pais – ele toca o meu joelho e acaricia a parte interna de minha coxa nua. – Gosto desse vestido – ele, finalmente, sussurra.

Dou um sorriso doce para os meus pais, que já voltaram a tomar café. Como ele tem coragem? Ter respeito por meus pais? Aperto os dentes quando ele passa os dedos pela borda da minha calcinha e sopra na minha orelha. Ele estava perdendo a batalha; então, me satura com seu toque para recuperar o poder. Maldito. Aperto as coxas uma contra a outra e pego o café com as mãos trêmulas, enquanto ele continua a me incendiar com seu hálito quente na minha orelha, e meus pais continuam comendo, felizes e contentes. Eles já passaram um bom tempo conosco e já se acostumaram à necessidade de Jesse por contato físico constante.

Jesse se afasta e sua expressão é de satisfação. Sim, ele venceu por ora, mas apenas porque tem toda a razão. Não é a hora nem o lugar, especialmente na frente dos meus pais. Sei que Jesse também não gostou das novidades que minha mãe acabara de compartilhar. Meu marido e meu irmão não gostam um do outro, e é bom que eu me acostume com isso; já que sei que nenhum dos dois vai oferecer trégua.

– Jesse está certo, Ava – papai intervém, o que me admira. – Você deveria cuidar do seu linguajar.

– Jesse – mamãe concorda de pronto. – Não é um comportamento muito educado para uma mulher.

Nem preciso olhar para o meu marido para saber que ele está agora mais convencido, após receber o apoio de meus pais.

– Obrigado, Joseph – seu joelho bate no meu sob a mesa e eu retribuo da mesma forma.

– Então, quando será a lua de mel? – mamãe sorri para nós.

– Quando minha esposa permitir – Jesse responde, seco, olhando para a minha torrada. – Quando será, Ava?

Eu mordo outra ponta e encolho os ombros.

– Quando eu tiver tempo. Tenho muito o que resolver no trabalho e Jesse sabe disso – eu o acuso com os olhos e ele sorri. – Está rindo de quê? – pergunto.

– De você.

– Por quê?

– Estou rindo de tudo em você, da sua beleza, da sua espirituosidade, da sua necessidade de me deixar louco... – ele estica o braço e arruma meu diamante. – E do fato de você ser minha.

Minha visão periférica me permite ver mamãe exultante com o meu marido temperamental e empenhado em me cobrir de adoração.

– Oh, Joseph... – ela suspira. – Você se lembra de quando éramos assim tão apaixonados?

– Não, não me lembro – papai ri. – Vamos, quero ir embora – ele limpa a boca com o guardanapo e se levanta. – Vou ao banheiro e já pego as malas.

Elizabeth não responde, está ocupada demais sorrindo carinhosamente para nós.

Papai deixa o restaurante e eu volto minha atenção para Kate, que parece péssima. Sua pele clara está mais pálida que o normal e seus cabelos, de um vermelho vivo, estão opacos. Ela mexe em sua tigela de cereal matinal, enquanto Sam conversa animadamente com ela, parecendo alheio à sua aparência deprimida. Sei que ela está de ressaca, mas é evidente que seu mal-estar vai além da dor de cabeça e do estômago revirado. Sam não pode ser tão despercebido. Meus olhos saem de Sam e Kate e vão para o outro lado, pousando em Dan, que ainda olha incessantemente para ela.

– Você também percebeu? – Jesse me pergunta em voz baixa, quando nota a direção do meu olhar.

– Sim, mas fui aconselhada a cuidar da minha vida – respondo, sem tirar os olhos de Dan.

– Foi mesmo, mas eu não disse que você não poderia mandar seu irmão ficar na dele.

A surpresa me faz olhar para o perfil de Jesse, que me ignora e fica em pé quando minha mãe se levanta da mesa.

– Eu volto já para me despedir – ela ajeita a saia e deixa o recinto, acariciando o ombro de Kate ao passar por ela.

Minha amiga responde com um sorriso desanimado ao afago de mamãe e depois olha para mim, mas logo desvia o olhar para qualquer outro lugar. Dou um suspiro resignado e me pergunto o que direi para minha normalmente espetivada amiga. Ela está em um turbilhão de emoções, mas não consigo deixar de estar zangada com ela.

Lembro-me rapidamente do que Jesse disse agora há pouco.

– Você quer que eu diga para o meu irmão se afastar? – pergunto.

Ele me olha com cuidado, enquanto se senta.

– Acho que alguém tem que dizer. Não quero te aborrecer fazendo isso eu mesmo; então, talvez seja o caso de você conversar com ele.

Já tentei falar com Dan, mas as minhas palavras entraram por um ouvido e saíram pelo outro. Não vou dizer isso a Jesse, porque isso só o incentivaria a intervir.

– Vou falar com ele – deixo o que resta da torrada no prato. – E antes que você comece de novo, eu não estou com fome.

– Você precisa comer, querida – ele faz menção de pegar a torrada mais uma vez e eu dou um tapinha na mão dele.

– Não estou com fome – digo, enfatizando o tom de confiança na voz. – Podemos ir para casa agora?

Ele vira a mão e segura a minha com firmeza, olhando para mim.

– Podemos ir para casa agora. Vamos.

Depois de me despedir de meus pais, ignorar meu irmão e dizer a Kate que ligo para ela amanhã de manhã, embarco no DBS e sou levada de volta ao Lusso – o meu lar, o lugar onde Jesse e eu vamos morar como marido e mulher.

Abro a porta e saio do carro, dando um gritinho quando sou tirada do chão.

– Eu tenho pernas! – digo, rindo, abraçando-o pelo pescoço.

– E eu tenho braços, que foram feitos para te segurar – ele me beija suavemente nos lábios e fecha a porta do carro com o pé, antes de seguir para o hall do Lusso. – Vou te colocar na cama e não te deixar sair de lá até amanhã.

– Feito – concordo, torcendo para que ele esteja a fim de sexo selvagem. Eu não estou no espírito de sexo calmo e doce.

O *conciierge* tira minha atenção do rosto de Jesse, que para abruptamente e arregala os olhos.

Ahn?

Meus olhos também se arregalam: atrás do balcão, com o telefone no ouvido, há um homem e não é Clive. Com toda a certeza, não é Clive. Aperto os lábios e dou um sorriso secreto. Oh, isso vai ser motivo de um comportamento possessivo e destruidor. Fico em silêncio e avalio a situação, que, na verdade, não há muito em que ser avaliada.

Jesse está parado no meio do *hall*, o novo *conciierge* está ao telefone, e ambos se encaram. Então, os olhos do rapaz pousam em mim e eu quase caio na risada quando ouço um rosnado vindo de Jesse. Meu bom Deus, esse pobre homem vai ser pisoteado até não sobrar nada. Eu me agarro aos ombros de Jesse e espero que ele tome a iniciativa e se mova, mas ele está plantado no lugar.

– Onde está Clive? – ele pergunta ao novo funcionário, sem dar a mínima para o fato de ele estar falando ao telefone. Eu me remexo e tento descer do colo dele, mas Jesse só me olha feio e me segura com mais força. – Você fica exatamente onde está, Ava.

– Você está se comportando como um homem das cavernas.

– Cale a boca, Ava – ele volta os olhos verdes queimando de desprazer para o pobre jovem *conciierge*, que já terminou sua ligação. – O Clive. – Jesse insiste, seco. – Onde está ele?

O rapaz sai detrás do balcão e não consigo deixar de olhá-lo de cima a baixo. Ele é bonito: alto, magro, cabelos loiros vivos curtos e bem-cortados, e vivazes olhos castanhos. Está muito longe da beleza de Jesse, mas é um homem, e isso o torna uma ameaça, ao menos no mundo de Jesse.

– Eu trabalho com o Clive, senhor. Eu deveria ter começado nessa função algum tempo atrás – ele responde com cautela, no que faz muito bem –, mas assuntos pessoais atrasaram o início do meu trabalho aqui. – Ele dá alguns passos para a frente e estende a mão para Jesse: – Eu sou Casey, senhor. Ficarei feliz em assisti-lo em qualquer coisa que o senhor... bem, em que o senhor precise de assistência – ele muda de posição, constrangido.

Eu me contorço para me libertar, sentindo-me uma idiota presa no colo de meu senhor possessivo enquanto o novo *conciierge* se apresenta para nós. Ele parece doce e sincero, mas Jesse não me solta.

– Sr. Ward – Jesse diz, curto, ignorando a mão estendida de Casey.

– Prazer em conhecê-lo, Casey – eu lhe estendo a mão, mas Jesse dá um passo para trás. Oh, pelo amor de Deus! Eu olho para ele, que segue com os olhos fixos no jovem à nossa frente. Ele está sendo ridículo. Eu reforço um pouco mais a intenção de descer e dou um passo adiante, estendendo-lhe a mão outra vez. – Bem-vindo ao Lusso, Casey – digo com um sorriso e ele aperta a minha mão, discretamente. O coitado não voltará mais se eu não intervier. Clive tem estado aqui desde que os moradores vieram para cá. Ele não é mais uma criança e precisa

descansar.

– Obrigado, Ava. É um prazer conhecê-la, também – ele sorri, e é um sorriso bonito, mas não deixo passar o olhar cauteloso que ele lança por cima do meu ombro. – Oh, vocês são da cobertura?

– Sim, somos nós.

– A equipe da manutenção ligou para dizer que a porta da frente chegou da Itália.

– Isso é ótimo, obrigada.

– Peça que a instalem sem demora – Jesse rosna.

– O serviço já foi feito, senhor – Casey sorri com orgulho, pegando um molho de chaves no balcão e mostrando para nós.

Jesse o arranca da mão do rapaz, antes de virtualmente atirar a chave do carro nele.

– Traga as malas para cima – ele diz a Casey, enquanto me arrasta para o elevador, em estado de graça, e, como eu sabia que aconteceria, me empurra contra a parede de espelhos e me cobre. – Ele gosta de você – Jesse rosna.

– Você acha que todo mundo gosta de mim.

– Isso é porque gosta mesmo, mas você é minha – ele me beija com força e me abraça com firmeza, empurrando-me para cima, contra a parede, apenas com a pressão de seu corpo. Deliro. Esse não é o Jesse gentil. Esse é o Jesse poderoso, insistente e dominante, e eu me preparo para uma sessão de sexo que vai compensar toda a saudade que venho sentindo. Eu o abraço pelos ombros e o ataco com força igual, senão maior.

– Eu sou sua – digo, arfando, entre investidas de sua língua.

– Você não precisa me tranquilizar – sua mão desliza pela minha perna e me apalpa, deixando-me úmida e gerando uma pulsação em meu âmago. Eu preciso disso. Seu dedo atravessa a borda da minha calcinha de renda. – Molhada – ele ronrona em minha boca. – Só para mim. Você entendeu?

– Entendi. – meus músculos internos agarram seu dedo quando ele me penetra. – Mais – eu peço sem a menor vergonha. Eu preciso de mais.

Ele afasta a boca da minha e retira o dedo, voltando em seguida a me penetrar com dois.

– Assim? – ele me invade com mais força e mais profundamente. – Assim, Ava?

Minha cabeça pende para trás e toca o vidro, minha boca se abre e meus olhos se fecham.

– Assim...

– Ou você prefere meu pau entrando em você? – sua voz é sensual de uma maneira que me surpreende, um contraste para a sua abordagem delicada nas últimas semanas.

Se esse é o efeito que Casey vai causar no meu senhor, então espero que ele fique para sempre. Ele está me reivindicando e me lembrando a quem pertenço, não que eu precise de lembrete, mas aceitarei de bom grado. Volto a cabeça no lugar e vejo seus olhos verdes, antes de esticar o braço e abrir sua calça, enfiando minha mão por dentro de sua cueca e curvando os dedos sobre seu membro quente e pulsante.

– Você não respondeu à minha pergunta – Jesse respira fundo.

– Eu quero isto aqui – aperto a base e subo até a glândula. – Eu te quero dentro de mim.

Ele faz mais um círculo com os dedos e depois os retira, para me pegar nos braços. Minhas pernas o enlaçam pela cintura e minhas mãos se entrelaçam em sua nuca.

– Eu sabia que você era uma garota sensata – a porta do elevador se abre, eu sou carregada

para o *hall* de entrada da cobertura, onde a porta é aberta sem demora e nós vamos rapidamente para o alto da escada, em direção à suíte máster. – Você me deixa desesperado, Ava – ele me coloca sentada na beirada da cama e tira meu vestido em um movimento ágil, para, em seguida, tirar a camiseta, os tênis, o jeans e a cueca *boxer* branca. Ele está mesmo desesperado, e eu fico mais deliciada ainda com isso. Ele vai me comer.

Jesse me empurra na cama e tira minha calcinha e meu sutiã com a mesma rapidez com que se despiu. Ele trabalha com urgência, mas ainda não me parece rápido o bastante. Minha impaciência é minha ruína. Isso e sua gloriosa nudez diante de mim. Preciso tocá-lo. Sento-me novamente, acaricio seu traseiro duro com ambas as mãos e o puxo para mim, de forma que ele fique em pé entre as minhas pernas abertas, seu abdômen no nível dos meus olhos. Eu o beijo ali e faço uma trilha com os lábios por sua cicatriz, que não me impressiona mais. É uma imperfeição importante, um desvio na perfeição de seu corpo, mas que só o deixa mais perfeito para mim. Meu perfeito Adônis imperfeito. Meu Deus. Meu marido.

Sinto seus dedos se embrenharem pelos meus cabelos e meus olhos se fixam na firmeza de seus músculos abdominais, depois nos peitorais, antes de chegarem aos seus olhos cheios de... amor. Não é voracidade nem necessidade carnal. É amor.

Ele não vai me comer, ele vai fazer amor comigo, o que é muito bom, mas eu estou desesperada por sua ferocidade, desesperada para que ele pare de me tratar como se eu pudesse quebrar. Minhas mãos descem por seu tórax e se posicionam no V perfeito de seus quadris. Eu o beijo novamente sobre o estômago e sigo acariciando-o para cima, ficando em pé e subindo até sentir seu pescoço; então puxo-o para os meus lábios. Subo no colo dele com graça e prendo-me em sua cintura. Sinto seu braço me envolver, segurando-me, enquanto aceita minha necessidade do contato de nossas bocas.

Do contato forte de nossas bocas.

Do contato intenso de nossas bocas.

Do contato total de nossas bocas.

Ele não me deita na cama, mas me leva para o banheiro. Lá, senta-se na *chaise longue* e me deixa em pé, na sua frente. E olha para mim.

– Precisamos fazer as pazes – Jesse me puxa para baixo e minha boca se choca contra a dele. – Ninguém jamais vai me impedir de ter você, Ava – ele diz, em meio à colisão de nossos lábios e da batalha de línguas.

– Que bom – eu puxo seus cabelos, tentando trazer à tona seus instintos selvagens, os traços que amo tanto quanto o Jesse gentil. Ele sabe o que eu quero e preciso nesse momento, ele sabe muito bem e ele vai me dar.

– Minha garota quer uma pegada mais forte – ele recua, e quem rosna dessa vez sou eu.

Ele me encara, arfando e suando, também querendo uma sessão de sexo selvagem. Posso ver em seu olhar. Seus olhos estão fervendo, as pupilas, dilatadas, em desespero. Eu o deixo desesperado.

Jesse me puxa para baixo, gentilmente, e se sustenta em posição ereta, pronto para me penetrar, mas eu me reteso, impedindo-o de apoderar-se de mim. Posso estar desesperada por ele, mas ainda tenho de manter a cabeça no lugar, como tenho feito nessas últimas semanas. Ele não está usando camisinha e, a julgar pelo puxão mais insistente em meu braço, sabe exatamente por que estou me segurando.

– Jesse... – minha falta de fôlego entrega totalmente o desejo que sinto.

– Ava, eu vou te possuir agora e você não vai me deter com pedidos bobos – ele me puxa para baixo de uma vez e sela nossos lábios, usando a boca com determinação.

Eu não tento resistir e, realmente, não quero. Essa é provavelmente a transa intensa pela qual tenho esperado.

Ele mantém nossos lábios unidos e se ajeita para deslizar para dentro em um movimento certo. Minhas pernas naturalmente se enlaçam na cintura dele e travam-se pelos tornozelos, unindo-nos ainda mais.

– Oh, meu Deus – ele ofega na minha boca. – Perfeita.

Perfeita mesmo. Eu sou imediatamente lembrada da sensação única de não ter barreiras entre nós. Pele com pele. Eu nele. Estou arfando em seu ombro e cravando as unhas em seus bíceps.

– Mexa-se – exijo. – Por favor, mexa-se.

– No devido tempo, menina. Deixe-me sentir você por um momento – ele diz, pegando minhas mãos e colocando-as em torno do seu pescoço, onde meus dedos naturalmente se enfiam em seus cabelos e os puxam de leve. Então, suas mãos grandes descem por meus seios e pousam na minha cintura. Ele me deixa imóvel. Os únicos sons no recinto são os da nossa respiração pesada. Sons ofegantes. Desesperados.

Apertando mais minha cintura, ele me ergue com um gemido profundo, antes de me deixar descer sobre ele outra vez. Meus olhos se fecham de pura satisfação e suspiro, tirando as mãos dos cabelos dele para apalpar seu peito firme. Depois, deleito-me em seus músculos sólidos e tensos, toda essa impecável dureza diante dos meus olhos, gritando para ser tocada, implorando para que eu sinta sua perfeição. Minhas mãos insaciáveis o acariciam por inteiro e se demoram em seus peitorais, enquanto sou empalada, lenta e meticulosamente.

– Não venha me dizer que isso não é bom – ele geme. – Nem tente me dizer que não é assim que devemos ficar – ele faz círculos com os quadris, sempre buscando me satisfazer. – Nunca.

– Não goze dentro de mim – digo, pois posso estar maravilhada com sua potência, mas uma pequena parte de mim ainda se mantém consciente.

– Não me diga o que fazer com o seu corpo, Ava. Beije-me.

Ele me cega com suas palavras sensuais e seu poder sobre mim, e meu corpo se recusa a negar-lhe qualquer coisa. Ele tem o poder, e sabe disso. Minha boca cola na dele, assim como meu corpo, em um convite claro para que me tome como quiser. Ele recua com a cabeça, para manter nossas bocas em contato, enquanto me ergue e baixa mais uma vez. Solto um gemido alto dentro de sua boca – uma sedutora e grave mensagem de submissão. Não estou pensando direito. Minha mente está embotada por sua energia, por seu *timing* perfeito e pelas investidas de seus quadris, levando-me ao êxtase.

Sigo gemendo enquanto subo e desço sobre ele seguidas vezes. A pressão que ele exerce em minhas mais profundas entranhas são o prazer personificado.

– Você é tão gostoso – digo, ofegante. – Jesse, quero que você me coma – preciso de mais força.

– Olha a boca, Ava – vem a bronca. – Assim. Vamos ficar assim – ele fecha os olhos e enrijece ao meu toque.

Está sendo suave demais e eu preciso de um ataque brutal. Preciso que ele me pegue com vontade. Há semanas que as nossas transas têm sido assim... suaves... e sei bem o motivo.

– Por que está sendo tão gentil comigo? – eu o acaricio com o rosto, beijando e chupando o pescoço dele.

– Sexo sonolento – ele geme.

– Mas eu não quero sexo sonolento – digo, sabendo que não vai surtir o efeito desejado. Sim, eu vou gozar, vou gemer de prazer e tremer sobre ele, mas quero mesmo é gritar quando chegar ao orgasmo. Preciso que ele me agarre, não que me acaricie. – Me fode, Jesse!

Ele respira fundo e eu me forço para baixo, com força.

– Olha a boca, Ava! Jesus!

– Sim! – confirmo minha intenção e me levanto, baixando-me determinada.

– Ava! – ele me segura. – Não!

Posso senti-lo latejando dentro de mim, seu peito se expandindo contra o meu. Estou ofegando em seu pescoço, com os punhos cerrados em seus cabelos. Eu o abraço ainda mais.

– Pare de me tratar como se eu fosse de vidro!

– Mas pra mim você é, Ava. Delicada.

– Não vou quebrar. Se não quebrei duas semanas atrás, não vou quebrar agora. – Tento me erguer, preciso de movimento, mas ele está me segurando. Essa é mais uma razão por que torço para não estar grávida. Não suporto isso. Levanto a cabeça e olho nos olhos dele.

– Mais forte. Preciso que você me penetre com mais força.

Ele balança a cabeça, negativamente.

– Suave, querida...

– Por quê? – pergunto. Será que ele vai admitir o que já sei?

– Porque não quero te machucar – ele sussurra.

Tento manter a calma. Não quer *me* machucar ou não quer machucar o bebê que ele pensa que existe, mas que pode nem existir?

– Você vai me machucar – sinto-o relaxar ligeiramente e aproveito a oportunidade para me levantar e sentar sobre seu membro, com um grito de satisfação. Ele também grita. Sei que ele quer me penetrar com muito mais força, que quer ser mais brutal e possessivo, mas não o faz, e isso está me deixando louca.

– Caramba! – ele berra. – Puta merda, Ava! Não faça isso!

– Então, faça você! – Seguro seu rosto entre as mãos e o beijo com voracidade. Se eu me mantiver resoluta, posso convencê-lo. – Possua-me! – ordeno, deslizando minha boca por sua face.

Quando meus lábios voltam para a sua boca, ele os captura e sua língua me invade, frenética e urgente. Eu estou quase vencendo.

Em uma manobra maliciosa, afasto os quadris, deixando-os cair sobre ele outra vez, incitando um grito seco.

– É gostoso, não é? Diga que está gostoso.

– Por Deus, Ava, não faça isso!

Eu subo e desço com mais força, mais intensamente.

– Hmm, como é bom! – digo, sabendo que o estou enlouquecendo. Sei que é isso o que ele quer, porque, se não quisesse, já teria me impedido de continuar. – Preciso de você.

Essas palavras são seu ponto fraco, como eu sabia que seriam. Ele solta um brado frustrado e assume o controle, apertando minha cintura e fazendo-me cavalgá-lo.

– Assim? – ele grita, quase com raiva, e sei que é porque não consegue resistir a mim.

– Sim! – eu grito também.

Ele se levanta de repente, com minhas pernas ainda firmes em torno de si, e caminha para o outro lado do banheiro, empurrando-me contra a parede.

– Você quer sexo selvagem, é?

– Quero... Quero que você me foda sim – eu berro, em frenesi, apertando o laço de minhas pernas e agarrando seus cabelos.

– Caramba, Ava, pare com os palavrões! – ele se afasta e depois se enterra em mim com toda a força, uma vez e outra e mais outra. Meus gritos de satisfação ecoando pelo ar. – Está melhor assim? – ele vocifera, penetrando-me profundamente. – Foi você quem pediu, Ava. Assim está melhor? – ele está fora de si.

Estou presa contra a parede, recebendo seu ataque feroz e querendo muito mais. Tive duas semanas de Jesse doce e já foi o bastante, mas não posso reclamar. Faço força para ir de encontro a cada uma de suas estocadas, sinalizando para ele que quero ainda mais forte. Quero muito mais selvageria.

– Responda, Ava!

– Mais forte! – grito, puxando os cabelos dele.

Seus quadris movimentam-se repetidamente, e ele me penetra com ritmo e vigor surpreendentes. Vou ao delírio a cada uma de suas possantes investidas. Preciso compensar as duas semanas de suavidade e cuidado.

Meu ventre começa a queimar e eu sou tomada por um orgasmo que vem à tona tão rapidamente que nem me dá a chance de me preparar. Eu explodo e fecho os olhos bem apertados, a cabeça pendendo para trás e um grito desesperado saindo de mim.

– Ainda não acabei, Ava – ele ofega, mudando a posição das mãos sob minhas coxas e avançando novamente.

Nem eu. Aquele orgasmo me deixou tonta, mas há outro a caminho, auxiliado por sua potência incessante. Busco seus lábios e o beijo com volúpia, apertando o enlace de minhas pernas a ponto de doer e baixando os quadris a cada subida dos dele, nossos gritos colidindo entre as bocas.

– Assim! – solto a cabeça para trás. – Oh, meu Deus!

– Olhe para mim! – ele ordena.

Obedeço imediatamente e aperto mais seus cabelos quando ele para, arfando e suando. O fogo em meu ventre diminui na hora, mas logo ele rosna e recua um pouco, o que me faz pensar que devo me preparar para mais força. E ele vem, mais poderoso que nunca. Minhas costas batem contra a parede e eu grito ainda mais uma vez, mas ele não me dá tempo para me recompor. Ele repete todo o movimento, recuando e depois me invadindo com determinação. Ele perdeu completamente o controle. Posso esperar todo o seu poderio. Ajeito meus punhos em seus cabelos e tento flexionar as pernas, dando-lhe o acesso que seu corpo demanda.

– Forte o bastante para você, Ava? – mais um berro, acompanhado de outra estocada pesada.

– Sim! – berro em resposta. Eu não sonharia parar com isso.

Ele está impiedoso. Penetra-me repetidas vezes, com mais violência a cada uma delas. Minha mente está turva e meu corpo mole... Estou nas nuvens de tanto prazer. Então, sinto minhas costas saírem da parede e sou levada para o quarto. Ele praticamente me joga em cima da cama e me coloca de quatro, antes de ficar em pé atrás de mim e agarrar meus quadris. Aí, me penetra de novo com uma investida ainda mais brutal e um urro frenético, puxando-me para ele a cada avanço de seu corpo. Meu rosto se enfia nos lençóis e minhas mãos se agarram ao tecido. Estou suando sem parar. Estou ensopada.

– Jesse! – grito o nome dele em delírio e deleite.

– Foi você quem pediu, Ava. Agora não reclame – ele me arrebatava outra vez, com muito mais força. Ele está liberando toda a sua energia animal acumulada, uma energia que ele vinha reprimindo há tempo demais. Ele perdeu mesmo o controle, e parte de mim se pergunta se ele estaria fazendo isso de propósito, tentando me chocar, para que eu, por medo, queira voltar ao sexo sonolento. Se esse é seu plano, está falhando miseravelmente, pois meu corpo precisa disso. Eu preciso disso.

Trago minha mente pervertida de volta ao momento presente e me concentro em aceitar seu poder. Eu o aceito, assim como aceito o violento acúmulo de pressão dentro de mim, pronta para detonar. Isso vai fazer minha cabeça explodir.

– Mais forte! – berro, agarrando-me aos lençóis.

– Ava! – seus dedos apertam meus quadris, mas o domínio dele em minha área mais sensível não me incomoda em nada nesse momento. Estou ocupada demais com o orgasmo lancinante que se aproxima.

E então ele chega, pegando-me de surpresa outra vez e lançando-me em órbita de tanto prazer. Eu grito e ele também. Depois, desabo sobre a cama, com Jesse em cima de mim, seu corpo cobrindo totalmente o meu. Sua respiração pesa em meu ouvido, e nossos corpos suados se contorcem, quentes e ofegantes. Sinto-me plena. Estou absolutamente exausta, mas muito melhor. Somos nós outra vez.

Ele grunhe e seus quadris fazem círculos profundos. O fogo de seu gozo me ataca e me recompõe. Eu tive saudade disso.

– Obrigada – digo, buscando ar, fechando os olhos e encontrando imenso conforto em seus batimentos cardíacos fortes e frenéticos nas minhas costas. Nem sequer consigo ter forças para me preocupar com o fato de ele ter gozado dentro de mim. Isso, agora, não importa.

Ele não diz nada. O único som na suíte máster colossal é o da nossa respiração errática, ruidosa, pesada e satisfeita. Então, ele se afasta de mim, e a falta de seu calor cobrindo meu corpo faz com que eu me vire imediatamente para ver o que está acontecendo. Ele caminha para longe, com as mãos na cabeça, e fico olhando seu corpo nu seguindo para o banheiro. Ainda luto para estabilizar meu coração e meu fôlego, mas, em vez de me sentir saciada e feliz, sinto-me insegura e culpada. Eu o fiz perder o autocontrole. Eu o provoquei e o mandei para além da tentação, e agora, ainda que tenha conseguido o que queria, sinto-me culpada. Ele vinha lutando para controlar a necessidade de comando que tem sobre o meu corpo, embora eu ache que deva me preocupar com o motivo disso acontecer. Eu sei por que ele está agindo assim, e isso deveria eliminar qualquer culpa minha, mas não está. Já aceitei que nunca vou entendê-lo totalmente. Já aceitei todos os seus defeitos e complicações. Entendo que são todos parte do homem a quem amo profundamente – um homem com quem compartilho uma conexão tão poderosa que nos

enlouquece, mas, também, uma intensidade que nos enfraquece.

Ele surge na porta do banheiro, ainda nu, molhado de suor e ainda com o peito expandindo com a força de sua respiração. Eu o encaro e ele também a mim.

Sento-me, trazendo os joelhos de encontro ao peito, sentindo-me pequena e constrangida. As coisas não deveriam ser assim entre nós.

– Tenho escondido as suas pílulas – ele aperta a mandíbula e tensiona os músculos do pescoço.

As palavras, ditas sem remorso ou arrependimento, me fazem arregalar os olhos e endireitar as costas. Seu rosto é impassível, e, embora eu já soubesse, estou perplexa. Ouvi-lo dizer em voz alta, confessar, faz meu coração bater ainda mais rápido.

– Eu disse que tenho escondido suas pílulas – ele parece zangado.

O assunto não pode mais ser ignorado. Minha cabeça foi arrancada de seu lugar embaixo da terra por essas palavras, e agora sinto-me exposta e furiosa. Posso sentir a raiva contida começando a ferver dentro de mim, forçando-se para fora. É como se uma panela de pressão tivesse ficado no fogo por semanas sem que eu tivesse conhecimento. Eu não tinha conhecimento, mas agora tenho. Sei que ele as vinha escondendo. Seu comportamento só reforça a minha conclusão, e, mesmo assim, não explodi antes porque, estupidamente, ignorei os fatos, como se tudo pudesse apenas desaparecer. Minha menstruação tem que descer até amanhã, e tenho certeza de que não virá. Este homem, meu marido louco, acaba de confessar, sem o menor pudor, que vem roubando minhas pílulas anticoncepcionais, e, agora, a minha negação se converte em fúria efervescente.

– Ava, pelo amor de Deus, mulher! – ele segura a cabeça com as mãos, frustrado. – Eu tenho roubado as suas malditas pílulas!

Eu pulo da cama.

Eu explodo.

Nem mesmo tento racionalizar, porque não há nada razoável nessa situação. Caminho até ele, que me observa com atenção, com cautela. Quando estou diante dele, dou-lhe um tapa no rosto. Minha mão parece queimar na hora, mas estou colérica demais para me concentrar na dor. Sua cabeça vira para o lado, seus olhos se baixam, ouço apenas nossa respiração instável, exceto que, agora, isso não me transmite satisfação, mas ira. Ele se vira para a frente, e antes que eu me dê conta do que estou fazendo, minha mão dispara de novo, mas dessa vez ele segura meu punho antes que o atinja. Eu me liberto e passo a socar seu peito com ambos os punhos, em uma onda de fúria. E ele deixa. Ele só fica ali, parado, e aceita meus golpes em seu tórax, minhas mãos que o atacam persistentemente, enquanto grito com ele. A força com que bato em sua estrutura alta e sólida é patética, e quando penso que posso desmaiar de exaustão, dou um passo para trás e perco o controle sobre minhas lágrimas e sobre meus próprios movimentos.

– Por quê? – grito para ele.

Ele não me toca ou vem até mim. Apenas permanece parado à porta, sem emoção alguma no rosto. Nem mesmo sua linha de expressão aparece, mas eu sei que deve estar preocupado e deve estar se esforçando para não tentar conter sua esposa transtornada.

– Você estava ignorando os fatos, Ava. Precisa tomar consciência disso – sua voz é suave e calma. – Eu precisava incentivar uma reação de você.

– Não quero saber por que você me contou. Eu já sabia! Quero saber por que você fez o que

fez?

Sua linha de expressão surge, assim como as mordidas no lábio. Não sei o que tanto ele tem de pensar. Nada vai diminuir o fato de que ele estragou tudo. Ele é insano e eu sou insana por ter ignorado isso por tanto tempo.

– Você me deixa louco – ele balança a cabeça. – Você me faz agir com loucura, Ava.

– Então a culpa é minha? – berro. – Minhas pílulas começaram a desaparecer poucos dias depois que você me possuiu – eu digo “possuiu” porque foi o que aconteceu. Ele me venceu, foi impossível escapar de sua determinação.

– Eu sei – ele baixa os olhos para o chão.

Ah, não! Ele vai ter de me encarar. Não vou deixar que desvie os olhos. Parto para cima dele outra vez e seguro seu queixo, forçando-o a levantar a cabeça, o que ele reluta em fazer.

– Você não pode fugir de suas razões para agir desse modo. Você achou que poderia ditar o rumo da minha vida, mas eu não quero um bebê! Este é o *meu* corpo! Você não toma decisões por mim! – os gritos fazem minha voz desafinar. – Diga-me, por que diabos você fez isso comigo?

– Porque eu queria te manter ao meu lado para sempre – ele sussurra. Solto o rosto dele e recuo.

– Você queria me aprisionar?

– Sim – ele baixa o olhar mais uma vez.

– Porque você sabia que eu fugiria quando descobrisse sobre seu trabalho e seu problema com o álcool?

– Sim – ele se recusa a olhar para mim.

– Mas eu voltei quando descobri sobre O Solar e o seu problema com a bebida, e, mesmo assim, você pegou as minhas pílulas quando eu as substituí. – Esse homem não faz sentido.

– Você não conhecia a minha história na época.

– Conheço, agora.

– Eu sei.

– Pare de dizer que sabe! – digo, movendo os braços diante dele e perdendo o controle outra vez.

Ele levanta os olhos, mas não olha nos meus. Seu olhar vagueia pelo quarto, olhando para tudo, exceto para mim. Está envergonhado.

– O que quer que eu diga? – ele pergunta, em voz baixa.

Não sei. Então, me viro e vou para o armário. Estou casada com ele há um dia e estou indo embora, mas não tenho a menor ideia do que fazer além disso. Pego meu jeans rasgado e começo a vesti-lo.

– O que está fazendo? – a voz dele está carregada com o medo que eu sabia que estaria. Ele nunca vai conseguir lidar com isso, mas, se ficar, eu também não conseguirei. De repente me dou conta disso.

Não respondo, mas concentro-me em pegar meu sutiã e minha camiseta, antes de pegar uma mala pequena.

– Ava, que diabos está fazendo? – ele tira a maleta da minha mão. – Você não vai me abandonar – seu tom fica entre uma ordem e uma súplica.

– Eu preciso de espaço – pego a maleta de volta e começo a jogar algumas peças de roupa

dentro dela.

– Espaço para quê? – ele agarra meu braço, mas eu me liberto com um movimento brusco.
– Ava, por favor.

– Por favor o quê? – pego minhas roupas com violência e as atiro para dentro da mala. Tenho de me concentrar nisso para não bater de novo em Jesse. Não consigo olhar para ele. Sei muito bem o que verei se o fizer.

Medo.

– Por favor, Ava, não vá embora.

– Já estou indo – eu me viro e passo por ele a caminho do banheiro, para pegar alguns itens de higiene. Ele não tenta me impedir, e sei por quê. É a mesma razão pela qual ele tem sido delicado comigo há semanas: porque ele pensa que estou grávida.

Sei que ele está atrás de mim, mas continuo pegando as minhas coisas e lutando contra a necessidade de soltar os cachorros, mas, ao mesmo tempo, lutando contra a necessidade de confortá-lo. Estou tão confusa.

– Ava, por favor, vamos conversar sobre isso.

Eu me viro para ele, pasma.

– Conversar?

Ele faz um meneio de cabeça.

– Por favor.

– O que há para conversar? Você agiu da maneira mais dissimulada possível. Nada que me diga poderá me fazer compreender isso. Não cabe a você tomar decisões como essa. Você não pode me controlar a esse ponto. É a minha vida!

– Mas você sabia que eu estava escondendo.

– Sim, sabia! Mas, talvez, por causa de toda a merda que vinha jogando em mim desde que nos conhecemos, eu não tenha considerado o quanto isso era grave. Isso é muito sério, Jesse, e você não tem como se safar. Querer ficar comigo não é o bastante. Isso não é algo que você pode decidir sozinho! – tento me acalmar, mas é uma batalha perdida. – E quanto a mim? – grito na cara dele. – E quanto ao que eu quero?

– Mas eu te amo.

Meus dedos apertam a maleta até ficarem dormentes. Estou mesmo enlouquecendo. Passo por ele e desço a escada rapidamente.

– Ava!

Eu o ignoro e sigo em frente. A raiva que borbulha dentro de mim me choca tanto quanto a Jesse. Isso já ultrapassa o controle. É imperdoável. Eu não quero um bebê.

– Ava, fique. Eu farei qualquer coisa – seus passos pesados me seguem de perto, mas ele está nu e, mesmo sabendo que ele não tem o menor pudor, sei que não sairia em público completamente nu.

Quando chego à porta, viro-me para olhar para ele.

– Você fará qualquer coisa?

– Sim. Você sabe que sim – seu rosto horrorizado quase me faz abraçá-lo. Mesmo agora, quando acaba de confessar ter roubado as minhas pílulas, é difícil para mim não me atirar em seus braços. Mas se eu deixar isso passar, estarei aceitando uma vida toda de manipulação. Não posso fazer isso. Precisamos de um tempo separados. Isso tudo é intenso demais, e talvez tivesse

sido melhor eu pensar bem antes de me casar com ele, mas agora é tarde. Posso ter cometido o pior erro de minha vida.

– Então dê-me um pouco de espaço.

E vou embora.

Capítulo 7



Kate não está em casa. Então eu entro e subo a escada em direção ao meu antigo quarto. Após ficar sentada por uma eternidade na cama e ignorar meu telefone tocando persistentemente “Angel”, do Massive Attack, finalmente me arrasto para o banheiro para tomar um longo banho.

Eu me ensaboo sob o jato quente, passando a esponja por todo o corpo sem pensar, mas me detendo quando chego ao meu ventre. Eu não sinto emoção nenhuma. Não há instinto maternal que me faça querer acariciar minha barriga. Nunca pensei em ser mãe. Sou muito jovem e tenho uma carreira promissora em que me concentrar. Essa decisão, que transformaria a minha vida, não pode ser tomada por outra pessoa. Ele não tinha o direito de fazer isso. Mas ele também não tinha o direito de me seduzir tão agressivamente, e, mesmo assim, o fez. Ele não tinha o direito de ditar o que eu visto, mas o faz. E não tinha o direito de tomar conta da minha vida com sua personalidade complicada, irracional e arrogante, mas tomou. E eu permiti. Bato de frente com ele em tantas coisas, mas ele quase sempre consegue o que quer. Mas não nisso. Isso é a loucura extrema. Ele nunca vai mudar. Não no que concerne a mim. Ele vai passar por cima da minha vida, e isso porque ele genuinamente não consegue deixar de ser assim. Eu já aprendi a aceitar muitas coisas no tocante a Jesse, mas percebo que não posso e não vou, de maneira alguma, aceitar isso.

Saio do chuveiro e me enxugo antes de cruzar o patamar da escada e voltar para o meu quarto. Olho para o meu telefone e vejo apenas uma chamada perdida desde que limpei o histórico de ligações. Isso me surpreende, mas logo o aparelho vibra em minha mão. É uma mensagem de texto.

Eu não consigo ficar sem você, Ava.

Dou um suspiro e balanço a cabeça devagar, mas não respondo, porque não sei o que dizer.

Nem me incomodo em secar os cabelos ou passar creme no corpo. Visto uma camiseta larga e calça de agasalho e me cubro com os lençóis frios de minha antiga cama. Ela é dura, irregular e não tem Jesse, mas estou só, que é como preciso estar nesse momento.

Acordo ao som de gritos muito altos. Está escuro. A única luz que entra vem do painel de vidro sobre a porta do meu quarto. Eu me levanto e caminho descalça pelo quarto, abrindo a porta em silêncio.

– Eu disse que acabou! – Kate grita. – Isso não vai nos levar a lugar algum!

Merda, eu não deveria estar escutando isso, mas minha curiosidade me vence. Posso ver as costas de Kate na sala, e rezo para que a outra pessoa com ela seja Dan. Mas não é. É Sam. Meu coração já dilacerado afunda mais um pouco por minha melhor amiga perturbada. Ela não sabe o que está fazendo.

– Kate, qual é! – a voz de Sam é suplicante e um pouco confusa, o que me diz que ele não faz ideia do motivo pelo qual Kate está dando um fim ao relacionamento dos dois.

Relacionamento parece uma palavra estranha para descrever o que se passa entre eles, mas, além de todas as brincadeiras, estilos de vida e falta de compromisso, há uma conexão que jamais vi Kate ter com um homem. Nem mesmo com meu irmão. Se eles conseguirem ultrapassar tudo o que se refere ao Solar, sei que serão perfeitos um para o outro. Eu poderia matar meu irmão. E poderia matar Kate por ser tão idiota.

– Vá embora, Sam – ela caminha a passos pesados para a cozinha, onde, obviamente, abre e bate todas as portas de armários e gabinetes que encontra pela frente. E Sam a segue.

– O que causou isso tudo? – ele pergunta. – O que mudou?

– Nada! – mais um tanto de ruídos e, em seguida, ela sai da cozinha e vai para a sala. Consigo ter um vislumbre de seu rosto, que não parece nada melhor do que hoje pela manhã. Seus cabelos ainda estão opacos e amarrados em um rabo de cavalo. Conheço essa expressão dela; é a cara que faz quando está sendo teimosa e contando mentira. Eu poderia esganar essa vaca estúpida. Agora, *quero* que Sam vá embora para eu poder despejar algumas verdades para essa cabeça-dura.

– Obviamente, algo aconteceu! – Sam quase ri, mas é um riso nervoso. Uma risada que indica clara preocupação e só confirma a minha teoria de que Sam gosta mesmo de Kate. E muito.

– Vá – ela dispara, grosseira.

– Não! Não vou enquanto você não me contar o que está acontecendo!

Não consigo vê-los, então, saio do quarto sem fazer barulho, censurando a mim mesma por ser tão intrometida, mas preciso escutar isso, porque estou tão intrigada quanto Sam. Acho que sei o motivo, o que esgota minha paciência já bem frágil.

– Eu não te devo explicação nenhuma.

Ele ri de verdade dessa vez.

– Ahn... sim, acho que deve.

Consigo ver Sam tentando manter Kate no lugar, mas a imbecil se contorce e se solta.

– Não devo nada. Nós estávamos apenas transando, nada além disso. Foi divertido enquanto durou, mas já cansou – suas palavras frias me magoam e fico imaginando o efeito que causaram em Sam.

Ele não diz nada, mas vejo que balança a cabeça ligeiramente.

– Divertido? – ele repete. – Foi só diversão?

– Sim. Mas não mais. Já curti tudo o que tinha para curtir com você.

Estou de boca aberta. Quando penso que ela não poderia ser mais fria. Ela está mesmo determinada. Sam se vira, e sei que está indo embora. Volto para o meu quarto lenta e silenciosamente, antes de fechar a porta. Eu não o culpo por ceder. Apesar do estilo de vida que ele escolheu e de ter levado Kate com ele, está perfeitamente claro que ele sente algo mais que

diversão por Kate. E sei que ela também.

Ouçoo o bater da porta de entrada e o inconfundível som dela chorando. Ela nunca chora. Estou furiosa com Kate, mas lamento por ela e por sua atitude idiota. O que ela está tentando provar? Não consigo deixar de pensar que nada disso estaria acontecendo se Dan não estivesse aqui.

Eu poderia ficar no meu quarto e deixá-la chorar, mas, em vez de deixá-la ter seu momento de dor em paz, saio do quarto e vou até a sala. Não vou permitir que mais tarde, quando eu perguntar o que houve, ela negue isso. Se eu testemunhar sua comoção, ela terá de admitir que, de fato, houve uma comoção. Não vou deixar que ela fuja desta vez.

Apoio-me no batente da porta da sala e observo por um bom tempo seus ombros tremerem e ela chorar sem parar. Meus instintos me dizem para ir até lá, sentar-me ao lado dela e abraçá-la, mas não o faço. Após uns dez minutos, ela limpa as lágrimas com rudeza e se levanta, virando-se e dando de cara comigo na porta. Como eu sabia que faria, Kate estampa uma expressão natural no rosto e tenta sorrir. É um insulto à minha inteligência e à nossa amizade.

– Oi! – ela diz, suprimindo um soluço.

– Tudo bem? – pergunto, sem sair da porta. Ela não vai passar por mim.

– Claro que sim. O que faz aqui? – ela arruma a camiseta, olhando para o próprio corpo para evitar olhar para mim.

– Meu carro está lá fora. Você não viu?

Ela ainda não olha para mim.

– Não. O que está fazendo aqui?

Eu ignoro a pergunta repetida. Não vou permitir que desvie o assunto para o meu problema. E o que eu diria a ela, de qualquer forma? Estou casada há menos de um dia e já estou na casa dela com uma mala. Isso deve ser um recorde para todos os demais casais.

– Você não deve ter notado, já que estava brigando com Sam. Agora ela olha para mim. Sabe que a peguei.

– Oh... – ela parece escapar baixinho, e então me insulta mais um pouco, abrindo um sorriso brilhante. – Quer um chá?

– Não – respondo, fria e sem nem um pouco de sua alegria. – Uma explicação até cairia bem – digo com as sobrelanceiras erguidas, em expectativa. Provavelmente, pareço uma mãe chata, mas não vou dar o braço a torcer. Ela não vai me enganar dessa vez.

Ela ri.

– Uma explicação para quê? – seu sorriso falha quando ela percebe o que acabou de dizer. Foi um convite para que eu diga tudo o que penso e, pelo olhar dela, Kate já está arrependida.

– Bem, podemos começar com a sua performance ontem à noite, com o meu irmão, e, depois, você pode tentar explicar por que terminou tudo com Sam.

– Não havia o que terminar.

– E quanto ao meu irmão?

– Não é da sua conta – ela tenta passar por mim, mas eu mudo de posição, bloqueando a passagem. – Sai da frente, Ava.

– Não. Você vai se sentar e conversar comigo. O que está havendo com você? Nós somos amigas. Sempre contamos tudo uma à outra – eu a pego pelo braço e a arrasto para o sofá, empurrando seu corpo relutante sobre o assento macio. – O que houve, Kate?

Ela se deixa cair, irritada.

– Nada.

– Ah, você está me deixando brava... – disparo. – Comece a falar, Kate Matthews.

Ela cai no choro e eu fico aliviada. Estava a ponto de dar-lhe um tapa por ser tão teimosa, mas agora estou com os braços em volta dela, enquanto ela chora com o rosto enterrado em meu peito. Não sei quanto a Kate, mas eu me sinto bem melhor assim sabendo que ela tem sentimentos.

Tento acalmá-la.

– Vamos começar por Sam.

– Eu te disse, era para ser só diversão – suas palavras saem trêmulas, com a respiração entrecortada.

– Era? – pergunto. – Então é mais que diversão?

– Sim... Não... Eu não sei! – ela parece tão confusa quanto eu.

O relacionamento de Sam e Kate não é ideal, mas mesmo com o Solar na equação, ainda acho que o que eles têm é mais saudável que o que ela tinha com Dan, por mais louco que pareça.

– Eu sabia que isso iria acontecer quando Dan chegasse – suspiro. Se eu estivesse falando com meu irmão, estaria gritando com ele agora. – Kate, você não pode se esquecer de todas as razões que levaram você e Dan a terminar o namoro.

– Eu sei. Nós fazemos mal um ao outro, mas a nossa conexão é incrível, Ava. Quando estamos juntos, nos conectamos tão bem.

– Você quer dizer no sexo? – eu faço uma careta. Não consigo pensar no meu irmão nesse sentido.

– Sim, mas em todo o resto nós somos um desastre.

– É verdade – concordo.

Já testemunhei discussões violentas, a necessidade incessante de um aborrecer o outro e o fluxo doentio da malfadada relação dos dois. Eles não se respeitavam, física ou mentalmente. Havia somente o sexo, e isso não compensava as falhas em outros aspectos do relacionamento, o que, no caso de Kate e Dan, significava todo o resto. À época, eu ignorava tudo isso, porque idealizava pensar em minha melhor amiga e meu irmão apaixonados. Entretanto, esse era o problema. Eles não se amavam. Era apenas paixão, desejo físico, e a maturidade tornou isso óbvio para mim.

Ela se ajeita no nosso abraço e se senta mais ereta, respirando algumas vezes para se acalmar.

– Eu odeio os homens – ela declara.

– Você não deveria, especialmente quando há um homem que move o mundo por você.

Ela me lança um olhar confuso.

– Sam?

Eu tenho vontade de bater nela por sua cegueira.

– Sim. Sam.

– Ava – ela ri –, Sam não move o mundo por mim. Eu é que faço o mundo girar para ele na cama.

– Quer dizer que vocês se conectam tão bem assim? – ergo as sobrancelhas para ela. –

Exceto que, com Sam, você também tem conexão mental.

Ela me olha feio, porque sabe que tenho razão.

– Era só diversão.

Desta vez, sou eu quem murcha no sofá, irritada.

– Você não tem jeito.

– Não, eu sou realista – ela discute. – Era só sexo.

– Então, por que diabos você estava chorando feito um bebê?

– Não sei – ela se levanta. – Eu me sinto péssima. Acho que extravasei as emoções. Quer chá?

– Sim – bufo, levantando-me para segui-la até a cozinha.

Ela pega duas canecas no armário.

– Por que está aqui, afinal?

A pergunta dela me pega no meio do movimento para me sentar na cadeira. Devo contar a ela que abandonei meu marido menos de um dia após fazermos nossos votos? Não vai bastar desviar do assunto, embora a forma como ela se esquivava tão bem das minhas perguntas me leve a pensar que não devo me preocupar em ofendê-la. Mas preciso de ajuda. Ela admite abertamente que gosta de Jesse e isso pode mudar drasticamente a opinião dela. Ainda que eu esteja zangada com ele, detesto passar adiante qualquer informação que possa levar meus familiares a questionar as atitudes dele e, conseqüentemente, as minhas. Questionar a minha sanidade.

Decido que quero que minha melhor amiga saiba disso. Mordo a isca.

– Lembra as minhas pilulas, que desapareciam assim, do nada?

Ele fecha a cara para mim, antes de colocar um saquinho de chá em cada caneca.

– Sim, você e sua vida ridiculamente desorganizada.

– Era o que eu pensava – digo e fico esperando que a ficha caia, mas Kate continua a preparar o chá, primeiro colocando água nas xícaras e, depois, leite. – De início, pelo menos.

Ela mexe o chá e traz as canecas para a mesa, sentando-se em uma das cadeiras descombinadas.

– De início? – seu olhar confuso me diz que ela não está mesmo seguindo o raciocínio. Talvez seja a ressaca.

– Jesse as vinha roubando – eu digo rapidamente, antes que mude de ideia e guarde a informação para mim.

– Ele o quê? – sua expressão confusa pesa acima da xícara com ar de desgosto.

– Ele vinha pegando as minhas pilulas e escondendo. Ele quer que eu engravide.

De olhos arregalados e boquiaberta, ela coloca a caneca sobre a mesa com cuidado.

– Ele te disse isso?

– Sim – suspiro –, embora eu meio que já soubesse.

– Mas você sabia que ele as estava pegando? Sabia disso quando as substituiu e as perdeu de novo?

– É... eu estava pensando em outras coisas.

– Por que ele faria isso? E vocês não usaram nenhum tipo de proteção?

– Não – murmuro envergonhada, preparando-me para um sermão por meu descuido. Fui mesmo muito imprudente, mas agora vou culpar Jesse por toda essa situação diabólica, e não

apenas por roubar meus contraceptivos. Sim, eu deveria obrigá-lo a usar proteção, mas me esquecia. Desculpa esfarrapada, mas eu me esquecia mesmo, e isso porque meu homem maluco sabia muito bem como me distrair.

Kate ainda está atônita, o que não me surpreende. A coisa toda é mesmo chocante.

– Se você sabia o tempo todo, por que não falou com ele sobre isso?

– Ele jamais admitiria, Kate. Ele é doido – respondo, pensando que provavelmente a louca sou eu. Louca por ser tão estúpida.

– Mas apenas com você – diz Kate.

– Sim, apenas comigo – bebo um gole do chá enquanto ela me observa, mas sem dizer nada. Deve estar pensando muita coisa.

– Por que você ignorou isso? – ela pergunta.

Eu temia que essa pergunta surgisse, mas a esperava, até porque estou me perguntando a mesma coisa.

– Não faço ideia – digo, frustrada. Não tenho sequer uma desculpa decente.

Kate balança a cabeça negativamente, o que me faz sentir ainda mais patética.

– Não te entendo, e certamente não entendo Jesse.

– Ele tinha medo de que eu o abandonasse – eu murmuro baixinho. Qual é a minha desculpa para ser tão embotada?

– Você se casou com ele! – ela ri. – Como pode, Ava? O que há de errado com aquele homem? Sei que ele é meio louco, mas...

– Meio? – eu zombo.

– É, está certo. Isso é dizer pouco, mas sempre achei tão bonitinho o jeito dele com você. Quanto ele te ama, se preocupa e te protege. Todo mundo sabe que o comportamento dele beira o irracional, mas a gente também sabe que ele nunca se apaixonou. Daí a roubar suas pílulas? Eu não achava que esse cara poderia me chocar mais, mas desta vez ele se superou.

– É verdade – pondero, mexendo meu chá em círculos lentos e cuidadosos.

– Então, se você sabia, e se ele sabia que você sabia, por que a bomba explodiu só agora?

– Ele pode ter conseguido seu intuito.

– Você está grávida? – Kate tosse, engasgada com o chá.

As palavras fazem o nó na minha garganta aumentar, e, antes que eu consiga me controlar, lágrimas correm pelo meu rosto. Solto a xícara sobre a mesa, cubro o rosto com as mãos e choro.

– Oh, merda! Meu Deus! – a cadeira de Kate se arrasta pelo chão da cozinha e logo depois sinto os braços dela em torno de mim. Ela diz palavras reconfortantes ao meu ouvido, como se eu fosse uma criança que levou um tombo e esfolou o joelho. Sinto-me tão estúpida de repente. Muito, muito estúpida. Estúpida por ignorar minhas suspeitas por tanto tempo, estúpida por não ter tomado uma atitude antes e estúpida por ter permitido que Jesse me distraísse, impedindo-me de fazer exatamente isso. E estúpida também por ter deixado passar, por me acomodar com a enormidade de suas ações.

– Minha menstruação precisa descer amanhã. Eu sei que não virá e Jesse também sabe – soluço, e Kate se afasta, indo até uma gaveta para pegar uma caixa de lenços de papel. – Tenho ignorado o fato, o que deixou Jesse frustrado, mas não estou pronta para isso, Kate, e agora estou furiosa comigo mesma e mais ainda com ele. Sei que deixo passar algumas coisas, mas isso já é

levar essa obsessão por controle longe demais. Não posso permitir que ele faça isso.

Ela me passa um lenço de papel e eu assoo o nariz, enquanto ela volta a se sentar ao meu lado.

– Concordo plenamente – ela diz, resoluta.

Mal acredito em quanto fico aliviada por ouvi-la dizer isso. Sei que ela tem carinho por Jesse e, em geral, não costuma se impressionar facilmente, nem mesmo com o jeito difícil do meu marido, mas isso a surpreendeu, e fico feliz que tenha surtido esse efeito.

– O que vai fazer? – ela pergunta. – Fazê-lo pagar por isso?

– Fazer um aborto – praticamente sussurro.

O queixo de Kate bate na mesa, o que não me ajuda.

– Kate, pode imaginar como ele vai me tratar se eu levar adiante uma gravidez? Ele já me sufoca, e eu gosto disso, até certo ponto, mas... grávida...

Ela recolhe o queixo.

– Meu Deus, Ava. Você vai mandá-lo para um manicômio.

– Não é uma razão boa o bastante – respondo, em voz baixa. Sei o que a minha decisão vai fazer com ele, mas ele não considerou o que suas ações fariam comigo. Não estou pronta para isso e ele não parou para pensar como eu me sentiria. – Não é só isso. Tenho uma carreira, tenho vinte e seis anos e não quero um bebê, Kate.

– Nem sei o que dizer.

– Diga apenas que estou agindo da maneira correta.

Ela balança um pouco a cabeça e eu lanço um olhar suplicante para seus olhos azuis. Preciso que ela compreenda.

– Está bem – ela diz, relutante.

Ela não acha que está tudo bem coisa nenhuma, mas sua intenção de não detonar meu sentimento de culpa já basta para mim. Já me sinto bastante culpada, mas não consigo ver outra forma de resolver isso. Não posso ter um bebê.

– Obrigada – sussurro, pegando a xícara de chá com as mãos trêmulas e bebendo um gole.

Capítulo 8



É segunda-feira. Acordei bem cedo e fui imediatamente ao banheiro para verificar a situação de minha menstruação. Claro que tudo estava limpo e seco, e então eu fiquei ali, chorando baixinho. Poderia esperar alguns dias, mas eu sempre fui como um relógio; então, acreditar que apenas estava atrasada seria adiar o inevitável. Eu preciso ir à doutora Monroe.

Saio na estação Green Park em direção ao Piccadilly e paro por um momento, para absorver a energia do fluxo de pessoas da hora do *rush*. Senti saudade disso. Senti falta do caos do metrô e de andar alguns quarteirões até meu escritório. Saudade das aglomerações, de ter que driblar pessoas e ouvir gente gritando e tentando falar ao telefone. Isso, somado ao ruído dos carros e dos ônibus, às buzinas impacientes e aos sininhos de bicicletas, me fez sorrir, mas só até eu levar um cutucão nas costas e ser xingada por interromper o trânsito de pedestres. Acordo do meu devaneio e volto a caminhar rumo a Berkeley Square.

– Bom dia, flor! – Patrick sai de seu escritório e vem para a minha mesa.

Eu me sento e giro a cadeira para olhar para ele.

– Bom dia! – preciso fingir uma alegria estupidamente exagerada.

Como sempre, ele se senta sobre a minha mesa, fazendo a madeira ranger e eu me encolher. Um dia ele ainda vai se estabacar no chão.

– Como vai a noiva? – ele aperta a minha bochecha com carinho e dá uma piscadela.

– Perfeita! – sorrio, rindo de mim mesma e da minha habilidade de escolher a pior palavra possível para descrever como realmente estou me sentindo. Poderia dizer “bem”, “indo”, “ótima”, mas não... Digo “perfeita”. Perfeitamente apavorada é como estou.

– Foi uma recepção maravilhosa. Obrigado.

– Oh, de nada – desconverso os elogios. – Onde estão todos? – pergunto, desesperada para falar de qualquer outra coisa que não seja a minha caótica cerimônia e, provavelmente, meu também caótico casamento.

– Sal está dando uma arrumadinha no armário de material de escritório e Tom e Victoria já deveriam estar aqui – ele fala, olhando para o relógio. – Van Der Haus... – ele volta a olhar para mim e esforço-me para parecer relaxada à menção do nome de meu cliente dinamarquês. – Ele já entrou em contato?

– Não – ligo meu computador e agito o mouse para clarear a tela. Não me sai da cabeça que eu tinha um ultimato marcado para hoje, que era o de contar ao meu chefe sobre a missão de vingança de Mikael, mas dado o atual estado das coisas e o fato de que deixei Jesse, acho que ele não vai me pressionar sobre esse caso. – Ele disse que iria me ligar assim que voltasse para a

Inglaterra.

– Tudo bem – Patrick se vira sobre a minha mesa. Um dia eu digo a ele que, pelo menos, fique parado em cima da mesa. – E há algo a comentar sobre os demais clientes? Os Kent, a srta. Quinn... o sr. Ward – ele ri da piadinha infame e, embora eu esteja tendo problemas com meu novo marido, sou grata por Patrick aceitar tão bem meu relacionamento com Jesse, se é que haverá relacionamento após os próximos dias.

– Todos ótimos. O projeto do sr. e da sra. Kent está a todo vapor, a reforma da srta. Quinn começa amanhã e o sr. Ward quer que eu aprove as camas para os novos quartos o mais rápido possível. Elas podem levar meses.

Patrick ri.

– Ava, minha flor, não precisa chamar seu marido de sr. Ward.

– Força do hábito – resmungo. Posso pensar em várias palavras para chamá-lo nesse momento.

– Você quer dizer aquelas adoráveis camas de treliça?

– Sim – retiro um esboço da gaveta e mostro a Patrick.

– Deslumbrante – ele diz – Aposto que vão custar um bom dinheiro.

Deslumbrante? Sim. Caro? Ridiculamente. Mas Patrick não conhece os benefícios dessas camas em um lugar como o Solar. Para o ursão de pelúcia que é meu chefe, o Solar ainda é um lindo *resort*.

– Ele pode pagar – dou de ombros e pego de volta o esboço que ele me devolve.

Estou calmamente guardando o desenho quando ouço um típico barulho de madeira se quebrando e, atônita, observo Patrick caindo no chão, com um olhar assustado. Finjo cara de espanto. Assim como eu, ele bem sabia que isso ainda iria acontecer. Meu colo está cheio de pedaços da minha mesa, e serei eternamente grata por minhas pernas não estarem embaixo dela. Se estivessem, estariam quebradas.

– Socorro! – Patrick grita, rolando pelos muitos pedaços de madeira quebrada e pelo material que estava sobre a mesa, incluindo o monitor de tela plana do meu micro. Não sei se me levanto para ajudá-lo ou se dou risada, mas meu corpo decide por mim, desencadeando um acesso de riso que eu me esforço para controlar, mas perco a batalha e solto uma gargalhada, depois outra, e fico ali parada, chorando de tanto rir. Não há chance de Patrick conseguir se levantar do chão sem ajuda, mas duvido que eu possa fazer isso. O riso me deixou fraca e ele deve pesar seis vezes mais do que eu.

– Desculpe! – digo, ainda rindo, mas recobrando o controle de meu corpo, que se contorce. – Venha – estendo a mão para Patrick, que estica o braço para pegá-la, num movimento que força os botões da camisa, que se soltam e voam pelo escritório, revelando sua enorme barriga. Resultado: volto a rir com força total.

– Diacho! – ele xinga, segurando a minha mão. – Mas que palhaçada é essa?!

– Meu Deus! – eu grito, dobrando-me ao meio para tentar não fazer xixi na calça. – Patrick, você está bem? – pergunto, mas sei que está. Ele não estaria rolando no chão nem xingando se estivesse gravemente machucado.

– Não, não estou nada bem. Dá pra você se controlar e me ajudar aqui? – ele puxa a minha mão.

– Desculpe! – não adianta. Estou, de fato, chorando de rir. Meu rosto, provavelmente, está

todo borrado, com lágrimas sujas de rímel escorrendo pelas bochechas. Me esforço para ajudá-lo a levantar-se do chão, tentando agir rápido para poder ir logo ao banheiro. E é o que faço quando, finalmente, o coloco de pé. – Com licença! – digo, ainda rindo, correndo para o banheiro das mulheres, passando por Sally e seu olhar aparvalhado ao lado do armário de material de escritório.

Quando termino de me recompor e de acalmar meu corpo, que estava em convulsões, e volto para o escritório, vejo que Tom e Victoria já chegaram e que Sally, de joelhos, tenta catar os milhões de cliques de papel e os botões da camisa de Patrick que estão no chão.

– O que houve? – Victoria sussurra.

– Minha mesa finalmente entregou os pontos – digo, sorrindo, e tento com todas as forças impedir que o ataque de riso recomece. Se recomeçar, não vou conseguir parar.

– E eu perdi isso?! – Tom berra, incrédulo. – Droga! – ele pendura a bolsa no encosto da cadeira. – Querida! Como vai a noiva?

– Ótima – respondo.

– Oh, sim! – Victoria junta-se à conversa. – Quando eu me casar, quero que seja tudo como no seu casamento, exceto talvez pelo clube de se...

Laço um olhar de alerta para minha colega cabeça de vento e ela se dá conta do erro que estava prestes a cometer e fecha a boca, saindo da sala imediatamente.

Ajoelho-me para ajudar Sally.

– Foi lindo, Ava – ela sonha acordada. – Você tem tanta sorte...

As palavras carinhosas de Sally só pioram minha melancolia, isso até meu telefone começar a tocar dentro da bolsa. Olho para ele ali, bem no meio do caos da minha mesa destruída. Não posso falar com ele. Surpreendo-me que ele tenha demorado tanto para me ligar, e mais ainda por não ter sido tão persistente ontem à noite. Esses sinais indicam apenas uma coisa: ele sabe que passou dos limites. Nem quero imaginar o que pode estar fazendo a si mesmo, além de dar voltas e mais voltas pelos Royal Parks.

Sal para para mim em expectativa, mas eu apenas sorrio e continuo calmamente pegando os cliques e colocando-os em um potinho. Só então me dou conta de que, com tanta coisa pra pegar no chão, estamos ali, Sally e eu, catando cliques.

– Já vou ligar para ele – digo a ela, enquanto penso em quão terapêutico pode ser catar cliques no chão.

Quando terminamos, Sally se levanta e vai para a cozinha fazer café e eu me dirijo ao escritório de Patrick. Bato na porta e enfio a cabeça para dentro. Ele está sentado à sua mesa, com o rosto vermelho, penteando os cabelos.

– Você está bem, Patrick? – pergunto, mordendo furiosamente o lábio assim que vejo seu paletó abotoado para esconder camisa sem botões e a barriga de fora.

– Sim, sim, estou bem – ele bufa, guardando o pente no bolso interno do paletó. – Acho que Irene vai ver esse incidente como um sinal para eu perder peso – ele sorri, fazendo com que eu me sinta bem melhor por ter rido dele, e eu sorrio de volta. – Fico feliz por ter alegrado seu dia, flor.

– Desculpe, mas você devia ouvir a mesa ranger toda vez que se sentava nela.

– Sim, eu ouvia. Maldita mesa barata!

– É verdade – concordo, com uma expressão séria, mesmo sabendo que não havia nada de

barato naquela mesa. – Quer um café?

– Não – ele resmunga. – Preciso ir para casa trocar de roupa.

– Está bem – saio do escritório dele e volto para a minha pilha de madeira, vasculhando os escombros até encontrar minha bolsa. Localizo meu telefone, limpo o histórico da chamada perdida de Jesse e depois ligo para o consultório da minha médica.

– Ele está bem? – Tom pergunta rindo, seguido por Victoria.

– Sim, mas não riam quando ele sair para ir para casa trocar a camisa, que estourou – digo, sorrindo.

– Estouraram os botões da camisa? – Victoria ri, jogando-se no encosto da cadeira.

Tom olha para Victoria e gargalha com ela.

– Mas que droga! O que eu não daria pra ver essa cena!

Consigo conter o riso e me enfio no armário de suprimentos quando minha chamada é atendida. Após passar pela recepcionista cão de guarda, consigo marcar uma consulta para as quatro da tarde.

O dia passa rápido, com algumas poucas ligações do meu senhor. As ligações eram esperadas, mas o que me surpreendeu foi a falta de persistência. Ele não ligou para o escritório, não apareceu aqui e não ligou até eu ter que desligar o celular. Não sei se devo ficar satisfeita por ele ter aceitado meu pedido por um pouco de espaço ou preocupada que ele esteja respeitando tal pedido, o que é um comportamento tão diferente do seu normal. Já faz vinte e quatro horas que o vi pela última vez, e estaria mentindo se dissesse que não sinto saudade dele, mas preciso superar isso. Preciso me manter firme, e a única maneira de assegurar que isso aconteça é não vê-lo nem falar com ele. É assustador o que ele consegue fazer comigo mesmo quando estou determinada, e é normalmente com seu toque, portanto, sim, a distância é essencial.

Pego a minha bolsa e me levanto da mesa improvisada, que, por acaso, é uma prancheta de desenho que tínhamos guardada lá nos fundos.

– Estou indo embora. Vejo vocês amanhã – digo, enquanto passo pelos meus três colegas. – Já falei com Patrick – não quero dizer para onde vou, porque isso vai suscitar mais perguntas. Privacidade nesse escritório é um luxo.

Um coro de despedidas me segue e eu fecho a porta atrás de mim, seguindo para o metrô. “Angel” começa a tocar quando me aproximo da estação, mas deixo o telefone na bolsa. Não preciso pensar nele no lugar para onde vou, mas é difícil quando a música favorita dele, a que o faz lembrar-se de mim, ecoa tão alto, mesmo nas profundezas da minha bolsa. O toque para por um segundo, mas logo recomeça. Ignoro, concentrando minha atenção na estação que se aproxima.

Dou um salto para trás, assustada, quando um “muro” alto, magro e de olhos verdes aparece na minha frente. Minha mão toca meu peito esquerdo, e sinto meu coração disparar. Estou arfando. Em seguida, pergunto irritada:

– O que está fazendo? – pergunto, sem rodeios.

– Você não atendia o telefone – ele aponta para a minha bolsa. – Talvez não o tenha ouvido tocar.

Olho para cima e me deparo com um olhar de acusação. Ele sabe muito bem que eu ouvi

perfeitamente.

– Você estava me seguindo – também posso acusá-lo.

– Para onde vai? – ele chega mais perto, mas eu recuo. Não posso deixar que me toque. E para onde é que eu estou indo, mesmo?

– Um cliente – disparo.

– Eu te levo.

– Já te disse que preciso de espaço, Jesse – estou ciente dos demais pedestres tendo que desviar de nós, alguns xingando, alguns olhando feio, mas não me importo, e muito menos Jesse. Ele tem os olhos fixos em mim e está absolutamente espetacular de terno cinza e camisa azul.

– De quanto espaço precisa e por quanto tempo? Eu me casei com você no sábado e você me deixou no domingo – ele toca meu ombro e depois desliza a mão pelo meu braço até pegar a minha mão. Como sempre, eu me arrepio toda e um tremor reverbera pelo meu corpo inteiro. Observo-o, enquanto ele olha para as nossas mãos unidas, seus dedos se entrelaçando lentamente com os meus, enquanto ele morde o lábio. – Está difícil, Ava. – Seus vítreos olhos verdes me estudam. – Está muito difícil ficar sem você, Ava.

Meu coração se parte por este homem diante de mim, e tenho de fechar os olhos e lutar desesperadamente contra o meu instinto natural de dar um passo à frente e abraçá-lo. Se ele não consegue o que quer com várias transas de nomes e níveis diversos ou uma contagem regressiva ao estilo Jesse, ele me arruína com palavras arrasadoras. Não seria tão ruim se eu não soubesse que cada sílaba é verdadeira.

Ele está acabando comigo outra vez.

– Preciso ir. – Eu me odeio por deixá-lo assim. Faço menção de me virar, certa de que ele vai me segurar, mas ele solta a minha mão e estou livre para me afastar, pasma e bastante preocupada.

– Ava, por favor, farei qualquer coisa. Por favor, não me deixe – sua voz suplicante me faz parar imediatamente, e a dor me dilacera. Ainda estou tão brava com ele. – Deixe-me pelo menos te levar. Não quero que pegue o metrô. Apenas dez minutos, é tudo o que eu peço.

– Vou mais rápido de metrô – digo em um fio de voz, em meio às hordas que passam por nós, virando-me para olhar para ele.

– Mas quero te levar.

– Não chegaríamos a tempo com o trôn... – eu paro quando me ocorre que, com Jesse dirigindo, chegaríamos a tempo, sim. E ele, claramente, está pensando a mesma coisa que eu, porque ergue uma das sobrancelhas.

Não posso lhe contar para onde estou indo, ele vai ter uma convulsão. Quebro a cabeça pensando na única opção possível, e decido pedir a ele que me deixe em uma rua próxima ao consultório. Há algumas casas na mesma área e ele não vai saber a diferença. Suspiro.

– Onde está o seu carro?

O alívio que surge em seu rosto é óbvio, o que só enfatiza a minha culpa, mesmo que eu não consiga entender por que me sinto culpada. Vejo-o esticar o braço, gentilmente pegar a minha mão e, em seguida, conduzir-me lentamente para o estacionamento de um hotel, onde o manobrista lhe entrega a chave. Ele só me solta quando chegamos ao carro, para que eu possa entrar.

Saindo para o Piccadilly, ele dirige respeitando pedestres e outros motoristas, além de trocar

de marcha e de faixa com delicadeza. Seu estilo de guiar combina com seu humor: suave.

– Para onde vou? – ele pergunta, enquanto liga o som do carro e “Islands”, do The XX, começa a soar pelos alto-falantes. Até a música é passiva e doce.

Tento me lembrar do nome de alguma rua próxima ao consultório e apenas uma vem à mente.

– Luxemburg Gardens, em Hammersmith – digo, olhando pela janela.

– Está bem – ele responde baixinho. Sei que ele está olhando para mim. Eu deveria encará-lo e exigir que me desse explicações melhores, mas meu desânimo não me permite. Espero que não confunda isso com submissão. Não vou ceder nesse caso. Só preciso ir ao consultório, sem Jesse, e remediar minha terrível situação.

Ele entra na Luxemburg Gardens e segue em baixa velocidade pela rua de três faixas.

– Aqui está bom – indico um lugar à esquerda e ele para o carro. Agora, rezo para ele não ficar me esperando. – Obrigada – eu abro a porta.

– Não por isso – ele murmura. Sei que, se eu me virar e olhar para ele, verei as engrenagens em sua mente girando a mil por hora e uma expressão de preocupação em seu rosto bonito, então não olho. Apenas desço do carro. – Você janta comigo essa noite? – ele pergunta, rápido, como se soubesse que seu tempo está acabando.

Respiro fundo e me volto para o carro.

– Você me pediu dez minutos e eu os dei. Você não disse nada – deixo para trás seu rosto magoado e sigo pela rua, mas paro abruptamente assim que me dou conta de que não há casa de cliente na qual entrar. Preciso voltar pelo menos alguns metros e não posso fazer isso com Jesse me olhando do carro. Abro a bolsa e finjo estar procurando algo, enquanto rezo para que ele vá embora. Fico aguardando ouvir o rugido, ou talvez o ronronar, do DBS e depois do que parece uma eternidade, o som finalmente chega aos meus ouvidos. É um ronronar. Olho por cima do ombro e vejo seu carro desaparecer rua abaixo, antes de voltar para a direção de onde viemos. Estou enjoada, credito isso ao nervosismo. Não sei como abordar isso. Após numerosas visitas à médica da família, em busca de pílulas para substituir as perdidas e de sermões a cada vez que vinha aqui, vou ter de encarar um inquérito e uma conversa ainda mais dura sobre o meu descuido. Ela vai pensar que gosto de ser punida. E, provavelmente, acho que gosto mesmo.

Eu me anuncio e pego uma revista na mesa da sala de espera e passo vinte minutos fingindo que leio. Estou incomodada e fico puxando a roupa, como se isso ajudasse a baixar a temperatura do corpo. Estou passando mal, e o enjoo só piora quando, como um presságio, encontro um artigo sobre os prós e os contras de fazer um aborto. Uma risada histérica escapa de meus lábios.

– Achou alguma coisa engraçada?

Fico paralisada na cadeira quando o ligeiro sotaque irlandês de Jesse me invade, fazendo-me fechar a revista na mesma hora.

– Você me seguiu? – pergunto, abismada demais para encará-lo.

– Você mente muito mal, baby – ele afirma categoricamente, mas com suavidade. E tem razão, sou péssima nisso, mas preciso melhorar se decidir ficar com esse homem. Se decidir ficar com ele? Cheguei a pensar mesmo nessa possibilidade? – Vai me contar por que está num

consultório médico e por que mentiu para mim sobre isso? – ele pousa a mão em meu joelho nu e o acaricia enquanto me observa atentamente.

Atiro a revista sobre a mesa. Não há como escapar desse homem.

– É só um *check-up* – murmuro olhando para o meu joelho, tentando me livrar do toque dele.

– Um *check-up*? – seu tom se altera significativamente. Ele abandonou o ar doce e calmo. Há uma ponta de raiva nele.

Sinto sua mão me apertar. Ele não pode mandar em mim nisso.

– Sim.

– Não acha que deveríamos estar fazendo isso juntos? – ele pergunta.

Juntos? A estupefação me faz olhar fixa e furiosamente para ele e encontrar aqueles olhos verdes cheios de curiosidade. Ficamos nos encarando, enquanto ele suaviza a pressão de sua mão em meu joelho e eu puxo a perna para longe.

– Como a sua decisão de me fazer engravidar? Nós fizemos isso juntos?

– Não – ele responde em voz baixa, virando o rosto para o outro lado.

Encaro sua silhueta perfeita, pouco disposta a ceder, e também viro o rosto. Ele tem muita cara de pau... Meu desânimo passou e foi substituído pela raiva anterior, só que tremendamente amplificada.

– Você nem sequer consegue olhar para mim, não é? Sabe que o que fez foi errado, e eu estou rezando para não estar grávida, Jesse, porque eu não submeteria meu pior inimigo ao terror que você me faz passar, que dirá o meu bebê.

Quem me olha abismado agora é ele. Seus olhos se estreitam, seus cabelos começam a ficar úmidos nas têmporas, devido ao suor causado pelo estresse.

– Eu sei que você está grávida e sei como será.

– E como será? – digo sem nem tentar conter o riso.

Sua expressão fica mais suave e meu coração volta ao ritmo normal quando ele acaricia meu rosto. Meus lábios se abrem um pouco e ele passa o polegar sobre o inferior, roçando-o lentamente e acompanhando seu gesto com os olhos.

– Perfeito – ele sussurra, quando volta os olhos para os meus.

Nossos olhares permanecem fixos um no outro por algum tempo, mas o feitiço em que ele me mantém se quebra quando meu nome é chamado e sou trazida de volta para o lugar onde estou, lembrando-me do motivo que me trouxe até aqui. Minha raiva também volta rapidamente. Não seria perfeito. Talvez, para ele. Para mim, certamente seria uma tortura. Não vou por esse caminho. Levanto-me, o que automaticamente faz uma de suas mãos cair do meu joelho e a outra deixar o meu rosto. Para minha surpresa máxima, porém, Jesse rapidamente fica em pé. Oh, não! Ele não vai entrar comigo. Já vai ser constrangedor o bastante sem ele, que dirá com ele. A doutora Monroe, certamente, questionará meu pedido para abortar, e isso sem saber que estou casada. Seriam necessárias muitas explicações, e não quero ter de me explicar. De qualquer forma, se eu estiver grávida, prefiro que Jesse não saiba. Ele nunca me deixaria abortar. Nem quero pensar até onde iria para me impedir. Eu jamais conseguiria controlar a péssima mentirosa que sou, não com relação a algo assim importante. Não tenho escolha. É o único jeito.

– Não ouse! – vocifero, e ele recua. – Sente-se! – digo, apontando para a cadeira e olho para

ele com a expressão mais ameaçadora que consigo. É difícil. Sinto que vou vomitar a qualquer momento. Estou muito enjoada e febril.

Ele me surpreende outra vez ao sentar-se com cuidado, um pouco atordoado com a explosão. Viro-me e o deixo parecendo ter sido esbofeteado. Respiro profundamente para tomar coragem antes de entrar no consultório.

– Ava, que bom te ver! – A doutora Monroe é, provavelmente, uma das melhores pessoas que já conheci; cinquenta e poucos anos, um certo sobrepeso, talvez correspondente à meia-idade, e cabelos loiros bem-arrumados. E tem todo o tempo do mundo para você... Normalmente, pois não ficou muito animada quando apareci aqui pela terceira vez para repor minhas pílulas perdidas.

– É bom vê-la também, doutora – respondo nervosa, enquanto me sento na ponta da cadeira. Ela parece preocupada.

– Você está bem? Parece um pouco pálida.

– Estou bem, sim, apenas um pouco grudenta. Deve ser o calor – abano o rosto. – Aqui está muito quente.

– Tem certeza? – ela pergunta, genuinamente apreensiva.

Sinto meu queixo começar a tremer, o que apenas aumenta a preocupação evidente em suas feições roliças.

– Estou grávida! – disparo. – Sei que a senhora vai me dar uma bronca por causa das pílulas, mas não preciso disso, então, por favor, não faça eu me sentir ainda pior. Sei que sou uma tola.

A apreensão dela se transforma em compaixão imediatamente.

– Oh, Ava... – ela estende o braço e toca a minha mão, e eu sinto que poderia chorar mais e que sou mesmo uma tola incurável. – Aqui está – ela me oferece lenços de papel e eu assoo o nariz ruidosamente. – Quando é o prazo final para a sua menstruação?

– Hoje – respondo prontamente.

Ela arregala os olhos.

– Hoje? – ela pergunta, e eu faço que sim com a cabeça. – Ava, o que te faz ter tanta certeza? Sua menstruação pode atrasar alguns dias, assim como o pode adiantar.

– Acredite, eu sei – falo, soluçando. Não estou mais na fase da negação e vou encarar isso de frente. Minhas emoções estão em um turbilhão.

Ela franze o rosto e abre uma gaveta.

– Leve isto ao banheiro – ela diz, dando-me um teste de gravidez.

Quase pergunto se posso fazer o teste em seu consultório, mas, com a falta de um vaso sanitário, logo percebo o problema e saio da sala. Espio a sala de espera ao longo do corredor e vejo as costas de Jesse. Ele permanece sentado, mas está curvado para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça entre as mãos. Não me atenho ao seu óbvio desespero e sigo rápido para o banheiro, que fica do lado oposto ao consultório.

Cinco minutos depois, estou na presença da doutora e olhando para o teste, que está cuidadosamente posicionado do outro lado da mesa. Ela digita algo em seu teclado enquanto eu bato o pé freneticamente no chão. Prendo a respiração quando ela pega o teste, olhando brevemente para ele, antes de olhar para mim.

– Positivo – ela diz, simplesmente, virando-o para que eu possa vê-lo por mim mesma. Eu sabia que seria esse o resultado, mas a confirmação torna tudo mais real, assim como a magia e

a loucura que a notícia me traz nesse ponto de minha vida. No entanto, não consigo chorar.

– Eu quero fazer um aborto – digo com todas as letras, olhando direto nos olhos dela. – Pode, por favor, tomar as providências?

Ela murcha na cadeira.

– Ava, é claro que isso é uma decisão sua, mas é minha função te dar opções.

– Que são?

– Adoção, sustento. Há muitas mães solteiras por aí que dão conta do recado muito bem, e com a ajuda de seus pais, tenho certeza de que você teria total apoio.

Eu me encolho.

– Quero fazer um aborto – repito, ignorando todos os seus conselhos e a sua sinceridade. Ela tem toda razão. Meus pais cuidariam de mim, se eu fosse solteira. Mas eu sou casada.

– Certo – ela suspira. – Está bem, você precisará fazer uma ultrassonografia para sabermos quanto tempo você tem de gravidez – ela diz, retomando a digitação, enquanto eu me sinto pequena e estúpida. – Vou prescrever mais pílulas para que, quando terminar o processo, você garanta a sua proteção. No hospital, você receberá informações sobre os cuidados no pós-operatório e os efeitos colaterais.

– Obrigada – murmuro, pegando a receita da mão dela, mas ela não a solta imediatamente, e por isso eu olho para o rosto dela.

– Você sabe onde me encontrar, Ava – ela me olha interrogativamente, obviamente duvidando de minha decisão, então eu lhe dou um sorriso amarelo para reforçar a ideia de que estou bem, de que estou tomando a decisão certa.

– Obrigada – digo novamente, porque não sei mais o que dizer.

– Cuide-se, Ava.

Saio do consultório dela e me apoio na parede do lado de fora. Sinto-me um pouco pior de uma hora para outra.

– Ava! O que há? – Jesse está do meu lado em um segundo, sua voz cheia de pânico. Ele se inclina um pouco para ficar com os olhos no nível dos meus. – Meu Deus, Ava.

Começo a suar e um litro de saliva surge na minha boca. Vou vomitar. Atravesso o corredor o mais rápido possível rumo ao banheiro e então despejo todo o conteúdo do meu estômago no primeiro vaso que encontro. Apoio as mãos no assento e ignoro a compulsão de lavá-las imediatamente. A mão enorme e quente de Jesse acaricia minhas costas gentilmente e vai tirando meus cabelos do caminho enquanto eu golfo.

– Eu estou b... – meu estômago convulsiona outra vez e outra sessão de tortura começa. Agacho-me na frente do vaso, descansando a cabeça no braço. Por que chamam isso de enjoo matinal se ele ataca a qualquer hora do dia? Ouço a porta do banheiro se abrir.

– Oh, querida, quer que eu traga um copo d'água? – é a doutora Monroe. Se eu tivesse forças, ficaria preocupada com o fato de ela ver Jesse comigo no banheiro.

– Por favor – Jesse responde.

A porta se fecha e Jesse se agacha atrás de mim, aninhando-me em seus braços.

– Terminou? – ele pergunta, doce.

– Não sei – ainda me sinto mal.

– Tudo bem, podemos ficar aqui. Você está bem?

– Estou – digo, soberba.

Ele não diz nada. Apenas pega a água com a doutora Monroe quando ela volta e assegura-lhe de que eu estou em boas mãos. Não questiono. Sempre me sinto segura nos braços dele. Se não fosse o problema de ele ser tão enganador e dissimulado, seria perfeito. Seríamos perfeitos.

Ele continua agachado atrás de mim, segurando meus cabelos e me oferecendo água de vez em quando, enquanto eu me recomponho.

– Estou bem – eu digo a ele, limpando a boca com um o papel higiênico. Sei que não há mais o que sair. Sinto-me vazia.

– Venha – ele me ajuda a levantar e ajeita meus cabelos. – Quer mais um pouco d’água?

Pego o copo e vou para a pia lavar as mãos. Bebo um gole, faço um bochecho e cuspo para limpar a boca. Olho para o espelho e vejo Jesse atrás de mim. Ele parece preocupado. Passo as mãos nas bochechas e arrumo os cabelos.

– Deixe-me levá-la para casa – ele diz, aproximando-se.

– Jesse, estou bem, de verdade.

Ele chega mais perto e afaga meu rosto.

– Deixe-me cuidar de você.

Chego à súbita conclusão de que ele quer que eu precise dele. Ele se sente inútil e minha ausência, desde que fui embora, provavelmente só fez piorar a situação. Seria eu tão má de negar isso a ele?

– Estou bem – recuo e pego minha bolsa de onde a larguei.

– Você não está bem, Ava.

– Comi algo que não me fez bem, é só. – Minha mão coça ao lado do meu corpo.

– Pelo amor de Deus, Ava! Você está na porra de um consultório médico, então não diga que está tudo bem! – ele agarra os próprios cabelos e grita, enquanto se afasta de mim, frustrado.

– Eu não estou grávida – digo sem pensar, mas logo me dou conta de que, nesse caso, ele pode não me querer. Meu coração se aperta no peito. Estou enjoada de novo.

– O quê? – ele me encara com olhos chocados, o corpo trêmulo. Ele quer mesmo ter um filho comigo.

– Acabei de receber a confirmação, Jesse – digo, lutando contra meu reflexo natural, tentando manter as mãos quietas.

– Então, por que está vomitando o tempo todo?

– Eu estou com uma virose – é uma desculpa esfarrapada, mas, pela expressão indubitavelmente arrasada em seu rosto, ele acreditou em mim. – Você falhou. Eu estou menstruada.

Jesse não sabe o que dizer. Seu olhar se perde pelo banheiro e ele ainda treme. Meu medo aumenta de pensar em como reagirá à minha mentira. Estou confusa, exausta e de coração partido. Não ter um bebê significa não ter Jesse. Está tudo muito claro agora.

– Eu não estou nada contente com isso. Vou levá-la para casa, onde posso ficar de olho em você – ele pega a minha mão, mas eu a puxo de volta, atingida fisicamente pelo comentário. Não está contente? Quer ficar de olho em mim? Para quê? Certificar-se de que estou sangrando?

– Você nunca está feliz comigo – eu olho bem nos olhos dele. – Sempre faço alguma coisa para te aborrecer. Já pensou que talvez você pudesse ser mais feliz longe de mim?

– Não! – ele está horrorizado. – Só estou preocupado.

– Pois não fique. Eu estou bem – esbravejo, deixando o banheiro às pressas.

Saio do consultório direto para a farmácia em frente. Entrego a receita no balcão e olho para fora. Vejo Jesse andar de um lado para o outro, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça. Volto-me para o balcão da farmácia e percebo o balconista me dar uma olhada, antes de pegar o remédio na prateleira. Então, me dou conta de que tenho comprado muitas cartelas de anticoncepcional nesta farmácia ultimamente, e que o moço deve estar pensando que eu como os comprimidos. Problema dele, que pense o que quiser. Pego rapidamente a caixinha de comprimidos da mão dele e vou direto para o caixa.

Pago e saio rapidamente, apenas para dar de cara com o meu homem pensativo do lado de fora.

– O que é isso? – seus olhos estão fixos na sacola.

– Pílulas – sibilo. – Agora que sabemos que não estou grávida, quero que as coisas continuem assim.

Seus ombros caem e ele baixa a cabeça. Sinto-me extremamente culpada por sua reação à notícia, mas tenho de ignorá-la. Dou um passo para o lado, para me desviar dele e vou embora, com as pernas ligeiramente trêmulas e o coração batendo descompassado no peito.

– Você não vai voltar para casa, não é? – ele diz, em voz alta.

Engulo o nó na garganta e sigo em frente. Não, não vou voltar para casa, mas o plano era ficar fora por cinco dias, para não ser pega na mentira, e então cuidar das providências com o hospital, quando conseguir uma consulta. As palavras dele carregam um ar de finitude e, o mais preocupante, ele não ordena que eu fique com ele. Se eu tirar esse bebê de minha vida, parece cada vez mais óbvio que tirarei Jesse também, e pensar nisso é o bastante para eu ser dominada pelas minhas emoções. Uma vida sem Jesse?

Caminho com a brisa batendo no rosto molhado pelas lágrimas.

Capítulo 9



A sensação de vazio é inevitável. O sentimento de estar oca, desolada e miserável me arrasa, mas a culpa que me varreu não era esperada. Tento afastar uma lembrança ou outra dele diante de mim, parecendo derrotado, mas agora estou sendo consumida por elas, e estou furiosa por me sentir assim. A falta de pressa em conseguir uma consulta também mexe com a minha cabeça.

É sexta-feira. Quarto dia sem Jesse. Minha semana foi uma tortura sem fim, e sei que nunca vou melhorar. Meu coração está sendo destruído lentamente, a rachadura aumentando a cada dia, até o dia em que sei que deixará de funcionar. Já estou perto disso. O que mais me magoa, no entanto, é a falta de contato, que me faz querer saber se Jesse está se afogando em vodca, o que significa que, provavelmente, está se afogando em mulheres. Pulo da cadeira e corro para o banheiro, vomitando imediatamente, mas não creio que seja enjoo matinal, ou enjoo de qualquer hora do dia. Isso é luto.

– Ava, você devia ir para casa. Você não passou bem a semana inteira – a voz consternada de Sally parte da porta do cubículo. Fico ereta num instante e dou a descarga, antes de sair para lavar o rosto e as mãos.

– Virose estúpida – balbucio. Dou uma olhada para Sally e admiro sua saia lápis cinza e blusa preta. Ela se transformou mesmo. As saias largas e sem graça e blusa de gola alta são uma memória distante. Nunca perguntei, mas, a julgar pelas mudanças constantes no visual, eu diria que a vida amorosa dela vai muito bem. – Ainda está saindo com aquele cara da internet? – pergunto. Eu o chamaria pelo nome, mas não faço ideia de qual seja.

– Mick? – ela dá uma risadinha. – Sim, estou.

– E está indo bem? – eu viro de frente para ela e me apoio na pia, observando-a ajeitar a saia e depois o rabo de cavalo alto.

– Sim! – ela vibra, causando-me um sobressalto. – Ele é perfeito, Ava.

Eu dou um sorriso.

– O que ele faz?

– Ah, ele é um sei lá o que profissional. Nem tento compreender.

Dou risada.

– Que bom. – Eu já ia dizendo “seja você mesma”, mas acho que já é um pouco tarde para isso. Ela, certamente, já não é mais a antiga Sally. Então, ouço meu telefone gritar em minha mesa. – Com licença, Sal – deixo-a olhando-se no espelho, retocando o batom vermelho.

Aproximo-me da minha nova mesa em L, de madeira maciça, e ignoro a decepção que sinto por não estar ouvindo “Angel”, mas não há como ignorar minha exasperação quando vejo

que é Ruth Quinn, minha cansativa porém entusiasmada cliente, com quem passei tempo demais essa semana.

– Olá, Ruth.

– Ava, sua voz ainda está péssima.

Eu sei, e provavelmente a minha cara também.

– Estou me sentindo bem melhor, Ruth – isso porque acabei de esvaziar meu estômago outra vez.

– Que bom. Podemos nos ver? – ela não parece mais tão preocupada comigo.

– Algum problema? – pergunto, rezando para que não haja. Estou tentando levar esse projeto da maneira mais sossegada possível porque, embora Ruth pareça ser uma pessoa agradável, posso antever uma cliente complicada se as coisas não saírem exatamente como ela quer.

– Problema nenhum. Eu só queria esclarecer alguns detalhes.

– Podemos fazer isso por telefone – eu me adianto.

– Eu preferiria que fosse pessoalmente – ela me informa. Eu murcho na cadeira. É claro que ela prefere. Ela sempre prefere me ver. Sua conta, ao final da obra, será astronômica. Uma hora aqui, duas ali, e ela vai gastar mais com o meu tempo do que com a obra em si. – Hoje – ela completa.

Eu murcho mais ainda e solto um gemido. Não quero terminar minha semana de merda com Ruth Quinn. Eu praticamente comecei a semana com ela na terça-feira, depois tive um interlúdio na quarta-feira... Não vou terminar a semana com ela de jeito nenhum. De qualquer forma, são três da tarde. Ela acha que é minha única cliente? Normalmente, eu não me incomodaria, mas ela passa dez minutos esclarecendo o que já foi esclarecido e o restante do tempo me obrigando a tomar infundáveis xícaras de chá e tentando me convencer a sair com ela para beber alguma coisa.

– Ruth, hoje eu não posso mesmo.

– Não pode? – ela parece irritada.

– Que tal segunda-feira? – por que eu disse isso? Vou ter que começar minha semana com Ruth Quinn outra vez?

– Segunda-feira. Sim, pode ser na segunda-feira. Às onze horas está bom para você?

– Pode ser às onze, sim – viro as páginas de minha agenda e marco o horário para ela.

– Ótimo! – ela volta a ser a Ruth alegreinha. – Tem algo planejado para o fim de semana?

Paro de escrever, sentindo-me incomodada de repente. Não tenho nada marcado para o fim de semana, a não ser cuidar do meu coração partido, mas, antes de considerar com atenção o que dizer, eu disparo, sem pensar:

– Não, nada de mais.

– Ah, é? Nem eu – ela vai fazer de novo, eu sei que vai. – A gente devia sair para beber!

Minha testa bate na mesa. Ela não entende indiretas mesmo. Levanto a cabeça pesada.

– Na verdade, Ruth, eu disse que não era nada de mais, porque vou visitar meus pais na Cornualha. Não é nada de mais. Nada divertido, pelo menos, mas não estarei disponível.

Ela ri.

– Não deixe que seus pais te ouçam falar assim!

Eu me forço a rir com ela.

– Não vou deixar.
– Bem, tenha um bom fim de semana fazendo nada de divertido com seus pais e nos veremos na segunda.
– Obrigada, Ruth – eu desligo o telefone e olho para o relógio. Mais uma hora e estarei livre para fugir.

Arrasto meu corpo exausto para o alto da escada na casa de Kate e vou direto para a cozinha, abrindo a geladeira e dando de cara com uma garrafa de vinho. Fico olhando para ela não sei por quanto tempo. Meus olhos se fixam na maldita garrafa. É preciso o som de uma voz familiar para me fazer desviar os olhos, e eu me viro e vejo Kate, mas a voz familiar que chama a minha atenção não é a dela. Dan entra em seguida. Ambos com expressão de culpa.

– O que está acontecendo? – pergunto, batendo a porta da geladeira. Kate se encolhe, mas fica em silêncio. Meu irmão não.

– Não é da sua conta – ele retruca, vindo por trás de Kate e abraçando-a pela cintura, antes de beijá-la na bochecha. É a primeira vez que eu o vejo ou falo com ele desde o meu casamento, e não acho que essa será uma reunião feliz. Ele me olha com a expressão fechada e dispara: – Talvez *eu* deva perguntar o que está acontecendo. Por que você está aqui?

Congelo no lugar e arregalo os olhos para Kate, captando seu leve balançar de cabeça. Ela não contou nada a ele.

– Só dando uma passada por aqui depois do trabalho – volto os olhos para Dan. – Quando é que você volta para a Austrália?

– Não sei – ele encolhe os ombros, desconversando rapidamente. – Vou nessa.

– Tchau – disparo, virando-me para abrir a geladeira e pegar aquela garrafa de vinho. Isso não deveria estar acontecendo, dado meu estado atual, mas não consigo deixar de interferir. Kate vai entrar em uma encrenca e eu gosto menos do meu irmão a cada dia. Nunca pensei que ficaria feliz em vê-lo ir embora. Ignoro a despedida que acontece atrás de mim e concentro a atenção em servir-me de uma enorme taça de vinho.

Quando já estou na metade, ouço passos na escada e me viro para ver minha estúpida amiga ruiva.

– Você está completamente louca – agito a taça na direção dela.

– Provavelmente – ela resmunga, sentando-se em uma das cadeiras e pedindo um pouco de vinho. – Como está se sentindo?

– Bem! – pego outra taça e sirvo vinho para ela, passando a taça para o seu lado da mesa. – Você vai se meter numa bela encrenca.

Ela zomba e bebe um gole generoso.

– Ava, podemos avaliar a situação aqui? É você quem está casada há menos de uma semana, deixou seu marido e está grávida.

Encolho-me com a frieza dela, enquanto ela faz um gesto para a taça que seguro firmemente e eu, instantaneamente, fico na defensiva.

– Estou com poucas semanas. Algumas mulheres só descobrem aos três meses – estou tentando minimizar a culpa que ferve em minhas entranhas.

Ela se levanta, sobe na bancada e acende um cigarro.

– Uns drinques a mais não vão fazer mal. Não que faça diferença – ela diz, abrindo a janela da cozinha e pendurando o braço para o lado de fora.

– O que não faz diferença? – fecho o semblante e bebo mais um gole, relutante.

– Bem, você vai se livrar dele, não vai? – ela ergue as sobrancelhas claras para mim.

Suas palavras insensíveis atingem a minha consciência, mas não me impedem de beber mais vinho. Acho que estou negando, agora mais do que nunca.

– Sim – murmuro, encolhendo-me na cadeira, com os pensamentos em qualquer outro lugar.

– Certo! – o tom assertivo de Kate me tira de meus devaneios. – Então, vamos sair!

– Vamos? – digo. É a última coisa que quero fazer.

– Sim. Não vou deixar você se lamentar. Ele te ligou? – ela dá uma tragada no cigarro e me olha com expectativa.

Adoraria dizer que sim.

– Não.

Ela aperta os lábios, também achando tudo muito estranho.

– Tome um banho. Vamos beber um pouco em algum lugar sossegado – ela olha para a minha taça. – Não que faça diferença, eu acho.

– Também acho que não – balanço a cabeça. O tom *blasé* de minha amiga me consome por dentro. Ela suspira e atira a ponta do cigarro pela janela, antes de fechá-la e descer do balcão.

– Vamos lá, Ava, não saímos juntas há semanas. Apenas uma bebidinha e uma conversa, nada que envolva Jesse, Sam ou Dan, como nos velhos tempos, antes de todos esses homens se meterem entre nós.

Por velhos tempos, ela quer dizer pós-Matt e pré-Jesse.

Demos boas risadas naquelas quatro semanas, antes de o senhor do Solar entrar na minha vida e virá-la de cabeça para baixo.

– Está bem – eu me levanto. – Você tem razão. Tudo o que vou conseguir aqui é abrir espaço no cérebro para enfiar mais pensamentos ruins. Vou me arrumar.

– Fabuloso!

– Obrigada por não contar a Dan por que estou aqui.

Ela sorri e saímos da cozinha juntas para nos arrumarmos para o nosso drinque sossegado.

Ele está sempre em minha mente e eu tento ao máximo esquecê-lo, mas quando entramos no Baroque e a primeira pessoa que vejo é Jay, o leão de chácara, não consigo evitar. Ele me olha de modo estranho quando passo por ele, parando de conversar com seu colega, mas eu entro e sigo para o bar sem falar com ele, que me olha confuso.

– Vinho? – Kate pergunta, enquanto se esgueira entre dois outros frequentadores.

– Por favor – olho em volta do nosso bar favorito e imediatamente vejo Tom e Victoria. Não me sinto mal por não gostar de vê-los aqui. Toco no ombro de Kate que vira a cabeça de leve. – Você sabia que eles estariam aqui?

– Quem?

Faço um sinal com a cabeça na direção de meu amigo gay e de minha colega petulante e às vezes um pouco lenta, que vêm dançando até nós. Eles não têm ideia do que está acontecendo na minha vida.

– Barbie e Ken – brinco, seca. Posso ver, pelo jeito como Kate revira os olhos, que ela não

sabia.

– Adorei o vestido! – Tom elogia e me afaga a cintura.

Olho para o vestido preto de malha, justo, que peguei emprestado de Kate.

– Obrigada – pego a taça que Kate me passa por sobre o ombro. – Tudo bem? – pergunto a Victoria.

Ela ajeita os cabelos e os joga para trás do ombro.

– Sensacional.

Ah, é? Não está só bem ou ótima, mas sensacional?

– Isso é bom? – pergunto, desejando que ela pudesse passar um pouco de sua alegria para mim.

– Sim, é bom – ela ri.

– Ela está apaixonada outra vez! – Tom cutuca Victoria e ela o fuzila com os olhos.

– Não estou. E olha quem fala!

Tom olha para ela genuinamente pasmo e, pela primeira vez em dias, eu dou risada. Isso me faz bem. Kate se junta a nós, mas permanecemos ali, em pé, conversando ao lado do bar, que está lotado. Ele ainda flutua por minha mente, claro, mas minha astuta melhor amiga está fazendo um ótimo trabalho em me distrair por algum tempo.

Até quando olho para a frente e o vejo.

Meu coração não se acelera... ele para. Eu não o vejo desde segunda-feira e, se é que é possível, ele está mais devastador do que nunca. Percebo imediatamente que Jay ligou para ele e também sei que, provavelmente, serei arrastada para fora do bar, mas isso não me impede de correr os olhos por suas pernas dentro do jeans, depois por sua camisa branca, seu pescoço e finalmente para o seu rosto – um rosto que me faz delirar de prazer, ainda que esteja furiosa com ele. Ele não parece mal nem parece ter bebido. Ele está bem, saudável e mais espetacular que nunca. E todas as outras mulheres no bar pensam como eu. Elas já notaram esse homem de tirar o fôlego que caminha pelo local, algumas chegando a segui-lo. Seu jeito de andar chama a atenção. Os olhos brilhantes dele pousam em mim brevemente e meu coração volta a bater... muito, muito depressa. Seu rosto está impassível, e ele me dá alguns segundos de seu olhar, antes de lentamente desviá-los de mim, sem ao menos uma menção à minha presença, para ir até o balcão com um grupo de mulheres em seu encalço.

Fico arrasada, e minha mente engendra toda sorte de explicações para o seu sumiço nos últimos dias, tipo onde esteve, o que andou fazendo... Ele, claramente, não está sofrendo com a perda. Continua arrogante, confiante e absurdamente bonito, como no dia em que o conheci. Seus traços me são familiares, mas agora estão mais evidentes, e ele sabe do efeito que causa em mim e em todas as mulheres, que ficam babando aos seus pés.

Incerteza e um ciúme doentio me estrangulam, e continuo a olhar fixamente para ele, observando-o arrebatado as mulheres que o cercam com aquele rosto lindo, fazendo-as derreter.

Ah, sim, ali está ele, meu marido, parecendo ter acabado de aterrissar na Terra, vindo do planeta Perfeição. Meus olhos se estreitam quando vejo uma mulher de cabelos pretos e vestido vermelho acariciar o braço dele, e preciso me segurar fisicamente para não me aproximar e tirá-la de perto dele. Mas eu o deixo assim, embora ele não pareça nem um pouco incomodado. Dou risada. Ele precisa de mim, é? Parece, mesmo.

Me dou conta de que o nosso grupo está em silêncio, e então tiro os olhos do desgraçado do

meu marido e vejo Kate me olhando com atenção, Tom babando com as outras vagabundas e Victoria batendo os saltos dos sapatos ridículos no chão do bar, em um silêncio constrangedor. Balanço a cabeça, dou risada e bebo um bom gole do vinho que, até então, eu apenas bebericava. Olho de novo para ele, brevemente. Ele sabe que o estou observando. Se ele quer jogar, estou pronta, mas não vou aceitar menos que o melhor.

– Vamos dançar – eu viro o restante do vinho e bato com a taça no balcão, antes de me embrenhar pela massa de gente e chegar à pista de dança. Assim que me viro, percebo que fui seguida por meus três amigos fiéis.

Kate parece nervosa. Tento pegar a taça de vinho dela, mas ela a afasta de mim.

– Não seja idiota, Ava – ela me alerta, seriamente. – Você sabe que ainda está grávida.

Tento pensar numa resposta, mas nada me ocorre. Então, em um ato de pura estupidez, vou até o bar novamente, a passos pesados. Sei que ele está olhando para mim, assim como Kate, mas isso não me impede de pedir outra taça de vinho e beber de um único gole, antes de voltar para a pista.

– O que está tentando provar? – Kate grita para mim. – Porque, se está tentando provar que é uma imbecil, está conseguindo.

As palavras dela surtiriam algum efeito se o álcool já não estivesse entrando em ação. Não me importo.

Tom dá um gritinho e eu me distraio de minha amiga irritadinha. Ele vibra quando o DJ começa a tocar “Clubbed to Death”, de Rob D., e se joga em cima de mim.

– Pegue um apito, vista uma calça agarrada e me coloque no pódio! Ibiza!

Eu livro minha mente de todos os pensamentos sobre meu marido enfurecedor e deixo a música me levar, meu corpo entrando em sintonia com o ritmo, os braços para o alto e os olhos fechados. Estou em um mundo particular. Só o que sinto é a música alta e meu corpo no centro dele.

Estou perdida.

Entorpecida.

Arrasada.

Mas ele está por perto.

Posso senti-lo. Posso sentir seu cheiro de água fresca se aproximando e logo sinto seu toque. Meus braços baixam quando sinto suas mãos deslizando por meu ventre, seu sexo pressionando minhas costas, seu hálito quente em minha orelha. Estou cercada por ele e, ainda que eu saiba que deveria me afastar dele, não consigo. Minha mente em branco permanece em branco, e começo a me mover com ele, enquanto ele me beija o pescoço, seu membro duro se insinuando em minhas costas. Não há como evitar que minha cabeça deite para o lado para dar-lhe livre acesso. Meu pescoço está tenso, o que o torna mais sensível à sua língua firme, que sobe pela minha jugular até chegar à minha orelha, em sopros quentes, pesados e controlados. Não tenho como evitar. Gemo e empurro os quadris contra ele.

A música parece ficar mais alta e as suas mãos, mais atrevidas. Antes que eu me dê conta, estou sendo levada da pista de dança. Poderia tentar impedi-lo, mas não o faço. Eu o sigo, até que ele me conduz ao corredor que leva aos banheiros. Tudo à minha volta parece lento e turvo, e meu foco está apenas em suas costas largas diante de mim.

No final do corredor, vejo Jay, que nos observa. Jesse se vira, acena para ele e depois abre

a porta de um banheiro para deficientes e me empurra para dentro, trancando-a rapidamente atrás de nós. Um segundo depois, sou jogada contra a parede pela pressão do corpo dele. O volume da música aumenta. Olho para cima e vejo caixas de som penduradas no teto, mas meu rosto logo é puxado para baixo. Nossos olhos se encontram. Seus olhos verdes estão sombrios de desejo e seus lábios, entreabertos. Estou arfando. Ele pega meus punhos e os prende na parede com as mãos, ao lado da minha cabeça. Depois, aproxima-se e toma meu lábio inferior entre os dentes, mordendo-o e soltando-o lentamente. Perdi o controle das reações do meu corpo. Sinto um aperto no ventre, um reflexo da pulsação que corre por mim e vai direto para o meu sexo. Estou desesperada por ele, mas o lugar em que ele colocou as minhas mãos e a pressão de seu corpo no meu me impedem de mover qualquer coisa que não seja a cabeça. Então, busco a boca dele com a minha, mas ele se afasta. Está claro que isso vai acontecer nos termos dele, e minhas suspeitas se confirmam quando ele fica com os lábios a milímetros dos meus, mas fora do meu alcance. Seu hálito mentolado aquece meu rosto, mas ele logo recua. Quer me provocar. Estou esperando que pergunte se eu o quero, e eu estou mais do que pronta para dar minha a resposta.

– Me beije – digo com a voz rouca. Estou implorando, tenho plena ciência disso, mas não me importo. Quero e preciso dele em mim.

Seu rosto está absolutamente impassível quando reposiciona as mãos nos meus punhos, me aperta com mais força com o próprio corpo e, lentamente, aproxima o rosto de mim, com os olhos verdes penetrantes, e roça os lábios nos meus. Dou um gemido e tento capturar a sua boca, mas ele a afasta, ainda com o rosto sério, totalmente sob controle. Já eu estou a ponto de enlouquecer.

– Beije-me – eu ordeno, duramente.

Ele me ignora e une meus braços, segurando ambos os punhos com uma das mãos, enquanto, com a outra, toca o meu joelho com um dedo, delicadamente, iniciando uma trilha torturante que segue pela minha coxa, pelos quadris, pelas costelas, passando pelos seios e subindo lentamente, até espalmar a mão no meu pescoço, com o polegar pousado no vão da clavícula e os demais dedos na nuca.

Meu pulso está acelerado, meu coração palpita loucamente no peito e meus joelhos podem ceder a qualquer momento.

Durante todo o tempo, seus olhos inebriantes me perfuram. Eu poderia gritar de frustração, o que, sem dúvida, é o plano dele. Tento me aproximar outra vez, mas ele desvia os lábios dos meus e vai direto para o meu peito, baixa o decote do meu vestido com o queixo e cola a boca em meu seio. Ele está refazendo a sua marca.

Minha cabeça bate contra a parede e meus olhos se fecham de desolação. O pulsar contínuo entre minhas pernas é excruciante, e começo a temer que ele vá me deixar assim. Ele já fez mais que isso. Está usando sua técnica de rolo compressor em mim. Sei que não tem o menor direito de fazê-lo, mas não sou eu quem vai impedi-lo. Anseio por seu toque e, agora que ele começou, não quero que pare nunca mais.

Com a música tocando alto acima de nós, seria de se pensar que todos os demais sons seriam abafados, mas não. Minha respiração pesada é claramente audível. A de Jesse, no entanto, é lenta, curta e controlada. Ele está totalmente sob controle e calmo. Sabe perfeitamente o que está fazendo.

Estou prestes a gritar de frustração, mas ele me vira de frente para a parede e me empurra

contra os azulejos. Viro a cabeça para desgrudar a face na superfície fria e sinto o joelho dele se elevar, separando as minhas pernas. Ele toma minhas mãos e as espalma na parede brilhante. Não precisa verbalizar que quer que eu as mantenha ali. Suas ações firmes e o fato de ele afastar a mão lentamente deixam claro o que espera de mim. Isso e seus lábios ao meu ouvido. Quando suas mãos tocam o lado de fora das minhas coxas e seguram a barra do meu vestido, minha respiração perde o compasso e começo a tremer. Ele o levanta até minha cintura e, em seguida, ouço o zíper de sua calça se abrir. Impaciente, empurro os quadris para trás, convidativa, mas tudo o que consigo é uma palmada no traseiro, a dor instantânea na pele nua incitando um gritinho.

– Porra! – eu digo, arfando, o que me faz ganhar mais uma palmada. – Jesse! – viro o rosto para a parede, encostando a testa nos azulejos, meu hálito quente embaçando os ladrilhos negros e brilhantes.

Por quanto tempo ele vai fazer isso?

Por quanto tempo vai me fazer sofrer?

Nesse momento, ele puxa meus quadris para trás, empurra a calcinha de lado e me penetra de uma vez. Grito, surpreendida pela invasão súbita, mas ele, em silêncio, nem mesmo ofega ou treme. Ao contrário, recua, segura-se por um momento e depois me invade outra vez. Meu ventre se contorce, minha cabeça gira e minha testa rola de um lado a outro contra a parede. Não sei o que fazer. Outra estocada, rápida e forte, e eu grito, mas a música engole o som. Lentamente, ele se retira e sinto sua mão sair do meu quadril, deslizar pelo meu corpo, ir parar na nuca. Ele me faz virar a cabeça de lado e cola seus lábios nos meus. Gemo, aceitando sua boca decidida, e me delicio com a sensação familiar. Mal consigo aproveitar, é apenas uma provocação, uma amostra do que estou perdendo, antes que me deixe querendo mais.

Ele fica imóvel por alguns segundos, e então muda de posição e se afasta, antes de perder o controle. Sou puxada para trás, de encontro aos seus quadris várias vezes, cada golpe ajudando-me a chegar ao objetivo principal: a explosão máxima. E quando acho que estou quase lá, ele se retira e me vira de frente, erguendo-me para que eu enlace minhas pernas em sua cintura. Assim, ele me penetra outra vez e eu passo os braços em torno dele, rapidamente retomando meu orgasmo latente. Minha cabeça pende para trás e o calor de sua boca ataca meu pescoço, mordendo, chupando e lambendo. Começo a tremer com mais força quando as sensações que correm pelo meu corpo se unem e parecem se concentrar na ponta do meu clitóris. Grito antes mesmo de chegar ao clímax, mas a pressão só aumenta e me lança em um abismo de prazer inebriante e eu gozo, gritando ainda mais, e sei que ele está gozando também, embora permaneça quieto. Solto a cabeça para a frente e encontro um rosto úmido de suor, olhos vítreos e uma aparência séria e sem emoção. Isso me deixa completamente aturdida. Eu o seguro pelos cabelos e o puxo para mim, mas ele resiste, baixando as mãos para as minhas pernas e empurrando-as para longe de seu corpo. Fico em pé, relativamente estável, já que estou apoiada na parede, enquanto o observo. Ele coloca a mão na minha calcinha, umedecendo seus dedos, para, em seguida, os esfregar em meus seios, antes de secar o suor das têmporas, abotoar a calça, virar-se e sair.

Capítulo 10



Fico ali parada, em um silêncio aturdido, com a música me bombardando de maneira insuportável. Endireito-me e faço o melhor possível para me recompor de meu estado caótico, mas não adianta: estou péssima. Ele não disse uma palavra desde que me encontrou na pista de dança até me deixar sozinha no banheiro para deficientes de um bar, onde acabou de me comer. Ele não fez amor nem sexo selvagem. Ele comeu a própria esposa, como se fosse uma vagabunda que pegou em um bar. Estou magoada, e minhas incertezas estão ainda mais fortes que antes. O que eu faço agora?

Dou um pulo quando a porta se abre e Kate entra.

– Ai está você! Vamos embora!

– Por quê?

Ela está em pânico.

– Sam está aqui...

É isso?

– E você não consegue lidar com isso, não é?

–... e o seu irmão também – ela acrescenta, seca.

– Ah!

– É isso mesmo, “ah!”. Vamos – ela vai me pegando pela mão e me levando para fora do banheiro. – Onde está Jesse? – ela pergunta assim que saímos do bar.

Eu olho em volta e o vejo no balcão, um copo com um líquido transparente em uma das mãos e a outra... no traseiro de uma mulher.

Perco a cabeça.

Eu solto a mão de Kate e disparo em direção ao canalha do meu marido.

– Ei, Ava! Preciso ir embora! – Kate chama.

Eu a ignoro e abro caminho por entre as pessoas. Ele me vê, mas não mostra reação. Não parece culpado nem pego no flagra. E por que pareceria, se ele sabe que estou aqui, já que acabou de transar comigo e me marcar no banheiro, não é mesmo? Dou uma olhada para Sam, que parece mais preocupado que Jesse com a minha aproximação determinada.

A primeira coisa que faço ao chegar é pegar o copo da mão e virar num gole só. É água. Termino de engolir e atiro o copo no chão, com o som de vidro estilhaçado misturando-se ao volume da música e das pessoas conversando. Depois, viro-me para a mulher, que agora está com a mão no traseiro firme do meu senhor.

– Suma daqui! – grito na cara dela, tirando a sua mão do corpo do meu homem. Nem

preciso repetir o gesto, já que ela, sabiamente, retira as mãos de lá e, sem que eu tenha de repetir uma palavra sequer, arregala os olhos e se afasta, cautelosa. É, provavelmente, a coisa mais sensata que ela já fez na vida. Sinto-me capaz de matar. – Que diabos você está fazendo? – eu grito com ele.

Suas sobrançelas se erguem lentamente e um esboço de sorriso aparece no canto da sua boca. É a primeira demonstração de emoção que vejo nele desde que entrou no bar. Ele não diz nada, no entanto.

– Responda!

Ele balança a cabeça e me dá as costas, virando-se para o balcão e fazendo um sinal ao *bartender*. Ah, ele pediu por isso. Viro-me e vejo meus três amigos, mais Sam, Drew e meu irmão, todos parados, em um silêncio atônito. Também estou pasma, mas longe de ficar calada.

– Saiam! – grito e me embrenho por entre eles, seguindo de volta para a pista de dança. Não demoro muito para encontrar o que procuro, e recebo várias ofertas quando subo um pouco a barra do vestido. Porém, não vou fazer isso com qualquer um. Levo alguns para avaliar minhas opções e escolho um homem alto, moreno, de olhos azuis – um cara lindo. Nem sequer considero uma rejeição. Vou até ele e deixo que me olhe por alguns segundos antes de segurá-lo na nuca e puxá-lo para mim. Ele me aceita de bom grado e enfia a língua na minha boca sem hesitar, abraçando-me pela cintura. Censuro-me por pensar em quanto ele é bom, e logo nós encontramos um ritmo gostoso, até que de repente somos separados.

Abro os olhos e vejo meu parceiro de olhos azuis olhando feio para Jesse.

– Que porra é essa? – ele grita, incrédulo, no que Jesse responde, preparando o punho e acertando um murro bem no meio do rosto do rapaz.. E com força.

Observo, horrorizada, o nariz do homem se quebrar e sangue voar por todo lado. Mas isso não o detém, pois ele parte pra cima de Jesse, jogando-o no chão, e, então, uma sucessão de socos dá novo ritmo à pista, com gargantas sendo apertadas e pessoas recuando para dar espaço aos dois grandalhões que se engalfinham.

– Ava, o que é que tem na cabeça? – a voz furiosa de Sam ataca meus ouvidos e eu olho para cima, encontrando olhos que me acusam. Sinceramente, não sei o que eu tinha na cabeça. Acho que não estava pensando em nada. Só queria provocar.

Sigo o olhar de Sam para o chão no momento em que Jesse leva um soco bem dado na mandíbula. Encolho-me.

– Sam, por favor, faça-os parar – tudo o que vejo é a camisa branca de Jesse coberta de sangue e o rosto do outro destruído, o nariz visivelmente quebrado.

– Você está louca? – Sam ri.

Estou pronta para implorar quando Jesse fica de pé e arrasta o homem com ele, colocando-o contra a parede e dando-lhe uma joelhada nas costelas. O homem desaba no chão, com os braços em volta do tórax. Sinto-me péssima, não apenas por ver meu marido massageando o próprio rosto, mas também pelo completo estranho que eu escolhi e sujeitei a uma surra. O que há de errado comigo?

Sou empurrada de lado e Jay aparece. Ele avalia a situação e praticamente se atira sobre Jesse, para tirá-lo do bar. Dou um passo para trás e eles passam por mim, mas Jesse resiste ao segurança e me agarra.

– Vá para fora – ele rosna para mim.

Tenho plena consciência de que cometi um erro grave e, para não ter de encarar a fera que sei que verei lá fora, decido que minha melhor opção é ficar ali dentro. Tento me livrar de Jesse, que tenta se livrar de Jay.

Ouçõ o leão de chácara xingando os dois, enquanto se esforça para fazer o seu trabalho.

– Fora! – Jay grita, e, abruptamente, me ergue do chão, prendendo-me contra o peito. – Vou carregá-la para fora se você sair daqui! – ele diz para Jesse, aos berros.

Essa manobra funciona, mas não antes de Jesse dizer, ameaçador.

– Deixe as suas mãos onde estão.

Fora de mim, eu subitamente me dou conta de que Jay tem uma mão na minha cintura e a outra no meu braço, apertando-o. Eu me contorço.

– Tire as mãos de mim!

– Ward, como é que você aguenta isso? – Jay pergunta, saindo do bar.

Como é?

– Ela me deixa louco – Jesse responde e olha feio para mim, antes de voltar sua atenção para a mandíbula contundida, massageando-a. – Tome cuidado com ela.

Ele me põe no chão com delicadeza e balança a cabeça, desaprovando a minha atitude. Depois, aperta a mão de Jesse e nos deixa na calçada. Jesse e eu nos encaramos, e os outros saem correndo do bar, incluindo Dan. Não queria que ele visse isso.

– Vão embora vocês todos! – Jesse urra.

Dan dá um passo à frente.

– Acha que vou deixá-la com você? – ele ri.

Começo a rezar para que Dan cale a boca, porque, depois do que acabei de testemunhar, não há dúvida de que Jesse aniquilaria meu irmão. Viro-me para pedir ajuda a Kate, mas tudo o que vejo é minha amiga com os lábios apertados e os olhos passando de Jesse para Dan e vice-versa. Eles já viram Jesse em seu estado colérico e não vão ajudar.

Jesse me segura pelo cotovelo e olha para Dan.

– Você não vai se importar se eu levar minha esposa para casa – é uma afirmação, não uma pergunta.

– Na verdade, eu vou sim – Dan não vai recuar agora. Posso ver o brilho determinado em seus olhos escuros.

– Dan, está tudo bem. Eu estou bem. Pode ir – viro-me para olhar o restante do grupo. – Todos vocês, por favor, podem ir.

Ninguém que ser o primeiro a se mover para ir embora.

Jesse me segura com mais força.

– O que você acha que eu vou fazer? – ele brada. – Essa mulher é a minha vida!

Surpreendo-me diante de sua declaração feroz. Aliás, todos se surpreendem, inclusive Dan. Se eu sou a vida dele, onde foi que ele esteve nos últimos quatro dias? Por que me possuiu como se eu não fosse mais que um objeto? E por que estava com as mãos no traseiro daquela mulher? Arranco meu braço da mão dele e me afasto, lançando um olhar para Kate. Não sei bem por que faço isso. Um pedido de orientação, talvez, porque, pra dizer a verdade, não sei o que fazer. Ela balança discretamente a cabeça, como quem diz: “não faça nenhuma besteira”. Meu lado briguento grita para eu não deixar que ele mande em mim, mas meu lado racional pondera e me diz pra ficar na minha.

Com um olhar de encorajamento de Kate, vou até ela, enquanto baixo o vestido e, em um último e estúpido gesto de desafio, pego a taça de vinho dela e viro de um só gole.

– Ava! – ela tenta me impedir, mas estou decidida.

– Vejo você mais tarde – despeço-me e pego minha bolsa com ela, virando-me, em seguida, para Jesse. Sua expressão é de quem quer me repreender, mas não me importo nem um pouco. Tudo o que ele fez esta noite se repete em minha mente e, a cada *replay* mais irritada eu fico. Não tente me seguir.

Ele me olha, a fúria em seus olhos mais do que evidente. Espero que meu desgosto também esteja óbvio antes de passar por ele e usar toda a minha concentração para não cambalear. Eu não devia ter bebido tanto vinho, por mais de uma razão.

Desço da calçada para a rua sem olhar, pensando em chamar um táxi, mas nem sequer chego a levantar o braço.

– Não ande na rua! – ele ruge, jogando-me sobre o ombro. – Mulher idiota!

– Que merda, Jesse! Me ponha no chão! – ele me tira da rua e me leva de volta para a calçada.

– Não!

– Jesse, você está me machucando!

Ele me põe imediatamente no chão e logo eu tenho olhos verdes preocupados correndo pelo meu corpo.

– Você está machucada? Onde?

– Aqui! – grito na cara dele, batendo com a mão no peito.

Ele recua, mas em seguida imita o meu gesto, batendo no próprio peito sobre a camisa manchada de sangue.

– Bem-vinda ao clube, Ava! – ele berra.

O volume da voz dele me faz encolher no lugar, mas dou um giro incerto e saio caminhando para o outro lado.

– O carro está para cá – ele grita por trás de mim. Paro e cuidadosamente dou meia-volta e marcho na direção oposta. Não adianta tentar fugir. Estou bêbada e ele, resoluto. – Não gosto do seu vestido – ouço seu tom de desprezo atrás de mim.

– Eu gosto – retruco, sem parar.

– E por que será? – ele me alcança. Não é difícil. Estou embriagada e de salto alto.

Paro e me viro para ele.

– Porque eu sabia que você não ia gostar! – grito, atraindo a atenção dos transeuntes.

– Tem razão! – ele grita de volta.

– Que bom! É esse o único motivo para você estar bravo, ou é porque eu estou bêbada, ou porque eu beijei outro homem?

– Todas as respostas, mas beijar outro homem leva a medalha de ouro! – ele treme de raiva.

– Você estava com a mão na bunda de outra mulher!

– Eu sei! – ele me encara e eu o encaro também.

– Por quê? Estava cansado de ficar com uma mulher só? – estou histérica, e fico tensa, olhando em volta para ver quem ouviu a minha explosão. Fico aliviada por ver que meus amigos foram embora. Eu poderia ter escolhido repreendê-lo por sua possessividade ou ciúme, mas não.

Eu escolho seu histórico sexual.

Ele estreita os olhos para mim, os lábios apertados.

– Você pediu por isso, Ava!

– Eu? Como?

– Você me deixou! Você prometeu que jamais me abandonaria!

Ficamos ali, nos encarando como dois lobos prontos para a luta, um sabendo que o outro não vai dar o braço a torcer. Ambos temos motivos para ressentimentos. É claro que o meu argumento é mais forte, mas não estou preparada para passar a noite no meio da rua só para provar que estou certa. Não sou tão teimosa quanto ele.

– Você não podia se atrever a decidir o meu futuro – eu digo, mais calma, e sigo para o carro, cambaleando de leve na calçada. Não sei onde o carro está estacionado, mas sei que ele vai vociferar uma orientação em algum momento.

– Você é um pé no saco – ele estoura. – Eu estava pensando no *nosso* futuro – ele me pega no colo e caminha comigo nos braços.

– Jesse, ponha-me no chão – eu reclamo, sem muito entusiasmo. Meu esforço para me soltar é patético.

– Não vou te soltar, Ava.

Entrego os pontos. Meu corpo está fraco, minha mente, mais fraca ainda, e minha garganta dói de tanto gritar. Deixo que me leve para o carro e me coloque no banco do passageiro, e nem reclamo quando ele afivela o cinto de segurança por mim. Ele resmunga algo incompreensível enquanto baixa meu vestido e bate a porta. Em seguida, entra no carro. Ouço vagamente a música gostosa de Ed Sheeran, mas sou tomada pela exaustão física e mental, perdendo as forças até para gritar com ele. Minha testa encosta na janela e fico vendo as luzes da noite londrina passando por mim, sem prestar atenção em nada.

– Meu Deus! – ouço o tom de desaprovação de Clive quando volto a mim, balançando no ritmo dos passos de Jesse. – Quer que eu chame o elevador, sr. Ward?

– Não, está tudo bem – a voz de Jesse vibra em mim. – Que vestido ridículo – ele murmura enquanto chama o elevador, entrando assim que a porta se abre.

Volto à consciência nos braços dele e logo esperneio para que me ponha no chão. Devo ter melhorado um estágio da bebedeira, passando de embriagada e petulante para simplesmente difícil de lidar.

– Eu posso andar – vocifero.

Ele bufa e me põe em pé, mas apenas porque não há escapatória nem carro que possam me atropelar. A porta do elevador se abre e sou a primeira a sair, procurando as chaves na bolsa. Eu as encontro com uma rapidez considerável, a julgar pelas minhas mãos desajeitadas, mas conseguir colocar a chave certa na porta já é outra história. Fecho um olho para tentar focar a visão e lentamente guio a chave na direção da fechadura. Posso ouvi-lo xingando baixinho atrás de mim, mas prefiro ignorá-lo e continuar tentando. Então, ele se irrita, segura a minha mão com firmeza e introduz a chave na fechadura, coisa que eu não estava conseguindo fazer.

A porta se abre. Chuto meus sapatos para longe e tropeço em meus próprios pés pelo espaço colossal, subindo a escada com cuidado. Quando chego ao topo, não vou para a suíte máster, mas

para o meu quarto de hóspedes preferido e desabo na cama completamente vestida, sem tirar a maquiagem, numa clara indicação do estado de cansaço e embriaguez em que me encontro. Não deixo que isso me incomode por muito tempo. Logo meus olhos vão se fechando e começo a cair num sono gostoso.

– Vamos nos livrar disso aqui.

Sinto-me sendo despida. Estou quase dormindo, sei que ainda estou meio altinha e que as minhas pálpebras estão grudadas pelo rímel.

– Vai cortá-lo em pedaços também? – balbucio, irritada.

– Não – ele diz, calmo, enquanto seus braços fortes e familiares me enlaçam e me erguem da cama. – Posso não estar falando com você, mocinha – ele sussurra –, mas prefiro não falar com você na nossa cama.

Agarro-me a ele sem pensar e enterro o rosto em seu pescoço. Posso estar ainda um pouco bêbada e ainda muito zangada, mas reconheço o meu lugar favorito. Ele me deita na cama e logo encosta o corpo todo atrás de mim, puxando-me ao encontro de seu peito.

– Ava? – ele sussurra ao meu ouvido.

– Sim?

– Você me deixa louco.

– Louco de amor? – murmuro, sonolenta.

Sinto-o apertar-me um pouco mais.

– Isso também.

– Eu te amo.

O que é isso? Abro os olhos grudados pelo rímel.

– Beba – ele ordena, suave.

Dou um gemido e viro de lado.

– Me deixe em paz – reclamo e o ouço dar uma risadinha.

Minha cabeça lateja. Nem bem a levantei do travesseiro e já parece que o Black Sabbath está ensaiando dentro dela.

– Ei, venha cá – ele me pega pela cintura e me arrasta pela cama direto para o seu colo. Sinto sua mão afastar meus cabelos do rosto e abro os olhos o bastante para ver um copo de água com gás na frente da minha boca.

– Beba – ele insiste, e eu o deixo inclinar o copo em meus lábios, sorvendo o líquido gasoso e refrescante. – Beba tudo – ordena.

Obedeço e depois deixo a cabeça cair contra o seu peito nu. Sou péssima de ressaca.

– Está muito mal? – ele pergunta, e sei que está sorrindo.

– Sim – resmungo. Meus olhos estão pesados e estou confortável demais para pensar nos eventos que me causaram essa ressaca monumental e me levaram a estar outra vez com esse homem enlouquecedor.

Sinto-o mudar de posição na cama e se recostar, levando-me consigo. Pelo menos, está falando comigo o bastante para cuidar de mim nesse estado lamentável em que me encontro. Que tipo de pessoa pune o cara que ama, que é viciado em álcool, saindo e ficando bêbada? E estando grávida, ainda que ele não saiba? Que tipo de pessoa atormenta um marido louco de

ciúme enfiando a língua na boca de outro homem na frente dele? O mesmo tipo de pessoa que esconde as pílulas anticoncepcionais do amor da sua vida para que ela engravide à própria revelia. Somos perfeitos um para o outro.

– Desculpe – digo baixinho.

Ele beija meus cabelos.

– Desculpe também – quanta coragem. Devo estar horrorosa e fedida. O cheiro de ressaca não deve ser o mais agradável dos despertadores, especialmente para um alcoólatra em recuperação.

Sou uma massa patética deitada sobre ele, caindo no sono e acordando, entrando e saindo em meus pensamentos.

– No que está pensando? – ele pergunta em voz baixa, quase apreensivo.

– Estou pensando que as coisas não podem continuar assim – respondo com honestidade. – Isso não é bom para você – deixo de fora o fato de que não é bom para mim também.

Ele suspira.

– Não me importo comigo.

– O que vamos fazer? – pressiono.

Ele fica em silêncio por alguns minutos, e então me vira para que eu me deite de costas, fazendo que eu abra as pernas para aninhar-se entre elas. Então, respira fundo e encosta a testa no meu peito.

– Não sei, mas sei o quanto te amo.

Relaxo e olho para o teto. Também sei disso, mas, aqui, a frase “o amor vence tudo” está sendo testada ao limite. Ele usa o argumento do amor sempre, como se fosse uma desculpa aceitável para o seu comportamento neurótico.

– Por que fez aquilo? – pergunto, sem precisar dizer mais nada. Ele sabe muito bem a que me refiro.

Ele olha para mim e uma linha de expressão surge em sua testa.

– Porque te amo – ele diz, na defensiva. – Tudo é porque eu te amo.

– Você me trata como uma vagabunda, trepa comigo no banheiro de um bar, sem uma palavra, e depois sai e vai se esfregar em outra mulher? Fez isso tudo porque me ama?

– Estava tentando provar meu ponto de vista – ele argumenta, baixinho. – E olha essa boca.

– Não, Jesse. Você estava sendo um babaca – tento me mover sob ele, que levanta os olhos, preocupado. – Estou precisando de um banho...

Ele estuda meus olhos, mas rola para o lado e me deixa levantar.

Saio da cama e vou para o banheiro, fechando a porta atrás de mim, antes de escovar os dentes e entrar no chuveiro. Sinto-me derrotada e de ressaca. Só quero voltar para a cama e me esquecer de tudo, mas a minha mente mirabolante está entrando em um território assustador, o que faz minha cabeça doer mais. Eu não o vejo há quatro dias. Tento não pensar nisso, mas não consigo evitar, especialmente se considerar o que houve da última vez em que ele desapareceu.

Dou um pulo de susto quando sinto sua mão deslizar pela minha barriga e seus lábios tocarem o meu ombro.

– Permita-me – ele sussurra, pegando a esponja e virando-me. Ele se ajoelha diante de mim e pega um dos meus pés, que apoia na própria coxa, antes de passar a esfregar minha perna.

Sua linha de expressão sumiu. Ele parece tranquilo, em paz e relaxado, como gosto de vê-lo, e é porque está cuidando de mim de novo.

– Onde esteve desde segunda-feira? – pergunto e o observo com atenção. Ele não fica tenso nem me olha com cautela, mas continua a me ensaboar, enquanto a água cai sobre nós.

– No inferno – ele responde, docemente. – Você me deixou, Ava – ele fala sem olhar para mim ou me acusar, mas sei que está chamando a atenção para o fato de eu ter quebrado a promessa.

– Onde esteve? – insisto, pondo o pé no chão e levantando o outro, quando ele dá uma batidinha no meu tornozelo, indicando que terminou aquela perna.

– Estava tentando te dar espaço. Percebi como sou com você, Ava, e gostaria de conseguir parar... Gostaria mesmo, mas não consigo.

Ele ainda não me respondeu. Eu sei disso tudo.

– Onde você esteve, Jesse?

– Seguindo você – ele sussurra –, andando atrás de você para todos os lados.

– Por quatro dias? – digo, espantada.

Ele olha para mim e a esponja para.

– Meu único alento era ver o quanto você também estava perdida – ele pega a minha mão, puxando-me e fazendo-me ajoelhar diante dele. Afasta meus cabelos molhados do rosto e se aproxima para me dar um beijo suave. – Nós não somos convencionais, Ava. Somos especiais. O que nós temos é muito especial. Você pertence a mim e eu, a você. É isso. Não é natural ficarmos separados, Ava.

– Nós enlouquecemos um ao outro. Não é saudável.

– O que não é saudável é a minha vida sem você – ele me traz para sentar em seu colo e eu o abraço pelo pescoço, enquanto ele segura a minha cintura com as duas mãos. – Aqui é o nosso lugar – ele me aperta para reforçar seu argumento. – Aqui, comigo, para sempre. Nunca mais beije outro homem, Ava. Do contrário, vou acabar sendo preso e ficando na cadeia por um bom tempo.

Percebo a minha estupidez. Levanto a mão e acaricio a sua mandíbula. Não há marcas ou hematomas.

– Você precisa parar de ser louco – minha raiva se evaporou por completo e eu sei bem por que: porque sei o quanto ele me ama. Mas isso perdoa seu comportamento? Ele parece sair do modo autodestrutivo assim que está comigo e eu faço o que ele manda. Não posso fingir que ele não me frustra, que me estressa e que me faz perguntar onde é que estou me metendo. Mas esse lado dele, a afeição incrivelmente amorosa, o lado apaixonado, quase superam sua confusão e neurose, o que me faz lembrar, na mesma hora, que estou grávida, e que ele acha que não.

– E você precisa parar de me provocar – ele sorri, enquanto segura o meu rosto e me dá um beijo.

– Jamais – eu respondo e me aproveito dele ali mesmo no chuveiro.

Capítulo 11



Passamos a maior parte do sábado fazendo as pazes. Já me deleitei com o sexo sonolento e discordei de tudo o que Jesse disse, só para ganhar transas de lembrete. Então, esqueci tudo com o que havia concordado durante as transas de lembrete, só para desencadear outras transas de lembrete. Transamos ao ar livre, no terraço, seguida de uma transa de castigo, quando Jesse achou que a quebra de promessa me fazia merecer uma. Sei que a vontade dele era de me algemar e, para ser sincera, eu merecia isso. Fizemos sexo de todas as formas possíveis e amei cada segundo de cada uma delas, mesmo que agora esteja um pouco dolorida. Estou outra vez relaxando no Sétimo Céu de Jesse. Sem a gravidez, ele volta ao normal, tomando-me como e quando quer. Ontem, fui mais do que compensada pela falta do Jesse dominador que eu vinha sentindo nas últimas semanas. Não poderia estar mais feliz. Mas, ainda, há uma gravidez.

Kate me ligou, e tenho certeza de que ouvi meu irmão ao fundo, mas ela negou, passando a me perguntar se Jesse e eu fizemos as pazes. Sim. Ela também perguntou se eu lhe contei que estou grávida. Não. Após um dia todo me aproveitando dele e tendo voltado totalmente ao normal, como deve de ser, sei que tomei a decisão certa.

– Você vai ficar ai deitada o dia todo ou vai se vestir para irmos ao Solar? – ele está em pé, na porta do banheiro, gloriosamente nu, esfregando uma toalha nos cabelos loiros-escuros.

Rastejo até a beirada da cama e me deito de bruços, apoiada nos cotovelos e descansando o queixo na mão. Sei o que estou fazendo e ele também, a julgar pelo brilho em seus olhos verdes. Não é que eu não queira ir ao Solar. Sem uma certa vagabunda de chicote na mão, o clube de Jesse é um lugar muito mais agradável.

– E se eu quiser ficar o dia todo aqui? – minha voz é grave e convidativa, como quero que seja. – Você está excitado – aceno para o seu sexo e depois olho nos olhos dele, tentando esconder um sorriso. Mordo o lábio e apenas o observo.

– Deve ser porque estou olhando para você – ele pendura a toalha no pescoço e se encosta no batente da porta.

Começo a babar diante de tanta beleza pura e tentadora e dou-lhe um sorriso.

– Você é todo duro.

– Menos aqui – ele diz com a voz rouca e profunda, batendo no peito. – Aqui, sou todo mole. Mas apenas por você.

Meu sorriso se abre ainda mais.

– Você sabe ter o coração duro às vezes – pondero, rolando para me deitar de costas, com a cabeça pendurada para fora da cama.

– Você é uma tentação, sra. Ward.

De cabeça para baixo, acompanho o corpo dele vindo até mim lentamente, até ficar bem perto, olhando-me de cima, com sua ereção dura como aço roçando meu lábio superior.

– Você o quer? – ele diz, segurando o pênis pela base e passando-o suavemente em minha boca, de um lado para o outro. A umidade quente faz minha língua se aventurar para saboreá-lo, mas ele recua e me dá um de seus sorrisinhos: – Diga “por favor”.

– Por favor – passo as pontas dos dedos pelo peito dele e ele geme, guiando seu membro para a minha boca e abrindo-a devagar. Vejo o rosto dele se contorcer em antecipação, e então o abocanho.

– Ava, essa sua boca... – ele geme, fechando os olhos.

– Quer que eu pare? – mordo de leve e passo os dentes pela pele macia.

– Quero que você cale a boca e se concentre no que está fazendo.

Sorrio e me viro na cama. Sento-me na beirada, entre as coxas dele, e pego seu pau, apertando com força.

– Pare de me provocar, Ava – suas mãos agarram meus cabelos, com os punhos fechados, e ele me puxa para si.

Não ofereço a menor resistência. Adoro chupá-lo. Abaixo a cabeça e deixo minhas unhas cravarem na carne de seu traseiro firme, puxando-o para mim.

– Oh, Deus! – ele segura a minha cabeça no lugar. – Fique assim.

Ele toca o fundo da minha garganta e eu me esforço para evitar que meu estômago se revire. Fico parada, enquanto ele estremece diante de mim. Sua cabeça pende e seus punhos agarram mais os meus cabelos. Preciso me controlar. Não posso vomitar, porque jamais conseguiria me explicar; então, em vez de prestar atenção no fato de estar com a boca abarrotada por seu mastro, trato de me concentrar em não pôr tudo para fora. Fecho os olhos e respiro pelo nariz. O que há de errado comigo? Se a gravidez traz certas aversões e se a minha for intolerância ao pênis de meu marido na minha boca, então não quero engravidar nunca.

Relaxo um pouco quando ele recua e escalo o corpo dele, enlaçando-o com as pernas. Preciso jogar de maneira perfeita, especialmente quando vejo a expressão de incredulidade em seu rosto lindo. Ele não gosta quando eu dito as regras. Isso é função dele. Eu mordo seu lábio.

– Quero você dentro de mim.

– Eu estava tão feliz onde estava! – ele reclama, incrédulo, o que me faz rir. – Que bom que você acha isso divertido, Ava.

– Eu não acho. Desculpe – eu o beijo e uso a tática da necessidade. – Eu preciso de você dentro de mim agora.

Ele se afasta e estreita os olhos, o que me preocupa. Mas, então, ele me arrebatava com aquele sorriso reservado apenas para mim.

– Você não precisa pedir duas vezes... – ele me deita na cama e vem comigo. – Tire essa toalha daqui.

Puxo a toalha do pescoço dele e atiro-a para o outro lado do quarto.

– Agarre-se nos meus cabelos – ele ordena, e eu imediatamente obedeco, entrelaçando os dedos em seus fios loiros-cinzentos. – Puxe-os – ele se inclina e lambe meus lábios, enquanto dou mais um gemido e faço o que ele pede. – Me beije com força, Ava – seu tom severo só me deixa mais louca, e ataco sua boca com desespero e convicção. – Pare – ele comanda e eu paro,

embora não queira. – Agora, beije suavemente – ele sussurra e eu dou um suspiro, varrendo lentamente a boca dele com a língua, sem a menor pressa. É o paraíso. – Já chega – ele diz, ríspido, e eu paro outra vez. Então, ele me beija da maneira mais doce. – Por que você não faz tudo o que eu mando com a mesma rapidez?

Dou um sorriso e o abraço, reivindicando sua boca novamente.

– Porque sua sede de poder está passando para a sua esposa.

Ele ri e nos vira, de forma que eu fique sentada sobre ele, com uma perna de cada lado do seu corpo.

– O poder é todo seu, querida.

– Está bem – concordo rapidamente, levantando-me um pouco. Ele tenta me pegar, mas bato na mão dele: – com licença.

– Oh, Desculpe – ele dá um sorriso tímido. – Mas não enrole, está bem?

– Santo Deus – eu guio seu pênis até a minha entrada –, você está se esquecendo de que acabou de me delegar o poder? – eu abaixo lentamente e o sorriso dele desaparece, sendo substituído por uma expressão de prazer.

Ele geme e segura no alto das minhas coxas.

– Acho que vou delegar o poder a você mais vezes.

Eu subo e desço devagar, acariciando o peito dele.

– Você gosta disso?

– Eu amo – ele me olha nos olhos e massageia as minhas pernas.

– Você é tão bonito – repito os mesmos movimentos.

– Eu sei – ele diz, sem rodeios.

– Como você é arrogante!

– Eu sei. Para cima.

Ergo as sobrancelhas.

– Quem está no comando?

– Você, mas vai perdê-lo em pouco tempo se não souber usá-lo. Para cima – ele tenta não sorrir e eu fecho a cara, mas subo mesmo assim. – Boa menina! – ele arfa. – Mais rápido.

Baixando sobre ele, eu me esfrego com precisão.

– Mas eu gosto assim.

– Mais rápido, Ava.

– Não. Eu estou no poder – eu subo, mas não tenho a chance de descer novamente, pois ele me vira de costas e me prende na cama.

– Você perdeu a chance... – ele me penetra de uma vez, com vontade. – Estou retomando o controle.

Bang!

Eu grito, e minhas pernas se abrem.

Bang!

– Porra! – eu grito quando ele atinge o meu útero.

– Olha a boca!

Bang!

– Jesse!

– Você abusou da sorte, Ava! – ele rosna, segurando meus punhos e me penetrando outra

vez, e mais outra e mais outra e mais outra... Fecho os olhos.

– Abra os olhos! – obedeço com mais um grito. – Melhor assim – o suor escorre por seu rosto e pinga no meu. Preciso agarrá-lo, arranhá-lo e mordê-lo, mas estou impotente, como ele quer.

– Deixe-me abraçá-lo – peço, empurrando as mãos dele, enquanto ele me invade.

– Quem tem o poder?

– Você, seu controlador de merda!

– Olhe-a-boca! – cada palavra é pontuada por uma estocada.

Grito outra vez.

– Porra! – ele grita. – Goze para mim, Ava!

Não consigo. Tento me concentrar no orgasmo que surge de algum lugar dentro de mim, mas toda vez que acho que vou gozar, ele me ataca outra vez com seus quadris impiedosos e o afasta. Meus olhos se fecham e não posso fazer mais nada a não ser aceitar a força dele sobre o meu corpo.

– Meu Deus, Ava, eu vou gozar!

Logo depois de dizer isso ele grita, ondula os quadris e, por fim, desaba em cima de mim, libertando minhas mãos de seu jugo. Sua respiração está entrecortada, o corpo tremendo e a pele úmida. Tenho os mesmos sintomas, menos um orgasmo satisfatório.

– Você não gozou – ele ofega no meu pescoço e eu não consigo falar; apenas balanço a cabeça negativamente e dou um grunhido, com os braços moles ao lado da cabeça. – Querida, desculpe.

Dou outro grunhido e tento levantar os braços para abraçá-lo, deixando claro que estou bem, mas meus músculos estão em colapso. Ele acabou comigo. Nossos corpos suados ainda se comprimem e a nossa respiração ecoa pelo quarto. Estamos destruídos. Quero ficar na cama, mas sinto falta de seu peso. Então, sou erguida em seus braços. Respondo com um protesto audível, mas ele me carrega para o banheiro.

Ele abre o chuveiro, pega uma toalha no armário e a estende no chão, para que eu me deite em cima dela. Quase consigo reunir forças para me opor, mas ele se agacha diante de mim e abre minhas pernas.

– Vamos te trazer de volta à vida – ele gira o registro do chuveiro para deixar a água morna cair e ajeita-se entre as minhas coxas, antes de realmente me despertar com uma lambida longa e lenta, bem no meio do meu sexo.

Arqueio as costas. Meus braços, até então sem vida, se movem e minha voz retorna.

– Meeeee Deeeeu! – agarro seus cabelos e o puxo para mais perto ainda, sentindo o orgasmo latente voltar à tona com força total. Não tento controlá-lo. Começo a arfar. Os músculos do meu ventre entram em espasmos e levanto a cabeça, enquanto a água morna se derrama sobre mim. Ele está em todos os lugares, lambendo, mordendo, chupando, beijando o interior das minhas coxas e retornando ao ponto de partida, penetrando-me com a língua.

– Acordou? – ele murmura com os lábios em mim, antes de morder meu clitóris de leve.

– Mais! – eu exijo, puxando seus cabelos. Ouço-o rir antes de obedecer à minha ordem e selar a boca aberta em toda a minha vagina e sugar até que eu chegue deliciosamente ao clímax.

Eu explodo. Vejo estrelas. Dou gemidos e ergo os braços acima da cabeça. Foi bom demais. Estou pulsando sob os lábios dele e completamente satisfeita. O jato morno que cai sobre mim

está divino, e o som da água é relaxante. Não vou mais me levantar desse chão, por nada nem por ninguém. Ele pode me pôr de volta na cama.

– Eu amo, amo, amo sentir você pulsar – ele sobe, beijando meu corpo até alcançar a minha boca, dando-me mais de sua atenção especial. E eu respondo apenas com os lábios, incapaz de convencer qualquer outro músculo a se mover, e, na verdade, sem me esforçar para conseguir isso. – Estou perdoado?

Mexo somente a cabeça para dizer que sim e ele ri, recuando para olhar para mim. Meus olhos ainda funcionam bem. Ele é mais do que bonito e sabe disso, esse babaca convencido.

– Eu te amo – são as únicas palavras que consigo produzir com minha respiração acelerada.

Ele me deslumbra com aquele sorriso... o meu sorriso.

– Eu sei que ama – ele se levanta, com vigor demais para o meu gosto. – Vamos. Agora que eu cumpri a minha obrigação divina, preciso gozar de sua companhia por algumas horas no Solar – ele pega a minha mão e me levanta do chão sem o menor esforço, e sem a minha ajuda, pois, em protesto, faço questão de me tornar um peso morto, o que não o impede de me levantar.

– Você precisa mesmo gozar da minha companhia? – resmungo, ao mesmo tempo que ele aplica o xampu nos meus cabelos e começa a esfregá-los.

– Você não costuma reclamar de gozar – ele se insinua com os quadris em mim e eu reviro os olhos. – E, sim, preciso que você vá. Temos muito tempo perdido para recuperar. Quatro dias – ele diz e eu o ignoro, deixando suas mãos enormes e fortes massagearem meu couro cabeludo e, em seguida, enxaguar meus cabelos. – Você está pronta, Ava. Fora – ele me dá um tapinha no traseiro e me manda sair, enquanto termina o próprio banho.

Olho para a cama, mas, por mais que ela pareça me chamar, resisto à tentação e vou para o *closet* vestir-me. Temos mesmo muito tempo para compensar e muito sexo selvagem também. Estamos apenas começando, o que é mais razão ainda para eu remediar a situação antes que ele, sem dúvida, volte a me tratar como cristal se eu continuar grávida.

Chego na cozinha e encontro Jesse procurando freneticamente por algo em todos os armários. Com os braços erguidos, a polo branca definindo os músculos das costas largas, toda aquela vastidão fazendo minhas mãos coçarem de vontade de tocá-lo, só para confirmar que ele é real. Mas ele é real, sim. E é todo meu.

– O que está fazendo? – pergunto, puxando meus cabelos em um penteado despenteado no alto da cabeça.

Ele se vira e me olha, alarmado.

– Estamos sem Sun-Pat.

– O quê? – eu dou risada de sua genuína angústia. – Acabou a sua manteiga de amendoim?

– Isso não tem a menor graça! – ele bate a porta do armário, antes de ir à geladeira, abri-la e tirar do lugar várias garrafas de água. – Que porra é essa, Cathy? – ele vocifera consigo mesmo.

Não consigo evitar e me dobro ao meio de tanto rir. Esse não é o comportamento de quem simplesmente gosta de algo. Ele é viciado nisso. Meu senhor é viciado em manteiga de amendoim, e é provável que tenha uma crise de abstinência se não conseguir uma dose do seu objeto de desejo o mais rápido possível. Continuo rindo, até ouvir a porta da geladeira bater com

força. Levanto-me e mal escondo um sorriso. Mordo os lábios para garantir que não voltarei a rir.

– Do que está rindo? – ele vocifera e me olha feio.

– Por que essa compulsão por manteiga de amendoim? – pergunto rápido, antes de morder os lábios outra vez.

Ele cruza os braços e continua a me dirigir um olhar fumegante.

– Eu gosto.

– Você gosta?

– Sim, gosto.

– Essa cena é um pouco exagerada para quem apenas “gosta” – meus lábios escapam dos dentes e eu estou rindo de novo.

– Eu não estou fazendo cena – ele discorda, rindo um pouquinho. – Não é nada demais.

– Está bem – dou de ombros, ainda sorrindo. É um problemão.

Ele atravessa a cozinha e dá a volta na ilha até mim. Seus olhos se arregalam quando a parte de baixo do meu corpo entra em seu campo de visão.

– O que é isso aí que você está vestindo? – ele dispara.

Olho para mim mesma e de volta para ele.

– É um shorts.

– Quer dizer, uma calcinha?

Estou rindo de novo.

– Não. Shorts. – Dobro um pouco a barra de cada perna e mostro a ele: – se fosse calcinha, seria assim.

Ele continua estudando a peça ofensiva.

– Ava, por favor, seja razoável.

– Jesse, já te falei. Se você quer saias longas e blusas de gola rolê, encontre alguém da sua idade. – Desdobro as barras do shorts e me ajoelho para amarrar o tênis, ignorando todos os ruídos contrariados que emanam de cada deliciosa fibra do meu homem irracional. – Pode ser que eu dê um mergulho no Solar – olho para ele e sua expressão se altera de irritada para horrorizada.

– De biquíni?

Dou risada.

– Não, em traje de neve... É claro que é de biquíni, Jesse! – eu estou abusando da sorte, sei que estou.

– Você está fazendo isso de propósito, não está?

– Eu só gostaria de nadar.

– E eu gostaria de te estrangular – ele diz. – Por que você está fazendo isso comigo?

– Porque você é um babaca intransigente e precisa relaxar. Pode ser um velho, mas eu tenho só vinte e seis anos. Pare de agir como um homem das cavernas. O que vai acontecer, então, se formos viajar para a praia?

– Eu pensei que podíamos ir esquiar – agora é a vez dele dar um sorriso atrevido. – Vou te mostrar como sou bom em *todos* os esportes radicais.

Dou um sorriso ao ouvi-lo repetir as palavras que disse na primeira vez que nos vimos e pulo sobre ele, aterrissando com o nariz em seu pescoço.

– Seu cheiro é tão gostoso! – inalo seu perfume delicioso enquanto ele me carrega para o carro, ainda vestindo o shorts curtinho.

Paramos o carro diante do Solar e sou rapidamente retirada pelo lado do passageiro, antes de subirmos os degraus que levam ao *hall* de entrada. Ouço o ruído de conversas no bar e abro um sorriso quando vejo John se aproximando, sempre a montanha assustadora de homem.

– Ava quer nadar – Jesse resmunga quando John se junta a nós e caminha conosco, acompanhando os passos de Jesse, enquanto eu preciso andar depressa para ficar ao lado deles.

O grandão olha para mim e suas sobranceiras aparecem pela borda superior dos óculos escuros.

– Ah, você quer nadar, garota?

– Está quente lá fora – digo, assentindo.

Um sorrisinho passa rapidamente pelo rosto de John, indicando que ele sabe muito bem o que estou fazendo. Sim, estou querendo metralhar toda a irracionalidade do meu marido, e essa é a melhor forma de começar: no refúgio sexual do meu senhor, onde mostrar o corpo é um acontecimento corriqueiro. Não planejo me despir nem desfilar pelas dependências para que todos me vejam, mas um mergulho na piscina usando um biquíni decente é um bom começo. Se ele conseguir suportar isso aqui, conseguirá fazê-lo em qualquer lugar.

Passamos pelo bar e vejo Sam. Não dá para ver seu rosto, mas seu corpo está largado em um banco, em uma clara indicação de como deve estar se sentindo. Minha melhor amiga é uma idiota. Ela está fugindo de algo bom apenas para reacender algo terrivelmente ruim. Sam pode tê-la atraído para o lado sombrio, mas não merece ser tratado dessa maneira.

Assim que entramos no escritório de Jesse, ele solta a minha mão e vai direto para o frigobar, onde pega um pote de manteiga de amendoim e imediatamente abre, enfiando o dedo dentro dele. John nem mesmo pisca e apenas se senta do outro lado da mesa de Jesse, enquanto eu acompanho suas ações com um sorriso no rosto. Meu marido caminha despretensiosamente até sua cadeira e se acomoda, metendo o dedo na boca e suspirando. Ele só gosta, é?

– O que está acontecendo? – ele pergunta a John, com o dedo na boca.

– A câmera três parou de funcionar. A empresa de segurança já foi acionada para consertá-la – John muda de posição e retira seu celular do bolso. – Vou cobrá-los – ele digita o número e encosta o fone à orelha, antes de se levantar e ir até a janela.

– Ava, você está bem?

Olho para John e depois para Jesse outra vez, onde encontro um olhar de preocupação.

– Sim, estou bem – percebo que ainda estou na porta do escritório, então vou até a mesa dele e me sento na cadeira ao lado da que John ocupava. – Sonhando acordada. Desculpe.

Ele enfia o dedo na boca novamente.

– Com o quê? – dou um sorriso.

– Com nada. Apenas observando você se aquietar agora que tem a sua manteiga de amendoim.

Ele olha para o pote e revira os olhos.

– Quer um pouco?

– Não – eu torço o nariz e ele ri, seus olhos verdes brilhando, as linhas mínimas de expressão

surgindo ao lado deles, enquanto ele tampa o pote e o coloca em cima da mesa. Seu vício já foi alimentado. – Como está Sam?

– Mal. Ele não quer falar sobre isso. Como vai Kate?

– Nada bem – não estou mentindo, ela está mal mesmo.

– Do que você sabe? Por que ela terminou tudo?

Encolho os ombros e tento ser o mais casual possível.

– Acho que foi por causa deste lugar, provavelmente – resisto à tentação de sentar em cima das mãos. Não vou sequer mencionar meu irmão. – Acho que foi melhor assim.

Ele balança a cabeça, pensativo.

– Você quer nadar ou ficar aqui comigo?

Eu sei qual das respostas ele quer ouvir.

– O que você vai fazer? – pergunto, olhando para as pilhas de trabalho burocrático que ele tem pela frente. Nunca a vi tão desorganizada e sei bem por quê. A falta de Sarah. Eu, entretanto, não me sinto nem um pouco culpada, mesmo que pareça que uma bomba explodiu na mesa dele.

Ele também olha para a papelada e dá um suspiro.

– É isso aqui o que eu tenho pra fazer – ele passa a mão por uma das pilhas.

– Por que não contrata alguém?

– Ava, essa linha de trabalho não é tão simples. É preciso conhecer e confiar na pessoa. Não posso simplesmente ligar para uma agência de empregos e pedir que me mandem alguém que saiba montar planilhas.

Oh, agora estou me sentindo culpada. Ele tem razão. Estamos falando de gente da alta sociedade, de pessoas poderosas. Jesse me disse que eles investigam o histórico familiar de cada candidato a membro para determinar seu *status* financeiro e histórico médico, além de levantar sua ficha criminal. Imagino que haja uma cláusula de confidencialidade.

– Eu posso ajudar – ofereço, relutante, embora não tenha a menor ideia de como fazer isso, mas a forma como ele olha impressionado para a quantidade de papel em sua mesa está me dando pena.

Ele volta os olhos para mim, surpreso.

– Você faria isso?

Dou de ombros e pego o primeiro pedaço de papel que encontro.

– Uma horinha, aqui e ali, acho que sim – dou uma olhada no texto em minhas mãos e me assusto. É um extrato bancário. Pelo menos, acho que é. Os números ali parecem mais números de telefone internacional, então poderia ser uma conta a pagar. Eu olho para ele, que sorri.

– Nós somos muito ricos, sra. Ward.

– Puta merda!

– Ava...

– Desculpe, mas é que... – tento me concentrar nos números, mas me perco. – Esse tipo de coisa não deveria estar assim, à mostra, sobre a sua mesa, Jesse. Aqui tem o número da sua conta... – paro um instante e disparo: – Espere, era a Sarah quem cuidava das suas finanças?

– Sim – ele murmura e meu sangue ferve. Não confio naquela mulher.

– Você sabe onde seu dinheiro está? Ou quanto você tem? – coloco o papel onde estava.

– Sim, veja – ele pega o documento e aponta para algo. – Eu tenho essa quantia e esse é o

banco.

– Você só tem uma conta? E quanto às contas da empresa, aplicações, fundos?

Ele parece um pouco alarmado e quase irritado.

– Sei lá, Ava.

Meu queixo cai.

– Ela fazia tudo? Cuidava de todas as contas? – eu não gosto nem um pouco desse pensamento.

– Não mais – ele resmunga, jogando o papel sobre a mesa. – Mas você vai me ajudar? – ele está sorrindo de novo.

Como posso me recusar? Este homem é podre de rico e não tem ideia de onde ou como seu dinheiro está aplicado.

– Sim, vou te ajudar – pego uma pilha de papel e começo a olhar, mas logo a ficha cai. Então, levanto a cabeça e o vejo sorrindo para mim. – Eu disse que te ajudaria, só isso. Uma hora aqui, outra ali, Jesse.

Ao ver que eu percebi sua intenção de que eu substitua Sarah, ele se afunda na cadeira.

– Mas é a solução perfeita – ele diz.

– Para você! A solução perfeita para você! Eu tenho uma carreira e não vou desistir dela para vir aqui todo dia fazer trabalho burocrático. – “Porco atrevido”, penso. Ele quer que eu substitua Sarah como sua secretária. Sem chance. – E, de qualquer forma, não sei usar um chicote, de modo que não sou qualificada para a função – coloco a pilha de papéis sobre a mesa e me levanto. Não sei por que disse isso. Foi desnecessário e muito maldoso.

Ele está embaçado; até se afastou com a cadeira, em um misto de incredulidade e raiva no rosto.

– Isso foi muito infantil, não foi?

– Desculpe – pego a minha bolsa. – Não fiz por querer.

John se junta a nós e quebra o silêncio desconfortável que se instalou.

– Eles virão em uma hora – diz, guardando o telefone no bolso. – Antes que eu me esqueça, tivemos três cancelamentos.

As sobranceiras de Jesse se erguem de curiosidade.

– Três?

– Três – John confirma e se dirige à porta. – Todas mulheres – ele acrescenta e deixa o escritório.

Observo os cotovelos de Jesse se apoiarem na mesa e seu rosto encaixar-se entre suas mãos. Sinto-me péssima. Solto a bolsa, vou até ele, empurro-o, para que se encoste na cadeira, e me sento na mesa, de frente para ele. Ele me olha e morde o lábio.

– Vou arrumar tudo isso – aponto para os papéis espalhados –, mas você precisa contratar alguém para isso. É um trabalho para tempo integral.

– Eu sei – ele segura meus tornozelos e coloca meus pés sobre seus joelhos. – Vá para a piscina. Eu vou começar a trabalhar, está bem?

– Está bem – eu o observo com atenção e ele retribui o olhar.

– Vá em frente, menina bonita. Pode falar – ele sorri de leve.

– Elas estão cancelando a associação porque você não está mais disponível para tre... – mordo a língua e retomo – ... para fazer sexo com elas – isso me faz imensamente feliz, é óbvio.

– Parece que sim, não é? – ele estreita os olhos para mim. – Posso ver que isso agrada à minha esposa.

Encolho os ombros, mas não consigo esconder meu contentamento diante dessa notícia.

– Qual é a proporção entre homens e mulheres, em porcentagem?

– Membros? – ele pergunta.

– Sim.

– Setenta/trinta.

Estou boquiaberta outra vez. Lembro-me de Jesse ter dito que o Solar tinha mais ou menos mil e quinhentos membros. Isso significa quase quinhentas mulheres potencialmente atrás do meu senhor.

– Bem, talvez você tenha de transformar o Solar em um clube gay – minimizo meu choque. Ele ri e deixa meus pés balançarem para fora da mesa.

– Vá nadar.

Os vestiários estão vazios. Visto o meu biquíni, tiro o diamante do dedo, prendo os cabelos num rabo alto e guardo minhas coisas em um dos armários de madeira. Durante todo o tempo em que estou com Jesse, é a primeira vez que uso os equipamentos esportivos e o spa, mas fui informada de que é proibido nadar nu; então, vou me aventurar e, ao mesmo tempo, testar Jesse. Ando pela área, procurando algum sinal de vida, mas está tudo completamente vazio. É domingo, horário de almoço. Pensei que esse seria um horário de grande movimento nessa parte do Solar.

Entro na imensa sala de vidro e vejo tudo vazio: as *jacuzzi*, a piscina grande, as espreguiçadeiras... Está tudo assustadoramente quieto, e o único som é o ruído distante das bombas d'água. Estendo minha toalha em uma das belas espreguiçadeiras de madeira, dou um passo para dentro da água e suspiro. Está morna. Deliciosa. Desço os degraus e mergulho na piscina, disparando em nado de peito até a outra borda.

Eu aproveito a calma e o silêncio e nado volta após volta, sem ninguém para me atrapalhar. Ninguém entra para usar as *jacuzzi* e ninguém interessado em relaxar nas espreguiçadeiras. Mas, então, ouço alguém se aproximar. paro no meio de uma volta para ver quem se aproxima e me deparo com Jesse, usando um calção de banho preto. Dou um suspiro de satisfação e ele sorri para mim, antes de mergulhar, em posição perfeita, quase sem fazer barulho ou espirrar água, e ir direto para o fundo. Eu flutuo no meio da piscina e vejo a sua silhueta enorme aproximar-se de mim por baixo d'água, até ficar logo abaixo, ainda submerso.

Sinto sua mão agarrar meu tornozelo e grito quando ele me puxa para o fundo, mal me dando tempo de inspirar fundo antes de desaparecer. Fecho os olhos instintivamente. Os lábios dele encontram os meus, seus braços me envolvem e ele nos roda debaixo d'água, um deslizando contra o outro, nossas línguas dançando com urgência.

Isso está uma delícia, mas sou péssima em prender a respiração ele também deve estar sem fôlego, já que está debaixo d'água há mais tempo que eu. Belisco-o, para indicar que preciso emergir, e meus pulmões gritam agradecidos quando voltamos à superfície. Enlaço a cintura dele com as pernas e o abraço. Tento me situar e abrir os olhos e, quando o faço, sou recebida por um amplo sorriso atrevido. Sei que ele também não consegue alcançar o fundo, então deve estar dando braçadas frenéticas para manter-se fora d'água, ainda mais com meu peso morto

pendurado nele. Talvez não. Mesmo que esteja, ele parece estar flutuando sem esforço diante de mim.

– Você fechou a piscina, não é? – digo, afastando os cabelos molhados de seu rosto e sorrindo para ele.

– Não sei do que está falando – ele me coloca de cavalinho e nada até a borda. – Aqui nunca tem movimento a essa hora do dia.

– Não acredito em você – apoio o queixo no ombro dele. – Você não suportou a ideia de eu ser vista de biquíni por outras pessoas. Admita que estou certa – eu já entendi, meu senhor.

Ao chegarmos à borda, ele me pressiona contra a parede da piscina.

– Adoro pensar em você de biquíni.

– Mas somente para os seus olhos?

– Eu já te disse, Ava, não vou compartilhar você com ninguém, nem mesmo com os olhos deles – ele desliza as mãos até minhas coxas. – Você é somente para o meu toque – ele sussurra, fazendo que eu aperte as coxas em torno dele e ele se incline para me beijar com delicadeza, antes de olhar cada centímetro do meu rosto. – Somente para os meus olhos – seus dedos empurram o fundilho do meu biquíni para o lado e ele passa a me dedilhar suavemente. – Apenas para o meu prazer, Ava. E sei que você me entende.

– Sim – passo os braços em torno dos seus ombros.

– Que bom. Então, me beije.

Mergulho de cabeça e mostro meu apreço com um beijo longo, quente e apaixonado, que arranca um gemido de ambos. Suas mãos vão para a minha cintura, quase fechando a circunferência, e nos beijamos por um longo tempo ali, no meio da piscina, apenas nós dois, imersos um no outro, consumindo-se um ao outro, amando um ao outro.

Tudo o que acontece entre nós é resultado do amor poderoso, e às vezes venenoso, que sentimos. Esse amor nos devora, nos leva a um comportamento errático e irracional. Na verdade, estamos os dois no mesmo grau de insanidade, ou talvez eu até o tenha ultrapassado. Sinto-me louca. O que planejo fazer, certamente, me qualifica como louca. E se ele descobrir o que sua esposa desequilibrada tem em mente, eu, sem dúvida, o verei atravessar as barreiras da loucura.

Capítulo 12



— Eu te amo.

O sussurro me faz sorrir e rolar na cama às cegas para me agarrar a ele.

— Hmmm... — eu gemo, puxando-o para mim.

— Ava, são sete e meia.

— Eu sei. — murmuro em seu pescoço. — Sexo sonolento — ordeno, com minha mão deslizando pela sua coxa até chegar onde eu quero, segurando-o sem apertar.

— Querida, eu adoraria, mas quando você despertar direito vai entrar em pânico e me deixar no meio da festa — ele pega a minha mão e leva até o rosto dele, beijando meus dedos com carinho. — É segunda-feira de manhã. Sete e meia. Eu não quero que você me culpe por te fazer se atrasar.

Abro os olhos e vejo seu rosto molhado, suspenso sobre o meu. Ele está de banho tomado, o que significa que saiu para correr e que já é tarde. Eu me sento apressada e ele sai da frente para evitar uma cabeçada.

— Que horas são?

— Sete e meia — ele sorri, divertido.

— Jesse! — pulo da cama e corro para o banheiro. — Por que não me acordou antes de sair para correr? — abro a torneira do chuveiro e vou para a pia, colocando creme dental na escova de dentes.

— Eu não quis te perturbar — ele se apoia no batente da porta e fica me olhando escovar os dentes, toda atrapalhada, e sorri.

— Ifoc nunca fe inco-odou antef — tento falar com a boca cheia de espuma.

Seu sorriso cresce.

— Perdão? — ele sinaliza que não entendeu nada, e nem podia, claro.

Reviro os olhos, balanço a cabeça, me volto de novo para o espelho e termino de escovar os dentes.

— Eu disse que isso nunca te incomodou antes. Por que não me tirou da cama e me castigou com quatorze milhas de corrida? — fica evidente que estou desconfiada.

Ele dá de ombros e junta-se a mim diante do espelho, pegando a própria escova de dentes.

— Posso levá-la, se você quiser.

— Não.

— Eu só perguntei — não vou forçar a barra. Entro debaixo do chuveiro e lavo os cabelos, me depilo e saio rapidamente, praticamente correndo para o *closet*. Fico ali olhando para as várias

araras de roupas, a maioria ainda com a etiqueta. Daria trabalho demais escolher, são muitas; então, pego meu vestido vermelho. Está muito bom.

No tempo que levo para secar um pouco os cabelos, aplicar a maquiagem de qualquer jeito e descer, Jesse está de terno azul-marinho e camisa branquíssima, pegando as chaves do carro.

– Vou te levar.

– Onde está Cathy? – eu o admiro todinho. Esse é o meu marido. Eu tenho mesmo que ir trabalhar?

Ele faz uma careta.

– Não sei. Ela não costuma se atrasar – ele pega a minha mão e me leva para a porta. – Pegou tudo?

– Peguei.

Descemos ao *hall* do Lusso e, ao nos aproximamos do balcão do *conciierge*, vejo Cathy apoiada, conversando com Clive. Dou um sorriso e olho para Jesse, que me ignora, apesar de saber que estou com os olhos nele, além de ter noção do que eu estou pensando também.

– Acho que isso explica – digo, rindo.

– Eles estão só conversando – Jesse resmunga, seguindo em frente.

– Parecem bem íntimos – Cathy se insinua e ri com Clive, que a entretém com palavras e gestos. Ele parece tão fascinado quanto a governanta de Jesse.

Ela nos vê.

– Oh! Eu já estava subindo!

– Sem problemas – Jesse não parece impressionado nem chega a parar. Eu, no entanto, adoraria parar e assistir ao desenrolar dos acontecimentos. Meu sorriso se amplia quando passamos por eles, e tanto Clive quanto Cathy coram profusamente. – Minha manteiga de amendoim acabou – Jesse olha para trás e avisa, melindrado.

– Tem uma caixa cheia no armário, menino. Acha que eu deixaria faltar? – Cathy parece irritada com a crítica de Jesse, o que me faz rir, especialmente quando Jesse começa a resmunga algo incompreensível.

– Não fique tão zangado; só estão conversando – eu retruco quando saímos para o sol e Jesse coloca os óculos escuros.

– Não está certo – ele estremece e solta a minha mão.

Procuo os meus óculos escuros na bolsa.

– Oh, ela pode convidá-lo para subir enquanto não estivermos lá... Notei mesmo que a cama no quarto de hóspedes estava um pouco... desarrumada.

– Ava! – ele grita e aponta sua careta para o céu. – Não faça isso!

Eu gargalho.

– Isso é preconceito por causa da idade dos dois?

– Não é preconceito – a careta desaparece na hora e ele sorri.

– Então, por que está com essa cara? – pergunto.

Ele tira os óculos e diminui a distância entre nós, agachando-se para tocar o nariz no meu.

– Eu comprei um presente para você.

– Comprou? – eu o beijo. – O quê?

– Vire-se.

Afasto-me um pouco e olho para os olhos encantados do meu marido, que apontam algo

atrás de mim. Viro-me lentamente e fico ali, parada, olhando para o estacionamento, procurando o que quer que eu deveria estar vendo, mas nada me chama a atenção. O braço dele aparece sobre meu ombro e chaves de carro tilintam diante dos meus olhos. Nessa hora, vejo uma Range Rover Sport imensa, branca, de machucar os olhos, com rodas de calotas brilhantes. Um tanque, ou algo parecido.

Oh não!

Não consigo pensar no que dizer. Como não vi isso? Agora é só o que vejo, e está me deixando cega. Fecho os olhos quando as chaves balançam para mim, como se ele achasse que eu ainda não tinha visto o presente e estivesse tentando dar mais uma dica. Não é necessário. Estou vendo, e detesto o que estou vendo!

– Ali – ele aponta, balançando as chaves outra vez.

– Você quer dizer aquela espaçonave? – pergunto, seca. Eu não vou dirigir essa coisa, não importa quantas contagens regressivas ou transas de lembrete eu ganhe como consequência.

– Não gostou? – ele parece magoado. Merda, o que vou dizer?

– Eu gosto do meu Mini.

– Não é seguro – agora ele parece ofendido, como eu imaginei que fosse ficar. Ele dá a volta por mim e olha pasmo para o meu rosto chocado. – Esse aqui te dará mais segurança.

Não consigo evitar a expressão incrédula que surge lentamente no meu rosto.

– Jesse, isso é carro de homem, um carro para o John. Essa porra é grande!

– Ava! Olha essa boca! – ele me dá uma bronca. – Por isso eu comprei branco, que é cor de mulher. Venha, vou te mostrar – ele me segura pelos ombros e me leva para o floco de neve gigante, e eu o odeio mais a cada passo. É muito chamativo. Amo o meu Mini. – Veja – ele abre a porta... e eu fico sem fôlego, porque a coisa só piora.

Branco... Branco por todos os lados: volante de couro branco, câmbio de couro branco, bancos de couro brancos... até os tapetes são brancos.

Olho para o meu marido iludido e balanço a cabeça, mas não posso ser ingrata. Ele está tão feliz! Eu achava que o meu homem tinha bom gosto.

– Não sei o que dizer – e não sei mesmo. – Você podia ter me comprado um relógio, um colar ou algo assim. – Adoraria que ele tivesse me comprado um relógio, um colar ou algo assim.

– Entre – ele me empurra na direção da... coisa.

Ah não!

No encosto de cabeça do banco do motorista há uma gravação: “sra. Ward”.

Agora ele foi longe demais.

– Eu não vou dirigir isso! – digo, sem filtrar a minha declaração ofensiva.

– Ah, vai!

Bem, isso acaba com qualquer sentimento de culpa que eu tinha, e agora estou fincando pé.

– Não vou, Jesse! É grande demais para mim!

– É seguro – ele me pega no colo e me coloca sentada no banco do motorista. Sinto-me tão pequena. – Olhe só – ele aperta um botão no painel e um compartimento se abre, revelando um computador. – Tudo o que você pode precisar. Já inseri todas as suas músicas preferidas – ele sorri, aperta outro botão e Massive Attack se faz ouvir por todas as milhares de caixas de som. – Você pode pensar em mim.

– Eu penso em você toda vez que você me liga e eu ouço essa música – digo, pulando para fora do carro. – Eu quero o seu carro. E você pode ficar com esse – aponto para o monte de metal ostensivo.

– Eu? – um olhar preocupado passa por seu rosto. – Mas é um pouco... – ele olha para o meu presente. – ...feminino.

– É mesmo. E sei qual é o seu jogo, Ward – digo, espetando um dedo em seu peito. – O único motivo pelo qual você me quer dirigindo essa coisa é porque é enorme e não há a menor chance de ferimentos graves se eu vier a sofrer um acidente. Deixá-lo mais bonitinho não vai me convencer – olho para dentro da... coisa, e minha mente viaja em cadeirinhas de bebê, carrinhos no porta-malas e malas de bebê no banco traseiro. *Oh não!* Viro-me e saio apressada na direção do meu querido Mini, onde não há a menor possibilidade de enfiar um carrinho de bebê.

Fico preocupada quando chego ao meu carro sem nenhuma intervenção de Jesse. Olho pelo espelho retrovisor e, enquanto me sento, vejo-o encostado no carro dele, de braços cruzados, emburrado. Ignoro a tromba e dou a partida no Mini, saindo da vaga em marcha a ré e indo para os portões.

– Homem impossível – falo sozinha, esticando o braço para apertar o botão do controle remoto, que libera a saída, mas não o encontro.

– O quê?! – grito, incrédula, para ninguém além de mim. – Puta merda! – piso no freio e salto do carro, para descobrir que a tromba se transformou em um sorriso deslumbrante.

– Planeja ir a algum lugar?

– Ah, vá se foder Jesse Ward! – eu grito do outro lado do estacionamento, pegando a minha bolsa no banco do passageiro e abandonando meu carro no mesmo lugar, com a porta aberta. Sigo batendo os pés para a saída de pedestres, mas não tenho a sorte de evitar uma intervenção de Jesse, que me pega outra vez e leva até o meu novo e reluzente presente de casamento.

– Dá para segurar essa sua maldita boca? – ele me coloca no banco do motorista e afivela o cinto de segurança em mim, antes de tirar as chaves do Mini da minha mão. – Por que você precisa me desafiar em absolutamente tudo? – ele diz, enquanto transfere todas as minhas chaves para o chaveiro do carro novo.

– Porque você é um babaca irracional! – eu me mexo no assento, irritada. – Por que você não pode me levar para o trabalho?

– Já estou atrasado para uma reunião, porque a minha esposa não faz o que eu peço – ele agarra minha nuca e me puxa para um beijo. – Qualquer um pensaria que você está querendo uma transa de castigo.

– Não estou!

Ele sorri e me ataca com um beijo caprichado, daqueles que me fazem derreter. Um beijo longo, que arranca toda a obstinação de mim.

– Hmmm, seu gosto é tão bom, Ava. A que hora você sai do trabalho?

Ele me liberta e eu, como sempre, estou sem fôlego.

– Às seis.

– Vá direto para O Solar e leve seus esboços para finalizarmos os pedidos para os novos quartos – ele diz, apertando mais um botão, que baixa o vidro da minha janela, antes de fechar a

porta e inclinar-se para dentro. Ele é tão convencido. – Eu te amo.

– Já sei – resmungo, dando partida no carro.

– Já falou com Patrick? – ele pergunta, chamando a minha atenção e me lembrando de que eu ainda não cumpri a minha obrigação.

– Tire o meu carro de lá! – eu esbravejo, sem saber o que mais dizer.

– Vou tomar isso como um “não”. Fale com ele hoje – não é um pedido.

– Tire o meu carro do caminho – repito, ainda sensível.

– Tudo o que quiser, sra. Ward – seus olhos me advertem, mas eu o ignoro.

– Onde é que vou estacionar essa coisa?

Ele começa a rir e vai estacionar o meu Mini, antes de ir para o DBS e sair cantando pneus do estacionamento.

Depois de rodar pelo estacionamento mais próximo por um tempão, encontro duas vagas. Correndo porta adentro, a primeira coisa que encontro é um buquê de copos de leite, que ocupa toda a minha mesa, e, ao me aproximar, noto uma caixinha.

– Querida! – o cumprimento de Tom não me distrai da pequena embalagem.

– Bom dia – respondo, sentando-me e pegando a caixa. – Tudo bem?

– Muito. E com você? – Tom parece curioso, e isso sim me faz tirar os olhos da caixa, quando me lembro da última vez em que o vi.

– Estou bem – desconverso e vejo seu rosto se abrir em um sorrisinho atrevido.

– Eu já disse uma vez e digo de novo: meu Deus, como aquele homem fica sexy quando está bravo! – ele se abana com um pires de café. – Gostoso!

Bufo e volto minha atenção para a caixa. O que foi que ele comprou para mim agora?

– Quem entregou isso aqui? – pergunto, mostrando a caixa para ele.

– A menina das flores – Tom dá de ombros e vira-se para o seu computador, deixando-me a sós para abrir o pacote cuidadosamente embalado. Dou um suspiro quando fico cara a cara com um Rolex grafite e dourado. É a versão feminina do que Jesse usa. É maravilhoso, mas é mais uma responsabilidade.

– Uau! – Sally exclama quando vê o conteúdo da embalagem. – Uau, uau, uau! Isso é lindo!

O entusiasmo dela me faz sorrir. Tiro o relógio da caixa e o coloco em meu punho. É lindo mesmo.

– Eu sei – digo, mais para mim mesma. – Obrigada, Sal – falo, tirando as flores de cima da minha mesa e guardando a caixinha na bolsa.

– Quer um café, Ava? – Sally vai para a cozinha.

– Por favor. Onde estão Patricke e Victoria?

– Patrick tinha uma reunião pessoal e Victoria está visitando uma obra.

– Ah, está bem.

Após colocar as flores na água, atiro-me no trabalho, preparando o material para levar a Ruth Quinn. Depois, imprimo os arquivos com detalhes das camas obscenamente caras que Jesse quer mandar fazer para o Solar.

Às dez horas, sinto-me mal de repente e corro ao banheiro para tentar vomitar, mas não consigo. Febril, incomodada e chorosa, apoio-me no vaso. Preciso marcar a consulta no hospital.

Sinto uma determinação repentina, provavelmente causada pelo mal-estar que estou sentindo, e saio do banheiro disposta a fazer exatamente isso, mas paro no meio do meu caminhar resolutivo quando vejo uma pessoa sentada em uma das cadeiras opostas à minha.

Sarah.

Meu mal-estar passa de repente. Estou furiosa. Que porra esta mulher está fazendo aqui? Por mais que eu queira fazê-la em pedacinhos, não será no meu escritório; então, dou meia-volta e tento me esconder no banheiro.

– Ava?

Saio de meu estado fugitivo e sigo a direção da voz. Uma voz que não ouço há semanas, e me surpreendo por essa voz ter me encontrado, especialmente depois de tudo o que aconteceu. Eu a fiz perder o emprego.

– Sarah – digo, sem a menor emoção. Estou fervilhando. Ela será mais um de meus problemas? Parece bem mais comportada, os cabelos mais naturais que o normal e os seios guardados por trás de um blazer bem-cortado, o vestido curto substituído por uma saia na altura dos joelhos. – O que você faz aqui? – pergunto.

– Esperava que pudéssemos conversar – ela se mexe na cadeira, desconfortável, sem aquele ar arrogante que costumava estampar.

Fui pega completamente de surpresa. Seria mais um jogo dela?

– Conversar? – indago, com cautela. – Sobre o quê? – não tenho nada pra dizer a essa mulher.

Ela olha em volta e eu também. Tom, meu amigo gay e sempre intrometido, olha com curiosidade para a mulher sentada à minha mesa.

– Talvez eu possa te pagar um café – ela sugere, olhando de volta para mim.

Ainda que eu ache que devia estar mandando Sarah para outro lugar, a curiosidade está me vencendo. Vou até a minha mesa e pego a bolsa.

– Tenho meia hora – digo, curta, saindo do escritório sem olhar para trás. Meu coração palpita demais para o meu gosto. Achei que nunca mais veria essa vagabunda do chicotinho, e agora sou obrigada a pôr os olhos nela outra vez. Todo o tormento e drama que ela causou vêm à tona, claros em minha mente. Tudo o que vejo são as marcas de chibatadas nas costas de Jesse, seu rosto torturado e meu corpo miserável sobre o dele. Ela é muito cara de pau.

Entro no Starbucks mais próximo e me sento em uma cadeira. Não vou pedir café para ela. Sei que estou com uma expressão contrariada quando ela se aproxima da mesa, mas não consigo evitar. Não quero evitar. Quero que ela saiba quanto eu a odeio.

– Quer beber alguma coisa? – ela pergunta, de maneira educada. Esta não é a Sarah que eu conheço e desprezo.

– Estou bem.

Ela dá um sorrisinho.

– Bem, acho que vou pegar um para mim. Tem certeza que não vai querer um?

– Sim – balanço a cabeça e observo-a caminhar até o balcão, assegurando-me de que está ocupada fazendo seu pedido, antes de pegar meu celular e enviar uma mensagem de texto para Kate. Preciso desabafar.

A vaca atrevida apareceu no meu escritório!

Ela responde imediatamente. Pudera, não é o tipo de mensagem que você deixa para responder mais tarde.

Não!!!! Sério? Ava, pare de falar em código! Quem é a vaca atrevida?

Quase deixo um palavrão frustrado escapar.

Sarah!

A resposta vem instantaneamente outra vez.

Nããããããããããão!!!!!!!!!!!!!!!

Meus dedos voam sobre a tela e eu olho para o balcão, constatando que Sarah ainda está sendo servida.

Siiiiiiiiim!!!!!!!!!!!!!! Te ligo + tarde

Quando estou guardando meu celular na bolsa, mais uma mensagem chega. Posso imaginar Kate exaltada, seus dedos brancos correndo pelo teclado do telefone. Ela deve estar dirigindo.

Ligue para mim agora e ponha o celular sobre a mesa. Quero ouvir o que ela vai dizer!

Faço um ruído de reprovação dessa vez, balançando a cabeça. Ela jamais manteria a boca fechada se ouvisse algo de que não gostasse, e então eu teria de explicar os sons produzidos por minha amiga histérica.

Não.

Aperto o botão para enviar e sorrio quando ela envia logo em seguida:

Vaca!

Enfio o telefone na bolsa no momento em que Sarah chega com o café. Cruzo as pernas e mantenho uma atitude de puro ódio. Eu a odeio. Odeio tudo o que ela representa, mas, acima de tudo, eu a odeio por ter causado dor a Jesse. É melhor eu parar de pensar. Só estou ficando com mais raiva. Meu humor tem ido a extremos ultimamente.

Ela se senta e mexe o café com cuidado, olhando para o copo.

– Quero pedir desculpas por tudo o que aconteceu.

– Você quer? – eu dou risada. – Está brincando comigo?

Ela faz uma pausa e olha para mim, com um sorriso nervoso.

– Ava, eu sinto muito. Acho que fiquei um pouco surpresa com a sua chegada.

– Ahn? – eu digo, com uma careta confusa.

– Se você me mandasse para aquele lugar, eu não te culparia. Comportei-me incrivelmente mal. Não tenho a menor desculpa.

– Exceto pelo fato de que você o ama – eu digo com franqueza, e os olhos dela se arregalam. – Por que outro motivo você agiria daquela forma, Sarah?

Ela desvia o olhar, e tenho a impressão de ver lágrimas em seus olhos. Oh, ela realmente o ama. Será que eu subestimei esse fator?

– Não vou negar, Ava. Sou apaixonada por Jesse há tanto tempo que já nem lembro – ela olha para mim de novo –, mas isso não é desculpa.

– Mas você o chicoteou – eu não entendo. – Por que fazer isso com alguém que se ama?

Ela ri, sem jeito.

– É o que eu faço. Eu me visto de couro, pego um chicote e chicoteio homens antes de transar com eles.

Tenho uma reação inesperada com o seu jeito de falar.

– Ok

– Jesse nunca se interessou por isso.

– Mas, ainda assim, você transava com ele – eu digo, inocente. Jesse já admitiu isso para mim e sei que nunca foi açoitado antes daquele dia horrível em que os encontrei no escritório dele. Ela deve estar se sentindo em casa, especialmente quando me atraiu ao Solar para testemunhar toda aquela cena horrenda.

Ela parece surpresa.

– Sim, mas foi só uma vez – ela definitivamente está segurando o choro. Eu julguei mal essa situação. – Engraçado, não é? Jesse não me queria nem quando estava bêbado. Ele pegava qualquer uma, menos eu.

Estou começando a entender a coisa toda, embora não fique nada contente em ficar remexendo nesse histórico de Jesse. Ele fazia sexo o tempo todo, em todos os lugares, com qualquer uma, exceto com Sarah. O Solar está cheio de mulheres dispostas a tudo, nenhuma delas mais do que Sarah, e ele nunca a quis.

– Você esperava que ele te comesse depois das chibatadas? – as palavras fazem meu estômago revirar. Estou enjoada outra vez.

Ela balança a cabeça negativamente.

– Não, eu sabia que ele não ia querer. Ele estava sofrendo muito por você. Jamais achei que veria Jesse Ward de joelhos por uma mulher.

– Você quer dizer que desejaria nunca ter visto esse dia.

– Sim. E também desejaria que você tivesse fugido para bem longe quando descobrisse o que acontece no Solar.

Eu fugi, mas voltei. Não foi necessária a colaboração de Sarah para que eu fugisse após ter descoberto o problema de Jesse com o álcool. Olho para a mulher do outro lado da mesa e sinto pena dela. Eu me odeio por isso, mas é verdade.

– Sarah, ele te vê como uma amiga – não acredito que estou tentando confortar essa mulher depois de tudo o que ela fez.

– Sim, vê – ela ri com vontade desta vez, mas logo fecha o semblante e volta a mexer seu café. – Depois do que você fez, e da reação que ele teve à sua atitude, tudo me fez perceber o quanto eu estava sendo idiota. Ele merece ser feliz. Ele merece você. Você o ama, independentemente do Solar, do que ele fazia e do alcoolismo. Você o ama por inteiro, incluindo os traços que você evocou nele – ela sorri. – Você o fez ter sentimentos. Eu nunca deveria ter tentado tirar isso dele.

Estou atônita, apenas olhando para ela, sem a menor pista do que dizer. Como responder a isso?

– Você quer seu emprego de volta – e é *isso* que eu digo?

Ela arregala os olhos outra vez.

– Você não acha que isso é possível, acha?

Não, não é. Apesar de suas confissões, eu não conseguiria confiar nela e, muito menos, gostar dela. Posso sentir um pouco de pena, mas jamais poderia trazê-la de volta para a nossa vida. Nunca perguntei a Jesse o que aconteceu quando a despediu. Ele deixou claro que isso não estava em discussão e, encantada com o fato de que ela estava fora da minha vida, não insisti. Mas agora, mais que nunca, eu gostaria de saber o que aconteceu durante aquela conversa.

– Você deve tê-lo visto com várias mulheres. Por que ele se interessou por mim? – pergunto, mesmo sabendo a resposta.

– Você era diferente, isso era óbvio. Jesse Ward não persegue as mulheres. Ele não as leva para a sua casa nem fica sem beber. Você mudou aquele homem. Você fez o que muitas mulheres vinham tentando fazer há muito tempo sem sucesso, Ava. Você ganhou “o senhor”. – ela se levanta. – Parabéns, sra. Ward. Cuide dele e faça-o feliz. Ele merece.

Dito isto, ela vai embora.

Observo-a sair do Starbucks e tenho vontade de chorar outra vez. Eu ganhei “o senhor”. Eu o fiz mudar e parar de beber e de transar com o mundo todo. Eu o fiz ter sentimentos e amar. E ele ama. Ama com todo o seu ser e eu o amo com todo o meu ser, também. Preciso vê-lo. Preciso muito vê-lo. Maldita Ruth Quinn e suas exigências.

Levanto-me depressa e corro para o estacionamento para pegar meu presente, ligando para Kate no caminho.

– O que ela disse? – ela grita ao telefone antes mesmo dele tocar.

– Pedi desculpas – estou esbaforida. – Enfim, e resolvi que vou seguir com a gravidez. Vou ter o bebê.

Ela ri da minha cara.

– Claro que vai, sua imbecil.

Corro para o estacionamento com um sorriso no rosto, louca para tirar minha reunião com Ruth do caminho e ir até Jesse.

– Ava! – Seu rosto sorridente quase me irrita.

– Olá, Ruth – digo, passando por ela e entrando na casca do que será a cozinha, fazendo uma análise rápida. Tudo parece estar dentro do cronograma. Não há sinal de problema.

– Não posso ficar por muito tempo, Ruth. Tenho outra reunião – viro-me para ela.

– Ah, é? Quer café? – ela soa esperançosa.

– Não, obrigada. Qual é o problema? – pergunto, incentivando-a a falar, mas ela não parece ter a menor pressa, indo para uma mesa improvisada e brincando com uma caneca.

– Vou fazer um café para mim e então podemos nos sentar na sala, onde tem menos poeira. Torço o nariz, frustrada.

– Desculpe, Ruth, mas eu marquei duas reuniões ao mesmo tempo, sem querer. Podemos remarcar? – estou entrando em pânico.

– Ah, não vai demorar muito – ela prossegue com seus gestos lentos, enquanto eu me contorço, impaciente, atrás dela. Qualquer um diria que ela está fazendo isso de propósito. – Foi um bom fim de semana com seus pais?

A pergunta me pega de surpresa, mas meu cérebro entra em ação antes de eu me entregar.

– Oh, sim, obrigada.

– Tem certeza de que não quer um café? – ela se arrasta preguiçosamente até a geladeira para pegar o leite.

– Não, de verdade – não consigo esconder a irritação. Estou muito irritada.

– Engraçado. Eu tinha certeza de ter visto você na sexta-feira à noite – ela diz, casualmente.

– Em um bar. Como se chamava? – devagar, ela adiciona leite ao café e mexe mais lentamente ainda. – É isso. Baroque, no Piccadilly.

– Ahn?

Merda!

– Sim, eu saí com uns amigos do trabalho. Nada demais. Aí, no sábado de manhã, fui para a casa dos meus pais – meus dedos se engancham nos meus cabelos. Por que estou mentindo para ela? O que faço e quando faço não é da conta dela.

Ela se vira, sorrindo, mas então seus olhos se fixam na minha mão esquerda, e não há como negar que seus olhos crescem. Olho para o dedo adornado pela aliança e me sinto inquieta.

– Você nunca me disse que era casada – ela ri. – Sinto-me tão estúpida! Fico te dizendo para ficar longe dos homens e você já era casada! – ela cora e eu me dou conta de uma coisa: ela é lésbica!

Put a merda! Isso explica tudo: os convites para sair, as ligações persistentes, as reuniões, e agora seus olhos se arregalando ao ver minha aliança e meu anel. Ela está interessada em mim. Agora estou realmente constrangida.

– Espere aí – ela franze o rosto. – Eu me lembro de você dizer que tinha um namorado – seu cenho se fecha mais ainda –, mas você não usava aliança na semana passada.

Perco o rebolado.

– Eu me casei recentemente – não quero entrar nesse assunto. – Meu anel e minha aliança estavam sendo polidos e ajustados. – Não consigo olhar para ela. Ruth é bonita, mas não me atrai.

– Por que não me contou? – ela parece ofendida.

Por que não contei? Por várias razões!

– Foi uma cerimônia íntima. Só para familiares – justifico. Será que ela esperava um convite ou teria tentado me impedir? Toda essa conversa está me fazendo querer chegar a Jesse ainda mais rápido. Devo dizer a ela que estou grávida, também? Pela expressão no rosto dela, isso seria a pá de cal. Ela parece magoada. – Ruth, eu preciso saber o que você quer discutir, para poder resolver o que quer que seja e ir embora. Sinto muito ter de fazer isso, mas tenho outro compromisso.

Ela mal consegue esconder sua decepção e me dá um sorriso falso.

– Não. Pode ir. Isso pode esperar.

Eu fico aliviada, mas triste. Talvez tenha sido melhor assim. Será que agora ela vai pegar mais leve com os convites insistentes para sair? Não acredito que não reparei nisso antes. Uma mulher bonita assim sem um homem? Mas não perco muito tempo pensando nisso. Estou louca para ir embora, e não só porque tenho uma admiradora do sexo feminino.

– Obrigada, Ruth. Vamos remarcar – digo, direta, e saio apressada, dando um tchauzinho por cima do ombro, enquanto vou na direção da porta. Como sou tola.

Corro pela calçada e entro no meu reluzente carro novo, quase caindo no choro quando “Angel” invade meus ouvidos.

Aperto freneticamente o botão do interfone, mas depois de minutos de agonia, os portões não abrem. Então, enfio a mão na bolsa e pego meu celular para ligar para ele. O telefone dele toca apenas uma vez.

– Ava?

– Os portões não abrem! – soo histérica e louca; estou fora de mim com a necessidade de vê-lo.

– Ei, acalme-se – ele está igualmente ansioso. – Onde você está?

– Do lado de fora dos portões! Estou apertando o botão, mas ninguém atende!

– Ava, pare. Você está me deixando preocupado.

– Eu preciso de você – começo a chorar, cedendo à culpa que vem me consumindo há dias.

– Jesse, eu preciso de você.

Posso ouvir sua respiração alterada pelo telefone. Ele está correndo.

– Baixe o quebra-luz, querida.

Olho para cima e baixo o protetor de couro branco, encontrando dois pequenos controles pretos. Não preciso esperar por mais instruções. Aperto os dois e os portões começam a abrir. Jogo o celular no banco do passageiro e piso fundo no acelerador, seguindo em frente, sem demora. Estou chorando muito agora, lágrimas pesadas e dolorosas, enquanto me embrenho pela trilha de três faixas, com a visão turva. Então, vejo o Aston Martin de Jesse vindo a toda velocidade na direção oposta. Piso no freio, saio do carro e corro até ele.

Jesse está transtornado e também sai às pressas do carro, deixando a porta aberta e disparando em direção à sua esposa louca e histérica. Não consigo evitar, estou assustando-o, mas a súbita compreensão me causou um ataque de pânico. Estou fora do controle das minhas emoções. A mulher malvada e fria que tenho sido de repente desaparece e me permite ver as coisas às claras.

Nossos corpos se chocam e sou imediatamente tragada por ele, cada um de seus músculos rígidos me amparam quando ele me ergue e me aninha em seus braços. Eu soluço incessantemente grudada no pescoço dele, que anda sem rumo pela trilha, apenas me abraçando. Sou tão idiota. Sou uma vaca estúpida, egoísta e sem coração.

– Meu Deus, Ava – ele arfa no meu pescoço.

– Desculpe – estou descontrolada, embora já me sinta mil vezes melhor por estar em seus braços.

– O que houve?

– Nada. Eu só precisava te ver – eu o abraço com mais força, não me sinto perto o bastante.

– Caramba, Ava! Por favor, me explique o que está havendo! – ele tenta me soltar, mas eu o agarro com braços de aço, não deixando que me ponha no chão. – Ava?

– Podemos ir para casa?

– Não! Não até que você me conte por que está nesse estado – ele grita, lutando contra meus braços carentes. Não sou páreo para ele, que logo me afasta de si e me coloca na sua frente, olhando-me de cima a baixo, enquanto me segura pelos ombros. – O que aconteceu?

– Eu estou grávida – choro. – Menti para você. Desculpe.

Ele começa a tremer e me solta, dando um passo para trás, com seus olhos imensos e a linha de expressão profunda.

– O quê?

Limpo as lágrimas que rolam pelo meu rosto e olho para o chão. Estou com tanta vergonha. Ele não é nenhum santo, mas, enquanto ele está tentando gerar vida, eu estava pensando em destruí-la. Isso é imperdoável, não que eu jamais possa vir a dizer a ele o que pensei em fazer.

– Você me deixa tão furiosa – eu sussurro, lamentavelmente. – Você me deixa louca e depois me faz tão feliz. Eu não sabia o que fazer – é uma desculpa fraca e patética.

Após alguns minutos de silêncio e constrangimento sem que ele diga coisa alguma, arrisco-me a olhar para ele. Jesse ainda está em choque.

– Pelo amor de Deus, Ava! Está querendo me mandar para um hospício? – ele leva as mãos à cabeça e olha para o céu. – Está querendo me enlouquecer, porque eu realmente não preciso disso agora. Mal consegui me recuperar da notícia de que você *não* estava grávida e agora você está?

– Sempre estive.

Sua cabeça volta ao normal e seus braços caem ao lado do corpo, balançando, enquanto ele me estuda com atenção, um olhar incrédulo em seu rosto.

– Quando é que ia me contar?

– Quando eu aceitasse o fato – nem acho que esteja mentindo, e como não sinto meus instintos naturais de tocar meus cabelos, penso que não estou mesmo. Talvez eu só quisesse curtir o Jesse dominante um pouco mais, antes que ele comesse a me tratar como se eu fosse de vidro outra vez. Não sei. Tenho agido de maneira tão estúpida.

– Vamos ter um bebê? – ele sussurra as palavras, e eu apenas aceno que sim com a cabeça. Não consigo falar. Seus olhos deixam os meus e pairam sobre o meu ventre, e logo vejo uma lágrima descer por seu rosto. Isso só inflama a minha culpa, mas quando ele cai de joelhos, perco totalmente o controle de mim. Apenas choro e olho para o meu marido, com o corpo curvado diante de mim e derramando lágrimas em silêncio. Realmente, mexi com a cabeça dele, como se ele precisasse de mais isso.

Minha resposta natural à reação do meu homem lindo e neurótico é ir até ele e ajoelhar-me à sua frente. Meus braços o envolvem em torno dos ombros e eu o abraço forte, enquanto ele soluça com o rosto enterrado no meu pescoço e as mãos acariciando as minhas costas de maneira desesperada, como se quisesse ter certeza de que estou aqui.

– Desculpe – digo baixinho.

Ele não diz nada. Fica em pé e me levanta junto, antes de me levar para o seu carro e me colocar no banco do passageiro, ainda em silêncio, enquanto afivela o cinto de segurança em mim. Pegando o celular do bolso do paletó, ele fecha a porta enquanto faz uma ligação e

estaciona meu carro novo de um dos lados da trilha.

De volta, ele põe a minha bolsa entre meus pés, antes de nos levar para casa, sem dizer uma palavra.

Capítulo 13



Ele dirige até nossa casa sem dizer nada. Quando estacionamos diante do Lusso, ele sai do carro e vem até o meu lado, me buscar, conduzindo-me para dentro e passando pelo balcão do *concierge* sem nem tomar conhecimento de Casey, que nos olha com cautela, antes de entrarmos no elevador que leva à cobertura. Olho para ele, que continua com o rosto voltado para a frente, não correspondendo ao meu olhar nem mesmo pelo reflexo nas portas espelhadas. Quando ele abre a porta do apartamento, Cathy surge vinda da cozinha, e seu sorriso feliz morre assim que nota que sua alegria não é recíproca.

– Está tudo bem? – ela perscruta a nós dois e fixa os olhos em Jesse, buscando uma resposta, mas ele apenas entrega a minha bolsa para mim e faz um sinal para a escada. Eu olho para ele, implorando que diga algo, mas ele não me satisfaz. Apenas acena outra vez.

– O que há, menino? – Cathy pergunta, cautelosa.

– Está tudo bem. Ava não está se sentindo muito bem – ele toca as minhas costas, incentivando-me a subir.

– Você não vem? – indago.

– Subirei em um minuto. Vá – ele reforça suas palavras com um toque mais incisivo, e o deixo com Cathy.

Quando passo pela meiga governanta de Jesse, ela afaga meu ombro, sorrindo de leve.

– Estou feliz por estar em casa, Ava.

Retribuo com um sorriso amarelo. Estou confusa e um pouco preocupada com o desânimo de Jesse.

– Obrigada – subo para a suíte máster e me sento na beirada inferior da cama.

Sem saber o que fazer, tiro os sapatos e me acomodo um pouco melhor na cama. Meus olhos ardem de tanto chorar, e eu aperto os joelhos contra o peito, esperando por ele. Sei que agora é o momento em que conversaremos sobre a nossa situação, agora que ambos temos conhecimento do que está havendo. Porém, para haver conversa, os dois precisam querer falar, e Jesse não parece ter planos de dizer qualquer coisa que seja. Não posso fazer isso sozinha. Não faço ideia do que se passa em sua cabeça louca, e a atmosfera pesada me faz ter dúvidas novamente. Preciso de conforto, não de silêncio, não de tempo para pensar de novo em sair daqui.

Levanto a cabeça quando ele entra no quarto, mas ele não olha para mim. Em vez disso, vai direto para o banheiro. Ouço a torneira da banheira começar a jorrar e seus movimentos para preparar um banho de espuma, pegando tudo o que pode precisar e colocando ao alcance das

mãos. Vamos tomar banho de banheira?

Após um longo tempo sentada na cama, ouvindo a água cair e os seus movimentos quase mecânicos no banheiro, vejo Jesse voltar para o quarto e aproximar-se de mim. Ele pega a minha mão e me põe de pé, depois me despe, retira meu diamante e meu Rolex (pelo qual ainda não agradei), antes de me pegar nos braços e me carregar para o banheiro.

Ele me baixa com cuidado para dentro da banheira.

– A água está boa? – ele pergunta com carinho, soltando-me e ajoelhando-se ao lado da banheira.

– Está ótima – respondo, vendo que ele tira o paletó, abre os botões dos punhos da camisa e arregaça as mangas. Em seguida, pega a esponja, mergulha-a na água, aplica sabonete líquido nela e me vira de costas para ele. Então, começa a deslizá-la lenta e gentilmente sobre a minha pele.

Estou um tanto confusa.

– Você não vai entrar? – pergunto em voz baixa. Quero que ele se sente atrás de mim para que eu possa senti-lo, aninhar-me nele. Preciso disso.

– Deixe-me cuidar de você – a voz dele é grave e incerta, e não gosto nada disso.

Viro-me de frente para ele e encontro olhos vidrados e uma expressão estoica. Isso me parte o coração. De fato, eu o enlouqueci dessa vez.

– Assim você não está perto de mim o bastante – acaricio seu rosto com a mão molhada. – Por favor.

Ele me examina por um momento, como se deliberasse se deve ou não fazer isso, mas acaba por suspirar, soltar a esponja, levantar-se e tirar a roupa.

Entrando atrás de mim, ele se senta e me abraça com o corpo todo. Sinto-me melhor automaticamente, com seu calor e sua força que me embalam, mas não consigo vê-lo; então, viro-me e sento no colo dele, puxando seus joelhos para cima, para poder me encostar e olhar para ele. Pego suas mãos, entrelaço nossos dedos, e ficamos olhando para os movimentos de nossas mãos, os dedos unidos, brilhando vez ou outra quando as alianças refletem o brilho da luz na água. Não estamos mais em um silêncio pesado.

– Por que você mentiu para mim, Ava? – ele sussurra, ainda olhando para os movimentos dos nossos dedos unidos.

Sem parar completamente, minha ação diminui de intensidade. Essa é uma pergunta que eu previa e que precisa de resposta.

– Eu estava apavorada. Ainda estou – digo a verdade. Nada mais que a verdade e ele precisa ouvi-la. Precisa saber que essa situação toda me amedronta.

– Comigo? – ele pergunta, simplesmente. – Você está com medo de mim? – ele não se explica e não é preciso; sei o que quer dizer e ele também sabe.

– Estou com medo de como você vai agir.

– Você tem medo de que eu fique mais louco – ele confirma, mantendo os olhos em nossas mãos dadas.

– Ainda nem tínhamos confirmado e você já estava me tratando como um objeto valioso.

Ele respira fundo e põe nossas mãos no próprio peito, sobre o coração, mas ainda não olha para mim.

– É isso, mas você também acha que posso vir a amar nosso filho mais do que a você.

As palavras dele me deixam tensa. São as palavras às quais me recusei a dar atenção toda vez que surgiam na minha mente. Estou mesmo preocupada que ele vá amar nosso filho mais do que a mim. É egoísmo, eu sei, mas me apavora. Esse pensamento insensato ficava ali, pairando em algum lugar, e agora posso admitir para mim mesma. Eu não tenho o amor dele há tanto tempo assim, mas sou abençoada por tê-lo. Que mulher não gostaria de ser amada com tanta força, com tanta entrega? Não estou pronta para dividi-lo com ninguém, nem mesmo com uma parte de nós.

– Isso poderia acontecer? – pergunto baixinho, porque não tenho certeza. Tudo o que sei é quanto ele está desesperado para ter um bebê, ainda que eu não saiba muito bem o motivo.

Ele levanta os olhos devagar, revelando uma tristeza que nunca vi antes. Poderia ser decepção, também.

– Sente isso? – ele espalma minhas mãos em seu peito e as segura ali, firmemente. – Ele foi feito para te amar, Ava. Por muito tempo ele foi inútil, redundante, desnecessário. Agora, vive em superatividade. Transborda de felicidade quando olho para você. Ele se dilacera de dor quando brigamos e bate de maneira selvagem quando faço amor com você. Talvez eu exagere em meu amor, mas isso jamais vai mudar. Vou te amar com a mesma intensidade até o dia em que eu morrer, Ava. Com ou sem filhos.

Nunca estive tão desarmada. Não me é possível amar esse homem mais do que amo.

– Jamais quero perder o seu amor intenso.

Ele pousa a mão na minha nuca e me puxa para ele, encostando a sua testa na minha.

– Você não vai perder. Nunca vou deixar de te amar demais, e esse amor só vai aumentar, porque cada dia que passo com você é mais um dia de lembranças suas. Lembranças que eu guardarei para sempre e não quero esquecer. Minha mente está repleta de imagens lindas de nós dois, e elas estão substituindo uma história que persiste. Elas estão afastando o meu passado, Ava. Eu preciso delas. Eu preciso de você.

– Você me tem – eu suspiro, abraçando-o.

– Nunca mais me abandone – ele me beija com carinho. – Dói demais.

Ajeito-me no colo dele e o abraço com mais força, apertando os braços e aproximando a boca do seu ouvido.

– Eu te amo loucamente – sussurro. – Intensamente. Jamais vou deixar de te amar, nunca – beijo a orelha dele. – Ponto-final.

Ele vira a cabeça para mim e captura meus lábios.

– Que bom. Meu coração está transbordando.

Dou-lhe um sorriso quando ele demonstra felicidade com um de seus beijos, recostando-se na banheira, comigo deitada sobre seu peito. Nós apenas nos beijamos por um longo tempo. É um momento doce e gentil, mas é do que ambos precisamos agora: de amor puro, poderoso e sem remorsos. Um amor potente, que nos domina.

Ele se afasta e segura meu rosto com as mãos.

– Deixe-me te dar um banho.

– Mas eu estou confortável – só quero ficar aqui deitada no peito dele até a água esfriar e eu ter de sair da banheira gigante.

– Nós podemos ficar confortáveis na cama, onde você pode adormecer nos meus braços, onde é o seu lugar.

Faço uma careta.

– Mas não estamos nem no meio da ta... – eu paraliso. – Eu não voltei para o escritório! – começo a me levantar para ligar para Patrick, mas logo sou detida e acomodada de volta ao peito dele.

– Eu já cuidei disso. Pode ficar sossegada.

– Quando?

– Quando te trouxe para casa – ele me vira no colo dele e pega a esponja debaixo d'água.

– O que disse a ele?

– Que você estava doente.

– Ele vai me mandar embora logo, logo – suspiro e me inclino para a frente, apoiando a cabeça nos joelhos erguidos e me permitindo ser mimada por Jesse, que me esfrega com a esponja. É um silêncio confortável e estou com a mente serena. Fecho os olhos e absorvo o amor que flui dele para mim por meio desse contato. Esse é o poder do que temos. Nosso amor pode vencer qualquer obstáculo que se apresente para nós, seja ele um objeto inanimado, como uma simples esponja, ou uma pessoa de carne e osso, como Coral, Sarah ou mesmo Mikael. Nada pode nem vai nos separar, a não ser nós mesmos.

Depois de me dar banho, ele me envolve em uma toalha e me senta no gabinete da pia.

– Fique aqui – ele pede, antes de me dar um beijinho casto e me deixar ali, com uma expressão confusa.

– O que vai fazer? – estou curiosa.

– Espere.

Ouçoo-o procurar por algo e o farfalhar de uma sacola de papel, e logo ele está diante de mim outra vez, segurando a sacola na altura dos meus olhos, com as sobrelanceiras erguidas.

– O que é isso? – pergunto, ajeitando a toalha.

Ele respira fundo e a abre, colocando-a abaixo do meu rosto para que eu veja o que há dentro dela. Olho para ele com desconfiança e espio. Assim que registro o conteúdo da sacola, olho para ele, sobressaltada.

– Você não acredita em mim? – digo, obviamente magoada.

Ele revira os olhos e enfia a mão no saco, tirando de lá um teste de gravidez.

– Claro que confio.

– Então por que esse saco cheio... – viro o saco de cabeça para baixo, derrubando as caixinhas na pia ao meu lado. Eu as coloco lado a lado no balcão e conto: – um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito. Por que oito testes de gravidez? – volto os olhos para meu marido maluco e agito uma das caixinhas para ele.

Ele dá de ombros, acanhado, e tira a caixa da frente.

– São dois por caixa – diz, meio sem-graça.

– Dezesseis?!

Ele começa a abrir uma delas.

– Às vezes, eles não funcionam direito. São só reservas – ele pega um deles e abre a embalagem de plástico interna com os dentes, e então me dá. – Você precisa fazer xixi nessa partezinha aqui, veja.

Eu o observo tirar a tampinha de um dos lados e apontar para a extremidade que não é feita de plástico.

– Já fiz um desses na consultório, Jesse. Sei como funciona. Por que não aceita a minha palavra?

Ele começa a morder o lábio, ansioso.

– Aceito a sua palavra. Só gostaria de ver por mim mesmo.

Estou um pouco ofendida, embora não tenha esse direito. Já o enganei e brinquei com sua mente, digamos, meio doidinha. Não posso reclamar que ele queira a confirmação oficial.

– Há quanto tempo está com isso?

Ele faz um bico, baixa os olhos e encolhe os ombros, culpado. Não precisa dizer. Estendo a mão e ele levanta os olhos, já brilhantes outra vez.

– Dá aqui – aponto para o teste e o vejo abrir um sorriso. Um sorriso encantador. Acho que esse sorriso supera até aquele que ele reserva só para mim. Desprezo rapidamente a pontinha de ciúme que me invade. Estou sendo ridícula. Pulo do gabinete – Um pouco de privacidade, por favor.

Ele se espanta e um olhar incrédulo surge em seu rosto.

– Eu vou ficar! – ele exclama.

– Eu não vou fazer xixi em um palitinho na sua frente! – balanço a cabeça. – De jeito nenhum, Ward.

Ele se senta no chão, na minha frente, e a toalha que usa em volta da cintura se abre, revelando... tudo.

– Você vai ter que me tirar daqui – ele tenta conter um sorriso naqueles lábios carnudos.

– Posso usar outro banheiro – retruco, séria, e tento driblá-lo para sair. Dou um grito quando meu tornozelo é agarrado, e de repente me pego tendo de me livrar de um peso morto para poder fugir. – Jesse! – puxo a perna, mas é inútil. Viro-me e me deparo com meu marido deitado de bruços no chão, com as duas mãos agarradas aos meus pés.

Ele me olha de baixo, com olhos pidões e um bico.

– Faça isso para me agradecer, Ava. Por favor – ele inclusive pisca os olhos para mim.

Faço o máximo para não sorrir, mas quando ele me olha desse jeito, é simplesmente impossível.

– Pode pelo menos se virar de costas?

– Não – ele se levanta num pulo e remove a toalha de uma vez. Sua beleza me atinge como um golpe. – Isso faz você se sentir melhor? – ele abre os braços e não consigo impedir meus olhos de examinar todo o seu esplendor. Eu dou um suspiro.

– Não. Isso só me distrai – pondero, ainda admirando-o de cima a baixo, ele todo, cada maravilhosa, sensacional e perfeita parte dele. Chego ao seu rosto. Seus olhos estão cheios de interesse, assim como sei que os meus estão. – Você usa seu físico de maneira injusta.

– Claro que uso. É um dos meus melhores bens – ele chega mais perto e arranca a minha toalha. – Vem em segundo lugar, depois desse aqui – seus olhos deslizam sobre minha nudez e ele suspira. – Simplesmente perfeita.

– Você não vai dizer isso quando eu estiver gorda e inchada – resmungo, dando-me conta, subitamente, de que vou ficar gorda e inchada. – E se disser que terá mais de mim para amar, eu peço o divórcio – pego a toalha das mãos dele e me enrolo novamente, ignorando o fato de ele ficar contrariado ao me ver cobrindo o “melhor bem” dele.

– Não diga essa palavra – ele ameaça, pegando-me pela mão e me levando até o vaso. – Se

te fazer sentir melhor, eu também como por dois – ele me olha com um sorrisinho safado.

– Prometa que não vai me deixar quando eu não conseguir fazer sexo oral por causa da barriga.

– Prometo – ele joga a cabeça para trás, rindo, e me vira, deixando-me de frente para o vaso. – Agora, xixi no palito!

Levanto a toalha e me sento, enquanto Jesse se agacha na minha frente.

– Quer colocar a mão na privada outra vez? – sorrio quando o vejo estremecer ao se lembrar de mim apoiada sobre seu braço no hospital. – Posso te marcar oficialmente.

Ele está fazendo um esforço louvável para não rir, mas falha completamente. Ele cai no chão e gargalha, e isso me deixa muito melhor. Enquanto meu marido histérico rola pelo chão, eu seguro o teste no meio das pernas e alivio a bexiga.

– Ava, eu te amo tanto – ele se agacha outra vez, apoiando as mãos nas minhas coxas e se inclina para me beijar com força... enquanto eu faço xixi no palito.

– Aqui está – estico a mão e dou o teste para ele, que o pega e me dá outro, imediatamente. – Pra que isso? – pergunto, estranhando o novo teste.

– Eu já te disse: às vezes eles não funcionam. Vamos, rápido – ele insiste.

Deixo a cabeça pender, num giro completo de pura exasperação, mas pego o teste e repito a operação, mas ao terminar vejo outro teste na minha frente.

– Jesse, qual é!

– Mais um – ele retira a proteção e me entrega.

– Pelo amor de Deus! – pego-o com violência e o coloco entre as pernas. – Acabou! – digo, esvaziando por completo a bexiga, assegurando-me de estar realmente vazia, para não ter mais como fazer outros testes. – Pronto – puxo um pouco de papel higiênico para me enxugar, enquanto ele leva os três testes para o gabinete da pia e os coloca em sequência.

Apesar da minha irritação, não dá para não sorrir com ele ali, em pé, nu e ligeiramente curvado, com as mãos apoiadas nos joelhos e com o rosto bem próximo aos testes.

– Está tudo bem aí? – pergunto, indo até ele, e imitando sua posição na frente da pia, também chegando bem perto dos testes.

– Acho que eles estão com defeito. Acho que deveríamos fazer mais – ele faz menção de se mover, mas eu o seguro pelo braço.

– Só se passaram 30 segundos – eu dou risada. – Lave as mãos – eu digo, levando as mãos dele até a torneira, mas ele não tira os olhos dos testes, sem prestar a menor atenção no que estou fazendo.

– Já faz mais tempo que isso. Muito mais – ele bufa.

– Não faz não. Pare de ser neurótico – argumento e volto para a posição de observadora dos testes, assim como ele.

Olho para ele de canto de olhos, com os cantos dos lábios curvados num sorriso. Ele ergue as sobrancelhas para mim, em defensiva.

– Eu não sou neurótico.

– Claro que não é – provoco.

– Está caçoando de mim?

– De maneira nenhuma, meu senhor.

O silêncio se instala novamente e ambos ficamos imóveis, esperando pela confirmação de

algo que eu já sei. Então, letras quase imperceptíveis aparecem no primeiro teste, e eu me pego prendendo a respiração. Não sei por quê. Talvez porque eu esteja imitando meu homem temperamental, que, de repente, ficou tenso ao meu lado. O tempo parece estar em câmera lenta enquanto as letras se formam e nós aguardamos, sem dizer nada. Meu coração acelera quando olho para o segundo teste e vejo as mesmas letras surgindo. Movemos a cabeça ligeiramente para o lado e a mesma palavra começa a aparecer no terceiro teste, dessa vez fazendo meu coração querer pular para fora do peito. Só agora percebo que ainda estou prendendo a respiração, que exalo pela boca. Percebo que Jesse treme ao meu lado, e viro meu rosto para o dele, completamente tomada pela emoção. Ele também vira a cabeça para olhar para mim. Estamos os dois curvados sobre a pia, ambos apoiando as mãos nos joelhos e completamente sem expressão.

– Olá, papai – sussurro, minha voz saindo entrecortada quando vejo que ele me olha.

– Puta merda! – ele sussurra. – Não consigo respirar – ele cai no chão e olha para o teto.

Por que tão chocado? Ele queria isso.

Fico ereta e faço uma rotação de ombros. Estou dolorida.

– Você está bem? – olho de cima para ele. Isso não era o que eu esperava, mas logo a boca dele começa a se mover e seus olhos se fixam nos meus. Ele se levanta de um pulo e me pega nos braços, tirando-me do chão. Eu dou um grito.

– O que há com você?

Ele corre para o quarto e me coloca na cama, com uma gentileza exagerada, tirando a minha toalha e vindo por cima de mim, acomodando-se entre as minhas pernas e descansando o queixo no meu ventre. Ele me olha com absoluto contentamento. Seus olhos brilham intensamente. Os cabelos despenteados e nem sinal da linha de expressão ou de lábio mordido. Como pude duvidar disso quando ele parece tão relaxado, como se eu lhe desse a própria vida? Bem, eu lhe dei, de certa forma. E ele também me deu vida. De uma forma ou de outra, meu marido é um homem feliz, e agora que compreendi tudo, posso ver a situação com muita clareza. Ele tem amor o suficiente para compartilhar. Esse homem devastador, esse *ex-playboy*, vai ser um pai incrível, ainda que um pouco superprotetor. Não só lhe dei uma vida que vale a pena ser vivida, mas, dando-me para ele, eu também lhe dei uma nova vida, uma parte minha e uma parte dele combinadas. E vê-lo tão eufórico afasta toda e qualquer dúvida. Sim, eu posso ter um bebê com este homem.

– Eu te amo – ele diz, bem baixinho. – Muito.

– Eu sei – digo, sorrindo.

Ele beija meu ventre com carinho e me acaricia suavemente.

– E eu te amo também – ele sussurra para a minha barriga, depois desenha um círculo em torno do meu umbigo com o nariz, antes de rastejar cama acima e se deitar sobre mim. Ele afasta os cabelos do meu rosto e olha para mim. – Vou tentar ser melhor. Com você, digo. Vou tentar não te sufocar nem te enlouquecer.

– Gosto da maneira como você me trata. Precisamos conversar é sobre o seu jeito irracional.

– Seja mais específica – ele pede.

– Você quer saber exatamente o que me deixa louca?

– Sim, diga-me. Não posso tentar me controlar se não sei exatamente o que te incomoda – ele me dá um beijinho inocente nos lábios e eu luto para não rir. Ele não sabe? Nós poderíamos ficar aqui pelo resto do ano, mas vou me concentrar nos pontos mais importantes por ora.

– Você estava me tratando com cuidados demais. Quando achou que eu estava grávida, parou de ser feroz na cama e eu não gostei disso. Quero o meu Jesse dominador de volta.

Ele ergue as sobrancelhas, espantado.

– Mas que diabos eu fiz com você?

– Você é viciante, e eu estava em uma crise de abstinência de Jesse – é a minha resposta franca e honesta. Preciso dizer isso logo, porque oito meses de Jesse gentil vão me fazer pirar.

Sua linha de preocupação aparece.

– Eu te peguei com força ultimamente.

– Sim, mas só porque você pensou que eu não estava grávida, e quando achou que eu estava, só agiu quando eu te provoquei. Eu quero pegada!

Seu rosto se fecha mais um pouco.

– Você não gosta de sexo sonolento?

Dou um suspiro e seguro suas bochechas.

– Você não vai machucar a pessoinha, sabia?

– “Pessoinha”? – ele ri. – Vamos deixar uma coisa clara: ninguém chama meu bebê de “pessoinha”.

– Não é sequer um bebê nesse momento.

– O que é, então?

– Bem, é mais ou menos do tamanho de um amendoim – noto que seus olhos brilham deitados e um sorriso atrevido surge em seu rosto impressionantemente bonito. – Oh, não, Ward! – eu gargalho.

– O que foi? – ele se inclina e acaricia meu rosto com o nariz. – É perfeito!

– Você não vai chamar o nosso bebê de amendoim! Ponto-final! – eu grito quando ele aperta meu quadril e começo a me contorcer embaixo dele, em algum lugar entre o prazer e a tortura, o último, por razões óbvias, e o primeiro, porque isso é o nosso normal. Isso somos nós. – Pare! – eu grito.

E Jesse para.

– Merda! – ele xinga.

– O que está fazendo? – eu grito, dessa vez com raiva. Ele olha para a minha barriga e depois para o meu rosto, sua expressão envergonhada entregando que ele sabe exatamente o que acaba de fazer. – Viu? É *disso* que eu estou falando! Se você não trouxe de volta um pouco do seu comportamento normal agora, eu vou para a casa dos meus pais até o final da minha gravidez – não estou fazendo drama, vou mesmo. – Estou falando sério, Ward. O homem forte, rústico, as contagens regressivas, as transas de vários graus... quero tudo de volta, e quero agora!

Ele apenas olha para a esposa dele como se ela fosse lunática. Acho que ela é.

– Já está mais calma? – ele pergunta, sério.

– Isso depende de quanto do que eu te disse entrou nessa sua cabeça dura – agarro seus cabelos e puxo.

– Ai! – ele ri e depois suspira, rolando até ficar deitado de costas, levando-me com ele. Jesse

dobra as pernas para apoiar minhas costas e me olha com atenção. Eu deixo. Fico sentada e aguardo-o pensar no que vai dizer, até que ele respira fundo.

– Você se lembra de quando eu a encontrei no bar, quando te ensinei a dançar?

Eu lhe dou um sorriso e relaxo contra as coxas dele atrás de mim.

– Foi nessa noite que eu me dei conta de que estava apaixonada por você – confesso.

– Eu sei, porque você me contou. Você estava bêbada, mas disse mesmo assim.

– Hmm, deve ter sido por causa da sua habilidade na pista de dança.

– Eu sei – ele ergue os ombros, casual. – Eu sou bom.

Balanço a cabeça, divertida com sua pretensão.

– Você é tão arrogante – eu me apaixonei por isso também. Sua autoconfiança hoje é algo que me excita, especialmente agora que ele é só meu. Ele tem todo o direito de ser convencido.

– Mas acho que sou um pouco mais inteligente que a minha bela esposa – ele diz, cobrindo meus tornozelos com as mãos.

– Você é mesmo muito arrogante!

– Não. Não desta vez. Desta vez, eu só estou sendo honesto. Veja bem, eu percebi que já estava apaixonado por você antes daquele dia.

Eu faço um bico.

– E isso te torna mais inteligente que eu?

– Sim, torna. Durante o tempo todo em que você estava fugindo, eu fiquei extremamente frustrado. Ficava achando que havia algo de errado com você – ele dá um sorriso tímido. – Sabe, porque você não se submetia a mim.

– Como todas as outras faziam – endosso o argumento dele. Imagino que a rejeição fosse mesmo muito frustrante para um homem que sempre tinha o que queria com uma facilidade absurda. Ele confirma com um meneio de cabeça em seu suspiro. – Fiz isso porque achei que iria me magoar. Embora não te conhecesse, era óbvio que você... – eu faço uma pausa breve – ...tinha experiência. – Eu ia dizer “era um cafajeste”, mas não acho que Jesse possa ser rotulado dessa forma, de modo algum. As mulheres se jogavam aos seus pés, tornavam tudo fácil demais para ele, então ele nunca precisou perseguir ninguém. Até me conhecer.

As pontas de seus dedos começam a subir pelas minhas canelas e ele assiste ao caminho que eles fazem.

– Quando te deixei, durante aqueles quatro dias...

– Não! – disparo. – Por favor, não fale sobre isso.

– Deixe-me apenas explicar uma coisa. É importante – ele me puxa para a frente e ficamos cara a cara. – Eu estava tão confuso com o que sentia, que precisei daquele tempo longe de você para compreender exatamente o que era. Não entendia por que estava agindo como um louco. Pensei que estava enlouquecendo de verdade, Ava.

Não gosto nem um pouco de me lembrar disso. Não sei onde isso vai chegar, mas já sei que ele me deixou porque sabia que estava com problemas, porque não queria me magoar. Não preciso ouvir tudo isso mais uma vez.

Ele morde o lábio de leve, bem debaixo do meu nariz, e então prossegue.

– Passei o terceiro e o quarto dia relembrando cada momento com você. Repassei esses momentos mil vezes na mente até me torturar, então fui te procurar. Mas você fugiu de novo.

Óbvio que fugi de novo. Meus instintos não falharam. Mesmo que eu não soubesse por que

estava fugindo, sabia que precisava fazê-lo.

– Ava, na noite em que você disse que me amava tudo ficou muito claro, mas, ao mesmo tempo, muito incerto. Queria que você me amasse, mas sabia que você não me conhecia de verdade, que havia coisas que te fariam fugir outra vez, assim como sabia que meu lugar era com você e morria de medo de pensar que, uma vez que começasse a descobrir quem eu sou, você me deixasse outra vez. Eu não podia por isso em risco, não quando demorou tanto para eu te encontrar – ele fecha os olhos e respira mais fundo, tomando confiança. – Eu peguei suas pílulas naquela noite.

Nem fico chocada. Ele acaba de confessar não só que as escondeu, mas também por que o fez. Isso tudo faz sentido em seu mundo insano e, mais preocupante, meio que faz sentido também no meu.

Ele me beija com ternura.

– Fiquei a noite toda olhando você dormir, e tudo em que eu conseguia pensar eram razões para você *não* me querer. Eu sabia que era errado pegar seus anticoncepcionais, mas só via isso como um efeito colateral. Esse era o tamanho do meu desespero.

Relaxo sobre ele, meu rosto se aninhando em seu pescoço. Já sabia de tudo isso, exceto da parte de ele ficar me olhando dormir. Sei que continuou roubando-as porque havia mais coisas em jogo.

– Então você não quer um bebê? Só quer ficar comigo?

Ele me afasta de seu pescoço e me encanta com um sorriso reservado somente para mim.

– Quero tudo o que houver no mundo com você. E quero tudo para ontem.

Lá no fundo, eu também sabia disso.

– Obrigada pelo relógio.

Ele sorri e passa o dedo pelo meu lábio inferior.

– Não por isso.

Eu me derramo sobre seus lábios e me perco neles em um beijo lento, calmo, extraordinário. Perfeito, como deveria ser nesse momento.

Capítulo 14



Osom familiar de um equipamento funcionando e constantes batidas me desperta. Sabendo onde encontrá-lo, vou direto para a sala de ginástica. Fico do lado de fora da porta de vidro e fixo os olhos em suas costas molhadas de suor e seus músculos trabalhando, enquanto ele corre sobre a esteira e assiste ao jornal de esportes na TV. Abrindo a porta devagar, vou até a frente do aparelho e me sento, nua, no banco de musculação que fica bem diante dele.

Ele está correndo em alta velocidade, mas quando eu me deito no banco e me apoio nos braços, ele bate com o punho no botão de desacelerar e começa a caminhar mais e mais lentamente, até parar por completo. Meus olhos sonolentos não param, e o vejo pegar uma toalha e enxugar os cabelos e o rosto. Ele é uma massa de suor puro e reluzente. Eu poderia comê-lo vivo.

Ele me admira com um olhar voraz, inclinando-se sobre o painel do equipamento.

– Bom dia – os olhos dele correm pelo meu corpo, da cabeça aos pés, e de volta pelo caminho inverso até fixar o olhar no meu outra vez.

– Bom dia para você também. Por que está correndo aqui? – já sei a resposta, e, a considerar pelo esboço de sorriso em seu rosto, ele também sabe que eu sei.

– Queria mudar um pouco.

Olho desconfiada para ele, mas nem me incomodo em chamar sua atenção. Se a gravidez o impedir de me arrastar de madrugada para uma corrida por toda Londres, então começo a ficar mais animada com os próximos oito meses.

– Não me lembro de ter adormecido.

– Você apagou como uma lâmpada. E eu estava feliz por ter você nos meus braços, então te deixei dormir. Você está dormindo pela Inglaterra, querida!

Ao ouvir esse comentário, bocejo e levanto os braços acima da cabeça.

– Que horas são? – assim que as palavras saem da minha boca, ouço a porta abrir e fechar, e então um cumprimento alegre de Cathy ecoa pela casa. Se Cathy está aqui, deve passar das oito e eu estou completamente nua! Levanto-me de um pulo. – Eu estou sem roupa!

Ele dá um sorriso atrevido e desce da esteira.

– Está, e daí? – ele ri, vindo até mim. – O que será que Cathy vai pensar? Corro os olhos pela sala, procurando por uma toalha ou por qualquer coisa que cubra meu corpo, para conseguir sair daqui e escapar escada acima com um mínimo de dignidade. Então, começo a rir sozinha. Perdi a minha dignidade na manhã em que Cathy nos pegou nus. Meus olhos recaem sobre a toalha na mão de Jesse e eu a tiro dele rapidamente.

– Acho que isso não vai te cobrir – ele opina, engraçadinho. Tem razão; é só um pouco maior que uma toalha de rosto.

– Socorro! – olho para ele com súplica nos olhos e encontro um sorriso doce.

– Venha cá – ele abre os braços e eu o abraço, escalando-o à minha maneira habitual, meio chimpanzé. Sua pele está úmida e seu cheiro é delicioso.

Abrindo a porta da sala de ginástica, ele põe a cabeça para fora.

– Cathy? – ele chama.

– Sim, menino?

– Onde você está?

– Na cozinha.

Após essa confirmação, ele sai e sobe a escada rapidamente. Eu olho por cima do ombro dele enquanto subimos, rezando para que Cathy não venha ver o que ele quer. Mas ela não aparece e eu chego sã e salva à suíte máster, com a minha integridade em perfeito estado.

– Pronto – ele me coloca em pé e me dá um beijo na testa.

– Que horas são?

– Dez para as oito.

Reviro os olhos e lanço-lhe um olhar de acusação.

– Por que não me acordou? – eu vou para o banheiro.

– Você precisava dormir.

– Não por quinze horas – abro o chuveiro e me enfio embaixo d’água, sem esperar que esquente. Preciso despertar. Molho os cabelos e pego o xampu.

Ele está do outro lado do box de vidro, tirando os tênis de corrida.

– Você obviamente precisa – ele resmunga.

Lavo os cabelos com xampu e condicionador e depois passo depressa por ele, ignorando mais murmúrios quando ele entra.

Levo dez minutos para secar os cabelos, aplicar a maquiagem e me vestir, e desço a escada antes de Jesse.

– Bom dia, Cathy – tiro o telefone da tomada, onde passou a noite carregando a bateria, e o coloco na bolsa.

– Ava, você parece um pouco melhor – Cathy limpa as mãos no avental e olha para mim. – Sim, bem melhor.

– Estou me sentindo melhor – dou risada.

– O que gostaria de comer?

– Oh, estou atrasada, Cathy. Como alguma coisa no trabalho – jogo a bolsa sobre o ombro.

– Você vai comer! – a voz ríspida, com um tom de “não brinque comigo”, me atinge por trás e eu me viro, dando de cara com uma cara feia falando e ajeitando a gravata. – Ela vai comer um bagel, Cathy. Meu marido com sua perfeição vestida de terno vem até mim e me coloca sentada em um banco da cozinha. – Com ovos – ele complementa, mas depois de uma breve consideração, corrige: – na verdade, sem ovos.

Meus olhos se arregalam e eu desço do banco, olhando para a governanta de Jesse, que parece totalmente confusa.

– Cathy, obrigada, mas eu vou comer no trabalho – eu saio da cozinha, deixando Jesse boquiaberto.

– Ei! – sua voz atônita me atinge quando bato a porta da cobertura por trás de mim. Nada de correr. Eu *tenho* que comer. Nada de ovos. Minha alegria durou pouco. Com raiva, digito os número do código do elevador, mas as portas não se abrem. Tento de novo, cada vez mais irritada.

– Nada de ovos? – eu grito para as teclas, quando a porta insiste em não se abrir.

– Você está bem?

Viro-me e vejo meu controlador neurótico com as mãos enfiadas nos bolsos da calça, observando-me perder a paciência com o inocente teclado.

– Eu posso comer ovos! – eu grito com ele. – Qual é o código novo?

– Como é?

– Você ouviu – eu soco o teclado.

– Sim, ouvi, mas estou te dando a chance de mudar de tom – ele está tranquilo e impassível diante do meu destempero, enquanto meus olhos crescem ante a sua insolência. Uma chance para mudar de tom?

Caminho até ele, calma e composta, e fico na ponta dos pés, para poder chegar o mais perto possível do seu rosto nauseantemente esplêndido – um rosto que eu quero esmurrar nesse momento em particular.

– Vá... se... foder – digo a ele, antes de ir para a escada, torcendo para que ele não tenha tido a iniciativa de trocar o código desta porta também. Não trocou. Dou um sorriso satisfeito e abro a porta. Treze andares vão me matar, mas eu aceito o desafio de qualquer modo, agradecendo a Deus por estar descendo e não subindo.

No sétimo andar, já tirei os sapatos e, no quarto, paro para respirar. Estou quente, suada e enjoada.

– Homem maldito – resmungo, tomando fôlego e seguindo o meu caminho. Abro a porta corta-fogo e dou de cara com aquele peito, antes de ser empurrada para dentro da escada outra vez. Nem tento me libertar de suas mãos. Estou exausta.

Ele me pega nos braços e me prende contra a parede de concreto. Estou coberta de suor e ofegante, respirando pesadamente no rosto dele depois de ter de descer pela escada, enquanto ele respira calmamente, após pegar um dos luxuosos elevadores da cobertura do Lusso.

– Você não vai ter transa de castigo porra nenhuma – eu praticamente cuspo nele. Mesmo não me sentindo bem, luto contra a força dele. Não vou me dobrar. É “nada de ovos” hoje, mas pode ser algo muito mais importante amanhã.

Ele aperta os lábios e estreita os olhos.

– Olha a boca!

– Você não vai... – é o máximo que consigo dizer antes de sua boca atacar a minha com força total. Sei bem o que ele está querendo fazer, mas isso não me impede de largar a bolsa no chão e me agarrar às suas costas. Levanto as pernas e as enrosco na cintura dele. Este é o Jesse que conheço e que amo. Eu não poderia estar mais feliz. Gemo, tento tirar o seu paletó, puxo seus cabelos e mordo seu lábio.

– Mulher teimosa – ele diz ao meu ouvido e morde minha orelha, fazendo meu brinco tilintar com os dentes. – Alguém está morrendo de vontade – ele beija a área logo abaixo da minha orelha e eu estremeço da cabeça aos pés. – Quer que eu te faça gritar na escada de emergência, Ava?

Oh, meu Deus, eu quero que ele me coma na escada de emergência.

– Sim!

Ele recua, desce as minhas pernas, deixa que eu deslize pela parede até ficar em pé, e então ajeita a calça na região do zíper, enquanto olha com desejo para o meu rosto chocado.

– Eu adoraria, mas estou atrasado.

– Seu desgraçado – disparo, tentando desesperadamente me recompor. Não adianta. Para que quero parecer inabalável? Não vai funcionar. Pego a minha bolsa, abro a porta e saio batendo os saltos dos sapatos pelo *hall* do Lusso.

– Bom dia, Ava – o tom feliz e contente de Clive me irrita.

Rosno umas poucas palavras ao passar por ele, saindo para o céu aberto e colocando meus óculos escuros, imediatamente regozijando-me pelo fato de que meu presente não está aqui, e sim o meu Mini. Ele vai ter que me deixar sair, e é melhor que deixe. Entro no carro e dou a partida, mas logo ouço um toquinho na janela.

– Sim? – pergunto, enquanto o vidro baixa.

– Eu vou te levar para o trabalho – é aquele tom, mas eu não estou nem aí.

Eu fecho o vidro.

– Não, obrigada – saio da vaga, tomando cuidado para não atropelá-lo e pego meu telefone para ligar para o Lusso. – Bom dia, Clive! – meu cumprimento agora é um milhão de vezes melhor que o grunhido que acabei de dispensar ao bom homem.

– Ava?

– Desculpe o incômodo, mas você poderia abrir os portões?

– Claro, faço isso agora mesmo.

– Obrigada, Clive – um sorriso vitorioso aparece nos cantos da minha boca e eu largo meu celular no banco do passageiro quando os portões começam a se abrir. Não perco tempo. Saio rapidamente do estacionamento, vendo que Jesse agita os braços sobre a cabeça, antes de ir correndo de volta ao *foyer*.

Depois de ficar rodando para cima e para baixo no estacionamento por uma eternidade procurando uma vaga, finalmente entro no escritório com meia hora de atraso. Estou um pouco suada, bastante sem fôlego, e minha frustração é óbvia, especialmente quando atiro a bolsa sobre a mesa e ela atinge o porta-lápis. O barulho atrai a atenção dos meus colegas, que põem a cabeça para fora da cozinha para ver qual é a comoção.

– Está se sentindo melhor? – Tom pergunta, passando os olhos por meu corpo grudento.

– Sim! – vocifero, jogando a bolsa no chão e me soltando na cadeira. Respiro fundo algumas vezes para me acalmar e viro a cadeira na direção da cozinha, dando de cara com três pares de sobrelanceiras erguidas. – O que foi?

– Você está péssima – Victoria opina. – Talvez devesse ficar descansando.

– Posso ir buscar algo pra você no Starbucks – Sally oferece, doce.

Suavizo minha cara feia apontada para eles, que agora parecem ter passado de curiosos a preocupados. Esqueci que, para eles, estava doente ontem.

– Obrigada, Sal. Isso seria ótimo.

Ela vai até a sua mesa e pega algum dinheiro do pote da caixinha do escritório.

– Mais alguém?

Tom e Victoria gritam pedidos para Sally, que mal registra o que dizem e sai apressada,

provavelmente para fugir do meu mau humor. Ligo meu computador e vou checar meus e-mails. Tom e Victoria estão diante da minha mesa num piscar de olhos.

– Você está pálida – Tom observa, girando uma caneta entre os dedos, a camisa turquesa e a gravata amarela fazendo estrago nos meus olhos cansados.

– Está mesmo, Ava. Tem certeza de que está bem? – Victoria parece mais preocupada que Tom, que está mais para desconfiado.

Começo a filtrar meus e-mails, selecionando e deletando a sujeira e as propagandas.

– Estou bem. Onde está Patrick? – somente agora, que estou mais calma, é que me dei conta de que meu chefe não veio investigar o barulho.

– Assuntos pessoais – ambos dizem em uníssono e eu olho para eles, com o semblante franzido.

– Ele não estava resolvendo assuntos pessoais ontem?

– Ele virá amanhã – Tom diz. – Será que ele finalmente vai se divorciar de Irene?

Dou risada.

– Não! – ela pode enlouquecer Patrick, mas ele a ama.

– Oooh, não pensei nisso – os olhos azuis de Victoria estão arregalados. – Você reparou na coisa que ela estava vestindo no seu casamento?

– Sim! – Tom grita. – Um crime!

Victoria ri enquanto volta para sua mesa e eu olho para Tom, como quem aponta para algo evidente. Meu amigo gay não está em situação de julgar o gosto de ninguém para a moda.

– O que foi? – ele pergunta, olhando para si mesmo. – Fabuloso, não é?

– Impressionante – dou risada, voltando a atenção para o computador, enquanto Tom vai dançando até o seu lado do escritório.

A porta de entrada se abre e uma mulher entra com uma cesta pendurada no braço.

– Ava Ward? – ela olha para Tom e depois segue na direção para onde ele aponta a caneta.

– Oi – eu a cumprimento, enquanto ela se aproxima e pausa a cesta sobre a minha mesa. – Posso te ajudar? – não a reconheço.

Ela pega a toalha xadrez de cima da cesta e dispõe sobre a minha mesa. Meus olhos naturalmente seguem suas ações.

– Café da manhã – ela sorri, colocando uma sacolinha de papel diante de mim, antes de pegar um copo. – Meu café não era bom o bastante, então ele me fez passar no Starbucks. Cappuccino, dose extra, sem chocolate ou açúcar – ela diz, nem um pouco impressionada. – Faça bom proveito – e com isso ela se vira e vai embora.

Dou um suspiro e empurro a sacolinha de lado. Estou sem um pinga de fome, mas estou morrendo por um café. Bebo um gole e faço uma careta ao sentir o sabor amargo.

– Argh!

– Está tudo bem? – Tom pergunta, preocupado, do outro lado da sala.

– Tudo bem, sim – eu me levanto e vou até a cozinha, tirando a tampa do copo e adicionando açúcar à bebida, antes de dar uma boa mexida e provar mais um gole. Dou um gemido de doce satisfação.

– Café para Ava! – Sally entra na cozinha, agitando um copo da Starbucks para mim. – Ei! – um olhar de total confusão invade seu rosto quando me vê com um copo idêntico na mão e bebendo o líquido quente e doce.

Eu solto a respiração, satisfeita.

– Delivery, cortesia do meu marido.

Ela se derrete.

– Oh, que gesto mais doce.

– Na verdade, não. Tive de colocar açúcar – passo por Sally, que me olha intrigada, e vou para a minha mesa fuçar na sacolinha, quando ouço meu telefone gritar à chegada de uma mensagem de texto.

Está tomando seu café da manhã?

Eu bebo mais um gole de café e respondo:

Delicioso.

Não agradeço porque não estou grata. Estou me sentindo mal, mas o café adoçado está descendo como um manjar dos deuses. Nem tenho chance de colocar o celular de volta na mesa e ele chia outra vez.

Fico feliz que nosso casamento se baseie em honestidade.

Levanto os olhos e ali está ele, segurando um buquê de copos de leite, com um olhar aborrecido apontado para mim. Não consigo evitar o longo suspiro que escapa da minha boca enquanto me sento. Ele vem até mim, cumprimentando Tom e Victoria com um aceno de cabeça, antes de se sentar do outro lado da minha mesa e colocar as flores na minha frente.

– Coma – ele ordena, definitivo, fazendo um gesto para a sacola que foi posta de lado.

– Não estou com fome, Jesse – reclamo, mas não tenho forças para discutir ou vociferar com ele.

Ele se inclina na minha direção, parecendo preocupado, os olhos examinando meu rosto.

– Ava, você está tão pálida.

– Não estou me sentindo bem – admito. O enjoo matinal finalmente decidiu atacar na hora certa do dia. Não há por que fingir que estou bem, porque não é como me sinto e, ao que parece, não é o que diz minha aparência.

Ele se levanta e fica atrás da minha cadeira, inclinando-se para colocar a mão na minha testa e a boca perto da minha orelha.

– Você está quente.

– Eu sei – suspiro, inclinando-me ao seu contato, fazendo meu rosto colar em sua boca, meus olhos se fechando sem instruções do meu cérebro. Como posso me sentir tão exausta ainda? – Espero que se sinta culpado – digo baixinho; isso é tudo culpa dele. Sinto pena de mim mesma.

Ele vira minha cadeira, para que eu fique de frente para ele. Depois, se agacha diante de mim e segura as minhas mãos.

– Deixe-me te levar para casa – ele diz, mas posso dizer, por seu olhar de cachorrinho pidão, que ele sabe que vou recusar.

– Já vai passar.

– Às vezes você é impossível – ele toca meu rosto. – A gravidez está te deixando de mau humor e ainda mais desafiadora.

Forço um sorriso amarelo.

– Gosto de te manter esperto.

– Você quer dizer que gosta de me deixar louco.

– Isso também.

Suspirando, ele se aproxima e me beija com carinho.

– Por favor, coma – ele está implorando, não exigindo. – Pode te fazer sentir melhor.

– Está bem – concordo. Estou disposta a tentar, porque, embora a ideia de comer me faça ter vontade de vomitar, nada vai me fazer sentir pior do que eu já estou.

Ele parece surpreso ao me ver obedecer.

– Boa menina.

Ele me vira de volta à minha mesa e coloca a sacolinha diante de mim. Assim que eu a abro, no entanto, o cheiro de bacon me faz golfar.

– Acho que não vou conseguir – fecho o pacote outra vez, mas ele retira a sacola da minha mão, pega o bagel e o serve sobre um guardanapo para mim. Ao mesmo tempo que tiro um pedaço e levo à boca, resisto à vontade de correr para o banheiro e enfiar o dedo na garganta. Mastigo por um tempão, sob o olhar atento de meu marido preocupado, e então engulo. Meus reflexos não tentam pôr o alimento para fora. – Posso só comer o bagel? – pego outro pedaço. – Não consigo nem olhar para o bacon.

Ele sorri para mim.

– Sim. Vê como você me deixa feliz quando faz o que eu digo?

Ignoro e ponho mais um pedaço de pão na boca, cada porção descendo mais fácil, e meu estômago aceitando melhor cada bocadinho. Ele fica ali, em pé, assistindo enquanto como quase tudo, deixando apenas o bacon e algumas migalhas.

– Feliz? – pergunto. Sei que *eu* estou. Já me sinto melhor.

– Sua cor voltou. Sim, estou feliz – ele recolhe o que resta e joga no lixo, agachando-se em seguida e ficando cara a cara comigo. – Obrigado – ele sorri e eu retribuo o gesto. – Meu trabalho aqui está feito. Agora vou deixar minha esposa trabalhar em paz.

– Vai nada – eu debocho.

Afastando-se, ele me dirige um sorriso atrevido.

– Pode ser que eu ligue uma ou duas vezes.

Mais um ruído de deboche de minha parte.

– Não vou prometer o que não poderei cumprir. Patrick está? – a pergunta dele me lembra de que ainda não conversei com meu chefe sobre Mikael.

– Não. Ele vai ter reuniões fora o dia todo.

Ele se endireita e olha para os meus cabelos, certamente procurando sinais de que eu estou mentindo, mas não vai encontrar meus dedos neles porque Patrick está mesmo fora.

– Você fez eu me atrasar – ele diz, olhando para seu Rolex.

– Você se atrasou sozinho – eu o enxoto do escritório e pego as flores para colocar em um

vaso. – Vá embora.

Ele ergue as mãos e se afasta.

– Está melhor?

– Estou. Obrigada – estou realmente grata.

Deslumbrando-me com seu sorriso reservado especialmente para mim, ele pisca, me joga um beijo e sai, deixando-me com um sorriso bobo no rosto não mais pálido. Victoria e Sally sorriem, encantadas, e Tom suspira pelo traseiro de meu senhor.

O efeito que ele causa continua forte neles.

Chego ao fim do dia apenas com o café da manhã no estômago. Sinto-me muito melhor. Jesse mandou cinco mensagens de texto, todas perguntando como eu estava. E para todas elas recebeu a mesma resposta: “melhor”.

Na mais recente, no entanto, faz uma pergunta diferente:

Ainda estou no Solar. Quer vir aqui? Podemos comer um filé.

A última parte me ganha.

A caminho. Bjo.

Guardo minhas coisas e me despeço dos meus colegas, mas dou de cara com uma mulher segurando um buquê de flores à porta.

– Ava O’Shea? – ela pergunta. Não é a florista de sempre e me chama pelo meu nome de solteira. Jesse jamais faria isso, além de já ter mandado flores hoje.

– Sou eu – pareço confusa, o que é ótimo, porque é como me sinto. Noto que não são copos de leite e não estão nada frescas. Na verdade, estão mortas. Ela põe as flores em meus braços e me passa a prancheta. Ela quer que eu assine o recebimento de flores mortas? Ajeito meus braços ocupados e consigo rabiscar algo no papel.

– Obrigada – ela diz, enquanto se retira.

Olho intrigada para as flores.

– Elas estão mortas – eu a chamo de volta.

– Eu sei – ela responde, nem um pouco abalada por isso.

– Você não vê problema em entregar flores mortas?

Ela se volta para mim e ri.

– Já tive pedidos piores.

Engulo em seco. Como o quê, por exemplo? Ela segue adiante, sem se importar em me elucidar. Então, encontro o cartão e tiro as flores do caminho para conseguir abrir o pequeno envelope.

ELE DIZ QUE PRECISA DE VOCÊ. ELE NÃO PRECISA DE VOCÊ. VOCÊ ACHA QUE O CONHECE, MAS NÃO O CONHECE. EU O CONHEÇO. DEIXE-O.

Capítulo 15



Meu coração para de bater no peito e um nome surge em minha mente de imediato: Coral.

Ela deveria ficar preocupada, mas não. Sinto-me absolutamente possessiva com essa sugestão. Um lampejo dos famosos atributos de Jesse passa por mim e largo tudo o que tenho nas mãos, deixando que caia no chão, e rasgo o cartão malicioso lentamente. Quem ela pensa que é? Uma transa, foi só o que ela significou, nada mais do que uma transa conveniente. Ela entrou em contato com Jesse outra vez? É o caso de eu perguntar a ele e atizar sua curiosidade, porque não quero que ele saiba disso aqui. Não quero que nada o lance para além do precipício. Posso lidar com ameaças vazias. “Deixe-o” ou o quê? Jogo as flores na lata de lixo na rua, juntamente com o cartão, e vou para o estacionamento. Uma urgência de estar com ele me toma de repente.

Imediatamente paro quando vejo que a vaga onde parei meu Mini de manhã está vazia. Nada de carro. Olho para a placa que indica o número da vaga. Estou no lugar certo. Então onde, diabos, está o meu carro?

– Tá tudo bem, garota – a voz grave de John me faz virar e dar de cara com ele, inclinando metade do corpo para fora da janela de sua Range Rover. – Entre.

– Meu carro foi roubado – agito o braço para indicar a vaga vazia e me viro para me certificar de que não estou imaginando coisas.

– Não foi roubado, garota. Entre.

– O quê? – eu volto olhos atônitos para o homem-montanha. – Onde está, então?

John me lança um olhar constrangido no rosto normalmente ameaçador.

– O canalha do seu marido mandou buscá-lo – ele faz um sinal indicando o banco do passageiro.

– Você está tirando um sarro da minha cara? – dou risada.

Suas sobranceiras aparecem sobre os óculos.

– O que você acha? – ele pergunta, sério.

Respiro profundamente para me acalmar e vou para o lado do passageiro, entrando no carro. Sim, ele precisa de mim. Ele precisa me levar à loucura!

– Vou estrangulá-lo – resmungo, puxando o cinto de segurança e afivelando-o.

– Pegue leve com ele, garota – John tamborila com os dedos no volante, enquanto sai do estacionamento, de volta à luz do sol.

– John, eu gosto de você, de verdade, mas, a não ser que você me dê uma razão aceitável para o jeito neurótico dele, não vou levar em consideração o seu pedido para pegar leve – digo, definitiva.

Ele gargalha, recolhendo o pescoço e revelando as várias camadas de queixo que mantém escondidas.

– Eu também gosto de você, garota – ele ainda ri, enxugando os olhos por baixo dos óculos. Nunca vi esse grandalhão feroz tão animadinho. Isso me faz sorrir, e pensamentos de maridos complicados e bilhetes ameaçadores são substituídos por risadinhas, mas logo o rosto de John se fecha rápido demais e, em segundos, estou rindo sozinha, com aqueles óculos escuros apontados para mim.

A mudança repentina na expressão dele me tira imediatamente do meu estado histérico.

– Ele pode piorar. Acredito que tenho que te dar os parabéns – seu rosto baixa, o que indica que ele está olhando para a minha barriga, antes de se virar e olhar para a rua.

– Ele te contou? – pergunto, incrédula. Não quero que ninguém saiba. É cedo demais.

– Garota, ele não precisou contar.

– Não precisou? – John sabe do desejo de Jesse por um bebê?

– Não. Quando vi a página do departamento infantil da Harrods aberta na tela do computador dele, acho que os fatos falaram por si só. Isso e o sorriso no rosto daquele safado o dia todo.

Acomodo-me no assento. Posso imaginá-lo fazendo Zoe encontrar toda sorte de luxuosos equipamentos para bebês, assim como posso imaginar o rosto dela quando Jesse lhe passar a nova lista de compras... Quando nos conhecemos, poucas semanas atrás, ela me vestiu com aquele traje maravilhoso para o jantar de aniversário; logo depois, me ajudou a encontrar um vestido de noiva. Não demora, estará procurando a roupinha para o batismo do bebê. Certamente, vai pensar que nos casamos às pressas, assim como todo mundo, incluindo meus pais e Dan. Uma cerimônia de emergência porque ele me engravidou. Por quanto tempo posso guardar essa informação antes de contar a eles?

John estaciona no Solar e não perco tempo: pulo do carro e subo os degraus depressa.

– Ele está no escritório – John avisa.

– Obrigada, John – uso a minha chave e sigo porta após porta, indo direto para o fundo do Solar, passando pela sala de verão e sorrindo intimamente perante o súbito silêncio que se faz. Olho em volta para o grupo de mulheres, todas com bebidas na mão e expressões azedas. – Boa noite – cumprimento com um sorriso brilhante e recebo um coro de murmúrios como resposta. Meu sorriso só cresce quando penso que elas ficarão ainda mais azedas quando souberem da minha gravidez. Faço uma cara de convencida.

Ao aproximar-me do escritório de Jesse, a porta se abre e um homem sai, parecendo tanto tenso quanto aliviado. É Steve. Ele está diferente completamente vestido e sem um chicote na mão. Paro na hora, tomada de surpresa, principalmente por vê-lo inteiro. Ele não parece tão arrogante agora.

– Oi – gaguejo, o choque claro na minha voz.

Seus olhos se erguem e ele me dá um sorriso constrangido.

– Ava...

Estou encarando o rapaz e percebo que estou sendo rude, mas não sei mais o que dizer. Não há hematomas ou olho roxo, ele não está mancando nem parece ter-lhe sido oferecido enterro ou

cremação.

– Como vai? – pergunto, quando meu cérebro falha em me sugerir algo melhor.

– Estou bem – ele enfia as mãos nos bolsos do paletó, não menos desconfortável. – E você?

– Bem, também – isso é tão constrangedor. Na última vez em que nos vimos, ele me pendurou em uma treliça e me chicoteou até sangrar. Foi arrogante e bajulador, mas não há sinal daquele homem agora. – Você veio falar com Jesse?

– Vim – ele ri. – Já vinha adiando essa visita há um bom tempo. Precisava pedir desculpas.

– Oh? – meu cérebro falha mais um vez. Ele parece sincero, mas se eu fosse homem e tivesse Jesse sedento por meu sangue, acho que também viria pedir desculpas, e de joelhos, o que, sem dúvida, é o que deve ter feito. Aposto que não estaria andando se não tivesse feito isso. Já se passaram algumas semanas, mas sei que Jesse ainda estava enfurecido com essa pendência.

– Preciso pedir desculpas para você também – ele diz, com dificuldade. – Sim, é... bem, eu... Me desculpe.

Balanço a cabeça, minimizando a situação. É minha vez de ficar constrangida. Fui eu quem pediu para que ele me chicoteasse. Eu pedi. Deveria estar com remorso por sentenciá-lo à aniquilação.

– Steve, eu não deveria ter pedido. O que fiz foi errado.

– Não – ele sorri, mas dessa vez é de maneira doce. – Eu já vinha abusando há tempo demais, passando dos limites, perdendo o respeito das mulheres que confiavam em mim. Você me fez um favor, na verdade, mas é claro que eu preferia não tê-la machucado.

Retribuo o sorriso.

– Aceito as suas se você aceitar as minhas.

Ele tira a chave do carro do bolso e faz menção de passar por mim.

– Aceitas. Até um dia.

– Até – digo às suas costas.

Abro a porta do escritório de Jesse e o vejo ajoelhado no chão. Minha mente é invadida por lembranças dolorosas. Ele está totalmente vestido, e há pilhas e pilhas de papel espalhadas diante dele. Ele olha para mim e meu coração fica apertado ante o olhar aflito em seu rosto lindo. Sua linha de expressão está bem pronunciada.

– Oi – fecho a porta atrás de mim e a expressão dele vai da exaustão mental à felicidade em um segundo.

– Ai está a minha menina bonita – ele se apoia nos calcanhares, com os pés sustentando seu peso, e abre os braços. – Venha cá. Eu preciso de você.

Vou lentamente até ele.

– Precisa de mim ou precisa que eu resolva isso tudo para você?

Ele faz um bico e agita os braços, impacientemente.

– As duas coisas.

Sento-me entre as pernas dele e chego para trás até ficar de costas coladas com a frente dele. Seus braços me envolvem pelos ombros e o nariz dele toca os meus cabelos. Ele aspira o perfume em uma inspiração profunda.

– Como está se sentindo?

– Melhor.

– Que bom, porque eu não gosto de te ver passando mal.
– Então você não deveria ter agido às escondidas e me engravidado – retruco, seca, ganhando um cutucão de sua perna. – Vi Steve saindo daqui.
– Hmm... – ele geme na minha orelha, mordendo o lóbulo.
– Você lhe ofereceu enterro ou cremação? – sorrio e sou cutucada outra vez.
– Fiz uma oferta de paz, na verdade. Sarcasmo não combina com você, mocinha.
Estou sem fala. Apostaria a vida na morte iminente do pobre Steve.

– Por que está sendo tão razoável?
– Sempre sou razoável. A irracional aqui é você, menina bonita.
Nem me abalo em responder, rir ou debochar, mas seu comentário acaba de me lembrar outra coisa.

– O que há de razoável em roubar o meu carro? – pergunto. – E como conseguiu fazê-lo sem a chave?

– Guincho – ele responde, sem se envergonhar nem mais explicações. Estico-me e pego alguns papéis do chão, qualquer coisa que me impeça de responder à sua ridícula afirmação de que não é irracional.

– Como foi o seu dia? – ele pergunta.

Tento deter a tensão que ameaça tomar meu corpo, aborrecida comigo mesma pela reação imediata de sair do seu abraço para que ele não perceba. Dado seu humor relaxado, não preciso preocupá-lo com ameaças vazias e triviais de sua ex-amante.

– Produtivo. Vamos começar?

Ele grunhe, mas me solta.

– É, acho que sim.

Durante a hora seguinte, separamos contas, contratos e faturas. Separei tudo por ordem de data, organizei em pilhas e preendi com elásticos. Jesse se larga na cadeira e começa a prestar atenção em algo em seu computador e eu o observo, enquanto termino de prender a última pilha de papel. Ele mexe com o mouse para lá e para cá, a ruga de expressão firme em sua testa. Curiosa, levanto-me para ver o que prende tanto a atenção dele, embora desconfie do que seja. Enquanto dou uma volta na mesa dele, Jesse me olha rapidamente e desliga a tela.

– Vamos jantar? – ele se levanta.

Lanço-lhe um olhar desconfiado e me inclino sobre ele, abrindo a tela novamente. É como pensei: parafernália para bebês por todos os lados. Várias abas abertas e, ao dar uma olhada no rodapé, vejo os nomes de todas as marcas imagináveis de produtos infantis. Há até mesmo uma página dedicada a fraldas orgânicas. Meu olhar para ele é inquisitivo, mas não posso ficar brava, especialmente quando ele dá de ombros, encabulado, e começa a morder o lábio inferior.

– Estava só pesquisando um pouco – ele chega mesmo a olhar para o chão e raspar as pontas dos sapatos no carpete do escritório. Derreto-me aos seus pés. Poderia abraçá-lo, e o faço, aceitando sua empolgação e o abraço bem apertado.

– Sei que você está animado, mas podemos manter isso entre nós por enquanto?

– Quero gritar para os quatro ventos – ele reclama. – Contar para todo mundo.

Ninguém jamais diria que é o mesmo homem. Do babaca arrogante e convencido que conheci naquele dia aqui mesmo, nesse escritório, para isso?

– Eu sei, mas estou com poucas semanas de gravidez. Pode dar azar. As mulheres

normalmente esperam até o terceiro mês para contar ou ao menos até o primeiro ultrassom.

– Quando é isso? Eu pago. Vamos fazer um amanhã mesmo.

Dou risada e me afasto.

– É cedo demais para um ultrassom e, de qualquer maneira, o hospital vai fazer o exame.

Ele me olha como se eu tivesse duas cabeças.

– Meu filho não vai nascer em um hospital público!

– Eu...

– Não, Ava. Isso não está em discussão. Ponto-final – ele usa aquele tom que sei que absolutamente não devo desafiar. – Nunca, de jeito nenhum – ele balança a cabeça. Está horrorizado com o simples pensamento, com certeza.

– O que você acha que vão fazer?

– Não sei, mas não vou lhes dar a chance – ele pega a minha mão e me conduz para fora do escritório.

– Você paga impostos e eu também. É um privilégio ter um Sistema Nacional de Saúde. Você devia agradecer.

– E agradeço, é maravilhoso, mas não vamos utilizá-lo. Ponto-final.

– Neurótico – murmuro, sorrindo para ele.

– Só um pouquinho – ele responde, retribuindo o meu sorriso, mas posso ver que tenta se manter sério. – Gosto do seu vestido – seus olhos correm pelo vestido lápis bege, estruturado.

– Obrigada.

– Quero te mostrar uma coisa. Venha – ele diz, abrindo a porta e pousando a mão na minha lombar, para me orientar.

– O que é? – pergunto, permitindo que meu corpo seja gentilmente guiado a sair do escritório. Seguimos pelo corredor.

Estremeço ao sentir sua boca ao meu ouvido.

– Você vai ver.

Estou curiosa, mas também me sinto... um pouco ofegante. Apenas algumas palavras ao meu ouvido, sua mão me tocando, e já estou mentalmente implorando por ele. Talvez seja por causa da gravidez, talvez seja só ele. Não. Definitivamente, é a segunda opção, mas a combinação de Jesse com gravidez certamente me deixa numa enrascada sexual.

Passamos pelos membros do Solar na sala de verão, Jesse acenando e eu sorrindo gentilmente, e seguimos em direção à escada, onde alcançamos o corredor para a extensão.

Ele abre a porta do último quarto, aquele de onde fugi, no qual me sentei no chão para desenhar esboços e no qual recebi uma advertência de Sarah. Não gosto desse quarto, mas, assim que ele entra no meu campo de visão, perco o fôlego.

O local não é mais uma casca vazia de gesso e chão de madeira rústica. Agora, é um espaço suntuoso, adornado com material de primeira qualidade, todo preto e dourado. Caminho por ele com cuidado, olhando em volta, absorvendo o espaço deslumbrante. A enorme cama que desenhiei adquiriu forma e domina o quarto, arrumada com uma colcha de cetim dourado, com copos de leite negros bordados em toda sua extensão. As janelas são protegidas por cortinas pesadas, do mesmo material que a colcha, e o chão é macio, fazendo meus saltos afundarem. Olho para baixo e vejo que estou sobre um tapete imenso e grosso, tão espesso que quase não consigo ver meus pés. Nas paredes, encontro o papel que escolhi em uma delas e, nas demais,

uma pintura dourado-suave, combinando com a roupa de cama e as cortinas. É quase uma réplica do meu primeiro esboço.

Viro-me para olhar para Jesse.

– Foi você quem fez isso?

Ele fecha a porta silenciosamente.

– Dei o seu desenho a uma pessoa para que o criasse. Está próximo?

– Está. Quando? – pergunto.

– Não importa quando. Você gostou? É isso o que importa – ele está tentando obter uma reação, parecendo um tanto cauteloso e talvez um pouco nervoso.

– Está perfeito.

Ele estava mesmo nervoso, porque agora relaxou visivelmente.

– É nosso.

Arregalo os olhos.

– Nosso? – o que ele quer dizer com isso? Quer que moremos aqui? Eu não vou morar aqui.

Ele deve ter percebido minha preocupação, porque sorri de leve.

– Ninguém esteve nem jamais estará neste quarto. Ele é nosso. Se eu estiver trabalhando e você estiver aqui comigo, talvez queira dormir ou descansar.

– Você quer dizer quando eu estiver com os tornozelos inchados ou exausta por carregar muito peso?

Começo a contemplar o fato de que vamos ter um bebê, estamos começando uma família e o Solar será uma presença importante em nossa vida. O pai do meu bebê é dono de um clube de sexo. Depois que ele nascer, nunca o trarei para cá, e com Jesse trabalhando, jamais o verei. Ele dificilmente nos verá. Os sentimentos de insegurança aterrorizantes ainda estão dormentes, mas com essa súbita realização, eles podem aparecer com força e me fazer recuar. Ele nunca vai vender esse lugar, já confirmou isso. Era o filho de Carmichael.

– Digo, se precisarmos, ele estará aqui.

Não quero precisar desse quarto. Se nunca estivéssemos aqui, jamais precisaríamos dele. Não digo isso em voz alta, no entanto. Ele fez tudo isso por mim; então, tiro os olhos de seus olhos verdes pensativos e os dirijo para as paredes dourado-claras. Não há objetos de arte, telas ou peças decorativas.

Exceto a cruz.

Meus olhos se fixam no imenso crucifixo de madeira escura e noto que, em cada extremidade da parte horizontal, mais ou menos a dois terços da altura total, há algemas douradas e brilhantes. Pedacos de metal gravados com uma decoração intrincada, presos às pontas para manter algo no lugar.

Para manter alguém no lugar.

Volto-me lentamente para Jesse e vejo que ele não tirou os olhos de mim, observando com cuidado, buscando minha reação à peça de arte.

– Por que isso está aqui? – pergunto, em voz baixa.

– Porque eu mandei colocar – a voz dele é tão fraca quanto a minha, e suas mãos estão escondidas nos bolsos, as pernas ligeiramente abertas.

– Por quê?

– Pensei que pudesse... ajudar – seus olhos estão cheios de intenções e ele morde o lábio.

Ajudar? Com o quê? E como um crucifixo de madeira pode ajudar em quaisquer dos problemas que temos, ainda que eu não saiba muito bem no que precisamos de ajuda? No entanto, minha confusão não impede meu coração de acelerar. Ele está ali, parado, com o desejo escrito em seu rosto perfeito, e isso causa estrago em meus sinais vitais.

– E nós precisamos de ajuda com o quê? – minha voz é um murmúrio rouco, cheio de excitação.

Todos os sinais vitais despertam ainda mais quando ele vem lentamente em minha direção.

– Você quer sexo selvagem – ele diz, em um fio de voz –, e eu não me sinto muito confortável em fazer isso com você esperando um filho meu. – Ele tira os sapatos e as meias, depois o paletó, colocando-o sobre a cama. – Então, pensei com carinho e criei a transa de compromisso.

Minha respiração falha na garganta e, por alguma razão que desconheço, dou um passo para trás. Não sei por quê... Confio nele, mas fico um pouco chocada com suas intenções óbvias.

– Não entendi.

Ele tira a gravata e começa a desabotoar a camisa lentamente.

– Você vai entender – ele deixa a camisa aberta, provocando-me com apenas uma faixa de pele à mostra, e atravessa o quarto, abrindo um armário e mexendo em algo. Então, o quarto todo é tomado por uma música espiritual e provocante.

Fico tensa.

– O que é isso? – pergunto, mas ele se volta para mim, buscando o meu corpo e respirando em mim.

– Isso é “Sexual Afterlife Mix”, de Amber. Bem apropriado, não acha?

Eu não poderia concordar mais, mas a minha boca se recusa a funcionar para que eu possa dizer isso a ele.

– Não precisa sempre ser selvagem, Ava. Eu estou no comando, independentemente de como faça sexo com você – ele me faz recuar alguns passos e me posiciona diante da cruz – De qualquer forma, não é da pegada selvagem que você gosta, mas de eu te possuir assumidamente.

A voz dele é grave e decidida como deveria ser. Ele tem toda razão. É o poder que ele tem sobre mim, não apenas o poder de seu corpo.

– Nunca mais terei uma transa de lembrete? – pergunto, tão grave quanto ele, mas nem de longe tão decidida quanto.

Seus lábios se abrem em um sorriso disfarçado.

– Você pretende me desafiar de novo?

– Provavelmente – suspiro.

– Então, é claro que terá, minha sedutora – ele responde, pondo o dedo sob meu queixo e levantando a minha cabeça para ficarmos cara a cara. – Se eu quiser te foder com força e te fazer gritar, eu vou fazer isso. Se eu quiser fazer amor com você, Ava, e te fazer ronronar, eu vou – ele poussa os lábios nos meus e eu fecho os olhos, já sem fôlego. – E se eu quiser te prender nessa cruz, eu vou – ele desce o zíper do meu vestido devagar, antes de tirá-lo e de agachar com ele para que eu saia de dentro da peça. Ao se levantar, ele segura as minhas mãos e beija meu anel de casamento. – E você é minha, então, posso fazer o que quiser com você.

Meus olhos ainda estão fechados e eu estou de cabeça baixa. Minha respiração está fraca e superficial e meus ouvidos, saturados com os tons sensuais da música calma. Minha pele grita por

seu toque. Ele pode fazer o que quiser. Pode me possuir como achar melhor.

Sinto que ele tira o meu sutiã e ergue minha mão com cuidado para prendê-la à primeira algema. Um clique indica que ela está no lugar, e ele me beija antes de guiar minha mão livre para a outra algema.

Estou exposta na cruz, à mercê dele, mas estou cem por cento segura e cem por cento confortável.

– Olhe para mim, Ava – ele sussurra, acariciando a minha face.

Minhas pálpebras pesadas se abrem e me deparo com mares verdes de puro amor.

– Diga-me que nunca fez isso antes. Este é o único pensamento em minha mente que poderia me distrair. No tempo em que fiquei no salão aberto, não vi nem traço dessa intensidade ou grau de intimidade entre duas pessoas, mas foi por poucos minutos; embora eu tenha testemunhado bastante intensidade, não havia o amor. Nós temos esse amor.

Ele me segura pela nuca e traz meu rosto para bem perto do dele, sem que se toquem.

– Nunca – sua boca encontra a minha com ternura e eu fecho os olhos, abrindo-me sem reservas para seus lábios carnudos, mas sem agitação. Sinto-me calma e serena enquanto ele explora languidamente a minha boca, rolando a língua, lambendo-me e afastando-se, antes de mergulhar em mim novamente e continuar me seduzindo sem pressa. Não consigo tocá-lo, mas isso não me incomoda em nada. Ele me segura firme pela nuca, beijando-me como se eu fosse de vidro, enquanto eu não tenho o menor contato físico com ele. Sua boca me oferece tudo de que preciso. Não tenho urgência de querer um contato mais firme. Assim está perfeito.

Levando a boca ao meu ouvido, ele passa a língua pela minha orelha e eu pressiono o rosto na direção dele, sua barba por fazer me conforta, bem familiar. Estou arrepiada, cada parte de minha pele vibrando com a dança erótica de seus lábios. Então, eles deixam a minha orelha e ele se afasta.

– Olhos nos olhos, Ava.

Abro os olhos imediatamente, com um pouco de esforço, e o vejo tirar a camisa, a pele macia, tonificada e ligeiramente bronzada invadindo a minha visão, que explora cada centímetro da vastidão de seu peito, passando pelos músculos peitorais, pelo abdômen, pela sua cicatriz... Essa paisagem me faz procurar uma posição melhor e desejar não estar presa. Ele me distrai de minha necessidade de tocá-lo desafiando o cinto, abrindo o botão da calça e descendo o zíper, em seguida baixando a calça por suas coxas robustas.

Ele está diante de mim, nu e implacavelmente fenomenal. Não estou mais serena. Tento reprimir o instinto de me rebelar contra as algemas e gritar para que ele me toque. Jesse deve ter notado que estou a ponto de perder o controle, porque imediatamente pressiona seu corpo contra o meu e olha em meus olhos desesperados.

– Deixe que a música te domine novamente, Ava. Controle-se.

Eu tento, mas com seus músculos envolvendo meu corpo contido é bastante difícil.

– Não consigo – admito, sem me envergonhar. Não sinto vergonha dele. Estou consumida. Fecho os olhos outra vez, tentando tirar forças da minha fraqueza para poder obedecê-lo. De repente, minhas mãos estão quentes e percebo que suas palmas cobrem meus punhos cerrados. Flexiono-os, sem dizer nada, demonstrando cooperação, e ele me solta e corre os dedos suavemente pela parte interna dos meus braços. Uma onda de arrepios segue seus gestos, até ele chegar ao meu peito e cobrir meus seios com as mãos. Ainda estou de olhos fechados, mas sei

que sua boca vem para mim. Posso sentir seu hálito na minha pele à medida que ele se aproxima. Sinto o calor inconfundível de sua boca sobre meu seio direito. Sua tática é exata. Ele me suga profundamente, depois rola a língua em torno do mamilo e se afasta para beijá-lo com carinho antes de repetir os movimentos de sugar, lambe e beijar. Minha cabeça pende para trás e dou um suspiro grave, um ruído rouco de entrega. Absorvo as carícias que ele me faz com tanta atenção e apenas suspiro, deixando a cabeça pender livremente. Uma vibração se instala entre as minhas pernas e cria uma pulsação constante.

Sinto seus dentes se fecharem dolorosamente em meu mamilo e levanto a cabeça, com um gritinho. Ele não me solta, embora seja óbvio que está doendo. Ele apenas assiste, por baixo dos longos cílios, meu esforço para sublimar a pressão. Não vou me render. Não vou lhe pedir que pare. Então, bloqueio a dor e retribuo o seu olhar com determinação, e quando ele sorri, sem tirar os lábios de mim, vejo que estava certa em enfrentá-lo. Ele solta meu mamilo e o sangue volta a circular, graças à forma como ele o suga de volta à vida, e eu dou um gemido baixinho.

– Minha menina bonita está aprendendo a se controlar – ele pondera, tirando minha calcinha e dando um toque em cada tornozelo para que eu levante os pés, um de cada vez. Faz uma trilha de beijos entre meus seios, subindo pelo meu pescoço e de volta aos meus lábios. Enquanto isso, me apalpa delicadamente e introduz dois dedos em mim. Começo a arfar imediatamente.

– Shhhh... – ele sussurra. – Apenas sinta, Ava. Sinta todo o prazer que te proporciono – ele retira seus dedos e depois os introduz outra vez, com mais profundidade. Ele é doce e comedido, mas meus músculos internos se moldam a ele com urgência. Eles logo desaparecem, mas, antes que eu possa protestar, sinto a glândula úmida roçar a ponta do meu clitóris. Ele inspira rápida e profundamente, o que não me passa despercebido, mas estou inebriada demais com seu toque cálido para pedir que se controle. Adoraria dizer-lhe para se controlar. Ele se orienta, rolando a cabeça rija pela minha fenda, aproximando o rosto do meu e arfando sobre os meus lábios. Nossos olhares se cruzam em completa adoração, enquanto ele lentamente baixa a boca até a altura da minha e me beija. É um beijo apaixonado, cheio de calor e devoção.

Desta vez, nós dois grunhimos, perdemos o fôlego e buscamos uma posição melhor para nos manter em pé.

– Tudo bem com os seus braços? – ele murmura na minha boca.

– Sim.

– Está pronta para eu te possuir, Ava? Diga-me que está pronta.

– Estou pronta – estou flutuando.

Ele flexiona as pernas e paira à minha entrada, e então deixa os meus lábios.

– Abra os olhos para mim, Ava.

Eu obedeço instantaneamente, o magnetismo dos olhos dele puxando os meus para onde deveriam mirar. Sinto-o abrir-me sem pressa e deslizar para dentro de mim.

– Oh, Deus! – mal consigo respirar. Mantenho o contato visual e me recuso a quebrar a incrível sensação de intimidade.

– Jesus... – ele enche as bochechas de ar, balança a cabeça de leve e uma camada de suor surge em sua testa no momento em que se agarra firmemente à parte de trás das minhas coxas e me levanta para enlacá-lo pela cintura. Ele se afasta ligeiramente e me invade com um gemido grave e gutural, baixando a cabeça e mordendo o meu pescoço. Minha cabeça pende para o lado naturalmente, meus olhos se fecham, e ele desenha com a língua uma linha reta que vai até logo

abaixo da minha orelha, terminando com um beijo. – Eu dito o ritmo... – ele murmura – e você me segue.

Suas palavras me fazem engolir em seco e capturar sua boca em total idolatria, enquanto ele me premia com as investidas consistentes, calmas e controladas de seus quadris.

Dentro e fora. Dentro e fora. Dentro e fora.

Quando estamos assim, nada nem ninguém mais existe. Estamos cercados por essa música relaxante, estamos calmos, mas também estamos suados, um corpo deslizando no outro, e tresloucados de prazer.

Ele sai e entra novamente, preenchendo-me totalmente a cada estocada perfeita. Meu coração também está repleto. Repleto de um amor feroz, poderoso e imortal.

Ele me penetra mais uma vez, mas agora ouço uma inspiração clara e forte.

– Você vai gozar – minhas palavras saem num fôlego só.

– Ainda não – observo seus olhos se fecharem, bem apertados, e a ruga de expressão marcar sua testa de um lado a outro, mas ele mantém seu ritmo estável. Está notavelmente controlado, mas eu busco rapidamente o que quero. Só de olhar para aquele rosto, sou lançada em uma espiral descendente, e agora temo chegar lá antes dele.

Tomo fôlego e colo meus lábios nos dele outra vez. Agora sou eu quem o provoca e ele aceita prontamente. Sua língua entra na minha boca e imita os círculos grandes que varrem o interior dela. Ele crava os dedos nas minhas coxas e me ergue mais um pouco, para ter mais apoio. Em seguida, me ataca com firmeza e grita em minha boca. Eu liberto seus lábios e encontro refúgio na junção de seu ombro e pescoço, com um grito abafado, enquanto sou tomada por espasmos febris. Ele se esfrega em mim com força, retira-se lentamente e volta a me golpear, completamente sob controle.

– Meu Deus do céu! – ele murmura, recuando para, em seguida, me penetrar, com precisão e experiência, mais uma enlouquecedora vez.

– Jesse! – mordo seu ombro com força, enquanto desfruto das pulsações violentas que irrompem por todo o meu corpo. Ele se contorce, grita e aperta as minhas coxas quando goza. Sinto sua essência tórrida me preencher, aquecendo-me, completando-me. Estou mole, com a cabeça nas nuvens, mas, estranhamente, sinto-me mais forte do que nunca.

Seu rosto está enterrado no meu pescoço e o meu no dele, e, apesar da calma dessa sessão de sexo, o final não foi uma progressão calma em direção ao orgasmo nem uma frenética corrida em busca da explosão. Nós encontramos um meio-termo, um misto do Jesse puro e gentil e do senhor dominador que eu adoro.

– Isso foi perfeito – eu sussurro ao seu ouvido. Preciso muito abraçá-lo, mas não preciso pedir. Ele já está me segurando com um braço e libertando-me com o outro. Depois, troca o braço que me apoia e liberta minha outra mão. Apesar da leve dor e da dormência em meus braços, eu, ainda o abraço, segurando seus ombros fortes. Prendo-me totalmente a ele, minhas pernas se apertam e meu rosto se aninha em seus ombros, e ele me leva para a cama e me deita, antes de vir sobre mim. O cetim frio é uma sensação bem-vinda em minhas costas quentes e suadas e não escapa à minha percepção que ele não solta todo o seu peso sobre mim, optando por se segurar na área que cobre a minha barriga.

– Gostando do nosso quarto? – ele pergunta, com o rosto nos meus cabelos.

Dou um sorriso para o teto.

– Podemos colocar um berço aqui? Sabe, para quando trouxermos o bebê para o Solar... – pergunto justamente para lançar uma isca, e a julgar pela tensão em seu corpo e pela mudança na respiração, a isca já está lançada e ele vai refletir sobre o que eu quero que ele reflita.

Ele se ergue nos braços e cai de lado, apoiando a cabeça na mão e no cotovelo. A ponta de seu dedo faz círculos em torno do meu umbigo, enquanto ele me estuda.

– Já disse que sarcasmo não combina com você, Ava.

Assumo a expressão mais inocente que consigo. Sei que não vai fazer a menor diferença, mas ele captou exatamente o que eu queria dizer.

– Só fiz uma pergunta...

Suas sobrancelhas se erguem e seus olhos sérios descem por meu corpo para assistir à rotação do próprio dedo.

– Sua barriga já está aparecendo.

– Não seja idiota! Estou grávida há tão pouco tempo... – encolho-me no colchão, com um ruído ofendido.

– Não estou sendo idiota – ele me acaricia com a mão toda agora. – É bem leve, mas está aí – ele se inclina e beija meu ventre, antes de voltar a apoiar a cabeça no braço. – Conheço este corpo e sei que está mudando.

Fecho a cara e olho para a barriga, mas, para mim, continua perfeitamente lisa. Ele está vendo coisas.

– Como quiser, Jesse – não vou discutir com ele depois de um momento tão perfeito, ainda que eu queira lhe dar um tapa por insinuar que já engordei.

Ele se inclina outra vez e deixa a cabeça bem próxima ao meu ventre.

– Vê só, amendozinho? Sua mãe já está aprendendo quem manda.

– Nada de amendoim! – levanto a cabeça e olho feio para ele, mas Jesse sorri para mim. – Pense em outro apelido. Você não vai se referir ao nosso filho com o nome de algo terrível pelo qual você tem obsessão e que devora todo dia.

– Eu tenho obsessão por você. E também te devoro diariamente, mas não vou chamar nosso bebê de sedutorazinha teimosa.

– Não, isso seria errado, mas pode chamá-lo de bebê – também estou sorrindo agora.

Ele se levanta e senta sobre os meus quadris, prendendo os meus punhos, mas ainda sem soltar o próprio peso sobre a minha barriga.

– Deixe-me chamar nosso filho de amendoim.

– Jamais.

– Precisando de uma transa de lembrete?

– Sim, por favor – respondo ansiosa demais, aumentando o sorriso.

Ele ri e me dá um beijinho inocente.

– A gravidez está te transformando em um monstro. Vamos. Minha esposa e meu amendozinho devem estar com fome.

– Sua esposa e seu *bebê* estão mesmo com muita fome.

Seus olhos verdes brilham e ele me puxa da cama, vestindo-me antes de colocar a cueca, a calça e a camisa. Dou um passo na direção dele e afasto suas mãos do colarinho, assumindo a ação de abotoá-la, sob o seu olhar atento. Eu o abraço e encosto o rosto no peito dele para enfiar a ponta da camisa para dentro da calça, levando o tempo necessário para fazê-lo parecer

apresentável.

– Cinto? – pergunto, afastando-me dele. Ele se agacha e o pega no chão, entregando-o para mim, com um sorriso divertido. Pego o cinto, retribuindo o sorriso, e começo a passá-lo pelos passantes da calça, antes de afivelá-lo. – Pronto.

– Não, não estou – ele aponta para os sapatos. – Se vai fazer um trabalho, faça direito.

Ignoro sua insolência e o empurro para que se sente na cama. Depois, ajoelho-me diante dele e começo a calçar suas meias.

– Assim está bom para você, senhor? – arranco alguns pelinhos do final de sua canela.

Ele se contorce.

– Ai, porra! – ele esfrega a canela dolorida. – Não precisava fazer isso.

– Não seja fresco – respondo, seca, calçando seus sapatos antes de me levantar.

Ele se levanta em seguida, ajeitando os sapatos nos pés, pegando o paletó e guardando a gravata no bolso, com uma cara feia para mim o tempo todo.

– Você é mesmo um monstro.

Dou um sorriso doce, fazendo-o amenizar a careta e também esboçar um sorriso.

– Pronto? – pergunto.

Ele balança a cabeça e me dá a mão, levando-me para o bar. Sou colocada em meu banco habitual e Mario vem até nós num piscar de olhos.

– Sra. Ward! – seu sotaque alegre obtém sempre a mesma resposta de mim: um sorriso.

– Mario, é Ava – eu o repreendo de leve. – Como vai?

– Ah! – ele joga uma toalha de bar no ombro e se inclina à frente. – Eu estou muito bem. O que quer?

– Duas águas – Jesse intervém rapidamente. – Apenas duas águas, Mario, por favor.

Lanço um olhar crítico ao meu marido, que está sentado em um banco ao lado do meu.

– Posso querer beber vinho para acompanhar o jantar.

Ele não está nem um pouco preocupado com meu olhar de reprovação. Na verdade, nem sequer olha para mim.

– Você pode até querer, mas não vai beber. Duas águas, Mario – desta vez ele não está pedindo ao *bartender*, mas ordenando. E a julgar pelos olhos cautelosos de Mario, que vão de mim a Jesse, ele não vai mais me oferecer opções. Vai direto para uma série de refrigeradores alinhados no fundo do bar, enquanto eu fixo o olhar em Jesse, que ainda se recusa a olhar para mim e está chamando Peter. – Dois filés, Pete. Um ao ponto e um bem-passado. Nada de sangue.

A confusão no rosto de Pete é óbvia, assim como deve estar meu olhar incrédulo.

– Ahn... Está bem, Sr. Ward. Salada e batatinhas? – ele pergunta, olhando intrigado para o meu rosto perplexo. Posso sentir seu olhar, mas estou ocupada demais encarando meu marido, de modo que me é impossível tomar ciência dele.

– Sim. Apenas certifique-se de que um dos filés esteja perfeitamente cozido – Jesse aceita a garrafa d'água que Mario lhe oferece e serve a minha em um copo. – Tem ovos na receita do molho da saladinha?

Chego a engasgar. Isso não faz a menor diferença. Ele continua a olhar para Pete com uma sobrancelha erguida, aguardando a resposta. O pobre Pete não faz ideia do que está acontecendo.

– Não tenho certeza. Quer que verifique?

– Sim, e se houver, deixa a salada do prato com o filé bem-passado sem molho.

– Está bem, Sr. Ward.

Mario se afasta, assim como Pete, e logo estamos sozinhos no bar: eu em um silêncio estupefato e Jesse ocupando-se de servir água, para evitar olhar para sua esposa atônita. Ele sabe muito bem que o estou alfinetando com o olhar.

Viro-me de frente para o balcão, parecendo calma e sem afetação, mas estou fervendo por dentro. Ele não toma jeito.

– Se você não for até aquela cozinha, mudar meu pedido e pedir uma taça de vinho, estarei a um passo de me mudar para a casa dos meus pais até o final da gravidez – sei que ele está olhando para mim agora. Posso sentir seus olhos verdes chocados, fuzilando o meu perfil. Pego o meu copo d’água e lentamente me viro para ele: – você não vai mandar na minha dieta, Ward.

– Você já ficou bêbada uma vez durante a gravidez – ele dispara, em voz bem baixa. Ele não está nada feliz, assim como eu não estou.

– Estava com raiva de você – eu ainda soo calma, mas também me sinto culpada.

– Então decidiu descontar no meu filho? – ele ergue as sobrancelhas.

Deixo entrar o ressentimento que parte dele.

– Você fica dizendo o “meu bebê”, mas o bebê é “nosso”.

– Foi o que eu quis dizer!

– Então você não está preocupado comigo? Não tem mais a ver com a minha segurança? – meus olhos o estudam, pesando sua reação às minhas palavras.

Sei que o atingi, porque ele não demonstra sinais de contra-ataque; apenas morde severamente o lábio inferior, as engrenagens na sua mente girando a mil por hora. Finalmente, ele se entrega, afastando-se de mim no banco, as mãos puxando e despenteando os cabelos loiros escuros.

– Puta merda! Porra, porra, porra! – ele xinga.

– Estou falando sério, Jesse – reforço a ameaça. Ele precisa saber que eu não vou aceitar isso. Errei sim em sair e ficar bêbada sabendo que estava grávida, mas aquilo foi o resultado do que ele faz comigo, do efeito que tem sobre mim. Não vou mais encher a cara, mas uma taça pequena de vinho tinto e um filé ao ponto são inofensivos. Não vou nem mencionar a história dos ovos.

Eu o vejo fechar os olhos bem apertados e respirar profundamente antes de voltar-se para o meu rosto calmo. Ele pega a minha água e a coloca no balcão, segurando minhas mãos nas dele.

– Desculpe.

Eu quase caio do banco.

– Como é? – não há como esconder a surpresa em minha voz. Mesmo que eu o tenha ameaçado com confiança, não tinha a menor esperança de que ele levaria minha vontade em conta.

– Desculpe. Vai demorar um tempo para eu me acostumar.

Dou risada.

– Jesse, já tenho muito o que processar sem ter de lidar com um controlador versão 2.0. Não é algo que eu tenha planejado ou sequer considerasse. Não preciso que você me vigie, analise cada passo que dou, monitore tudo o que entra na minha boca. Por favor, não torne as coisas mais difíceis do que elas já são – comecei o discurso rindo, mas termino completamente séria.

Cada palavra tem significado para mim e ele sabe disso. Seus olhos arrependidos confirmam isso.

Sei que é mais forte que ele, mas ele tem que tentar. Preciso trabalhar pesadamente em dar-lhe segurança; assim, talvez, ele se acalme. É um pensamento ambicioso, quando ele mal aprendeu a controlar seus modos complicados no que se relaciona a mim.

Dou um suspiro profundo e me levanto, posicionando-me entre as pernas dele.

– Quero que meu filho tenha um pai. Por favor, acalme-se e tente reduzir o risco de um infarto causado por estresse – beijo cada centímetro do seu rosto que consigo alcançar, e ele permite.

– Hmmm. Eu vou me esforçar para isso, Ava. Estou tentando, mas podemos pelo menos entrar em um acordo?

– Que tipo de acordo?

Sinto a mão dele subir e segurar meus cabelos, tirando meus lábios ávidos dos dele. Ele faz um bico.

– Por favor, não beba – seus olhos imploram e percebo no ato quanto isso é importante para ele. Ele é um viciado em recuperação, ainda que não admita. Seria insensível de minha parte ingerir álcool na frente dele em circunstâncias normais. Agora que estou gerando o filho dele, seria muito mais que isso. Seria cruel.

– Não vou beber – concordo, e a expressão de alívio que surge em seu rosto faz com que eu me sinta péssima. Mil vezes péssima. – Então, vá lá e peça um filé ao ponto para mim – eu lhe dou um beijinho e recuo, voltando a sentar no meu banco. – E eu quero molho na minha salada – digo, com um aceno de cabeça.

Ele me acaricia o rosto e me deixa no bar para cumprir sua obrigação: pedir um filé ao ponto para sua esposa grávida.

Olho em volta e imediatamente noto que está bem cheio, algo que não me dei conta quando cheguei com Jesse e enquanto estávamos discutindo e, subsequentemente, fazendo as pazes. Será que ouviram alguma coisa? Oh, meu Deus, será que acabamos de declarar para um bar cheio de sócios que eu estou esperando um bebê? Meus olhos se fixam em vários grupos, todos bebendo e conversando, mas o interesse que me cerca toda vez que venho aqui está sempre presente. Vejo Natasha num canto com “Voz Um” e “Voz Três”, e fico horrorizada quando os olhos dela apontam para o meu ventre. Sinto meu rosto esquentar e viro-me de frente para o balcão, fugindo às pressas de seu olhar inquisitivo e penetrante. É muito fácil esquecer que há um mundo à nossa volta quando estamos discutindo, fazendo as pazes ou apenas nos curtindo.

– Boa noite, Ava – o tom reservado de Drew chama a minha atenção e eu me surpreendo ao vê-lo de jeans. Ele está vestindo uma camisa social, para dentro da calça, e seus cabelos estão perfeitamente penteados, como sempre... mas jeans?

– Oi – não consigo evitar que meus olhos subam e desçam em sua figura, e quando ele se mexe, incomodado, percebo que fui pega examinando-o e saio rapidamente de minha observação rude. – Como vai?

– Estou bem e você? – ele acena para Mario, que prontamente pega uma cerveja do refrigerador e a entrega para Drew.

– Ótima.

– Oh, parabéns – ele levanta a garrafa na intenção de brindar e depois bebe um gole.

Fico boquiaberta. Ele também sabe?

– Nunca achei que veria esse dia – ele balança a cabeça.

– Sim! – Mario cantarola. – Um bebê!

Meu suspiro frustrado soa alto, como eu queria que fosse. Espero que meu brado tenha chegado aos ouvidos de meu querido marido na cozinha, onde ele está se certificando de que meu filé esteja rosado no meio.

– Obrigada – é só o que me ocorre dizer, isso até Jesse voltar para o bar e eu começar a pensar nas palavras para lhe dizer, quando ele se aproxima de mim.

– Apenas lembre-se de que não é da sua conta – ele diz.

– O quê? – faço uma careta e ele me lança um olhar de advertência, que seria eficaz se eu soubesse contra o que eu estou sendo advertida. – Do que está falando?

Ele revira os olhos e pega seu copo no balcão, e então eu vejo Sam e Kate.

Capítulo 16



— Que diabos? — pulo do banco, mas sou colocada de volta antes de conseguir meu intento.

— Ava — o tom dele é curto e severo. Não que eu me importe, mas logo me ocorre que Sam está alheio às aventuras de Kate, assim como Jesse, então aponto meus canhões para meu marido.

— Para quem você contou?

A seriedade do seu rosto se desfaz.

— Algumas...

Aperto os lábios.

— Você já contou para todo mundo, não é? — não acredito nisso; e meus pobres pais ainda não têm ideia de que vão ser avós.

— Talvez.

— Jesse! — eu solto um gemido, derrotada.

Seu rosto adorável faz minha irritação diminuir um pouco, e então ele dá de ombros, culpado, dissipando o restante de minha exasperação.

— Podemos visitar meus sogros nesse fim de semana? — ele pergunta baixinho.

— Bem, sim! É melhor irmos logo, antes que a notícia corra e chegue à Cornualha antes de nós.

Ele sorri e se inclina para selar nossas bocas, sua mão acariciando a minha barriga não existente enquanto sua língua acaricia a minha.

— Você me faz um homem muito feliz, sra. Ward.

— Isso porque estou permitindo que você passe por cima de mim nesse momento.

— Não, é porque você é linda, bem-humorada e toda minha.

— Meu chapa! — o cumprimento feliz de Sam interrompe o nosso momento. Ele bate no ombro de Jesse e me levanta, checando-me de cima a baixo. — Já está na cara — diz, olhando para o meu ventre antes de erguer seus olhos azuis brilhantes para os meus. — Você está com aquele brilho saudável.

Começo a rir, mas estou morta de vontade de perguntar aos que nos cumprimentam se eles conhecem as circunstâncias que me fizeram engravidar.

— Isso é estranho, porque, em geral, me sinto uma bosta — disparo.

— Olha a boca, Ava! — Jesse briga, mas eu o ignoro e passo por Sam para dar a mão a Kate.

— Vamos nos sentar ali no canto — eu lhe dou um sorriso doce e a afasto do bar. Seu rosto claro mostra cautela. É bom mesmo. Ela não resiste e me deixa levá-la para longe dos homens,

até uma mesinha no canto mais quieto do bar movimentado.

Eu praticamente a jogo sentada na cadeira.

– Está bem, Matthews, desembuche – já passamos da fase das desculpas de “diversão”, então é melhor que ela nem tente. Não agora que meu irmão está envolvido, embora eu não seja a sua maior fã nesse momento.

– Então... – ela começa, toda alegre e indiferente à minha ordem –, é oficial?

– O quê? – sento-me de frente para ela.

– O bebê – ela aponta para a minha barriga. – Você não vai se livrar dele, vai?

– Kate! – esbravejo num sussurro alto, olhando as mesas em volta. Estamos em um lugar seguro, mas suas palavras duras me atingem e, pela primeira vez, a situação toda fica clara e minha mão pousa em meu ventre. Sinto-me extremamente culpada.

Ela sorri.

– Ava, eu sabia que você não ia fazer isso.

Estou sem fala.

– Por que não me disse antes?

– Você precisava descobrir sozinha – ela olha para os homens, todos conversando no bar. – Eu nem sempre o entendo, mas olhe só para ele – ela diz, sorrindo para Jesse. – Eu estava quase indo contar para ele, Ava.

Sabia. Sigo seus olhos e vejo um homem muito feliz, mas, até aí, ele sempre está feliz quando estamos juntos, ou sempre está feliz quando eu me rendo a ele e a seu temperamento difícil. Tanto faz, não posso negar o quanto me deixa realizada vê-lo nesse estado e saber que sou a responsável por isso. Eu e, agora, seu amendoimzinho. Os olhos de Jesse encontram os meus e ele me dá uma piscadela, fazendo meu coração se aquecer de contentamento, mas logo me lembro de que tenho uma amiga com explicações a dar.

– Ei! É hora de você se explicar.

Kate vira o corpo de frente para a mesa e me olha, exausta. Não gosto nada daquela atitude.

– Disse a seu irmão para voltar para a Austrália.

– Ah, é? – inclino-me para a frente, arrebatada pela notícia. – E ele vai?

– Não sei, mas não ouço falar dele desde sábado – ela responde, dando de ombros.

– Eu sabia que ele estava lá – fecho a cara para ela. – O que aconteceu?

– Aconteceu o Sam – ela responde, em voz baixa. – O que temos não é ideal, mas vamos fazer funcionar.

– Você diz com relação ao Solar?

– Sim.

– Então, por que estão aqui agora? – pergunto, e penso que, se eles estão trabalhando para erradicar o Solar e tudo o que há de fetiche em seu relacionamento, o mais sensato seria evitar esse lugar.

– Nós só viemos beber alguma coisa.

– Mas será que não vão acabar... – posso sentir meu rosto arder e poderia espancar a mim mesma por isso. – Sabe... – olho para o teto – ... caindo em tentação?

Kate cai na gargalhada, batendo as mãos na mesa, fazendo-me dar um pulo para trás.

– Ah, Ava! Considerando que você é casada com o dono disso aqui, seu puritanismo é risível.

– Estou vendo – bufo, um tanto ofendida, porque não sou puritana.

Ela controla a risada e apenas sorri com carinho para mim. Posso não estar encantada com o seu humor, mas estou feliz por vê-la de volta ao normal.

– Nós só vamos fazer sexo um com o outro de agora em diante – seu rosto está entre o divertido e o sério; divertido, porque sei que estou boquiaberta, e sério, porque eu sei que, apesar de ela ser cabeça-aberta e ter uma abordagem *blasé* de seu relacionamento com Sam, ela realmente gosta dele, e isso nunca aconteceu antes.

Fecho a boca.

– Estou feliz por você – estou em êxtase, na verdade. – Então, por que vocês estão aqui, afinal?

– Há suítes privadas – ela sorri.

– Seu quarto é privado!

–É, mas não tem os móveis adequados – seu sorriso se abre um pouco mais. Aperto os lábios e arregalo os olhos, e caio na risada. Caramba, que safada!

– Você não tem vergonha mesmo – estou rindo com vontade, com lágrimas e tudo. É tão bom compartilhar de novo isso com minha amiga flamejante, mesmo que o motivo de tanto riso esteja bem longe do que, meses atrás, cogitaríamos estar rindo, ou seja: luxuosos clubes de sexo, o senhor do Solar, com quem agora estou casada e com quem vou ter um filho, e lindos membros desse clube, com quem Kate está tendo uma experiência nova. Minha vida não só virou do avesso, mas também de cabeça para baixo.

– Não acredito – debocho. – E quem você e Sam convidaram para brincar? Antes de criar essa nova regra, digo.

Seus olhos azuis dançam de deleite.

– Um cara bonitão, de cabelos pretos e ranzinza.

– Não!

Ela faz que sim, com os olhos bem abertos.

– Ele também é bravinho na cama. É tão sexy!

– Pare com isso!

– É verdade! – diz, enquanto mede pelo menos vinte centímetros entre as duas mãos e conclui: – E faz um trabalho brilhante com ele.

– Meu Deus, pare! – digo, tentando tomar fôlego.

Ela se encosta na cadeira e se esforça para controlar a risada.

– Ele pode ser bom, mas não é páreo para o vigor e as habilidades de Sam – ela suspira e sorri. – E não me faz rir como aquele bobalhão adorável.

Não consigo evitar o sorriso enorme que brota em meu rosto. Ela não disse com as mesmas palavras, mas acaba de admitir que gosta de Sam. Fizemos um avanço e estou muito feliz.

– Você não sabe como fico satisfeita por, finalmente, te ouvir dizer isso.

– Sei, sim – Kate retruca, seca, debruçando-se sobre a mesa. – Deixe-me contar só mais uma coisa, antes de pararmos de falar sobre o sr. Ranzinza, está bem?

– Oooh, isso parece interessante – imito sua postura, inclinando-me para ficar bem perto dela. – Diga.

– Ele tem um piercing.

– No mamilo? – pergunto, curiosa demais, mas ela nega com a cabeça. Então, sento-me

ereta e mostro os vinte centímetros com as mãos e olho para ela, levantando as sobrancelhas, e ela confirma. – Nããão! – dou um grito abafado e olho para o discreto e reservado Drew, meus olhos automaticamente baixando para o zíper da calça.

– Você não vai conseguir enxergar através do jeans, Ava – Kate zomba e ri, e eu caio na gargalhada também. Iniciamos uma daquelas sessões de riso incontrollável, de doer a barriga e quase fazer xixi na calça. Em meio às lágrimas, vejo Kate passar a língua por dentro da boca. – Quase quebrei um dente.

– Por favor! – estou a ponto de cair da cadeira de tanto rir.

– O que há de tão engraçado?

Luto para me recompor e enxugo as lágrimas, olhando para o senhor do Solar, que olha para a sua esposa descontrolada com um olhar divertido estampado no rosto.

– Não, nada – aposto que já sabia disso, daí ter me pedido persistentemente para cuidar da minha vida.

Recuso-me a olhar para Kate, porque sei que é isso que ela espera, mas não lhe darei a chance de trazer de volta minha crise de riso com uma piadinha interna ou um olhar engraçado.

Jesse senta-se ao meu lado.

– Nosso jantar chegou – ele acena para Pete, que vem na nossa direção com uma bandeja.

– Que bom, estou faminta – ajeito-me na cadeira e sorrio em agradecimento quando meu filé é servido. – Ao ponto? – pergunto, enfiando uma batata na boca.

Pete sorri com afeto.

– Do jeito que você gosta, Ava – diz, entregando-me os talheres e depois servindo Jesse. – Posso servir-lhes algo mais, senhor?

– Não, obrigado, Pete.

– Vou deixá-los a sós para comer – Kate faz menção de se levantar, mas eu agito a faca para ela.

– Não, sente-se – falo de boca cheia. – Está tudo bem. Sente-se.

Ela se senta novamente.

– Está bem, mas não precisa agir com violência.

Jesse segura o meu punho e coloca a minha mão na mesa.

– Pare de balançar a faca, Ava – ele me repreende.

Olho para o objeto, agora a salvo apoiado na borda do meu prato.

– Desculpe – corto o filé e dou um suspiro longo e satisfeito assim que coloco um pedaço na boca.

– Bom? – Jesse pergunta.

Olho para ele e vejo um sorriso em torno de seu garfo.

– Como sempre – confirmo, antes de voltar minha atenção para Kate, mas logo me dou conta de que nossa nova companhia não permite que eu faça mais perguntas. Na verdade, não consigo pensar no que falar no momento. Tudo o que pode haver de interessante está fora de questão, ainda mais quando Sam e Drew se juntam a nós.

Paro de mastigar e observo Sam sentar-se de um lado de Kate, enquanto Drew senta-se do outro. Nunca mais vou conseguir olhar para eles do mesmo jeito, e agora meus olhos não param de baixar para a calça de Drew. Um piercing? E um piercing “lá”? Jamais pensaria nisso, e dou uma risadinha sem querer, com a boca cheia. Kate percebe onde estão meus olhos e espeta a

língua do lado de dentro da bochecha.

Eu engasgo. Começo a tossir e a arfar. Jesse põe os talheres no prato e começa a bater nas minhas costas.

– Que inferno, mulher! Vá devagar! A comida não vai sair andando do prato.

Isso não me ajuda em nada. Estou sem fôlego, tentando engolir um bocado de carne ainda não totalmente mastigado e, em meio a mais lágrimas, posso ver Sam e Drew me olhando, perplexos, e minha amiga com um sorrisinho em seu rosto rosado.

– Estou bem! – sibilo, tossindo de novo para limpar a garganta. – A comida desceu pelo lugar errado.

– Aqui – Jesse tira os talheres das minhas mãos e os substitui por um copo d'água. – Beba.

– Obrigada – aceito a água e bebo quase que de um só gole, fazendo o possível para evitar olhar para Kate do outro lado da mesa, mas falhando terrivelmente. Seu humor travesso é um imã para o meu estado vulnerável. Desta vez, ela está fazendo mímica como quem faz sexo oral, sacudindo o punho diante da boca. Cuspo água por toda a mesa, em Drew e Sam, e acerto no alvo, porque molho Kate também. Sam e Drew se levantam rapidamente, mas Kate fica rindo, exatamente onde está.

– Mas que diabos, Ava! – Jesse pega um guardanapo. – O que está acontecendo com você? – ele começa a limpar minha boca, enquanto eu continuo gargalhando, ouvindo Drew e Sam xingando e Kate rindo.

– Desculpe! – sigo rindo. – Desculpem-me! – olho para Sam e Drew, ambos se enxugando com guardanapos que Mario trouxe. Recuso-me a olhar para Kate, mas olho em volta e noto que metade dos ocupantes assiste à minha pequena performance.

– Você está bem? – a voz preocupada de Jesse atrai minha atenção.

– Desculpe – repito –, não sei o que me deu. – Sei sim, e a vagabunda está sentada do outro lado da mesa, louca para que eu olhe para ela de novo, mas não vou olhar. Pego os talheres e fixo o olhar no meu prato, e é só para onde vou olhar até terminar de jantar. Ela está adorando tudo isso.

Vejo que Sam volta a se sentar.

– É isto o que a gravidez faz com as mulheres? – ele pergunta, rindo.

– É melhor que as oscilações de humor – Kate ironiza.

– Então me avisem quando elas começarem – diz Drew. – Eu até tolero que ela me cuspa, mas não quero levar chupada.

Ah, meu Deus! Sinto meus ombros subindo e descendo e sei que Kate está rindo também, mas dessa vez consigo me controlar. Mantenho a cabeça baixa e me concentro em terminar a refeição.

– Posso assumir que você terminou? – Jesse diz para o meu prato vazio, tirando-o da minha frente e entregando-o para Pete.

– Hmmm... – relaxo na cadeira. – Estava divino.

– Dá para ver – as sobrancelhas de Drew se erguem e seu olhar segue o prato vazio até a bandeja de Pete.

– Despeça-se, Ava. Está ficando tarde – Jesse aperta as mãos dos amigos, antes de se levantar e dar um beijo no rosto de Kate.

Levanto-me também e dou um beijo em cada um deles.

– Ligue para mim – sussurro para Kate, ao aproximar-me dela.

– Pode deixar – ela cantarola.

Quando saímos do bar, Jesse me olha com curiosidade.

– Já se recompôs, sra. Ward?

Retribuo o olhar dele.

– Você sabia, não é?

– Sabia do quê?

– Sobre Kate, Sam e Drew – eu o deixo me guiar pelo *hall* de entrada, mas sustento o olhar.

Não há como negar o olhar de surpresa que passa pelo rosto dele.

– Era disso que você estava rindo? Ela te contou?

– Sim – confirmo, querendo contar que ela, na verdade, me contou mais, muito mais. – Por que não me contou?

– E te dar mais um motivo para se preocupar?

– Eu não iria me preocupar – anuncio, confiante, enquanto vamos para o estacionamento pelo caminho coberto de pedregulhos. – Devo pegar minha bola de neve gigante?

– Não, você volta comigo – ele me leva até a porta do passageiro do DBS, mas eu não abro a boca. Não quero dirigir aquele monstro.

Ele dá a partida, roda pela trilha com calma, e só quando pousa a mão sobre a minha é que percebo que estou com a mão sobre o ventre. Nem preciso olhar para ele para saber que está olhando para mim. Então, continuo vendo as árvores passando pela janela do carro, sentindo a mão dele apertar a minha de leve e depois entrelaçar seus dedos nos meus.

Sorrio para mim mesma. Está tudo tão certo.

Capítulo 17



Acordo com o som familiar da esteira em ação. Sento-me e fico imediatamente enjoada. Dou um gemido alto e me solto no travesseiro outra vez, percebendo o erro quando meu estômago revira, indicando que não tenho mais tempo de ficar deitada e determinando quando vou me sentir mal. Vou vomitar.

Saio correndo da cama direto para o banheiro, a tempo apenas de chegar ao belo vaso para decorá-lo com o jantar de ontem.

– Não... – reclamo para mim mesma, antes de pegar um pouco de papel higiênico. Nesse momento, nada parece certo. Meu corpo está negando totalmente meus pensamentos felizes. Fico abraçada ao vaso por uma eternidade, com a cabeça apoiada nos braços, suando e gemendo sozinha para o espaço vazio à minha volta. – Saco – resmungo, e digo para a barriga: – por que está fazendo isso comigo? – então, olhando para ela, pergunto como se quisesse confirmar o que já sei: – Você vai ser difícil como seu pai, não vai?

Dando um suspiro longo e forçado, levanto-me e volto para o quarto, agarrando a primeira coisa que consigo encontrar, que, por acaso, é a camisa que Jesse usou ontem. Nem me incomodo em tentar parecer mais apresentável, porque quero que ele veja o quanto estou sofrendo. Vou para o andar de baixo e o encontro saindo da sala de ginástica, espetacular em um calção de corrida e com uma toalha sobre os ombros nus, os cabelos despenteados e úmidos. Fico mais enjoada.

– Oh, querida – ele murmura, compadecido. – Mal?

– Terrível – tento fazer um bico, mas meu corpo exausto não permite. Estou parada diante dele completamente sem vida, os braços largados ao lado do corpo. Estou me sentindo péssima.

Ele me pega no colo e me leva para a cozinha.

– Já ia te perguntar por que não está nua.

– Nem tente – balbucio. – Sou capaz de vomitar em você.

Ele ri e me senta no balcão, afastando meus cabelos despenteados do rosto pálido.

– Você está linda.

– Não minta para mim. Estou um caco.

– Ava... – ele me adverte, porém com carinho, mas eu não retruco, principalmente por não ter forças para falar. – Você precisa comer.

Tenho náuseas só de pensar em tentar enfiar comida no meu estômago, e nego com a cabeça, suplicante. Sei que é uma batalha perdida. Ele não vai me deixar em paz até que eu tenha tomado café da manhã.

Ouço a porta abrir e fechar e depois Cathy cantando. Tudo o que estou vestindo é a camisa de Jesse, mas não consigo reunir forças para me preocupar com isso; então permaneço onde estou, despreocupada, relaxada e muito enjoada.

– Bom dia! – ela cantarola, enquanto coloca a bolsa sobre o balcão. – Oh, meu Deus! Qual é o problema?

Jesse responde por mim, o que é muito bom, já que não consigo falar.

– Ava não está se sentindo muito bem.

Bufo em resposta aos panos quentes que ele coloca sobre o meu estado e colo a testa em seu peito. Sinto-me fraca. Morta mesmo.

– Oh, o temível enjoo matinal? Isso passa – Cathy declara, como se eu não estivesse pronta para emborcar. Ela também sabe, então.

– Passa? – digo para dentro do peito de Jesse. – Quando? – sinto-o massagear minhas costas e beijar meus cabelos com carinho, mas sem dizer nada. É uma boa indicação de que ele também gostaria de saber a resposta.

– Depende. Menino, menina, mamãe, papai – ela diz e eu a ouço pôr a chaleira para ferver.

– Algumas mulheres enjoam por algumas semanas e outras sofrem durante toda a gravidez.

– Oh, Deus... – eu uivo. – Não diga isso.

– Shhhh – Jesse tenta me acalmar e acaricia minhas costas com mais vontade. Não estou nem fazendo manha. A coisa é ruim de verdade.

– Gengibre!

Essa palavra, dita aleatoriamente, me faz tirar o rosto do peito úmido de Jesse.

– O quê?

– Gengibre! – ela repete, mexendo na bolsa. Olho para Jesse, mas ele está tão confuso quanto eu. – Você precisa de gengibre, querida – ela diz, tirando da bolsa biscoitos de gengibre. – Eu vim preparada – ela afasta Jesse da minha frente e abre o pacote, oferecendo-me um biscoito. – Coma um toda manhã, assim que acordar. Faz maravilhas! Coma.

Com Jesse pairando atrás de mim e Cathy agindo como uma mãezona, tomo a sábia decisão de não recusar e mordo um pedacinho do biscoito.

– Isso vai acalmar seu estômago – ela me dá um de seus sorrisos calorosos e acaricia meu rosto. – Estou tão empolgada.

Não consigo ficar tão entusiasmada quanto ela; pelo menos, não quando estou me sentindo assim. Então dou um sorriso amarelo e deixo que Jesse me coloque sentada em um dos bancos.

– O rapaz novo me deu isso aqui – ela entrega uma pilha de cartas para Jesse. – Bonitinho ele, não é?

Isso me faz rir, especialmente porque faz Jesse bufar de desgosto e arrancar as cartas de seus dedos enrugados.

– Ele é um amor – confirmo, encontrando energia para formular uma frase completa. – Mas você não vai sentir saudade de Clive, Cathy?

– Oh, de jeito nenhum – ela nos mostra dois bagels e nós aceitamos, com um gesto de cabeça. – Vamos sair juntos hoje à noite.

Cutuco Jesse com o cotovelo, enquanto mordisco as bordas do meu biscoito, mas sou ignorada. Em vez de satisfazer minha mente curiosa, ele começa a abrir as cartas.

– Isso vai ser bom – digo, alegre.

– Vai, sim – ela concorda, pondo os bagels na torradeira e pegando os ovos.

Fico conversando com Cathy, comendo, ouvindo-a comentar sobre o lugar para onde Clive vai levá-la e contando sobre meus ataques de enjoo mais recentes, quando me dou conta de que Jesse está em silêncio há uma eternidade. E que também não se mexeu. E que seu bagel está intocado diante dele. Empurro o prato na sua direção.

– Coma seu café da manhã.

Ele não se move, nem mesmo toma consciência do que eu disse.

– Jesse? – ele parece em transe. – Jesse, você está bem?

Ele vira um envelope e passa os olhos por ele. Eu também.

Jesse Ward

Confidencial

– O que é isso? – pergunto.

Ele volta a atenção para mim, mas seus olhos estão vidrados e circunspectos. Não gosto nada disso.

– Vá para cima.

– Por quê? – pergunto, fechando a cara.

– Não me faça pedir de novo, Ava.

Afasto-me dele e tento compreender o que se passa, mas só o que consigo dizer é que ele não está contente comigo. Apesar disso, no entanto, sei que preciso subir antes que ele peça de novo. É uma daquelas situações em que não se deve discutir. Ele começa a tremer e, embora eu não faça ideia do motivo, sei que não é para os ouvidos de Cathy. Desço do banco e peço licença, deixando a cozinha e subindo os degraus em silêncio, indo para a suíte máster, perguntando-me o tempo todo o que diabos há de errado com ele. Não preciso pensar por muito tempo. Ele entra no quarto, ainda segurando o papel e o envelope.

Ele está espumando de raiva. Posso ver pela forma como treme e pelo lampejo sombrio em seus olhos. Ele me imobiliza com o peso de seu olhar.

– Que merda é isso aqui?

Meus olhos se dirigem naturalmente para o papel que ele tem na mão, mas não sei do que se trata.

– O que é isso? – pergunto, nervosa.

Ele agita o papel no espaço que nos separa.

– Você ia matar nosso bebê? – ele pergunta, calmamente.

O chão some sob meus pés e eu me sinto caindo em um buraco negro, no nada. Não posso olhar para ele. Meus olhos parecem queimar com lágrimas quentes, enquanto buscam algo pelo chão em torno de seus pés. Meu cérebro entra em colapso, mas ainda que ele me desse alguma inspiração e me fizesse dizer as palavras certas, eu estaria mentindo e Jesse saberia.

– Responda! – ele urra e eu dou um pulo de susto, mas ainda não consigo encará-lo. Estou absolutamente envergonhada, e depois de passar poucos dias com Jesse e ver o quanto ele está feliz, o quanto está sendo cuidadoso e atencioso, a culpa não poderia me consumir mais. Pensei em interromper essa gravidez. Pensei em livrar meu corpo desse bebê. O bebê dele. O nosso

filho. É imperdoável. – Ava, pelo amor de Deus! – antes que eu consiga tentar formar alguma palavra, ele me segura pelos ombros e me olha nos olhos, mas evito o olhar dele, incapaz de encarar o que sei que estará lá. Desprezo... desgosto... incredulidade. – Pelo amor de Deus, olhe para mim.

Balanço levemente a cabeça, como a covarde patética que sou. Ele merece uma explicação, mas não sei por onde começar. Minha mente está bloqueada, como que me protegendo do inevitável, que será ver Jesse perder a cabeça. Ele está fora de si.

Ele ergue meu queixo para que eu olhe para ele. Meus olhos estão marejados de lágrimas quentes e grossas, mas ainda vejo com clareza a mágoa em seu rosto.

– Perdão – eu soluço. É a única coisa que consigo dizer. É a única coisa que devo dizer. Estou mesmo arrependida por ter tido pensamentos tão tenebrosos.

O rosto dele se desfaz diante dos meus olhos, um combustível para a minha culpa.

– Você partiu meu coração, Ava – ele se afasta para o *closet*, deixando-me trêmula. O enjoo deu lugar a uma vergonha sem tamanho. Sinto-me subitamente enojada comigo mesma, então tenho uma boa ideia do que Jesse deve pensar de mim.

Ele aparece novamente com algumas roupas, mas não as coloca em uma mala nem vai para o banheiro pegar qualquer outra coisa. Apenas sai, ainda usando só o calção de corrida. Minha garganta está fechada. Nem mesmo consigo gritar para que fique. Estou paralisada, nada funciona, exceto meus olhos, que jorram um fluxo inesgotável de lágrimas. Depois, ouço a porta do apartamento se fechar e desabo no chão, chorando em silêncio.

– Ava, querida? – a voz calma e afetuosa de Cathy mal é detectada em meio ao meu choro. – Ava, meu amor, qual é o problema? – deve estar mais do que claro que não estou sofrendo de enjoo matinal, e ela deve ter ouvido Jesse gritar comigo.

Sinto seu corpo próximo ao meu e instintivamente viro em sua direção, abraçando-a.

– Oh, querida, não... – ela começa a me embalar gentilmente, acalutando-me e sussurrando palavras de conforto ao meu ouvido. – Oh, Ava, vamos, querida. Conte-me o que aconteceu.

Tento formar frases, mas só consigo chorar mais. Minha compulsão de declarar minha culpa, compartilhar meu remorso, apenas enfatiza a maneira egoísta como agi.

– Venha. Vou preparar um chá – Cathy me acalma, erguendo o corpo roliço do chão do quarto e puxando o meu braço, encorajando-me a levantar. Nem sei como consigo, e logo sou aninhada em seu abraço e guiada até a cozinha.

Ela me entrega um lenço que tira do bolso do avental e, então, começa a preparar o chá. Observo-a em silêncio, exceto pelo suspiro pesado que me escapa aqui e ali, enquanto tento recuperar o controle do meu corpo trêmulo e a respiração errática. Tento ao máximo. Inevitavelmente, penso em todas as outras vezes em que o enfureci, mas dessa vez ele ficou mesmo transtornado. Desta vez, eu o fiz ultrapassar todo e qualquer limite.

Cathy coloca o bule de chá sobre a ilha da cozinha e serve duas xícaras, adicionando algumas colheres de açúcar à minha, sem me perguntar e sem que eu pedisse.

– Você vai precisar de energia – ela diz, enquanto mexe o líquido, antes de colocar a xícara nas minhas mãos. – Beba, querida. Não há nada que um bom chá não cure. – Ela pega uma xícara de chá para si, assopra um pouquinho, e vejo uma ondinha de fumaça se formar e se desintegrar à minha frente; fico olhando para ela até que se desfça no ar, depois volto a olhar

para o nada. – Agora, me diga: o que deixou meu menino tão nervoso e você nesse estado?

– Pensei em fazer um aborto – digo para o nada. Nem quero ver o olhar de horror que sem dúvida surgirá no rosto da doce e inocente governanta.

Seu silêncio e a xícara que consigo ver por minha visão periférica só confirmam o que pensei. Ela está chocada, e ao ouvir as palavras em voz alta, também estou. E constrangida. Ela apenas deixa escapar um “oh” de surpresa. O que mais ela poderia dizer?

Sei que precisaria dizer algo. Devia estar me explicando, dando os meus motivos, mas, se por um lado decepcionei Jesse e atrolei sua felicidade, por outro, também quero protegê-lo. Pode parecer insano, mas é por isso que não vou contar a Cathy como foi que engravidei, pois não quero que ela o julgue. De qualquer forma, a forma como engravidei foi a única razão pela qual cheguei a considerar um aborto, juntamente com o fato de que não me achava pronta para ter um filho, mas os últimos dias me provaram o contrário. Jesse gerou um sentimento profundo de esperança, alegria e amor por esse bebê que cresce dentro de mim, que é parte de mim e dele, juntos, formando uma nova vida. Nosso filho. Agora, o pensamento de livrar-me dele soa absolutamente horrendo. Estou decepcionada comigo mesma.

Viro-me para Cathy.

– Eu jamais chegaria a fazê-lo. Logo percebi que estava sendo idiota, que estava atordoada. Não sei como ele descobriu... – agora que me acalmei um pouco, começo a me perguntar como foi que ele descobriu.

Aquele papel. O envelope.

– Ava, ele obviamente está em choque. Dê-lhe tempo para se acalmar. Você ainda está grávida, e é isso que importa. Ele logo vai voltar.

Dou um sorriso, mas as palavras de Cathy não melhoram o meu estado. Ela não sabe o que aconteceu da última vez que ele me abandonou.

– Obrigada pelo chá, Cathy – digo, levantando-me do banco. – É melhor eu me arrumar para ir trabalhar.

Ela junta as sobancelhas e olha para a minha xícara.

– Mas você mal tocou no seu chá.

– Ah, sim – pego a minha xícara e bebo alguns goles, provavelmente queimando o céu da boca no processo, e lembro-me de que há um pedaço de papel no chão da suíte máster gritando para que eu o leia. Dou um beijinho no rosto de Cathy, que afaga meu braço carinhosamente, e deixo a cozinha.

Corro para cima e pego o papel, dando de cara com vários panfletos grampeados no canto de uma carta. O documento é uma guia de marcação de ultrassonografia. Os panfletos são informações sobre aborto. Tudo se encaixa bastante rápido, e quando movo os olhos para o cabeçalho da carta, vejo meu nome e endereço. Não, não o meu endereço. É o endereço de Matt.

Engulo em seco e amasso o papel, jogando-o na parede com um grito colérico. Como eu sou estúpida! Não atualizei o meu endereço no consultório. Não atualizei meu endereço em lugar nenhum. Toda a minha correspondência tem ido para a casa de Matt, e o desgraçado a tem aberto, obviamente. Deve ter sido muito fácil para ele encontrar isso. O que há de errado com ele, verme maldito? Minhas emoções estão desencontradas. Estou triste, magoada, borbulhando de raiva.

Para não correr o risco de esmurrar a parede ou alguma porta ou qualquer lugar onde eu possa pôr as mãos, enfio-me no chuveiro.

Ainda estou fumegando de ódio quando chego ao *hall* de entrada da cobertura meia hora mais tarde. Já estou atrasada, mas meu trabalho, pela primeira vez na vida, é a menor das minhas prioridades, o que é bom, porque estou aqui, olhando para o teclado do elevador, sem fazer a menor ideia de que números devo apertar. Olho para a porta, pensando em voltar e perguntar a Cathy, mas decido não fazer isso, apertando, em vez disso, o código da escada de emergência e saindo por ali. Preciso queimar um pouco da fúria antes de chegar perto das pessoas. Posso acabar arrancando a cabeça de alguém, e quero guardar minha raiva para Matt.

– Bom dia, sra. Ward – a voz amigável de Casey é a primeira coisa que ouço quando saio no *hall* do prédio, ofegando de exaustão, em vez de ofegar de raiva.

– Casey – digo, respirando fundo, colocando os sapatos de salto de volta nos pés.

Ele me olha de cima a baixo. Só Deus sabe como estou. Nem me incomodei em olhar para o espelho, secando os cabelos e enfiando grampos onde pareciam ser necessários.

– A senhora está bem? – ele pergunta.

– Sim.

– Parabéns – ele diz. Olho para ele, alarmada. Jesse não teria contado da gravidez ao novo *concierge*. Ele não gosta de Casey. – Pelo casamento – ele acrescenta. – Eu não sabia.

Faço uma expressão confusa. Jesse teria contado isso a ele? Provavelmente. Ele devia estar marcando território.

– Obrigada – passo por ele depressa e ponho os óculos escuros antes de sair para o sol, torcendo para que a armação grande esconda um pouco do meu rosto descomposto. John está aqui. Ele dá de ombros e eu balanço a cabeça. – Eu não vou com você, John – abro meu carro com o botão da chaveiro e cruzo o estacionamento.

– Vamos, garota. Não insista – sua voz mantém tom grave, mesmo que ele esteja implorando.

– John, desculpe, mas quero dirigir sozinha hoje – insisto com o tom mais firme que consigo, mas é difícil. Só quero chorar mais. Ele está tão furioso comigo, mas, ainda assim, mandou John para me levar para o trabalho. Como sempre, ele não consegue evitar. paro e me viro para olhar para o gigante gentil, que tem os braços estendidos num gesto suplicante sobre a sua Range Rover. – Ele está bem? – pergunto.

– Não, ele está completamente pirado, garota. O que está acontecendo?

– Nada – digo em voz baixa, agradecida pelo fato de John não saber por que Jesse perdeu a cabeça. Ele deve estar morrendo de vergonha de mim para admitir a quem quer que seja, e tem todo o direito de estar.

– Nada? – ele ri, mas logo seu rosto ameaçador se torna extremamente sério. – Tem alguma coisa a ver com aquele dinamarquês filho da puta?

– Não – balanço a cabeça, pensando que Mikael pode vir a ser mais um motivo para Jesse enlouquecer.

– Você está bem? – seus óculos escuros continuam no lugar, mas sei que ele está olhando para a minha barriga. Deve estar achando que aconteceu alguma coisa com o bebê.

Apenas faço um meneio de cabeça, minha mão naturalmente deslizando pela frente do meu vestido azul, até o umbigo.

– Estamos bem, John.

– Ava, minha garota, deixe-me levá-la para o trabalho, para eu pelo menos poder voltar para o Solar e dizer a ele que você chegou bem – ele diz, fazendo um gesto para a máquina imensa de metal negro.

É difícil negar o que John pede. Ele está pensando em Jesse, mas sei que ele se importa comigo. Em quaisquer outras circunstâncias eu teria aceitado, mas tenho de lidar com um ex, e mal posso esperar para liquidá-lo.

– Sinto muito, John – entro no meu carro e ligo para Casey abrir os portões. Sem código e sem controle remoto do portão automático. Qualquer um pensaria que ele está tentando me fazer prisioneira. Deixo para trás um John totalmente frustrado e vou sozinha para o trabalho.

O olhar que dirijo aos meus colegas no momento em que entro no escritório os faz baixar a cabeça, cautelosamente, e voltar ao trabalho. Conversinhas bobas e alegria fingida não são coisas que posso me dar ao luxo de fazer hoje. Preciso me concentrar em terminar o dia o mais rápido e silenciosamente possível. Interagir com os outros é algo que não posso arriscar. Sou capaz de explodir, e aí toda a fúria seria desperdiçada.

Sou deixada em paz para trabalhar, e minha única distração é minha própria imaginação, que viaja para o que Jesse estaria fazendo nesse momento até para o que vou fazer com Matt. Estou indo bem, até Patrick se sentar na beirada de minha mesa. Eu o vejo antes de ouvi-lo, o que jamais havia acontecido. O rangido que sempre ouvia não existe, o que me surpreende um pouco. Já estava acostumada ao som do meu chefe se sentando na beirada da minha mesa, ainda que me fizesse prender a respiração e rezar para que a madeira segurasse.

– Flor, deixe-me a par das coisas. Não nos falamos há alguns dias. Por minha culpa, eu sei.

Não preciso disso. Meu cérebro está alheio a tudo, exceto ao trabalho, e estou adiando falar de Mikael. Sei que estou fugindo do inevitável, mas não posso abordar isso agora.

– Não há muito o que dizer, na verdade – continuo escrevendo um e-mail no qual venho trabalhando ao longo da última hora. Só tem duas linhas, e é um simples pedido de amostras para um fabricante.

– Oh, então está tudo em ordem?

– Sim, tudo – pareço seca e tensa, embora esteja me esforçando para não ser.

– Você está bem, flor? – a preocupação de meu chefe é clara, quando ele deveria estar me dizendo para tomar jeito e responder ao que ele perguntou com mais profissionalismo.

Paro de digitar e volto os olhos para o ursão de pelúcia que é meu chefe.

– Desculpe. Sim, estou bem, mas tenho muito o que fazer antes do final do dia – aplaudo a mim mesma mentalmente por mentir tão bem. A frase soou natural, como se eu de fato estivesse empolgada para fazer minhas tarefas, algo com que Patrick jamais discutiria.

– Excelente! – ele ri. – Vou deixá-la em paz, então. Estarei no meu escritório – ele se levanta da mesa e, pela primeira vez em quatro anos, ela não range, mas tenho a mesma reação, de qualquer forma.

– Ava, sinto muito incomodá-la – a voz apreensiva de Sally quase me faz sentir culpada.

– O que foi, Sal? – olho para nossa funcionária sem sal, que de repente se transformou em sereia, e forço um sorriso, até ver sua saia longa de lã xadrez. A Sally antiga está de volta, e eu,

tão preocupada em olhar feio para avisar aos meus amigos que não estava para brincadeiras, nem notei. Também não notei a falta de esmalte nas unhas ou o decote. Ou o rosto, que parece ter acabado de receber as piores notícias do mundo. Ela tomou um pé na bunda, sem dúvida.

– Patrick pediu que eu passasse uma lista das faturas com pagamento em aberto. Aqui está – ela me dá uma impressão com nomes de clientes. – Todos os sublinhados têm vencimento em uma semana, e ele gostaria que todos vocês gentilmente lembrassem aos seus clientes para realizar o pagamento até essa data.

Fecho o semblante e olho para a lista.

– Mas estão dentro do prazo. Não posso lembrá-los de algo que eles “ainda” não esqueceram – já é embaraçoso o bastante ter que cobrar faturas vencidas.

Ela dá de ombros.

– Só estou fazendo o que me foi pedido.

– Ele nunca nos pediu para fazer isso antes.

– Já disse: só estou fazendo o que ele mandou! – ela vocifera e eu me encolho na cadeira. Então, ela irrompe em lágrimas. Eu deveria me levantar e tentar acalmá-la, mas permaneço sentada, vendo-a chorar ao lado da minha mesa. Ela soluça e funga, atraindo a atenção de todos, incluindo Patrick, que sai de seu escritório para ver qual é a comoção, mas volta para dentro quando vê Sal chorando. Tom e Victoria ficam sentados, batendo com a caneta na mesa, sem mover um dedo para me ajudar nesse momento de angústia. Estou mesmo angustiada. Não sei o que fazer com ela, mas como ninguém parece disposto a ajudar, cabe a mim acalmá-la. Coloco a lista de cobrança na minha bandeja de tarefas e levo Sally para o banheiro, onde encho suas mãos de toalhas de papel e espero em silêncio até que se recomponha.

Após bem uns cinco minutos, ela finalmente fala:

– Odeio os homens – é tudo.

Isso me faz sorrir. Acho que todas as mulheres do mundo já disseram isso alguma vez na vida.

– As coisas não vão bem entre você e...

– Não diga o nome dele – ela dispara. – Eu jamais quero ouvir o nome dele de novo.

Que bom, porque não lembro qual é.

– Quer conversar?

– Não – ela dispara, enxugando o rosto. Não há maquiagem nas toalhas de papel. Ela voltou com força total a ser a Sally sem sal. – Nunca! – ela completa, com um olhar zangado.

Fico aliviada. Meu cérebro não absorveria uma palavra, ainda que ela me contasse tudo. Eu a escutaria, mas não ouviria nada.

– Está bem – afago seu braço em um gesto que sugere compreensão, quando, na verdade, estou apenas aliviada.

– Ele vem, ele não vem. Ele liga e depois para de ligar. O que isso significa? – ela me olha com expectativa, como se eu soubesse a resposta.

– Significa que está brincando com você – estou me envolvendo.

– Estou sempre disposta quando ele quer, então, sim. Fico esperando ele me ligar e, quando quer me ver, é ótimo, mas ele só quer falar sobre mim, sobre os meus amigos, sobre o meu trabalho... – ela funga mais um pouco. – Quando vai querer fazer sexo?

Tusso para disfarçar a risada.

– Você está preocupada porque ele não tentou te levar para a cama ainda? – isso é uma raridade. Ela devia estar feliz.

– Sim! – ela encosta com força na parede. – Não sei quanto tempo mais quero conversar.

– É bom ele querer te conhecer, Sal. Quase todos os homens só estão atrás de sexo – argumento e fico me perguntando se ela está sexualmente frustrada ou se não tem a menor ideia do que quer, sexualmente? Será que ainda é virgem? Não consigo imaginar a situação, mas, a julgar pelas suas bochechas ficando a cada segundo mais vermelhas, acho que já sei a resposta. Sal é virgem? Caramba! Quantos anos ela tem, afinal?

De repente, estou mais do que interessada, mas a cabeça de Victoria aparece na porta, interrompendo minhas perguntas.

– Ava, seu telefone não para de tocar. – ela diz e não resiste a uma olhadela para si mesma no espelho antes de sair.

– Sal, é melhor eu atender – pode ser Jesse e ele deve estar uma pilha de nervos. – Você vai ficar bem?

Ela faz que sim, funga e assoa o nariz, antes de olhar para mim, e pergunta:

– Está se sentindo melhor?

– Sim – digo, com o rosto franzido, esquecendo-me de minhas recentes faltas ao trabalho. Ainda não estou pronta para contar a novidade.

– Você não parece bem. Qual é o problema, afinal?

Vasculho o cérebro atrás de uma explicação plausível para as minhas corridas para o banheiro e alterações de humor.

– Tive uma virose no estômago – é a melhor resposta que consigo encontrar.

– E a vida de casada, vai bem? A lua de mel?

Fico em silêncio por alguns minutos, pensando em como essa conversa se voltou para o meu lado.

– Tudo ótimo – minto. – Talvez tiremos umas férias em breve. Jesse anda muito ocupado – minto outra vez, mas Sally é das poucas pessoas que não detectou meu mau hábito de mexer nos cabelos quando minto, de modo que não fui desmascarada. Deixo-a, para que não haja mais perguntas, e corro para a minha mesa, esperando encontrar várias chamadas perdidas de Jesse, mas me decepciono: quem estava me ligando era Ruth Quinn. Não falei mais com ela desde que abandonei nossa reunião e não sei se quero falar com ela agora, mas logo o telefone começa a tocar outra vez, poupando-me o trabalho de retornar a ligação. Melhor atender logo, senão ela vai ficar ligando até conseguir falar comigo.

– Oi, Ruth – eu tento soar normal.

– Ava, como vai? – ela soa normal também.

– Bem, obrigada.

– Estava esperando você ligar. Esqueceu de mim? – ela ri.

Esqueci, na verdade. Sua paixão por mim deu lugar a coisas mais importantes.

– De jeito nenhum, Ruth. Ia te ligar mais tarde – minto descaradamente.

– Então, fui mais rápida que você. Podemos nos encontrar amanhã? Afundo na cadeira, minha mente buscando milhões de desculpas para dispensá-la, mas sei que tenho de encarar isso de frente. Posso ser profissional.

– Claro. Pode ser por volta de uma da tarde?

– Perfeito. Vou aguardar, então. Tchau! – ela desliga e eu abaixo a cabeça. Aposto que vai mesmo aguardar. Vou usar calça amanhã, e não vou fazer o menor esforço também.

Tom baixa os óculos exuberantes para a ponta do nariz.

– Pé na bunda? – ele pergunta. – Não preciso pedir detalhes para saber do que se trata.

– É complicado – desconverso e começo a marcar alguns detalhes em esboços, mas algo chama a minha atenção do lado de fora do escritório.

Meu irmão.

Ele está na calçada, olhando para dentro, e, depois do que parece ser uma eternidade em que apenas olhamos um para o outro, ele finalmente entra.

– Oi – ele sorri.

Minha mão sobe em um aceno discreto.

– Oi – sussurro. Estamos naquele estado constrangedor outra vez.

– Almoço? – ele pergunta, esperançoso.

Sorrio e pego a minha bolsa, indo até ele na frente do escritório. Minha raiva diminuiu um pouco, mas posso reacendê-la mais tarde. No momento, quero consertar as coisas com Dan, voltar aos eixos antes que ele volte para a Austrália. Ele foi um completo babaca, mas não posso guardar rancor, não com meu irmão.

– Tom, volto em uma hora.

– Hmmm – ele responde. Olho para trás e o vejo olhando para Dan todo sonhador. – Tchau, irmão da Ava – ele cantarola, acenando efusivamente e piscando os olhos com intenção. Aperto os lábios e balanço a cabeça, especialmente quando Dan arregala os olhos e começa a andar de ré.

– Ahn... tá – ele tosse e endireita os ombros, em uma óbvia demonstração de que está tentando parecer mais másculo. – Falou – sua voz fica mais grave também.

Dou risada.

– Vamos – saio, puxando Dan comigo. – Você tem um admirador.

– Ótimo – ele brinca. – Não que eu seja homofóbico, você sabe, cada um faz o que gosta, mas ele não faz o meu tipo.

– Acho que o Tom gosta de você.

– Ava! – ele me olha horrorizado, mas logo sorri. – Ele tem bom gosto, obviamente.

– Não quero estragar sua alegria, mas ele é assim com quase todos os homens. Você não é especial.

Começamos a andar lado a lado pela Bruton Street, em direção ao Starbucks.

– Obrigado – Dan ri, cutucando-me no ombro.

Cutuco o dele, de volta, e sorrio. Vamos ficar bem.

Dan coloca dois cafés e o sanduíche dele sobre a mesa, e eu imediatamente viro três sachês de açúcar dentro do meu copo, sem me dar conta de que estou agindo de maneira totalmente inusitada. Olho para Dan e vejo que me olha de maneira estranha enquanto mexo o café.

– Desde quando você adoça o café?

Congelo no ato, buscando uma desculpa. Não conversamos, mas as coisas estão indo bem. Contar que estou grávida vai nos levar de novo para o silêncio constrangedor; então, vou ser

canalha o bastante para esperar que ele volte para a Austrália e, depois, minha mãe que conte para ele.

– Estou exausta, preciso de açúcar – é o melhor que consigo.

– Você parece cansada – ele se senta, olhando para mim com ar desconfiado.

– Estou cansada – admito. E nem preciso mexer nos cabelos.

– Por quê?

– Estresse no trabalho – não é totalmente mentira, mas estou segurando as mãos na mesa. –

E você, está bem?

– Kate me dispensou, mas tenho certeza de que você já sabe disso – ele desembulha o sanduíche e morde um pedaço.

Sim, sei, mas não há motivo para confirmar.

– Você nem deveria ter tentando e, certamente, não no dia do meu casamento.

– Sim, aquilo foi errado, desculpe – ele estica o braço e coloca a mão sobre a minha. – Nós nunca tínhamos brigado.

– Eu sei, foi horrível.

– A culpa foi minha.

– Foi mesmo – dou um sorriso, e ele enfia o dedo na espuma do meu café e atira no meu nariz. – Ei! – resmungo.

– Parabéns, de qualquer forma – ele ri.

– O quê? – eu me assusto.

– Não cheguei a te dar os parabéns no dia do seu casamento. Estava ocupado demais sendo um cafajeste.

– Oh, obrigada – o alívio que me invade faz com que eu me afunde na cadeira, mas em seguida enrijeço como uma tábua. Matt já sabe, e tem feito um trabalho fantástico em manter meus pais bem-informados sobre a minha vida sentimental. Ele vai ficar como pinto no lixo com essa informação. A fúria que se abrandava volta a ferver às raias do pânico, mas logo descarto a possibilidade de Matt já ter contado para os meus pais, porque, se o tivesse feito, Dan já saberia e não estaria sentado aqui comigo comendo tranquilamente um sanduíche de atum. Isso é muito ruim. Tenho de chegar a Matt antes que ele vá aos meus pais. Ou poderia ligar para os meus pais e contar-lhes eu mesma, o que seria a coisa mais sensata a fazer, mas quero vê-los com Jesse ao meu lado. Quero fazer tudo isso da forma correta, o que é absurdo, mas depois de como eles souberam sobre Jesse e o choque de um casamento às pressas, quero tornar essa parte especial.

– Você está bem? – o tom preocupado de Dan me tira de mais um colapso mental.

– Sim, estou. Quando você volta?

– Vou entrar na internet quando voltar à casa de Harvey para ver o que rola – ele limpa a boca com o guardanapo e parece se preparar para um discurso de desculpas.

Passo a meia hora seguinte ouvindo, concordando, sims e não, mas a milhas de distância da conversa, a cabeça lutando para decidir o que fazer. Por que Matt ainda não ligou para eles?

– Você vai ser mandada embora.

– Ahn? – olho para o meu Rolex, notando que são duas e quinze. Já estou atrasada, mas não tenho a menor pressa de voltar para o escritório. A única urgência que tenho é resolver minha situaçãozinha com Matt de uma vez por todas. – Sim, é melhor eu ir.

– Belo relógio – ele aponta para o meu punho.

- Presente de casamento – levanto-me e aliso minha roupa. – Para onde você vai?
- Para a casa do Harvey.
- Está bem. Você vai me ligar? Digo, você não vai embora sem se despedir, não é?
- Seus olhos assumem uma expressão carinhosa, antes dele me puxar para um abraço forte.
- Não iria a parte alguma sem me despedir da minha irmãzinha – ele me dá um beijo na cabeça. – Não vamos mais brigar, está bem?
- Está bem. Segure seus impulsos, então. E tente ser civilizado com o meu marido se tiver de passar algum tempo com ele novamente.
- Prometo – ele me garante, e fico surpresa por ele não se lembrar de que Jesse também foi rude, porque ele foi. – Cuide-se.
- Você também – eu deixo Dan, mas, em vez de ir para o escritório, ligo para dizer que estou passando mal outra vez e vou buscar meu carro. Estou patinando sobre gelo fino, mas isso não pode esperar mais. Matt não estará em casa, mas no escritório, e não me importo com o lugar onde vou verbalmente acabar com ele.

Capítulo 18



Ele não está no escritório. Já faz semanas que não aparece por lá. Depois de atravessar a cidade no trânsito do meio da tarde, paro diante do prédio de vidro, sede do centro de vendas da empresa para a qual ele trabalha, apenas para ouvir da recepcionista que Matt foi demitido semanas atrás. Lembro-me de que ele havia mencionado isso; de que usou esse fato como desculpa para seu comportamento terrível, mas não pensei mais nisso.

Apesar de seu infortúnio, não sinto a menor pena dele. Nada vai diminuir meu ressentimento e desprezo. Sento-me em meu carro e tiro o celular da bolsa, coberta de determinação. Vou encontrá-lo.

O telefone só toca uma vez.

– Ava.

Esperava uma voz cheia de escárnio e satisfação profunda, mas quando a ouço forçada e triste, fico sem ação. Levo um momento para formular uma frase e, quando o faço, não tem nada a ver com o que eu gostaria de dizer.

– Você está bem?

Ele ri, mas soa fraco.

– Por que não pergunta ao seu marido?

Minha cabeça pende para trás, batendo no encosto do banco, e olho para o teto do carro. Eu devia ter imaginado que isso aconteceria.

– Foi muito grave?

– Apenas algumas costelas quebradas e um olho roxo. Nada demais. Seu marido sabe mesmo fazer o serviço, tenho que lhe dar os créditos.

– Por que você fez isso?

– Porque eu quero tudo o que ele tem com você. Ou queria. Kate teve o maior prazer em me contar que você ia se casar com ele, e logo depois apareceu aquela carta na minha porta. Perguntei-me por que você iria querer fazer um aborto se estavam casados, e então me dei conta de que ele, provavelmente, não sabia. Aí, aproveitei a oportunidade. Mas... por que é que você vai fazer um aborto?

– Eu não vou.

– Então por que...

– Porque fui pega de surpresa – grito, na defensiva. Não preciso me explicar para ele. A linha fica em silêncio, e não estou nem um pouco interessada em lhe dar satisfações. – Eu acho que agora é a hora de desistir, Matt.

– Bem, não estou a fim de levar outra surra do seu marido transtornado. Nem mesmo você vale a dor que estou sentindo agora.

Dou risada da estupidez que me fez ter pena dele.

– Ah – ele prossegue –, e não se preocupe com Elizabeth e Joseph. Recebi uma amostra do que vai acontecer se eu antecipar a eles as boas novas. Que tal se você atualizar seu endereço para eu parar de receber sua correspondência no futuro? – ele ironiza e desliga, e eu fico olhando para o telefone, incrédula. Eu não disse um décimo do que passei metade do dia me preparando mentalmente para atirar na cara dele. Não cuspi meu ódio em seu rosto nem o esbofetei. Adoraria dar-lhe um tapa na cara. Dou um sorrisinho que só cresce quando penso em Jesse acabando com a raça daquele perdedor do Matt. Não sou uma pessoa violenta, mas se Jesse queria descarregar sua raiva em alguém, Matt foi a escolha certa. Ele merece tudo o que está recebendo e, para mim, não há dúvida de que nem eu nem meus pais ouviremos falar dele outra vez. É mais um item que posso riscar da minha lista de problemas. Sarah pediu desculpas, para quem interessar possa, mas foi embora, e é isso o que importa. Coral desapareceu. Kate e Sam estão juntos e Kate e Dan não estão. Fiz as pazes com meu irmão e Matt levou uma surra. Isso me faz sorrir outra vez. O que preciso, agora, é ir até meu marido e fazer as pazes com ele. Enfio o telefone na bolsa e rumo para a cidade.

Sinto-me em uma missão reparadora. Resolvi várias situações, algumas por acidente, é bem verdade, mas nossa nova vida será livre de problemas em um futuro próximo, e agora decido que cuidarei do último deles amanhã: Mikael. Ainda não sei dele, mas, de qualquer forma, não há mais nada que possa me dizer, nada que possa me contar, então não vejo por que ter de me encontrar com ele. Mikael ainda não voltou da Dinamarca ou, se voltou, não estou sabendo, mas vou telefonar. Vou me adiantar a ele. Estou cheia de determinação para dar cabo desse último problema, e esse será o objetivo de minha missão. Farei qualquer coisa.

Enquanto passo pela London Bridge, olho pelo retrovisor e vejo um carro familiar: o carro de Jesse. Ele costura pelas faixas de trânsito em seu jeito tresloucado de dirigir, fechando os outros e, em geral, causando o caos em torno de si. Passo um tempo olhando para o retrovisor e para o tráfego à frente, o potencial do que estou prestes a encarar se instalando no fundo do meu estômago. Ele esteve me seguindo, o que significa que sabe que fui ao escritório de Matt e que vai entrar em órbita. Não cheguei a ver Matt, mas a intenção era essa, e não vou tentar me convencer de que Jesse não sabia onde Matt trabalhava. É claro que sabia. Estou lutando entre a preocupação e a raiva extremas. Estou preocupada por motivos óbvios, mas a raiva está vencendo nesse momento. Ele está me seguindo? Isso não devia me surpreender. Preciso parar de me escandalizar com o que esse homem é capaz de fazer, com as coisas que ele faz, com as suas reações e com as reações extremas que ele causa em mim.

Sei que é ele, mas isso não me impede de virar à direita, depois à direita, e à direita e, novamente, à direita para voltar ao ponto de partida. Como eu sabia que aconteceria, o DBS segue firme, alguns carros atrás de mim. Vou fazê-lo dançar. Encontro meu telefone e ligo para ele.

– Sim – ele esbraveja, curto e seco. Nada de *querida* nem de seu tom coberto de prazer. Estou pasma.

– Está dando uma voltinha? – pergunto.

– O quê?

– Está boa a sua voltinha de carro? – pergunto, desta vez com os dentes cerrados.
– Ava, do que você está falando? Quando eu mandar John te buscar, você entra na porra do carro.

Ignoro a última parte e olho para o espelho retrovisor, só para ver se não estou imaginando coisas. Não estou mesmo.

– Estou falando de você me seguir.

– O quê? – ele grita, impaciente. – Ava, estou sem tempo para charadas.

– Não é charada nenhuma, Jesse. Por que você está me seguindo?

– Eu não estou te seguindo, Ava.

Olho mais uma vez.

– Então acho que há centenas de Aston Martins rodando por Londres e um deles, por acaso, está me seguindo.

A linha fica em silêncio e depois ele começa a respirar pesadamente.

– Você está dirigindo?

– Sim! – berro. – Estou dirigindo em círculos e você está me seguindo. Você é um péssimo detetive!

– Meu carro está te seguindo?

– Sim! – dou um tapa no volante, de tanta raiva que sinto. Ele acha que eu sou idiota?

– Ava, eu não estou dirigindo o meu carro. Estou no Lusso – ele não parece mais impaciente, mas preocupado, o que só me deixa no mesmo estado.

Olho outra vez pelo espelho retrovisor e vejo que o DBS está bem atrás de mim, entrando e saindo do meu campo de visão.

– Mas é o seu carro – digo baixinho.

– Porra! – ele ruge, e eu instintivamente tiro o telefone de perto do ouvido. – John!

– Jesse, o que está acontecendo? – meu estômago revira de pânico ante a sua reação.

– Meu carro foi roubado.

– Roubado? Como se rouba um Aston Martin? – eu achava que seria impossível.

– Onde você está?

Olhando em volta, busco algo familiar.

– Estou perto do dique, voltando para a cidade.

– John! O dique. Sentido cidade. Ligue para ela em dois minutos – ouço portas de carros se fechando. – Ava, ouça-me. Continue dirigindo, está bem?

– Sim – concordo, minha raiva anterior dando lugar a puro medo.

– Preciso desligar agora.

– Não quero que desligue – murmuro. – Fique comigo, por favor.

– Ava, preciso ir. John vai te ligar assim que eu desligar. Coloque no viva-voz e ponha o celular no colo para poder se concentrar. Entendeu?

Ele está tentando se manter calmo, mas não está conseguindo disfarçar o desespero. Está evidente em sua voz rouca, e estou morrendo de medo.

– Ava, meu amor, diga que entende!

– Entendo – sussurro, e então ouço o rugir de uma moto do outro lado da linha. Uma das motocicletas de Jesse. O telefone fica mudo.

Meu coração bate forte e acelerado no peito, minha mão treme ao volante e meus olhos se

enchem de lágrimas causadas pelo pânico. Quando o celular toca, eu me atrapalho um pouco com o teclado até conseguir atender à chamada.

– John?

– Ei, garota. Está no viva-voz?

– Não, espere – ponho a chamada no modo viva-voz e solto o telefone no colo, devolvendo a mão ao volante e agarrando-o com mais força para tentar deter os tremores. – Pronto.

– Tá tudo bem, garota – ele está tão calmo. – Dê uma olhada para trás e me diga a que distância está o carro de Jesse.

Sigo as instruções.

– Um carro atrás de mim.

– Quero que dirija o mais lentamente possível, sem parecer suspeita. Logo abaixo do limite, entendeu?

Imediatamente, tiro o pé do acelerador.

– Feito.

– Boa garota. Agora, me diga exatamente onde você está.

Olho para a esquerda.

– Estou me aproximando da Millennium Bridge.

– Ótimo – ele pondera. – Concentre-se em dirigir, agora.

– Está bem. Por que está tão calmo? – pergunto. Não estou reclamando, porque isso me tranquiliza. Um ar de serenidade chega por meio da linha e me acalma, o que é louco, considerando a fonte: um gigante com olhar de mau e que inspira medo.

– Um maluco filho da puta basta, não?

Um sorriso discreto surge em meio ao meu medo crescente.

– Sim – concordo.

– Agora, me conte como tem sido o seu dia – ele pergunta, como se estivéssemos tendo uma conversa normal.

– Bem, está indo tudo bem – é claro que eu não estou dizendo a verdade, mas que tipo de pergunta é essa quando estou sendo perseguida no trânsito? O que vem depois? Um louco com um machado? Meu Deus, desde que conheci esse homem já me aconteceu de tudo, mas perseguição no trânsito é algo digno de um *blockbuster* hollywoodiano. Quem, diabos, está me seguindo?

– Ele vai ser um pai extraordinário, Ava.

As palavras de John, ditas com tanta doçura, pairam no ar em torno de mim e me trazem de volta.

– Sei que vai – não posso ver John, mas, se pudesse, sei que seu dente de ouro estaria à mostra.

– Então vocês vão parar de brigar e resolver essa merda toda? – ele soa como um pai, e minha afeição por aquela fera só aumenta.

– Sim – concordo. De repente sou jogada à frente no assento e meu cinto de segurança me prende, apertando minha clavícula e queimando a pele por debaixo do meu vestido.

– Ava? – a voz de John soa distante e abafada e não tenho ideia do motivo. – Garota!

– John? – tateio meu colo, mas não acho nada. – John!

Bang!

Sou jogada à frente outra vez, meus braços prendendo-se ao volante por instinto, o que causa uma forte dor em meus ombros.

– Merda! – olho pelo retrovisor e congelo ao ver que o DBS está logo atrás de mim, apesar de um pouco afastado. – John? – grito. – John, pode me ouvir? – meus olhos se movem constantemente da rua para o espelho, alternadamente, e, a cada vez que olho para o espelho, o carro de Jesse está mais próximo. Tento pisar no acelerador, mas meu corpo não responde às minhas ordens, exceto meus olhos, que observam horrorizados o DBS colar em mim outra vez.

Bang!

– Não! – grito, enquanto recupero o controle do Mini com dificuldade. Não tenho a menor chance. Minha mente é inundada por uma série de ordens diferentes, mas não consigo reunir nenhum pensamento cognitivo para definir o melhor a fazer. Estabilizo o meu carro e sou imediatamente atingida outra vez. Estou em prantos. Minhas emoções estão tomando conta de mim, dizendo que preciso chorar, que preciso ter medo. E tenho mesmo. Estou aterrorizada.

Crash!

Desta vez, perco completamente o controle. Grito quando vejo que as rodas giram por vontade própria, e logo estou correndo de lado pela rua. Em seguida, sou atingida ainda outra vez e volto a ficar de frente. Tento freneticamente retomar o controle do carro, mas o volante faz o que bem entende. Em total pânico, puxo o freio de mão. Não sei o que acontece depois disso, pois sou jogada para a frente e para trás e fico tonta. Imagens giram do lado de fora da janela. Os prédios, as pessoas, os carros... tudo gira em torno de mim, até que um estrondo irrompe em meus ouvidos. Meu corpo dá um tranco e meus olhos se fecham. Não sei onde estou, mas estou parada. Não estou mais me movendo.

Viro o pescoço para todos os lados e abro os olhos para tentar ver algo do lado de fora da janela. O trânsito parou totalmente. As pessoas descem de seus carros e vêm na minha direção. Mexo pernas e braços, certificando-me de que tenho movimento em todos os membros. Solto o cinto de segurança e saio do carro. As pessoas vêm até mim, mas eu me afasto e sigo em direção ao DBS, que está a poucos metros de distância, com o motor ainda ligado. Eu deveria correr para o lado oposto, mas não. Vou na direção dele. A necessidade desesperada de saber quem seria capaz de fazer isso supera meu medo. “Boa-noite, Cinderela”, ameaças, e agora isso? Em que planeta essa pessoa está? A quantidade de incidentes acumulados me arrebatava de repente, com força total.

Estou bem próxima ao carro, quando ele começa a rosnar outra vez, como uma ameaça assustadora, mas isso não me detém. O que me para, no entanto, é o som de outra máquina potente que se aproxima, o barulho do motor cada vez mais perto. Fico paralisada. Vejo o DBS acelerar e sair à toda, com o Range Rover de John em seu encalço. Isso não está acontecendo comigo. Quero me beliscar, me esbofetear ou, pelo menos, despertar. Viro-me, de repente, e tenho a sensação de que uma das supermotocicletas de Jesse está dentro da minha cabeça. Ele para, desce do veículo e corre até mim. Está sem capacete, sem roupa de proteção; usa apenas jeans gastos e camiseta preta: as roupas que pegou no armário antes de ir embora. Não consigo me mexer. Tudo o que posso fazer é ficar onde estou e esperar que me alcance, o que ele faz em segundos. Suas mãos acariciam meu rosto atônito, em movimentos rápidos, enquanto eu olho sem realmente ver seus olhos verdes, que estão imersos em puro terror.

– Ava? Jesus, querida – sou puxada ao encontro do peito dele, uma de suas mãos apoiando a

minha nuca e a outra me segurando pela cintura, para me abraçar com força. Quero abraçá-lo também. Preciso abraçá-lo, mas nada acontece quando eu quero que aconteça. O telefone de Jesse toca e ele solta minha nuca para pegar o celular no bolso. – John?

Aninhada sob o queixo dele, posso ouvir o retumbar grave da voz de John, furioso, e ouço-o perguntar por que raios Jesse tinha que ter um carro tão estupidamente rápido.

– Onde você está? – Jesse pergunta a John, beijando meus cabelos entre uma palavra e outra.

Dessa vez não consigo ouvi-lo. Tudo o que ouço são sirenes vindas de todas as direções. Afasto-me do abraço de Jesse e vejo vários carros da polícia e duas ambulâncias. São para mim? Que exagero! Então noto uma massa indefinida de metal e não é o meu carro. Tampouco é meu o carro que está mais adiante, dobrado em torno de um poste. Embrenho-me em meio ao caos de pessoas e carros abandonados e encontro meu Mini destruído contra a proteção que separa a rua da calçada. Começo a tremer.

– John, não pare enquanto não descobrir quem está dirigindo o meu carro – Jesse desliga e enfia o celular no bolso. Então, ergue meu rosto pelo queixo: – Olhe para mim, querida.

Eu obedeço.

– Onde está seu capacete? – é só o que consigo dizer.

Ele respira profundamente e segura meu rosto com as duas mãos.

– Puta merda! – ele me beija com força nos lábios. – Por que você se recusa a aceitar as regras? – ele beija meu nariz, meus lábios, meus olhos, minhas bochechas. – Mandeí John te buscar, Ava. Por que você não o deixou te levar para o trabalho?

– Porque eu queria esmagar Matt – admito –, mas você foi mais rápido que eu.

– Eu estava com muita raiva, Ava.

– Eu jamais faria isso. Jamais mataria o nosso filho – sei que preciso dizer isso, pelo menos.

– Shhh – ele continua a me beijar por todo o rosto, e meus braços, finalmente, se levantam para dar-lhe um abraço apertado. Nunca mais vou soltá-lo.

– Com licença, senhor – a voz estranha chama a nossa atenção para um dos lados, onde está um oficial de polícia. – A senhora está bem?

Jesse olha para mim e começa a me examinar com os olhos e responde:

– Não sei. Você está bem?

– Estou – sorrio, constrangida. – E quanto aos outros motoristas? – digo, olhando para os outros carros destruídos.

– Apenas cortes e hematomas – o policial diz. – Todos vocês tiveram muita sorte. Que tal passar por uma avaliação médica antes de responder a algumas perguntas? – ele sorri com gentileza e aponta para uma ambulância.

Sinto-me dramática e parece que estou incomodando.

– Estou bem, é verdade.

Jesse rosna e me olha com severidade.

– Vou te dar umas palmadas se continuar dizendo que está tudo bem.

– Mas eu *estou* bem – meu carro, no entanto, está terrível. A insistência de minha mãe, de nunca ficarmos sem nos falar, nunca me atingiu com tanto impacto. Agora dou o devido valor a isso, e jamais deixarei Jesse se afastar de mim no meio de uma briga outra vez. Nunca.

Jesse solta o ar longamente e depois deixa a cabeça pender para trás.

– Ava, não me contrarie desta vez, por favor. Não tenho problema algum em prendê-la naquela ambulância até eles confirmarem que você está mesmo bem – ele baixa a cabeça. – Você vai do jeito fácil ou do jeito difícil?

– Eu vou – concordo, quase sem voz; farei o que ele pedir. Afasto-me do peito dele. – Minha bolsa – de repente me lembro.

– Eu pego – ele sai correndo.

– Meu celular caiu no chão! – aviso em voz alta, mas ele apenas acena, indicando-me ter ouvido o que eu disse. Jesse volta em segundos, e o policial nos leva até a ambulância, abrindo caminho entre a multidão de pedestres.

Um paramédico na parte de trás da ambulância estende a mão para mim, mas nem sequer tenho a chance de aceitá-la, pois Jesse me ergue e me coloca dentro da van branca.

– Obrigada – dou um sorriso para Jesse e observo o policial pegar um bloco e uma caneta do bolso.

– Senhor, enquanto eles cuidam dela, importa-se de responder a algumas perguntas?

– Sim, me importo. O senhor terá de esperar.

– Senhor, quero fazer-lhe umas perguntas – o policial já não pede gentilmente desta vez.

Jesse vira o corpo todo para ele e sua postura é ameaçadora. Ele está passando o rolo compressor em um policial.

– Minha esposa e meu filho estão nessa ambulância e a única maneira de o senhor me impedir de cuidar deles é me matando – ele dá um passo para trás e abre os braços. – Então, pode atirar.

O policial olha para mim e dou-lhe um sorriso embaraçado. Só falta agora Jesse ser preso. Não sei se ele atribui isso tudo à adrenalina, mas o oficial balança a cabeça e faz um gesto para que Jesse venha até mim. O meu deus ainda olha feio para ele antes de se voltar para mim, mas logo baixa os olhos. Seu rosto está no nível da minha barriga, mas seus olhos descem ainda mais, e algo chama a atenção dele nas minhas pernas nuas.

Ele estica o braço e passa os dedos pela parte interna da minha panturrilha.

– Ava, você se cortou.

Eu olho para baixo.

– Onde? – não sinto nada. Puxo o vestido para cima, mas não há sinal de ferimento. Puxo ainda mais e vejo mais sangue, mas nada de corte. Olho confusa para Jesse, mas ele está paralisado, observando minha busca pela fonte do sangramento. Os olhos dele encontram os meus. Estão arregalados e apreensivos. Algo não está bem. Começo a balançar a cabeça e ele vem até mim, erguendo meu vestido até onde é possível.

Não há ferimento. O sangue parte da minha calcinha.

– Não! – eu grito, quando a constatação me golpeia como um tornado.

– Oh, meu Deus! – ele baixa meu vestido e pula para dentro da ambulância, tomando-me em seus braços. – Pelo amor de Deus, não.

– Senhor?

– Para um hospital. AGORA!

Sou deitada gentilmente sobre a maca e ouço as portas se fechando, o que me faz dar um pulo de susto. Viro-me para o peito dele, agarrando-me à sua camiseta e escondendo o rosto.

– Perdão.

– Cale a boca, Ava – ele me puxa ligeiramente pelos cabelos para que eu olhe para ele. Seus olhos verdes têm uma névoa. – Por favor, cale-se – ele passa o polegar sob meu olho, enxugando as lágrimas. – Eu te amo.

Esta é a minha punição. É a minha penitência por ter tido pensamentos tão tóxicos. Eu mereço isso, mas Jesse não. Ele merece a felicidade que eu sei que esse bebê lhe daria. É uma extensão de mim, e sei que ele não consegue se faltar de mim. Eu destruí seu sonho. Devia ter visto as coisas com mais clareza, mais cedo. Devia ter atualizado meu endereço no consultório. Devia ter deixado John me levar para o trabalho. E não devia ter ido atrás de Matt... Há muitas coisas que eu devia e não devia ter feito, e todas poderiam ter mudado o rumo das coisas nesse momento.

Minha vergonha me consome e continuará me consumindo para o resto da minha vida. As coisas não aconteceram como eu, estupidamente, planejei de início, mas o resultado é o mesmo. Matei o nosso bebê.

Capítulo 19



O silêncio que nos cerca é doloroso.

Ao longo de todo o trajeto, na ambulância, eu chorava e Jesse me dizia o quanto me ama. Não consigo evitar pensar que ele diz isso só porque não sabe mais o que dizer. Não há conforto nessas palavras. Ele não disse que não importa, porque eu sei que importa. Ele não disse que não é minha culpa, porque eu sei que é. Ele também não disse que vamos ficar bem, porque eu não sei se vamos. Quando eu estava começando a ver a luz no fim de um túnel infinito lotado de problemas, somos atingidos pelo pior tipo de devastação: um dano que não pode ser consertado. Sinto que não há o que cure isso. Nosso amor um pelo outro será testado no limite absoluto, mas essa dor lá no fundo de mim não me traz esperança. Acho que não conseguiremos sobreviver a isso. Ele jamais vai me perdoar.

Ele me carrega para fora da ambulância, recusando-se a me colocar na cadeira de rodas que é trazida por uma enfermeira. Depois, segue o médico em silêncio pelo corredor cheio, olhando para a frente e dando respostas lacônicas a quem lhe faz qualquer tipo de pergunta. Não sinto nada, a não ser o coração de Jesse batendo forte sob minha mão, que descansa em seu peito. Todas as minhas terminações nervosas parecem ter morrido. Não sinto nada.

Após o que parece ser uma eternidade no balanço gentil dos braços de Jesse, sou colocada em uma imensa cama, em um quarto privado. Ele é cuidadoso e suas ações têm carinho, como carícias em meus cabelos, o jeito como ele ajeita a minha cabeça e cobre as minhas pernas com o lençol leve que está nos pés da cama. Mas ainda não há palavras de conforto e segurança.

Somos cercados por todos os lados por máquinas e equipamentos médicos. Uma enfermeira fica conosco, mas os paramédicos vão embora depois de me examinar brevemente, contar o que aconteceu e relatar os procedimentos que já foram feitos a caminho do hospital. A enfermeira anota, enfia coisas na minha orelha e coloca outra no meu peito. Ela faz perguntas e eu respondo em voz baixa, mas mantenho os olhos em Jesse, que está sentado em uma cadeira, com a cabeça apoiada nas mãos.

A enfermeira me faz desviar os olhos relutantemente do meu marido pesaroso, quando me oferece uma camisola hospitalar. Ela sorri. É um sorriso cheio de compaixão. Então, deixa o quarto. Apenas seguro a peça por um bom tempo, até que se passe tempo demais, e penso que poderia ser a semana que vem, ou mesmo o ano que vem. Eu quero que seja o ano que vem. Essa dor e essa culpa terão ido embora no ano que vem?

Por fim, deslizo para a beirada da cama, de costas para Jesse, e estico o braço para baixar o zíper do meu vestido. No silêncio, eu o ouço ficar em pé, como se meus movimentos o tivessem

tirado do seu pesadelo e suas obrigações o estivessem chamando.

Ele vem e fica diante de mim, mas meus olhos ardidos continuam apontados para o chão.

– Deixe que eu te ajude – ele diz suavemente, assumindo a remoção do meu vestido.

– Está tudo bem, consigo tirá-lo – eu retruco, também suave. Não quero que ele faça nada que não tiver vontade.

– É provável mesmo que consiga – ele tira o vestido pela minha cabeça –, mas esse é o meu trabalho e quero mantê-lo.

Meu queixo começa a tremer e luto para conter as lágrimas persistentes, sem querer inflamar a culpa que ele pode estar sentindo também.

– Obrigada – sussurro, ainda com os olhos fora do alcance de sua visão.

É uma tarefa impossível, especialmente quando ele se curva e enterra o rosto no meu pescoço, forçando-me a olhar para ele.

– Nunca me agradeça por cuidar de você, Ava. É o motivo pelo qual fui colocado na Terra. É o que me mantém aqui. Jamais me agradeça por isso.

– Eu estraguei tudo. Perdi o seu sonho.

Ele me faz deitar na cama e se ajoelha diante de mim.

– Meu sonho é você, Ava. Dia e noite, só você – minha vista está turva, mas posso ver as lágrimas correndo dos olhos dele. – Posso ficar sem qualquer coisa, menos sem você. Nunca. Não fique assim, por favor. Não pense que isso é o fim. Nunca é o fim para nós. Nada vai nos separar, Ava. Você me entende?

Concordo com suas palavras com um meneio de cabeça, incapaz de formar uma frase ou de dizer qualquer coisa.

Ele enxuga as lágrimas com as costas das mãos.

– Vamos deixar essas pessoas dizerem que você vai ficar bem e depois vamos para casa ficar juntos.

Balanço a cabeça outra vez.

– Diga que me ama.

Um soluço profundo escapa da minha boca e meus braços encontram os ombros dele.

– Preciso de você – digo, puxando-o para mim.

– Também preciso de você – ele sussurra. Suas mãos nas minhas costas, apesar de frias e ligeiramente trêmulas, dão-me todo o conforto de que preciso. Nós vamos ficar bem. De coração partido, mas bem. – Vamos colocar essa camisola.

Ele me levanta um pouco da cama, mas continua de joelhos e tira minha calcinha manchada de sangue. Eu não consigo olhar. Fecho os olhos bem apertados e, em vez de ver a peça de roupa tocar minhas pernas, apenas sinto. A sensação familiar do toque de seus dedos nos meus tornozelos, pedindo para que eu os levante alternadamente. Mas permaneço o tempo todo de olhos fechados. Pelo mais breve dos momentos, sei que saí da minha frente e ouço a torneira se abrir antes de ele estar de volta, passando cuidadosamente uma toalha molhada pela parte interna das minhas pernas. Meu coração se aperta no peito e eu continuo a engolir as lágrimas.

– Braços – as instruções doces de Jesse me encorajam a abrir os olhos. Eu o vejo segurando a camisola diante de mim. Enfio os braços nas mangas e ele me vira para amarrar o traje. – Para a cama – ele ordena, e eu volto para a posição em que estava, quando ouço baterem à porta. Jesse autoriza a entrada.

A mesma enfermeira volta, mas desta vez acompanhada de um médico. Ele fecha a porta suavemente e acena para Jesse, que está subitamente mais alerta e eu sei por quê.

O doutor mexe na máquina ao meu lado e depois senta-se na beirada da cama.

– Como está se sentindo, Ava? – ele pergunta.

– Bem – a palavra que Jesse ameaçou me dar palmadas se eu dissesse acaba de sair. Ele suspira, mas não diz nada. – Estou bem, obrigada.

– Ótimo, nada de dor, cortes, hematomas?

– Não, nada.

Ele sorri e puxa o lençol que cobre minha barriga.

– Vamos ver o que está acontecendo. Você poderia subir a camisola para eu poder apalpar a sua barriga?

Mesmo agora, no momento mais sombrio e desesperado, posso sentir a tensão à perspectiva de outro homem me tocar. Olho para ele com olhos suplicantes, mas ele apenas balança a cabeça.

– É melhor eu sair – diz em voz baixa, indo para a porta.

– Não ouse! – eu grito. – Não ouse me deixar.

Sei que é difícil para ele e sei que a ideia de eu ser tocada por outro homem lhe é insuportável, mesmo que exagerada, e parte de sua mania de posse irracional, mas ele pode superar isso agora. Ele *tem* de superar isso agora.

O médico olha de um para o outro, um pouco confuso, e aguarda Jesse tomar a iniciativa e vir para o meu lado. O que eu vou fazer se ele sair do quarto? Acho que não aguentaria, mas então ele respira profundamente, um gesto longo e controlado para reunir forças, e vem sentar-se na cama, ao meu lado. Ele pega a minha mão entre as suas e as leva ao peito e baixa a cabeça. Ele não vai conseguir olhar.

Estou cercada por ambos os lados: um dos homens levantando a minha camisola e examinando meu ventre e o outro respirando fundo e apertando a minha mão. Recosto a cabeça e olho para o teto, desejando que isso acabe logo, para que Jesse possa me levar para casa e possamos começar a processar a dor de tudo o que aconteceu. Quem estava no DBS? Isso pode jogar uma luz diferente no episódio do bar. Mikael não pode estar assim tão interessado em vingança a ponto de fazer isso.

– Isso pode ser um pouquinho frio – diz o médico enquanto aplica gel no meu abdômen e começa a rolar o equipamento sobre mim, enquanto olha para a tela e o pequeno quarto é preenchido por um som distorcido, como algo crepitando e a máquina em ação. Ele faz alguns ruídos estranhos enquanto mexe a mão livre e ajeita o aparelho firmemente no meu ventre. Não dói. Nada dói, porque estou totalmente entorpecida. Ele para de mexer a mão e para de apertar botões na máquina. Dou uma olhada para o médico e o vejo olhando para a tela com atenção. Então, ele olha para mim e diz:

– Está tudo bem, Ava.

– Desculpe – sussurro. Meu coração moribundo se anima, vindo parar na garganta. Quase engasgo, em choque.

– Está tudo bem – ele repete. – Um leve sangramento no início da gravidez pode ser perfeitamente normal, mas, dadas as circunstâncias, precisamos ser cautelosos.

Posso sentir as mãos de Jesse apertando a minha com mais força até eu fazer um ruído de

dor. Ele para imediatamente e levanta a cabeça devagar, até nossos olhares se encontrarem. Seus mares verdes estão tão chocados quanto eu, e suas faces, molhadas. Balanço a cabeça de leve, como para me livrar de todo o horror trazido pelo dia de hoje. Essa é a parte em que mais pareço estar sonhando. Apenas nos olhamos. Nenhum dos dois sabe como lidar com a notícia. Ele tenta falar, mas nada sai. Eu também tento, mas nenhuma palavra se materializa.

Ele se levanta, volta a se sentar, e depois se levanta de novo, soltando a minha mão.

– Ava ainda está grávida? Ela está... ela... ainda há um... nós estamos...

O médico ri.

– Sim, Ava ainda está grávida, sr. Ward. Sente-se. Vou lhes mostrar.

Jesse me olha perplexo por um momento, antes de voltar os olhos para o monitor da máquina.

– Vou ficar em pé, se não se importa. Preciso sentir as minhas pernas – ele se inclina ligeiramente sobre a cama e estreita os olhos. – Não vejo nada.

É difícil. Tiro os olhos de meu marido estarecido e olho também, mas tudo o que vejo é um monte de manchas em preto e branco.

– Ali. Veja. Dois batimentos cardíacos perfeitos.

Assumo uma expressão confusa. Dois batimentos?

Jesse se encolhe e quase zomba do médico.

– Meu filho tem dois corações?

O doutor ri e olha para nós, divertido.

– Não, Sr. Ward. Cada um dos seus filhos tem um coração, e ambos batem perfeitamente bem.

O queixo de Jesse cai e ele começa a caminhar para trás até suas pernas encostarem em uma cadeira. Ele cai sentado, o traseiro batendo com força no assento.

– Desculpe, repita isso – ele murmura.

O médico ri outra vez. Ele acha isso engraçado? Pois eu não acho. Achava que teria um bebê, passei pelo momento de achar que não teria nenhum, e agora descubro que terei dois... Pelo menos, é o que ele está dizendo. O homem de jaleco branco vira-se de frente para Jesse.

– Sr. Ward, deixe-me explicar direitinho.

– Por favor – Jesse sussurra.

– Sua esposa está esperando gêmeos.

– Caramba – ele engole em seco. – Eu achava mesmo que o senhor ia dizer isso – e olha para mim, mas se está esperando que eu diga alguma coisa, que manifeste algum tipo de expressão ou qualquer coisa do gênero, vai continuar olhando em vão. Permaneço entorpecida e total e completamente chocada. Gêmeos?

– De mais ou menos seis semanas, eu diria.

Sim, estou estupefata, mas sei que isso é impossível. Menstruei mais ou menos cinco semanas atrás. Não posso estar grávida de mais de quatro semanas.

– Desculpe, mas isso não pode estar certo. Eu menstruei nesse meio-tempo e tomava pílula anticoncepcional antes disso – ele não precisa saber que deixei de tomar uma aqui, outra ali. É irrelevante agora.

– Você menstruou? – ele indaga.

– Sim!

– Isso não é incomum – ele responde, despreocupado. – Deixe-me fazer algumas mensurações.

Não é? Olho com cautela para Jesse, mas não vejo nada além de um corpo atlético, congelado no lugar. Ele parece ter sido fossilizado. Será que continua tão empolgado quanto antes? Não sei dizer, mas é melhor se acostumar, pois a culpa é dele. Não vou assumir nenhuma parcela de culpa por essa parte. Sim, eu devia ter prestado mais atenção, devia ter confiado mais nos meus instintos e o colocado contra a parede antes e com mais vontade, mas, talvez, não. Esta é a melhor vingança. Ele nunca imaginou isso, e se eu não estivesse tão bestificada, acho que teria um sorriso estampado no rosto. Acho que riria da expressão atordoada em seu rosto bonito e diria que ele pediu por isso. Pediu, então é melhor sair desse estupor e encarar os fatos. Ele vai ser pai, e vai ser mesmo. Vou garantir isso. Meu ex-*playboy* neurótico e temperamental terá um desafio nas mãos: uma esposa enlouquecida pelos hormônios e dois bebês berrando. Dou um sorriso e me deito, partindo para uma fantástica terra do caos, um lugar onde Jesse arranca os próprios cabelos enquanto eu olho de fora, sorrindo, vendo nossos dois bebês começando a andar e ficando em torno de suas pernas, exigindo atenção. Uma terra fantástica que muito em breve será realidade. Meu senhor terá competidores à sua altura no departamento das exigências, porque se tem uma coisa que eu desejo do fundo do meu coração é que ambos herdem cada um dos traços mais irritantes que ele tem. Espero que puxem ao pai e que o desafiem todos os dias, para o resto da vida. Olho para seu corpo imóvel e sorrio por dentro. Também espero que sejam como ele, porque ele é lindo e não cabe em si de tanto amor, puro e intenso. Amor por mim e amor por nossos bebês.

E assim aterrisso suavemente no Sétimo Céu de Jesse.

Depois de receber ordens de fazer repouso por uns dois dias e ser examinada em busca de alguma contusão causada pela batida, o médico imprimiu a imagem e nos mandou para casa.

Saímos do hospital de mãos dadas, com Jesse segurando cuidadosamente a foto em preto e branco da ultrassonografia. Tive de guiá-lo o caminho todo, porque estava enfeitiçado demais pela foto para ver para onde ia. John foi nos buscar e nos deixou no Lusso. Ele gargalhou como nunca quando lhe contamos a notícia que acabamos de receber. Eu contei, na verdade, porque Jesse ainda não estava falando, nem para perguntar se John tinha encontrado o DBS. Então, eu mesma perguntei. Ele disse que perdeu o carro de vista.

Passamos por Casey, que estranhou um pouco não ouvir rosnados, e eu levei Jesse para o elevador e arranquei o código dele à força. Ele não o disse. Apenas digitou os quatro números, sem pensar.

Três, dois, um, zero.

Morro de rir por dentro, mas mantenho a seriedade por fora.

Agora estamos na cozinha. Jesse largado em um banco, olhando para a fotografia, e eu bebendo um copo d'água e esperando que ele volte à vida. Vou dar-lhe meia hora antes de jogar água na cara dele.

Vou para o andar de cima, ligo para Kate e ouço a sua reação, primeiro sobre o episódio da dramática perseguição pelas ruas, e depois sobre os gêmeos. Ela riu. Tomo um banho, seco os cabelos, passo creme no corpo todo e visto minha calça de pescador tailandesa, sorrindo quando

me dou conta de que poderei continuar usando-a quando minha barriga crescer.

Quando volto para a cozinha, ele ainda está imóvel, sentado à ilha, olhando para a imagem. Sentindo-me um tanto frustrada, sento-me ao lado dele e puxo seu rosto para o meu.

– Você vai voltar a falar em algum momento?

Seus olhos estudam o meu rosto por um bom tempo, até pousarem nos meus.

– Não consigo respirar, Ava.

– Eu também estou perplexa – admito, embora claramente não tanto quanto ele.

Ele começa a morder o lábio com força, as engrenagens entrando em ação naquela cabeça, o que me deixa imediatamente preocupada.

– Eu tinha um irmão gêmeo – ele diz baixinho.

Capítulo 20



Eu me recolho de volta ao meu banco e solto o queixo dele. Pela milionésima vez em um dia, não sei o que dizer. Nada. Absolutamente zero de inspiração. Estou mais chocada agora do que em qualquer ponto desse longo dia.

Ele dá um sorriso pequeno.

– Minha garota espirituosa está sem fala.

Estou. Completamente atterrada, de fato. Eu já devia ter me acostumado com as surpresas deste homem, mas não, ele me surpreende toda vez.

Ele me acaricia o rosto e desliza a mão até o meu pescoço, onde faz círculos com o polegar, suavemente.

– Venha para a banheira comigo – ele diz em um fio de voz, levantando-se do banco e me pegando no colo. – Preciso estar com você.

Sou aninhada ao corpo dele. Meus braços o enlaçam pelos ombros e minhas pernas encontram seu lugar favorito, enquanto ele nos conduz ao andar de cima. Não preciso de incentivo e mal preciso pensar para que meus lábios encontrem seu pescoço e o beijem. Apenas beijá-lo. Sentir seu cheiro. A textura de sua pele. O frescor mentolado e sua firmeza que me conforta tão profundamente. Sei que conhecerei uma parte importantíssima de sua história, mas não vou pressioná-lo em busca de informação. Não vou forçá-lo a me contar nem ter um ataque se ele escolher não compartilhar isso comigo. Ele poderia facilmente usar a notícia que recebemos hoje como motivo de seu estado e eu teria acreditado nele, mas não o fez. Dividiu algo comigo, uma parte dele, e não precisei ameaçá-lo para que me contasse. Ele acaba de confessar que tinha um irmão gêmeo, não que *tem*. E agora sua esposa está grávida de gêmeos, o que, claramente, trouxe à tona algo profundo nele.

Ele me coloca no gabinete da pia do banheiro e começa a sua rotina de preparar o banho, testar a temperatura, adicionar os sais e agitar a água para fazer espuma. Pega as toalhas, coloca os produtos ao lado da banheira e retorna para mim quando está tudo pronto e a banheira, cheia. Desabotoa a minha blusa, beijando-me durante o processo, e deixamos que nossas línguas se massageiem uma à outra, parando brevemente quando a peça passa pela minha cabeça, antes de nos encontrarmos novamente para continuar nosso longo e doce beijo. É um beijo especial. Muito especial. Demoro-me a tirar sua camiseta para não ter que separar a minha boca da dele. É um beijo que não vai levar a uma sessão de sexo intenso, mas a um momento em que ele vai compartilhar algo de sua intimidade comigo. Um momento em que ele vai me contar algo doloroso, e sei o que está acontecendo aqui, nesse exato momento, quando ele me declara amor

pelo contato de nossos lábios: ele está reunindo forças para falar. É a maneira que ele tem de garantir para si mesmo que eu sou real antes de relembrar um passado de dor.

Minhas mãos se embrenham debaixo da sua camiseta, encontrando os relevos e as depressões do seu abdômen, e deslizam por todos os lados.

– Tire – ele diz entre beijos. – Por favor, tire tudo o que possa ficar entre nós.

Seu pedido me faz titubear um pouco, mas quando ele pressiona seus lábios contra os meus com mais ímpeto, eu reencontro nosso ritmo natural outra vez. Isso não foi apenas um pedido para tirar sua roupa. Acelero os movimentos. A urgência de chegar à sua pele nua é minha prioridade; então, deixo sua boca e tiro a sua camiseta, indo rapidamente para o jeans, baixando-o por suas pernas, para que ele possa chutá-lo para o lado. Ele me tira do gabinete, tira a minha calça e a minha calcinha de renda. A forma como ele rapidamente examina se há sangue na peça não me passa despercebida. Não há. Nossos bebês estão bem. Ele me pega no colo e as minhas mãos vão automaticamente para os cabelos dele, assim como a minha boca para a sua, enquanto ele entra na banheira e nos baixa em direção à água, ficando de joelhos.

– A água está boa? – ele murmura, enquanto eu me sento no seu colo.

– Ótima – pressiono meu corpo no dele, meus seios se apertando contra a vastidão rígida de seu peito e meus cotovelos descansando em seus ombros, enquanto minhas mãos acariciam sua cabeça e meus lábios estão suaves, mas incessantes.

– Sempre ótima – ele sussurra.

– Sempre perfeita se eu tiver você.

– Você me tem – seus dedos entram nos meus cabelos e se agarram a eles, para ele me afastar e olhar para mim. Respiro em seu rosto. – Você sabe disso, não sabe?

– Você se casou comigo, é claro que sei.

Ele balança a cabeça e pega a minha mão, tirando meu anel de noivado e mostrando-o para mim.

– Você acha que isso aqui significa o meu amor por você?

– Sim – admito, em voz baixa.

Ele dá um sorriso condescendente, como se eu não tivesse entendido nada. E não entendi mesmo.

– Então deveríamos mandar tirar esses diamantes e substituí-los pelo meu coração – ele lentamente devolve o anel ao meu dedo.

Eu me derreto no colo dele e pouso a mão sobre o lado esquerdo do seu peito.

– Gosto do seu coração exatamente onde ele está – inclino-me e deposito um beijo em sua pele. – Amo como ele transborda quando você olha para mim.

– Só para você, Ava – ele cola a boca na minha e passa alguns minutos reforçando a informação. – Deixe eu te dar banho – ele murmura, beijando o meu pescoço. – Vire-se para mim.

A contragosto, deixo-o tirar-me de seu colo para que se sente, antes de me colocar entre as suas coxas e começar a rotina do banho. Dou um suspiro de satisfação, mas não digo nada. Também não vou incentivar o papo de banheira. Não dessa vez. É ele quem tem de começar. É claro que a minha mente curiosa está à toda, mas não serei eu quem vai quebrar esse silêncio confortável. Além disso, estou me deliciando com as demonstrações de afeto no Sétimo Céu de Jesse e estou nas nuvens. O passado do meu senhor não tem importância para o nosso futuro. Ele

já disse isso uma vez e agora, mais do que nunca, sei o que ele quis dizer.

– Você está bem? – ele pergunta, passando a esponja pela minha nuca.

Eu dou um sorriso que se reflete na água.

– Estou.

Vejo a superfície da água se mexer. Ondinhas se formam em torno de mim e ele se aproxima e toca minha orelha com a boca.

– Estou um pouco preocupado com a minha sedutorazinha curiosa – ele sussurra.

Não quero parecer superexcitada, mas é algo que nunca consigo evitar quando ele está próximo, ainda mais sussurrando ao meu ouvido. Toco o meu rosto no dele.

– Por quê?

– Porque ela está quieta demais, enquanto há informação a ser compartilhada – ele beija minha têmpora e volta a se encostar, levando-me consigo.

– Se você quiser, sei que vai me contar.

O peito dele se agita embaixo de mim, em uma risada sem som.

– Não sei se gosto do que a gravidez está fazendo com a minha menina – suas mãos pousam sobre meu ventre. – Primeiro, desenvolveu uma fobia pelo meu pau na sua boca – ele se insinua com os quadris contra a minha lombar, como se quisesse demonstrar o que estou perdendo, mas sei muito bem o que estou perdendo e não gosto nada disso. – Segundo lugar, não está me abençoando com suas exigências por informações.

Dou de ombros, indiferente.

– Meu senhor também não está me abençoando com seu amplo espectro de trepadas de mestre, então estamos quites, não estamos?

Ele ri e fico um pouco aborrecida por não estar cara a cara com ele, porque, se estivesse, sei que veria o brilho em seus olhos e as linhas nos cantos deles.

– Mas ela ainda me abençoa com sua boca suja – ele aperta de leve o local acima do osso ilíaco e dou um gritinho e esperneio, antes de sossegar outra vez. O silêncio também se instala novamente. Sei que as engrenagens da sua mente estão a mil por hora, porque posso ouvi-las. É quase como se ele quisesse que eu o forçasse a falar, mas não vou fazer isso. Estamos em uma batalha muda.

Jesse finalmente suspira e começa a fazer pequenos círculos com as pontas dos dedos em torno do meu umbigo.

– O nome dele era Jake – ele não diz mais nada. Apenas me fala o nome do seu irmão gêmeo e nada mais, e permaneço deitada sobre ele, esperando que prossiga. Ele precisa fazer isso em seu próprio tempo e sem nenhum tipo de encorajamento de minha parte. Sei que ele quer que eu o guie a partir daqui, mas preciso que conte por vontade própria. – Você está fazendo isso de propósito, não está? – ele pergunta. Ele sabe, então continuo em silêncio. Ele suspira profundamente e eu subo e desço em cima dele. – Ele me idolatrava, queria ser eu. Jamais vou entender isso – ele soa bravo, e de repente estou me movendo, sendo virada de frente para ele. Agora estou de barriga para baixo, esparramada sobre ele e olhando seus olhos verdes pesados. – Não consigo fazer isso sozinho, Ava. Me ajude.

Meus instintos entram em ação e eu me afasto um pouco dele, ficando mais para o alto, para poder pousar o rosto no pescoço dele.

– Vocês eram gêmeos idênticos? – pergunto para começar a me situar.

– Não. Éramos muito diferentes um do outro. Em aparência e em personalidade.
– Ele não era um deus? – pergunto baixinho, pensando que posso ter acabado de sugerir que seu irmão era feio. Na verdade, não quis dizer isso, mas foi o que ocorreu ao saber que ele era muito diferente de Jesse.

Suas mãos acariciam minhas costas.

– Ele era um gênio, Ava.

– E em que isso é ser diferente de você? – indago.

– Jake tinha o cérebro para ajudá-lo. Eu tinha a beleza e a usava, como você bem sabe. Mas Jake não usava seu cérebro. Se usasse, não estaria morto.

Ahn? Retiro todos os pensamentos que tive até aqui, porque agora perguntas surgem de todos os lados e não vou conseguir segurá-las.

– Como ele morreu?

– Atropelado.

– Como isso tem a ver com não saber usar o cérebro?

– Porque estava bêbado quando cambaleou para a rua.

A ficha está caindo, e está caindo muito rápido. Fui para o meio da rua na sexta-feira e também estava bêbada.

– Carmichael não é a única razão para você não falar com seus pais, é? – pergunto.

– Não. O fato de eu ser o responsável pela morte do meu irmão é um fator determinante – ele diz isso sem a menor emoção, quase com sarcasmo. A mágoa transborda nele. – Carmichael e o Solar vieram depois e foram a pá de cal.

– Jake era o favorito deles? – odeio dizer isso, e sinto raiva só por dizer, mas estou lentamente juntando as peças. Não conheço a família de Jesse e não tenho a menor vontade de fazê-lo, desde que soube que eles têm vergonha dele e do estilo de vida que leva. Mas tudo isso me diz que o pivô da discórdia não é só o Solar e tudo o que o acompanha.

– Jake era tudo o que eles queriam em um filho. Eu não era. Tentei ser. Estudei, mas não aprendia as coisas naturalmente como Jake.

– Mas ele queria ser você.

– Sim, queria a pouca liberdade que eu conquistei, considerando que eu tinha menos potencial. Toda a atenção deles estava concentrada em Jake, o gênio, aquele de quem poderiam se orgulhar. Jake iria para Oxford. Jake faria seu primeiro milhão antes dos vinte e um anos. Jake se casaria com uma moça de família, inglesa, e teria filhos bem-nascidos, educados e inteligentes – ele faz uma pausa. – Só que Jake não queria nada disso. Ele queria escolher o rumo da própria vida. O trágico é que ele teria escolhido muito bem sozinho.

– Então, o que aconteceu? – pergunto, intrigada. Ele não deve parar mais agora.

– Aconteceu uma festa. Você sabe: álcool, mulheres e... oportunidades.

Sim, eu sei, e aposto que Jesse era figurinha fácil nessas festas.

– Estávamos prestes a fazer dezessete anos e nos preparávamos para as provas finais, prontos para a inscrição para a Oxford. Claro que a ideia foi minha...

– Qual ideia? – não sei se gosto do rumo que essa história está tomando, mas sei que vou descobrir logo.

– Sair e viver como adolescentes, livrar-nos do rigor dos estudos e parar de tentar corresponder às expectativas dos nossos pais. Eu sabia que ia pagar por isso, mas estava

preparado para enfrentar a ira dos meus pais. Nós só íamos beber juntos, como irmãos. Eu queria passar um tempo com ele, como garotos normais. Uma noite apenas. Jamais imaginei que pagaria tão caro.

Meu coração está se partindo por ele. Levanto-me do meu ninho no pescoço dele e me sento. Preciso ver seu rosto.

– Você bebeu demais?

Suas sobranceiras se erguem.

– Eu? Não! Eu bebi um pouco, mas Jake engolia uma dose atrás da outra, como se nunca mais fosse beber na vida. Tive, praticamente, de carregá-lo para fora da casa. E então ele abriu a boca. Falou de quanto detestava ser sufocado, do fato de não querer ir para Oxford, e fizemos um pacto – ele dá um sorrisinho carinhoso. – Nós concordamos em contar juntos aos nossos pais que não queríamos fazer nada daquilo. Que queríamos tomar nossas próprias decisões, baseadas em nossos sonhos, e não nos amigos esnobes com quem mamãe e papai socializavam – nesse momento, ele sorri de verdade. – Ele queria ser piloto de moto, mas isso era considerado rude e ordinário. Audacioso – ele fecha os olhos e logo os abre, mas o sorriso se vai. – Eu nunca o tinha visto tão feliz quanto diante da ideia de se rebelar comigo e de fazer o que quisesse uma vez na vida, não o que lhe mandavam. E aí ele foi para o meio da rua – ele mantém os olhos nos meus, buscando a minha reação, querendo saber se eu acho que é culpa dele.

– Você não pode ser considerado o responsável – estou inconformada.

Ele sorri e afasta os cabelos do meu rosto.

– Eu sou considerado o responsável porque eu *sou* o responsável. Não devia ter tirado Jake do caminho perfeito. O idiota não devia ter me escutado.

– Não me parece que você o tenha arrastado à força para lugar algum – retruco.

– Ele não estaria morto, Ava. E se...

– Não, Jesse. Não pense assim. A vida é cheia de “e se”. E se seus pais não os tivessem sufocado? E se vocês tivessem se rebelado antes e dado um basta?

– E se eu seguisse as regras? – seu rosto é impassível. É a pergunta que ele se faz repetidamente e para a qual nunca encontrou a resposta. Mas eu vou dar a ele.

– Você nunca teria me encontrado – sinto a emoção espremer minhas cordas vocais – e eu nunca teria encontrado você – sussurro, e o mero pensamento basta para liquidar comigo. Lágrimas começam a descer pelo meu rosto. É impensável. Insuportável. Tudo acontece por uma razão, e se Jake ainda estivesse vivo, não tenho dúvida de que a vida de Jesse teria tomado uma direção completamente diferente e nós nunca teríamos nos encontrado. Digo isso porque o pensamento tolo que passa por aquela cabeça louca pode suavizar o momento.

Ele encosta a cabeça e olha para a minha barriga.

– Tudo o que aconteceu na minha vida me levou até você, Ava. Levou uma eternidade, mas eu, finalmente, encontrei o meu lugar.

– Comigo e com essas duas pessoinhas – digo, pegando a mão dele e colocando-a sobre o meu ventre.

O olhar dele sobe pelo meu corpo e, com a outra mão, agarra a minha cintura e me puxa para si.

– Com você e essas duas pessoinhas – ele confirma. – Nossas duas pessoinhas.

A reação de Jesse com a notícia é compreensível agora, e quanto mais ele fala sobre seus

pais, menos gosto deles. A necessidade irracional de manter as aparências destruiu sua família.

– E quanto a Amalie? – pergunto.

– Amalie se casaria bem e seria uma boa esposa e mãe; acredito que tenha cumprido sua obrigação. O convite dizia Doutor David, não?

– Sim.

– Ai está, então – seu tom carrega uma amargura que não consigo não compartilhar.

Não quero conhecer os pais de Jesse. Minha mente cria a imagem de um cavalheiro inglês esnobe, com um relógio de bolso, uma espingarda e calças xadrez enfiadas nas botas de cano alto. Esse seria o pai de Jesse. Sua mãe? Provavelmente uma senhora de saia de lã e twin-set, com um colar de pérolas verdadeiras e lábios muito tensos, que só serve chá em porcelana inglesa e sempre à mesma hora do dia, e aposto que o chá tem de ser Earl Grey. Sorrio por dentro ao pensar na cara deles ante os constantes palavrões de Jesse.

E o Solar.

Jesse saiu mesmo dos trilhos depois que Jake morreu, como se estivesse em uma missão para compensar a falta do irmão. Como se, de uma forma estranha, estivesse vingando a morte dele. Ele baixou o nível da delinquência para compensar a falta de Jake e garantir que não quebraria o pacto, embora eu tenha fé que o sonho de Jesse não fosse se tornar um *playboy* hedonista. Seu interesse por supermotocicletas está claro agora.

– Você começou a passar mais tempo com Carmichael depois da morte de Jake?

– Sim, ele conhecia a situação. Havia passado por situação semelhante com meu avô – suas mãos deslizam pelas minhas costas. – Você está confortável?

– Sim, estou bem – minimizo sua preocupação prontamente, querendo que ele continue.

– Foi um alívio. Eu escapava da lembrança diária de que Jake não estava mais comigo e me distraía com os trabalhos que meu tio me dava no Solar – ele fica sem posição de repente. – Tem certeza de que está confortável?

– Estou muito confortável! – torço um de seus mamilos e ele ri. Isso é bom. Ele está calmo enquanto divide a história comigo.

– Ela está confortável – ele conclui.

– Ela está – concordo e pergunto: – mas que tipo de trabalhos você fazia?

– De tudo. Recolhia copos no bar, cortava a grama... Meu pai ficou uma fera, mas não o deixei me impedir. Então, ele anunciou que íamos nos mudar para a Espanha.

– E você se recusou a ir...

– Sim. Eu ainda não tinha entrado nos quartos do Solar naquela época. Ainda era virgem naquele ambiente – ele está sorrindo, sei que está. – Mas, no meu aniversário de dezoito anos, Carmichael liberou a minha entrada no bar. Foi a pior coisa que ele poderia ter feito. Entrei na hora. Foi algo natural, até demais – eu olho para ele e vejo que o sorriso se foi. – Se o simples fato de ir ao Solar já me fazia esquecer meus problemas, ficar bêbado e fazer sexo no Solar os eliminava por completo.

– Escapismo – sussurro, ele fugia da culpa que seus pais puseram nele bebendo demais e fazendo sexo com todo tipo de mulher. – O que Carmichael achava disso tudo?

– Achava que era uma fase, que ia passar. Ai ele morreu também – diz, sorrindo.

– Então, seus pais tentaram te fazer vender o Solar – emendei, pois já conheço essa parte.

– Sim. Com a notícia da morte do meu tio, eles voaram da Espanha e me encontraram, uma

versão mais jovem da ovelha negra da família, exibindo-me, bebendo e cheio de mulheres à minha volta. Eu já havia experimentado a liberdade, sem os dois para tentar me moldar como o filho perfeito. Eu era convencido e confiante, e naquela época já tinha muito dinheiro – seus lábios se apertam em uma linha fina. Percebo-o repleto de ressentimento, mas isso não pode mais ser remediado. – Disse-lhes, então, onde enfiar seu ultimato. Falei que o Solar era a vida de Carmichael e agora se tornava a minha. Ponto-final.

O que eu poderia dizer? Achava que sabia tanto sobre ele, que muitas coisas estavam claras, mas o papo de banheira de hoje jogou no lixo todo o esclarecimento que eu pensava que tinha. Duas das pessoas mais importantes foram tiradas prematuramente de sua vida, ambas envolvendo carros; então, por que diabos ele dirige feito um louco? Não sei, mas tudo isso explica sua superproteção.

– Nossos filhos poderão ser o que quiserem – eu mordo o queixo dele –, desde que não sejam *playboys*.

Ele aperta minhas nádegas com as duas mãos.

– Sarcasmo não combina com você, mocinha.

– Eu acho que combina sim – retruco, baixinho.

– Tem razão, combina mesmo – ele me desliza para cima e beija um dos meus mamilos. – Minha marca está sumindo.

– Trate de refazê-la, então – digo, posicionando meus seios diante do rosto dele, como a sedutora que ele sabe que sou, e ele fecha os lábios em torno do bico intumescido e me lambe gentilmente. Solto um gemido longo, grave e profundamente satisfeito, com o nariz passando por seus cabelos úmidos e inalando seu perfume gostoso.

– Bom – ele pergunta, mordiscando o pico rosado.

– Hmmm – estou em paz, iluminada.

Sua boca se move no sentido da marquinha que começa a se apagar e ele começa a sugar a pele com carinho, puxando o sangue para a superfície.

– Ava, não sei se gosto da ideia de nossos filhos mamando em seus seios. Ele me solta e eu deslizo para baixo, roçando em algo bem duro. Ele arregala os olhos e respira fundo. – Oh, não, nós não podemos – ele me afasta e se senta ereto. – Não posso fazer isso, Ava, e não ouse entrar no modo sedutora.

Olho feio para ele.

– Cornualha – ameaço, e ele se encolhe, horrorizado, mas logo seu olhar é tão feio quanto o meu, talvez mais terrível.

– Você não vai a lugar nenhum! – ele garante com um rosnado e fica em pé. Seu mastro fica bem ao alcance, ajoelhada como estou. Aproveito a chance, antes que ele saia da banheira, e fecho minha mão em torno de seu pênis. – Caramba, sua terroristazinha.

– Vai fugir de mim? – bombeio lenta e longamente. Eu sou muito má.

Ele balança a cabeça.

– Ava, não há a menor chance nesse planeta de eu te comer.

– Sente-se – aponto para o lado da banheira e dou uma lambida na glândula.

Ele sibila e olha para o teto.

– Ava, se você me largar aqui para ir vomitar posso perder a cabeça – ele ondula os quadris ligeiramente.

– Eu não vou – não tenho certeza, mas há outra forma de fazer isso. – Sente-se – faço-o sentar-se na borda da banheira e ajoelho-me entre suas coxas, mas não tenho a chance de ser criativa na forma como farei isso.

Ele agarra meus braços.

– Se eu vou me sentar deste lado, você vai se sentar do outro – ele me beija com voracidade e se afasta ofegante, os olhos tomados pelo desejo. A expectativa faz meu ventre se contorcer. – Com as pernas bem abertas.

Engulo em seco, e imediatamente amaldiçoo a mim mesma por isso. Ele está me levando para um mundo em que o controle é todo dele. Ele me enfeitiça com aqueles olhos cheios de promessas e de prazer, desafiando-me a recusar. Colocando as mãos sob meus braços, ele me põe de pé antes de me fazer recuar. Encontro meu lugar e sento-me na borda da banheira gigante. Ela é rígida sob minha pele úmida, mas eu não me importo. Não consigo me concentrar em nada a não ser este homem sentado à minha frente, delicioso e ereto. Ele passa a língua pelo lábio inferior e me pego imitando-o.

– Lamba os dedos, Ava – ele ordena. – Não há a abordagem suave que eu temia. Ele está no modo dominante e eu estou em meu elemento. Sei que não haverá uma penetração selvagem ao final, mas é o olhar, a postura, o tom de comando.

Penho os dedos na boca e os deslizo pelos meus lábios, de maneira lenta e precisa, sem jamais tirar os olhos dos dele. Não conseguiria, nem que quisesse. Já é difícil escapar do vício que são seus olhos normalmente, mas quando eles estão semicerrados, os longos cílios baixos e aquela fome se derramando deles... impossível.

– Deslize sua mão pela frente do seu corpo – ele diz, rouco. – Devagar.

Eu obedeço e desço a palma de minha mão pelo meu peito, roçando meus mamilos, tocando meu ventre.

– Está lento o bastante para você?

– Eu disse que você poderia falar? – ele pergunta, sem tirar os olhos de mim.

Faço um bico, mas sigo minha jornada rumo ao sul, chegando ao meio das minhas pernas.

– Pare – ele tira os olhos dos meus e os baixa lentamente, sem pressa, avaliando seus bens antes de chegar à minha mão. – Um dedo, querida. Bem devagar... insira um dedo.

Seguindo suas instruções, enfio um dedo em mim mesma e respiro fundo.

– Lembre-se, ela é minha – ele volta os olhos para os meus –; portanto, seja gentil.

Essas palavras e o modo como ele as diz, além do fato de ele acreditar mesmo nisso, me faz fechar os olhos e me preparar mentalmente.

– Olhos nos olhos, Ava.

Uso exercícios de respiração para tentar me acalmar, eu sigo mais essa ordem.

– Boa menina – ele toca a si mesmo. Meus batimentos cardíacos se multiplicam. – Agora, sinta o sabor.

Eu não fico tímida. Aliás, nunca fui, não importa o que ele faça ou me peça para fazer. Meu cérebro sempre registra algum nervosismo, talvez um pouco de apreensão, mas basta olhar em seus olhos e lá se vai qualquer constrangimento. Minha mão faz o caminho de volta, e coloco o dedo na boca, provocando-o, gemendo, sem a menor vergonha.

– Gostoso? – ele se masturba e me observa. Isso está me deixando louca de vontade, mas sei que não posso sair deste lado da banheira. Sei quem tem o poder.

Lanço-lhe um olhar pesado e carregado de tesão, enquanto lambo e chupo meus dedos, levando a mim mesma a um estado de excitação desesperada.

– Vou tomar isso como um sim – ele se acaricia mais um pouco e faz uma pausa nos movimentos lentos, tentando se recompor. – Caramba, Ava.

Vendo que o autocontrole dele está se esvaindo, tiro vantagem do momento e volto a tocar minha vagina, abrindo e fechando os dedos e acariciando-me de maneira metódica. Arqueio a coluna, abro bem as pernas e deixo a cabeça fazer um giro completo, ao mesmo tempo que solto um gemido alto. Estou me desfazendo e arfando descontroladamente, enquanto meu prazer cresce com as carícias ritmadas.

– Nossa, Ava. Olhe para mim – ele sibila, e eu deixo a cabeça voltar para a posição natural e olho para ele. Jesse está quase lá também. Seu corpo se enrijeceu e seu punho trabalha mais firme e mais rápido, o que me encoraja: meus dedos também ganham velocidade e a tensão no corpo aumenta.

– Você vai gozar, Ava?

– Sim! – estou bem perto.

– Oh, meu Deus, ainda não. Controle-se.

– Não consigo! – eu grito; a ideia de que ele possa me interromper gera um certo pânico em mim. Estou em brasas. Sinto meu orgasmo se aproximando. – Meu Deus!

– Ava, controle-se! – agora seu punho se move com rapidez, a cabeça gira, mas ele mantém aqueles olhos verdes em mim.

Tento de tudo. Estou com o corpo todo tenso, minhas pernas jogam água longe, enquanto eu me contorço e luto contra os espasmos que tomam conta de mim.

– Jesse! – grito desesperada, com a pulsação em meu âmagão saindo de controle.

– Ava, você está linda – seus movimentos desenfreados o vencem e ele geme, caindo de joelhos dentro da água e vindo até mim, com um ruído feroz.

Retiro imediatamente a minha mão quando ele cai de boca entre as minhas coxas, ainda se masturbando diante de mim. O calor de seus lábios em meu sexo me empurra o pouco que faltava em direção ao êxtase. Puxo seus cabelos e o trago para mais perto de mim. Estou a ponto de explodir de prazer.

E é o que faço.

Tenho um tremor duradouro de pura satisfação, soltando todo o ar que existe em mim de uma só vez. Meus pulmões estouram. Amoleço. Ele rola a língua e me lambe com carinho, com movimentos suaves da língua, e depois vem até a minha boca. Ele me coloca de joelhos e pega a minha mão para substituir a dele em torno de seu membro rijo. Ele ainda não gozou.

– Minha vez – ele sussurra. – Segure-o contra você.

A cabeça úmida de seu membro toca o meu clitóris, insinuando-se em mim, acalmando o persistente latejamento. Assumo o controle, segurando-o firmemente e massageando-o em direção ao clímax. Suas mãos estão livres agora e se fecham em torno do meu pescoço, mantendo minha cabeça no lugar, enquanto ele dedica à minha boca a mesma atenção que eu ao seu sexo. Nada é urgente e frenético, e sim controlado e relaxado. Ele sabe se controlar tão melhor do que eu!

– Isso, continue assim – ele murmura na minha boca. – Eu poderia ficar assim para sempre.

– Eu te amo – eu não sei por que sinto vontade de dizer isso agora, mas digo mesmo assim.

Sua língua varre a minha boca, depois ele recua, brinca com os meus lábios e, em seguida, está de volta com tudo, flertando com a minha boca. Durante o tempo todo, recebo sua atenção e mantenho a sedução do seu mastro aveludado em mim. Ele está me trazendo de volta à terra de um jeito perfeito, e levando a si mesmo ao céu da mesma maneira.

– Eu sei – ele diz bem baixinho e, com um gemido curto e um beijo mais vigoroso, ele goza. Sua essência quente me banha e ele pulsa em minha mão.

– Meu trabalho aqui está feito – digo com um suspiro, soltando-o e passando os dedos por seus cabelos, sem resistir a um puxão de leve.

– Você é uma selvagem, Ava – ele se senta sobre os calcanhares e me puxa para o seu colo.
– A água está ficando fria.

Eu não havia notado, mas agora que ele mencionou, percebo que estou começando a tremer.

– Um pouquinho – dou de ombros e busco o calor, abraçando-o.

– Deixe-me te limpar – ele tenta me desvencilhar dele, mas eu balbucio uma reclamação e cravo as unhas em suas costas. – Vai ser rápido. Não quero que você pegue um resfriado – mais esforço para tirar meu corpo do contato do dele, mas, antes que eu veja, a esponja já está em ação. – Minha senhora está cansada – ele beija meu nariz. – Vamos dormir juntinhos?

Apenas confirmo com a cabeça e ele me ergue da banheira. Secamo-nos um ao outro em silêncio e vamos para a cama, encontrando imediatamente nossa posição: ele deitado de costas e eu, esparramada sobre o peito dele, com o rosto no seu pescoço e suas mãos por todos os lados.

– Nunca vou amar um mais que o outro – ele declara, em voz baixa.

Eu não respondo. Em vez disso, beijo seu pescoço e me aninho mais um pouco.

Capítulo 21



Eu poderia ficar aqui deitada para sempre, apenas vendo-o dormir, o ar mentolado atingindo meu rosto intermitentemente, reforçando o sentimento que tenho dentro de mim, de estar no lugar ao qual pertenço. A forma doce como ele descansa a mão sobre a minha barriga só me faz sentir mais amor por esse homem. E a perfeição de seu corpo tão próximo ao meu aumenta meu desejo por seu toque. Há milhões de coisas nele que me deixam desesperada, mas há infinitas coisas que me fazem adorá-lo. Mas eu também adoro algumas das coisas desesperadoras.

Incapaz de resistir, passo o polegar por seu rosto e sua barba por fazer, sobre seus lábios entreabertos, sorrindo quando ele mexe um pouquinho e depois suspira e volta a dormir. Sua mão na minha barriga começa a fazer círculos inconscientemente. A perfeição de seu rosto certamente vai me impressionar até o fim da minha vida: sua pele ligeiramente bronzada, seus cílios quase femininos e a ligeira depressão em sua testa são apenas alguns de seus traços deslumbrantes. Eu levaria uma vida tentando enumerar todos. Meu homem devastador, em todos os seus modos complicados.

Minha mão curiosa segue por seu rosto, e a ponta do meu dedo traça seu pescoço e apalpo seu peito sólido. Dou um suspiro apaixonado e satisfeito, enquanto passo esse tempinho em silêncio, explorando seu rosto e seu corpo, quase desejando que ele ficasse assim por uma eternidade, para eu poder observá-lo e senti-lo sem ser perturbada. Mas aí eu jamais ouviria sua voz ou veria seus olhos, nem experimentaria seu rolo compressor e suas contagens regressivas.

– Já terminou de me bolinar? – sua voz rouca me tira do meu devaneio, minha mão parando sobre sua cicatriz. Ele permanece de olhos fechados.

– Não, fique quietinho e imóvel – ordeno baixinho, prosseguindo com minhas carícias.

– O que você mandar, querida.

Eu dou um sorriso e inclino-me para a frente, roçando meus lábios nos dele.

– Bom menino.

Seus olhos se movem por baixo das pálpebras, e os cantos de sua boca se esforçam para não sorrir.

– E se eu quiser ser um menino mau? – ele pergunta.

– Você manda... – eu brinco, e um de seus olhos se abre, maroto. Nada jamais vai me impedir de sorrir ao ver o rosto dele assim, não importa quão brava ou séria eu esteja tentando parecer. – Bom dia.

Ele se move rápido demais. Em um nanossegundo estou deitada de costas, sob o corpo dele, com os braços presos acima da cabeça. Nem sequer tenho tempo de registrar seu ataque ou dar

um gritinho de surpresa.

– Alguém está pensando em sexo sonolento? – ele pondera, baixando para morder meu nariz.

– Não. Eu tenho Jesse Ward na cabeça, o que significa que também tenho vários graus de transa na cabeça.

Suas sobrancelhas sobem devagar, com um ar pensativo.

– Você é insaciável, minha menina bonita – ele me beija com força. – Olha a boca.

Retribuo o beijo dele, mas ele me impede, recuando. Fecho a cara, e ele sorri de maneira convencida. Olho mais feio ainda, mas sou ignorada.

– Eu estava pensando – ele declara.

Esqueço meu muxoxo. Jesse pensando é tão preocupante quanto passando o seu rolo compressor sobre alguém.

– Em quê? – pergunto, desconfiada.

– Em quanto nossa vida de casados vem sendo dramática.

Ele tem razão. É impossível argumentar contra, mas aonde ele quer chegar com isso?

– E isso quer dizer... – eu arrasto as palavras, deixando claro que eu não tenho a menor ideia do que isso quer dizer.

– Deixe-me levá-la daqui – ele está implorando, seus olhos verdes suplicando para mim e, agora, ele também faz bico. Será que está se dando conta de que essa cara tem o mesmo impacto que uma transa de lembrete? – Só nós dois.

– Nós nunca mais estaremos sozinhos – eu o lembro.

Ele ergue o corpo e olha para a minha barriga, e o vejo sorrir e baixar até conseguir beijar meu ventre, antes de voltar aqueles olhinhos de cachorro pidão para mim.

– Deixe-me amar você. Deixe-me tê-la só para mim por alguns dias.

– E quanto ao meu trabalho? – meu comprometimento ultimamente tem sido bastante questionável.

– Ava, você esteve envolvida em um acidente de carro ontem.

– Eu sei – concordo –, mas tenho reuniões e visitas, e Patrick está...

– Posso falar com Patrick – ele me corta na hora. – Ele pode ficar com os seus compromissos.

Estreito os olhos.

– Falar com Patrick ou colocar Patrick contra a parede? – pergunto, e ele faz uma expressão magoada que eu não engulo nem por um minuto.

– Vou falar com Patrick.

– Delicadamente...

– Mais ou menos – ele sorri.

– Não, Ward. Nada de mais ou menos. Delicadamente. Ponto-final.

– Isso é um sim? – ele pergunta, esperançoso. Eu poderia abraçá-lo, pelo adorável chato que ele é.

– Sim – concordo. Ele precisa dessa pausa tanto quanto eu, talvez mais. Os eventos de ontem não diminuíram em nada a sua preocupação. – Para onde vamos?

Ele entra em ação, pulando da cama como um menino excitado na manhã de Natal.

– Para qualquer lugar, não me importo.

– Mas eu me importo! Não vou esquiar! – sento-me na cama à mera ideia de usar aquela parafernália e placas gigantes de madeira nos pés.

– Não seja boba – ele revira os olhos e desaparece dentro do *closet*, reaparecendo em seguida com uma mala. – São os meus filhos que você está carregando aí dentro – ele aponta para a minha barriga. – Você tem sorte de eu não te acorrentar na cama pelo restante da gravidez.

– Você pode, se quiser – ponho os braços na cabeceira. – Não vou reclamar.

– Você quer me provocar, sra. Ward. Venha fazer a mala – ele volta para o *closet*, deixando-me na cama. Com um grunhido alto o bastante para ele ouvir, eu o sigo até o quarto que chamamos de *closet*. Ele está pegando roupas aleatoriamente e criando uma pilha ao lado da mala.

– Para onde vamos?

– Não sei. Vou fazer algumas ligações – ele continua fazendo a mala, todo contente, mas logo olha para cima e percebe que ainda estou parada, encostada no batente da porta. – Você não vai fazer a sua mala?

– Bem, não sei para onde vou. Quente, frio? De carro, de avião?

– De carro – ele diz, categórico, virando-se para pegar mais camisetas. – Você não pode voar.

– O que quer dizer com “não posso voar”? – digo à suas costas.

– Não sei. Tem algo a ver com a pressão da cabine – ele encolhe os ombros nus. – Pode amassar os bebês.

Dou risada, porque, se não rir, vou acabar dando um tapa na cabeça dele.

– Diga que está brincando.

Ele se vira lentamente para me encarar, pois não está nada impressionado com o meu humor. Está escrito em seu maldito rosto perfeito.

– Eu não brinco quando o assunto é você, Ava. Você devia saber disso.

Ele está sendo ridículo.

– A pressurização da cabine não vai esmagar nossos bebês, Jesse. Se você vai viajar comigo, terá de ser de avião – só faltou eu bater o pé para afirmar minha posição.

Ele parece um pouco chocado ante a minha exigência e fica pensativo, mordendo o lábio, as engrenagens lentamente entrando em ação.

– Viajar de avião não é seguro para mulheres grávidas – ele fala em voz baixa. – Eu li algo sobre isso.

– Onde você leu? – pergunto, rindo, com medo de que ele apareça com um manual, um Guia da Gestação, mas paro de rir imediatamente quando ele procura entre seus ternos e aparece com um Guia da Gestação.

– Aqui – ele me mostra o livro, acanhado. – Você deveria estar tomando ácido fólico.

Fico boquiaberta diante do livro que ele balança na minha frente e, com um misto de estarrecimento e diversão, observo-o folheando-o. Há páginas com as bordas dobradas, e tenho a impressão de ver um trecho destacado com marca-texto. Ele sabe pelo que está procurando, e não posso fazer nada a não ser esperar meu neurótico e lindo controlador encontrar o tal trecho.

– Veja aqui – ele vira o livro para mim e aponta o meio da página, onde todo um parágrafo foi destacado com marca-texto rosa: – “O Departamento de Saúde recomenda que mulheres

tomem um suplemento diário de quatrocentos microgramas de ácido fólico enquanto tentam engravidar, e devem continuar ingerindo a mesma dose pelo menos durante as primeiras doze semanas de gestação, enquanto a coluna vertebral do bebê se desenvolve”. – ele fecha o semblante. – Mas nós temos dois bebês, então você deveria tomar oitocentos microgramas.

Meu coração transborda e parece que vai estourar.

– Eu te amo – digo, sorrindo.

– Eu sei – ele vira algumas páginas. – A parte sobre viajar de avião está aqui em algum lugar. Deixe só eu...

Dou um tapa no livro e nós dois ficamos vendo-o cair, após quicar um pouco. Ele olha para mim com os olhos estreitos e os lábios apertados em uma linha fina, o que só me faz rir, e o faz me olhar mais feio ainda. Eu chuto o livro e ele engole em seco.

– Pegue o livro – ele ralha.

– Livro bobo – chuto outra vez, ainda sorrindo.

– Pegue o livro, Ava.

– Não – respondo, petulante. Sei exatamente o que estou fazendo. Meus olhos estão se deleitando com a ferocidade que emana de seu belo físico.

Ele levanta as sobrancelhas e sua linha de expressão se apresenta para a batalha. Ele está pensando com cuidado, conhece o meu jogo. Então, três dedos aparecem diante dos meus olhos.

– Três – ele sussurra.

Meu sorriso se amplifica e bato na mão dele.

– Dois – eu rebato.

Ele está tentando conter um sorriso.

– Um...

– Zero, baby – eu termino a frase e dou um gritinho feliz quando sou jogada sobre o ombro dele, com convicção, mas com cuidado e levada até o quarto. Estou gargalhando quando sou jogada na cama, com precisão exagerada, antes de ele me cobrir com seu corpo e afastar os cabelos do meu rosto.

– Ava, quando é que você vai aprender? – ele pergunta, segurando a parte de trás da minha cabeça e levantando-a para o meu nariz tocar no dele.

– Nunca – admito.

Ele dá aquele sorriso reservado somente para mim.

– Espero que nunca aprenda, mesmo. Beije-me.

– E se eu não quiser? – pergunto. É claro que eu vou beijá-lo. Ele sabe que sim.

Ele toca o ponto acima do meu osso da bacia com a ponta do dedo. Prendo a respiração.

– Nós dois sabemos que você vai me beijar, Ava – os lábios dele coçam os meus. – Não vamos perder um tempo precioso em que eu poderia estar enterrado em você. Beije-me agora.

Minha língua sai da boca e encontra seu lábio inferior. Eu o provoco com gosto, tocando de leve a sua boca, até que ele se rende e sua língua decide marcar presença. As duas se encontram no meio do caminho e dançam suavemente, até ele gemer e atacar a minha boca com força bruta. Marco um ponto para mim mesma, mentalmente. É tão impossível para ele resistir a mim quanto é, para mim, resistir a ele.

– Hmmm – suspiro, correspondendo aos movimentos de sua língua. É disso que nós precisamos. Precisamos de alguns dias um com o outro, apenas nos amando e nos acostumando

ao nosso futuro juntos. Um futuro que agora tem dois bebês. Preciso de Jesse só para mim por um tempo, sem distrações, a não ser ele, e sem problemas, somente nós dois.

– O livro não diz mesmo que eu não posso voar, diz? – questiono, mesmo que seja uma pergunta idiota. Não pode haver nada sobre isso, porque já vi mulheres grávidas viajando de avião. Essa é só mais uma das regras absurdas de Jesse.

Meu lábio é mordido e sugado.

– É lógico – ele diz.

– Não, é neurótico – eu discuto. – Mulheres grávidas voam o tempo todo; então você vai me levar de avião para um lugar quente e vai deixar eu me aproveitar de você o tempo todo. Contato constante. Quero contato constante – sei que isso vai satisfazê-lo, e quando ele levanta a cabeça, ainda chupando meu lábio, o sorriso encantador que me oferece só confirma o que pensei.

– Mal posso esperar – ele beija o meu nariz e se levanta. – Vamos. Estamos desperdiçando tempo precioso de aproveitamento – ele dá uma piscadela, vira-se e sai, deixando-me esperneando entre os lençóis brancos. Esse é mesmo o Sétimo Céu de Jesse.

Desço a escada puxando a minha mala, que bate em cada degrau.

– Ei! – o grito me faz dar um pulo e parar no meio de um passo. Tenho de me agarrar ao corrimão para não cair. Um soluço de sobressalto se faz ouvir, seguido de passos pesados escada acima. Ele me agarra e me segura. – Que diabos está fazendo, Ava?

Meu susto se transforma em raiva.

– Puta que pariu, Jesse! Que merda! Isso foi culpa sua, porra! – percebo imediatamente a minha gafe, e o rosnado de Jesse confirma que acabo de falar mais palavrões que um caminhoneiro. Três vezes seguidas. Preparo-me para a bronca, fechando um olho e me encolhendo.

– Dá para cuidar dessa BOCA? – ele pega a minha mala. – Espere aqui! – ele late, e eu espero, mais porque fiquei paralisada por seu grito ensurdecador. Ele praticamente joga a minha mala quando chega ao pé da escada, resmungando e xingando baixinho, antes de subir outra vez e me pegar no colo. – Você ainda vai quebrar o pescoço, mulher estúpida.

– Eu só estava carregando uma mala! Foi você que me fez dar um pulo de susto! – não esperneio nem tento descer.

– Você não deveria carregar nada, exceto meus bebês.

– Nossos bebês!

– Foi isso que eu disse, caramba! – ele me põe em pé. – Nada de fazer merda, mocinha. Arrumo a minha blusa, bufando.

– Como carregar uma mala pode ser “fazer merda”?

– Porque você está grávida!

Ah, não vou aguentar isso.

– É melhor se controlar, Ward – aponto o dedo na cara dele: – Cornualha!

Ele começa a rir, o que só aumenta em alguns níveis a minha frustração. Ele deveria estar preocupado, não rindo.

– Quantas vezes você vai me ameaçar com essa história de Cornualha? – ele pergunta, convencido, o que mostra claramente que sabe que eu nunca iria fazer valer promessa. Mas eu

bem que poderia. Não sinto prazer nenhum em passar minha gravidez toda com meus pais, mas qualquer coisa deve ser melhor do que isso aqui.

– Eu vou agora! – grito na cara dele.

– Vamos lá, então. Eu levo você até lá – ele pega a minha mala e vai para a porta, olhando sobre o ombro para mim, ainda parada no mesmo lugar. Como assim, vai me levar? – Você não vem? – ele pergunta.

Ele está me testando.

– Já ligou para Patrick? – é a minha vez de perguntar, seguindo-o. Jesse não me levaria à casa dos meus pais voluntariamente de jeito nenhum.

– Sim – ele responde, curto e grosso. – Você precisa estar de volta ao trabalho na terça-feira – ele fecha a porta atrás de mim, antes de chamar o elevador.

– Não acredito que você usou a contagem regressiva como novo código – resmungo, mas ele nem toma conhecimento.

Descemos em silêncio, eu olhando para o reflexo dele nas portas espelhadas, enquanto ele liga para John. Nem toma conhecimento de mim.

As portas se abrem e ele faz sinal para eu sair, enquanto continua sua conversa com o grandão, dizendo a John que deixe Steve cuidar do caso, antes de dizer a ele que está me levando para a casa dos meus pais. Ainda não acredito. E deixar Steve fazer o quê?

– Olá, Ava – a voz alegre de Casey faz um sorriso substituir minha cara feia.

– Sra. Ward! – Jesse esbraveja no meio do papo com John, enquanto passamos pelo balcão do *concierge*. Eu o ignoro.

– Bom dia, Casey. Como vai?

– Muito bem, obrigado. Está um dia lindo – ele indica o lado de fora do edifício com a cabeça, e eu olho e vejo o sol brilhando. – Tenha um bom dia, Ava.

– Obrigada – tenho um olhar sonhador quando saio para o dia abafado, notando na hora que o meu presente de casamento voltou milagrosamente para o Lusso, mas esqueço meu Range Rover branco reluzente quando vejo um Aston Martin.

– É, obrigado, grandão – Jesse desliga o telefone, indo direto para o porta-malas do carro estranho para mim, e guarda a mala.

– O que é isso? – pergunto, apontando para o DBS.

Ele fecha o porta-malas e põe a mão no queixo, pensativo.

– Acho que é um carro.

– Sarcasmo não combina com você, deus. Quero dizer, de onde isso saiu?

– Veio de uma oficina, para substituir o meu, até que seja localizado – ele me segura pelo cotovelo e me leva até o lado do passageiro.

– Ainda não encontraram o seu carro?

– Não – ele responde rapidamente e sem brecha para conversar sobre o assunto, não que isso me impeça.

– O que Steve está fazendo? – pergunto, e ele recua, parando momentaneamente suas ações.

– Nada – está mentindo, e eu levanto as sobrancelhas, desconfiada, só para que ele saiba que eu sei. – Ele está procurando umas coisas para mim – ele bufa e afivela o meu cinto de segurança.

Dou tapinhas em suas mãos quando ele tenta ajustar a faixa sobre a minha barriga.

– Dá para parar? – eu o empurro e fecho a porta, deixando para fora um homem zangado, que me olha feio pela janela. Estou começando a desejar que esteja mesmo me levando para a casa da minha mãe. Não sei se posso suportar isso nem vou tentar me convencer de que ele vai parar. Bebê em dobro significa cuidado exagerado em dobro, paparicos ao estilo Jesse, e sei muito bem o que Steve está procurando, assim como sei que Steve foi deixado intacto por Jesse em troca de concordar em investigar meu incidente no bar com o entorpecente e agora o acidente com o carro. Encosto a cabeça no banco e viro-me para vê-lo ajustar o banco a fim de acomodar suas pernas longas.

– Por que simplesmente não vamos no meu carro? – pergunto, apontando para a minha bola de neve brilhante.

Ele para no meio do ajuste e me olha de rabo de olho.

– Porque você não pode dirigir por muito tempo.

Eu sorrio por dentro.

– Eu não, mas você pode – digo, pensando que devia bater o pé e obrigá-lo a dirigir o tanque de guerra; aliás, não me surpreenderia se fosse também à prova de balas.

– Sim, poderia, mas agora tenho esse aqui – ele desconversa e dá a partida, acelerando ruidosamente, com um sorriso satisfeito. – Ouça isso – ele suspira, acionando a marcha e saindo da vaga.

Admiro a contragosto o rugido gutural do DBS, enquanto mantenho a cabeça relaxada e virada para ele, olhando seu perfil maravilhoso.

– Para onde você vai me levar, então? – indago, pegando meu telefone da bolsa.

– Já disse: para a casa da sua mãe.

Reviro os olhos dramaticamente. Sei que ele preferiria ferver a própria cabeça a ver minha mãe por vontade própria.

– Está bem – dou um suspiro, ligando para Kate.

– Me dê esse celular – ele diz, estendendo a mão na minha direção, com os dedos como pinças tentando pegar o espaço entre nós. – Nada de telefone.

– Preciso ligar para Kate.

Meu telefone é capturado e desligado.

– Já liguei para todas as pessoas que precisam saber que vamos viajar, incluindo Kate. Então relaxe.

Nem tento pegá-lo de volta. Na verdade, não quero.

– Ava, querida, acorde.

Abro os olhos e espreguiço-me, batendo as mãos em algo. Confusa, abro os olhos e vejo que é o teto do carro. Então, meus olhos sonolentos se movem para o lado e fico cara a cara com o meu adorável controlador, que me dá um sorriso brilhante.

– Onde estamos? – esfrego os olhos.

– Na Cornualha – ele responde, rápido

Meu cérebro desperta e logo registra que estou desarrumada e que preciso ir ao banheiro.

– Pare – eu peço –, preciso fazer xixi. – Remexo-me no assento e ponho a mão na maçaneta para sair do carro, dando a primeira olhada em volta. Reconheço o lugar: o muro baixo que

cerca o pequeno cemitério, a cabana que se pode atravessar para pegar o caminho que leva à praia, e a mistura de areia e folhas que se junta na sarjeta. É tudo tão familiar. Familiar demais.

– Você não estava brincando! – viro-me para ele e olho para fora de novo, mas a sequência de capas de roupas de mergulho no jardim do outro lado da rua só confirma minhas suspeitas. – Você vai mesmo me deixar na casa da minha mãe? – pareço magoada; no fundo, estou magoada. Talvez ele também não consiga lidar com sua superproteção ridícula e tenha chegado à conclusão de que me deixando aos cuidados de meus pais durante a gravidez ele próprio se livrará de um infarto. Sem falar que essa providência também pode salvar nosso casamento, porque antevejo alguns meses de controle por parte dele e de rebeldia da minha parte, isso até eu estar gorda demais para me rebelar. Sim, porque vou ficar uma baleia. Imensa. Enorme. Gorda e grávida e nada *sexy*. Acho que vou chorar.

Sinto a mão dele deslizar pelo meu pescoço até segurar a minha nuca, virando meu rosto para ele.

– Não me ameace com a Cornualha – ele diz, sorrindo, e começo a chorar, como a mulher grávida e boba que sou, e com os hormônios descontrolados. Em meio às minhas lágrimas inexplicáveis, vejo o sorriso dele ser substituído por uma expressão de ansiedade. – Querida, estou brincando. Teriam de me cortar ao meio para tirar você de mim. Você sabe disso – ele me puxa para sentar em seu colo e eu me enfio na junção de seu pescoço com o ombro, soluçando feito idiota. Estou sendo totalmente irracional, sei que estou. Ele jamais me deixaria. O que há de errado comigo? – Ava, olhe para mim.

Fungo e levanto a cabeça com relutância, para que ele veja meu rosto molhado de lágrimas.

– Vou ficar tão gorda. Gigante! Gêmeos, Jesse! – meu convencimento adquirido no hospital ficou para trás. Todos os pensamentos de torturá-lo com bebês gritando e alterações de humor sumiram. Minha pele vai esticar até não poder mais, e só tenho vinte e seis anos. Não quero pelancas nem estrias. Nunca mais vou ficar bonita de renda. – Você não vai mais... – mal consigo pensar, que dirá verbalizar.

– ... te desejar – ele termina a frase para mim. Ele já sabe.

Concordo com a cabeça, sentindo-me culpada por ser tão egoísta, mas a forma como ele me olha quando está comigo nos braços, ou em qualquer momento em que olha para mim... na verdade, não sei o que farei se um dia não tiver mais esse olhar. Eu preciso dele. É parte importante do nosso relacionamento.

– Sim – tenho que ser honesta, é um dos meus medos, juntamente com vários outros que acompanham essa gravidez.

Ele sorri de leve e toca meu rosto, o polegar fazendo círculos delicados.

– Ava, isso jamais vai acontecer.

– Você não sabe disso. Você não sabe como vai se sentir quando eu estiver com os tornozelos inchados e andando como se tivesse um melão enfiado no meio das pernas.

Ele ri com vontade.

– É assim que vai ser?

– Provavelmente.

– Deixe-me dizer uma coisa, Ava. Eu desejo você mais a cada dia que passa, e acredito que você já vem carregando meus bebês há algumas semanas – ele acaricia meu ventre com a outra mão.

– É que ainda não engordei – resmungo.

– Você não vai engordar, Ava. Você está grávida, e deixe-me dizer uma coisa: a ideia de que você está mantendo uma parte de mim quentinha e a salvo dentro de você me faz delirantemente feliz, e... – ele ondula os quadris para cima, excitado – ... me faz te desejar muito mais. Agora, cale a boca e me beije, esposa.

Eu lhe dirijo um olhar cínico e ele me olha com expectativa, insinuando-se com os quadris mais uma vez. O toque me atinge em cheio, e praticamente mergulho nele. Decido aqui e agora que não vou deixar isso acontecer. Vou fazer aqueles exercícios para o assoalho pélvico até ficar roxa. Vou correr também, e vou usar renda quando estiver em trabalho de parto.

– Hmmm, essa é a minha garota – ele geme quando permito que ele respire. – Caramba, Ava, eu adoraria rasgar essa calcinha de renda e te comer agora mesmo, mas não quero plateia.

– Eu não estou nem aí – beijo-o outra vez, atacando a sua boca com a língua e puxando seus cabelos sem dó. Ele disse que quer me comer. Não importa onde estamos.

– Ava – ele luta comigo, rindo. – Pare ou não me responsabilizo pelos meus atos.

– Não vou te responsabilizar – não desisto e puxo sua camiseta, esfregando-me em sua ereção.

– Puta merda, Ava – ele grunhe.

Quase consigo o que quero, mas uma batidinha na janela do carro, ao lado da minha cabeça, faz que eu me afaste, sobressaltada, restando minha quase insaciável luxúria. Olhamos por alguns segundos, arfando, e lentamente viramos a cabeça ao mesmo tempo para a janela.

Do lado de fora, um policial com cara de poucos amigos. Jesse me tira do colo rapidamente e me acomoda em meu assento, onde ajeito meus cabelos e adquire todos os tons de vermelho possíveis. Jesse dá um sorrisinho atrevido, enquanto me observa tentando me recompor.

– Isso vai te dar uma lição – ele desce o vidro e dá atenção ao oficial. – Desculpe, ela está grávida. São os hormônios: não consegue tirar as mãos de mim – ele tenta conter o riso e eu, boquiaberta, dou-lhe um tapa na coxa. Ele ri e segura minha mão, apertando-a ligeiramente em seguida. – Viu só?

O policial tosse e também enrubesce.

– Sim... bem... ahh... local público – ele aponta as redondezas. – Sigam, por favor.

– Estamos de passagem – Jesse fecha a janela, bloqueando a fala gaguejada do policial corado, antes de virar seu rosto maroto para mim. Esse é o Jesse simpático. Ele não tem a menor vergonha, como em qualquer outra hora, mas é adorável e amável e atrevido. – Pronta?

– Achei que você ia me colocar dentro de um avião – adoro Newquay, e mal posso esperar para ver mamãe e papai, mas o que quero agora é ter Jesse só para mim.

– E vou, mas só depois de contarmos à minha adorável sogra que ela será avó – ele pula do carro e me deixa horrorizada e subitamente não mais tão disposta a ver minha mãe. Ela vai desmaiar. A porta ao meu lado se abre: – já para fora.

Fecho os olhos e busco em mim um pouco de paciência.

– Por que está fazendo isso comigo? – pergunto.

– Eles precisam saber – ele segura a minha mão e me tira do carro.

– Não, você mal pode esperar para contar para a minha mãe, que tem apenas quarenta e sete anos, que ela vai ser avó.

– De jeito nenhum – ele está na defensiva, mas conheço o jogo dele. Ele adora aborrecê-la. De mãos dadas comigo, conduz-me para a porta da casa dos meus pais, à beira do mar.

– Como você sabia para onde vir? – isso acaba de me ocorrer. Ele nunca esteve aqui. Ou já?

– Liguei e pedi o endereço, e acho que aquele é o carro do seu pai – ele aponta para o Mercedes. – Estou certo?

– Sim – resmungo; meus pais obviamente estão esperando por nós. Quando nos aproximamos da porta, Jesse ergue a minha mão, me dá um beijo doce e uma piscadela. Sorrio para o rebelde irritante, e então ele fecha um par de algemas em torno do meu punho e do dele.

– O que está fazendo? – puxo o punho de volta, mas é tarde demais. Ele tem experiência com algemas. – Jesse!

A porta da frente se abre e minha mãe aparece, adorável em seu jeans capri e um suéter creme.

– Minha menina está em casa!

– Oi, mamãe – Jesse cantarola, erguendo nossas mãos e acenando, sorridente. Sabia que ele ia fazer isso, e embora minha mãe tenha cambaleado para trás, em estado de choque, não consigo deixar de rir. Ele está todo brincalhão, e eu amo isso.

Ela fica sem ação e olha para fora, para verificar se ninguém nos viu, antes de agarrar Jesse e arrastá-lo para dentro.

– Tire já essas algemas da minha filha, seu peste!

Ele ri e as remove prontamente, o que devolve um sorriso ao rosto de Elizabeth.

– Feliz? – ele pergunta.

– Sim – ela lhe dá um tapinha no ombro e depois me abraça com força. – É tão bom ver você, querida. Preparei o quarto de hóspedes para vocês.

– Nós vamos ficar? – pergunto, aceitando o abraço.

– Vamos viajar amanhã de manhã – Jesse responde. – Achei por bem vir visitá-los, antes que sua mãe pense que estou te afastando dela.

Mamãe me solta e abraça Jesse.

– Obrigada por trazê-la para me ver – ela diz, apertando-o com força extra.

Eu sorrio ao vê-lo aceitar o abraço dela, revirando os olhos para mim. Isso tudo não é para ele. Sei que ele preferiria ter-me só para ele todos os dias, mas está fazendo um esforço e eu o amo mais ainda por isso.

– Aproveite, porque eu vou sequestrá-la pela manhã.

– Sim, eu sei – ela o solta. – Joseph! Eles chegaram! Vou preparar um chá. Nós a seguimos para a cozinha, e eu olho em volta, absorvendo a perfeição e a organização da casa de meus pais. Não cresci aqui, mas Elizabeth fez o possível e o impossível para criar uma réplica da minha casa da infância, chegando a derrubar uma parede para juntar a cozinha e a sala de jantar, criando um imenso aposento, uma sala da família.

Meu pai está sentado à mesa da cozinha, lendo o jornal.

– Oi, pai! – inclino-me sobre o seu ombro e dou-lhe um beijo na bochecha, e ele fica tenso como todas as vezes em que é exposto a demonstrações de afeto.

– Ava, como vai? – ele fecha o jornal e estende a mão para Jesse, que já está sentado confortavelmente na cadeira ao lado dele. – Ela está mantendo você na linha?

– Claro – Jesse olha para mim e eu faço um ruído de bochecho.

Depois de uma visita ao banheiro, sento-me à mesa com meu pai e meu marido e observo a conversa calma dos dois, enquanto mamãe prepara o chá, fazendo comentários aqui e ali. É uma visão maravilhosa, e se alguém me dissesse que isso aconteceria quando comecei a me envolver com o senhor do Solar, eu teria rido na cara da pessoa. Jamais sonharia com isso. Estou tão feliz.

– Pensei em jantarmos no Moinho esta noite – mamãe diz, colocando o bule de chá sobre a mesa. – Podemos ir a pé. Vai ser uma noite agradável.

Papai grunhe em concordância, sem dúvida ansioso por algumas doses.

– Parece um bom plano.

– Perfeito – Jesse pousa a mão sobre o meu joelho e aperta de leve.

Sim, perfeito.

Capítulo 22



— Mulheres primeiro – Jesse segura a porta aberta e mamãe e eu passamos por ela. – Joseph, por favor.

– Obrigado, Jesse – meu pai segue em frente, conduzindo-nos a uma mesa próxima à lareira, que está iluminada por várias velas em vez das toras em brasa, que são usadas no inverno, para garantir as chamas e o crepitar.

– Bebidas? – Jesse pergunta, puxando uma cadeira para mim, mas logo impede que eu me sente quando nota que o assento é de madeira e não há almofada. Deixando-me em pé, ele pega uma poltrona próxima, com espaldar alto, braços confortáveis, almofadada e forrada com veludo verde-real.

– Vou querer uma taça de vinho branco – mamãe se ajeita na cadeira e pega seus óculos de leitura para olhar o cardápio.

– Um *pint* de Carlsberg para mim, por favor – papai pede.

– E para a minha menina linda? – Jesse pergunta, acomodando-me no assento macio.

– Água, por favor – faço o pedido sem pensar, até minha mãe desviar os olhos do menu para mim.

– Não vai beber vinho? – ela se surpreende.

Fico sem jeito e sinto Jesse buscar uma posição ao empurrar a minha cadeira para mais perto da mesa.

– Não, nós vamos embora amanhã tão cedo – eu digo, despreocupada, pegando um cardápio. Subitamente, sou lembrada da razão pela qual estamos aqui, e não estou nem um pouco ansiosa por esse momento.

Mamãe ainda parece espantada, mas não insiste no assunto e passa a apontar os especiais do menu.

Sinto o hálito quente de Jesse ao meu ouvido. Estremeço, é claro, ainda bastante excitada desde o nosso amasso interrompido no Aston Martin.

– Eu amo você – ele beija a minha bochecha e eu acaricio seu rosto com a barba por fazer.

– Eu sei.

Ele nos deixa à mesa para ir fazer nosso pedido de bebidas e vejo que minha mãe lê todos os itens do cardápio para o meu pai, e depois começa a recitar os especiais que estão espalhados por quadros negros por todo o restaurante.

– Sabem de Dan? – pergunto.

– Sim, ele ligou hoje mesmo, querida – mamãe conta. – Disse que vocês almoçaram juntos

ontem. Que lindo. Eu disse que vocês viriam para cá antes de viajar, mas ele não sabia. Fiquei surpresa por Jesse não ter pensado em avisá-lo.

Isso não me surpreende nem um pouco, mas mamãe não tem ideia da animosidade entre os dois.

– Foi uma decisão de última hora – balanço a cabeça, desconversando –, Jesse deve ter esquecido. – Sinto um pouco de culpa; não me custava nada avisar Dan que eu ia sair de Londres por uns dias.

Sou salva do interrogatório quando uma bandeja é colocada sobre a mesa. Todos pegam seus drinques, e meus pais fazem ruídos de prazer à borda de seus copos de bebidas alcoólicas. Olho para o meu copo d'água com o mesmo entusiasmo que sinto, antes de olhar para a taça de vinho de minha mãe e suspirar.

– O que vão comer, então? – mamãe se interessa. – Acho que vou querer um prato de frutos do mar.

Inclino-me para o lado de Jesse, compartilhando o mesmo cardápio, com a mão no joelho dele. Ele a pega e beija sem cerimônia, sem tirar os olhos do menu.

– O que vai querer, Ava?

– Não tenho certeza.

– Vou pedir mexilhões ao alho – papai declara, apontando para um dos quadros que detalham uma seleção de pratos de frutos do mar de dar água na boca. – Delicioso – ele estala os lábios e bebe um gole generoso de seu *pint*.

Estou indecisa. Frutos do mar são obrigatórios, especialmente estando tão perto do oceano, mas o que vou comer? O prato de frutos do mar, cheio de mariscos, mexilhões, siri e camarões grandes ou os mexilhões regados a manteiga com alho, acompanhados de pão saído do forno. Meu estômago ronca, exigindo que eu o encha.

– Não consigo decidir.

– Diga-me entre quais opções está indecisa e eu ajudo você – ele olha para mim e aguarda que eu exponha meu caso.

– Mexilhões ou o prato de frutos do mar – pondero.

Os olhos dele se arregalam.

– Nenhum dos dois! – ele brada, chamando a atenção dos meus pais, que param com seus copos a caminho da boca.

– Por quê? – viro-me e olho confusa para ele, mas logo percebo o motivo: ele leu algo naquele maldito livro.

– Ah, qual é, Jesse!

Ele balança a cabeça.

– De jeito nenhum, Ava. Sem chance. Tem um tipo de mercúrio em peixes e frutos do mar que pode causar problemas ao sistema nervoso do bebê. Nem tente me contrariar nessa questão.

– Você não vai me deixar comer nada? – minhas sobrancelhas estão grudadas uma na outra. Amo frutos do mar.

– Claro! Frango. Um filé... Ambos são ricos em proteínas e isso é bom para os bebês.

Solto um ruído de protesto e pego minha água com violência. Vou perder a cabeça. Estarei tomando Prozac quando esses bebês nascerem.

Estou tão ocupada me lamentando que demoro algum tempo para registrar os olhares

atônitos dos meus pais do outro lado da mesa.

Merda!

– Com estilo, Ava – Jesse murmura, colocando o menu sobre a mesa. Eu olho para ele, incrédula. Eu?

– Você está grávida? – mamãe dispara, registrando a informação.

– Ava? – papai pressiona quando eu mantenho o foco em Jesse, que mantém o foco no cardápio que acaba de pôr sobre a mesa.

Respiro fundo, ganho confiança e vou em frente. Não há mais como escapar dessa, não que eu esperasse que Jesse me deixaria sair de Newquay sem contar a eles.

– Surpresa! – eu sussurro, covarde.

– Mas você se casou há cinco minutos! – mamãe soluça. – Cinco minutos!

Observo papai pousar a mão no braço dela, para confortá-la, mas isso não a impedirá de continuar. Sinto um sermão a caminho e, no caso, um contra-ataque de Jesse. Não consigo imaginar meu marido aceitando bem um discurso crítico de minha mãe. Ela tem razão, no entanto; estamos casados há poucas semanas. Não são cinco minutos, mas é como se fossem. E nem vou dizer com quantas semanas estou de gestação. Ela vai fazer os cálculos rapidamente e ver que engravidei logo depois de conhecer Jesse. Já foi difícil para ela aceitar o fato de que o conheci e me casei tão depressa, ainda que ele tenha “delicadamente” ganhado a aprovação dos dois à força.

Permaneço quieta, assim como Jesse e meu pai, mas não minha mãe. Ah, não, ela mal começou. Posso dizer isso pela forma como ela aperta os dedos em torno da taça e pelo modo como se respira profundamente.

E logo eu fico realmente preocupada quando ela arregala os olhos e se vira para Jesse.

– Foi um casamento às pressas, não foi? Você se casou com ela porque precisava!

– Obrigada! – dou risada, pensando em quanto é obsceno para ela dizer esse tipo de coisa. Ela não está pensando direito, e agora está dizendo barbaridades. Mesmo tendo passado pouco tempo conosco, ela viu como são nossos sentimentos um pelo outro.

– Elizabeth – Jesse senta-se na ponta da cadeira, com o maxilar apertado, e temo pelo pior. – Você sabe que não é esse o caso – ele parece calmo, mas detecto a irritação em sua voz e não posso culpá-lo. Ele está ofendido e eu também.

Mamãe bufa e papai intervém, antes que ela possa responder.

– Então vocês não sabiam na época do casamento?

– Não – respondo rápido, pegando meu copo com as duas mãos para impedir que meus reflexos naturais me entreguem. Sim, nós sabíamos muito bem, mas eu estava negando o fato.

– Entendo – papai suspira.

– Não acredito – mamãe choraminga. – Uma noiva grávida sugere apenas uma coisa.

– Então não conte a ninguém, oras! – eu vocifero, sentindo-me irritadíssima com minha mãe e sua reação. Não posso culpá-la. É uma notícia chocante, mais ainda do que ela pensa, mas insinuar que corri até o altar por causa disso é um comentário que me deixa louca de raiva; então, posso imaginar como Jesse deve estar se sentindo. Sua postura tensa é uma boa pista, mas quando ele pega a minha mão esquerda e começa a brincar com a aliança no meu dedo, sei que minha mãe vai ser pisoteada.

Ele se inclina à frente e eu fecho os olhos.

– Elizabeth, não sou um moleque de dezoito anos, que foi forçado a fazer a coisa certa depois de um casinho com uma moça. – Ele não está rosnando para a minha mãe, mas quando abro os olhos para ter uma ideia do que exatamente está acontecendo, percebo que ele luta para não dar um sorriso sardônico. – Tenho trinta e oito anos. Ava é minha esposa e não vou deixar que ela se irrite ou fique triste; então, você pode aceitar a situação e nos dar a sua bênção ou pode continuar assim e eu levo a minha garota para casa agora – ele diz, ainda está girando a aliança no meu dedo e, ainda que tenha posto minha melodramática mãe em seu lugar, de forma drástica, eu poderia beijá-lo, e também dar-lhe um tapa. Ele não me quer irritada? Vindo dele, isso é hilário.

– Vamos nos acalmar, está bem? – papai diz, todo calmo e suave, sempre o mediador. Ele não só evita demonstrações de afeto como não é nem um pouco dado a confrontos. Noto que ele olha para ela, advertindo-a silenciosamente, algo raro para o meu pai e dirigido para a própria esposa apenas quando ele considera absolutamente necessário. E é definitivamente necessário agora, porque, se Elizabeth não se cuidar, Jesse vai passar por cima dela, e não será nem um pouco delicado. Ele tem sido anormalmente tolerante até agora, mas, até aí, mamãe também tem sido bastante tolerante com meu homem temperamental.

– Ava – papai sorri do outro lado da mesa, ainda com a mão no braço de mamãe, uma mensagem sutil para que ela mantenha a boca fechada. – O que você acha disso tudo?

– Está tudo bem – respondo rápido, sentindo Jesse apertar a minha mão. Eu preciso encontrar uma palavra que substitua “bem”. – Perfeito, eu não poderia estar mais feliz – retribuo o sorriso de papai.

– Então está tudo bem. Eles estão casados, financeiramente estáveis... – ele ri, e até soa engraçado dizer que Jesse tem uma situação financeira estável – ... e são adultos, Elizabeth. Pelo amor de Deus, tenha paciência. Você vai ser avó.

Estou muito envergonhada. Pelo que foi dito até agora, qualquer um pensaria que somos um casal de adolescentes. Meu sorriso para Jesse é um pedido de desculpas, e ele balança a cabeça, frustrado.

– Eu não vou ser avó! – mamãe engasga. – Só tenho quarenta e sete anos! A não ser que ele me chame de nana – ela fica pensativa.

– Você pode ser a porra que quiser, Elizabeth – Jesse pega o cardápio outra vez, claramente lutando para encerrar a discussão, mas posso ver que ele está louco para continuar.

– E você pare de dizer palavrões, Jesse Ward! – ela estica o corpo, batendo de leve no menu que ele segura, mas ele não se desculpa. – Espere aí! – ela grita.

– O que foi? – papai pergunta.

Os olhos de minha mãe passam de mim para Jesse, indo e voltando várias vezes, antes de pararem nele, que tem as sobrancelhas erguidas, aguardando que ela nos esclareça.

– Você disse “bebês”, no plural. Você disse “nossos bebês”.

– Gêmeos – Jesse abre um sorriso enorme, e toda a irritação e vontade de brigar desaparecem em um segundo. Ele acaricia meu ventre de leve: – Dois bebês, dois netos.

– Que maravilha! – papai ri. – Essa é mesmo uma notícia especial. Parabéns! – seu peito infla ligeiramente de orgulho, o que me faz sorrir.

– Gêmeos? – mamãe se intromete. – Oh, Ava, querida! Você vai ficar tão exausta. O que você...

– Não, ela não vai – Jesse a interrompe, antes que ela se enfie em um buraco para que ele passe por cima. – Ela tem a mim. Ponto-final.

Mamãe se encosta na cadeira e cala a matraca, e eu me derreto em um suspiro. Sim, eu o tenho.

– E você tem a nós, querida – mamãe diz baixinho. – Desculpe, foi um choque, só isso – ela estende a mão para mim e eu a aceito. – Você sempre terá a nós.

Dou um sorriso, mas me dou conta na mesma hora de que não os tenho, na verdade. Eles moram tão longe de Londres, e com a família de Jesse fora da jogada, não haverá como ligar para os avós para que me deem o alívio de uma horinha de descanso. Não haverá visitas à vovó para um chá e um papinho e para que ela veja os netos. Sinto Jesse apertar a minha mão, tirando-me dos pensamentos indesejados e inesperados. Olho para ele, que retribui meu olhar.

– Você tem a mim – ele reafirma, como se tivesse lido minha mente. E provavelmente leu.

Concordo, tentando convencer a mim mesma de que ele é tudo de que eu preciso; mas com dois bebês para cuidar e Jesse no Solar, posso antever a solidão, um lugar onde interação com adultos é limitada, porque, para ser honesta, sair para a rua com duas crianças vai ser difícil, e contar com a visita dos amigos será meu único recurso.

– Já decidiram?

Olho para cima e vejo uma garçonete armada com um bloco e uma caneta, pronta para anotar nossos pedidos. Ela sorri amplamente, e sorri para Jesse.

– Eu quero o filé, por favor – digo, e minha mão pousa instintivamente no joelho dele, indicando o início de minha sessão de pisoteio. Ela não faz a menor menção de anotar e não pergunta como eu quero a minha carne; fica ali, parada, com olhos sonhadores, olhando com gula para o meu deus. – Eu quero o filé – repito, sem o “por favor” – ao ponto.

– Perdão? – ela tira os olhos de Jesse, que esconde um sorrisinho enquanto finge ler o menu.

– O filé. Ao ponto. Quer que eu anote para você? – pergunto, seca, ouvindo Jesse rir baixinho.

– Ah, claro – a caneta entra em ação. – E para vocês? – ela pergunta, olhando para os meus pais.

– Mexilhões para mim – papai grunhe.

– E o prato de frutos do mar para mim – mamãe cantarola. – E outra taça de vinho – ela ergue a taça vazia.

A garçonete anota tudo, antes de se virar de novo para Jesse. Ela sorri outra vez.

– E para o senhor?

– O que você me recomenda? – ele a faz dar alguns passos para trás quando a bombardeia com aquele sorriso reservado para as mulheres.

Reviro os olhos e lhe assisto ajeitar o rabo de cavalo e corar profusamente.

– O cordeiro é bom.

– Ele vai querer o mesmo que eu – recolho os menus e os entrego a ela, sorrindo com doçura. – Ao ponto.

Ela olha para Jesse, buscando confirmação.

– A esposa falou e disse – ele passa o braço pelos meus ombros, mas mantendo os olhos na garçonete. – Faça o que me mandam; então, acho que vou comer filé.

Eu bufo, debochando dele, e meus pais riem, enquanto a garçonete suspira para o bloquinho,

certamente desejando ter um deus como o meu, que fizesse o que ela mandasse. Que piada. Ela se afasta, enfiando a caneta e o bloco no bolso do avental.

– Você é impossível – digo em voz baixa, e meus pais ainda riem e observam Jesse me beijar o pescoço. – Desde quando você faz o que eu digo?

– Ava, isso foi muito rude – mamãe censura. – Jesse pode escolher sozinho o que comer.

– Está tudo bem, Elizabeth – ele continua me beijando o pescoço. – Ela sabe do que eu gosto.

– Você gosta de ser impossível – eu provoco, passando o rosto no dele.

– Adoro ver você em cenas de ciúme – ele sussurra ao meu ouvido. – Poderia te jogar sobre essa mesa e te foder com força.

Não tenho a menor reação externa às suas palavras explícitas, ditas sem a menor consideração por meus pais; elas foram ditas, evidentemente, apenas para os meus ouvidos.

– Para de dizer a palavra foder, a não ser que tenha a intenção de me foder mesmo – digo com a boca colada no ouvido dele.

– Olha a boca.

– Não.

– Safada – ele ri e morde o meu pescoço.

– Vamos erguer um brinde! – a voz alegre de papai nos tira de nosso momento íntimo. – Aos gêmeos!

– Aos gêmeos! – mamãe brada, e todos brindamos ao fato de que vou ficar enorme de gorda.

Saboreio meu filé, mas meu olhar não desgruda do prato de meus pais, com a deliciosa seleção de frutos do mar que estão saboreando. Depois que Jesse paga a conta, caminhamos sem pressa para casa, e mamãe apresenta todas as belas vistas a Jesse, enquanto conversamos. Quando chegamos, papai senta-se em seu lugar favorito, perto da janela, armado do controle remoto, e mamãe coloca a chaleira no fogo.

– Um chá antes de dormir? – ela oferece.

Jesse olha para mim e vê que estou bocejando.

– Não, vou levar Ava para a cama. Vamos, querida – ele vem até mim e põe as mãos sobre meus ombros, conduzindo-me para fora da cozinha, e não faço a menor objeção. – Diga boa noite à sua mãe.

– Boa noite, mãe.

– Sim, vão para a cama. O dia começa cedo para vocês amanhã – ela diz, acendendo o fogo sob a chaleira.

– Diga boa noite ao seu pai – Jesse me instrui, quando passamos pela sala.

– Boa noite, pai.

– Boa noite para vocês dois – papai nem sequer tira os olhos da televisão.

Jesse me leva escada acima e me guia até o final do corredor, até chegarmos ao quarto de hóspedes, onde ele começa a me despir.

– Foi uma noite gostosa – penso alto, enquanto ele tira meu vestido.

– Foi sim, mas sua mãe ainda é um pé no saco – Jesse responde, seco. – Dê-me seu punho.

Levanto o braço para ele e o deixo tirar meu Rolex e colocar sobre a mesinha de cabeceira.

– Você a espezinhou de novo – estou sorrindo.
Ele começa a desamarrar minha echarpe de renda creme.
– Uma hora ela aprende – ele tira a echarpe, revelando o diamante; então, sorri e o ajeita. – Está ansiosa por alguns dias de contato constante?

– Mal posso esperar – respondo sem hesitar, começando a desabotoar sua camisa. É verdade. Essa noite foi deliciosa, mas só vou estar no Sétimo Céu de Jesse quando não houver ninguém por perto. Tirando a camisa dos ombros dele, digo num suspiro: – Você é perfeito demais – e beijo o seu peito, deixando os lábios ali por um momento.

– Eu sei – ele concorda, sem humor ou sarcasmo, e sabe mesmo, o babaca arrogante.
Deixo a camisa cair no chão e desabotoo a calça dele, enfiando as mãos na parte de trás, acariciando a firmeza de seu traseiro.

– Eu amo isso aqui – cravo as unhas na carne macia.
– Eu sei – ele concorda de novo, fazendo-me sorrir. Quando alcanço as suas coxas, volto com as mãos para a frente e, com uma delas, seguro seu pênis sem apertar. Ele está excitado, como eu sabia que estaria.

– E você sabe quanto eu amo isto aqui?
Ele inspira rápida e profundamente, afastando os quadris de mim, mas mantenho a mão onde está.

– Ava, querida, não há a menor chance de nós fazermos sexo sob o teto da sua mãe.
– Por quê? – faço um bico, manhosa. – Posso ficar quietinha – estou entrando no modo sedutora.

Ele me olha em dúvida, e com razão, pois não posso garantir isso.
– Acho que você não consegue.

Ajoelho-me e desamarro seus sapatos, e ele levanta um pé de cada vez para que eu os descalce e tire as meias. Em seguida, seguro no cós de sua calça e a desço lentamente por suas pernas.

– Acho que você se surpreenderia com o que sou capaz de fazer. Levante – eu dou uma batidinha em seu tornozelo.

– Você quer dizer que eu ficaria surpreso com o que *eu* posso conseguir que você faça – ele levanta os pés para eu tirar a sua calça e a cueca. – E nunca me surpreendo. É o efeito que tenho sobre você.

Claro, ele é muito convencido, mas tem cem por cento de razão. Não que eu vá dizer isso a ele; aliás, nem preciso: é fato. Em vez de massagear seu ego inflado, abaixo-me e beijo o peito do pé dele, antes de levar meus lábios para o tornozelo, lambendo e beijando suas pernas enquanto subo. Levo todo o tempo do mundo passando as mãos por suas coxas, sentindo-o com a boca, que toca cada centímetro de pele exposta, mas logo me vejo beijando seu pescoço, apesar de estar determinada a ir devagar.

Sinto o cheiro dele e fico na ponta dos pés para alcançar seu queixo, que está mais alto que o normal, porque ele está olhando para o teto. Não o alcanço.

– O que houve?
– Estou tentando me controlar – sua voz é extremamente rouca.
– Não quero que se controle.
– Não diga isso, Ava – ele me adverte.

– Não quero que se controle – repito, com a voz grave e rouca, mordendo o pescoço dele.

Tudo acontece muito rápido. Ele passa o braço pela minha cintura e me empurra contra a parede mais próxima, com um rosnado. Estou em êxtase, tentando parecer calma, mas tenho os lábios entreabertos e a respiração entrecortada.

– Você está fazendo barulho – ele observa, em voz baixa, segurando um lado do meu rosto e com a boca na minha orelha. Fecho a boca e os olhos e apoio a cabeça na parede. Preciso me concentrar, porque ele não vai facilitar as coisas para mim, ainda que não me tome com força. – Agora, escute bem – ele desabotoa meu sutiã com uma das mãos, mas sem tirar a outra do meu rosto nem a boca da minha orelha: – seus pais parecem gostar de mim; não estrague tudo.

Oh, meu bom Deus, minha autoconfiança diminui a cada segundo. Por que ele não reservou um hotel, droga. Mordo o lábio com força, determinada a ficar quieta, enquanto ele tira meu sutiã, joga-o no chão, e se abaixa, tomando um de meus mamilos na boca e sugando-o suavemente, até que fique sensível e duro. Bato com a cabeça na parede, meu rosto se contorce e tento com todas as minhas forças reprimir um gemido de prazer.

Eu falho.

– Ohhhh, meu Deus! – gemo, batendo a cabeça na parede outra vez.

– Jesus! – ele tampa a minha boca imediatamente. – Você não consegue se controlar, não é? Balanço a cabeça, concordando com ele descaradamente.

– Não.

– O que só confirma o que nós dois sabemos, não é? – ele me ataca com os quadris, forçando-me a ficar na ponta dos pés para tentar escapar do roçar dos nossos corpos, que vai me fazer perder ainda mais o controle.

Eu falho outra vez.

– Sim – digo, ofegante, descontrolada e agarrada aos seus ombros nus.

– E o que é que nós dois sabemos, Ava? – ele morde meu lábio e o mantém preso, enquanto espera que eu dê a resposta.

– Que você tem o controle – confirmo, baixinho. Os olhos dele brilham em aprovação e faço menção de tocá-lo, mas ele se afasta com uma negativa.

– Acho que acabamos de estabelecer quem tem o controle – ele empurra a minha mão –, e preciso salvaguardar meu status favorável com seus pais; então, você vai ficar quieta – ele me encara, obviamente aguardando uma confirmação de que entendi a situação. Na verdade, eu entendo, mas não sei se vou conseguir ficar quieta. – Você vai conseguir ficar quieta, Ava?

– Sim – minto. Fui encurralada por ele, e não vou dizer que não, pois isso significa que ele vai me cobrir e que vamos dormir de conchinha. A gravidez está me pegando de jeito. Estou mais desesperada do que nunca, se é que é possível.

Ele pisca devagar e um sorriso quase indecifrável passa pelo seu rosto, enquanto estica o braço e afasta uma mecha de cabelo do meu rosto.

– Parece que temos um problema – ele sussurra –, não se mexa. – Ele se afasta de mim e tenho vontade de gritar, mas ele apenas pega alguma coisa e logo volta para mim, escondendo o que quer que seja atrás de si.

Estou me contorcendo e pensando o que, diabos, ele está escondendo, mas não sofro por muito tempo. Logo vejo minha echarpe de renda enrolada em seus punhos e bem esticada e apertado os dentes e uma coxa na outra, retesando todos os meus músculos na expectativa do que

ele fará com a echarpe. Certamente, não a usará para me vender.

– Acho que podemos chamar essa aqui de transa silenciosa – ele coloca a echarpe diante da minha boca e a desliza entre meus lábios. – Mantenha a língua relaxada – ele me instrui, suave, amarrando-a na minha nuca, firmemente, mas não muito apertada. – Se tiver vontade de gritar, morda-a. Entendeu?

Balanço a cabeça para confirmar, e meus olhos o seguem quando ele se inclina e tira a minha calcinha. Tanto faz eu não conseguir falar, porque não saberia o que dizer, minha mente está em branco. Não consigo pensar em nada. Meus únicos pensamentos são de expectativa. Talvez uma pequena parte de meu cérebro se pergunte se ele já amordaçou alguém antes e ao mesmo tempo responda que sim, que é possível; aliás, que é bem provável. Não que eu goste disso, mas meu estado submisso me impede de pensar mais no assunto. Isso e a língua quente dele subindo pela parte interna da minha perna. Não quero gritar, mas mordo a echarpe mesmo assim, fechando os olhos e sentindo o coração bater num ritmo constante em meu peito. Sinto-me surpreendentemente calma.

Ele respira pesadamente ao meu ouvido, de propósito, enquanto entrelaça os dedos com os meus e empurra as minhas mãos para cima, antes de beijar a pele sensível da parte de dentro do meu braço, delicadamente e de modo dolorosamente lento. Só temo que meu único grito seja de impaciência, pois ele vai levar todo o tempo do mundo comigo.

– Acho que vamos fazer isso deitados – sua voz grave e decidida me faz implorar por controle, mas ele abaixa nossas mãos, ainda com os dedos entrelaçados, e começa a caminhar de costas, encorajando-me a ir com ele. Não que eu precise de algum incentivo, pois o seguirei para onde quer que vá, seja para a cama ou para o fim do mundo.

Ele me pega no colo e ajoelha-se sobre a cama pequena comigo nos braços, depois rasteja sobre ela e me deita cuidadosamente. Beija-me na ponta do nariz, afasta os cabelos que caíram no meu rosto e me vira ligeiramente para o lado, levantando e dobrando uma das minhas pernas para se sentar de pernas abertas sobre a minha outra. Ele chega para a frente, segurando-se com uma das mãos e mantendo a minha perna erguida com a outra, olhando bem o que faz e chegando mais perto, até seu pênis tocar a entrada da minha vagina. Eu gritaria se conseguisse, mas prefiro esticar os braços e agarrar a cabeceira. Arqueio as costas, ainda que ele esteja imóvel ali. É torturante.

– Ava – ele beija meu pé –, nada é melhor que isso. – Ele me penetra lentamente, deixando a cabeça pender para trás, e tenho que olhar. Em êxtase total, supero a necessidade de fechar os olhos para poder olhar o rosto dele. Sua mandíbula está tensa. Uma mão aperta mais o meu tornozelo, enquanto a outra agarra a minha cintura e seu tórax se tonifica, deixando as linhas de seus músculos definidas e salientes. Quero senti-lo, mas estou imobilizada pelo prazer, que me torna incapaz de qualquer movimento. Ele está certo. Nada é melhor que isso. É agonizantemente bom e estou paralisada, completamente cativa. Incrivelmente apaixonada por ele.

– Está gostando do que vê? – ele pergunta, enquanto recua devagar. Estou tão hipnotizada pelos movimentos dos seus músculos que só agora noto que ele abaixou a cabeça e está me estudando. Ele me amordaça, me leva a um prazer inominável, e agora espera o impossível. Quer que eu responda? Eu não deveria ter de fazer isso, ele conhece muito bem a resposta, mas, mesmo assim, mexo a cabeça, confirmando. Ele não sorri nem demonstra qualquer sinal de aprovação, mas apenas me penetra mais profundamente, como recompensa pelo meu silêncio. –

Também gosto do que vejo – ele diz e me abençoa com uma ondulação precisa de quadris. Posso não conseguir gritar de prazer, mas posso gemer, e é o que faço.

Ele se retira lentamente e volta com tudo para dentro de mim. Está criando um ritmo constante. É controlado, exato e poderoso, mas sem a força da qual sei que é capaz. Ele está determinado a me convencer de que a força é desnecessária, a força que eu acho que preciso e que não sei se precisaria ser gerada se eu não estivesse grávida. Ele está cuidando de mim. Está me cobrindo de amor. Posso viver com isso por mais alguns meses.

Gemo outra vez e ele se esfrega em mim. Quando sinto seus dentes no meu tornozelo, minha cabeça pende com o arquejar das minhas costas e sou invadida por um formigamento que alfineta a minha pele, mas me atinge muito mais intensamente entre as pernas.

– Ela está perdendo o controle – ele diz, sem fôlego, trazendo-me mais para cima, em seus joelhos, e levando meu corpo consigo. Começo a balançar a cabeça e me agarro com mais força à cabeceira, girando o corpo para tentar me deitar de costas. É uma tentativa em vão. Jamais poderia vencê-lo na força física. Ele segura meus quadris firmemente, mantendo-me onde quer. – Não lute contra mim, Ava – ele me adverte enquanto me ataca com cuidado e firmeza. Não estamos nem perto da força que ele é capaz de usar, mas, mesmo assim, é muito bom. Não preciso de força. Eu o desejo. Há uma diferença grande, mas minha necessidade insaciável já foi atendida tão prontamente que agora é superada.

Ele me penetra outra vez, com decisão, e contendo um ruído de prazer. Tento me virar novamente, mas é inútil. Jamais vou vencê-lo, vou apenas me cansar, e quero guardar minha energia para o orgasmo que se aproxima. Mordo a echarpe e dou um grito abafado.

– Estou deixando você louca, Ava? – ele pergunta, claramente convencido, ao retomar um ritmo suave e estável.

Não olho para ele. Fecho os olhos e me concentro na pulsação em meu sexo, antes que ele me peça para fazê-lo. Está me castigando, e mesmo que o ritmo seja mais lento e quase sem esforço, é muito profundo, extremamente prazeroso e vai me fazer explodir da mesma forma.

– Você está indo bem, Ava – ele entra, se esfrega e sai. – Minha sedutora está ficando mais forte – novamente, entra, se esfrega e sai.

Choramingo, apertando mais as mãos na cabeceira. O fluxo do corpo dele no meu é inconcebivelmente bom. Bom demais. Meu Deus! Tento gritar o nome dele, mas tudo o que consigo proferir é um uivo abafado e inaudível.

– Ava! – ele sussurra alto. – Cale a boca! – e com esse comando grosseiro vem um golpe menos controlado de seus quadris, que arranca de mim outro grito indecifrável. O prazer só aumenta quando ele morde a minha perna e depois circula meu clitóris com o polegar. É o que basta. Engulo em seco. Meu corpo se arqueia e se enrijece, enquanto cada um de meus músculos entra em espasmos e eu mordo a echarpe com toda a força. Se conseguisse falar, estaria gritando palavras aos quatro ventos; então, é bom mesmo que não consiga. Estou tremendo e gemendo, e Jesse continua se enterrando em mim, ainda duro e ainda mordendo meu tornozelo. Estou nas nuvens de prazer, e ele persiste.

Fico imensamente agradecida quando solta a minha perna e me permite virar e deitar de costas. Estou destruída, mas ainda contraindo os músculos em torno dele, que continua enterrado em mim e colocando as minhas pernas de um jeito que possa se aninhar entre elas.

– Bom? – ele pergunta, as sobranceiras erguidas de maneira confiante. Ele me olha de cima

e eu confirmo, fechando os olhos, mesmo estando desesperada para manter o olhar fixo em seu rosto lindo e suado. Também quero tocar seus cabelos e puxá-los, mas meus braços estão colados à cabeceira. – Você jamais vai ter ideia da satisfação que sinto ao ver você se desfazendo ao meu toque – ele sussurra e eu abro os olhos brevemente, vendo-o apoiar-se nos braços. Ele não tenta causar fricção. Parece satisfeito em apenas pairar sobre mim. Após algum tempo de imobilidade, mas ainda pulsando dentro de mim, força-me a abrir os olhos e o vejo olhando fixamente para mim, esperando pelos meus olhos. – Ela voltou.

Sim, ela voltou. Eu voltei e ainda estou vibrando em torno de seu mastro latejante. Tento dizer algo, mas minha mente exausta havia se esquecido de que estou amordaçada. Tão logo percebo minha limitação, convenço meus braços a se levantar e seguro seu rosto com as duas mãos. Ele está com uma barba de dois dias por fazer que eu amo.

Ele vira o rosto e beija a palma da minha mão, antes de se apoiar nos cotovelos e enfiar os dedos por baixo da echarpe, puxando-a para o meu queixo, até que ela cai no meu pescoço. Posso falar, mas, por mais estranho que seja, não quero dizer nada nesse momento. Estou segurando o rosto de Jesse, desfrutando da felicidade que brota de seus lindos olhos verdes, e isso me basta.

– Quero te beijar – ele declara, mas a frase é doce, anos-luz distante do seu usual comando “beije-me”. É por isso que eu estou com as sobrancelhas unidas, confusa, enquanto ele tem os olhos brilhantes, divertidos.

– Quer?

– Hmm – ele passa o polegar pelo meu lábio inferior e me estuda com atenção. – Quero muito.

– Pode me beijar – ser amordaçada ressecou minha garganta, tornando minha voz rouca e grave.

Seu dedo alcança o canto da minha boca e volta, acariciando meus lábios.

– Não estou pedindo permissão – seus olhos se fecham e voltam a se abrir, fixando-se diretamente nos meus –; estou só pensando alto.

– Por que não para de pensar e parte para a ação? – ergo os quadris, sinalizando que me beijar não é a única coisa que quero que faça. Buscando o próprio prazer, Jesse me faz relaxar. Ainda estou vibrando, sentindo sua ereção presa dentro de mim.

– Está fazendo exigências, sra. Ward?

– Está se negando a atendê-las, sr. Ward?

– Não, mas você sabe...

– Eu sei quem tem o controle – interrompo, e ele me dá aquele sorriso atrevido, enquanto mergulha lentamente, seus lábios encontrando os meus, e ele toma o que estou tão disposta a dar.

– Nunca provei nada tão bom – ele faz movimentos com os quadris, varrendo meu sexo e o que ainda existe do meu orgasmo.

– Nem mesmo uma bomba de chocolate à la Ava? – pergunto, com a boca colada na dele, carnuda e úmida.

– Nem mesmo uma bomba de chocolate à la Ava – ele confirma, mordendo a minha orelha. – Nem mesmo manteiga de amendoim – murmura, pegando a minha perna e colocando o braço por baixo do meu joelho. Ele puxa minha perna para cima e planta o punho fechado na cama, de modo que ela fique dobrada sobre o braço dele. – Somente a Ava – ele suga o lóbulo da

minha orelha. – Pura – ele morde. – Nua – e arrasta os dentes pela carne macia. Estremeço, enquanto ele passa o rosto pelo meu e termina mergulhando a língua na minha boca. – E crua – termina em um sussurro. – Somente a Ava, pura, nua e crua. E eu a tenho por três dias inteiros... toda... para... mim.

Dou um sorriso no meio do beijo e não resisto a um puxão nos seus cabelos. Ele geme e me apresenta com aqueles quadris deliciosos e maravilhosamente talentosos. Mergulhos profundos e firmes. Um ir e vir fácil. Eu suspiro e ele faz ruídos guturais na garganta, mas não estou interessada em gozar outra vez. Poderia, mas não quero. Quero me concentrar nele, de modo que acompanho as rotações que faz com os quadris, garantindo contato e prazer perfeitos só para si.

Quando sinto seus músculos retesando em torno do meu corpo, sei que está próximo do clímax; então, torno meu beijo mais sensual, puxo mais os cabelos dele e gemo. Ele está em chamas, e quando se retira mais uma vez, sei que busca meus olhos. Minhas mãos deslizam para o pescoço dele. O latejar de suas veias combina com sua respiração pesada. Nossos olhos se cruzam. Os dele, cheios de fome; os meus, de entrega.

– Meu coração está batendo tão forte – ele murmura, invadindo-me uma última vez com força e precisão e mantendo-se ali, respirando profundamente e começando a tremer. – Caramba, como isso é bom.

Não gozo com ele, mas isso não me impede de gemer baixinho e de respirar fundo também, apertando as pernas em sua cintura e os braços em torno dos seus ombros, puxando-o para mim. Eu o beijo com tudo o que tenho, atacando sua boca com determinação, trazendo-o de volta dos tremores e espasmos.

– Bom? – pergunto, entre beijos.

Ele responde mordendo minha língua de leve.

– Não faça perguntas idiotas, porra – ele me adverte, muito sério, deitando-se e erguendo o braço para que eu me aninhe no meu lugar favorito. Começo a acariciar sua cicatriz com as pontas dos dedos e ele me abraça e cheira meus cabelos. – Você está bem?

– Não faça perguntas idiotas, porra – esfrego o corpo no dele.

– Ava, um dia eu vou enfiar uma barra de sabão na sua boca.

Aposto que ele faria isso.

– A que hora vamos embora?

– Lá pelas sete. Saímos de Heathrow ao meio-dia.

– Heathrow. Temos de ir até Londres outra vez? – ele está brincando comigo?

– Sim, foi o único aeroporto com voos disponíveis de última hora.

Torço o nariz, encostada no peito dele, mas seu tom era de fim de papo. De qualquer forma, não adianta reclamar, porque não vai me levar a lugar nenhum, não só apenas pelo adiantado da hora, mas pela indisponibilidade.

– Você podia ter conseguido algo em Bristol, pelo menos – insisto em reclamar mesmo sabendo que não adianta.

– Fique quieta, vamos falar dos planos para o fim de semana.

– Você fez planos?

– Sim, envolvem muita renda e pele à mostra – ele beija a minha cabeça e eu esqueço totalmente o mau humor.

Somente Jesse, eu e muita pele à mostra, depois de toda a renda ter sido despida... devagar. Dou um sorriso, ajeito-me sobre ele e deixo minha mente divagar para tudo o que se relaciona a Jesse.

Capítulo 23



— Pegou tudo? – mamãe ainda está de roupão, andando para lá e para cá na frente de casa.

– Sim – respondo com um suspiro exasperado, pela décima vez.

– Oh, foi tão rapidinho, mas fico feliz que tenham vindo nos ver – ela aperta minhas bochechas e me beija. Não posso levar os créditos por isso; se não fosse por Jesse, só Deus sabe por quanto tempo eu protelaria essa viagem. – Você precisa se cuidar – ela acrescenta.

– Foi muito bom ver vocês – digo, revirando os olhos e dando-lhe um abraço.

– Está insinuando que não sei cuidar da minha esposa? – Jesse pergunta, sério, enquanto fecha o porta-malas do carro.

– Não, eu estava dizendo para *ela* se cuidar – mamãe faz uma careta para Jesse. – Eu jamais insinuaria que você não sabe cuidar da *minha* filha – ela o cutuca, mostrando a compulsão das mulheres O'Shea por zombar de Jesse Ward.

Jesse vem até ela, enquanto meu pai fica cobiçando o DBS.

– Ela não precisa se cuidar porque eu faço isso por ela – ele diz e me tira do abraço de minha mãe, reivindicando-me para si. – Minha – ele sorri e me aperta para reforçar sua afirmação.

– Peste – mamãe bufa, tentando não sorrir. – Joseph, não comece a ter ideias.

Todos se viram para ver papai passando a mão pelo capô do Aston Martin. E se eu estivesse perto o suficiente, tenho certeza de que ouviria um suspiro.

– Estou só admirando – ele diz, como que para si mesmo. – Pensei que o seu tinha couro preto.

Olho para Jesse e envio uma mensagem telepática para pensar rápido em algo que explique por que o interior de couro passou de preto para creme.

– O meu está na oficina; esse é um carro reserva – ele explica sem pensar, completamente calmo. Detesto dizer, mas ele mente muito melhor que eu.

– Minha oficina não tem um carro reserva como esse pra me oferecer – papai comenta, brincalhão.

Jesse sorri e me leva para o lado do passageiro, onde me coloca sentada e afivela o cinto de segurança, ajustando a faixa sobre a minha barriga. Bato nas mãos dele e recebo um rosnado como resposta.

– Não sou uma incapaz – resmungo.

– Não, você é perfeitamente capaz.. – ele estreita os olhos para mim – ... de me levar à loucura.

– Você mesmo se leva à loucura – retruco, empurrando-o e fechando a porta. Desço o vidro da janela. – Tchau! – despeço-me de longe e sopro um beijo para os meus pais, observando Jesse apertar a mão de papai e beijar a bochecha de mamãe, antes de entrar no carro, fuzilando-me com o olhar.

Ele embarca e dá a partida no carro.

– Esse fim de semana vai ser muito mais prazeroso se você fizer o que eu digo – ele murmura assim que deixa a casa dos meus pais.

– Eu consigo colocar o cinto de segurança – digo para ele assim que dou um último aceno a meus pais.

– Mas eu quero fazer isso – ele diz, solene. – É o meu trabalho.

– Colocar cinto de segurança? – dou risada.

– Sarcasmo não combina com você, mocinha – ele aperta alguns botões ao lado do volante. – Meu trabalho é cuidar de você. Não teve enjoo essa manhã?

– Não – suspiro. – Você ter enfiado um biscoito de gengibre na minha boca assim que eu acordei resolveu o problema – provoco, levando um susto quando o sistema de som do carro começa a funcionar e Justin Timberlake junta-se a nós. Viro os olhos para Jesse, cheios de surpresa e diversão. Ele sabe que estou olhando, mas prefere me ignorar. – Você pediu para colocarem esse CD aí, não foi? – estou fazendo todo o esforço do mundo para não sorrir.

– Não seja boba – ele responde, fazendo careta para a estrada.

– Pediu sim. No formulário, na parte de “pedidos especiais”, você escreveu:

“Por favor, encham o som com Justin”. Mas você desenhou corações e beijinhos ao lado do pedido? – estou definitivamente sorrindo agora.

Ele me olha, nada impressionado.

– Você se acha muito engraçada, não é mesmo?

– Sim – aumento o volume e começo a dançar, a cantar e a provocar meu deus fanático por J. T. – Ei! – grito quando seus dedos beliscam a carne sobre o meu ilíaco e baixa o volume. – Eu estava curtindo.

– É bom mesmo, ele é um homem muito talentoso – Jesse afirma, sincero.

– Muito talentoso é você.

– Eu sei – ele dá de ombros –, nós temos muito em comum. Ele é um cara legal.

– Você já o conheceu?

– Não, ele vive pedindo, mas sou muito ocupado – ele diz, escondendo um sorriso.

Dou risada, e ele coloca os óculos escuros, mas não sem antes me dar uma piscadela e uma sacudida de ombros.

Jesse relaxado. Meu Deus, como amo esse homem.

Jesse nos leva para uma aventura no aeroporto, costurando e cortando os outros carros, indo na direção errada e, em geral, parecendo não saber para onde vai. Vejo a placa que indica o estacionamento do aeroporto passar por mim e faço uma careta. Então, olho para o relógio. São onze e meia, e nosso avião decola em meia hora. Ainda não fizemos o *check-in*, nem passamos pela segurança... Nada.

– Merda! – disparo, pegando a bolsa no chão.

– A boca, Ava! O que houve? – ele faz uma curva fechada e preciso me segurar na porta para não cair.

– Dá para ir mais devagar? – vocifero, irritada. Agora seria um bom momento para dizer que ele dirige feito louco?

– Ava, não há lugar mais seguro do que em um carro comigo. O que houve? – ele pergunta sem olhar para mim, logo não consegue apreciar meu olhar incrédulo, mas eu digo a ele o motivo de estar xingando.

– Meu passaporte – digo, enfiando a mão na bolsa e procurando em vão, porque sei que não está ali, uma vez que não o coloquei ali, e parando de fuçar assim que me lembro de onde o deixei. Jesse vai enlouquecer. – Eu o deixei na minha caixa de mudança – digo, xingando a mim mesma mentalmente por ainda não ter organizado as coisas daquela caixa.

Ele abre o porta-luvas.

– Não deixou, mas você se esqueceu de mudar seu nome, Senhorita O’Shea – ele o solta no meu colo e me olha com reprovação.

– Então eu estou viajando solteira? – pergunto, abrindo-o e admirando meu nome de solteira.

– Cale-se, Ava – ele para e pula para fora do carro, correndo para o meu lado e abrindo a porta. Eu teria feito isso sozinha, mas estou parada, olhando para fora, boquiaberta. – Vamos.

Olho para cima e vejo um rapaz bem-vestido se aproximar com outro homem, este usando uniforme de piloto. Meu passaporte é recolhido da minha mão, cumprimentos são trocados, assim como uma papelada e assinaturas, e depois nossa bagagem é retirada do porta-malas.

– Vai ficar sentada aí o dia todo, Ava? – ele estende a mão para mim e eu a pego automaticamente, deixando que me tire do carro.

– O que é aquilo? – pergunto, apontando para uma avião que parece de brinquedo a poucos metros de nós.

– É um avião – ele diz com humor na voz e me leva para o jatinho. Vou sem nenhum entusiasmo, já que o “aviãozinho” não parece crescer à medida que nos aproximamos. Também não me sinto mais confiante quando Jesse tem de se abaixar para entrar nessa coisa sem bater a cabeça nem quando vejo os pouquíssimos degraus necessários para embarcar. Fico paralisada, de mãos dadas com Jesse, mas ele dentro do avião e eu fora, nossos braços esticados demais. – Ava? – Jesse diz ao virar-se para ver o que está acontecendo.

– Não vou entrar nessa coisa – sou atacada por um medo irracional; nunca tive medo de voar, mas esse aviãozinho está fazendo a ansiedade pulsar em minhas veias. Chego a estar sem fôlego.

Ele sorri e franze a testa ao mesmo tempo.

– É claro que vai – e puxa o meu braço devagar, para me encorajar, mas eu não me mexo. Na verdade, recuo. – Ava, você nunca me disse que tinha medo de voar – ele abaixa a cabeça de novo e sai do avião, ficando em pé ao meu lado, do lado de fora.

– E não tenho, mas gosto de aviões grandes. Por que não vamos num avião grande? – olho para trás e vejo vários aviões enormes. – Por que não podemos ir em um daqueles?

– Porque eles, provavelmente, não vão para onde queremos ir – ele diz, suavemente. Sinto meu braço relaxar e ele se aproxima, acariciando meu rosto. – É perfeitamente seguro – ele garante, desviando o meu olhar dos aviões grandes nos quais eu tanto gostaria de estar. Não me importo se não vão para onde queremos; então, quero ir para onde eles forem.

– Não parece seguro – olho além dele e vejo uma mulher perfeitamente posicionada, com penteado perfeito, maquiagem perfeita e sorriso perfeito. – É pequeno demais!

– Ava – sua voz suave e reconfortante me faz voltar os olhos para ele, que sorri para mim. – Sou eu, seu controlador neurótico, superprotetor, possessivo e irracional – ele me beija com carinho. – Você acha mesmo que eu colocaria você deliberadamente em perigo?

Balanço a cabeça, dando total ciência de que estou sendo manhosa. No entanto, meu medo me surpreende. Eu devia estar impressionada por ele reservar um jatinho particular para nós, mas não estou. Ao contrário, estou chocada por ele imaginar que eu concorde em voar nesse jatinho.

– Estou um pouco nervosa – admito, quase sem voz, e toda a tripulação, incluindo o piloto, atrás de mim, registra meu momento de apreensão.

– Responda à minha pergunta – ele insiste.

– Não, eu não acho.

– Que bom – ele me abraça pelos ombros e me conduz gentilmente para os degraus. – Você vai amar, confie em mim.

– Bom dia! – a mulher perfeita, que ainda está perfeitamente posicionada, nos cumprimenta, indicando com o braço para onde devemos ir. É desnecessário. Só pode ser uma de duas possibilidades, e não vou chegar nem perto da cabine de comando.

Quando o interior do avião entra totalmente em meu campo de visão, noto que há poucas poltronas, todas imensas, de couro, reclináveis e dispostas em apenas duas filas, uma de cada lado da cabine. Ele me leva para o meio, me vira e me põe sentada no assento confortável. Fico em silêncio, resistindo ao impulso de sair correndo, enquanto Jesse afivela meu cinto de segurança e se senta na poltrona do outro lado, imediatamente colocando meus pés no colo dele.

– Champanhe, senhor? – a moça perfeita está de volta e eu a vejo sorrindo para o meu deus, mas estou muito ocupada em me recompor dessa ansiedade patética para discutir.

– Só água – Jesse responde, curto, sem sorriso, sem muita atenção e sem pedir por favor. Ela se retira rapidamente e Jesse descalça minhas sapatilhas, solta-as no chão e fica numa posição confortável, reposicionando meus pés para ficar em um bom ângulo para uma massagem. – Tudo bem? – ele pergunta.

– Na verdade, não – não sei o que deu em mim. – Havia voos regulares disponíveis, não é? – pergunto, desconfiada, dando uma olhadinha para o lado de fora da janelinha menor que o normal.

– Não sei, não procurei. Nós não viajamos em voos comerciais, Ava...

– Você não viaja, mas eu sim – mexo os dedos dos pés e provoco: – ainda não estou com os pés inchados, sabia?

Seus polegares fazem círculos deliciosos no arco do meu pé.

– Feche os olhos e fique à vontade, querida – ele ordena com ternura e eu obedeço. Meus olhos se fecham lentamente, e a última imagem que vejo é a do meu deus massageando meus pés com carinho, tentando me fazer esquecer o ataque de nervos indesejado que tive há pouco.

Deixo minha mente limpa e entro em um estado semiconsciente de plenitude. Não é difícil atingir esse estado quando ele me toca, ainda que seja apenas em meus pés. É o cenário habitual de Jesse me fazer esquecer todos os meus problemas, tanto os justificados como os triviais e desnecessários, como um súbito medo de voar. Meu estado sublime ignora que, triviais ou

justificados, é Jesse o causador dos problemas.

Então, minha mente divaga por tudo o que é relacionado a Jesse e sorrio mentalmente. Toda a renda, os copos de leite, a manteiga de amendoim e as broncas por falar palavrão. Dou um suspiro. Todos os vários graus de Jesse e seus estilos de transa, seu temperamento, seu jeito brincalhão e sua gentileza. Devo estar sorrindo agora. As algemas, a mordaca de renda, o crucifixo, o simulador de remo e bomba de chocolate à la Ava. Meu coração está acelerado. Os cabelos loiro-escuros, os viciantes e brilhantes olhos verde-musgo, a perfeição esculpida e a barba por fazer de um ou dois dias. O jeito como levanta a gola da camisa polo, os vários tipos de sorriso: o reservado para mulheres e o reservado para mim, e, agora, o reservado para a minha barriga. Sua força, sua proteção, seus modos dominadores. O jeito como anda e a forma como passa por cima dos outros, e todas as formas como me ama, com adoração pura e desmedida. E a forma como retribuo esse amor.

Mudo de posição no assento e, em meu subconsciente, ouço-o rir. A risada grave e leve. Sinto a umidade morna de sua língua em um dos meus dedos. Sorrio e sou arrancada da avaliação mental da beleza do meu marido. Abro um olho e sou recebida com um sorriso, aquele reservado só para mim.

– Sonhando? – ele pergunta, mordendo meu mindinho.

– Com você – dou um suspiro. – Me avise quando formos decolar para eu enfiar a cabeça entre as pernas.

– Posso pôr a minha cabeça entre as suas pernas – ele chupa meu dedo e eu estremeço.

– Só me avise.

– Olha para a janela, Ava.

Faço uma careta e olho para fora, esperando ver passarelas e aviões, mas vejo nuvens. Meu relaxamento se perde por um segundo, mas isso só até eu registrar turbulência zero e quase total ausência de ruído. Há apenas paz. Olho para o lado e vejo a água servida em uma mesa lustrosa, e depois olho para o fundo e vejo a mulher perfeita mexendo em coisas do outro lado da cabine.

– Por que não me avisou? – pergunto, voltando a me recostar no assento.

Ele beija o meu pé.

– E perde os sons e caras que você estava fazendo? – ele solta o meu pé. – Venha cá. – Não espero um segundo; solto o cinto e praticamente mergulho no colo dele, aninhando a cabeça sob o seu queixo e enlaçando seu pescoço. – Volte a dormir e sonhe comigo, querida.

Não precisa pedir duas vezes. Começar o dia cedo e a longa viagem me deixaram exausta, e não quero estar cansada quando aterrissarmos onde quer que estejamos indo. Ainda não perguntei, mas não me importo. Vai ser quente, ensolarado e seremos somente Jesse e eu.

Acordo, ainda aninhada nos braços de Jesse. Posso ouvi-lo conversando, mas o som é abafado. Meio grogue, levanto a cabeça e dou de cara com a mulher perfeita pairando diante de nós.

– Bem-vinda a Málaga, sra. Ward – ela me recebe com um sorriso um pouco falso, do tipo “faz parte do trabalho”.

– Obrigada – retribuo com um sorriso que, embora menor, é definitivamente mais sincero. Málaga? Na Espanha, perto de Marbella?

– Minha menina bonita acordou – ele me dá um beijo no rosto. – Gostou do voo?

Olho para ele ainda com sono e vejo um rosto barbado, nebuloso e sorridente, além de cabelos loiros muito despenteados.

– Eu puxo seus cabelos enquanto durmo? – pergunto, com a voz sonolenta, erguendo as mãos para penteá-lo.

– Você faz muitas coisas enquanto dorme; poderia ficar te olhando para sempre.

Tento me mover, mas não vou a lugar algum.

– Preciso me espreguiçar – reclamo, esperando.

Ouçoo um clique e estou instantaneamente livre.

– Precisei colocar o cinto de segurança em você também – ele me ajuda a levantar e me vê erguer os braços, numa espreguiçada que quase me faz tocar o teto do jatinho. Oh, que coisa boa.

– Eu não devia estar com o cinto afivelado em meu próprio assento para a aterrissagem? – pergunto. – Com o assento na posição vertical, a mesa guardada e todos os meus objetos colocados debaixo do assento à frente do meu?

Ele ergue uma sobrancelha, de maneira sardônica.

– Sim; quase tive que colocar a agradável mocinha ali no seu devido lugar – ele se levanta e abaixa a minha blusa, que subira acima do meu umbigo enquanto eu me espreguiçava, e a segura no lugar até eu terminar. – Terminou?

– Sim – bocejo e ele solta a barra da minha blusa. Sei que isso é só uma amostra do que provavelmente acontecerá nos próximos dias, mas é melhor ele relaxar rápido, porque eu trouxe os meus biquínis e vou usá-los.

Quando saímos para o dia ensolarado, abro um sorriso. O calor atinge meu rosto e me aquece por dentro. Ou melhor, me aquece um pouco mais. Já tenho um calor delicioso correndo dentro de mim, e ele tende a crescer nos próximos dias. Descendo até a pista, somos imediatamente recebidos por um espanhol bem-apegoado, que entrega a Jesse um molho de chaves. Então, vejo o DBS.

– Sério? – eu disparo. – Nós poderíamos pegar um táxi?

Ele debocha e assina a papelada que lhe é entregue.

– Não ando de transporte público, Ava.

– Pois deveria. Economizaria uma fortuna.

Devolvendo a papelada, ele logo me conduz ao lado errado do carro, o que me deixa um pouco confusa. Depois de me proteger com o cinto e eu me acostumar com a ideia, começo a me acomodar na maciez do assento de couro familiar, ainda que ligeiramente mais quente, enquanto ouço o barulho das malas sendo colocadas no porta-malas.

– Está pronta para ser o meu banquete pelos próximos três dias? – diz Jesse assim que entra e coloca seus óculos escuros.

– Não, leve-me para casa – abro um sorriso e o beijo nos lábios.

– Sem chance, querida. Você é toda minha e vou abusar disso – ele retribui meu beijo, espalmando a parte de trás da minha cabeça para me trazer para mais perto.

– Sou sempre sua.

– Correto; então, acostume-se – ele me solta antes de sair de perto do jatinho cantando os pneus do Aston.

– Já me acostumei – divago, descansando o cotovelo na porta e encostando a cabeça para

ver esse mundo pouco familiar passar por mim. É tudo cinza-concreto e meio sem graça por alguns quilômetros, até sairmos do aeroporto e da agitação do centro de Málaga, mas logo chegamos a uma estrada na costa, e a vista do Mediterrâneo encontrando o céu prende a minha atenção pelo restante da viagem. Mansun toca “Wide Open Space” no rádio, e a maresia, misturada à poeira da estrada, domina o habitual cheiro da água fresca, incomodando-me um pouco. Fora isso, é tudo maravilhoso. Viajamos em um silêncio confortável, o som ao fundo nos fazendo companhia, e a mão de Jesse no meu joelho com a minha sobre a dele. Olho para o seu perfil e sorrio antes de fechar os olhos e relaxar um pouco mais no couro macio, pensando nos momentos tranquilos e sem perturbações que teremos à frente.

Não estou dormindo, mas abro os olhos quando a estrada fica acidentada e o carro começa a balançar demais. Olho para a frente e a primeira coisa em que reparo é o estado deplorável da estrada. Há pedras na superfície esburacada, o que obriga Jesse a dirigir com cautela. Nunca o vi guiar com tanto cuidado, mas é evidente que, se quiser acelerar, vai arrancar o assoalho do carro.

– Onde estamos? – pergunto, procurando em volta qualquer sinal de beleza. Não há nada, apenas terra abandonada. Uma estrada horrorosa, poeirenta e destruída, e algumas poucas casas. Nem isso, cabanas, seria mais apropriado dizer. É impossível que more gente dentro delas.

– Aqui é o paraíso, Ava – Jesse diz, falando sério, e só não dou risada porque a preocupação me impede. Já vi o paraíso, sempre em fotografias, e aqui é o lugar mais distante possível disso. Estou quase exigindo que dê meia-volta, mas, logo, colossais portões de madeira aparecem diante de nós e minha atenção é desviada para os muros altos, caiados de branco, que se elevam para os dois lados e desaparecem à distância. Então eu vejo.

Paraíso.

Há uma placa no muro, ao lado dos portões, escrito “Paraíso”. Ele não pode estar falando sério. Paraíso? Aqui não só não é o paraíso como ele não poderia ter escolhido um lugar com nome mais brega para ficar. Paraíso? Esses muros parecem não ver tinta há pelo menos duas décadas, e estou começando a ficar enjoada por ser jogada de um lado para o outro nesse carro chique. Ele me trouxe para esse lixo? Ele me quer para si por três dias e me traz para cá? Prefiro dormir no carro. Minha mente já não está mais tranquila, pelo menos não agora, que estou cercada por essa paisagem intranquila. Sim, é calmo, mas a quietude da redondeza me causa arrepios em vez de paz.

– Jesse... – nem sei o que dizer. Ele não parece nem um pouco perturbado por isso tudo, o que me faz pensar que já esteve aqui antes. E se já esteve, por que retornaria? Ele não me dá nenhuma explicação, apenas aperta um botão e dá um sorriso caloroso quando os portões de madeira começam a se abrir. Sim, ele já esteve aqui. Decido ficar de boca fechada, contrariada. Não vou ficar aqui. De jeito nenhum.

Estou armando uma tromba mentalmente quando passamos pelos portões e somos cercados pela escuridão, um toldo do verde mais verde que já vi, formado por vegetação que se derrama sobre nós, e a estrada adiante. Buquês de flores brancas se formam aqui e ali em meio à folhagem, e um perfume forte invade o carro, mesmo com todas as janelas fechadas.

– Esse perfume... – inalo profundamente e relaxo, suspirando.

– Isso não é nada. Ao cair da tarde, ele fica pungente – Jesse também aspira o perfume de flores brancas, gemendo de prazer ao expirar. Estou intrigada. Ele está se lembrando de alguma coisa.

Mesmo que o perfume seja divino, continuo preocupada com o lugar onde estamos. Porém, em seguida, o sol aparece ao final da estrada coberta, e seus raios entram pelo para-brisa do carro, fazendo-me fechar os olhos, mesmo estando de óculos escuros. É como se alguém, abruptamente, acesse a luz e de repente eu fosse transportada para...

O paraíso.

Perco o fôlego e solto o cinto de segurança para chegar mais perto do vidro do carro, piscando algumas vezes para ter certeza de que não estou imaginando coisas. A sujeira, o concreto e a floresta baldia ficaram para trás. Em seu lugar, um refúgio idílico, com verde exuberante, gramados bem aparados e pérgolas com buquês de flores vermelhas. Percebo que estamos parados, e não perco tempo em descer do carro, fechando a porta e absorvendo os novos e melhorados arredores. Começo a caminhar pela entrada de paralelepípedos, até a *villa* de terracota logo adiante, sem sequer esperar por Jesse ou me certificar de que está me seguindo. Subo os degraus até a varanda que circunda a propriedade toda e me viro para ter uma visão panorâmica do lugar.

Paraíso.

E quando acho que vi tudo, volto a atenção para Jesse e o encontro sentado sobre o capô do DBS, com as pernas esticadas e cruzadas na altura dos tornozelos, os braços cruzados sobre o peito. E sorrindo.

– O que minha menina bonita está achando? – ele grita para mim.

Estico o braço e pego uma folha solta em um arbusto pendurado na treliça de uma varanda. Sinto seu perfume e dou um suspiro.

– Estou achando que aqui é, oficialmente, o Sétimo Céu de Jesse.

– Onde? – a diversão e a confusão em seu tom são evidentes.

Dou um sorriso, solto a folha e corro na direção dele sem me dar conta de quanto ele parece mais divertido a cada segundo, enquanto se levanta e espera pelo meu ataque. Atiro-me sobre ele, e meu corpo logo assume a posição de filhote de chimpanzé, e ataco a sua boca com entusiasmo. Ele não me detém. Apenas segura o meu traseiro e sorri ante a minha força bruta.

– É o meu lugar favorito no mundo todo – digo, deixando seus lábios e olhando para ele de cima, deparando-me com seus óculos escuros, ainda sobre seus olhos. Eu os tiro para poder vê-lo todinho.

– Está feliz? – ele pergunta, apesar de ser óbvio que estou em êxtase.

– Delirantemente – entrelaço os dedos nos cabelos dele e dou meu habitual puxão.

– Então, meu trabalho aqui está feito – ele morde meu pescoço de leve, antes de se soltar de mim. – Deixe-me pegar as malas.

– Eu ajudo – digo automaticamente, seguindo-o até o porta-malas, mas ele se vira e me detém com o olhar. – Está bem, não vou ajudar – levanto as mãos e pego minha bolsa no carro, passando a seguir Jesse para a casa térrea.

Ele põe as malas no chão e experimenta três chaves antes que, finalmente, a correta abra a fechadura. A porta se abre e sou recebida pela completa escuridão, com apenas algumas faixas de luz entrando pelos vãos das janelas fechadas. Não é possível ver muito, mas pode-se sentir o

cheiro, e aquele perfume de flores brancas é forte aqui dentro também, incrivelmente forte em toda parte.

– Espere aqui – Jesse me orienta, soltando as malas no chão, ao lado da porta, e desaparecendo lá fora outra vez.

Fico ali parada, em pé, olhando para as paredes, em busca de um interruptor de luz, mas não consigo ver nada, mesmo com a luz suave que entra pela porta aberta. Então, como um holofote que se acende em um palco escuro, um feixe de luz natural vai de um lado a outro da sala. E logo depois outro, vindo de outra janela, cruzando com o primeiro e criando uma cruz brilhante na sala. Em seguida, outro feixe, e depois outro. Observo enquanto o recinto todo se transforma em um asterisco de feixes de luz, até não haver mais escuridão, apenas o Sol entrando por cada porta e janela.

Meus olhos sensíveis tentam se fechar, mas é impossível quando há tanto o que ver. As paredes são lisas e brancas, o piso é coberto de grandes lajotas cor de mel, com tapetes creme espalhados aleatoriamente, e um enorme sofá, em forma de U, virado para as portas que levam a uma piscina cercada de grama verde. E, depois dela, a praia.

– Uau! – exclamo, seguindo em frente, devagar, minha excitação crescendo quanto mais me aproximo das portas e quanto mais consigo ver. Antes que me dê conta, já cruzei o terraço, passei pela grama e estou tentando abrir um portão de ferro, que me separa da praia.

– Veja – a mão de Jesse cobre a minha e uma chave é inserida na fechadura, abrindo o portão e permitindo que eu passe.

Dez degraus de madeira, cobertos de areia e grama, me levam até a areia. A praia está deserta, e quando olho para os lados em busca de sinais de vida, descubro que estamos em uma baía. Não há outras propriedades à vista; nenhum bar, nenhum hotel, nada. Somos somente nós dois, essa *villa* espetacular e o azul profundo do Mediterrâneo.

– Ainda está no Sétimo Céu de Jesse? – ele sussurra ao meu ouvido, passando o braço por meus ombros e me puxando para encostar em seu peito.

– Eu estou. E você, onde está?

– Eu? – ele pergunta, beijando-me no rosto com carinho e pousando a mão sobre a minha barriga. – Ava, eu estou no paraíso.

Fecho os olhos, abro um sorriso contente e busco o conforto do corpo dele, minha mão sobre a dele, no meu ventre, entrelaçando os dedos e sentindo-nos um ao outro. O Sétimo Céu de Jesse é mesmo o paraíso.

Passamos o restante da tarde desfazendo as malas, recebendo uma entrega de suprimentos e Jesse me apresentando a propriedade, mostrando-me as seis suítes, todas com portas que levam a diferentes partes da varanda. A cozinha, branca e moderna, tem balcões de madeira ao natural e com pequenos toques, como uma treliça de madeira suspensa com painéis de ferro penduradas sobre a área do fogão, para manter o ar rústico de uma *villa*. Como *designer* de interiores, estou impressionada. Eu mesma não teria feito um trabalho melhor. Os quartos têm paredes lisas, mas tecidos suaves decoram as camas, e cortinas de *voil* movem-se ao sabor da brisa nas janelas. Telas distribuídas esporadicamente pelas paredes quebram a monocromia, e os tapetes espalhados aqui e ali decoram a vastidão das lajotas que cobrem o piso da casa toda. Esse lugar,

certamente, faz parte da história de Jesse, mas não tento descobrir mais nada por ora. Ele me contou que a reforma foi feita ao longo dos anos; então, imagino que seja o dono deste lugar, mas não tenho certeza ainda.

Agora estamos sentados à enorme mesa de madeira, que fica entre a cozinha e a sala, com uma jarra de água gelada. As perguntas não estão preparadas para permanecer no meu cérebro por muito tempo mais. Esse lugar significa muito na vida de Jesse, e minha mente curiosa luta para segurá-las.

Ele me olha com um sorrisinho e eu levo o copo à boca, antes que ele mate a própria sede, ainda com os olhos nos meus. Eu estou morrendo de vontade de perguntar e ele sabe disso, mas está me fazendo sofrer. Em vez de me dar as informações que sabe que eu quero, vai me fazer perguntar, e eu prometi a mim mesma nunca mais insistir por informações sobre o passado dele. Não me importa mais, mas a falta da importância não refreia o meu lado inquisitivo. Não consigo evitar.

Agradeço quando ele fala antes que eu, impedindo que eu dispare uma rodada de perguntas.

– Quer algo para comer?

Uma expressão surpresa surge no meu rosto.

– Você vai cozinhar para mim? – não há Cathy por perto e ele sabe que eu detesto cozinhar.

– Eu poderia ter um *staff*, mas preferi ter você só para mim – ele me dá um risinho safado. – Acho que você devia cuidar do seu marido e cumprir sua obrigação como minha esposa.

A arrogância dele me faz bufar de deboche. Obrigação?

– Quando você se casou comigo, sabia que detesto cozinhar.

– Quando você se casou comigo, sabia que não sei cozinhar – ele retruca, convencido.

– Mas você tem a Cathy.

– Eu tenho a Cathy na Inglaterra para me alimentar, o que é bom, já que a minha esposa não cuida da minha alimentação – ele está sério agora. – Na Espanha, eu tenho só a minha esposa, e é ela quem vai preparar algo para eu comer. Você fez um bom trabalho na cozinha.

Ele me razão, eu fiz, mas isso não significa que gostei, embora estivesse mentindo se dissesse que não apreciei vê-lo comer. Eu estava cuidando dele, para variar, e, com esse pensamento, me pego estranhamente com vontade de preparar uma refeição para ele.

– Está bem – eu me levanto. – Vou cumprir a minha obrigação.

– Que bom; já estava na hora de fazer o que eu mando – ele diz, candidamente, sem sorriso e sem humor. – Pode começar, então.

– Não force a barra, Ward – eu o advirto, deixando-o sentado à mesa e indo até a geladeira. Não demoro muito para decidir o que preparar. Pego pimentões, chouriço, arroz e cogumelos, junto com alguns cortes de costeletas de cordeiro e levo-os para o balcão, antes de localizar uma tábua de corte e uma faca.

Começo a trabalhar, cortando os pimentões ao meio e tirando as sementes, e depois picando os cogumelos e a linguiça e fritando tudo. Fervo o arroz, corto um pouco de pão fresco e selo o cordeiro em um frigideira. Durante todo o tempo, ele me observa em ação, sem se oferecer para ajudar e sem puxar conversa. Apenas me olha cumprir minha obrigação de alimentá-lo.

Estou terminando de rechear os pimentões quando ele aparece diante de mim, debruçando-se do outro lado do balcão.

– Você está fazendo um ótimo trabalho, Ava.

– Não precisa ser condescendente – digo, apontando a faca para ele, e fico chocada ao vê-lo tirar a faca da minha mão com uma expressão de terror nos olhos.

– Não brinque com facas, Ava!

– Desculpe! – digo rapidamente, olhando para o objeto na mão dele e dando-me conta da minha estupidez. É uma lâmina fina e a estava rodando no ar como uma fita de ginástica rítmica.

– Desculpe – repito.

Ele põe a faca no balcão com cuidado e parece se recompor.

– Tudo bem, esqueça.

Aponto para a mesa, buscando algo para fazer que não seja pedir desculpas de novo. Ele não parece nada feliz.

– Não quer arrumar a mesa?

– Claro – ele diz em voz baixa, talvez pensando que pode ter exagerado. Não sei, mas seu humor retraído e meu estado arrependido criaram uma tensão.

Jesse me deixa e arruma a mesa para dois, em silêncio, enquanto eu termino de preparar o jantar.

– Aqui está – coloco o prato diante dele, mas antes que eu possa tirar a mão, ele a segura e me dirige um olhar arrependido.

– Eu exagerei.

Já me sinto melhor.

– Não, está tudo bem. Eu não deveria ser tão descuidada.

Ele sorri.

– Sente-se – ele puxa a cadeira para mim, mas assim que eu me acomodo ele se levanta. – Estamos nos esquecendo de uma coisa – ele diz, saindo da sala e me deixando intrigada, querendo saber onde pode ter ido. Logo mais ele volta, segurando uma vela em uma das mãos e um controle remoto na outra. Ele encontra fósforos, acende a vela e a coloca no centro da mesa, depois aperta alguns botões no controle remoto, enchendo a *villa* com uma voz masculina bem particular que eu reconheço imediatamente.

– Mick Hucknall? – pergunto, um tanto surpresa.

– Ou Deus. Pode chamá-lo de qualquer um dos dois – ele sorri e se senta.

– Está disposto a dividir seu título? – pergunto, pegando minha faca cega e meu garfo seguro.

– Ele vale a pena – responde, casual. – Isso está com uma aparência ótima. Coma.

Aceito o gesto que ele faz para o meu prato, com um sorrisinho, e corto um pedaço do cordeiro, resistindo à vontade de brandir minha faca outra vez quando Jesse se inclina na minha direção, para verificar o ponto de cozimento da carne. Ao perceber sua intenção, eu o ajudo, virando o prato para que ele possa ver o centro da costeleta. Penso que isso o deixará feliz. Gosto de filé ao ponto, mas amo cordeiro bem-passado.

Espeto um pedaço com o garfo e trago para os lábios.

– Posso? – pergunto, totalmente séria, e sem o menor traço de ironia no rosto, o que é bom, porque estou imitando Jesse.

– Pode – ele diz, cortando a carne de seu prato e comendo o primeiro pedaço. Ele mastiga, assente e engole: – Você sabe mesmo cozinhar, esposa.

– Nunca disse que não sabia; só não gosto de fazê-lo.

– Nem para mim?

Olho para ele, para avaliar sua expressão, e é como eu temia: sem humor, sem beicinho e sem brincadeira. Sei para onde essa conversa caminha e, embora eu goste de cozinhar para ele, não gostaria de ter de fazer isso todos os dias.

– Não me importo – respondo, fria.

– Gosto que você cozinhe para mim – ele divaga –, é meio que normal. Faço uma pausa e coloco a faca no prato.

– Normal?

– Sim, normal. Como o que casais normais fazem.

– Normal, tipo a esposa cozinha e o marido come? É um pouco chauvinista – dou risada, mas ele não, ainda está concentrado em cortar cuidadosamente a carne e comer. Ele quer normalidade? Então ele mesmo deveria ser um pouco mais normal. Mas será que eu quero que ele seja normal? Não, não quero. Se fosse normal, não seria o Jesse. Não seríamos nós se ele fosse normal. Coloco mais um pedaço de carne na boca para mantê-la ocupada e não cair na tentação de chamá-lo de homem das cavernas. Ele jamais será normal, não totalmente, e espero que assim seja.

Ele dá de ombros, pousa os talheres do lado do prato e se encosta na cadeira, levantando os olhos para os meus, lentamente, enquanto mastiga bem devagar. O que se passa nessa cabeça? Olhar seus mares verdes me deixa absorta, fazendo-me diminuir o ritmo da mastigação para acompanhar a dele.

– Isso aqui não é normal? – ele pergunta, com voz grave e gutural.

– Você quer dizer, nós dois jantando juntos?

– Sim.

Encolho os ombros de leve.

– Sim, é normal.

Ele balança a cabeça afirmativamente.

– E se eu te jogasse sobre essa mesa durante o jantar e te comesse? Isso seria normal?

Meus olhos se arregalam de surpresa, e não sei por que, já que isso seria perfeitamente normal para nós.

– Nosso normal é você fazer o que quiser, onde e quando quiser. E acho que isso inclui uma refeição preparada pela sua esposa, se você quiser.

– Que bom – ele pega os talheres. – Gosto do nosso normal.

Fecho a cara, intrigada. Qual foi a razão de tudo isso?

– Há alguma coisa preocupando você? – questiono.

– Não – ele responde, rápido demais.

– Há, sim – devolvo, e acho que sei o que é. – Você está considerando a possibilidade de não haver mais “onde e quando” com dois bebês por perto?

– De maneira nenhuma.

– Olhe para mim – exijo, e ele olha, mas por choque, pois não lhe dou a chance de debochar de minha ordem nem de perguntar com quem eu acho que estou falando. – Você está pensando nisso, não está?

Seu olhar de choque se transforma em um olhar irritado.

– Onde e quando eu quiser.

– Não com dois bebês por perto – eu poderia rir dele. Ele pensa e, de repente se dá conta de

que seu poder sobre o meu corpo vai ser menor, e eu volto a atenção para o prato, deleitando-me com essa revelação. Não acredito que não havia pensado nisso. – Eles vão precisar muito da minha atenção.

Ele aponta o garfo para mim. Não a faca, mas o garfo.

– Sim, seu papel principal será tomar conta dos nossos filhos; mas em segundo lugar, bem próximo, e eu digo bem próximo mesmo, será me dar prazer. Onde e quando eu quiser, Ava. Posso ter de controlar minha necessidade de você até certo ponto, mas não pense que vou sacrificar minha vontade de te consumir. Contato constante. Onde e quando. Isso não vai mudar assim que tivermos filhos – ele espeta um pedaço de carne e tira do garfo com os dentes.

Se querer que eu cozinhe para ele foi chauvinista, não faço ideia do que esse discurso representou.

– Mesmo que eu esteja esgotada depois de mamadas noturnas? – provoco.

– Cansada demais para fazer sexo comigo? – ele pergunta, perplexo.

– Sim.

– Vamos contratar uma babá – seu cordeiro ganha mais uma espetada e estou gargalhando mentalmente.

– Mas eu dou conta – lembro-o.

Ele suspira e pausa os talheres novamente no prato.

– Dá sim – as pontas de seus dedos tocam suas têmporas e ele faz pequenos círculos para relaxar. – Você me tem para sempre – ele estica o braço e pega a minha mão. – Mas prometa que você nunca vai dizer “Estou muito cansada” ou “Não estou com vontade”.

– É você quem diz que eu estou muito cansada! – praticamente grito. – Você pode me esgotar.

– Isso é porque eu detenho o poder – ele diz, francamente. – Prometa – ele insiste.

– Você quer que eu prometa estar disposta para quando e onde você quiser me possuir?

Ele desvia os olhos brevemente, antes de voltá-los pensativos para mim.

– Sim – ele diz, simplesmente.

– E se eu não cumprir? – estou sendo insolente apenas por ser, pois jamais estarei cansada demais para este homem, mas sua epifania é muito divertida. Ele deveria ter pensado nisso antes de roubar as minhas pílulas.

Ele ri. Então, o porco arrogante simplesmente tira a camiseta, revelando a perfeição de seu corpo, e olha para o próprio peito, como se precisasse refrescar a própria memória de quanto é incrivelmente impecável. Meus olhos também estão naquele tórax. Posso estar babando em cima do meu cordeiro, mas estou resistindo bravamente às suas táticas. Farto-me em sua beleza, meus olhos passam por cada mínima parte dele, e anoto mentalmente que ele precisa refazer a minha marca que está desaparecendo.

– Você nunca vai conseguir resistir a isso – ele faz um gesto para o próprio corpo.

Meus olhos sobem outra vez e me deparo com seus olhos verdes, brilhantes e autoconfiantes.

– Já me acostumei – arranco meus olhos da igual perfeição de seu rosto e volto-os para o meu prato, mas eles ainda não estão satisfeitos e querem olhar um pouco mais. – Depois de algum tempo, vira tudo mais do mesmo – eu digo o mais despreziosamente que consigo.

Ele está em mim em um segundo, tirando-me da mesa e deitando-me sobre um dos tapetes no chão. Não tenho um minuto para registrar o que aconteceu e mal respiro quando me cobre

completamente.

– Você mente muito mal, Ava.

– Eu sei – reconheço.

– Vamos ver quanto você já está acostumada, não é mesmo? – ele se senta em cima dos meus quadris e prende meus braços ao lado do meu corpo. Estou imóvel e, subitamente, bastante preocupada com essa situação. Já estive no mesmo lugar várias vezes e saí do outro lado dessa conversa bastante descontente.

– Não, Jesse, por favor – imploro, mas sem muito esforço, já que não vai adiantar nada: ele está com vontade de usar seu rolo compressor. A recente descoberta de que pode ser impedido de deixar aflorar seus instintos animais para reivindicar a sua presa, e provavelmente marcá-la também, faz que se transforme num leão nesse momento.

– O que foi? – ele pergunta, perfeitamente ciente. – Você já está acostumada.

Ele sabe muito bem que eu estava fingindo indiferença. Nunca vou me acostumar e isso me deixa muito feliz. Está no modo como olho para ele, como o valorizo e como ficarei consumida pelo desejo pelo resto dos meus dias. Mal posso esperar. Esse desejo corre em minhas veias agora mesmo. Está sempre latente, ali no fundo, em fogo brando, pronto para as palavras certas ou para um toque. Então, o fogo brando se transforma em fervura nas profundezas do meu ventre, e depois se torna impaciência e depois prazer torturante até a explosão, seja ela suave e progressivo ou arrebatadora, que me faz gritar. Estou fervendo nesse exato momento. Os músculos do meu abdômen se contraem, e ele provavelmente sabe disso, já que está sentado nele. Terá ele se convencido de que isso não vai machucar os bebês ou de que não serei mais só dele?

Minha atual posição e o pulsar incessante entre as minhas pernas não ganham alento quando ele fica de joelhos e começa a abrir a braguilha do jeans. Isso vai ser difícil. Se ele entrar de cabeça no modo Jesse dominador, vou querer me aproveitar disso, mas não será possível se me mantiver presa desse jeito. Já estou vendo que vou gritar de frustração, e por mais que tente tirar meus olhos famintos daquela abdômen e de suas mãos desabotoando a calça, falho miseravelmente. Acostumada? Que coisa mais ridícula de dizer.

– Jesse, me deixe levantar – nem tento espernear, porque isso só vai me deixar cansada e estou guardando minha energia para o que espero que esteja vindo por aí.

– Não, Ava – ele baixa a calça apenas o suficiente para revelar sua cueca Armani branca. Isso está ficando mais doloroso.

– Por favor – peço.

Há um lampejo de vitória em seus olhos semicerrados, ainda que ambos saibamos que ele ainda não terminou.

– Não, Ava – ele repete com a voz rouca, colocando o polegar dentro do elástico da cueca.

Vejo o início dos pelos loiros, a inegável forma e, logo depois, a carne macia de seu membro.

– Oh, meu Deus – fecho os olhos, desesperada, detestando-o e amando-o ao mesmo tempo. Mantendo-me no escuro, fico perplexa por não ouvir a habitual ordem para abrir os olhos. O sentimento não demora muito. Não quando sinto que ele se move e, em seguida, algo sólido e úmido passa pelos meus lábios. O instinto natural entra em ação e abro a boca, mas não ganho penetração oral. Sei que isso pode provocar vômito, mas ainda estou torcendo por penetração

oral. Abro os olhos e dou de cara com seus músculos abdominais. Ele se apoia em um braço e sua mão está ao lado da minha cabeça. Olho para cima, para ver seu rosto, sabendo o que vou encontrar, mas isso não me impede. Sei que expressão irei encontrar, sei que me deixará louca de desejo, e sei que não poderei fazer nada sobre isso.

E lá está. Meu senhor, apoiado em um braço forte, seus olhos viciantes quase fechados, seus cílios longos quase tocando as maçãs do rosto. Baixo os olhos e vejo aquele peito e aquele abdômen que deveriam ser considerados um perigo para a sociedade, com o bônus de ele estar se segurando nessa posição e roçando meus lábios com a magnificência de seu pau. Estou perdida.

– Na minha boca – eu ordeno, calma.

– O que eu causo em você, Ava? – ele pergunta, confiante da resposta que eu vou dar e provocando-me com mais um roçar nos meus lábios.

– Você fode a minha vida! – grito, contorcendo-me inutilmente.

– Olha essa boca – ele grunhe, o que só aumenta o meu calor e o meu desespero.

– Por favor.

– Já enjoou de mim?

– Não!

– E você nunca vai enjoar. Isso é o nosso normal, Ava, acostume-se com isso – ele penetra minha boca com um gemido e o aceito de bom grado, eufórica e faminta. Também gemo ante a invasão, chupando, lambendo e mordendo seu membro viril, mas não tenho o controle total. Ele me segura, mas não me importo. É contato. – Seja gentil, Ava – ele força as palavras e eu olho para cima, para me deliciar com a contração de seu rosto, enquanto ele observa minha boca deliciando-se com sua ereção. – Amo a sua boca – ele diz, enfiando a mão livre debaixo da minha cabeça e me agarrando pela nuca, de modo a me manter no lugar para poder me penetrar lenta, constante e deliciosamente. Sem força, mas nem por isso sem que Jesse cumpra seu papel de dominador. Ele já entendeu qual é o meio-termo em nosso relacionamento normal. Eu ainda não entendi, mas estou chegando lá, e ele está trabalhando magnificamente para me mostrar o caminho.

Ao morder delicadamente o meio de seu mastro sólido, sinto a pulsação familiar, acompanhada pela tensão nas pernas dele, que seguram meus braços, avisando-me de que está prestes a gozar. Então, minhas lambidas e investidas tornam-se mais incisivas, ignorando sua ordem para ser gentil. Começo a gemer mais alto, com a boca em torno dele. Jesse solta uma série de palavrões, mas logo se retira da minha boca e se ajoelha, masturbando-se e olhando para mim com os lábios entreabertos, terminando o serviço. Isso me chateia, mas, por outro lado, refresca uma de minhas imagens mentais favoritas, que é a visão erótica e extraordinária de Jesse levando a si mesmo ao clímax. Dessa vez, porém, é muito melhor, porque, ao passar a mão pelos cabelos, para afastá-los do rosto, seus músculos do peito se mostram ainda mais definidos. Quase engasgo de satisfação. Mais alguns minutos dessa visão e sou capaz de gozar só de olhar para ele. Pelo amor de Deus, ele está divino.

– Meu Deus! – ele grita, sentando-se sobre os calcanhares e puxando minha blusa e meu sutiã para baixo, antes de se posicionar entre meus seios e jorrar sobre o meu peito. Ele arfa, suando e úmido, e passa a mão em mim e espalhando sua semente.

Marcada.

– Onde e quando eu quiser, Ava – ele respira com dificuldade, inclinando-se e atacando-me com seus lábios, que eu recebo com prazer, deixando-o tomar o que quiser. – Perfeita.

– Hmmm – gemo, sem precisar dizer nada. Foi perfeito. Ele é perfeito.

– Venha cá – ele se senta, ajeita meu sutiã e minha blusa, e então se levanta, levando-me com ele. Em seguida, me leva até a mesa, me coloca sentada na cadeira e aponta para o meu prato, ordenando: – Termine o seu jantar.

– Eu não vomitei – digo, quase orgulhosa.

– Muito bem.

– Por que você não gozou na minha boca? – pergunto, enquanto ele abotoa a calça.

Seu rosto se contrai por um momento. Sentando-se, ele aponta com a cabeça para meus talheres, numa instrução silenciosa, antes de pegar os dele.

– Pode envenenar os bebês.

Se eu estivesse com comida na boca, acho que engasgaria, mas começo a rir descontroladamente.

– O quê? – gargalho.

Ele não repete a frase, apenas pisca um olho, e me apaixono um pouco mais por ele.

– Coma, Ava.

Sorrindo para o meu prato, volto a comer, completamente satisfeita, mesmo que não tenha tido um orgasmo. Ainda estou em chamas, mas não me preocupo.

– O que vamos fazer amanhã? – pergunto.

– Eu não sei você, mas eu vou me refestelar.

– Vai me manter trancada no Paraíso o fim de semana todo? – não que isso me incomode, mas seria bom sair para um passeio, talvez jantar fora...

– Não planejava isso, mas podemos pensar em amarras – ele põe o garfo na boca e depois corta um pedaço de pimentão recheado, enquanto olha para mim com as sobrancelhas erguidas. Estou pondo ideias em sua cabeça.

Não dou resposta; apenas abro mais o sorriso, consumida pela felicidade, enquanto tento terminar minha refeição.

– Meu Deus, amo esse sorriso. Sorria para mim.

Não é um sorrisinho discreto. Estou sorrindo com vontade, e ele retribui com seu sorriso reservado apenas para mim, com olhos brilhantes e tudo.

– Feliz? – pergunto.

– Delirantemente.

Capítulo 24



Sei que tenho estado sorrindo enquanto durmo, e nem preciso abrir os olhos para saber onde estou. A brisa do mar entrando pelas portas abertas, a mistura da maresia com aquele perfume pungente são toda a referência de que preciso. Esses dois aromas, combinados, no entanto, não superam o cheiro de que mais gosto no mundo, que está impregnado em cada fibra dos lençóis de algodão em que ele dormiu. Mas ele não está na cama.

Abro os olhos e as primeiras coisas que vejo são meu biscoito de gengibre, comprimidos de ácido fólico e um copo d'água. Sorrio. Sento-me na cama, tomo os comprimidos com meio copo d'água e como o biscoito. Então, levanto-me, sem me preocupar com lingerie ou roupas. Estamos sozinhos em uma praia deserta, e não me esqueci da sua ordem para me apresentar nua para o café da manhã todos os dias, diferente de quando estamos no Lusso, onde tenho de me preocupar com Cathy. Vou nua até a área principal da *villa* para procurar meu senhor, mas após algum tempo de busca, nada dele. Passo pelas cortinas de *voil*, que o vento suave faz tremular na porta do *living*, e chego à varanda de madeira, onde inspiro profundamente o ar fresco. Perfeito. É cedo, porque o Sol ainda está baixo no céu, mas o calor é intenso, amenizado apenas pela brisa que despenteia meus cabelos, que cobrem meu rosto. Prendo-os em um nó malfeito, assim que clareio a visão eu o vejo ao longe. Está correndo de calção folgado, sem camisa e descalço. Debruço-me na balaustrada e o observo satisfeita, vendo-o aproximar-se cada vez mais, seu corpo definido, brilhando ao sol da manhã. Poderia ser uma miragem.

– Bom dia – digo com entusiasmo quando ele está a poucos metros de mim, suando e ligeiramente sem fôlego, o que é raro. Em geral, ele corre como um robô, jamais demonstrando sinais de fadiga ou de ter passado dos limites.

Ele pega uma toalha que está pendurada em um corrimão e começa a se enxugar, sorrindo.

– Bom dia mesmo! – seus olhos percorrem a minha nudez, que está ligeiramente escondida pelos postes à minha frente. – Como se sente?

Penso um pouco e presto um instante de atenção ao meu corpo, concluindo que me sinto perfeitamente bem, sem o menor sinal de enjoo.

– Ótima – respondo.

– Que bom – ele se aproxima do pavilhão e me olha de baixo. – Quero um beijo.

Debruço-me um pouco mais e dou-lhe um beijo, sentindo sua assinatura olfativa reforçada pelo suor que corre pelo seu corpo.

– Você está ensopado.

– É porque está muito quente – ele recua. – Café da manhã? – ele dá a entonação de

pergunta, mas sei que não é uma pergunta. Se eu disser não, sem dúvida serei arrastada sob rosnados e alimentada à força.

- Vou fazer o café para você – começo a atravessar a varanda em direção ao quarto.
- Aonde você vai? – ele me chama.
- Vestir alguma coisa.
- Ei! – ele grita e eu me viro, deparando-me com um rosto transfigurado de desgosto. – Quero você nua naquela cozinha, garota.
- Como é? – estou rindo.
- Você me ouviu – ele me olha com expectativa, desafiando-me a contrariá-lo. Olho para mim mesma e dou um suspiro. Ele não vai me pedir isso quando eu estiver a ponto de explodir. Vou acabar com o apetite dele, mas, por ora, estou bem comigo mesma, e ele está adorando olhar para mim; então, volto atrás e entro na casa pela porta que dá na cozinha, ganhando um tapinha no traseiro quando passo por Jesse.

Se o normal para nós é preparar e tomar o café da manhã nus, então eu amo essa normalidade. Se o normal para nós é levar três horas para ficar prontos, porque não conseguimos ficar longe um do outro, então eu amo essa normalidade. Se o normal para nós é eu colocar um vestidinho de verão e ser tratada como se estivesse louca, então eu não amo tanto assim essa normalidade.

– Nada disso, Ava – ele fuça nas minhas roupas, xingando e bufando, enquanto pega cada peça, examina e atira de lado. – Você fez isso de propósito.

– Está calor – dou risada, parada no meio do quarto, de lingerie de renda, vendo Jesse perder a cabeça.

- Por Deus, Ava! – ele me mostra um macaquinho com *short* bem curto.
- Você disse que tenho pernas bonitas – discuto.
- Sim, você tem tudo bonito, mas não significa que quero que todo mundo saiba – ele joga o macaquinho de lado e pega um vestido de alcinhas, longo e esvoaçante. – Meus olhos – ele afirma –, apenas para os meus olhos.

– Qual é o seu problema? – arranco o vestido das mãos dele. – Você gostou do vestido da festa de aniversário e gosta dos meus *shorts* jeans.

– Mas não achei que estava tudo bem, de jeito nenhum. Abri uma exceção, mas vi como os homens olhavam para você.

– E eu vejo como as mulheres olham para você! – respondo, pensando que ele só pode estar zombando de mim.

– Sim, e pode imaginar como elas olhariam se eu andasse por aí seminu? – ele aponta para o vestido. – Você pode usar isso.

– Você está quase sempre sem camisa – observo –, e eu não vivo atirando você no chão para esconder o seu corpo. Relaxe!

– Não! – ele berra.

Estamos numa competição de olhares agressivos, e ele, definitivamente, está vencendo.

– Você é irracional – disparo. – Vou vestir o que quiser – jogo o vestido preto nele e pego um vestido frente única rosa-chá, entrando nele pelos pés e subindo pelo meu corpo.

Ele me assiste vestir a peça com violência.

– Por que faz isso comigo? – ele pergunta, impaciente.

– Por que você não pode achar que vai mandar no modo como me visto, é por isso. – Amarro o vestido na nuca e o ajeito no corpo, ignorando o rosnado grave que emana do meu insensato senhor. Jamais vou ceder nesse aspecto do nosso relacionamento normal. – Não é tão ruim assim.

– Você é linda demais – ele murmura, solene.

Dou-lhe um sorriso enquanto calço uma sandália.

– Mas eu sou a *sua* menina linda, Jesse.

– Você é – ele diz, baixinho. – Minha.

Respiro fundo para me acalmar e o abraço, com o rosto no peito dele.

– Ninguém vai me tirar de você, nunca – não sei quantas vezes terei que dizer isso a ele. Sei que ele tem medo, mas também sei que o problema é o exército de mulheres nuas que sempre se ofereceram para ele, e ele não quer que outros homens olhem para mim como ele olhava para aquelas mulheres, pelo menos antes de me conhecer.

– Eu sei – ele suspira. – Mas é mesmo necessário escolher o menor vestido do mundo?

Dou-lhe um beijo na bochecha.

– Você está exagerando.

– Não acho – ele resmunga, empurrando o rosto recém-barbeado contra os meus lábios. – Podemos chegar a um meio-termo?

– Como? – pergunto, enquanto ele se abaixa e pega um casaquinho. Balanço a cabeça negativamente.

– De jeito nenhum, Ward. Se vestir isso, eu vou desmaiar.

Fazendo uma cena para demonstrar sua frustração, ele deixa o casaquinho de lado e se levanta.

– Está bem, mas não me responsabilizo pelos meus atos se algum imbecil te olhar com desejo.

Encaro-o um tanto pasma. Ele está diante de mim, todo arrumado e degustável, de bermuda e polo Ralph Lauren branca de gola desdobrada, ao estilo Jesse.

– Tenho de lidar com olhares de desejo para você todos os dias.

Ele sorri.

– Sim, e você passa por cima delas.

Dou risada e saio do quarto.

– Meu ritual de rolo compressor é mais delicado que o seu.

O Paraíso só melhora.

Permitir que Jesse me mantenha trancada na *villa* é uma ideia bem tentadora, mas eu queria explorar o local com ele, caminhar de mãos dadas, almoçar com ele, ficarmos juntos de outra forma. Isso não acontece com muita frequência desde que nos conhecemos, e embora ele tenha feito um pouco de manha, sei que gostou de passar um tempo diferente comigo hoje. Seu braço em meus ombros me manteve próxima dele, e quando comemos em um restaurante na praia, ele me fez sentar bem pertinho para manter o contato físico.

Já está anoitecendo quando somos jogados de um lado para o outro na volta para a *villa*, pela estrada esburacada. O perfume familiar invade minhas narinas assim que passamos pelos portões de madeira e seguimos pela estradinha de paralelepípedos, embaixo da selva verde e branca.

– Teve um bom dia? – ele pergunta, desligando o motor e olhando para mim com expectativa.

– Tive sim, obrigada. E você?

– Eu tive um dia incrível, Ava. Mas agora escolho o que faremos pelo resto da noite – ele solta o meu cinto de segurança e se inclina para abrir a porta para mim. – Fora.

Obedeço à ordem e me levanto do couro macio.

– O que vamos fazer?

– Vamos jogar – ele já está do meu lado do carro, com uma sobrançelha erguida, olhando para mim com cara de quem tem um plano.

– Que tipo de jogo? – estou curiosa, e isso é óbvio.

– Você vai ver – ele pega a minha mão e me leva para a entrada. – Encontre-me no tapete da sala – ele me orienta, beijando-me no rosto e me deixando ali na porta, como um vaso.

Onde ele vai? Meu rosto confuso o acompanha sumir para os quartos, sem mais a fazer a não ser seguir suas instruções. Solto a bolsa e vou para o tapete designado, sentando-me na superfície espessa. Minha mente voa, curiosa, mas logo ele aparece, embaralhando cartas.

– Vamos jogar baralho? – pergunto, tentando não soar decepcionada.

– Sim – sua resposta curta indica que, sim, vamos mesmo jogar baralho, pouco importando quanto eu proteste. Baralho?

– Não prefere fazer um banquete comigo? – parto para táticas de sedução, sem muita confiança. Sei quando vou vencer, e dessa vez isso não vai acontecer.

Ele me olha com cuidado enquanto se senta, apoiando as costas no sofá, com as pernas esticadas para a frente.

– Vamos jogar *strip* pôquer.

Fico um pouco relutante e começo a me mexer no lugar.

– Não sei jogar pôquer – vou perder, mas isso é ruim? – Não vai ser um jogo justo se eu não sei jogar – digo, decidindo que será ruim. Ele é convencido e quero arrancar essa expressão de vitória do seu rosto. Meu lado competitivo está vindo à tona.

– Está bem – ele diz devagar, enquanto pensa. – E *blackjack*? – ele deve ter visto meu olhar confuso, porque sorri de leve e começa a tentar outros jogos. – Vinte e um? Fica, pede, estoura?

Olho para ele sem expressão nenhuma.

– Sinto muito. Não tenho ideia do que você está falando – estico as pernas e me apoio com os braços para trás. – Tapão?

Ele ri com vontade, jogando a cabeça para trás e mostrando as linhas de expressão em torno dos olhos – a risada que eu adoro.

– Tapão?

– Sim, sou bem rápida...

– Ava, vamos deixar tapão para quando os bebês chegarem – ele ri e distribui duas cartas para cada um. – Está bem. Eu sou a mesa e você precisa olhar as suas cartas.

Encolho os ombros e pego minhas cartas, vendo que tenho um dez e um seis.

- Pronto.
- O que você tem?
- Não vou dizer! – tento parecer esperta.

Ele revira os olhos.

- Essa é uma rodada de teste. Vamos, o que você tem?

Escondendo minhas cartas contra o peito.

- Um dez e um seis – digo, desconfiada.

- Dezesseis, então?

- Ah, tem de somar as cartas?

Ele vai se arrepender. Talvez já esteja arrependido.

- Sim, é preciso somá-las.

- Certo. Nesse caso, tenho dezesseis – mostro as cartas a ele.

Ele confirma.

– O vencedor é quem se aproximar mais de vinte e um, depois que todos os jogadores já tiverem pedido as suas cartas.

– Pedir que cartas? – seguro o riso quando ele solta a cabeça para trás, olhando para o teto, exasperado.

- Vou explicar, Ava.

- Está bem, explique.

Ele traz a cabeça na posição original e praticamente bufa. Certamente, já está arrependido. Aposto que está pensando que poderia ter ido direto para o sexo.

– Certo. Você tem dezesseis, e precisa chegar o mais perto possível de vinte e um, sem estourar. Estourar é ultrapassar esse número. Entendeu?

- Entendi.

- Bom. Com dezesseis, você vai pedir outra carta e eu vou dar uma para você. Entendeu?

- Entendi.

Ele me dá outra carta, que eu protejo da vista dele, como se ele já não soubesse o que tenho na mão.

- O que você pegou? – ele pergunta.

– Um rei – não sou um gênio das cartas, mas sei que isso me fez estourar, e jogo as cartas no chão. – Eu não queria outra carta.

- Você não pode ficar com dezesseis, Ava.

- Mas pelo menos não ia estourar!

– Não, mas pense que eu, provavelmente, passaria os seus dezesseis; então, é melhor arriscar – ele vira as próprias cartas, revelando um valete e uma rainha.

- Vinte – confirmo, depressa.

– Correto. E eu fico, então eu ganho – ele pega as cartas e as embaralha de novo. – Entendeu?

– Ah, vou varrer o chão com seu traseiro, Ward – digo, esfregando uma mão na outra e sentando-me de modo mais confortável.

Ele sorri com a minha competitividade, talvez pensando que sou uma iludida; afinal de contas, Jesse Ward é bom em tudo.

- Precisamos falar de regras, querida.

– Não preciso disso, obrigada. Já estou grávida.

Ele joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada gostosa, enquanto eu tento manter uma expressão séria, mas adoro quando ele ri.

– Estou me referindo ao prêmio, ao que está em jogo – ele aponta os olhos verdes para mim. – Meu Deus, eu te amo muito.

– Eu sei. E o que está em jogo? – descubro que gosto mais desse jogo a cada minuto.

– Quantas peças de roupa você está usando? – ele diz, olhando-me de cima a baixo, como que fazendo as contas.

Jogar baralho não me parece tão ruim nesse momento.

– Três. Vestido, sutiã e calcinha. Ah, e sapatos. Então são cinco – aponto para as sandálias.

– Tire os sapatos – ele ordena. – E eu tenho duas – ele puxa a camiseta e a bermuda, identificando as peças.

– E a cueca?

– Ela estava sendo uma obstrução – ele diz, desprezioso, distribuindo duas cartas para cada um. Sei bem onde isso vai dar: nada de obstruções. – O primeiro a ficar nu perde – ele sorri para mim –, e o vencedor tem o poder.

Admiro sua expressão divertida.

– O que aconteceu com o “onde e quando eu quiser”?

– Estou sendo racional – ele dá de ombros, indicando as minhas cartas. – Não force a barra, pois eu posso simplesmente retirar a oferta do poder.

Pego minhas cartas com cuidado e as seguro bem perto do rosto. Ele, confiante como sempre, me dá uma peça a mais de roupa.

– Não há nada de racional em negociar com o controle em nosso relacionamento – olho para minhas cartas, vendo dois setes. – Eu peço.

Ele me dá mais uma carta, mantendo o sorriso.

– Tudo isso faz parte do nosso normal, querida. Aqui está.

– Obrigada – respondo, educadamente, pego a carta do chão e a coloco com as outras. É um oito. Bufo, dramaticamente, e as jogo no chão. – Estourei – resmungo.

Ele sorri e vira suas cartas para mim, revelando um valet e um nove.

– Acho que fico – ele pondera. – Você perdeu – ele diz, baixando as cartas e rastejando até mim os olhos queimando nos meus, com adoração. Meu coração acelera ao vê-lo aproximar-se, e, quando chega, leva as mãos lentamente à minha nuca: – Vamos tirar esse vestido – ele suspira, desamarrando as alças. – Levante-se.

Forço-me a ficar em pé, quando tudo o que quero é me deitar no chão e deixar que ele me possua naquele mesmo instante. Ele pode ficar com o poder; eu nunca quis isso. Jamais. Com os olhos cheios de desejo, observo-o pegar a barra do meu vestido, tirá-lo pela cabeça e jogá-lo no sofá.

Chegando mais perto, ele morde o lóbulo da minha orelha.

– Renda – ele murmura, deixando seu hálito quente sobre a minha pele. Fico tensa, apesar de todos os meus esforços para me manter calma, e então ele se senta novamente, deixando-me ali de pé, excitada e sozinha.

– Sente-se.

Fecho os olhos e recupero os sentidos. Preciso ser forte, porque isso é mesmo um jogo para

ele. Volto para o meu lugar, de calcinha e sutiã, e, como total sedutora que sou, abro bem as pernas e me apoio nas mãos. Se ele vai jogar, eu também vou.

– Dê as cartas, meu senhor.

O sorriso cúmplice que surge em seu rosto lindo indica que entendeu o meu jogo. Sua sedutora está confirmando sua reputação. Ele dá as cartas, eu as examino com cuidado, e imediatamente declaro minha intenção de parar por ali. Ele balança a cabeça, afirmativamente, e vira as próprias cartas. Ele tem um nove e uma rainha.

– Fico – ele olha para mim e eu sorrio, mostrando meus dois reis com um ar superior, antes de engatinhar até ele.

Sento-me com uma perna de cada lado de suas coxas e seguro a barra da camiseta dele.

– Tire a camiseta – sussurro, puxando-a. Ele levanta os braços e eu puxo a peça de roupa, atirando-a para trás dele, suspirando e me inclinando para beijar seu peito. – Hmmm, duro – esfrego-me em sua ereção, arrancando um suspiro pesado dele, mas logo me retiro e volto ao meu lugar. – Dê as cartas.

É óbvia a luta interna dele para não me atirar no tapete. Posso dizer pelo discreto ajuste que faz na parte da frente da bermuda e pelo jeito como morde o lábio. Está tentando se concentrar, e eu estou amando. A paisagem melhora para mim a cada rodada que ganho: só mais uma e ele será todo meu, com poder e tudo.

Ele dá as cartas mais uma vez e eu as recolho, calculando rapidamente um total de catorze.

– Eu peço, por favor – faço um gesto para que me dê uma carta. Um dois. Total: dezesseis. Droga, agora eu não sei o que fazer. – Fico. Não... peço! – ele me dá mais uma carta, sorrindo. – Não! Não... eu fico – faço um gesto com a mão para dispensar a carta e o sorriso dele aumenta.

– Indecisa? – ele pergunta, empertigando o corpo e destacando seu peito.

Tenho de piscar algumas vezes para tirar os olhos dele, determinada a não perder a concentração. Ele não vai me distrair, mas é o inferno tentar resistir à vontade de olhar. Ou de babar.

– Não, eu fico – afirmo, altiva.

– Está bem – ele tenta não sorrir e mostra as cartas. – Hmmm, dezesseis. O que fazer? – ele pensa alto.

Dou de ombros.

– Você é quem sabe – não reforço as palavras da nossa rodada de teste. Estou morrendo de vontade, mas não vou fazer isso. Quero ver como o Sr. Bom em Tudo se sai dessa vez.

– Eu peço – ele diz, virando mais uma.

Não sei como, mas consigo manter o rosto inexpressivo quando vejo que é um seis.

– Que pena – sussurro, tirando os olhos das cartas dele e fixando-os em seu peito, seu pescoço e depois para o seu rosto bonito. – Você arriscou – mostro as minhas cartas, que totalizam dezesseis. – Eu não; então, tire a bermuda.

Ele examina minhas cartas com um sorrisinho, balançando a cabeça.

– Você me venceu, Ava.

– Eu tenho o poder – engatinho até ele, determinada a não perder nem mais um minuto. Esse foi o jogo de cartas mais longo da História. – O que acha disso? – digo, enquanto desço o zíper da bermuda.

Ele não tenta me impedir. Apenas força as costas contra o sofá, erguendo os quadris, para

facilitar o meu trabalho. Tenho de lutar para me conter ao ver seu membro ereto.

– Posso perguntar o mesmo – ele murmura, grave e rouco, puro sexo na voz.

– Sinto-me poderosa – jogo o calção sobre o ombro dele e tiro o baralho de sua mão, colocando-o de lado.

Com a boca entreaberta e os olhos fixos nos meus, ele passa o polegar sobre o meu lábio inferior.

– O que a minha sedutora tem em mente?

Eu deveria afastar a mão dele de mim, mas não o faço.

– Ela vai se render – sussurro, apoiando as mãos em suas coxas e tocando o nariz dele com o meu. – O que meu deus tem a dizer a respeito disso?

Ele me dá um sorriso glorioso.

– Seu deus diz que a sedutora aprendeu bem a lição – suas mãos enormes seguram meus punhos e levam as minhas mãos aos seus ombros. – Seu deus diz que a sedutora não vai se arrepender por se render a ele – seus lábios pressionam os meus e sua língua varre a minha boca. – Mas esse deus e a sua sedutorazinha sabem como o nosso relacionamento normal funciona – ele me toca através da calcinha e encosta a testa na minha. – E funciona perfeitamente.

Fico tensa e me esfrego em sua mão, para buscar fricção.

– Você é perfeito – meus lábios buscam os dele e minhas mãos vão direto para os seus cabelos, puxando-os mais uma vez. Não consigo evitar.

– Eu sei – ele diz em torno dos meus lábios vorazes, passando as mãos pela minha cintura e deslizando até o meu traseiro. – Achei que tivesse se rendido.

Não conseguiria parar nem que a minha vida dependesse disso, e rezo tudo o que há de mais sagrado para que ele não reivindique sua autoridade, porque estou desesperada, faminta, necessitada.

– Por favor, não me peça para parar – não tenho o menor pudor e enfio a língua na sua boca.

Ele geme alto, puxando-me para ele, sem mostrar a menor intenção de me deter. Está me deixando fazer o que quiser com ele.

– Você sabe que não consigo dizer não a você.

– Consegue sim – discuto entre lambidas firmes, embora me sinta estúpida por lembrá-lo disso nesse momento. Ele me diz não com frequência, quando estou cansada ou quando está a fim de me contrariar.

– Não agora – ele está em pé, comigo pendurada em seu corpo, e nem sei como isso aconteceu. Estou muito envolvida no momento, mas quando a brisa da noite atinge minhas costas nuas, agarro-me ainda mais ao corpo dele, beijando-o com força. Meu cérebro não registra para onde vamos. Não me importo.

O som das ondas noturnas batendo gentilmente na areia é a primeira coisa que ouço. Então, sinto o cheiro do mar Mediterrâneo. A temperatura baixou um pouco, mas o calor do corpo dele colado ao meu elimina qualquer desconforto. Estou em chamas, e acho que nem a Antártida seria capaz de me resfriar. Ele desce os degraus de madeira com cuidado e me leva para a praia. Ajoelha-se, deitando-me na areia úmida e macia, garantindo que nossos lábios permaneçam colados o tempo todo. Minhas mãos percorrem a sua musculosa estrutura, e minhas pernas se contorcem sob ele. Estou perdendo o fôlego. Uma onda passa por baixo de

mim, cercando-me de água salgada e fria. Não consigo conter um gritinho. Minhas unhas se cravam em seus bíceps e minhas costas se arqueiam, tentando escapar da sensação gelada, o que me faz roçar os seios contra o peito dele. As altas temperaturas que me deixavam em ebulição diminuem de intensidade e o furor do meu corpo se aquieta um pouco.

– Shhhh. Calma... – a suavidade com que ele fala me faz relaxar no mesmo instante. Ainda sinto frio, mas ele nunca falha em me confortar. Ele beija, morde e chupa meu pescoço antes de subir para o meu rosto outra vez. – Amo você – ele sussurra. – Amo muito, muito, muito.

Meu coração explode.

– Eu sei – minha boca busca a dele, sabendo que me ama, e pedindo que faça amor comigo. – É do que nós precisamos neste momento... De amor, não de uma transa. Não de força. Precisamos só fazer amor.

– Não planejava outra coisa – ele tira a minha calcinha. – Podemos chamar essa transa de “sexo sonolento ao anoitecer”.

Minhas mãos sobem por seus braços e pescoço até tocarem seu rosto, perfeitamente claro para mim, apesar da escuridão que nos cerca. Sexo sonolento ao anoitecer pode ser o meu novo favorito.

– Feito – murmuro, e com as pernas eu o ajudo a tirar minha calcinha.

Seu braço me segura pela lombar e me levanta um pouquinho do chão, para desabotoar meu sutiã, que ele tira com uma mão só, mas que mantenho preso entre meus punhos, já que me recuso a tirar as mãos do seu rosto. Quero manter meus lábios nos dele; as carícias da sua língua na minha me levam ao nível mais alto do Sétimo Céu de Jesse. Meus mamilos endurecem um pouco mais, não só pelo frio, mas pelo desejo. Então, ele se afasta de mim com um gemido. Depois, me estuda por um momento, antes de me penetrar perfeita e meticulosamente, parando quando chega à metade.

Seu rosto é insondável, mas aqueles olhos verdes me contam outra história. Chegam ao mais fundo de mim, transbordando reverência e devoção.

– Tudo? – ele pergunta tão baixinho que quase não consigo ouvir por causa do barulho das ondas.

Confirmo com a cabeça e levanto os quadris, impaciente. Meu golpe baixo para atraí-lo funciona. Ele respira fundo e me levanta do chão quando outra onda nos atinge. Dou outro grito de frio, mas sua penetração completa e súbita contribui para o meu roubo. Ele me prende a si quando a onda recua, meu rosto contra o pescoço dele, mas logo me deita na areia outra vez. Minhas mãos encontram lugar nos ombros dele, e ele apoia os braços ao lado da minha cabeça. Ficamos apenas nos olhando. Só isso já é um prazer imenso. Ele me preenche totalmente, e posso senti-lo pulsar. Contraio-me em torno dele, mas nenhum de nós tem a menor intenção de apressar as coisas. Está friozinho, estamos molhados, mas perfeitamente felizes. Sem nada à nossa volta, exatamente como queríamos.

– Quer que eu me mexa? – ele pousa os lábios nos meus. – Diga-me o que quer, querida.

– Só quero você. Da forma que você vier.

– Venho na forma de um incontrolável amor por você. Isso é bom o bastante?

É mais do que bom o bastante. Dou-lhe um beijo, em vez de responder, mas ele se afasta, os olhos semicerrados buscando uma resposta verbal.

– É bom o bastante – digo com um suspiro, sentindo que provavelmente acabo de sancionar

seu comportamento difícil. Mas é mesmo bom o bastante.

– Fico feliz – ele me golpeia com os quadris, arrancando-me um suspiro pesado e fazendo seus músculos do pescoço retesarem. – É tão bom sentir você. Não sei como sobrevivi sem isso. Eu existia, Ava. Eu não vivia – ele recua gradualmente e depois me invade de forma igualmente lenta, beijando-me e capturando meu gritinho de prazer e de frio provocado por outra onda, que me surpreende. – Agora eu vivo. E é só por você.

– Entendo – digo com a boca na dele, porque sei que essa é sua próxima pergunta. – Eu entendo tudo isso.

– Que bom; preciso mesmo que você entenda – fora e dentro mais uma vez, e mais suspiros e tensão emanam dos dois. – Eu amo o nosso normal.

Dou um sorriso e me contorço sob o peso dele, em outro mergulho profundo. Nosso normal. Também amo o nosso normal, que é Jesse me amando tão violentamente a ponto de ficar louco, e eu retribuindo esse amor. Sou eu aceitando seus modos complicados. Já deixei a rebeldia para trás.

Nem sinto mais o frio do mar que nos lambe. O desejo corre em minhas veias, aquecendo a minha pele, e me apego a cada movimento com todos os músculos que possuo. Demonstro a mesma paixão que ele, beijando-o e sentindo-o, puxando seus cabelos e gemendo. Ele ondula os quadris de maneira tão precisa, tão uniforme, que cada investida me leva mais perto do clímax. A suavidade da sua língua explorando cada canto da minha boca e a dureza coberta de veludo de seu mastro deslizando dentro de mim é puro êxtase, como sempre.

Digo-lhe que não gosto quando ele quebra o contato de nossas bocas, mas ele me ignora, recuando para me estudar, enquanto mantém o ritmo.

– Preciso te ver – ele ofega. – Preciso ver esses olhos em brasas quando você estiver gozando para mim.

– Jesse – estou arfando; ele não vai precisar esperar muito. Algo aqui dentro se acende por cortesia do meu senhor e de seu jeito experiente comigo. Sabendo que serei advertida se fechar os olhos, esforço-me para resistir à tentação de deixar a cabeça pender para trás e apertá-los bem. É difícil quando ele faz isso comigo.

Ele ergue o próprio corpo e se apoia nos punhos.

– Ela está quase lá – ele observa em silêncio. – Controle-se, Ava. Não me faça parar – ele aumenta o ritmo, jamais tirando os olhos dos meus.

– Por favor, não pare – minhas mãos apertam o traseiro dele, trazendo-o mais para dentro de mim.

– Então você já sabe o que fazer – ele faz círculos firmes e profundos com os quadris, como se quisesse dificultar as coisas para mim. Tento não gritar, reunindo todas as minhas forças para adiar o inevitável até ele estar pronto, o que pede que eu respire profunda e controladamente. Então, engulo em seco e início uma sequência de exercício para manter a calma. Ele sabe que estou me esforçando, e eu sei que ele sabe porque há o esboço de sorriso em seus lábios e suas estocadas se tornam mais firmes. Seus bíceps também saltam, indicando que moveu os punhos na areia, tentando melhorar a posição para me enlouquecer com seu modo ligeiramente sádico de fazer amor. Só Deus sabe como ele é bom nisso! E fica melhor a cada vez que fazemos sexo.

Estou deitada embaixo dele, usufruindo da atenção que me dá, mordendo o meu lábio inferior e fervendo, borbulhando, morrendo de vontade de me entregar. Em uma onda de

sensualidade selvagem, busco qualquer sinal de que ele também esteja próximo do orgasmo e entro em desespero, quando, de início, não encontro nada. Então, o verde de seus olhos desaparece por trás de suas pálpebras, muito rapidamente, e seus quadris estremecem. Ele também está lutando. Com medo de que diminua o ritmo para se recompor, aperto fortemente as pernas em torno da sua cintura e o puxo para mim. É a ruína dele, que sibila, estremece outra vez, e eu grito de alegria, apertando seus braços.

– Sua... MEU DEUS! – ele levanta a cabeça e seu ritmo controlado se transforma em ataques firmes. Aproveito quando seus olhos fogem dos meus para fechá-los. Prendo a respiração. – Olhos nos olhos! – minha escuridão dura pouco, meus olhos se abrem e enxergam um rosto úmido e frustrado por não poder se controlar. – Porra, Ava! – ele arfa. – Você quer gozar?

– Sim!

– Eu sei.

Ele me penetra sem dó. Grita palavrões um atrás do outro e, em seguida, diz:

– Goze.

Estou entregue. Meu corpo entra em colapso. Tremores violentos me atacam à medida que pulso com as ondas de sensações geradas pelo orgasmo, uma atrás da outra. Estou completamente aquecida. O sêmen dele jorra dentro de mim e então ele para, gemendo. Sua respiração é curta e a minha, entrecortada. Ele ainda se apoia nos braços e sua muito, enquanto eu mexo a cabeça de um lado para outro, quase desorientada pela intensidade do clímax.

– Você me fez perder o controle, Ava – ele bufa para mim. – Que coisa, mulher, você me deixa louco.

Solto os braços para cima, na areia molhada, notando que uma onda recua e que meu corpo nem se deu conta dela. Eu estou pegando fogo.

– Você não vai machucá-los – insisto.

Ele balança a cabeça, mostrando também estar desorientado, antes de se retirar de mim e deixar-se cair sobre os antebraços, tomando um dos meus mamilos entre os lábios. Mal sinto o calor de sua boca em mim.

– Isso está gostoso – suspiro, finalmente conseguindo fechar os olhos por um tempo considerável, enquanto ele se banqueteia em meus seios. – Continue.

– Seu gosto é tão bom – ele murmura, passando a sugar a área da minha marca.

Deixo que faça o que quiser, enquanto me concentro em estabilizar a respiração e os batimentos cardíacos, mas ainda estou em chamas.

– Leve-me para a água – ofego –, preciso esfriar.

Ele balança a cabeça e solta meu seio para olhar para mim.

– Não vai dar, mocinha – ele volta ao meu peito sem se explicar.

– Por quê? – pressiono.

Ele beija um mamilo por vez, antes de aproximar o rosto do meu. Seus olhos são piscinas brilhantes de atrevimento.

– Pode congelar os bebês.

Não chego a gargalhar, mas abro um sorriso.

– Pode nada!

Ele afasta meus cabelos do rosto e desliza as mãos pelos meu braços, entrelaçando os dedos

nos meus, acima da minha cabeça.

– Como você pode ter certeza?

Levanto a cabeça para beijá-lo, para beijar esse louco e adorável bobalhão.

– Mesmo que isso fosse verdade, o que não é, a temperatura do meu corpo está tão alta que os bebês podem estar assando neste exato momento.

Ele tem um sobressalto, em uma dramática demonstração de horror, e pula, ajudando-me a levantar.

– Porra, Ava! Precisamos esfriar você – ele me joga no ombro e me dá um tapinha no traseiro.

– Ai! – dou risada, deliciando-me com seu jeito brincalhão. – Vá devagar para não causar um choque térmico...

– Ah, não – ele entra rápido, fazendo-me temer pelo pior –, não temos tempo a perder. Corremos o risco de ter bebês bem-passados – ele diz, segurando-me pelos quadris, o que me faz gritar e espernear, apesar de saber que estou protegida. Ele me ergue. Apoio as mãos em seus ombros, e ele olha a minha expressão marota, tentando parecer séria. Estou sorrindo tanto que minhas bochechas doem. – Alô, aí em cima, menina bonita.

– Oi – estou me segurando; sei o que vem agora ou, pelo menos, acho que sei.

Ele perde a batalha e me brinda com seu sorriso, dobrando os braços para aproximar meu rosto do seu e me beijar com força.

– Adeus, menina bonita – ele estica os braços e me lança na escuridão, enquanto eu grito e agito braços e pernas em delírio e deleite. Caio na água ainda gritando, mas o grito logo se abafa quando afundo. Definitivamente, todo o frenesi debaixo d'água não é causado apenas por mim; então, bato os pés com urgência para subir à superfície, emergindo e logo fazendo um giro de trezentos e sessenta graus para procurar por ele. Nem sinal de Jesse. Fora a minha respiração pesada, tudo é silêncio. Paro de me movimentar e fico apenas batendo os pés, devagar. Droga, onde ele está? Marolas partem da área próxima, mas não consigo distinguir se quem as está produzindo sou eu ou se é algo vindo do fundo. No caso, “algo” alto, magro e bonito, que é capaz de prender a respiração por um tempo admirável. Não sei por que, mas também prendo a respiração, decidindo silenciosamente meu próximo passo. Fico parada e quieta ou saio correndo para a areia?

Saio, fico, saio, fico.

Solto o ar armazenado nos meus pulmões.

– Que merda, que merda, que merda! – estou preocupada, meu coração bate forte e luto contra a indecisão. Então, ouço a água se mover atrás de mim e, sem pensar, minhas pernas entram em ação. Nado e grito como se a minha vida dependesse disso, como se o tubarão do filme estivesse em meu encalço

– Merda! – berro, cortando o ar noturno com minha boca suja, quando meu tornozelo é agarrado e sou levada ao fundo. Rolo e bato braços e pernas, provavelmente socando-o e chutando-o, o que é benfeito para ele. Meu medo se transformou em raiva e, a tapas, afasto as mãos que tentam me pegar. O sal faz meus olhos arderem toda vez que tento abri-los, e meus pulmões parecem que vão explodir. Sinto a cabeça dele no meio das minhas pernas.

Volto à superfície e imediatamente solto o ar dos meus pulmões, com um grito furioso.

– Jesse! – estou nos ombros dele, sendo carregada para fora do mar, seus braços me

segurando pelas canelas, encostadas em seu peito.

– O que aconteceu, querida? – ele não está nem ofegante.

– Você! – estapeio a cabeça dele, antes de segurar seu queixo e erguer seu rosto para mim.
– Deixe-me vê-lo – disparo, agressiva.

Ele ri.

– Olá.

– Você é uma peste.

Ele fica em pé sem o menor esforço, saindo da água como algum tipo de criatura sobrenatural.

– Você me ama – ele diz, confiante.

Inclino-me para a frente, mas não o alcanço.

– Quero te beijar – reclamo.

– Eu sei que quer – ele diz e, com alguns movimentos coordenados e vigorosos, num segundo me tira dos ombros e me carrega nos braços. – Pronto: agora você pode.

O sorriso que está nos meus lábios parece uma característica permanente em meu rosto, assim como o brilho profundo e sem a menor chance de se apagar tão cedo que vejo nos olhos dele. Estamos muito felizes. O Jesse sossegado veio para ficar, e está me inundando de desejo e travessuras. O Sétimo Céu de Jesse não pode ficar melhor que isso.

Capítulo 25



Eu poderia me acostumar tão bem a isso.

Poderia ficar deitada todas as manhãs e me espreguiçar feliz, sentindo a brisa em meu corpo nu, e sair para a varanda e admirar meu deus à distância, correndo pela curva da baía. Poderia preparar o café da manhã para ele, mesmo detestando cozinhar, e poderia sentar-me nua à mesa, enquanto ele leva o garfo à boca e devora a comida com gemidos de aprovação, antes de meter o dedo num pote de manteiga de amendoim, que tenho certeza de que trouxe de casa, porque a de que ele gosta só deve ter na Inglaterra. Poderia, a pedido dele, abrir a boca para que me alimentasse, e poderia acariciar seu peito bronzeado apenas porque estou com vontade. Poderia derreter-me na cadeira quando ele pisca para mim e me arranca do lugar onde estou para me sentar em seu colo e me devorar, antes de continuar tomando seu café da manhã com uma das mãos e me acariciando com a outra, oferecendo-me garfadas de salmão. Poderia vestir meu biquíni na privacidade do Paraíso, sem olhares de horror e pedidos para que eu vista algo mais decente, e ir nadar na gigante piscina de água fresca da *villa*. Poderia ser tirada de lá pela mão dele e ser enxugada por ele, enrolada na toalha e levada para o banho, onde ele me ensaboa de cima a baixo e me satisfaz debaixo do chuveiro de todas as maneiras possíveis. De *todas* as maneiras possíveis... e de mais algumas. Com certeza, eu poderia certamente me acostumar a isso.

É nosso último dia no Paraíso e já sinto uma certa tristeza, mesmo em meio ao estado de tremenda felicidade. É nosso último dia curtindo apenas um ao outro, sem quaisquer das distrações e problemas que aguardam nosso retorno a Londres. Estou sentada na cama, com pedaços de papel higiênico enrolados e enfiados entre os dedos e um vidro de esmalte Pink na mão. Já passa do meio dia. Passamos a manhã cumprindo todo o nosso normal, e agora estou me arrumando para uma tarde no porto e um jantar ao anoitecer. Não quero voltar para casa. Quero ficar no Paraíso para sempre, apenas Jesse e eu.

– Achei que tínhamos concordado em não pintar mais as unhas e não procurar mais uísques raros?

Olho para cima e vejo Jesse fazendo a ação mundana de enxugar os cabelos loiros-acinzentados com a toalha, mas não há nada que pareça mundano quando protagonizado por Jesse. Nada que este homem faça é ordinário ou banal. Encosto-me no travesseiro e saboreio a deliciosa visão. Ele está nu e eu estou babando.

– Preciso pintar as unhas dos pés – agito o vidrinho e abro a tampa. – Não vai demorar muito, e nem preciso pintar as unhas das mãos – mostro as mãos para ele ver que as unhas já

estão pintadas e secas.

Jesse vem até mim, todo bronzeado e com seu jeito de andar óbvio, por conta da nudez, e se ajoelha na cama, parando aos meus pés.

– Deixe-me fazer isso – ele estende a toalha sobre as coxas e pega o meu pé, pousando-o sobre o algodão macio.

– Você quer pintar as minhas unhas dos pés? – pergunto, um pouco intrigada que meu marido machão queira fazer uma tarefa não feminina. Ele me olha indiferente, claramente sem se incomodar em cuidar da esposa nesse nível.

O vidro de esmalte é tirado de minha mão e meu pé, posicionado de maneira a tornar mais fácil a realização da tarefa que ele mesmo se impôs.

– É melhor eu começar a treinar – ele me informa, com o rosto sério e definitivo. – Logo você não conseguirá mais alcançá-los.

Eu o chuto num reflexo, atingindo-o no estômago, o que não surte o efeito desejado. Ele sorri para si mesmo e ajeita meu pé.

– Eu não quero ir para casa – digo, baixinho.

– Nem eu – ele não parece espantado ao ouvir isso, como se tivesse lido minha mente ou claramente estivesse pensando a mesma coisa. Ele passa o pincel pelo centro da minha unha do dedão e depois completa com uma pincelada em cada canto.

– Quando podemos voltar? – pergunto, vendo emergir sua linha de expressão, o que me faz sorrir e esquecer momentaneamente esses meus pensamentos deprimentes.

– Podemos voltar quando você quiser. Diga que quer e eu ponho você naquele avião. – Ele passa o dedo na pele da base da unha e recua um pouco para observar seu trabalho. Está muito bom, considerando o tamanho da mão dele em relação ao pincel. Ele olha para mim. – Você se divertiu? – pergunta, sorrindo, sabendo muito que sim, especialmente porque acabei de dizer que não quero ir embora.

– Paraíso – penso alto, encostando a cabeça no travesseiro. – Continue. – aponto para o meu pé no colo dele.

Ele estreita os olhos, brincalhão.

– Sim, minha senhora.

– Bom menino – eu suspiro, sonhadora, relaxando no travesseiro. – O que vai acontecer quando chegarmos em casa?

Ele continua pintando as minhas unhas, sem dar à minha pergunta a atenção que merece. Algo precisa ser feito, preferivelmente pela polícia, não por Steve. Embora Jesse me tirar do país tenha sido uma fuga bem-vinda, também sei que o fez para manter a própria sanidade. Ele não pode me esconder no Paraíso para sempre, embora eu saiba que não considera essa uma ideia tão irracional assim, mas se for para ele manter esse bom humor e essa calma, também aprovo a ideia. Estamos no Paraíso, preciso me lembrar disso. É porque eu o tive todo para mim, sem interrupções ou problemas. Esta é a única razão para eu ter fixado morada nas nuvens do Sétimo Céu de Jesse, nada mais. Voltar para Londres vai me expulsar de lá, tenho certeza.

– O que acontece é que você volta para o trabalho e, finalmente, cumpre a promessa de contar a Patrick sobre Mikael – ele me olha com expectativa e eu o ignoro.

– Acha que Mikael roubou seu carro?

– Não faço a menor ideia, Ava – ele põe meu pé na cama e pega o outro. – Estou cuidando

disso, então não precisa preocupar a sua cabecinha.

– Como você está cuidando disso? – não posso deixar de perguntar; quero muito saber, porque algo me diz que, como tudo o que Jesse faz, isso também vai ser resolvido do modo não convencional.

Como eu sabia que aconteceria, recebo um olhar de advertência e fico preocupada, pois, se insistir, posso ser atirada do Sétimo Céu de Jesse antes de chegarmos a Londres.

Encaro seu olhar de reprovação por um momento, sem recuar ou desfazer o meu olhar de expectativa, e ainda assim sei que não receberei uma resposta satisfatória. Já aceitei isso e já concordei mentalmente em não tentar obtê-la.

– Ponto-final – ele diz simplesmente, e sei que fala sério.

Relaxo. Deixo que ele termine a tarefa complicada de pintar minhas unhas dos pés, enquanto aprecio não só a atenção que me dedica como também o fato de, mesmo ele estando curvado sobre si mesmo, bem inclinado para a frente, para ver de perto o que está fazendo, não haver nenhum pneuzinho em seu abdômen.

– Terminei – ele declara, fechando o vidro de esmalte. – Sou bom até nisso – diz, sem humor na voz.

Levanto os pés e me aproximo para olhar, esperando ver meus dedos inteiros pintados de rosa, mas não. Jesse é, de fato, muito bom no esmalte como em todo o resto, exceto cozinhar.

– Nada mau – digo, casual, fingindo limpar um traço de esmalte que não existe.

– Nada mau? Fiz um serviço melhor do que você jamais faria – ele pula da cama. – Você tem sorte de ter a mim.

Debocho dele.

– E você não tem sorte? – pergunto, incrédula. Ele é mesmo um babaca arrogante.

– Tenho mais sorte ainda – ele dá uma piscada e me tira do meu estado ofendido no ato, com um suspiro. – Venha, Ava. Vamos explorar – ele está muito mais entusiasmado em sair hoje do que estava ontem, o que é um claro sinal de que está se divertindo e me amando de outra forma.

Depois de passar por uma rotatória, chegamos a um portão de segurança que leva a um porto. Jesse baixa o vidro do carro, aponta um cartão plástico para uma tela e o portão se abre automaticamente, dando-nos passagem.

– Onde estamos? – pergunto, sentando-me na ponta do banco e olhando para a estrada adiante.

– Aqui é O Porto – ele diminui a velocidade e vira para uma área cheia de pedestres, que abrem caminho, automaticamente, sem nem reparar no DBS. Acho isso estranho, mas logo percebo que estamos cercados de carros de luxo, todos estacionados ao longo da borda. Não é uma Mercedes ou um BMW; são filas e filas de Bentleys, Ferraris e, inclusive, outro Aston Martin, todos gritando “sou milionário”. Essas pessoas, evidentemente, estão acostumadas a ver carros caros, mas assim que passa o impacto dos carros, minha atenção se volta para as filas de barcos. Não... não são barcos. São iates.

– Puta merda! – sussurro, enquanto Jesse estaciona em uma das vagas vazias e desliga o motor.

– Ava! Por favor, olhe essa boca, porra! – ele dá um suspiro profundo e sai do carro, vindo para o meu lado. Estou paralisada no assento, atônita com a visão da brancura dessas imensas montanhas flutuantes na marina. – Já para fora.

Saio com a ajuda de Jesse, sem prestar atenção nas minhas ações e sem tirar os olhos dos barcos. Não tenho palavras, mas logo algo me surge.

– Não me diga que você tem um desses – olho para ele com os olhos arregalados, e ao mesmo tempo sem saber por que estou tão chocada. O homem é mais do que rico, mas um iate?

Ele sorri e coloca os óculos escuros.

– Não, eu o vendi anos atrás.

– Então você *tinha* um?

– Sim, mas eu não tinha a menor ideia de como velejar em um treco desses – ele pega a minha mão e nos afastamos do carro, indo para uma área a salvo dos carros em movimento.

– Por que o comprou, então? – pergunto, olhando para ele, que só dá de ombros e aponta para o mar.

– Ali, do outro lado, é o Marrocos.

Sigo a direção de sua mão, mas tudo o que vejo é mar aberto. Ele está tentando distrair minha mente curiosa.

– Que lindo – digo com sarcasmo, só para deixar claro que entendi sua manobra. Estou chegando às minhas próprias conclusões sobre o Paraíso e iates, mas, como já precisei lembrar a mim mesma antes, o passado de Jesse é exatamente isso.

– Sarcasmo não combina com você, mocinha – ele me aninha debaixo de seu braço e morde a minha orelha. – O que você quer fazer?

– Vamos fuçar um pouco.

– Fuçar?

– Sim, fuçar – repito, olhando para a expressão divertida dele. – Como em explorar, pesquisar, fuçar...

Ele sorri para mim, fascinado.

– Está bem. Estou vendo outro passeio como aquele a Camden.

– Sim, exatamente como em Camden, mas sem os *sex shops* esquisitos – completo baixinho. Agora ele ri mesmo.

– Ah, há muitos *sex shops* na rua de trás. Quer ver?

– Não – resmungo, lembrando-me do show de *pole dancing* que recebemos daquela *dominatrix* tresloucada, coberta de couro. Engulo em seco. Um tipo como Sarah. Meu Deus, parecia Sarah, exceto pelo chicote e por estar dançando em uma barra. Talvez Sarah tenha uma barra, quem sabe, mas minha compreensão súbita encobre as similaridades das duas mulheres. – Você não achou aquilo *sexy*, achou? – não preciso explicar, porque ele sabe a que me refiro.

Ele segura o meu queixo e levanta meu rosto para o dele.

– Eu já disse antes: há apenas uma coisa que me excita, e eu amo quando ela usa renda.

– É bom mesmo – digo baixinho, porque não sei o que mais dizer. Ele provavelmente também fez conexão com Sarah, e embora a própria Sarah tenha confirmado a aversão que ele sentia em vê-la vestida de couro, eu precisava ouvir isso dele.

Ele beija a minha testa e aspira o perfume dos meus cabelos.

– Vamos fuçar, sra. Ward.

Já estou farta de fuçar quando voltamos à marina, e sei que Jesse fez o máximo para me agradar, insistindo em comprar tudo em que toquei ou olhei, na tentativa de reduzir o tempo que eu passava olhando as lojas. Isso não me incomodaria tanto, não fosse o tipo de loja em que estávamos fuçando. Aqui não é Camden. Sim, há algumas lojas de quinquilharias, mas ele me guiou para as lojas caras, fazendo-me sentir mais peixe fora d'água do que me senti na Harrods. Os espaços mínimos e quietos tinham apenas um ou outro produto em exposição, não deixando muito espaço para fuçar. Vi uma bolsa de couro cru em que precisei tocar, só para sentir a maciez do couro e Jesse, é claro, tomou esse pequeno gesto como uma indicação de que gostei e prontamente a comprou. Nem tentei impedi-lo. Amei a bolsa nova; então, obviamente, o cobri de provas de gratidão. Em resposta, ele começou a comprar tudo o que eu olhava ao longo da tarde, olhando-me com expectativa em seguida, como que esperando o meu agradecimento.

Ele está coberto de sacolas e parece cansado, coitadinho.

– Vou guardá-las no carro. Espere aqui – ele me deixa na área de pedestres, passando protetor nos lábios, enquanto vai até o carro guardar as sacolas, voltando em seguida e me agarrando. Tento suprimir um gritinho quando sou erguida em seus braços e beijada com voracidade.

– Meu Deus, fiquei com saudade – sua boca desliza sobre meus lábios recém-hidratados com a mesma facilidade que me beija na frente de todos. Como sempre, não me importo com o local onde estamos ou com quem, deixando que faça o que quiser comigo.

– Hmmm, que gosto bom – ele recua, os lábios brilhando com o meu protetor labial.

– Se vai usar batom, faça isso direito – estico o braço para aplicar um pouco nele, que não faz nada para me impedir, pelo contrário, até faz um bico para tornar mais fácil cobrir seus lábios com o produto. – Assim está melhor – concluo, sorrindo. – Você fica até mais bonito com os lábios brilhando.

– É provável – ele concorda sem titubear, pressionando um lábio no outro para espalhar o protetor. – Venha, preciso alimentar minha esposa e meus amendoimzinhos – ele me põe em pé e começa a arrumar as alças do meu vestido amarelo-leve, que estão caindo por meus ombros. – Essas alças precisam de ajuste.

Mexo os ombros para afastar as mãos dele e arrumo as alças, sem dar atenção aos grunhidos de protesto que vêm detrás de mim.

– Aonde você vai me levar para comer? – pergunto, olhando-o por cima do ombro e mantendo o passo, o que não dura muito tempo. Ele segura meu punho e logo sou detida como um peso morto.

– Não fuja de mim – ele praticamente rosna, girando-me para encará-lo. Ele me olha feio, enquanto estou sorrindo. – E pode parar de sorrir. – ele volta a arrumar as alças do meu vestido, balbuciando algo sobre uma mulher insuportável, que o deixa maluco. – Bem melhor. Onde estão todas as roupas que eu comprei para você?

– Em casa – respondo, curta, não que alguma delas fosse apropriada para férias ao sol. Ele não me deu tempo para fazer compras antes da viagem, então tive de me virar com o que tinha de anos anteriores. Algumas são de quando eu tinha pouco mais de vinte anos, e essas peças sobre as quais ele tem reclamado refletem isso.

Ele respira fundo, para adquirir paciência.

– Por que você insiste em ser tão difícil?

– Porque eu sei que isso te enlouquece – sei que estou me arriscando, mas jamais vou ceder nesse ponto. Nunca.

– Você gosta de me enlouquecer.

– Você se enlouquece sozinho – dou risada –, não precisa de ajuda nesse departamento, Jesse. Eu já disse que você não vai dizer como devo me vestir.

Seus olhos brilham de desgosto, mas não me intimidado com sua cara feia. Estou sendo muito corajosa.

– Você me enlouquece – ele repete, porque não sabe mais o que dizer.

– O que você vai fazer? – pergunto, petulante. – Pedir o divórcio?

– Olha essa boca!

– Não falei nenhum palavrão! – respondo, gargalhando.

– Falou, sim! O pior de todos, na verdade. Proíbo você de falar essa palavra. Tenho um ataque de riso.

– Você me proíbe?

Ele cruza os braços sobre o peito, em uma atitude de autoridade, feito criança.

– Sim, eu proíbo.

– Divórcio – sussurro.

– Agora você está sendo infantil – ele bufa, novamente feito criança, e eu dou de ombros.

– Quero comer.

Ele bufa mais alto e balança a cabeça.

– Eu deveria fazer você passar fome e recompensá-la com comida quando fizer o que eu mando – ele me agarra pelos ombros, me vira e me guia até um restaurante de frente para o mar. – É aqui que eu vou te alimentar.

Somos conduzidos a uma mesa no terraço e atendidos por um espanhol alegre, de cabelos penteados para trás e de bigode.

– Bebidas? – ele pergunta, com forte sotaque espanhol.

– Água, obrigado – Jesse me senta e empurra a cadeira, antes de sentar-se à minha frente e me oferecer um cardápio. – As tapas são sublimes.

– Pode escolher – ponho o menu na mesa. – Tenho certeza de que você vai escolher bem – minhas sobancelhas se erguem em desafio e o menu é tirado da minha mão, mas sem bronca ou olhar de reprovação.

– Obrigado – ele diz, devagar.

– De nada – retruco, servindo-nos de água gelada assim que o garçom coloca a jarra sobre a mesa. Ela está úmida de condensação, e a sede bate forte quando vejo as gotas descendo pelo vidro. Viro o copo todo de uma só vez e sirvo-me de novo em seguida.

– Está com sede? – ele observa espantado eu beber o segundo copo d'água, e diz: – Cuidado! – Olho para ele, confusa, e continuo tomando a água. – Você pode afogar os bebês.

Eu tusso, para conter um engasgo, e coloco meu copo sobre a mesa. Pego um guardanapo, rindo.

– Pode parar com isso?

– O que é? Só estou mostrando preocupação como pai – ele parece magoado, mas sei o que ele quer.

– Acha que não vou saber cuidar dos nossos filhos, não é?

– Acho que vai – ele diz, rápido, mas sem convicção. Na verdade, não acha. Estou chocada, e meu rosto deve estar mostrando isso, mesmo que ele se recuse a me olhar nos olhos para ver por si mesmo.

– Que diabos você acha que eu vou fazer? – arrependo-me da pergunta no momento que ela sai da minha boca, mais ainda quando ele vira a cabeça para mim e me lança um olhar cético. – Não faça isso – eu o aconselho, minha voz se partindo e lágrimas queimando meus olhos. Tento contê-las, reprimindo a mim mesma pelos pensamentos frios que tive. Já me sinto mal o bastante sem Jesse para alimentar a minha culpa.

Olho para qualquer lugar, exceto para Jesse, porque se olhar para ele agora vou me lembrar do momento difícil que quero esquecer. Não o culpo por duvidar da minha capacidade; eu mesma tenho dúvidas, mas eu o tenho, como ele vive me lembrando.

Ele vem e se senta imediatamente ao meu lado, abraçando-me e acariciando as minhas costas e enterrando os lábios nos meus cabelos.

– Desculpe. Não fique triste, por favor.

– Tudo bem – minimizo sua preocupação. Está na cara que não estou bem, mas não posso perder o controle no meio de um restaurante, na frente de todo mundo. Já estou sendo encarada por uma mulher algumas mesas diante da nossa. Não estou com humor para bisbilhoteiros; então, dirijo-lhe uma careta, antes de me desvencilhar de Jesse. – Eu disse que está tudo bem – digo, ríspida, pegando meu copo apenas para ter algo para fazer em vez de chorar.

– Ava – ele diz, quase sem voz, mas não consigo olhar para ele. Não posso encarar o homem que amo, sabendo que ele vai mostrar desdém por mim. Ele não vai me deixar esquecer isso? Tenho a mais absoluta certeza de que jamais faria aquilo, mas a ideia estava lá, e ele leu em preto e branco. – Olhe para mim – ele parece mais firme agora, mas eu o desobedeço, notando que a mulherzinha ainda está olhando. Lanço-lhe um olhar de “não se meta”, que a faz prontamente voltar a atenção para o seu jantar. – Três.

Reviro os olhos, mas não porque ele começou uma contagem regressiva. Não. É porque sei que não vou ganhar uma transa do estilo Jesse quando ele chegar ao zero.

– Dois.

É como se estivesse balançando um doce diante dos meus olhos, que nunca vai me deixar morder. É estúpido, eu sei, mas a necessidade que tenho de Jesse e seu talento por me tornar submissa a ele através do sexo está impregnada em mim, e a gravidez só parece estar me deixando com mais vontade.

– Um.

Solto uma respiração cansada e começo a brincar com o garfo, recusando-me a ceder, o que provavelmente só o deixa com pavio mais curto.

– Zero, querida – sou tirada da cadeira antes que meu cérebro possa registrar o final da contagem regressiva, e num segundo estou no chão, com os punhos presos acima da cabeça e Jesse sentado sobre a minha cintura. Estou de olhos arregalados e o restaurante, em silêncio. É possível ouvir um guardanapo caindo. Estou olhando para Jesse, que não tem a menor vergonha, nem sequer toma conhecimento de onde estamos. Ele me tem esparramada no chão de um restaurante. Que brincadeira é essa? Não ousa tirar os olhos dele. Posso sentir um milhão de olhos chocados, observando o espetáculo criado por Jesse. Estou morta de vergonha.

– Jesse, deixe-me levantar – eu não duvidaria de nada que viesse dele, mas isso? É mais do

que falta de pudor. Pelo amor de Deus, e se alguém tentar tirá-lo de cima de mim?

– Eu te avisei, Ava – seu rosto está coberto de entretenimento, enquanto eu estou horrorizada. – Quando e onde.

– Sim, tudo bem – eu me contorço –, já entendi.

– Acho que não entendeu – ele diz, casualmente, ficando mais à vontade e aproximando o rosto do meu: – eu amo você.

Quero que o chão me engula. Pegar-me no colo e me beijar até eu ver estrelas numa rua movimentada é uma coisa, mas render-me no chão de um restaurante lotado é insano.

– Eu sei. Deixe-me levantar.

– Não.

Meu Deus, não se ouve nem o tilintar de talheres, o que indica que não há ninguém comendo.

– Por favor – imploro, em um fio de voz.

– Diga que me ama.

– Eu amo você – digo entredentes.

– Fale com vontade, Ava – ele não vai desistir, não até eu satisfazer seu pedido estúpido e irracional.

– Eu amo você – soo mais suave, mas ainda incomodada.

Ele me olha com desconfiança, mas o que ele espera? Fico mais do que aliviada quando sai de cima de mim e me põe em pé, optando por permanecer de joelhos diante de mim. Levo um bom tempo me recompondo, fazendo qualquer coisa para evitar o olhar dos frequentadores, que, sem dúvida, nos fitam, estarecidos. Depois de passar muito mais tempo que o necessário passando as mãos pelo vestido, arrisco uma olhadela em torno e quero morrer mil vezes. Sinto-me tentada a sair correndo, mas noto que Jesse ainda está de joelhos à minha frente.

– Levante-se – digo num sussurro alto, apesar de saber que estou sendo ouvida. Tudo é silêncio.

Ele vem até mim de joelhos, até ficar colado às minhas pernas, e então desliza as mãos até tocar meu traseiro, olhando para mim com olhos de cachorro pidão.

– Ava Ward, minha menina linda e rebelde – meu rosto fica mais vermelho a cada segundo. – Você me faz o homem mais feliz de toda essa porra de mundo. Você se casou comigo e agora vai me abençoar com gêmeos – ele traz as mãos para a minha barriga, fazendo círculos em adoração, antes de depositar um beijo bem no meio dela. Ouvem-se suspiros entre os espectadores. – Eu te amo demais. Você vai ser uma mãe incrível para os meus bebês – ele diz e eu não consigo fazer mais do que fitá-lo enquanto se declara publicamente, o tolo embaraçoso. E mais suspiros são ouvidos. Ele se levanta, beijando-me e alcançando o meu pescoço. – Não tente me impedir de te amar. Isso me deixa triste.

– Triste ou louco? – pergunto baixinho.

Ele emerge de seu esconderijo em meu pescoço e junta meus cabelos, soltando-os nas minhas costas e segurando meu rosto com as duas mãos.

– Triste – ele afirma. – Beije-me, esposa.

Não quero mais constrangimento, por isso o beijo prontamente. Desse jeito, escapo mais rápido. Mas logo começam os aplausos, e sinto falta dos lábios dele nos meus, porque ele está agradecendo as palmas e me colocando sentada. Nós vamos ficar?

– Eu amo você – ele dá de ombros, como se isso explicasse o motivo de ele ter me atirado no chão e exigido uma declaração de amor, antes de anunciar a um bando de estranhos que estamos esperando gêmeos.

– Gêmeos!

Dou um pulo de susto ao ouvir o inglês ruim do garçom, que agita uma garrafa de champanhe diante de nós.

– Vocês precisam celebrar – ele estoura o espumante e o serve em duas taças. Encolho-me. É muito encioso da parte dele, mas nós não vamos beber.

– Obrigada – sorrio para ele, rezando para que não fique por aí para nos ver brindar e beber. – É muito gentil – ele deve ter ouvido meu pedido mental ou visto meu rosto transtornado, porque se afasta, deixando-me olhando em volta. As pessoas voltaram à sua refeição, alguns nos olhando com carinho de vez em quando, mas o interesse parece ter terminado. Aquela mulher, no entanto, ainda nos encara. Olho feio para ela, mas me distraio quando Jesse põe a mão no meu joelho. Viro-me e encontro um rosto cheio de malícia. Sim, ele provou seu ponto de vista de maneira alta e clara, e na frente de todos.

– Não acredito que você fez isso.

– Por quê? – ele afasta as taças de champanhe de nós.

Estou prestes a expor meu caso, mas sinto olhos em mim outra vez e sei de quem são. Viro-me lentamente e a vejo me olhando outra vez. Ela está a algumas mesas da nossa e há muita gente entre nós, mas uma brecha permite-me ter uma visão clara, e, obviamente, a ela também, porque ela aproveita bem a chance.

– Você conhece aquela mulher? – pergunto, mantendo os olhos nela, que nesse momento voltou a olhar para o seu prato.

– Que mulher? – Jesse pergunta, inclinando-se para ver a direção para onde estou olhando.

– Ali, aquela mulher de casquinho azul-claro – quase, mas logo recolho a mão. – Está vendo?

Após uma eternidade sem que ele me responda, olho para ele e vejo que perdeu a cor; encontro um rosto pálido e atordoado no lugar do feliz e bronzeado.

– O que houve? – ponho, instintivamente, a mão em sua testa para checar sua temperatura e percebo que ele está frio como pedra. – Jesse? – ele olha para o nada, em completo transe e eu fico preocupada. – Jesse, o que há de errado?

Ele balança a cabeça, como se quisesse tirar algo de dentro dela, e olha para mim com uma expressão assombrada. Posso ver que meu marido está tentando desviar o olhar, mas falha terrivelmente. Algo está seriamente errado.

– Vamos embora – ele se levanta e acaba derrubando um copo, o que atrai a atenção novamente para nós. Atirando algumas cédulas sobre a mesa, ele não perde tempo em me pôr em pé e me conduzir para fora do restaurante.

Ele caminha apressadamente para o carro, praticamente me puxando com ele.

– O que há de errado? – tento novamente, mas sei que é em vão. Ele se fechou.

A porta do carro é aberta e olho para ele, enquanto ele tenta me fazer entrar, mas não capto nada. Nenhuma consideração, nenhuma expressão, nenhuma explicação. Vejo seu ombro ficar tenso e rijo e ele começa a arfar. Ele olha para algo além de mim, e mesmo assim continua tentando me empurrar para dentro do carro.

– Jesse?

Uma voz feminina desconhecida faz que eu pare de prestar atenção no meu marido, transtornado, para ver quem é a mulher atrás de mim. *Aquela* mulher. Olho confusa para ela, sentindo a mão de Jesse me segurar com mais força. Posso ouvir sua respiração pesada. Estou totalmente aturdida, mas ainda assim consigo estudá-la, correndo os olhos de cima a baixo pela completa estranha, que passou a maior parte de seu tempo no restaurante à beira-mar me encarando, ou a Jesse, ou a ambos, não tenho certeza. Quanto mais olho para ela, mais claras as coisas ficam.

Jesse tenta me mudar de posição, para me colocar no carro, mas eu me desvencilho dele, intrigada demais com a pessoa para quem estou olhando.

– Ava, querida, vamos embora – ele não ordena nem grita impaciente, apesar da dificuldade que imponho. Isso está me dando vontade de chorar.

– Jesse, meu filho – a mulher dá um passo à frente e meu medo se confirma.

– Você não pode me chamar disso – Jesse responde, ríspido. – Ava, entre no carro.

Eu entro. Era toda a confirmação de que eu precisava. Não preciso ouvir mais nada, nem discussões aos gritos ou explicações. Essa é a mãe de Jesse. Viro-me no banco e o vejo dar a volta no carro, ficando apreensiva quando ela corre pela frente para interceptá-lo. Eu a noto tocar seu braço, e ele afastá-la com um chacoalhão. Ouço-a pedir uma chance de conversar e a observo pressionar o corpo contra a porta do motorista, numa tentativa de impedi-lo de entrar no carro. Ele agarra os próprios cabelos e puxa, a dor em rosto parte meu coração. Ele não vai remover fisicamente a mãe dali, o que o deixa lá fora, completamente vulnerável. Não posso ficar aqui sentada, vendo-o sofrer desse jeito; então, saio e vou até Jesse e sua mãe, apenas a determinação correndo por mim.

Coloco-me na frente de Jesse, como um escudo protetor, e olho nos olhos dela.

– Por favor, saia daí.

Ele se inclina para mim.

– Você não deveria estar aqui. Por que você está aqui? – a voz de Jesse é fraca e trêmula, assim como seu corpo. Posso sentir as vibrações nas minhas costas. – É o fim de semana do casamento de Amalie, em Sevilha. Por que está aqui?

A minha ficha cai. Não cheguei a ler o convite todo para chegar à data, mas Jesse obviamente leu. Por que ele me traria aqui, a não ser que soubesse que seus pais não estariam por perto? Ele jamais se arriscaria, e achei estranho, mas não toquei no assunto. Mas eles estão aqui. E isso fez Jesse entrar em um turbilhão.

– É o seu pai – ela começa. – O casamento foi adiado porque seu pai teve um infarto. Amalie tentou entrar em contato com você, depois de não obter resposta do convite de casamento.

O peito de Jesse me pressiona e sei que ele vai dizer algo, o que é bom, porque eu não consigo pensar no que dizer. Estou estupefata. Isso é informação demais.

– Então me diga por que foi Amalie quem tentou falar comigo? Por que não você?

– Achei que você seria mais receptivo à sua irmã – ela responde prontamente. – Esperava que você atendesse às ligações dela.

– Bem, pensou errado! – ele urra por cima do meu ombro, fazendo-me encolher. – Você não pode fazer isso comigo. Não mais, mãe. Sua influência já fodeu com a minha vida, e eu a

estou consertando sozinho!

Ela recua, mas não se defende. Seus olhos verdes, parecidos com os de Jesse, estão turvos e desesperados. Muitos pensamentos surgem em minha mente, mas Jesse e sua óbvia angústia são prioridade. Sua mãe também está sofrendo, mas eu não gosto dela; portanto, ela não é uma preocupação para mim.

– Gêmeos – ela sussurra, esticando a mão.

Congelo. Não consigo me mexer. Os olhos dela estudam meu ventre e vejo a dor estampada em seu rosto enrugado quando sou puxada para trás, evitando que ela toque na minha barriga. Isso interrompe o meu transe e me faz rever a situação. Não é preciso muito tempo; tenho de tirar Jesse daqui.

– Ava – a voz dele é suave no meu ouvido –, por favor, tire-me daqui.

Meu coração se parte ao meio.

– Estou pedindo com educação – olho para a mãe dele, cujos olhos ainda estão fixos no meu ventre. – Por favor, saia.

– É uma nova chance, Jesse – ela chora copiosamente, mas não tenho a menor consideração por ela. Jesse não diz nada. Permanece quieto e imóvel atrás de mim, e parece que ele também entrou em transe, o que não me surpreende. Essas poucas palavras aumentaram minha determinação e transformaram minhas lágrimas iminentes em pura raiva, mas eu não posso atacar a mãe dele.

Viro-me e toco o braço de Jesse.

– Venha – digo com calma, puxando-o pelo braço, e ele se deixa conduzir. Eu o estou guiando, para variar, e método rápido. Estou determinada a tirar meu marido dessa situação que lhe causa tanta angústia. Só o vi assim pouquíssimas vezes, e todas terminaram mal; não estou preparada para mais dificuldades, para ele ou para nós, dentro do nosso relacionamento.

Abro a porta do passageiro e, gentilmente, ajudo-o a entrar, enquanto ele olha para o nada. Aliviada, vejo a mãe dele seguir para a frente do carro; assim, posso correr por trás do veículo e entrar no lado do motorista. A primeira coisa que faço é travar as portas, antes de pedir as chaves a Jesse. Nunca dirigi do lado contrário da rua ou do outro do carro, o oposto da mão inglesa, mas agora não é hora de entrar em pânico por algo tão trivial. Dou a partida no DBS e mal olho para trás, antes de sair da vaga meio abruptamente, engatar a primeira marcha e acelerar com um pouco mais de cuidado. Mas, ao olhar pelo espelho retrovisor, vejo um homem segurando a mãe de Jesse nos braços. O pai dele.

Meus olhos conferem rapidamente a rua à minha frente, notando os portões de saída, mas nem tenho a chance de entrar em pânico para procurar o cartão que os abre, pois eles se abrem automaticamente, afastando-me mais dos pais de Jesse a cada segundo. Olho para ele e não gosto do que vejo: um homem perturbado, olhando para o nada, sem demonstrar nenhuma emoção. Se ele estivesse furioso, eu me sentiria melhor, mas não. A única característica familiar é a linha de expressão e a percepção de que as engrenagens de sua mente estão funcionando à toda. De uma maneira estranha, esses traços me oferecem um pouco de conforto. O que ele pode estar pensando, no entanto, me incomoda.

Outra chance? Foi o que ela disse. Não posso culpar Jesse por seu colapso, não quando sua mãe acabou de sugerir que tudo pode se acertar com o nascimento de seus próprios gêmeos. Isso é cruel e egoísta, e jamais compensaria os anos de sofrimento e traição do passado.

Esses bebês e eu somos a chance de felicidade para Jesse, não a oportunidade de seus pais acertarem o que fizeram no passado. Se ela pretende fazer dos meus bebês algum tipo de terapia familiar, está muito enganada.

Não sei para onde estou indo, mas consigo arrancar instruções básicas de Jesse. Por fim, quando entramos na alameda de paralelepípedos que leva à *villa*, o aroma já conhecido do Paraíso me acalma por completo. Ele sai do carro e caminha até a varanda, deixando que eu o acompanhe, vindo com cautela logo atrás. Não sei o que fazer. Só sei que não vamos conversar, de modo que preciso fazer o que o instinto mandar, ou seja, ficar ao lado dele, sem buscar informações para saciar minha mente curiosa nem bater o pé exigindo respostas. Já sei o que preciso saber, que os pais de Jesse tiveram grande influência na vida dele, e que agora ele está consertando as coisas sozinho, como ele mesmo disse, e preciso deixar que faça isso.

Seguindo-o para dentro, encontro-o parado no meio da sala. Aproximo-me em silêncio, mas ele não esboça reação quando seguro a sua mão. Ele sabia que eu estava por perto, como sempre sabe. Levo-o para o quarto e começo a desabotoar sua camisa, sem nenhuma tensão sexual ricocheteando entre nós nem respiração pesada. Só estou cuidando dele.

Ele está de cabeça baixa, completamente entregue, mas me deixa despi-lo até estar diante de mim, nu e quieto. Faço menção de colocá-lo na cama, mas ele permanece firme, vira-me para ele e começa a me despir, descendo o zíper do meu vestido e tirando-o pela minha cabeça, pedindo silenciosamente que eu levante os braços. Deixo que faça o que quiser, qualquer coisa que o tire desse estado melancólico; então, espero pacientemente que termine de desabotoar meu sutiã antes de se ajoelhar e tirar minha calcinha. Ele me levanta no colo e minhas pernas se instalam no lugar de sempre: em torno dos seus quadris. Então, toma seu lugar na cama, sentando-se com as costas apoiadas na cabeceira, e eu fico sentada no colo dele, com o peito pressionado contra o dele. Ele não está preparado para ter espaço entre nós, e por mim tudo bem. Seus braços me envolvem completamente. Seu nariz nos meus cabelos e seu coração, próximo ao meu ouvido, bate tranquilo. É tudo o que posso fazer, e, se for necessário, é o que farei até o fim dos meus dias.

Capítulo 26



Acordo sentindo-me diferente. Estou deitada de costas, mas não esparramada na cama, com a brisa leve tocando minha pele. Sinto-me incapaz de me espreguiçar. Levo alguns segundos para perceber que estou presa sob Jesse, que deita metade sobre mim, metade fora, para não fazer pressão sobre a minha barriga. Seu rosto está aninhado entre o meu queixo e o meu ombro, a mão espalmada sobre o meu ventre e seu hálito quente e mentolado aquece o meu pescoço. Por que ele não foi correr? Meu cérebro sonolento fica um pouco confuso, mas não por muito tempo, pois logo me lembro dos eventos da noite passada, da dor, da angústia e do choque. O Paraíso virou de cabeça para baixo. Nosso casulo de felicidade foi destroçado. Os pais dele já sabem de mim e, depois da cena de Jesse no restaurante, também sabem que ele está casado e esperando gêmeos.

Passo os dedos por seus cabelos e olho para o teto, massageando-o com carinho. Não quero pensar nisso. Não quero me aprofundar no assunto, e acho que não é preciso. Vê-lo tão transtornado é o bastante para confirmar como se sente em relação aos pais. Tudo o que tenho de fazer é ficar ao seu lado, ouvir quando quiser falar e abraçá-lo quando precisar de conforto. Seu rosto magoado trouxe lembranças de coisas ruins que aconteceram entre nós: o momento em que estávamos na sala da casa de Kate e ele me implorou para não o abandonar a vez em que eu o deixei bêbado no Lusso e o momento em que o peguei sendo açoitado por Sarah. Todos esses incidentes levaram a uma dor excruciante, e preciso evitar que isso se repita a qualquer custo. E vou evitar. Este homem tem uma história cheia de problemas, mas vou curar toda essa mágoa e sofrimento. Não admira que quisesse manter tudo escondido de mim. Eu sou seu pedacinho do paraíso e jamais vou deixar que caia outra vez no inferno que foi seu passado vazio.

Estou deitada, aqui, e tendo uma conversa de encorajamento comigo mesma, mas sei que ele está acordado. Sinto o bater de seus cílios no meu pescoço, porém não deixo que perceba que sei. Fico quieta, permitindo que ele tenha espaço para pensar, com os dedos acariciando seus cabelos e massageando sua cabeça. Posso acariciá-lo à vontade, pois ele saberia que estou acordada ainda que eu não me movesse.

– Jamais teria trazido você aqui se soubesse – sua voz rouca quebra o silêncio, então noto que perdi a noção do tempo. – Não queria que a minha vida com você fosse manchada pelo meu passado.

Nossa vida já foi marcada pelo passado dele de inúmeras outras formas, e sei que ele não queria que aquilo tudo nos afetasse, mas afetou. E isso pode nos afetar também, se ele permitir.

– Não nos afetou – eu o reconforto –; então, por favor, não deixe que isso aconteça.

– Eles não têm lugar na minha vida, Ava. Não tinham antes e terão menos ainda agora – sua mão começa a se mover sobre a minha barriga.

Sei por que ele está dizendo isso. Os nossos bebês não vão substituir Jake. Eles não vão servir para apaziguar a culpa dos pais de Jesse. Tenho certeza de que não serão o motivo para eles se reconciliarem. Algumas coisas são imperdoáveis, e um pai e uma mãe fazem qualquer outra coisa que não seja amar e apoiar um filho são apenas um exemplo disso. Meu pai sempre me disse que não poderia me dizer o que fazer, apenas me aconselhar. Sempre disse que não me forçaria a fazer nada que pudesse me deixar infeliz. Disse, também, que estaria sempre por perto, independentemente das minhas escolhas, e sempre me ajudaria caso eu viesse a tomar decisões erradas. E ajudou mesmo. Várias vezes. Não com situações tão extremas quanto as que Jesse enfrentou, mas o princípio é o mesmo. Isso é o que pais devem fazer. Eles não devem influenciar seus filhos em benefício próprio. Minha solidariedade não tem tamanho. Jesse sempre disse que sou tudo de que ele precisa e sei que é isso que ele sente, de todo o coração. E é totalmente compreensível, tendo em vista o que esse homem já passou, não só o histórico de mulheres e bebida, mas a situação com seus pais, que foi o pivô de tudo.

– Não precisa me explicar nada. Você e eu – eu repito as palavras dele para reforçar as minhas.

Ele se deita de costas e me puxa para si, encorajando-me a deitar sobre o seu peito. Acomodo-me sobre ele e começo a acariciar sua cicatriz.

– Esse lugar era de Carmichael – ele diz, em voz baixa. – Fazia parte de seus bens, assim como o barco.

– Imaginei – dou um sorriso, constatando que acertei em cheio em minhas conclusões.

– Como sabia?

– Por que você teria uma *villa* tão perto de onde seus pais moram?

Não consigo ver seu rosto, mas sei que está sorrindo.

– Minha menina bonita está começando a me assustar.

– Por quê? – pergunto, fechando o cenho contra o peito dele.

– Porque ela normalmente exige informações...

Tenho de concordar, mas, desde que decidi manter a boca fechada, já descobri mais coisas do que quando eu gritava e batia o pé.

– Não há nada que possa me contar que me convenceria a fugir de você outra vez.

– Fico feliz que diga isso – ele diz baixinho.

Se existe uma coisa que ele poderia dizer para me deixar tensa e pensar em retirar o que disse, é essa frase. Não me mexo, porque olhar para ele o levaria a falar, e já sei que não vou gostar do que ouvirei. Então, fico exatamente onde estou, com os olhos no peito dele. Eu poderia me chutar. Por que fui dizer algo tão estúpido? É como se eu estivesse involuntariamente arrancando confissões deste homem.

A ignorância é uma bênção. A ignorância é uma bênção.

– Ava? – ele diz, em um fio de voz.

– O que foi?

– Preciso te contar uma coisa. – Ele faz menção de se mexer, mas eu peso em cima dele, dificultando o processo, o que não faz a menor diferença, pois ele me pega, sem o menor esforço, e me coloca deitada de costas, sentando-se sobre a minha cintura, mas sem soltar o

corpo. Isso não vai ajudar na minha fuga; de qualquer forma, não vou a lugar nenhum. Ele morde o lábio por um momento e olho para ele com uma expressão cética no rosto. Sei que “conhecimento é poder” é a melhor opção aqui, mas dado o que Jesse já me apresentou no campo do conhecimento, isso tudo me mata de medo.

Ele segura as minhas mãos com força.

– Deixe Sarah cuidando das coisas no Solar enquanto ficasse fora.

– O QUÊ? – levanto a cabeça e minha garganta dói instantaneamente.

– Ela está cuidando das coisas na minha ausência... John não dá conta de tudo sozinho, Ava.

– Mas tinha de ser a Sarah? Você disse que ela era carta fora do baralho e ponto-final! –

Estou lívida. Meu sangue ferve e meu rosto está queimando. Todos os pensamentos sobre os pais de Jesse e histórias tristes somem da minha mente à simples menção do nome dela. – Por que, depois de tudo o que ela fez, você a chamou de volta? – tiro as mãos dele de cima de mim e tento empurrá-lo. – Saia de cima de mim!

– Ava, acalme-se!

– Por quê? Está preocupado que eu machuque os *seus* bebês? – disparo contra ele.

As palavras transformam seu rosto, de preocupação para desaprovação. Ele me olha feio, mas isso é o de menos.

– Não diga bobagem – ele pega minhas mãos agitadas e as prende acima da minha cabeça.

– Pense nisso – grito para ele: – seu monitoramento constante e sua superproteção dizem tudo o que eu preciso saber.

– Sempre fui superprotetor, então não me venha com essa!

Ele tem razão, mas eu estou furiosa e vou usar qualquer coisa contra ele, o que me lembra que me desviei do assunto.

– Ou ela, ou eu!

Ele revira os olhos. Não gosto nada disso. Esperneio e ele me solta, mas é só porque não quer machucar os *seus* bebês, o que me deixa com mais raiva.

– Ava, eu estava no meio de uma bagunça, você se recusou a trabalhar para mim e preciso de alguém que saiba o que está fazendo.

Paro e me viro.

– Então ela voltou mesmo a trabalhar para você? – não acredito no que estou ouvindo. O discurso cheio de compaixão dela na lanchonete não serviu para nada. Ela deve estar adorando isso. Ele se levanta e vem até mim. – Pare aí mesmo, Ward! – aponto o dedo na cara dele. – Não tente me deter e me convencer de que está tudo bem, porque não está. Ela é apaixonada por você. Você não percebe? Tudo o que ela faz é só porque quer afastar você de mim, então nem tente me convencer de que essa é uma boa ideia.

– Eu sei.

Fecho a boca e recuo um pouco.

– O que quer dizer com “eu sei”?

– Sei que ela é apaixonada por mim.

– Sabe?

– Claro que sei, Ava. Não sou idiota.

Eu bufo.

– É claro que é! Você pisa em qualquer um que tente me afastar de você, mas faz vista

grossa para o trabalho muito melhor que ela está fazendo debaixo do seu nariz – dou as costas para ele e vou para a cozinha; preciso de água para acalmar minha garganta dolorida.

– Eu não deixei passar, Ava. Conversei com ela, que admitiu e pediu desculpas por tudo.

– É claro que está arrependida. Ela falhou! Provavelmente, só se arrepende de não ter tentado mais – bato com o copo no balcão. – E daria na mesma deixar passar. Você ofereceu enterro ou cremação?

Ele faz uma careta.

– O quê?

– A habitual oferta que você faz às pessoas que me magoam. Quero saber se ofereceu essa opção a Sarah?

– Não, eu ofereci seu trabalho de volta em troca de nunca mais interferir. E disse que se você dissesse não, ela estaria fora.

– Então, estou dizendo! – berro: – Ela está fora!

– Mas ela não fez nada.

Olho para o imbecil do outro lado do balcão, incrédula.

– Como não fez nada?

Ele fecha os olhos e solta uma respiração longa e cansada.

– Quero dizer que não fez nada desde que eu a trouxe de volta. E você a premiou com um belo soco no rosto pelo que fez antes.

– Por que está fazendo isso? Você sabe o que eu penso, Jesse.

– Porque ela está desesperada, Ava. Ela não tem vida fora do Solar.

– E você está com pena dela... – concluo, mais calma. Amo tudo nesse homem, menos a sua estranha compaixão por todas essas mulheres que tentam sabotar o nosso relacionamento. Basta pensar no que ele fez com Matt, por exemplo.

– Ava, antes de qualquer coisa, quero que você se acalme, porque isso não é bom para você nem para os bebês.

– Eu estou calma! – grito de novo, erguendo o copo com as mãos trêmulas, revelando justamente o contrário do que acabei de gritar.

Ele suspira e deita a cabeça, estalando o pescoço, como se quisesse aliviar o estresse. Não sei por que ele está estressado. Então, vou dizer-lhe que continuarei trabalhando para Mikael para ver como reage. O princípio é o mesmo.

Ele vem até mim, tira o copo da minha mão e me pega no colo, sentando-me sobre o balcão. Depois, segura o meu queixo e me vira de frente para ele. Continuo de cara feia, fuzilando-o com os olhos.

– Sarah não tem nada. Eu a chutei de lá quando ela se explicou e não pensei mais nisso – ele respira fundo –, até John falar com ela e me contar que ela não estava dizendo coisa com coisa, a mais preocupante sendo que ela preferia a morte a viver sem mim.

Minha mente desconfiada me faz pensar que é mais um golpe para agarrá-lo. Não consigo evitar.

– Ela só está querendo chamar atenção – decreto, ainda com o rosto franzido. Suas ações no passado são uma clara indicação do que ela é capaz de fazer.

– Eu também achava, mas John não tinha tanta certeza. Quando a encontrou, ela tinha cortado os pulsos e tomado um monte de remédios – encolho-me e ele ergue as sobrancelhas. –

Não foi um pedido de ajuda, Ava. Ela não estava querendo atenção. John a levou para o hospital a tempo, porque ela queria morrer.

Meu cérebro está falhando. Há inúmeras perguntas que eu deveria fazer agora, mas nada me ocorre. Estou abismada.

– Não quero mais uma morte na minha consciência, Ava. Vivo com a morte de Jake todos os dias. Não aguento isso.

Eu me compadeço.

– Ela me procurou – digo, sem saber por que o faço.

– Ela me contou – ele estende a mão e me toca o rosto –, mas me surpreende que você não tenha mencionado isso antes.

O que vou dizer? Que as palavras de Sarah foram a razão para eu ver a luz? Que ela foi o motivo para eu aparecer no Solar naquele estado?

– Não achei importante – respondo, débil. Será que ele sabe quando Sarah me procurou? Porque, se souber, então saberá também que, poucas horas depois, eu estava em frangalhos, desesperada para vê-lo.

– Foi Sarah quem contou a Matt sobre o meu problema com o álcool – ele diz, mordendo o lábio.

Encolho-me mais e ele tira a mão do meu rosto. Então foi assim que Matt descobriu tudo?

– E foi assim que você soube que eu estava indo buscar minhas coisas na casa de Matt? – pergunto.

Ele confirma.

– Ela disse que tinha ouvido você dizer a alguém ao telefone que ia buscar suas coisas. Como eu estava enraivecido demais para juntar as peças do quebra-cabeça, fiquei louco, agi por impulso e perguntei depois.

Então a lista de delitos dela é mais longa que eu pensava. Não quero sentir pena dela.

– Ela me disse que não poderia mais trabalhar para você – digo a ele. – Então, como é que está lá?

– Eu pedi a ela. Nunca vou encontrar outra pessoa para fazer esse trabalho, o que significa que terei de fazê-lo, mas não estou preparado para abrir mão do meu tempo com você. E você devia saber que ela só aceitou o cargo de volta com a condição de que você concordasse.

Se eu concordar? Isso me faz sentir péssima. Então o futuro de Sarah está nas minhas mãos: se eu disser não, ela vai tentar se matar outra vez, e se eu disser sim, vou ter de aguentá-la tentando sabotar o meu relacionamento de novo. É muita responsabilidade. Por que essa energúmena tinha que tentar se matar?

– Você não me deixa muita escolha – murmuro. – Se eu disser que ela está fora, ela pode cortar os pulsos novamente e nós dois nos sentiremos culpados. – Isso não tem lógica. Não quero perder Jesse para os afazeres agradáveis do Solar, que dirá para pilhas de trabalho burocrático, que o deixarão esgotado e eu jamais o veria. E se eu aceitar que fique, estarei assinando embaixo do que ela fez conosco, e não acho que consiga fazer isso, nem mesmo depois de ela ter tentando se matar. Mas as palavras de Jesse ficam rodando na minha cabeça.

Eu vivo com a morte de Jake todos os dias. Não aguento isso.

Não posso fazer isso com ele só por me sentir insegura com a presença da Indiana Jones no Solar. Minhas preocupações são justificadas, mas não a culpa de Jesse, e não posso submetê-lo a

mais do que ele já tem de suportar. Seria cruel e egoísta. Eu o amo demais para isso.

Ele volta a me acariciar o rosto e me olha com os olhos verdes plenos de sinceridade.

– Vou dizer a ela que não é possível. Não quero ver você tão infeliz.

Desmorono por dentro. Ele está disposto a viver com o potencial de mais sangue nas mãos, só para me agradar, embora nenhum dos casos seja culpa sua. Balanço a cabeça na mão dele.

– Não, eu quero você ao meu lado mais do que a quero longe.

– Mesmo? – ele parece surpreso.

– Claro que sim, mas você tem que prometer uma coisa.

– Qualquer coisa, você sabe disso – ele beija a minha testa.

Isso não é totalmente verdade, porque ele não me pediria a mesma coisa. Tento não dar atenção às circunstâncias atenuantes, mas é difícil ignorar uma mulher que tentou o suicídio porque meu marido não a quis.

– Quando os bebês nascerem, você não vai ficar dia e noite no Solar, mas vai ficar comigo todo o tempo que puder. Não sei se conseguirei cuidar deles... – digo, sem me importar que ele saiba o que acabei de dizer. A verdade é que estou sim com medo de ficar sozinha com gêmeos. Se pensar em um bebê já é assustador, pensar em dois me assusta mais ainda. Estou apavorada e ele precisa saber disso.

Os cantos de seus lábios se curvam. Ele acha graça no meu pânico?

– Ava, eu teria de estar a sete palmos do chão para agir de outra forma. Você vai conseguir, porque pode contar comigo – ele me pega no colo e me tira do balcão, não me restando alternativa senão enlaçar seus quadris nus com as pernas e abraçar seus ombros, também nus. – Vamos ficar bem.

– Eu sei – admito, mas estou carente, precisando de conforto constante. Ele sempre me dá, mas deve estar preocupado com a minha ansiedade. Não demonstro nenhum instinto maternal. Não devia ser a mulher quem lê os livros e compra ácido fólico?

– Não vamos brigar. Isso faz meu coração se partir de dor e não quero que você se estresse. Temos de cuidar da sua pressão arterial – ele começa a nos levar para o quarto.

Entrelaço meus dedos em sua nuca e me inclino para vê-lo melhor.

– Vou confiscar aquele livro.

Ele sorri para mim.

– O livro é meu e vou guardá-lo comigo.

– Precisamos fazer as pazes – endireito a coluna, de modo que um mamilo fique bem diante da boca dele. – Você leu no seu livro que o homem deve atender às necessidades da mulher sempre que ela quiser?

Ele me mordia e faz uma deliciosa rotação com a língua, que me leva a um gemido, enquanto ele ri.

– Li, sim, mas nosso voo está marcado para daqui duas horas. Preciso de mais tempo que isso; então, atenderei às suas necessidades na banheira de casa, assim que chegarmos. Feito?

– Nada feito – retruco, insinuando os seios sobre a boca dele outra vez. – Quero ficar no Paraíso.

– Você é incorrigível e eu amo isso – ele me põe na cama, rindo –, mas temos um avião para pegar.

– Eu preciso de você – seguro seu pênis de modo provocante, mas ele pula para longe.

– Ava, quando eu tenho você, gosto de bastante tempo – ele me dá um beijo casto nos lábios.
– Faça as malas.

Eu me largo na cama, em uma frustração alimentada pela gravidez. Meu tempo no Paraíso acabou.

Capítulo 27



Mal registro nossa chegada ao Lusso. Dormi boa parte da viagem e ainda me sinto cansada; nem tento sair do carro quando Jesse o estaciona e solta o meu cinto de segurança. Continuo afundada no assento de couro até ser fisicamente removida, só abrindo ligeiramente os olhos no elevador, e apenas para refrescar a minha mente sonolenta de quanto meu homem é bonito. Ele abre a porta com um pontapé e a fecha de novo, levando-me escada acima. Meus olhos ainda estão fechados, mas reconheço a familiar sensação de estar em nossa cama, na suíte máster, quando sou colocada sobre ela.

– Vou deixar a banheira enchendo enquanto pego as malas. Você vai ficar bem?

– Hmmm – viro-me de lado; acho que não vou conseguir tomar banho com Jesse e isso é um fato inédito. Eu o ouço rir e depois a água começar a jorrar no banheiro, e logo ele está me carregando outra vez. – Eu achei que você ia pegar as malas – balbucio.

– Já fui, Ava. Você dormiu de novo – ele me põe em pé, ainda cansada, e me despe, antes de tirar as próprias roupas com apenas uma mão, enquanto me mantém firme com a outra, como se achasse que eu poderia cair, e acho que poderia mesmo. Estou completamente esgotada.

Ele me ergue e me leva para a banheira com ele, sem a menor ajuda de minha parte. Deixo que me coloque na posição que quiser, que, no caso, é no colo dele, de frente para ele, com o rosto descansando em seu ombro. A água quente não me ajuda a acordar.

– Tive saudade disso – diz meu autodenominado entusiasta de banhos de banheira. – Sei que você está cansada, mas só preciso de alguns minutos.

– Está bem – concordo; desde que ele me enxugue e me coloque na cama depois, pode fazer o que quiser comigo.

– E eu preciso atender às suas necessidades – ele acrescenta. Meus olhos se abrem na hora e meu cérebro pornográfico rapidamente entra na dança. Definitivamente, posso encontrar forças para isso. Tento me mexer, mas ele me segura no lugar, rindo. – Meu Deus, Ava! Isso você toparia na hora, não é?

– Sempre.

– Fico tocado, mas gosto que minha esposa esteja consciente quando eu quiser comê-la.

– Não diga isso – retruco, em um grunhido –; só me faz te querer mais.

– Isso é possível? – ele pergunta, sério.

– Provavelmente, não – eu nem me incomodo em alimentar sua arrogância; afinal, ele tem razão. – Deixe-me olhar para você – reclamo, contorcendo-me em seus braços de aço. Levanto-

me, ainda exausta, e sento-me nas coxas dele, tocando sua barba por fazer. – Não faça a barba amanhã.

– Não?

– Não. O segundo dia é o meu favorito – inclino-me para passar o meu rosto no dele. – E quero que vista seu terno cinza com camisa preta.

– Com ou sem gravata?

– Com. A cinza, frouxa – subo, beijando-o até chegar aos seus lábios, enfiando delicadamente a língua entre eles.

Ele retribui meu beijo com ternura, carinho e amor:

– Se você pode escolher o que vou vestir, é justo que eu escolha o que você vai usar.

– Você vai escolher de qualquer jeito.

– Não vou, porque você não deixa – ele segura a parte de trás da minha cabeça e me puxa para mais perto.

– O que você quer que eu vista? – as palavras saem de minha boca praticamente como um gemido.

– Seu vestido preto.

– Aquele que vai até os joelhos e tem mangas três quartos?

– Ele mesmo. Adoro todos os vestidos que você usa, mas aquele eu realmente amo – ele morde meu lábio e puxa, arrastando-o entre os dentes. – Não – ele sussurra.

Sei que vou ser desprezada outra vez. Posso dizer por sua expressão resoluta em seu rosto devastador. Ele está certo em me recusar, provavelmente, mas isso não conseguirá deter o desejo que ataca meu ser insaciável. Estou sempre faminta por ele, mas, ultimamente, estou insaciável.

– Você disse que não sabe dizer não para mim – esfrego meu sexo no dele, sem dó e sem vergonha.

– Posso dizer não quando você mal consegue manter os olhos abertos, Ava. A resposta agora é não e ponto-final. – Suas mãos enormes prendem meus quadris como advertência e eu estremeço de leve, antes de ele me virar para passar a esponja nas minhas costas. – A gravidez está fazendo loucuras com os meus hormônios.

– Apenas porque você continua me recusando... Vai me deixar complexada, e eu nem engordei ainda.

– Ava – ele vocifera. – A gravidez também está fazendo você ter alucinações. Pare com isso.

Dou um suspiro e encosto a cabeça nos joelhos dobrados, puxando os cabelos para a frente a fim de dar-lhe livre acesso às minhas costas. Suas carícias com a esponja deixam meus olhos pesados de novo e cedo à fadiga, deixando que Jesse faça como quiser. Mas no momento em que ele me rejeitar sem eu estar física e mentalmente exausta, essa casa vai vir abaixo.

– Obrigada por me levar ao Paraíso – murmuro, quase sem voz.

Ele beija o meu ombro e pousa os lábios em meu ouvido.

– Ava, você me leva ao Paraíso todos os dias.

Não estou nada contente. Ele já se levantou, saiu para correr, tomou banho e se vestiu, tudo

sem mim, mas deixou meu biscoito de gengibre e os comprimidos de ácido fólico ao lado da cama, com um copo d'água. Estou diante do espelho de corpo inteiro vestindo lingerie de renda, secando os cabelos, quando vejo pelo reflexo que ele entra no quarto. Tenho de lhe dar os devidos créditos. Ele não se barbeou e está usando o terno cinza, a camisa preta e a gravata cinza que pedi, mas isso não melhora meu humor, embora ele esteja comestível.

– Bom dia – ele cantarola, alegre e desperto.

Lanço-lhe um olhar zangado e solto o secador no chão antes de ir até *closet* encontrar algo para vestir. Sei o que deveria tirar do cabide, mas em um ataque de pura infantilidade, pego outra peça, vestindo-a e subindo o zíper rapidamente. Saio do *closet* e calço meus saltos de camurça pretos e vou direto para o banheiro. Estou ciente de que ele está do meu lado, seguindo cada movimento meu. Dou uma olhada rápida quando passo por Jesse e vejo que está com as mãos nos bolsos da calça e tem um ar divertido. Não lhe dou atenção nem digo quaisquer das coisas ferinas que poderia dizer, mas vou para o espelho fazer a maquiagem.

Ele entra e fica atrás de mim, o adorável perfume de água fresca invadindo meu nariz.

– O que acha que está fazendo? – ele pergunta, ainda com uma expressão entretida.

Paro no meio da aplicação da máscara para cílios e me afasto do espelho.

– Estou me maquiando – respondo, sabendo que não é isso que ele quer dizer.

– Deixe-me refazer a pergunta. O que acha que está vestindo?

– Um vestido.

Suas sobranceiras encostam na linha dos cabelos.

– Não vamos começar mal o dia, mocinha – ele está com o vestido preto na mão. – Ponha este.

Respiro profundamente para me acalmar e viro-me para pegá-lo, antes de sair do banheiro em silêncio. Vou vesti-lo, mas só porque já estou farta. Não só fui arrancada do Paraíso, mas, como eu previa, também fui atirada do alto do Sétimo Céu de Jesse. Londres não faz bem à nossa relação. Não, deixe-me refazer a frase: Jesse em Londres não faz bem à nossa relação.

Faço drama para demonstrar-lhe a inconveniência que está me causando, mas ele não se incomoda. Fica apenas observando pacientemente eu tirar o vestido não autorizado e vestir o permitido. Esticando o braço para trás, acho o zíper, puxando-o para cima, mas a pecinha de metal escapa da minha mão no meio da tarefa. Seguro-a de novo e tento subir o zíper, mas a situação se repete.

Fecho os olhos, detestando ter de pedir ajuda para o babaca convencido.

– Pode fechar meu zíper, por favor?

– Claro – ele diz, alegre, e no instante seguinte está encostado às minhas costas, falando ao meu ouvido –, com o maior prazer – ele murmura, instigando uma onda de formigamentos pelo meu corpo todo. Ele junta meus cabelos e os coloca para a frente, antes de subir o zíper.

– Oh, que pena.

– O que foi? Está quebrado? – eu poderia rir, não porque meu vestido esteja danificado, porque eu o amo, mas porque sei que ele não vai me mandar para o trabalho com o vestido aberto.

– Ahn... – ele recomeça. – Não, Ava. Acho que ele não serve mais em você.

Eu engulo em seco, totalmente horrorizada, e viro-me para ver minhas costas no espelho. Há um bom pedaço de pele aparecendo e o tecido não tem elasticidade. Eu desmonto por dentro

e por fora. Começou. Todos os efeitos da gravidez vão se acelerar, já que estou esperando dois amendoins, não um. Recuso-me a chorar, embora pudesse facilmente fazê-lo. Preciso encarar isso. Preciso equiparar meu entusiasmo ao de Jesse, para quem está tudo bem, e vai continuar sendo um deus ao final disso tudo, enquanto o meu corpo provavelmente estará destruído. Viro-me para ele e encontro uma expressão apreensiva e um lábio sendo mordido. Ele acha que eu vou desintegrar.

– Posso pôr meu outro vestido agora? – pergunto baixinho.

Ele relaxa visivelmente e até pega o outro vestido para mim, ajudando-me a sair desse, inútil, e entrar no novo, agora sancionado.

– Linda – ele diz – Preciso correr. Cathy está lá embaixo e fez o café da manhã para você. Por favor, coma.

– Eu vou comer.

Ele não esconde a surpresa ante minha submissão fácil.

– Obrigado.

– Não tem de me agradecer por comer – murmuro, pegando a bolsa e saindo do quarto.

– Sinto que preciso agradecer por tudo o que você faz sem discutir comigo. – ele me segue escada abaixo.

– Eu discutiria se você ainda tentasse me fazer mudar de ideia com uma transa de lembrete – chego ao pé da escada.

– Está brava porque não fizemos sexo essa manhã? – ele pergunta, com o tom ainda divertido.

– Sim.

– Foi o que pensei – ele me puxa pela mão, e paro cara a cara com ele, encostada em seu peito. Então ele me come viva, com propósito e convicção, e não o impeço. Isso nunca vai compensar a falta do sexo que não fizemos hoje, mas, pelo menos, mata a minha sede até mais tarde. – Tenha um bom dia, querida – ele gira de volta e me dá um tapinha no traseiro, antes de me guiar até a porta da cozinha. – Assegure-se de que minha esposa tomou o café da manhã, Cathy.

– Pode deixar comigo, menino – ela acena para ele por cima da cabeça, mas não se vira.

– Vejo você mais tarde, e não se esqueça de conversar com Patrick – ele sai andando, sem esperar confirmação de que falarei mesmo com meu chefe. Sei que o tempo de fazer isso está terminando.

– Ava, você está ótima! – Cathy festeja, do outro lado da cozinha. – Brilhante e refrescada!

– Obrigada, Cathy – dou um sorriso ao ouvir sua gentileza, mas me pergunto se ela só está tentando me fazer sentir melhor. – Posso levar meu bagel para viagem? Estou um pouco atrasada.

– Claro – ela o embrulha em filme plástico. – Você se divertiu?

Meu sorriso se abre um pouco mais e eu me aproximo dela para pegar meu café da manhã.

– Foi um fim de semana maravilhoso – digo, porque foi mesmo, apesar da terrível última noite.

– Fico muito feliz. Vocês precisavam de um descanso. Diga-me, os biscoitos estão funcionando?

– Sim.

– Eu sabia. E gêmeos! – ela coloca o bagel dentro da minha bolsa e aperta as minhas bochechas. – Você tem noção de quanto é sortuda?

– Sim – respondo e percebo que falo com sinceridade. – Eu preciso ir...

– Sim, sim, vá, querida. Vou começar a lavar a roupa.

Deixo Cathy separando as roupas brancas das coloridas e entro no elevador depois de digitar o código novo. Logo chego ao *hall* no térreo do Lusso, onde encontro Casey separando a correspondência.

– Bom dia, Casey – cumprimento quando passo por ele.

– Sra. Ward! A senhora voltou! – ele se junta a mim do lado de fora, na manhã ensolarada.

– Fiz um bom passeio?

– Casey, não precisa me chamar de sra. Ward. Ava está ótimo. Nós nos divertimos muito, obrigada – coloco os óculos escuros e pego as chaves na bolsa. – Está gostando do novo trabalho?

– Mais agora, que você voltou.

Eu paro no ato.

– Como é?

Ele ruboriza fortemente e começa a mexer nos envelopes em suas mãos.

– Foi mal, desculpe. É só que... bem... sabia que você é a única mulher no prédio?

– Sou?

– Sim. E esses homens de negócios ricos não abrem a boca. Eles só grunhem ou dão ordens pelo interfone. Você é a única que fala comigo e eu gosto disso, é só.

– Oh, está bem – eu sorrio ao ver seu constrangimento. – Você quer dizer homens de negócios ricos como o meu marido?

Ele cora ainda mais.

– Ok, agora estou só cavando minha própria cova – ele ri, desconfortavelmente. – É bom ver um rosto amigoso por aqui outra vez.

– Obrigada – dou-lhe mais um sorriso, que ele retribui, os olhos azuis brilhando. – É melhor eu ir.

– Claro, nos vemos mais tarde – ele se afasta antes de dar as costas para mim e seguir despreocupadamente em direção ao seu posto. Preciso correr. É meu primeiro dia de volta e vou me atrasar. Preciso não estar na lista negra de Patrick hoje.

Nem mesmo pisco ao ver John esperando por mim assim que saio do Lusso. Ele não encolhe os ombros para me pedir desculpas, como sempre. Eu já esperava por isso.

– Como vai, John? – é bom vê-lo de novo; eu estava com saudade do grandão amigável.

– Tá tudo bem, garota – ele retumba, seguindo-me até o lado do passageiro. Pulo para dentro e afivelo o cinto de segurança, vendo que John se senta ao meu lado e fecha a cara.

– Não vai criar caso hoje? – ele pergunta, o riso alterando sua voz.

– Acho que estaria assinando minha sentença de morte se fizesse isso – respondo, seca.

John ri, ajeitando o corpanzil no assento, antes de dar a partida no seu Range Rover.

– Ainda bem; eu tinha ordens explícitas para usar força física, porém com o máximo de cuidado, se você resistisse – ele me olha por trás dos óculos escuros. – Não queria ter que recorrer a isso, garota.

Dou-lhe um sorriso.

– Então, agora você também é meu guarda-costas? – sei que Jesse não me confiaria a

ninguém mais além de John; estou brincando, é claro, mas John não pode estar gostando de me dar carona para o trabalho todos os dias.

– Se isso fizer aquele sacana mais feliz, farei o que ele quiser – John sai do estacionamento. – Você e os bebês estão bem? – ele mantém os olhos na rua.

– Sim, mas agora são três para Jesse se preocupar – resmungo.

– Louco sem-vergonha – ele ri, mostrando o dente de ouro. – Como está se sentindo?

– Quer dizer por causa da gravidez ou depois do acidente? – continuo olhando para ele, pois quero ver como reage; quero saber se houve alguma descoberta enquanto estive fora.

– Ambos, garota – ele não diz mais nada.

– Bem, em ambos os casos, obrigada. Alguma notícia do carro de Jesse? – eu entro com tudo, à vontade o bastante para perguntar o que quiser.

– Nada com que se preocupar – ele responde, frio, e posso sentir conforto o bastante para perguntar, mas tenho de me lembrar que ele também fica muito confortável em desconversar. No fundo, sei que não vou conseguir nada com ele. – Como foi no Paraíso? – ele muda de assunto descaradamente.

– Foi o paraíso – pondero –, até darmos de cara com os pais de Jesse – não sei de poderia estar falando isso, mas agora já falei, e, a julgar pela expressão que captei no rosto do gigante, acabo de chocá-lo. Balanço a cabeça para confirmar que sim, ele ouviu certo, e sua testa brilhante se enrugou sobre os óculos. – O casamento de Amalie foi adiado porque o pai de Jesse teve um infarto – prossigo. Imagino que John estivesse a par do casamento, do convite e do fato de que os pais de Jesse vivem perto do Paraíso. Ele está com Jesse desde sempre.

– Henry teve um ataque cardíaco? – ele pergunta, surpreso. – E o que aconteceu?

– Como assim?

– Eles conversaram? Como Jesse ficou? – John parece realmente interessado, o que aguça a minha curiosidade.

Eu conto tudo.

– Jesse praticamente fez um anúncio público no restaurante onde estávamos comendo; contou ao mundo todo que estávamos casados e esperando gêmeos – faço uma pausa e espero que John controle seu ataque de riso. – Uma mulher ficava me encarando, e quando perguntei a Jesse se ele a conhecia, ele ficou estranho e me tirou de lá. A mãe dele nos encontrou do lado de fora, perto do carro, e começou a falar sobre os gêmeos. Sabe, por causa da história de Jesse ter um irmão gêmeo – vejo que John apenas concorda com a cabeça. O que será que ele está concluindo disso tudo?

– Foi só isso?

– Sim, eu o afastei da mãe. Ele estava muito transtornado.

– E não bebeu depois?

– Não – suspiro –, mas tenho para mim que teria bebido se eu não estivesse lá – fico me lembrando do rosto dele, o rosto que uma vez resultou em embriaguez e chicotadas. – Você os conheceu?

– Na verdade, não. Não faço perguntas.

Continuo balançando a cabeça. Sei que John está ao lado de Jesse há muito tempo e que era o melhor amigo de Carmichael; então, deve saber mais do que demonstra.

– Como vai Sarah?

Ele se mexe no banco e vira o rosto ameaçador para mim.

– Melhor do que já esteve.

Eu murcho no assento. Não há o que dizer sobre isso, então me calo, desembrulho meu bagel e deixo que John me leve em silêncio.

Dou um suspiro audível quando John me deixa na calçada.

– O que houve, garota?

Pego a minha bolsa e saio do carro antes de tentar convencer John a me levar para o Solar.

– É hora de contar para o meu chefe as peripécias de um certo cliente dinamarquês.

– Oh – ele diz, lentamente. – Boa sorte.

Faço um ruído de deboche com a boca. Boa sorte?

– É, obrigada, John – ironizo, batendo a porta e ouvindo aquela risada de barítono ficando mais distante conforme a porta se fecha entre nós. Respiro fundo para adquirir confiança e caminho para o meu escritório. Nunca reclamei de ter de vir para o trabalho, mas agora queria isso.

– Oh, meu Deus! Ava! – diz Tom, com um gritinho; é a primeira coisa que ouço ao chegar.

– Oh, uau! Que belo bronzeado! – acrescenta Victoria.

Em seguida, Sally, novamente exuberante, diz:

– Ava, você está tão bem.

Então, olho para a minha mesa e paro na hora. Balões... Balões com motivos infantis por todos os lados e, em cima da minha mesa, um pacote de fraldas e um *Manual da Mamãe*. Mas o pior de tudo, e eu a pego para ter certeza de que estou enxergando bem, é a imensa calça jeans para gestante que está pendurada no encosto da minha cadeira. Cobrindo todo o encosto, para ser mais precisa. Se a minha manhã não tivesse sido deprimente o bastante com o vestido que não serviu e sem Jesse como despertador, agora tenho de ser lembrada de que logo vou ficar parecida com uma baleia. Ele contou mesmo para todo mundo. Vou matá-lo.

– Eu sabia! – Tom corre para a minha mesa. – Sabia que você estava grávida! Mas de gêmeos?! Deve ser muito excitante! Você vai dar o meu nome a um deles?

Penho a roupa de gestante de lado e caio na cadeira. Estou aqui há dois minutos e já quero ir embora. Ter dois bebês significa o dobro de excitação, assim como o dobro de peso ganho e o dobro da ansiedade.

– Não, Tom.

Ele tem um sobressalto, dramático.

– O que há de errado com Tom?

– Nada – dou de ombros –, só não vou dar esse nome a um dos meus bebês – ele faz um ruído de desgosto e sai batendo os pés, sem nem me dar os parabéns.

– Parabéns, Ava – Sally se inclina e me abraça. Eu sabia que podia contar com Sal. – Café?

– Por favor, com três colheres de açúcar – retribuo seu abraço e fico cara a cara com os belos seios de Sally, já que estou sentada. – E você, Sal, como vai?

– Muito bem – ela diz, praticamente dançando até a cozinha, o que me leva a concluir que sua vida amorosa deve ter voltado aos eixos.

– Onde está Patrick? – pergunto para ninguém em particular, já que meus colegas todos se

afastaram da minha mesa infestada de produtos para bebês. Tom está armando uma tromba do outro lado do escritório, obviamente me ignorando, e Victoria me olha, sonhadora. – Olá – eu agito a mão diante dela para acordá-la.

– Oh, desculpe! Eu estava me perguntando de que cor você chamaria isto.

– Isto o quê?

– Seu bronzeado... Eu diria bronze-profundo – ela tenta descrever a cor, mas eu sei o que é “bronze-profundo”. – Então... bebês, agora?

Fico na defensiva ao ouvir seu tom.

– Sim – minha resposta curta e seca, fazendo-a levantar rapidamente a cabeça, sorrindo e jogando os longos cabelos louros para trás dos ombros. Se o sorriso é falso, está fazendo um bom trabalho. – Parabéns, Ava.

– Obrigada – sorrio, eu sim fingindo –, e obrigada por tudo isso – digo, apontando para os balões que passam ao lado da minha cabeça.

– Oh, foi ideia do Tom – ela retorna para o seu computador.

– Obrigada, Tom! – jogo um lápis para chamar a atenção dele, mas acabo atingindo-o na cabeça e entortando seus óculos, e ele murmura qualquer coisa, chocado. – Desculpe! – aperto os lábios um no outro para não dar risada.

– Bullying! – ele grita e eu não me contenho, começando a me chacoalhar de tanto rir, ao mesmo tempo que Sally coloca uma xícara de café sobre a minha mesa e me olha, confusa, para depois se virar e ver do que estou rindo. Então, começa a rir também.

– Onde está Patrick, Sal? – pergunto, já que não obtive resposta de Victoria.

– Ele vai chegar ao meio-dia – ela responde. – Não tem vindo muito.

– Não?

Ela balança a cabeça, negativamente, mas não diz mais nada e retorna à pilha de faturas que estava arquivando.

– Ava – Tom me chama, ajeitando os óculos –, você precisa ligar para a tal Ruth. Ela monopolizou o telefone do escritório ontem procurando por você.

Minha risada logo para: me esqueci da minha admiradora.

– O que ela disse? – pergunto como quem não quer nada, procurando meu telefone na bolsa, quando me ocorre que me esqueci de ligá-lo: ele está desligado desde quinta-feira de manhã, quando Jesse o confiscou.

– Não muito – ele ajeita a gravata azul-piscina –, disse que está tudo bem com a obra e eu cobri a sua visita na quinta, mas ela não ficou nada feliz ao me ver.

Encolho-me na cadeira quando meu telefone desperta para a vida e começa imediatamente a me alertar para dúzias de ligações perdidas, mensagens de texto e e-mails. Vou filtrando tudo, respondo o “Bem-vinda de volta!” de Kate e o “Ligue para mim quando chegar” de minha mãe, antes de contar quantas chamadas recebi de Ruth. São onze, mas, apesar do bombardeio de ligações da minha cliente apaixonada, são as duas ligações de Mikael que fazem meu coração disparar. Não posso mais evitar isso; pela primeira vez, paro e penso sobre quem poderia ter sido o responsável por me drogar e tentar me tirar da rua. E, no meio desses dois episódios, teve o das flores mortas... Elas foram enviadas por uma mulher, disse eu não duvido nem por um segundo, o que leva à mesma conclusão de que Mikael não foi o responsável. Ele é um homem de negócios muito respeitado. Mas e o registro da câmera de segurança? Talvez os incidentes não

tenham nenhuma conexão. Posso apostar em Coral ou talvez Sarah, se bem que as flores chegaram depois que Sarah me pediu desculpas, assim como a perseguição ao meu carro. Ela ainda estaria jogando? Solto o celular sobre a mesa. Minha cabeça dói.

Fico girando o lápis, pensando em meu próximo passo. Não penso muito. Pego o celular e ligo para Mikael, sem nem perceber se o telefone tocou antes de seu ligeiro sotaque dominar a linha.

– Ava, como é bom ouvir a sua voz.

– Tenho certeza que sim – respondo, seca. – Já resolveu o seu divórcio? – vou direto na jugular e, a julgar pelo longo silêncio que se segue, fui bem-sucedida na minha estratégia.

– Sim, já resolvi – ele diz, com cautela.

– Que bom. O que posso fazer por você, Mikael? – estou abismada com a minha autoconfiança. Posso estar lidando com um lunático, e estou falando com ele sem a menor preocupação, tanto como cliente *quanto* como um louco em potencial.

Ele ri de leve.

– É hora de nos encontrarmos, não acha?

– Não, não acho – minha resposta é brusca. – Acho que ambos sabemos que a nossa relação profissional terminou, sr. Van Der Haus.

– E por que isso aconteceria?

A pergunta me faz parar, mas logo me recomponho.

– Você achou muito interessante que eu estivesse saindo com Jesse havia mais ou menos um mês – eu não vou fugir dessa.

– Sim, exceto que agora você está casada com ele e esperando gêmeos. Eu estou com o coração partido, Ava.

Não me recomponho tão rapidamente dessa vez. Como ele sabe? Eu nem sequer consigo saber se ele está falando sério ou se está sendo sarcástico. Estou pasma.

– Sr. Van Der Haus... – mantenho a voz baixa e olho em volta constantemente. Sei que aqui e agora não é a hora nem o lugar, mas já comecei, e não vou encerrar essa conversa até dizer tudo o que precisa ser dito. Levanto-me, desviando-me de balões, e vou até a sala de reuniões, fechando a porta atrás de mim. – Isso é sobre Jesse e sua ex-esposa? – ouço sua respiração falhar, o que me deixa mais confiante. – Porque disso eu já sei, então, está perdendo o seu tempo.

– Oh, então o Sr. Ward andou se confessando?

– Sua ex-esposa foi até a casa de Jesse, Mikael. Sinto muito pelo que aconteceu, mas não sei onde você quer chegar – não sinto muito coisa nenhuma, mas, talvez, só talvez, eu possa fazê-lo ter bom-senso.

Ele ri, o que faz minha pele “bronzee-profundo” se arrepiar.

– Ava, eu não me importo nem um pouco com a minha ex-esposa. Ela é uma vagabunda aproveitadora. Eu me importo com o seu bem-estar. Jesse Ward não é o homem certo para você.

Tenho uma reação ruim ao modo como ele se refere à ex-esposa e me encosto na mesa de reuniões.

– E você é? – gaguejo, punindo a mim mesma mentalmente por demonstrar hesitação. Ele se importa com o meu bem-estar?

– Sim, eu sou – ele diz, candidamente. – Não vou sair com outras mulheres pelas suas costas, Ava.

Quase derrubo o celular. Ele sabe disso, também?

– Não obstante – estou tentando desesperadamente entrar nos eixos outra vez –, acho que muita coisa já aconteceu, o que nos impede de continuar trabalhando juntos.

– Muita coisa aconteceu? – ele pergunta. – E você sabe o que ele andou fazendo quando te abandonou?

– Sim – eu digo, mas me pergunto como ele sabe de tudo isso. Eu tinha conseguido manter essa questão entre nós. – Meu relacionamento com Jesse não lhe diz respeito, Mikael. Sei de tudo o que ele fez – ter de mencionar isso está me matando. – Vou conversar com Patrick e me retirar do projeto do The Life Building. Fique à vontade para usar minhas sugestões e pedir a outra pessoa que as execute – digo e desligo antes que ele responda, e solto uma respiração, aliviada.

Não sei por que, mas sinto como se um peso tivesse sido tirado de meus ombros, porque ainda tenho que falar com Patrick, e essa conversa com Mikael só gerou mais dúvidas. Não sei se apostaria a minha vida nisso, mas não acho que ele iria a extremos como me drogar em um bar ou tentar me fazer bater o carro, não se sua intenção for me afastar de Jesse para ficar comigo. O que ele faria comigo morta? Dou uma gargalhada em meu momento privado de compreensão. Alguém tentou me matar. Isso é insano.

O celular dança na minha mão, e uma olhada na tela me diz que meu dia está apenas começando. Lidar com Ruth Quinn nesse momento não parece uma tarefa tão difícil assim.

– Olá, Ruth.

– Ava! – ela parece surpresa. – Você não me disse que ia viajar.

– Foi coisa de última hora, Ruth. Está tudo bem?

– Sim, bem, mas eu mudei de ideia com relação aos gabinetes da cozinha. Podemos nos encontrar para discutir isso?

– Claro – mal disfarço um suspiro –; tenho pilhas de trabalho burocrático para fazer, então o que acha de nos vermos amanhã?

– Ao meio-dia? – ela pergunta, sem exigir que seja hoje, o que é uma boa surpresa.

– Nos vemos amanhã, Ruth – desligo o telefone e assumo uma expressão tranquila. Não é difícil, na verdade. Não fui nem um pouco afetada por essas duas últimas ligações. Sinto-me poderosa, sinto que estou assumindo o controle das coisas, em vez de deixar que elas me controlem.

Chego à minha mesa e passo o resto da terça-feira demolindo a pilha de papéis que tenho para resolver.

Logo são seis horas e sou a última a sair do escritório. Patrick não veio, como planejado, mas telefonou para garantir que virá amanhã. Vou conversar com ele assim que der, mas estou decepcionada. Sinto uma compulsão de me livrar desse fardo mental sem demora.

Vou direto para o Range Rover preto sem reclamar ou me deter.

– Olá, John.

– Garota – ele cumprimenta. – Como foi seu dia?

– Construtivo. E o seu?

– Magnífico – ele grunhe.

Tenho a sensação de que ele está sendo cínico.

– Para onde vamos? – acomodo-me no banco, torcendo para ele dizer Lusso, mas não acho que seja para lá que vai me levar. Jesse teria vindo me buscar se estivéssemos indo para casa.

– Para o Solar, garota. Como foi a conversa com seu chefe? – ele vira os olhos cobertos para mim, um olhar curioso em seu rosto.

– Não foi. Ele não veio hoje.

– Isso vai agradar aquele louco sem-vergonha – ele ri.

Sorrio e concordo. Sei que vai, mas não posso contar nada a Patrick se ele não estiver aqui para eu contar. Não posso ser culpada por isso, mas, pelo menos, posso dizer que já disse a Mikael. Isso deve provar que minha intenção era contar, e era mesmo.

Pulo do carro assim que John para e subo os degraus rapidamente, abrindo e passando pelas portas.

– Ele pediu que você esperasse por ele no bar, garota. – John avisa às minhas costas, mas finjo que não ouço. Não vou esperar no bar. Depois de tê-lo só para mim nos últimos três dias, meu primeiro dia de volta ao trabalho foi o mais longo da minha vida. Passo correndo pela escadaria e pela sala de verão, na direção dos fundos do Solar, antes que John me alcance. Vejo os habituais grupinhos reunidos, mas não me demoro para acompanhar a reação deles à minha presença.

Sigo direto para o escritório de Jesse, sem bater e sem parar para pensar que posso estar invadindo uma reunião de negócios. Já tive surpresas o bastante ao fazer isso antes.

E acabo de ter mais uma.

Capítulo 28



— Dan? — digo com cuidado, olhando para as costas do meu irmão. Ele está sentado à mesa, de frente para Jesse, e vira-se ao ouvir seu nome. — O que está fazendo aqui? — as consequências astronômicas de sua visita me atingem em cheio.

— Oi, menininha — ele fica em pé, sorrindo, e vem até mim, parando para me abraçar. — Parabéns!

— Gostaria de eu mesma contar a notícia para alguém — resmungo, olhando feio para Jesse por cima do ombro do meu irmão. Ele encolhe os ombros, acanhado, e faz um bico, antes de dizer “Eu te amo” sem som e apontar para seu terno e sua camisa, como para me lembrar de que ele vestiu o que pedi esta manhã, então eu deveria pegar leve com ele.

— Então, o que está fazendo aqui? — repito, deitando a cabeça de lado para ver Jesse, mas ele dá de ombros outra vez e fica em silêncio, o que é novidade.

— Resolvendo diferenças — Dan passa a mão pelos cabelos castanhos-escuros. — Não queria ir embora sem resolver isso.

— Ah, é? — olho para Jesse, mas ele só encolhe os ombros outra vez. — Então agora vocês são amigos?

— Algo assim. De qualquer forma, preciso ir embora. Vou encontrar o Harvey do outro lado da cidade. — Ele se vira para Jesse e diz: — Obrigado.

— Sem problemas — Jesse anui, sem se importar em ser civilizado e ficar em pé para se despedir de Dan. Isso e as erguidas de ombros indiferentes me deixam bastante desconfiada.

— Quando você volta? — pergunto, quando ele olha para mim outra vez.

— Não tenho certeza. Depende dos voos. Eu te ligo, está bem? — ele me beija na bochecha e passa por mim, encontrando o grandão na porta. John balança a cabeça para mim, antes de acompanhar meu irmão para fora do escritório de Jesse. O que ele está fazendo aqui, afinal?

Lanço um olhar suspeito para Jesse, e eu sei que ele sabe o que estou pensando, porque se recusa a me olhar nos olhos.

— O que foi isso?

— O quê?

Deixo a minha bolsa sobre o sofá antes de me sentar onde meu irmão estava.

— Olhe para mim — exijo, e estas três palavras sempre funcionam, não porque ele esteja me obedecendo, mas porque sempre se choca quando as ouve. Não me importo. Ele pode me dirigir olhares atônitos quanto quiser. — Por que Dan estava aqui?

Ele se levanta e pega o telefone na mesa.

– Ele pediu desculpas.

Eu começo a rir. Dan jamais pediria desculpas, não a Jesse. Conheço meu irmão e sei que é orgulhoso demais para dar o braço a torcer, especialmente para um homem como Jesse. Dan se sente inferior, como a maioria dos homens, e o fato de ser meu irmão não elimina a testosterona que move os dois.

– Não acredito em você.

– Isso me entristece, Ava – ele assume uma expressão solene, o que só faz aumentar minhas suspeitas. – Agora me diga: o que Patrick achou?

Sei que meu olhar desconfiado está se transformando em culpa, e agora sou eu quem evita os olhos dele.

– Você não contou a ele, não é? – ele pergunta, com uma ponta de raiva na voz. – Ava?

– Ele não foi ao escritório hoje – digo depressa. – Mas vai amanhã, e então eu falarei com ele.

– Tarde demais, Ava. Você teve sua chance. Várias vezes.

– Isso não é justo – argumento. – Eu disse a Mikael que não trabalharia mais com ele, então você não pode dizer que não estou querendo resolver isso – eu digo e percebo imediatamente que cometi um erro grave quando seus ombros ficam tensos e seus olhos se arregalam.

– Você fez o quê?

– Não acho que tenha sido ele quem me drogou, Jesse. Ele diz que está interessado em mim; então, por que ele me machucaria? – preciso calar a boca. Essas palavras o deixam boquiaberto.

– Mas por que raios você está falando com ele? – ele apoia o punho na mesa, como um gorila pronto para o ataque, o que me faz encostar na cadeira.

– Ele sabe que você... – começo a bater com a mão no queixo – estive com outras mulheres quando já estávamos juntos. – prendo a respiração, ciente de que isso está aumentando a sua fúria.

– Nós concordamos em não falar mais nisso – ele dispara as palavras, a mandíbula a ponto de estourar.

– É difícil, quando tanta gente fica me lembrando disso – estou sentada na ponta da cadeira agora, em um raro momento de bravura. Não vou passar como a chata da história. – Como ele sabe? – pergunto e descubro a resposta, antes que ele sequer possa negar que sabe de algo. O lábio sendo mordido e algumas outras coisinhas, especialmente pura compreensão mental, levam-me à conclusão rápida: a ex-esposa de Mikael. – Ela foi uma delas, não foi? – pergunto e não espero que me responda. – Você disse meses... Disse que não se encontrava com ela há meses e que não entendia por que ela tinha voltado a rondar a sua vida, mas você dormiu com ela mais de uma vez, também!

– Não queria chatear você – ele ainda está hostil; é um mecanismo claro de defesa.

– Diga-me: você ligou para elas e pediu que fizessem fila na porta da sua casa?

– Elas descobrem que estou bebendo e aparecem voando como moscas na merda.

– Eu odeio você.

– Não odeia, não.

– Odeio, sim.

– Não parta meu coração, Ava. Importa quem foi?

– Não, o que importa é que você mentiu para mim.

– Estava te protegendo.
– E o hilário é que, toda vez que você tenta me proteger, acaba me magoando.
– Eu sei.
– Então, ainda não aprendeu?
– Aprendo isso todo santo dia – ele segura meu queixo com força, mas fala com suavidade.
– Desculpe.

– Que bom – confirmo com a cabeça, decisiva, percebendo de repente que nossos rostos estão se tocando, agora que estamos ambos inclinados sobre a mesa. Um fuzila o outro com o olhar, que também carrega uma tonelada de luxúria. – Como isso aconteceu? – faço em voz alta a pergunta que estava na minha mente.

– Porque, minha menina linda, nós pertencemos um ao outro. Contato constante. Beije-me.
– Já aceitei que você é um babaca; então, não há necessidade de me submeter ao seu toque – digo, mas vou me submeter a ele.

– Eu estava com saudade, Ava,
Subo na mesa, fico de joelhos, e então me agarro a ele e o beijo. Também senti saudade dele. Um dia de trabalho depois do Paraíso e estou em crise de abstinência de Jesse, e agora tenho nas mãos uma dose do meu vício.

– Queria que você fosse puro e intocado – murmuro, beijando seu rosto todo. É tudo, é o que eu mais queria, que não houvesse ninguém antes de mim nem durante seu relacionamento comigo. Já o perdoei, de verdade, mas é difícil esquecer.

– Eu sou – ele se senta na cadeira de couro e me puxa até que eu desista e aceite sentar no seu colo. – A parte mais importante de mim está intocada... – ele pega a minha mão e gira meus anéis por um momento, antes de abri-la e colocar sobre o seu coração – ...ou estava, até você entrar no meu escritório. Agora ele está marcado e explode de puro amor por você.

Dou um sorriso.

– Gosto de senti-lo bater – abro o paletó dele e colo a orelha na sua camisa. – Gosto de ouvi-lo também – é uma das coisas mais reconfortantes do mundo.

Ele me abraça e me puxa mais para perto.

– Como foi o seu dia?

– Uma droga. Quero o Paraíso.

Ele ri e me beija na cabeça.

– Estou no Paraíso sempre que estou com você. Não preciso de uma *villa*.

– Você estava mais relaxado no Paraíso – digo o que acho, sabendo que voltar a Londres trará meu controlador neurótico de volta à superfície.

– Estou relaxado agora.

– Sim, porque estou no seu colo, coberta por você – respondo, sardônica, o que me vale um apertão logo acima do osso da bacia. Dou risada e me viro no colo dele, ficando de frente para a mesa. – Como foi o seu dia?

As mãos dele deslizam até a minha barriga e seu queixo pousa no meu ombro, ficando com a boca cheia de cabelos, que ele cospe e afasta.

– Longo. Como estão meus amendoins?

– Bem – algo em seu bloco de notas chama a minha atenção. – Por que o nome do meu irmão está anotado aqui? – estico o braço para trazê-lo mais perto, mas muito devagar, já que ele

logo é tirado de minha mão e enfiado na primeira gaveta da escrivaninha. Puxo a mão, assustada com seu movimento rápido. – Daniel Joseph O’Shea? – faço uma careta, pensando que vi números naquele papel, e não eram de telefone. – Por que você tem anotado os dados bancários de Dan?

– Não tenho – ele desconversa, mas está tenso. Maldito, ele não aprendeu nada. Levanto-me do seu colo e fico ao seu lado, imitando para ele o seu próprio olhar de “não insista”.

– Vou te dar três segundos, Ward.

Seus lábios se apertam em uma linha fina, grave.

– A contagem regressiva é minha – ele diz, de maneira infantil.

– Três – eu mostro três dedos para ele, da maneira mais provocante possível. Sou tão má quanto ele. – Dois – baixo um dedo, mas não chego a um ou zero, porque tenho um momento de lucidez. – Você está dando dinheiro a ele!

– Não – ele balança a cabeça de modo pouco convincente, mexendo os pés. Ele está se tornando tão mau mentiroso quanto eu, o que me deixa muito feliz.

– Você também mente muito mal, Ward – eu giro nos calcanhares e saio correndo, tanto para encontrar meu irmão antes que ele vá embora como para escapar de Jesse, antes que me alcance.

– Ava!

Não dou importância para o tom ameaçador com que me chama, o que é bastante comum, e corro quanto posso quando chego à sala de verão. Sei que ele está logo atrás de mim, não só por causa de seus passos pesados. Passo pela cozinha, pelo bar e pelo restaurante. Paro na hora quando encontro Dan parado ao lado da imensa mesa no *hall* de entrada. Ele não está fazendo nada nem falando com alguém. John está ali, também, e sei por quê. É pela mesma razão pela qual, no começo, ele me acompanhava para todos os lados. Apreensiva, observo Dan olhar em volta e John tentando fazê-lo seguir em frente, mas ele continua sem se mexer, mesmo com a pressão do grandalhão.

O peito de Jesse se choca contra as minhas costas e sou erguida do chão e girada em seus braços. Ele não está nada feliz.

– Pelo amor de Deus, Ava! Você vai causar danos cerebrais a esses bebês! Pare de correr!

Se eu não estivesse tão preocupada com o local onde meu irmão está e com o seu comportamento, riria na cara do louco idiota que me segura firmemente nos braços.

– Pare com isso! – liberto-me e volto a olhar para Dan, notando que ele também olha para nós, e com uma expressão confusa. John está uma pilha.

Dan olha calmamente para o *hall* de entrada todo, mais uma vez, e depois pousa olhos inquisitivos em Jesse.

– Se isso é um hotel, onde fica a recepção?

– O quê? – o tom de Jesse é impaciente, quase na defensiva, e eu gostaria que não fosse. Ele está se entregando, enquanto rezo para que encontre uma resposta urgentemente.

– Onde os hóspedes pegam as chaves dos quartos? E aquelas informações sobre atrações locais? Não é comum ter um daqueles *displays* cheios de panfletos, que indicam lugares para o turista visitar? – ele olha para John. – E por que tem um gorila me acompanhando para todos os lados?

Encolho-me, Jesse fica tenso e John rosna. Meu irmão foi mais esperto que eu. Não

considerarei nenhum desses aspectos, a não ser John. Estou fazendo um esforço tremendo para pensar em algo, mas nada me ocorre. Eu, ou nós, fomos pegos totalmente desarmados. Então, ouço uma voz que adoraria *não* estar ouvindo agora. Kate.

Murcho no lugar, visivelmente, e sinto a mão de Jesse na minha lombar. Por que ele não diz nada? HorrORIZADA, observo Kate e Sam descendo a escada, rindo, apalpando-se um ao outro e parecendo evidentemente ter saído de uma boa sessão de sexo. Isso é um desastre. Cutuco Jesse nas costelas, um pedido silencioso para que diga algo. Meu Deus, por favor, diga alguma coisa!

Kate e Sam estão alheios ao cinema mudo que os aguarda ao pé da escada, enquanto se acariciam de maneira íntima, dizendo coisas bastante impróprias, nas quais uma frase definitivamente incluía a palavra “vibrador”. Estou no inferno, e ninguém diz nada, exceto minha amiga delinquente e seu namorado atrevido, que não têm a menor ideia... ainda. Imagino que tudo vai mudar em um instante, e não acho que seja Jesse quem vai falar. Ele está em silêncio atrás de mim, provavelmente tão transtornado quanto eu. Estou preso em um limbo. É como assistir a um choque entre dois trens em câmera lenta. Dan e o Solar. Dan e Kate. Dan e Sam. Dan e Jesse. A merda vai bater no ventilador de forma colossal.

Um gritinho de prazer de Kate ecoa pelo recinto, seguido por um rosnado provocante de Sam. Então, eles chegam ao fim da escada em uma massa de braços e lábios frenéticos, comendo-se um ao outro. Deveriam ter ficado na suíte, porque claramente ainda não terminaram o que vieram fazer.

– Sam! – ela ri e se solta nos braços dele, vendo-me de longe, e seu sorriso cresce até ver meu irmão. Então, para de rir. Na verdade, ela parece prestes a ter uma convulsão. Ela se levanta e dá um tapinha em Sam, antes de domar os cabelos ruivos selvagens e ajeitar a roupa. Não diz nada, assim como Sam, que olha para todos os presentes, um a um.

Dan quebra o silêncio.

– Hotel!? – ele queima Kate e Sam com olhar, em intervalos regulares, de um para o outro, antes de virar-se para Jesse com uma expressão questionadora. – Você sempre permite que seus amigos se comportem assim no seu estabelecimento?

– Dan... – dou um passo à frente, mas não vou muito longe. Jesse logo se posiciona entre mim e meu irmão.

– Acho que você deveria voltar para o meu escritório, Dan – a voz de Jesse é intimidadora, assim como sua linguagem corporal.

– Não, obrigado – Dan quase ri, mantendo os olhos em Kate. Nunca a vi tão desconfortável, e Sam deve estar se perguntando o que está acontecendo aqui. – Você está se prostituindo em um bordel?

– Que porra é essa? – Sam grita. – Com quem você acha que está falando? – Sam faz menção de ir até ele, mas Kate o segura pelo braço e o puxa de volta.

– Isto não é um bordel e eu não sou uma vagabunda – a voz dela é trêmula e incerta, e ela se agarra a Sam. Quero sair em sua defesa, mas nada me ocorre, e Jesse me poupa o trabalho, de qualquer forma.

Ele se aproxima de Dan, segura meu irmão pela nuca e sussurra algo ao ouvido dele. É uma postura bastante ameaçadora, e nem quero pensar no que pode ter dito, especialmente quando Dan se mostra disposto a seguir Jesse sem necessidade de mais persuasão. Sigo-os também, quero ouvir isso, mas sou interrompida, como eu secretamente sabia que aconteceria.

– Espere por mim no bar, baby – ele tenta me virar, mas estou com um humor desafiador. Não sei se me agrada saber que Jesse está conversando com Dan sozinho em seu escritório.

– Quero ir também – falo, sem a menor fê na minha autoconfiança fingida. Conheço esse olhar. Ele pode ter me chamado de “baby” e suavizado sua ordem, mas não sou tola. Ele não vai me deixar entrar naquele escritório. Estou a caminho do bar, mas não estou andando. Sou colocada no meu banco, Mario é chamado e eu me deparo com o olhar de “não insista”.

– Você fica aqui – ele me beija no rosto, como se isso me acalmasse. – Não vai. – Meus olhos lançam punhais nas costas dele, que sai do bar a passos largos e certos.

– Ah! – a voz alegre de Mario tira minha atenção das costas do meu marido, que desaparece para dentro do corredor que leva ao escritório. – Olhe só para você, toda... Como se diz? Como uma flor desabrochando! – ele toca a minha bochecha do outro lado do balcão e me passa uma garrafa d’água. – Nada de O Mais Maravilhoso do Mario para você!

Dou um grunhido, mas sorrio, bebendo um bom gole de minha água gelada, deixando que Mario atenda a outros clientes. Sam entra, todo feliz e com a covinha a postos. Fico confusa.

– Ei, mamãe! – ele passa a mão na minha barriga. – Como está se sentindo?

– Bem... – digo a palavra bem lentamente. – Onde está Kate?

– No banheiro – ele responde rápido, pedindo uma cerveja para Mario, com um aceno.

Olho além dele, perguntando-me se deveria ir até ela.

– Ela está bem?

– Sim, está ótima – ele não olha para mim, mas tenho a impressão de que ele sabe que há um rosto muito confuso olhando para ele. Ele me olha de canto de olhos e depois se senta, dando um suspiro. – Sei que todos vocês acham isso, mas eu não sou idiota.

Endireito as costas.

– Não acho que você seja um idiota – eu me defendo. Ele é um pouco desatento, talvez, mas não idiota.

Ele sorri.

– Saquei qual era a de Kate e Dan. Saquei no dia em que conheci Kate e ela apenas mencionou o nome dele naquele dia. Sei por que ela terminou comigo e sei que algo aconteceu no dia do seu casamento.

Sei que estou com cara de culpada e me pergunto se Kate sabe disso.

– Por que você não disse nada?

– Não sei – ele diz, virando o gargalo para si, claramente pensando a mesma coisa. Eu sei por que, mas deveria abrir o jogo? – Ela é uma grande garota – ele encolhe os ombros.

Concordo com a cabeça, sorrindo por dentro. Adoraria bater a cabeça dos dois. Poderia chorar por Sam, também. Algo me diz que ele nunca compartilhou com muitas mulheres a história de como ficou órfão, se é que contou para alguma, mas Kate a conhece, e, embora os dois ajam de forma tão casual e descompromissada, sei que há muito sentimento ali e que nenhum dos dois está disposto a admitir ou fazer algo a respeito. É muito frustrante.

– Acho que vou procurar Kate – levanto-me e afago o ombro de Sam, um gesto silencioso de compreensão, que ele retribui com um de seus sorrisos marotos, inclinando-se e sussurrando bobagens carinhosas para o meu umbigo.

Deixo um Sam apaixonado no bar e vou encontrar minha amiga bobalhona no banheiro. Há outras duas pessoas em cuja conversa eu gostaria de me meter, mas escolho Kate. Nenhum dos

meus alvos em potencial estará me esperando de braços abertos, mas confio em Jesse para resolver isso. Não consigo imaginar o que está sendo dito naquele escritório. Só espero que, aconteça o que acontecer, Dan não abra a boca para os meus pais, e tenho fé que meu marido vai impedir que isso ocorra.

Abro a porta e encontro Kate debruçada sobre a pia, os cabelos vermelhos cobrindo completamente o seu rosto, e ela olha para dentro da cuba.

– Eu... – tento começar a conversa, cautelosa, sem querer que ela fique na defensiva.

Ela levanta a cabeça com certo esforço e me mostra olhos azuis repletos de desespero.

– Você acha que eu sou uma vagabunda?

– Não! – respondo, espantada de minha amiga perguntar isso; um pouco inconsequente talvez, eu penso, mas jamais uma vagabunda. Todavia, foi exatamente assim que rotulei as mulheres que frequentam esse lugar e, na verdade, Kate tem se aventurado nas mesmas façanhas que todas elas; então, em que ela é diferente? Sou tomada pelo remorso por pensar assim. Ela é diferente porque é minha amiga e eu a conheço. Ela só está fazendo isso por Sam, ou ela pensa que *precisa* fazer isso por Sam. De repente, começo a ver o banheiro das mulheres do Solar sob uma luz diferente. Sei que muitas delas só estão aqui por uma razão, que é um deus alto e bonito, que não está mais disponível. Ele tem uma esposa e gêmeos a caminho, o que chocou e enfureceu essas mulheres. Os títulos de membros femininos sendo revogados são prova disso, bem como algumas delas tentando ser notadas com mais afinho, seja me drogando, forçando um acidente com o meu carro ou enviando bilhetes ameaçadores. Um pensamento bastante assustador se forma em minha mente: qualquer uma dessas mulheres pode estar por trás disso. Será que Jesse suspeita de alguma?

– No que foi que eu me meti, Ava? – a pergunta de Kate me tira dos meus pensamentos perturbadores.

– Amor? – digo, antes que consiga pensar se isso é algo bom ou ruim, mas os olhos azuis de Kate, arregalados, me dizem que é ruim. – Você não vai negar de novo, vai?

– Não – ela sussurra –, acho que já passamos dessa bobagem.

– Passamos? – dou risada. – Kate, isso já está lá atrás há semanas – completo, exasperada, mas muito aliviada. Minha amiga cega finalmente viu a luz, ou finalmente admitiu tê-la visto há algum tempo. Tanto faz. Não me importo. – Ele está no bar e... – faço uma pausa, pensando no que estava a ponto de dizer e decido que não vou avisá-la de que Sam sabia de Dan. Isso é algo para os dois resolverem.

– Ele o quê? – ela está em pânico, o que só confirma que foi bom eu ter segurado a informação. Se eu disser, ela vai se acovardar, sei que vai. Vai pensar no pior e vai fugir, sem dar a Sam a oportunidade de expressar suas impressões.

– Ele está esperando por você – completo.

O corpo todo dela relaxa, e um ar de contentamento parece formar uma névoa ao seu redor.

– Então, acha que devo ir? – ela pergunta, buscando confirmação. É raro vê-la duvidar de si mesma ou pedir encorajamento ou orientação.

– Claro que deve ir – confirmo, com um sorriso. – Você precisa se arriscar, Kate. Acho que vai se surpreender com Sam.

– Acha mesmo?

– Acho – dou um sorriso e abraço minha insegura, mas quase sempre tão segura, melhor amiga e a aperto como se quisesse arrancar dela todas as incertezas. – Por favor, vá lá e converse com ele. Mas deixe-o falar, também.

– Está bem – ela concorda –, eu vou. – Ela se afasta, fazendo uma careta de desgosto. – Mas vamos parar com essa choradeira...

– Claro, a culpa é minha – viro-me para o espelho, e Kate e eu enxugamos os olhos.

– O que acha que Jesse está falando para o Dan? – a pergunta de Kate me faz lembrar que eles estão sozinhos.

– Não sei – digo, com o rosto franzido, mas tenho uma suspeita. – Vou descobrir. Você está bem?

– Fantástica – ela me beija a bochecha e sai do banheiro antes de mim e se dirige ao bar, enquanto eu vou para o escritório de Jesse.

Invado a sala, com os olhos quase fechados, como se quisesse protegê-los de ver meu irmão preso pelo pescoço contra a parede. Mas não. Eles estão na mesma posição que os encontrei há pouco: Jesse em sua cadeira, relaxado, e Dan de costas para a porta.

– Por que está pegando dinheiro com Jesse? – pergunto, assertiva, numa tentativa de mostrar aos dois que não estou brincando. Os ombros tensos de Dan não são uma ligeira impressão. Ele pode ter descoberto o que acontece no estabelecimento de Jesse, mas eu descobri o acordo entre eles, embora não saiba por que foi feito e nem sei se quero saber. Mas isso não me impede de pressioná-lo – Não vai responder?

Dan não me responde, e sim Jesse.

– Ava, eu disse para você ficar no bar.

– Não estou falando com você – retruco, destemida, fazendo-o bufar de incredulidade.

– Mas eu estou falando com você – ele devolve.

– Cale a boca – aproximo-me da mesa e dou uma cutucada nas costas de Dan. – Você está muito quieto. Não tem nada a dizer?

– Vê só com que eu tenho que lidar? – Jesse ergue as mãos para o alto, em desalento. – Que mulher chata.

Lanço um olhar terrível para Jesse e bato no ombro do meu irmão.

– Desembucha. O que está acontecendo?

– Estou falido – Dan fala baixo –, quebrado, arruinado, do que quer que você queira chamar. E Jesse concordou em me ajudar.

– Você pediu? – disparo, incrédula. Isso é um feito, dada a história entre meu marido e meu irmão.

– Não; ele ofereceu e não havia condições... até dez minutos atrás.

– Você está subornando meu irmão? – volto meu olhar a Jesse, que tem as pontas dos dedos unidas diante da boca. – Você o pagou para ficar quieto?

– Não, eu emprestei dinheiro a ele e incluí uma cláusula nova no final do contrato.

Estou revoltada, mas extremamente aliviada. Jesse prometeu que meus pais jamais saberiam e está cuidando de cumprir a promessa.

– E quanto à escola de surfe? Por que não pediu a mamãe e papai? Eles te emprestariam algum dinheiro.

– Não estamos falando de trocados, Ava. Estou enterrado em dívidas. Fiz um empréstimo

enorme para custear minha parte na sociedade e meu sócio fugiu com o dinheiro. Estou na lama.

Eu me despedaço.

– Por que não disse nada?

– O que você acha? – ele parece humilhado. – Eu fui enganado, Ava. Não tenho mais nada.

Meus olhos compadecidos recaem sobre Jesse, que permanece em silêncio total, mas me estuda com atenção.

– Quanto? – pergunto, deixando meu marido incomodado e Dan inquieto na cadeira, o que só pode significar uma coisa: não estamos falando de duas mil libras. – Cinco mil? Dez mil? Diga-me.

– Só algum dinheiro – Dan diz antes que Jesse o faça, mas não acredito nisso nem por um minuto.

– Jesse? – insisto, prendendo-o no lugar com um olhar determinado; preciso saber qual é o tamanho do problema do meu irmão.

Ele tira os olhos dos meus e fixa-os em Dan, antes de respirar profundamente e massagear as têmporas.

– Sinto muito, Dan, mas não posso mentir para ela. Duzentas, Ava – ele diz, durante uma expiração longa, prosseguindo com as manobras para desfazer a tensão. Acho que também vou precisar de uma massagem nas têmporas. Tolamente, chego a pensar em duzentas libras, mas sei que não é isso. Eu dou alguns passos para trás, chocada, e Jesse se levanta em um piscar de olhos, como que enlouquecido.

– Caramba, Ava! – ele me segura pelos ombros. – Você está bem? Está zozza? Quer se sentar?

– Duzentas mil? – eu berro. – Que tipo de banco empresta duzentas mil libras? – desvencilho-me de um Jesse superprotetor enquanto o choque me permite processar a informação, transformando minha incredulidade em raiva. – Eu estou bem!

– Não me empurre, Ava! – ele grita de volta para mim, segurando meu cotovelo e levando-me para a sua cadeira. – Não precisa se preocupar tanto, Ava. Não é saudável.

– Minha pressão está ótima! – vocifero, petulante, mas suspeito que esteja nas alturas. – Duzentas mil libras? Nenhum gerente de banco com a cabeça no lugar emprestaria tanto dinheiro para uma escola de surfe! – os bancos na Austrália devem funcionar como os britânicos, e ririam na cara de qualquer um que aparecesse com um pedido desse porte. Quanto podem custar algumas pranchas de surfe?

– Não, você está certa – Dan, responde, encolhendo-se mais um pouco na cadeira, ficando cada vez menor, demonstrando como ele se sente: pequeno e estúpido. – Um agiota emprestaria.

– Meu Deus! – levo as mãos ao rosto, cobrindo-o. Sei como eles trabalham, embora não tenha tido o desprazer de lidar com um. – No que você estava pensando? – posso sentir a mão de Jesse massageando as minhas costas, em pequenos círculos, o que não me relaxa nem um pouco.

– Eu não estava pensando, Ava – ele suspira.

Descubro o rosto, para que Dan possa ver a minha decepção. Sempre achei que ele fosse inteligente.

– Essa é a única razão para você ter voltado para casa?

– Estão me procurando – o rosto derrotado de Dan parte meu coração. – E não adianta dizer para esses caras que você não tem dinheiro.

– Você disse que estava indo bem – eu o lembro, mas não recebo uma explicação, apenas um encolher de ombros. – Fique aqui – sento-me na ponta da cadeira –, não volte – digo e ouço uma risada abafada de Jesse e um sorriso terno de Dan, sinal de que nenhum dos dois levou a sério a minha sugestão. A reação deles também é sinal de que ambos acham graça da minha ingenuidade, mas não vejo problema. A Austrália fica do outro lado do planeta.

– Ava – Dan também vem para a ponta da cadeira –, se eu não for, eles virão atrás de mim. Já fui alertado e acredito nisso. Não vou colocar mamãe, papai e você em risco e... – Jesse pigarreia, interrompendo Dan no meio da frase, o que me faz olhar para ele, mas nem precisaria me virar para ver a expressão no rosto dele. Dan prossegue. – Essas pessoas são perigosas, Ava.

Minha cabeça dói e a massagem de Jesse se torna mais firme. Encosto-me na cadeira e olho para Jesse.

– Você não pode simplesmente depositar uma quantia tão grande em uma conta. Isso não seria lavagem de dinheiro? Não quero você envolvido nisso, Jesse – sinto-me péssima por dizer isso, dada a situação penosa de meu irmão e sabendo que Jesse é sua única esperança, mas temos nossos próprios problemas, sem Dan para nos trazer mais um.

Ele sorri para mim.

– Você acha mesmo que eu faria algo que pusesse você e os bebês em risco? – ele aponta para a minha barriga. – Vou transferir para a conta de Dan dinheiro suficiente para ele voltar para a Austrália. Tenho contatos de uma conta *off-shore* para onde vou transferir as duzentas mil libras e eles não vão saber de onde veio o dinheiro, Ava. Eu sei como fazer isso.

– Mesmo? – estou buscando a segurança dele.

– Mesmo – ele ergue as sobrancelhas e se inclina para me beijar. – E dá certo, confie em mim. – Sua confiança me faz pensar que ele já fez esse tipo de operação antes, e não me surpreenderia nem um pouco se esse pensamento fosse verdadeiro

– Está bem – reconheço, aceitando o beijo, antes de acariciar o rosto dele. – Obrigada.

– Não me agradeça – ele avisa, sério.

Olho para o meu irmão, do outro lado da mesa, que está visivelmente mais relaxado.

– E você agradeceu ao meu marido? – pergunto, sentindo-me magoada, de repente.

– Claro, Ava – Dan responde, ofendido. – Mas eu não vim pedir; vim só para ficar em paz com vocês. Foi seu marido quem andou cavando informações por aí – o tom de Dan não deveria ser tão acusatório, levando em consideração sua dependência da ajuda de Jesse para sair da lama.

– “Andou cavando”, é? – olho para cima de novo. – Andou cavando, Jesse?

Ele quase revira os olhos, como se achasse que sou boba por não ter pensado que algo estava errado.

– Conheço um homem em maus lençóis, Ava – ele responde.

Isso é muito para mim. Estou exausta.

– Podemos ir para casa? – pergunto.

– Desculpe – Jesse me levanta da cadeira e me olha de cima a baixo. – Acabei negligenciando você.

– Estou bem, só um pouco cansada – dou um suspiro e empurro meu corpo esgotado na direção de Dan. – Quando você parte? – soo seca e emburrada, mas não consigo evitar; sei exatamente por que Jesse está fazendo isso, e não apenas para manter Dan em silêncio. Ele

ajudou alguém que estava precisando, e fez isso, em primeiro lugar, porque não quer que a Máfia Australiana apareça em Londres, e, em segundo lugar, porque sabe que eu ficaria arrasada se algo acontecesse a Dan, o que é bem provável se ele não ajudasse o idiota a sair da situação diabólica em que se meteu. Não duvido nada que Jesse jamais veja um centavo desse dinheiro de novo. Mesmo que trabalhasse a vida toda, Dan não ganharia um montante dessa ordem para pagar Jesse.

– Hoje à noite – Dan fica em pé. – Eles aparecerão aqui se eu não estiver de volta na quinta-feira; então, acho que é adeus por um tempo.

– Você não ia me contar quando iria embora? – pergunto.

– Ia te ligar, menininha – sinto que está envergonhado, mas isso não minimiza minha mágoa. – Não sou mais seu homem favorito – ele acrescenta, sorrindo e eu não discordo. Não é mesmo. Ele sempre foi, mesmo durante meus relacionamentos com Matt e Adam, mas não mais. Meu homem favorito, agora, está segurando meu corpo cansado e acariciando meu ventre com seu toque reconfortante.

– Cuide-se – forço um sorriso. Como mamãe sempre disse, nunca se deve despedir-se de um ente querido com uma má palavra ou expressão.

– Posso? – ele pede permissão a Jesse, com os braços abertos, dando um passo à frente.

– Claro – Jesse solta relutantemente o meu ventre, mas me segura até Dan ter-me nos braços.

Não quero, mas é mais forte que eu, e deixo escapar algumas lágrimas, que se perdem na jaqueta do meu irmão quando retribuo seu abraço apertado.

– Tenha cuidado, por favor – imploro.

– Ei, vou ficar bem – ele me segura à distância de um braço, e comenta, tentando parecer casual: – então, seu marido tem um clube de sexo... – Dou um sorriso, enquanto ele enxuga minhas lágrimas com os dedos e beija a minha testa. – Cuide dela – Dan estende a mão para Jesse, que a aceita sem o menor ruído de contrariedade ante a exigência ofensiva do meu irmão. Ele apenas confirma com a cabeça e me leva para perto de si antes que Dan me solte completamente.

– Pode dizer a eles que o dinheiro estará na conta antes do fim da semana. Você tem a prova – os dedos de Jesse acariciam meus cabelos enquanto fala, áspero. – E sem confusão na hora de sair – ele o adverte.

Sei o que isso significa, mas não sei o que é a prova. Minha mente está esgotada demais para perguntar, e não me importo, de qualquer forma. Vejo que Dan aceita o argumento e deixa o escritório de Jesse sem olhar para trás.

Capítulo 29



— Quero te mostrar uma coisa – Jesse diz quando abre a porta do carro para mim no Lusso. – Quer que eu te leve no colo? – não sei por que a pergunta, já que estou nos braços dele antes que meu cérebro inútil a registre.

– O que quer me mostrar? – pergunto, apoiando a cabeça em seu ombro, coberto pelo paletó. São as primeiras palavras que articulo desde que vi Dan deixando o escritório de Jesse, e não foi por falta de alguém falar comigo. Não consegui reunir forças sequer para rosnar para Sarah, quando passamos por ela no *hall* de entrada do Solar. Ela me deu um sorriso constrangido, evitando tocar em Jesse, e recuou visivelmente, com cautela, como se esperasse uma represália minha. E ficou claramente surpresa quando ignorei sua presença, optando por seguir em frente e deixar Jesse conversando com ela sobre o trabalho. Sei que era somente sobre isso e sempre será. Trabalho.

– Você vai ver – ele entra no *hall* do Lusso e eu dou um sorriso quando ouço a voz alegre de Clive. Ele não é tão bonito quanto o novo *concierge*, mas sempre vou preferir o rosto maduro e amigável de Clive ao jovem e bonitinho Casey.

– Parabéns! – ele canta e não me surpreendo. Ou Jesse realmente anunciou para o mundo, ou foi obra de Cathy, empolgada. – Que notícia maravilhosa! – sua voz fica mais próxima à medida que sou carregada pelo mármore do piso, até o elevador. – Deixe que eu faça isso, sr. Ward – ele surge na frente de Jesse e digita o código do elevador.

– Obrigado, Clive – Jesse soa tão feliz quanto ele à lembrança de seus amendoins. Ele insistiu em conversar comigo durante o trajeto para casa, permitindo que eu refletisse em silêncio sobre a mais recente revelação: a de que meu irmão é um idiota e que meu marido agora está duzentas mil libras mais pobre por causa dele.

– Muito boa, sr. Ward, muito boa. E você, se cuide, Ava – ele aconselha, sério, e dou-lhe um sorriso enquanto seu rosto marcado desaparece ao fechar das portas do elevador.

– Você deixa Clive me chamar de Ava – observo, casual.

Ele ergue as sobrancelhas para mim.

– O que você quer dizer com isso?

– Nada – encontro forças para sorrir, alavancada pelo sentimento de posse do meu marido.

– Estou ignorando você – ele luta para não sorrir também, enquanto saímos do elevador e ele abre a porta para a cobertura, fechando-a atrás de nós.

– Logo você não vai mais conseguir me carregar – resmungo, abraçando-o com força. Vou sentir saudade, mas quando estiver estourando e com o dobro do tamanho, não consigo me ver

sendo erguida nos braços dele com tanta facilidade, como se eu fosse uma extensão do corpo dele.

– Não se preocupe, Ava – ele beija a minha testa e abre a porta do escritório com as costas –, já aumentei a carga nos pesos que levanto, para me preparar.

Tenho um sobressalto e puxo os cabelos dele.

– Ei! – ele me põe em pé, mas ainda estou agarrada aos cabelos dele.

– Você é uma selvagem, mocinha – ele ri e se abaixa um pouco para diminuir os puxões. – Não vai me soltar?

– Peça desculpas.

– Desculpe – ele ainda está rindo. – Desculpe! Agora solte.

Isso é loucura. Ele poderia me deter num piscar de olhos, mas está me deixando ter o poder, por ora, pelo menos. Solto-o e tiro os sapatos.

– Meus pés estão doendo – reclamo, mexendo os dedos. – Por que estamos no seu escritório?

– Quero te mostrar uma coisa.

– Uma foto de Jake? – pergunto, esperançosa, talvez um pouco ávida demais. Estou muito curiosa para ver como era o irmão gêmeo de Jesse.

– Bem... não... – a linha de expressão surge em sua testa.

– O que é, então? – estou intrigada, e noto que ele, de repente, fica sem jeito, parecendo desconfortável e tímido. – O que está havendo com você?

– Vire-se – ele pede, enfiando as mãos nos bolsos.

Não sei se quero. Olho para ele, desconfiada, mas ele permanece em silêncio e com a linha de expressão a postos. Está preocupado, o que me deixa preocupada também, além de muito, muito curiosa. Viro-me lentamente, com um impulso de fechar os olhos, mas intrigada demais para isso. Então, a parede entra em meu campo de visão e eu paro de respirar. Engulo em seco e fico boquiaberta. Acho que dei um passo para trás, porque sinto o peito de Jesse nas minhas costas, ou talvez ele tenha dado um passo à frente para me manter em pé. Não tenho certeza. Não posso absorver tudo. Meus olhos vão de um lado ao outro da enorme parede.

A parede está completamente coberta por... mim.

Cada centímetro sou eu. Não são porta-retratos ou telas. É o papel de parede, embora não pareça. Cada emenda está tão perfeitamente colocada, que parece uma grande obra de arte, uma colagem gigante com várias “Avas”, uma homenagem a mim, e a maior imagem, a que está no centro, sou eu, de braços abertos, na cruz que fica no quarto que ele preparou para nós no Solar. Estou nua, com os olhos baixos e os lábios entreabertos. Meus cabelos são ondas brilhantes emoldurando meu rosto tomado pelo desejo, meu corpo emana uma sensualidade... posso senti-la de longe.

Meus olhos percorrem o espaço, absorvendo tudo. É tanta coisa que perco o fôlego quando vejo uma imagem das minhas costas, enquanto corro escada abaixo no Solar. Não seria particularmente estranho, mas posso ver claramente um botão de copo-de-leite ao lado do meu corpo em fuga. Então, presto atenção no meu vestido: é o azul-marinho, que eu usava na minha primeira visita ao sr. Ward.

– Essa foi a primeira que tirei – ele murmura –, e isso se tornou uma obsessão depois dela. – A voz dele é baixa e insegura e eu me viro, ainda de boca aberta, sem conseguir falar. O nó na minha garganta está fazendo um bom trabalho em me impedir. Ele está mordendo o lábio,

observando-me com atenção, e eu engulo em seco e volto a olhar para a parede.

O mural de Ava.

Estou em toda parte: na noite de inauguração do Lusso; sentada no banco nas docas, depois do nosso encontro; no chuveiro, na cozinha, no terraço... Estou no provador da Harrods, sentada em meu banco no bar do Solar, vestida de couro dos pés à cabeça, o traje que ele me deu para andar de moto com ele, e saindo de perto dele com uma blusa de lã creme, grande demais. Sorrio ao ver que há fotos demais das minhas costas, de quando estou fugindo dele, provavelmente durante alguma contagem regressiva ou discussão. Estou nua em várias delas, ou apenas usando lingerie de renda. Estou algemada na cama, nadando na piscina do Solar, rindo com Kate, afastando os cabelos do rosto, comendo no Baroque, dançando com meus amigos e segurando o queixo com a mão... Vejo a mim mesma esparramada no assento do DBS, claramente bêbada, correndo em direção ao Tamisa, caída na grama do Green Park, empurrando carrinho no supermercado, vestindo roupas de ficar em casa e escovando os dentes... Dormindo no jatinho, parada na varanda do Paraíso, fuçando no mercado do porto, brincando na areia da praia e fazendo café da manhã na *villa*...

Nós voltamos da Espanha ontem. Como ele fez isso? Dormindo em sua cama e dormindo em seus braços... Há tantas de mim dormindo em seus braços. Cada expressão imaginável e cada hábito meu está retratado em uma dessas fotografias. É como minha vida em imagens, desde o dia em que conheci este homem, e eu não tinha a menor ideia de que ele fazia isso. É mesmo obcecado por mim, e se eu soubesse disso no começo, como quando ele me perseguia insistentemente, acho que teria fugido para mais longe e com mais convicção. Mas agora não. Agora só estou sendo lembrada, depois de um dia exaustivo, do amor que ele tem por mim.

Estou tão embevecida que nem percebi meus pés me levarem até a parede. Estou caminhando ao longo dela, retendo cada imagem, a cada piscar de olhos encontrando mais uma imagem que não tinha visto antes.

– Tome – sua voz rouca faz meus olhos deslumbrados deixarem o mural de Ava. Ele tem uma caneta permanente preta na mão, o que já me faz sorrir. – Quero que você o assine.

Pego a caneta a olho para ele, sem saber se está brincando ou não. Ele quer que eu estrague o mural?

– Assinar meu nome? – pergunto, um tanto confusa.

– Sim, o que quiser – ele aponta para as imagens.

Olho para a parede e dou uma risadinha, ainda encantada com o que tenho à minha frente. Dou um passo à frente e tiro a tampa da caneta, procurando um espaço livre para escrever meu nome, mas logo vejo um espaço na primeira foto que ele tirou de mim e me aproximo dela, armada da caneta permanente. Sorrindo, escrevo sob a imagem de mim fugindo do Solar:

Hoje eu te conheci.

Este dia foi o início do resto da minha vida.

Deste momento em diante, passei a ser a sua Ava.

Um beijo.

Depois, vou para a imagem em que estou sentada em um banco nas docas, na noite de

inauguração do Lusso:

*Hoje, percebi o quanto estava envolvida,
e quis estar ainda mais envolvida com você.*

Sigo para a minha foto bêbada no carro de Jesse e sorrio enquanto escrevo:

Hoje, descobri que você sabe dançar. Também admiti para mim mesma que estava apaixonada por você. Acho que também lhe disse isso.

Estou embalada agora. Localizo rapidamente a foto em que estou de blusa de lã grossa, depois que ele literalmente me enfiou naquela coisa:

Hoje, descobri que sou apenas para os seus olhos.

Agora escrevo embaixo da foto em que estou saindo nua do quarto, depois de encontrá-lo caído no Lusso, quando ele me mostrou como é o seu jeito de conversar:

Hoje, aprendi que sou apenas para o seu toque e para o seu prazer. Mas minha parte preferida do dia foi quando você disse que me ama.

A caneta toca a imagem em que estou algemada:

Hoje, você me apresentou a transa de castigo.

Olho para o mural e encontro a minha imagem entrando na frente dele no *hall* do Ritz.

Hoje, descobri quantos anos você tem... e que você não gosta de ser algemado.

Não consigo parar. Cada imagem traz uma lembrança, e eu me pego escrevendo em todas as fotos, deixando minhas memórias. Ele não me impede, e eu sigo adiante, como que fazendo um diário dos últimos meses da minha vida. Não preciso pensar; cada momento está gravado em minha mente, bom ou ruim, mas os fotografados são todos momentos bons. E são tantos... Às vezes pode ser fácil demais deixá-los se perder quando os não tão bons se intrometem. Nosso curto tempo juntos foi bombardeado por coisas ruins, mas todos os bons momentos superaram os difíceis, e ele está me lembrando disso.

Minha mão está doendo quando chego à última imagem, a que estou na varanda do Paraíso. Tenho certeza de que pensarei em mais legendas, mas, nesta, encosto a caneta na parede e escrevo:

*Hoje, decidi que você tem razão. Nós vamos ficar bem.
E, sim, estou com uma barriguinha.
E amo o fato de que foi você quem a deu para mim.
Vou amar você para sempre.
Ponto-final.*

Tampo a caneta e respiro fundo, antes de olhar para o meu senhor e enfiar o rosto no peito dele, inalando seu perfume fresco e mentolado. Olho para os olhos dele e encontro uma expressão serena e olhos semicerrados.

– Terminei – sussurro baixinho, mas ele olha para mim. Está estudando todas as legendas, seus olhos passeando pelo mural e parando aqui e ali para ler.

Ele pega a caneta, vai até a foto em que apareço fugindo do Solar, e chega bem perto da parede. Não consigo ler o que está escrevendo e mudo de posição para tentar enxergar, mas ele está perto demais. Por fim, ele se afasta e leio o que foi escrito no alto da imagem:

*Hoje, meu coração começou a bater outra vez.
Hoje, você se tornou minha.*

Aperto os lábios e o vejo ir até a imagem em que estou sentada na grama nos jardins do Solar, vestida de noiva, vestida de renda marfim da cabeça aos pés, com raios de sol entre as árvores atrás de mim. Estou olhando para o lado, talvez para o fotógrafo. Mais uma vez, Jesse se aproxima da parede e logo recua, mordendo a tampa da caneta, e desenha um halo perfeito sobre a minha cabeça, escrevendo:

*Minha menina linda.
Minha sedutora temperamental.
Minha senhora.
Meu anjo.
Minha Ava.*

Abro um sorriso e dou um passo à frente, tirando a caneta da mão dele e tirando-o de seu devaneio. Recoloco a tampa e solto a caneta no chão, escalando-o com graça, até envolver seu corpo por inteiro.

Suas mãos se espalmam no meu traseiro e seus olhos queimam dentro dos meus.
– Ava, hoje foi o dia mais longo da minha vida.

– Mais longo que o mais longo anterior?

– Cada dia é mais longo. Acostumei-me a estar com você vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Acho que devo um momento especial a você – essas palavras me fazem tirar seu paletó e beijá-lo com força, devorando-o. – Calma... – ele pede com carinho, movendo os braços para que eu possa livrá-lo da peça de roupa. – Por que a pressa?

Forço meus lábios a devorá-lo com mais lentidão, mas é mais fácil falar do que fazer, já que não o tenho há dois dias inteiros.

– Faz tempo demais – murmuro, puxando sua gravata, provavelmente estrangulando-o no processo, mas não solto seus lábios para confirmar.

– Ei – ele puxa meus braços para se desvencilhar de mim, pois não estou facilitando as coisas, embora esteja em pé em pouco tempo, com a respiração entrecortada e sem nenhum contato. Ele recua e tira a gravata pela cabeça, antes de tirar os sapatos e as meias. Seus olhos estão em brasa, e praticamente me despem. – Tire o vestido – ele ordena, abrindo os botões da camisa e partindo para os botões dos punhos, sem quebrar o contato visual, o que não ajuda em nada o meu estado faminto, de maneira alguma, mas é seu modo de demonstrar poder, seu modo de me fazer controlar meus impulsos – algo estúpido de se esperar quando o estou vendo despir-se na minha frente.

Levo três segundos para descer o zíper do vestido e tirá-lo pela cabeça, ficando em pé, de lingerie de renda e olhando para a barriga, para ver se cresceu mais ao longo do dia. Respiro e tento medi-la, mas sou distraída pela obra-prima que é meu marido, a poucos passos de mim. Ele tem razão, e tenho o vestido preto para provar. Agora é ladeira abaixo. Passo a mão em torno do umbigo e meus anéis brilham quando desenhos círculos no meu ventre. A ligação está crescendo, e rápido. Uma parte de mim e uma parte de Jesse, duas, na verdade, crescem dentro de mim, e esse pensamento apenas me faz ter uma sensação que nunca tive antes, um calor que aumenta quando Jesse coloca a mão sobre a minha e inclina-se para encontrar minha boca.

– É incrível, não é? – ele pergunta, prendendo-me ao seu corpo sem o menor esforço, apenas levantando-me pela parte de trás das coxas.

– Sim – concordo, do fundo do coração. – Como você.

– E você.

– Você mais – discuto. – Mostre-me quanto você é incrível. Eu me esqueci – provoco sua arrogância com essas palavras e arqueio as costas, ficando mais alta que ele e fazendo-o ter de levantar a cabeça para manter a boca na minha. Seu rosnado baixo e profundo passa por nossas bocas e me aquece mais um pouco.

Ele vai do escritório para a ampla sala da cobertura e me coloca deitada no sofá em L, puxando-me para a beirada, de modo que a parte de baixo do meu corpo fique suspensa no braço do sofá. Então, tira a calça e a cueca, revelando seu membro majestoso, rijo e disposto, a distância do meu toque, mas ajoelha-se diante do sofá, tirando-o de minha vista. Nem tenho tempo de reclamar, porque ele tira a minha calcinha, abre as minhas pernas e, rapidamente, coloca a boca na parte interna da minha coxa, beijando-me com carinho e movendo-se para a outra, roçando os lábios de leve. Ele vai e volta, de um lado para o outro, aproximando-se cada vez mais, suas mãos me abrindo até chegar ao meu sexo pulsante.

– Jesse... – digo, numa respiração, precisando mover as pernas. Uma de minhas mãos agarra o couro no encosto do sofá, enquanto a outra pouisa na parte de trás da cabeça dele.

– Já se lembrou do quanto eu sou incrível? – ele pergunta, sério, afastando-se um pouco e soprando minha carne viva.

– Sim! – minhas mãos abrem e fecham, enquanto seu sopro frio me atinge, subindo pelas minhas coxas. – Caramba! – tento fechar as pernas ao primeiro contato de sua língua em meu clitóris, mas ele só está me provocando, dando-me uma amostra do que está por vir. Minhas pernas não vão a lugar algum, a não ser para onde ele decidir, e ele decide que elas se abrirão ainda mais, tornando-me mais sensível, mais vulnerável e mais frenética.

– Olha a boca, Ava – sua língua me penetra e depois varre toda a minha vagina. Eu grito, balançando a cabeça para os lados. – Incrível? – ele tem absoluta certeza de que sim, e garante a si mesmo esse privilégio. – Diga-me como é a sensação, Ava.

Meu punho agarrado aos seus cabelos deveria ser toda a indicação de que ele precisa; isso e o fato de que, agora, balbucio palavras incoerentes. Estou vendo estrelas, meu ventre se contorce e sou incapaz de mover as pernas. Então ele me penetra com os dedos e minhas mãos se soltam do sofá e dos cabelos dele para se juntar na minha cabeça. Os músculos do meu abdômen se tensionam e levanto a parte de cima do corpo para tentar aliviar a pressão que desce do meu ventre para o meu sexo. Decido, em meu êxtase febril, que quero vê-lo; então me apoio nos cotovelos e olho para baixo, vendo uma de suas mãos descansando na minha barriga, enquanto seus dedos me invadem lentamente.

– Me diga, Ava – ele insiste, acariciando-me com devastadora precisão.

– Sinto que você foi feito para se encaixar em mim – minhas palavras soam tão decididas quanto a expressão no rosto dele. Ele acha o mesmo.

Ele sorri e se inclina para beijar minha área sensível, antes de ficar em pé e segurar a parte de trás das minhas coxas, erguendo mais a parte de baixo do meu corpo para se posicionar. A parte de cima também sobe, e me apoio em minhas mãos para ter a melhor visão possível do momento em que ele me penetra. E é mesmo a melhor visão possível. Nós dois não tiramos os olhos de seu membro duro, pronto para me invadir sem que ele tenha de usar as mãos, como um míssil teleguiado que vai para o lugar aonde deve ir. Ele paira próximo à minha entrada por um tempo, apenas roçando minha fenda úmida de maneira provocante. Estou impaciente, minhas pernas se cruzam em sua lombar, trazendo-o para mais perto de mim, mas ele não vai a parte alguma. Não enquanto não quiser. E ele não quer. Ele apenas me dá um sorrisinho atrevido e mantém os olhos baixos, passando sua glândula em pinceladas irregulares e torturantes sobre o meu feixe de nervos ultrassensível. Ele está me matando; gostaria de voltar a me deitar, mas estou enfeitiçada por seu prazer cruel.

– Que tal tentarmos a penetração? – ele pergunta, mas ainda sem olhar para mim.

Estou enlouquecendo, mas minha atitude desafiadora, aliada à atitude arrogante dele, me deixa determinada a imitar sua serenidade.

– Se você quiser... – minhas palavras calmas e desprendidas fazem seus olhos saírem do ponto de concentração e brilharem de surpresa.

– Se eu quiser? – ele me penetra de leve, só uma parte, mas o bastante para eu ter de conter um gemido. Sei que me fará esperar mais se eu for impaciente ou exigente, então, controlo-me. – E quanto ao que você quer? – ele pergunta e vai um pouco mais fundo. Meus lábios estão entreabertos e meu peito se expande rápido. Estou tentando, com afinho, mas cada fibra do meu corpo me entrega. Com uma das mãos ele me segura no lugar, e com a outra, puxa para baixo os

bojos do meu sutiã, beliscando meus mamilos, e eu tento conter um grito de prazer e dor intensa. – Minha menina linda está tentando parecer desinteressada – ele brinca, segurando-me com mais força, pronto para se enterrar em mim. – Pena que seja péssima em fingir descontração – ele diz, mas não me ataca, entrando sem pressa. Minha cabeça gira. Dou um gemido. – Agora sim – ele elogia, completamente mergulhado em mim, a cabeça de seu impressionante mastro roçando meu útero. – Mostre que está gostando, Ava – ele me deixa, para, logo depois, me invadir com uma força surpreendente. Meus braços começam a tremer, seguidos pela minha cabeça, em movimentos desesperados.

– De novo! – exijo. Ele já me provocou demais. – De novo!

– Ai, depende...

– De quê? Você disse que nem sempre precisa ser com força – tento controlar a respiração, inspirando várias vezes – e, então, faz isso comigo... Finalmente você leu a parte do livro que confirma que não vai machucar os bebês?

– Sim – mais uma estocada de extrema precisão, que quase me derruba, mas depois ele paralisa outra vez. – É um bom livro.

– É um bom livro agora – concordo. Agora que ele leu o trecho mais vantajoso, passei a achar que o livro é bom.

– O livro sempre foi bom, mas dizia que se deve ouvir o próprio corpo – ele desliza para fora e logo depois para dentro, e eu gemo outra vez.

– Estou ouvindo, e o meu está dizendo “mais forte” – ofego.

– Os bebês estão protegidos, foi o que li – ele sibila e solta o ar controladamente. – E, aparentemente, também posso bater em você – sua mão colide fortemente contra o meu traseiro e eu grito.

– Você já me bateu! – grito para lembrá-lo, enquanto ele me penetra mais uma vez.

– Mas não sabia que estava grávida naquela época – ele me lembra com outra palmada. – Está gostoso?

– Sim! – levanto a cabeça e fico zonga de gratidão. Minha língua passeia por meu lábio inferior lentamente, de maneira provocante. – Você está lindo – inspiro, observando a definição de cada músculo do seu abdômen ao se contrair com o esforço de segurar meu corpo, e expiro lentamente.

– Eu sei – ele se esfrega, lenta e deliciosamente.

– Oh, meu Deus! – meus braços se rendem e caio de costas sobre o sofá.

– Eu sei – ele concorda. – Eu sei.

– Jesse, eu vou gozar – não me importo em manter a resistência. Isso já se foi faz tempo.

– Eu não – ele sentencia, indo para fora e para dentro. – Está ouvindo seu corpo, Ava?

– Sim! E ele está me dizendo que preciso gozar!

Mais um tapa.

– Não dê uma de espertinha! – ele sai completamente de mim e esfrega o pênis na minha vagina, instigando uma fricção maravilhosamente satisfatória de sua pele contra a minha. – Bem, o meu está me dizendo que estou fazendo um ótimo trabalho em atender às suas necessidades – ele está tremendo; posso sentir os tremores passarem de seus braços para as minhas pernas, mas seus movimentos continuam controlados. – Caramba, preciso ficar em cima de você – ele baixa a parte de baixo do meu corpo e pega as minhas mãos, levantando-me com um impulso e

deitando-me, em seguida, sobre o tapete, onde começa a estimular meus mamilos com a língua e, com a ajuda das mãos, se posiciona e volta para dentro de mim.

Agora que posso sentir sua pele, noto quanto está suado. Minhas mãos o tocam onde conseguem alcançar.

– Beije-me – imploro, e ele não demora. Nossas bocas se unem. Ele me invade outra vez e nossos corpos se tocam em todos os pontos possíveis. Seu ritmo é perfeito, e remexo os quadris para acompanhá-lo a cada golpe, capturando as ondas de prazer que cada uma de suas investidas incita. Minhas mãos apertam seu traseiro e minhas unhas se cravam em suas nádegas sólidas, enquanto ele me devora com a boca, nossas línguas dançando com voracidade selvagem.

– Eu acho... – ele acaricia meu rosto com o dele – ...que você deveria... – passa para o meu pescoço e depois morde o lóbulo da minha orelha – ...pedir demissão.

Balanço a cabeça e ondulo os quadris para ele, com um gemido longo e satisfeito.

– Não.

– Mas quero passar o dia todo fazendo isso. Traga a sua boca para mim.

Viro o rosto para ele.

– Você vai ter de esperar até eu chegar em casa – morde seu lábio e agarro mais seu traseiro para criar mais fricção.

– Não quero – ele também me morde. – Onde e quando eu quiser.

– Exceto quando eu estiver trabalhando... Mais fundo, por favor.

– Então ela acha que pode exigir alguma coisa... – ele não vai mais fundo, o desgraçado.

– Não vou parar de trabalhar.

– E como você acha que vai conseguir cuidar dos meus bebês se estiver trabalhando? – ele faz a pergunta arrogante enquanto tem a boca colada na minha e gira os quadris de maneira perfeita.

– Mas você me quer em casa para fazer isso e não para cuidar dos seus bebês.

– Agora você só está sendo desagradável – ele abandona meus lábios e baixa a cabeça para morder meu mamilo, antes de fazer o caminho de volta, deixando beijos na minha pele. – Mais fundo?

– Por favor...

– Está bem – ele vai fundo. Bem fundo. Incrível e sensualmente fundo.

– Hmmmmmm...

Ele para e se concentra em me beijar com paixão.

– Está vendo? Estou te dando o que você quer.

Definitivamente, mas sei aonde ele quer chegar, e ele quer chegar a uma transa de lembrete sem força bruta. Preciso de muito cuidado nessa hora.

– Você é bom demais para mim – provoco. – Ohhhhh! – estou prestes a ser arrebatada por um orgasmo que pode me fazer concordar com qualquer coisa, mas isso está muito bom – nós dois, fazendo amor calmamente, sentindo um ao outro e sem a menor urgência.

Ele engole meu gemido e continua a explorar a minha boca, como se nunca a tivesse experimentado. Nossas sessões de sexo, selvagens ou românticas, fortes ou calmas, são sempre como se fosse a primeira vez.

– Você precisa demonstrar um pouco de gratidão, não acha? – ele se apoia nos braços e olha para baixo, no espaço entre nossos corpos. Olho também, vendo toda a sua extensão emergindo

de dentro de mim. – Olhe para isso – ele suspira e se segura à entrada da minha fenda, e então olha nos meus olhos. – Simplesmente perfeito – e se enterra novamente, de forma lenta e uniforme, aquecendo meu rosto com seu hálito quente. Começo a tremer, e meus braços inúteis vão parar acima da minha cabeça mais uma vez. – Ela está começando a arfar – ele afirma, baixando seu apoio para os antebraços –, e está tremendo todinha – seus golpes meticulosos perdem a precisão.

Ele também está arfando. Também está tremendo.

Prendo a respiração e meu corpo todo se tensiona, pronto para o clímax, mas não posso dizer nada a ele.

– Acho que ela quer gozar.

Começo a mexer a cabeça freneticamente, embora minha intenção seja concordar e gritar “sim!”. Estou me contorcendo sob aquele corpo maravilhoso, que desliza e se move com o meu. Meus braços e minhas mãos se erguem rapidamente, decidindo que há algo que têm vontade de fazer. Então, meus dedos se perdem em seus cabelos loiros, e os agarram com firmeza.

– Ela definitivamente quer gozar – ele soa tão seguro de si, mas seu próprio corpo é atacado por espasmos enquanto tenta manter o ritmo estável, falhando em todos os níveis. Seus movimentos de quadris são imprevisíveis, indicando que ele também tem um orgasmo a caminho e que está rapidamente perdendo o controle. – Caramba!

Ao dizer isto, ele revela seu estado. Ele já passou do ponto de conseguir se controlar, então valho-me da oportunidade, puxo seus cabelos com mais força e mordo seu ombro suado, em uma tentativa de conter um grito e encorajá-lo a gritar. E funciona, como eu sabia que aconteceria.

– Caramba, caramba, caramba! – ele me golpeia com mais força e mais rapidamente, enterrando o rosto em meus cabelos. – Agora, Ava!

Estou à sua mercê. Tiro os dentes do seu ombro e o acompanho em sua jornada frenética rumo ao prazer carnal puro, abraçando-o pelo pescoço, e ondulo os quadris de encontro aos dele quando de sua última estocada em mim.

Ele se deita com cuidado sobre mim, mas ainda se esfrega lentamente e mordisca meu pescoço enquanto tenta estabilizar a respiração.

– Por favor, peça demissão – ele implora. – E podemos mesmo ficar assim para sempre.

Não consigo fazer funcionar minhas cordas vocais, a não ser para balbuciar uma objeção, o que faço juntamente com uma pressão mais forte dos braços em torno do pescoço dele.

– Isso foi um sim? – ele lambe meu rosto salgado e termina o gesto em meus lábios. – Diga sim.

– Não – engulo em seco.

– Mulher teimosa – ele me dá mais um beijinho e rola para o lado, deitando-se de costas e levando-me com ele, certificando-se de continuar dentro de mim e de me colocar confortavelmente em seu colo. – Precisamos renovar nossos votos.

Fecho a cara e levo alguns minutos até que meus pulmões tenham ar suficiente para eu poder dizer uma frase completa.

– Não faz um mês que estamos casados.

Ele segura meus quadris com força e fico tensa, mas logo vejo seus olhos se fixarem na minha barriga e seu olhar de advertência se transformar em sorriso, enquanto suas mãos

ameaçadoras vão parar na mínima saliência e começam a acariciá-la.

– Sim, apenas um mês e você já está se esquecendo de uma parte significativa de sua promessa.

– Pode pegar a obediência e enfiar naquele lugar – digo muito séria, também levantando os braços e apertando as mãos em torno do seu pescoço.

Ele finge estar se sufocando e me puxa para baixo, imitando o meu gesto e fechando as mãos enormes em torno do meu pescoço. Estamos prontos para estrangular um ao outro.

– Quem venceria? – ele pergunta, tocando o meu nariz com o dele.

– Você.

– Correto – ele confirma. – Estou com sede.

Balanço o pescoço dele de leve, fazendo-o rir.

– Vou buscar água.

– Você não pode escolher em que momentos cumprir seus deveres de esposa – ele me levanta e estica o braço para me dar um tapinha no traseiro quando me afasto. – Traga-me água, mulher!

– Não force a barra, Ward! – aviso, cobrindo os seios com os bojos do sutiã e indo quase nua para a cozinha.

– E nem pense em voltar sem estar com os seios à mostra de novo, mocinha! – ele grita para eu ouvir.

Tenho um largo sorriso no rosto quando abro a geladeira e pego duas garrafas d'água. Ajeito as garrafas para que a temperatura não agrida a minha pele ao encostar nelas e pego algo que parece esquecido na última prateleira da geladeira. Sorrio outra vez.

– Você me ouviu? – o tom afrontado de Jesse é a primeira coisa que atinge meus ouvidos quando apareço na sala gigante do apartamento. Ele está olhando para os meus seios cobertos pelo sutiã.

– Ouvi – solto as garrafas no sofá e escondo a surpresa atrás de mim.

Ele ainda está deitado e me dirige um olhar suspeito.

– Minha esposa linda está com uma carinha de quem está aprontando alguma – seus olhos se estreitam. Ele se senta devagar, com as costas apoiadas no sofá, e sinaliza para eu sentar em seu colo. – Ela está escondendo alguma coisa de mim – ele pega a garrafa d'água e bebe um gole generoso, fechando-a em seguida.

– Uma surpresinha – sento-me onde ele pede e me inclino para a frente, quando ele solta a garrafa e espalma as mãos nas minhas nádegas.

– Não há nada de “inha” aqui – uma de suas mãos sai do meu traseiro, mas apenas por tempo suficiente para abaixar os bojos do meu sutiã outra vez, voltando decidida para o lugar onde estava antes. – O que está escondendo aí?

– Uma coisa... – provoco, driblando-o quando tenta esticar o pescoço para espiar. – Não – aviso e ele bufá, antes de se encostar no sofá, resignado. Abro a tampa, ainda atrás de mim, e a solto, antes de mostrar o pote para o meu deus, cuja curiosidade acaba de se tornar deleite à visão que eu apresento a ele.

– Eu estou no controle – sorrio.

Seus olhos se arregalam mais, mas dessa vez ele está ultrajado.

– Oh, não. Não quando se trata disso aqui. Esqueça. De jeito nenhum. Nunca – ele tenta

pegá-lo, mas sou mais rápida e o afastou de seu alcance.

– Relaxe – dou risada, incentivando-o a se encostar no sofá. A vontade de abraçá-lo quase supera a de provocá-lo, quando vejo uma expressão de preocupação surgir em seu rosto. Coitadinho. Ele morde o lábio, enquanto observa minha mão se aproximar da abertura do pote e meu dedo se enfiar nas profundezas da pasta. Faço uma careta quando trago o dedo de volta, e sei que estou torcendo o nariz ante a visão da bolota de manteiga de amendoim em meu dedo indicador.

– Não me provoque, Ava – seus olhos estão fixos no meu dedo coberto da iguaria que ele tanto ama e o seguem quando o passo em um dos meus mamilos. Está geladinho e é nojento, mas o olhar de felicidade que nasce em seu rosto é o bastante para me fazer perseverar.

Ele volta os olhos para os meus.

– Ops! – sorrio quando ele baixa a cabeça, lento e casual, o que é absurdo, porque sei que ele está louco para lamber a área toda, e não só pela vontade de querer meu seio em sua boca.

O gemido de prazer me arranca uma risadinha, e contorço-me sob sua língua quente.

– Puta que pariu – ele lambe com vontade, fazendo um espetáculo exagerado de me devorar com a língua, antes de se recostar e lamber os lábios. – Eu não achava que isso poderia ser mais gostoso. Mais.

Estou sorrindo feito uma idiota. Enfio o dedo outra vez na manteiga de amendoim e mostro para ele.

– O senhor gostaria de ser servido no seio esquerdo ou no direito?

Seu rosto mostra dúvida, e ele olha de um seio para o outro.

– Não tenho tempo a perder, passe nos dois.

Dou mais risada, mas sigo sua ordem urgente, e ele vem por cima de mim antes de eu terminar de cobrir o primeiro mamilo.

– Não vá com tanta sede ao pote, meu deus – beijo seus cabelos enquanto ele me devora e mordisca ao final, como castigo pelo meu atrevimento. – Ai!

– Sarcasmo, Ava.

– Está gostoso?

– Nunca mais vou comer manteiga de amendoim de outro jeito. Então, agora você vai ter *mesmo* de largar o seu emprego, porque preciso que esteja disponível para eu te lamber quando bem entender – ele levanta a cabeça com a ponta do nariz suja, que eu limpo prontamente com a boca. – Achei que você detestasse manteiga de amendoim.

– Detesto mesmo, mas amo seu nariz – eu o beijo antes de reassumir minha posição anterior. – Você faria algo por mim?

Sua expressão muda consideravelmente. Ele está desconfiado de novo, mas não estou escondendo nada agora, a não ser um pedido, que ele logo vai descobrir. Ele relaxa um pouco e me acaricia.

– O que você quer, Ava?

– Quero que diga sim antes de eu pedir – ordeno baixinho e de modo pouco razoável, pois já falamos disso e não cheguei a lugar nenhum.

– Você está tentando me amaciar com suborno – ele dá um sorrisinho e eu fecho a cara, colocando o pote de lado, irritada.

– Isso foi uma péssima piada.

– Pegue o pote, mocinha – ele não está mais sorrindo. – Ainda não terminamos. Reviro os olhos, mergulho o dedo outra vez e reabasteço meus mamilos.

– Está feliz?

– Nas nuvens – Meu seio está limpo em tempo recorde. – Agora, me diga o que quer.

– Você precisa dizer sim – insisto, sem a menor fé em minha própria estratégia. Ainda que ele concorde, pode muito bem mudar de ideia depois.

– Ava – ele suspira –, não vou concordar com nada sem saber o que é. Ponto-final. Faço bico.

– Por favor – estendo a palavra e enfio meu dedo cheio de manteiga de amendoim na boca dele.

– Você é linda quando faz biquinho – ele murmura. – Agora me diga.

– Quero que você revogue a condição de sócios de Sam e de Kate no Solar – disparo e prendo a respiração. Preciso muito da ajuda de Jesse nisso; sei que Sam e Kate chegaram a um ponto significativo no relacionamento e espero que conversem, e sem a tentação do Solar as chances deles serão muito maiores. Só que nada acontece, na verdade. Ele não me ridiculariza nem recusa, apenas me olha com um sorrisinho no rosto.

– Está bem – ele encolhe os ombros e mergulha o próprio dedo no pote e, com ele, besunta meu seio.

– O quê? – sei que pareço totalmente confusa, o que é ótimo, porque é exatamente como me sinto. Nem mesmo precisei entrar no “modo sedutora”.

– Eu disse que tudo bem – ele toma meu seio novamente e fico perdida, olhando para o topo da cabeça dele.

– Está? – eu deveria estar demonstrando minha gratidão, não questionando sua sensatez. Ele levanta a cabeça e seu sorriso perfeito surge diante dos meus olhos, enquanto suas mãos seguram minhas bochechas.

– Sam já cancelou.

Perco o fôlego.

– Caramba! E eu achando que, enfim, você estava fazendo o que eu mando – eu devia saber, mas ficar contrariada não diminui minha felicidade por saber que Sam e Kate tentarão um relacionamento convencional. Estou em êxtase.

Jesse se levanta comigo no colo e, num instante, estamos deitados no sofá.

– Sempre faço o que você manda. Venha cá – ele tira o pote da minha mão e o coloca no chão, ao lado do sofá, e depois me puxa para deitar em seu peito. – Vamos dormir abraçadinhos – ele respira fundo, satisfeito.

Faço um ruído, demonstrando minha descrença, antes de tomar o lugar que me cabe, que é com o rosto enfiado entre o seu pescoço e o seu ombro, e começo a acariciar sua cicatriz com a ponta do dedo.

– Está quentinha? – ele pergunta, entrelaçando suas pernas nas minhas e me cobrindo completamente com seus braços fortes.

– Hmmm – dou um suspiro e fecho os olhos, saboreando todos os elementos de sua perfeição: seu cheiro, seu toque, as batidas do seu coração e seu corpo sob o meu.

Eu amo mais o Sétimo Céu de Jesse a cada vez que o visito.

Capítulo 30



Meus doces sonhos são interrompidos por alguém tossindo. Pelo menos, é o que acho. Parece tosse, mas nem meu cérebro nem meu corpo ainda estão preparados para começar o dia, então desprezo o som agressivo e me acomodo na firmeza do corpo que está debaixo do meu.

E lá está outra vez. Está ficando difícil ignorar. Na verdade, está me irritando muito. Abro os olhos e a primeira coisa que vejo é a beleza serena de Jesse, o que faz minha irritação diminuir, e estendo a mão para tocar sua barba de três dias.

Novamente, a tosse. Sem pensar, volto-me para a direção do ruído, expondo um *close* em nu frontal para... Cathy.

– Caramba! – volto a colar o corpo no peito de Jesse e o movimento abrupto o desperta. – Jesse! – sussurro, como se ela não pudesse me ouvir. – Jesse, acorde!

Ele sorri antes mesmo de abrir os olhos, e suas mãos bobas apalpa meu traseiro.

– Se eu abrir os olhos vou me deparar com outros, cor de chocolate, que querem me dizer “me coma agora”, não vou? – sua voz profunda e rouca, acompanhada dessas palavras, normalmente faria o meu ventre contrair de excitação, mas não hoje.

– Não, você vai ver olhos arregalados e perturbados – sussurro. – Abra os olhos. Ele obedece. Seus olhos verdes já se abrem com um ar confuso e ele olha além de mim, quando indico a direção.

– Oh! – agora ele é quem está com os olhos arregalados e perturbados. – Bom dia, Cathy.

– Vocês, pombinhos, precisam comprar pijamas – o tom divertido de Cathy me deixa ainda mais envergonhada – ou, pelo menos, ficar com as roupas de baixo. Vou para a cozinha, preparar o café da manhã.

Ouçoo seus passos arrastados deixando-nos na sala, nus e expostos, e solto a respiração, em desespero, a cabeça caindo de novo sobre o peito dele. Jesse está rindo. Para ele, tudo bem, eu estou cobrindo tudo o que interessa.

– Bom dia, Ava – ele abre as pernas e eu caio entre elas. – Deixe-me ver seu rosto.

– Não. Estou vermelha como um pimentão – escondo-me no pescoço dele, como se minha vergonha desaparecesse se eu ficasse ali por algum tempo.

– Ela está tímida – ele está sorrindo, sei que está. E enquanto já ficaria feliz em apenas imaginar minhas suspeitas, ele me força a sair do meu esconderijo, o que confirma que está mesmo sorrindo. – Vamos levar ela lá para cima?

– Sim – resmungo, perfeitamente ciente de que, se Cathy já chegou, então deve ser tarde, mas não me incomodo. É como se eu estivesse tentando ser mandada embora só para não dar a

Jesse a satisfação de pedir demissão apenas porque ele pediu.

Sento-me com cuidado para verificar a localização de Cathy, mas começo a gargalhar quando Jesse também se senta, esticando o pescoço por cima do encosto do sofá para olhar na direção da cozinha. Ele olha para mim com as sobrancelhas erguidas e achando meu ataque de riso muito divertido.

– O que deu em você?

– Você está parecendo um suricato! – gargalho mais um pouco, caindo para trás e me expondo totalmente. Durante o ataque de riso, ajeito os bojos do sutiã, porque, claro, isso vai me ajudar muito, estando sem calcinha.

– Você deve estar exercitando demais o pescoço! – continuo rindo.

Ele faz um ruído que mistura diversão e ultraje diante de sua esposa histérica e me empurra para libertar as próprias pernas, antes de se levantar e pegar meu corpo agitado. Jesse me joga no ombro, ainda rindo, e, enquanto corre na direção da escada, me proporciona uma visão gloriosa de seu traseiro.

– De onde eu venho, isso significa algo completamente diferente – ele me dá um tapinha. – E quem faz ótimos movimentos com o pescoço é você...

– Sei o que significa. Estava apenas sendo irônica – eu acaricio suas costas. – E só faço esses movimentos se eu quiser e quando eu quiser.

– Um homem sempre pode ter esperanças – ele sobe dois degraus por vez, mas não me faz pular em seu ombro nem chega ofegante. Não, ele parece voar pela escada de ônix, como um atleta profissional em plena forma. – Pronto – ele me põe de pé e abre o chuveiro. – Já para dentro.

– Espero que tranque a porta do escritório de agora em diante – digo, imaginando o rosto doce e inocente de Cathy ao se separar com o mural de Ava.

Ele ri.

– Apenas para os nossos olhos, Ava. Escondi a chave extra na sua gaveta de lingerie, entre as pilhas e pilhas de calcinhas de renda. Está bem?

– Está bem – concordo. Já estou bastante atrasada, mas isso não me impede de segurar sua ereção matinal. Não sei como surgiu tão rápido, mas fico feliz por vê-la. Ele tenta recuar, mas dou um sorriso atrevido e acaricio a glândula lenta e casualmente com o polegar, com os olhos fixos em seu mastro latejante.

– Ava... – ele me adverte, sem convicção, e dá um passo para trás, o que só o faz receber uma bombeada. Ele sibila e leva as mãos ao rosto. Eu o tenho nas mãos, literalmente, e ele esfrega a própria face, em uma tentativa gestual de recobrar algum controle. – Se eu não te comer agora meu pau vai doer o dia todo.

– Então, me coma – digo baixinho, lembrando-me das palavras como se fosse ontem. Dou um passo para diminuir o espaço entre nós e suas mãos me tocam, o rosto mostrando que também se lembra.

– Ah, vou mesmo – ele responde, pegando-me no colo e sentando-me no gabinete da pia. – Você não vai escapar.

– Mas eu não quero escapar.

– Que bom – ele se inclina e me beija com carinho. – Gosto do seu vestido.

– Não estou usando nada, então não dá para nos livrarmos dele.

Ele sorri, com os lábios colados aos meus, e eu abro os olhos, deparando-me com piscinas verdes brilhantes de pura felicidade.

– Lembranças agradáveis? – ele pergunta.

– Muito. Pode me jogar na parede agora? – não posso ir para o trabalho com essa vibração incessante entre as pernas. Ele precisa aliviar a pressão que cresce em meu sexo. Sempre o achei irresistível, mas essa necessidade de tê-lo constantemente está tomando conta da minha vida. Estou atrasada para o trabalho e não me importo nem um pouco, e sei que ele também não se importa.

Sinto sua ereção outra vez, mas sou interrompida no meio da minha tática de sedução.

Na noite da inauguração do Lusso, alguém mexeu na porta e atraiu nossa atenção. Desta vez é Cathy, gritando desesperada.

Endireito as costas e sou arrancada de minhas fantasias.

Jesse desaparece da minha frente e eu fico sentada no banheiro, ainda no gabinete, querendo saber que diabos está acontecendo. Pulo de lá e corro para o *closet*, pegando a primeira camisa que encontro, antes de ir à cômoda pegar uma calcinha, enquanto enfio os braços nas mangas. Abotoo a camisa no caminho, apressada demais para me deter. Estou na metade da escada quando a porta da frente entra em meu campo de visão. Jesse, apenas de cueca *boxer* branca, afasta Cathy da porta, onde ela se esforça para impedir de entrar quem quer que esteja do outro lado.

– Achei que fosse o Clive – ela resfolega, claramente exausta.

– Cathy, eu resolvo isso – ele a coloca de lado e afaga seu braço, enquanto ela ajeita os cabelos e o avental.

– Quem ela pensa que é? – ela dispara, insultada.

Nunca vi Cathy fora de si desse jeito.

– Cathy – Jesse a acalma, gentil –, por favor, entre e faça o café da manhã de Ava – ele sussurra, enquanto mantém a porta fechada, como se não quisesse que eu o ouvisse, mas as batidas persistentes do lado de fora, ou quem quer que lá esteja, o estão tirando do sério.

Vejo Cathy sair de perto dele, sibilando e xingando baixinho, e então meus olhos se fixam em Jesse, quando chego ao pé da escada. Ele já me viu e seu olhar cauteloso me deixa alarmada.

– O que está acontecendo? – pergunto.

– Nada, Ava – ele tenta sorrir, mas falha miseravelmente. Ele está muito nervoso. Algo está seriamente errado. – Cathy está fazendo seu café da manhã. Vá.

– Não estou com fome – respondo, impassível, olhando para ele.

– Ava, você não comeu ontem à noite. Vá e coma alguma coisa – seu tom está se tornando mais impaciente a cada segundo, e as batidas à portas não param.

Não acredito que ele está todo preocupado e acha mesmo que sua ordem para que eu coma vai me dissuadir de conhecer o mistério por trás dessa porta.

– Já disse que não estou com fome – reforço, com firmeza, lançando fogo pelos olhos. Estou furiosa.

A porta balança e Jesse deixa escapar um grunhido frustrado, apertando a mandíbula e olhando para cima, buscando ajuda dos céus. Gostaria de pensar que o motivo de sua raiva se concentra no idiota que esmurra a porta insistentemente, mas sei que o problema agora sou eu.

– Ava, por que você não faz o que eu mando? – ele abaixa a cabeça e sei que fala muito sério. – Vá-tomar-o-seu-café – ele praticamente soletra, mas eu também estou falando muito sério.

– Não – marcho com determinação, nem um pouco preocupada com minha seminudez, e seguro a maçaneta. – Solte a porta – eu a puxo, o que não significa que realizo meu intento. – Jesse, abra a porra da porta!

– Olha essa b...

– Vá se foder! – vocifero, puxando a porta como uma mulher grávida enlouquecida, dominada pelos hormônios.

– Ava! – ele segura a porta enquanto eu luto inutilmente para abri-la. Jamais conseguirei vencê-lo, mas não cedo nem por um momento. De jeito nenhum.

Ambos congelamos no lugar quando uma voz do outro lado da porta interrompe nossa batalha. Se eu estava bastante nervosa antes, agora fui catapultada para os domínios da psicopatia. Ele não precisa mais abrir a porta porque, nesse momento, vou começar a destruir esse apartamento como o próprio diabo-da-tasmânia.

Olho para ele com os dentes cerrados. Ele murcha visivelmente.

– Que diabos ela está fazendo aqui? – aproveito-me desse lapso de concentração dele para abrir a porta, ficando face a face com Coral. – Que diabos você está fazendo aqui? – sibilo, olhando para a mulher com absoluto desprezo. Ela está de cabelos pretos, presos em um rabinho de cavalo ridículo. Um pensamento idiota, que será apenas o primeiro de muitos, tenho certeza, e que podem não ficar somente no campo dos pensamentos.

Ela me ignora totalmente e olha direto para o meu deus de peito nu. Por que ele não vestiu uma calça e uma camiseta?

– Preciso falar com você – ela parece determinada. – A sós – acrescenta, lançando-me um olhar impertinente. Sua firmeza não vai ajudar em nada, pois terá de me matar e arrancar as minhas mãos sem vida do corpo dele, antes que eu o deixe a sós.

– Você tem mais chance de conseguir tomar chá com a rainha – digo, com escárnio. Minha fúria cresce a cada segundo e não consigo controlá-la. – O que você quer? – sinto a mão de Jesse pousar suave na minha lombar, num pedido silencioso para eu me acalmar. Jamais vai funcionar. Quanto mais eu olho para essa vagabunda descarada, mais enfurecida fico, se é que isso é possível. Sinto-me como uma panela de pressão prestes a explodir. – Eu te fiz uma pergunta.

– Ava – a voz calma de Jesse só me irrita mais ainda. – Acalme-se, baby – suas mãos deslizam para a frente, parando sobre a minha barriga. Está preocupado com a minha pressão, o tolo. Minha pressão arterial deveria ser a menor de suas preocupações. Ele deveria estar mais preocupado com derramamento de sangue.

– Estou calma – é evidente que não estou. – E não vou perguntar de novo – tiro a mão de Jesse de mim, mas ele não permite e me puxa de volta, deixando-me ligeiramente atrás de si, erguendo um braço para o lado, em uma advertência muda. Não vai funcionar também, mas ele começa a falar antes de eu tentar tirar o seu braço da minha frente.

– Coral, eu já te disse, nunca vai haver nada entre nós – sua voz está cheia de raiva, mas, depois de minha performance, não sei se é para o meu benefício ou para o de Coral. – Você precisa desaparecer e encontrar outra pessoa para conversar.

Eu o aplaudo mentalmente, e tenho certeza de que farei mais que isso quando ela se tocar e for embora. Devo estar ridícula vestindo a camisa de Jesse, com os cabelos despenteados, maquiagem de ontem e sendo contida por meu marido, virtualmente nu.

Os olhos de Coral vão de Jesse para mim algumas vezes, antes de ela fixá-los no meu deus, vencida. Não gosto desse olhar. É ousado, assim como sei que suas próximas palavras serão. Ela não vai a parte alguma antes de dizer o que veio dizer. Estou estupidamente curiosa sobre o que possa ser.

– Faça como quiser – ela encolhe os ombros, indiferente, e mostra um papel para Jesse.

– Que merda é essa? – ele esbraveja, intolerante.

– Veja você mesmo – ela agita o papel, encorajando Jesse a pegá-lo. Não consigo evitar: meu pescoço se estica para tentar ver por mim mesma, mas ele me impede com o braço outra vez.

Ele arranca o papel da mão dela. Eu o observo baixar os olhos para olhar, e depois olho para Coral, que tem o sorriso mais ladino que já tive o desprazer de presenciar. Qual é o jogo dela? Olho para as costas de Jesse, tensas como uma tábua, os músculos saltados.

Quero saber que raios de papel ele está segurando, e quero saber o que causa aquele esgar que me faz querer esbofeteá-la, mas ao mesmo tempo não quero.

– O que é isso? – a pergunta que não quer calar escapa pelos meus lábios, mas ele não responde.

Coral sim.

– Isso é a ultrassonografia do bebê dele.

Dou um passo para trás, e sei que ele se vira para me apoiar, mas tudo é uma névoa.

– Puta merda – sua voz preocupada para mim é um ruído, e isso deve ser o sangue fugindo da minha cabeça. Estou tonta. – Porra, Ava – minhas pernas falham, mas não chego a cair. Ele me ergue nos braços e, em um segundo, estou no sofá, com a cabeça entre as pernas. – Respire, Ava. Respire – ele me segura de cabeça baixa, acariciando minha cabeça e fazendo círculos reconfortantes. – Que brincadeira é essa? – ele grita para ela. – Mulher estúpida! Não durmo com você há meses!

– Quatro meses, e estou grávida de quatro meses – ela responde rápido, orgulhosa. – Faça as contas.

Sei que verei uma expressão astuta naquele rosto odioso, mas não posso olhar para ela, senão posso voar em seu pescoço. Preciso estabilizar minha respiração, porque ainda estou hiperventilando e minha visão ameaça escurecer. Vou cair de boca se tentar ficar de pé.

– Você não pode estar grávida – Jesse dispara, ansioso, soando inseguro demais. – Cacete!

É isso. Esse bebê vai nascer antes dos meus, e conhecendo o desespero de Jesse por um filho, ele vai agarrar o primeiro que conseguir. Vai me abandonar. Vou ficar com dois bebês escandalosos e ninguém para me ajudar. Meus bebês ficarão sem pai. Quem vai massagear meus pés quando eles incharem? Quem vai amar me ver vestida de renda quando eu estiver coberta de estrias? Quem vai me obrigar a comer quando eu não estiver com fome, me dar ácido fólico, lamber manteiga de amendoim dos meus seios e pintar minhas unhas dos pés quando eu não conseguir mais alcançá-las?

Começo a entrar em pânico, mas meus olhos recaem sobre o papel que Jesse soltou no chão, preferindo cuidar de mim. Ele não olhou para aquela imagem do mesmo jeito que olhou

para a foto dos nossos bebês. Não caiu de joelhos nem se agarrou a Coral. O que há de errado comigo? Sinto-me uma pilha de emoções exageradas. Estou atordoada. Curvo-me e pego a fotografia em preto e branco. Ambos me observam, mas levo todo o tempo de que preciso, atendo-me, antes de tudo, ao nome de Coral. O exame é dela, sem dúvida, mas o que não se vê no documento é a data nem o tempo de gestação. Passo a examinar a imagem com mais atenção.

– Ava, o que está fazendo? – Jesse pergunta, tentando me fazer olhar para ele, mas eu o ignoro e aponto para a imagem.

– Estou só tentando descobrir se você está grávida de quatro ou cinco semanas – pondero, mantendo os olhos na fotografia. – Acho que apenas quatro.

– Estou grávida de quatro meses. Não semanas.

– Não está não – olho para Jesse, que prende a respiração. – Quando foi a última vez que estive com ela?

– Quatro ou cinco meses – ele balança a cabeça, sua linha de expressão a postos na testa. – Ava, não consigo precisar algo tão antigo. Eu não existia antes de você – suas mãos pousam nas minhas coxas e as apertam de leve. – Eu sempre usei camisinha, você sabe disso.

– Eu sei – concordo, mas há outra possibilidade, que eu preferiria morrer a ter de perguntar, especialmente diante dela. Fecho os olhos. – Ela foi uma das... – engulo em seco. – Você e ela...

Ele interrompe minha luta interna.

– Não – ele diz suavemente e segura a minha nuca. – Olhe para mim – ele ordena, com a mesma suavidade, e eu obedeço. Fixo os olhos nos dele e ele balança a cabeça, quase imperceptivelmente. – Não – repete.

Solto a respiração e dou-lhe um sorriso discreto, sinalizando a minha confiança. Não há necessidade de confissão, porque ele não tem o que confessar. Nossa troca de olhares cúmplices quase me faz esquecer que Coral está presente.

– Você vai permanecer com Jesse, sabendo que ele vai ter um filho com outra mulher? – ela pergunta, rindo. – Onde fica seu amor próprio?

– Vou pegar emprestado o seu rolo compressor – digo para ele, em voz baixa, pedindo permissão desta vez.

Ele sorri e me beija, assentindo.

– Divirta-se, querida. Mas, por favor, que o rolo compressor seja apenas verbal – ele aponta para a minha barriga e depois lança um olhar de desprezo para a piranha atrevida, sem dizer mais nada. Ele vai deixar essa para mim.

– Do que está falando? – seu ar de segurança começa a se desintegrar. Ela não tem ideia de como agir.

Levanto-me e vou até Jesse.

– Pegue a sua foto.

O que digo o faz desviar os olhos de Coral para mim. Ele me olha desentendido.

– Que foto?

Eu reviro os olhos.

– A que você carrega consigo para todo lado. Eu não sou boba. Onde está?

– No bolso do meu paletó – ele admite, acanhado.

– Vá buscar.

– Não, não vou deixar você sozinha com ela – ele sequer se digna a olhar para Coral desta vez.

– Ela? – Coral dispara, incrédula. – É assim que você fala com a mãe do seu filho?

Ele se vira com violência.

– Você não é mãe de nenhum filho meu, sua louca iludida! – a raiva dele está aumentando outra vez; tenho de resolver isso de uma vez por todas.

Deixo-os e vou até o escritório de Jesse, encontrando o paletó que ele deixou lá na noite anterior. Mexo nos bolsos e, antes de localizar a foto no bolso interno, já um pouco gasta de tanto ser transferida de um bolso para outro, encontro um maço de notas cuidadosamente dobradas e seu celular. Deixo o quarto, munida da prova B, e descubro que a distância entre Coral e Jesse diminuiu: ele está no mesmo lugar, mas ela se aproximou dele.

– Nós tivemos algo especial, Jesse – ela tenta tocá-lo, mas ele puxa o braço.

– Especial? – ele ri. – Fizemos sexo algumas vezes: eu te comia e te chutava porta afora. Como isso pode ser especial?

– Você voltava querendo mais, e isso deve significar alguma coisa – a voz dela denota esperança; está mesmo iludida. – Você me fez precisar de você.

Essas palavras me fazem arrepiar. Quero interromper, mas preciso saber o que ele vai responder.

– Não, você levou a si mesma a precisar de mim. Eu mal conversava com você durante o sexo. Você foi um objeto conveniente para ter por perto – ele dá um passo à frente e se inclina para ela, fazendo-a recuar. O tom de Jesse é carregado de veneno, como deve ser seu intuito. Ele mesmo a está espezinhando muito bem. – Você é como todas as outras, só que mais desesperada. Basta ganhar um bom trato para ficar achando que sua vida depende disso.

Quase dou risada. Minha vida realmente depende disso, ainda mais agora que sou uma massa de hormônios.

Jesse a olha de cima a baixo, e tenho um vislumbre do que foi o homem convencido, que tratou as mulheres como objeto por tanto tempo: o homem que bebia, comia todas e as jogava fora.

– O que faz você pensar que eu deixaria a minha esposa por você?

– Porque estou esperando um filho seu – sua arrogância desapareceu por completo. Ela sabe que perdeu a guerra.

– Você está mentindo – ele retruca, mas há certamente um pouco de incerteza na voz dele.

– Ela *está* mentindo – eu me interponho, incomodada por ver Jesse tão próximo dela, ainda que rosnando, e mais incomodada ainda por vê-lo tão consternado com algo com o qual não precisa se preocupar.

– Não estou. Você tem a prova aí – ela aponta para o exame em minha mão.

– Tenho mesmo – viro-me e mostro a imagem para ela. – *Esta* é a imagem de uma gravidez de seis semanas.

Ela fecha a cara.

– Não, é a foto de uma gravidez de quatro meses.

– Este não é o seu bebê, Coral.

– De quem é, então? – ela pergunta, lentamente, começando a entender minha mensagem.

– Este é o meu bebê – olho para o pedaço de papel com carinho. – Meu e de Jesse.

– O quê?

– Bem, eu disse bebê, mas, na verdade, quis dizer *bebês*. Veja só, nós estamos esperando gêmeos, e sei que você está tentando dar um golpe porque esta aqui é, realmente, a imagem de uma gestação de seis semanas. E há dois amendoins aqui. São menores que a sua manchinha, eu sei, mas dá para ter uma ideia. Eu não sei, talvez seja instinto maternal – dou de ombros. – Acabou?

Ela está de boca aberta, e, embora eu esteja dançando por dentro, estou mais do que orgulhosa de mim mesma por manter a compostura. Jesse tem razão, não posso rolar com ela pelo chão, por mais que tivesse adorado arrancar seus cabelos.

– A não ser que, por milagre, você consiga produzir essa linha aqui, que confirma as datas, acho que estamos conversados – olho para ela com expectativa, mas ela não diz nada. Jogo a foto dela no chão, entre nós. – Agora suma e vá atrás do verdadeiro pai da sua cria – eu não tiro os olhos dela e não o farei até que a porta esteja fechada, com ela do outro lado. – Você vai sair ou vou ter de te arrastar para fora? – pergunto, chegando mais perto.

Ela se abaixa e pega o exame, e vai para a porta e olhando primeiro para Jesse e depois para sua ensandecida e grávida esposa. Assim que ela passa pelo batente, bato a porta nas costas dela, antes de voltar-me para o meu marido, o ex-comedor. Ele morde o lábio nervosamente, e talvez eu não devesse, mas estou brava com ele também. Passo por ele e subo a escada, descobrindo, quando chego à suíte, que deixamos o chuveiro aberto. Tiro a camisa, escovo os dentes e entro no banho sem pressa. Faz menos de meia hora que me levantei e sinto como se já fosse o fim do dia.

Estou de olhos fechados, enxaguando os cabelos, mas posso senti-lo atrás de mim. Ele não me toca, mas sei que ele está ali. E está todo preocupado. Posso sentir a vibração de ansiedade em minhas costas molhadas. Sua incerteza diante da acusação de Coral apenas reforça minha apreensão. Será que terei que adicionar mães em potencial à nossa lista de problemas? Voltamos do Paraíso há dois dias e eu estou mentalmente exausta. Uma vida de paz e sossego. É só o que quero e preciso, e toda vez que acho que estamos próximos disso, algo aparece e estraga tudo.

Sinto nas costas a sensação familiar da esponja natural, assim como a mão dele na minha barriga. Ele está cauteloso, e deve estar mesmo. A única coisa que me tira do sério é seu histórico sórdido com as mulheres.

– Jesse, não estou com vontade – afasto-me dele e termino de enxaguar os cabelos. Ele não sabe o que fazer. Então, seguindo um padrão de comportamento para situações como essa, ele tenta me ganhar com seu toque. Espero ouvir um ruído de incredulidade ou uma bronca por recusá-lo, mas não. Sinto, no entanto, sua mão pousar de novo sobre o meu ventre. – Eu disse que não estou com vontade – vocifero, desvencilhando-me dele e pegando uma toalha para me secar.

– Você prometeu que jamais diria isso – ele murmura, solene.

Enrolo-me na toalha, olho para a frente e o vejo debaixo do jato d'água, com os braços caídos ao lado do corpo.

– Estou atrasada – deixo-o para trás, a perturbação escrita em seu rosto. Preciso me arrumar para ir trabalhar.

Estou saindo do banheiro quando ele ressurge, triste, com os olhos baixos.

– Ava, meu coração está em pedaços. Detesto brigar com você.. – ele não tenta diminuir a

distância entre nós.

– Não estamos brigando – minimizo a gravidade da situação. – Você precisa trocar o código do elevador e descobrir como foi que ela subiu aqui. – Faço menção de sair, mas antes que eu chegue ao patamar da escada, sua mão quente agarra meu punho, impedindo-me de ir muito longe.

– Vou fazer isso, mas precisamos fazer as pazes.

– Já estou vestida. Não vamos fazer as pazes agora.

– Não totalmente, mas não me faça passar o dia todo pensando que você não está falando comigo – ele fica de joelhos diante de mim e me olha de baixo. – Os dias já são longos o bastante sem isso.

– Estou falando com você – murmuro.

– Então, por que está emburrada?

Dou um suspiro.

– Porque uma mulher acaba de invadir a nossa casa e tentar te reivindicar, Jesse. É por isso que estou emburrada.

– Venha cá – ele me puxa para o chão e me abraça. – Eu amo quando você passa por cima delas.

– É cansativo – murmuro no peito dele. – Eu preciso mesmo ir.

– Está bem – ele beija meus cabelos e se afasta, ficando com o meu rosto entre as mãos. – Diga-me que estamos de bem.

– Estamos de bem.

Ele destrói meu mau humor com seu sorriso. O meu sorriso.

– Boa menina. Mais tarde faremos as pazes como se deve. Vá tomar seu café da manhã. Estarei lá em dois minutos.

– Preciso ir – repito, olhando para o meu Rolex –, já são oito e meia.

– Dois minutos – ele repete, pondo-me em pé. – Espere por mim.

– Corra, então! – eu o empurro e ele sai correndo de marcha a ré, sorrindo. Está feliz e espirituoso outra vez.

Encontro Cathy na cozinha, embrulhando um bagel e ainda resmungando. Quando nota a minha presença, ela interrompe o que estava fazendo.

– Ava – ela vem até mim, limpando as mãos no avental –, eu tentei deter aquela mulherzinha vingativa.

Algo me diz que Cathy já encontrou Coral antes.

– Não se preocupe, Cathy – dou um sorriso e passo a mão em seu braço, com carinho. – Você já a conhecia, então? – pressiono, suave.

– Ah, conhecia, sim, e não gosto dela – ela começa a falar baixinho, voltando à pia da cozinha para terminar de embalar meu café da manhã. – Ela vem aparecendo aqui há meses, infernizando o meu menino e se declarando pobre. Eu disse a ela: “Olhe aqui, sua vagabunda, deixe meu menino em paz e tente consertar o seu casamento” – abro um sorriso e observo os movimentos agressivos que ela faz com as mãos, como se o culpado fosse o meu bagel. – Não sei quantas vezes o meu menino a mandou embora. O inferno não tem a fúria de uma mulher desprezada – ela olha para mim. – Já tomou seu ácido fólico?

– Não – vou até a geladeira e pego uma garrafa d’água, antes de aceitar as pílulas que Cathy

me oferece, seguidas de um biscoito de gengibre. – Obrigada.

– De nada, querida – seu rosto enrugado se ilumina em um sorriso. – Você certamente a colocou no lugar dela – ela ri e pega meu bagel, enfiando-o na minha bolsa. – Coma isso. Estou falando sério.

– Você parece o Jesse falando – engulo as pílulas.

– Ele quer o seu bem, Ava. Não o condene por isso – ela me aconselha, olhando por cima do meu ombro. – Ai está ele, vestido!

– Sim estou vestido – ele ri, ajeitando a gravata –, assim como minha bela esposa.

Reviro os olhos, mas não me sinto mais constrangida. Ela já viu tudo isso antes, e a visita de Coral apagou minha vergonha.

– Posso ir trabalhar agora?

Ele baixa a gola da camisa e passa a mão pela barba de três dias. Dois minutos não lhe davam tempo para se barbear.

– Tomou o ácido fólico?

– Sim.

– Tomou seu café?

Respondo dando um tapinha na bolsa.

– É bom você comer mesmo – ele adverte, pegando a minha mão. – Despeça-se de Cathy.

– Tchau, Cathy!

– Tchau, querida. Tchau, meu menino!

Fico um pouco apreensiva quando saímos da cobertura, e mais ainda quando saímos do elevador para o *hall* do Lusso, mas nem sinal dela. Encolho-me quando vejo Clive no balcão do *concierge*, sabendo que ele vai ouvir poucas e boas.

– Bom dia, Ava. Sr. Ward – a alegria do homem vai acabar quando Jesse soltar os cachorros.

– Clive – Jesse começa –, como, diabos, uma mulher passou por você e subiu para a cobertura?

A confusão é clara no rosto de Clive.

– Sr. Ward, meu turno acaba de começar.

– Agora?

– Sim, eu liberei o novato... – ele olha o relógio – faz dez minutos.

Encolho-me mais um pouco. É Casey quem vai sofrer as consequências. Isso só aumenta minha compaixão pelo novo *concierge*. Em uma olhada rápida para o meu marido, percebo sua irritação. Casey faria bem se nunca mais voltasse.

– Quando é o próximo turno dele? – Jesse pergunta, ríspido.

– Eu saio às quatro – Clive confirma. – Ele fez algo errado, Sr. Ward? Eu o instruí sobre o protocolo.

Ele me conduz para o lado de fora, ao sol.

– E no que foi que isso ajudou... – ele resmunga. – John vai levar você para o trabalho – ele diz, assim que saímos.

– Quando terei meu Mini de volta? – pergunto, avistando o grandão do outro lado do estacionamento, encostado na porta no motorista.

– Nunca mais. Foi perda total.

– Oh – lamento, baixinho. Eu amo meu Mini. – Bem, quando é que eu vou poder dirigir para o trabalho eu mesma, então?

Jesse abre a porta do passageiro da Range Rover de John e me coloca lá dentro.

– Quando eu encontrar o DBS roubado.

– Por que você mesmo não me leva para o trabalho?

Jesse afivela meu cinto de segurança, antes de beijar minha testa.

– Tenho uma série de reuniões no Solar.

– Então, por que me fez esperar por você? – pergunto, olhando feio para ele.

– Para colocar você dentro do carro de John e te lembrar de conversar com Patrick

– Você é impossível – dou um grunhido audível.

– E você é linda. Tenha um bom dia – ele me beija mais uma vez e fecha a porta, fazendo um sinal com a cabeça para John antes de ir para o DBS alugado. Desconfio desse aceno, e quando John entra no carro, certifico-me de apontar minhas suspeitas para ele.

– Qual é o problema, garota?

– Ele.

– Então, nada mudou – ele dá aquela risada grave e potente.

– Não, nada mudou – resmungo.

Capítulo 31



Estou uma hora atrasada para o trabalho, mas de hoje não passa. Patrick está parado ao lado da minha mesa quando, finalmente, entro no escritório.

– Flor? – há dúvida em seu rosto redondo, e isso é a última coisa de que preciso hoje. Estou atrasada, e agora vou levá-lo a um ataque cardíaco com meu anúncio. Ele olha para o relógio do escritório – Que horas são essas?

É uma das pouquíssimas vezes que vejo um olhar insatisfeito em meu chefe. Sempre fui tão dedicada à minha carreira, mas problemas pessoais têm interferido e meu trabalho tem ficado de lado. Estou abusando da sorte, como tenho feito desde que Jesse invadiu a minha vida.

– Desculpe, Patrick – não posso mentir e dizer que estava em um cliente, então apenas peço desculpas.

– Ava, sei que sua vida está mudando rapidamente nos últimos tempos... Parabéns, a propósito, mas preciso de dedicação – ele tira o pente do bolso interno e passa nos cabelos grisalhos.

Estou um pouco chocada. “Parabéns, a propósito”? Isso não soou nada sincero.

– Desculpe – repito, porque não sei mais o que dizer. “A propósito”? Estou um pouco ofendida, mas meu estado não permite inspiração para verbalizar meu sentimento, além do que, Patrick não me dá a chance de fazê-lo. Ele volta para o seu escritório, fechando a porta atrás de si. Olho confusa para os meus três colegas, que estão sentados, de cabeça baixa. Será que ele também estourou com algum deles? Solto-me na cadeira e, dada a irritação de meu chefe, decido, sabiamente ou não, ligar para Kate. Uma voz amistosa. É isso que eu preciso ouvir agora.

Ele atende o telefone com um grunhido.

– Ainda está na cama? – pergunto, ligando o computador.

– Sim – somente uma palavra é sua resposta do outro lado da linha.

Dou um sorriso.

– Um tal rapaz bonito, de cabelos despenteados e covinhas está aí com você? – rezo por um sim e ouço ruídos indistintos e um risinho, o que me faz sorrir mais. Posso ter ligado para ouvir uma voz amiga, mas isso também resolve o meu problema.

– Está sim – ela responde com um gritinho, sem se incomodar em evitar minha pergunta ou desconversar. – Sam!

– Está bem, vou desligar – tenho coisas para contar, mas fico feliz em esperar.

– Não, Ava!

– O que foi?

– Espere! – ela pede. Ouço mais ruídos, definitivamente alguns tapas e depois uma porta se fecha. – Só queria saber como foram as coisas com Dan – ela está sussurrando, por motivos óbvios.

A menção a Dan arranca o sorriso do meu rosto na hora. Kate não precisa saber dos detalhes sórdidos, e estou tão envergonhada do meu irmão quanto ele de si mesmo.

– Tudo bem – respondo. – Foi tudo bem; ele já voltou para a Austrália e Jesse o convenceu a ficar quieto.

– Sinto-me responsável.

– Kate, ele já tinha descoberto antes de você fazer a entrada triunfal do ano – agora podemos brincar com a história. – Vocês conversaram? – pergunto com cuidado, tamborilando com a caneta na mesa e perguntando-me se ainda adianta bater nessa tecla.

– Sim, conversamos. Ele sabia sobre Dan – ela faz uma pausa e sei que aguarda uma reação de surpresa de minha parte, mas já se passou tempo demais e não há razão para eu fingir agora. De qualquer forma, eu tento.

– Verdade? – eu praticamente grito, atraindo três pares de olhos arregalados, um de cada canto do escritório.

– Tanto faz, Ava – ela murmura. – Eu me senti tão idiota. Ele não é tão avoado quanto eu pensava.

– Eu sei – concordo. – Então, está tudo bem?

– Sim. Perfeito, na verdade.

Estou sorrindo de novo.

– Nada mais de Solar?

– Nada mais de Solar – ela confirma. – Como você está? Vomitando? Com as pernas doloridas? Alguma estria?

– Ainda não – olho para baixo e só então me dou conta de que estou com a mão na barriga –, mas posso não ser a única a ter esses sintomas – digo, aguçando sua curiosidade. Jamais conseguiria manter segredo sobre isso.

– Ooohh, quem mais está grávida? – ela pergunta, obviamente intrigada. – É a Sally sem sal?

– Não! – olho para Sal e instantaneamente percebo que ela voltou a ser a Sally sem sal. Fico triste por ela. Como não notei isso antes? Seus cabelos estão sem vida e sem graça, ela está sem um pinga de maquiagem e voltou a usar gola alta. Não posso confirmar a saia longa xadrez, porque as pernas dela estão sob a mesa, mas tenho certeza de que está lá.

– Quem, então? – a voz impaciente de Kate alivia meus olhos de Sally, apagada e suicida, e me traz de volta à urgência de minha amiga pela notícia.

– Coral.

– Não brinca!

– Não, parece que a Coral está grávida. E isso não é tudo – faço suspense sem necessidade, já que a atenção de Kate é toda minha e ela ainda não ouviu nada. – Ela disse que o filho é de Jesse.

– O QUÊ?!

Afasto o telefone do ouvido, certa de que todo o escritório, talvez toda Londres, a tenha ouvido.

– Mas não é.

– Espere aí – vejo-a claramente fazendo gestos com as mãos e depois ouço uma cadeira sendo arrastada pelo chão da cozinha. Ela está se sentando. – Coral está grávida?

– Sim.

– E ela afirma que o bebê é de Jesse?

– Sim – abro minha caixa de entrada de e-mails enquanto respondo, despreocupada e nem um pouco afetada pelo choque na voz de Kate. Já superei a história toda.

– Mas não é.

– Não.

– Como você sabe? – ela pergunta com prudência, mas é uma pergunta cabível e eu já esperava que a fizesse.

– Porque ela tentou fazer um amendoim se passar por uma noz.

– Do que você está falando?

Dou um suspiro e continuo olhando meus e-mails calmamente.

– Ela veio dizendo que está grávida de quatro meses, mas trouxe como prova um exame de ultrassom que, claramente, não corresponde a esse tempo. E, pior: no exame, todas as provas foram cortadas... data, tudo...

– Que vaca ardilosa! Ela está assim tão desesperada?

– Demais. Ela está grávida de quatro semanas, no máximo. A última vez que Jesse dormiu com aquela vagabunda foi quatro meses atrás. Juro por Deus, Kate, eu quase...

– Espere aí...

– O que foi?

– Puta merda! SAM! – ela berra e dou um pulo na cadeira. – SAM!

– Dá para parar de gritar no meu ouvido? – esbravejo, ouvindo passos pesados na linha e depois o som de uma porta se abrindo com força. Em seguida a voz sonolenta de Sam e o som agudo dos gritos de Kate, bem acordada. Não consigo ouvir nenhum dos dois. Sam está quieto demais e Kate grita loucamente, o que deixa os sons distorcidos. – Kate?

– Ava, puta merda!

Estou perdendo a paciência.

– Pare de gritar e fale comigo.

– Está bem – ela está ofegando. – Drew dormiu com a Coral.

Sento-me na ponta da cadeira.

– Quando?

– Há umas quatro ou cinco semanas – ela diz, como se nada fosse, o que está a anos-luz dos gritos histéricos de agora há pouco.

– Como você sabe?

– Sam me contou. Drew estava muito bêbado e Coral o agarrou. E o coitado só ficou sabendo o que rolou porque o Sam foi à casa dele e pegou a vaca saindo de fininho.

– Meu Deus! – não estou dando a menor atenção aos meus e-mails, mas batendo furiosa com a caneta na beirada da mesa. – Como ela achou que ia conseguir enganá-lo? O bebê teria três meses a menos!

– Gente desesperada toma atitudes desesperadas, minha amiga – ela diz mais calma. – Sam está falando com ele agora pelo telefone. Você está bem? Deve ter sido um choque, mesmo que

ela estivesse mentindo.

– É, já estou acostumada a me chocar com Jesse – desconverso, com a apatia que o episódio merece. Drew, no entanto, não vai ter a mesma reação.

– Que bom. Você sabe que terá de tomar cuidado agora, não sabe? – ela faz a pergunta de maneira doce, mas há a ponta de uma ameaça ali, também.

– Sei sim. Vou tomar cuidado. Preciso trabalhar. Patrick já me deu uma bronca, e Tom, Sal e Victoria parecem ter tomado uns tapas. Vamos almoçar juntas amanhã?

– Perfeito. Ligue para mim – ela desliga e eu dou uma olhada em volta. O escritório só fica assim tão quieto quando estou sozinha. Olho por cima do ombro, para o escritório de Patrick, e vejo que a porta ainda está fechada. Ainda que eu esteja morta de vontade de ligar para Jesse e contar as novidades, seria abusar demais da sorte; além disso, sei que Sam vai ligar para ele. É melhor eu me preparar para a reunião com Ruth Quinn.

Onze e meia. Ninguém ainda abriu a boca, Patrick não saiu de seu escritório e eu, nervosa, bato à porta dele. Eu não a abro simplesmente, como costumo fazer, mas espero pela permissão. E quando ela vem, enfio a cabeça para dentro e dou um sorriso carinhoso.

– Tenho uma reunião ao meio-dia com a srta. Quinn.

– Ótimo. Você precisa estar de volta às duas. Teremos uma reunião – ele está seco e não olha para mim, optando por manter o olhar fixo à tela do seu computador.

– Está bem – fecho a porta e deixo o escritório, intrigada. Uma reunião? Uma reunião para discutir minha falta de comprometimento nos últimos tempos, sem dúvida. É bizarro, mas não estou muito preocupada.

Estou na porta, saindo para a reunião com Ruth Quinn quando um motoboy me cumprimenta.

– Entrega para Ava O'Shea – a voz dele está abafada pelo capacete, que ele não tira.

– Sou eu – digo, apreensiva, o som do meu nome de solteira cobrindo de arrepios a minha espinha.

– Assine aqui, por favor – ele me dá uma prancheta, eu assino, e ele me entrega um envelope. Não quero aceitar essa entrega, mas quando vejo John parar o carro diante de mim, faço o máximo para parecer natural, quando deveria parecer frustrada com a chegada do grandão. O rapaz sobe na moto e some pela rua, sem mais uma palavra. E é só quando John se inclina e abre a porta do passageiro que me dou conta de que estou paralisada, com o envelope na mão.

– O que tem aí, garota? – ele pergunta, enrugando a testa normalmente lisa e brilhante sobre os óculos escuros.

– Nada – enfio o envelope na bolsa e entro no carro, afivelando o cinto imediatamente. – O que está fazendo aqui?

Ele entra no trânsito e começa com sua batucada terapêutica no volante, e eu me pergunto como é que o couro não está marcado pelas batidas constantes.

– Você tem uma reunião, garota.

Meus olhos inquisitivos penetram no lado de sua cabeça. Não há como ele saber disso, porque minha agenda de trabalho fica guardada em um local com chave, assim como a minha

boca.

– Como você sabe? – pela primeira vez desde que conheci esse homem alto e ameaçador, ele parece estar constrangido e se recusa a olhar para mim. – Ele te pediu para me seguir, não é? – eu o acuso. Não acredito.

Ele aumenta o ritmo das batidas no volante. Dou-lhe tempo para pensar numa resposta, mas, pela sua expressão, ele sabe que eu o peguei no pulo.

– Garota, alguém quis que você sofresse um acidente de carro. Não pode culpá-lo por estar nervoso. Para onde eu estou indo?

– Lansdowne Crescent – respondo. – E qual é a sua desculpa para todas as outras vezes em que ele me perseguiu?

– Não tenho nenhuma desculpa – ele responde, cômico. – Naquelas vezes, ele estava sendo só um louco sem-vergonha.

Começo a rir e John me acompanha, com seu jeito de gargalhar e retraindo o pescoço, do jeito que gosto.

– Você não fica entediado? – pergunto, pensando que ele deve me achar uma chata. Isso não deve fazer parte da descrição de suas funções.

– Não – ele para de rir e olha para mim, sorrindo com afeto. – Aquele louco sem-vergonha não é o único que se importa com você, garota.

Tenho de apertar os lábios para evitar que minhas emoções de grávida tomem conta de mim e eu comece a chorar. Sei que John não gostaria disso.

– Também não te detesto – finjo desprezar sua demonstração de carinho, porque sei que disso ele vai gostar, e sua risada discreta confirma minha intuição.

– Eu tenho lido – ele me informa, esticando-se para abrir o porta-luvas, de onde tira um livro e me entrega, antes de voltar a bater no volante.

Eu leio o título mais de uma vez para ter certeza de que li certo.

– Bonsai?

– Isso mesmo.

Passo a folhear o livro, admirando as pequenas árvores e imaginando John encurvado sobre elas, aparando delicadamente os ramos frágeis.

– É um *hobby*?

– Sim, muito relaxante.

– Onde você mora, John? – não sei de onde vem essa pergunta. John e bonsai jamais seriam duas coisas que eu juntaria naturalmente, mas em face dessa informação nova e estranha, fico curiosa em saber.

– No Chelsea, garota.

– Sozinho?

– Sozinho – ele ri. – Eu e minhas árvores.

Estou pasma. Nunca pensaria nisso. Um homem que, à primeira vista, parece um membro da Máfia, um negro enorme, com cara de mau, que patrulha o Solar e põe homens e mulheres saíndos demais no seu devido lugar, mora sozinho, com árvores em miniatura? Fascinante!

– Vai esperar por mim aqui fora? – pergunto, brincalhona, assim que John para o carro na

porta da casa de Ruth Quinn.

Ele ri, deixando entrever o dente de ouro, e pega o livro.

– Vou ficar aqui lendo, garota.

– Vou ser o mais rápida possível – salto do carro e sigo para a casa de Ruth.

A porta se abre antes de eu bater.

– Ava! – ela parece feliz demais em me ver.

– Oi, Ruth. Tudo bem?

– Fantástico! Entre – ela olha por cima do meu ombro e parece confusa por um momento, levando-me depressa para dentro.

Não alivio sua curiosidade sobre John, porque explicar levaria tempo demais e não quero me demorar mais que o necessário. Preciso manter essa reunião o mais profissional possível.

Ela me guia pelo corredor até a cozinha.

– Seu fim de semana foi bom? – ela pergunta.

Sim e não. Brilhante e terrível. Parece que foi há anos-luz.

– Sim, obrigada. E o seu? – sento-me à grande mesa de carvalho e pego as minhas pastas.

– Maravilhoso – ela cantarola, sentando-se ao meu lado.

Dou um sorriso polido e abro a pasta.

– Então, o que você gostaria de discutir? Armários?

– Não, não se incomode com os armários. Vamos ficar com a ideia original. Mas a adega, nós optamos pela simples ou pela dupla?

Se foi para isso que ela me trouxe até aqui, vou ficar bastante chateada.

– Dupla – digo bem devagar, visivelmente incomodada. Ela poderia ter me dito as duas coisas por telefone. Meu celular começa a tocar em minha bolsa, mas eu ignoro, embora seja “Angel”. Não tenho planos de ficar por muito tempo e, pelo jeito, não há a menor necessidade de estar aqui; então, posso ligar para ele assim que sair. – Isso é tudo? – pergunto, em dúvida. Meu telefone para de tocar e recomeça em seguida. – Quer atender? – ela pergunta, olhando para a minha bolsa.

– Está tudo bem – balanço a cabeça. Ela não sabe, mas é de incredulidade. – Tem mais alguma coisa que queira falar, Ruth?

– Ahn... – ela olha em volta, um pouco atarantada. – Sim, mudei de ideia a respeito do assoalho de nogueira – ela diz, puxando uma revista do outro lado da mesa. – Gosto muito disso aqui – ela indica uma alternativa em carvalho na capa da publicação.

Começo a verbalizar meus motivos para ela se ater à ideia da nogueira, quando meu telefone me interrompe. Meus ombros caem.

Ruth empurra minha bolsa para mais perto de mim.

– Ava, acho que você deveria atender. Quem quer que seja, está mesmo precisando falar com você.

Fecho os olhos e respiro fundo para reunir forças antes de atender. Enfio a mão na bolsa e pego o celular, antes de me levantar da mesa e ir até o *hall*.

– Jesse, estou em uma reunião. Posso te ligar mais tarde?

– Estou em crise de abstinência de Ava – ele murmura. – E você, está em crise de abstinência de Jesse?

– E existe cura? – pergunto, sorrindo, plenamente ciente do que seja a cura.

– Sim, chama-se contato constante. A que horas você sai do trabalho?

– Não tenho certeza. Tenho uma reunião às duas com Patrick – olho por cima do ombro e vejo Ruth folheando a revista. Ela pode não estar prestando atenção, mas deve ser capaz de me ouvir, e talvez isso seja bom. Eu sou bem casada, na maior parte do tempo, e estou grávida. Devo dar um jeito de inserir isso no meio da conversa?

– Oh, que bom Você finalmente vai cumprir sua promessa de falar com Patrick – Jesse diz.

– Sim.

– Bem, acho que isso não demora tanto assim, não é?

– Provavelmente não, mas não faz muita diferença, já que John estará esperando por mim, certo? – respondo com outra pergunta. Posso ter colocado John em maus lençóis, mas para que fingir que não sei?

– Sim, ele vai te esperar – sua voz declara que ele está sorrindo. – Como vão meus bebês, Ava?

– Nossos bebês vão bem – imediatamente me dou conta do que acabei de dizer e logo percebo que estou acariciando a minha barriga. – Jesse, eu preciso voltar. Te vejo mais tarde.

– O que eu faço até lá?

– Saia para correr.

– Já fiz isso – ele retruca, com orgulho. – Talvez eu vá fazer compras.

– Sim, faça isso – eu o encorajo, esperando que ele vá a uma loja de produtos para bebês e fique por lá até as seis horas. – Eu te amo – termino a conversa com algo que vai satisfazê-lo por mais tempo.

– Eu sei – ele suspira.

– Tchau – dou um sorriso e desligo, voltando para a cozinha. – Desculpe... – agito meu telefone enquanto me sento. – Então, carvalho?

Ela parece perdida em seus pensamentos, estudando-me por um tempo, e então seu olhar desce para a minha barriga, que está escondida sob a mesa. Eu sabia que ela poderia ouvir, mas uma pequena parte de mim esperava que não tivesse ouvido.

Começo a escrever bobagens.

– Vou consultar o valor do carvalho. Na colocação e na mão de obra, tudo permanece igual, mas vou dar uma olhada, de qualquer forma. Tem certeza de que vai desistir da noqueira? – aguardo sua confirmação, mas já anotei tudo o que precisava e ela ainda não me respondeu; então, olho para ela e vejo que continua sonhando. – Ruth?

– Oh, desculpe! Eu estava tão longe. Sim, faça isso – ela se levanta de um salto. – Ava, me desculpe mesmo, nem te ofereci uma xícara de chá... Talvez um vinho... Poderíamos tomar uma taça de vinho durante o almoço.

– Não, mesmo, Ruth. Eu não bebo.

– Por quê?

Sua pergunta abrupta só aumenta meu mal-estar.

– Não durante a semana – sorrio e confirmo: – não costumo beber durante a semana.

– Entendi. Sim, podemos acabar exagerando – seu sorriso não chega aos seus olhos azuis. – Como vai seu marido?

Não consigo evitar um suspiro rápido. Não quando ela inclui álcool, exagero e meu marido em duas frases tão próximas.

– Está bem – começo a guardar minhas coisas, determinada a ir embora. Ela involuntariamente acertou um ponto nevrálgico, mas ainda olha para mim com uma ansiedade que está se tornando insuportável. – Eu vou conseguir esses valores e entro em contato com você.

Tento me levantar com muita pressa e acabo prendendo o salto do sapato na perna da cadeira, o que me faz cambalear. Em um piscar de olhos, ela está lá, amparando-me pelo braço.

– Ava, você está bem?

– Sim, muito bem – recomponho-me, tentando ao máximo não parecer desconfortável, mas agora ela continua me segurando e não parece querer me soltar. Na verdade, sua mão sobe acariciando meu braço. Fico tensa da cabeça aos pés quando sua mão alcança meu rosto e faz um carinho suave.

– Tão bonita... – ela sussurra.

Eu deveria recuar, mas estou chocada demais, e como não me afasto, dou a ela a chance de me tocar à vontade.

– Eu tenho de ir – digo em voz baixa, finalmente permitindo que um mínimo de sensibilidade penetre meu cérebro. Dou um passo para trás e ela deixa a mão cair, com um certo constrangimento no rosto. Ela ri e desvia o olhar.

– Sim, talvez seja melhor.

Aproveito a deixa e bato em retirada, caminhando apressada pelo *hall* até a porta da frente, abrindo-a. Nem sequer fecho a porta atrás de mim. John me vê correndo para o carro e pula de dentro dele.

– Está tudo bem, Ava? – ele pergunta, enquanto me examina com os olhos, verificando se estou fisicamente bem. Uma vez satisfeito de que estou, ele olha além de mim e tira os óculos. Sua ação não pareceria tão estranha se permanecesse de óculos, mas não, e agora ele olha para o caminho até a casa de Ruth.

Diminuo a velocidade de minha fuga e viro-me para ver o que chamou sua atenção, vendo a porta da casa de Ruth fechada.

– O que foi, John? – sentindo-me melhor agora, longe da cliente um tanto amigável demais, que se tornou assustadora.

– Nada, garota. Entre no carro – ele torna a colocar os óculos e vira-se, fazendo um sinal com a cabeça para não ter de se repetir, então eu entro e espero que ele também entre. Ele entra e se vira para mim: – O que deixou você nesse estado?

Eu murcho no banco e afivelo meu cinto de segurança, sentindo-me um pouco estúpida.

– Acho que tenho uma admiradora.

Espero uma risada, ou pelo menos um sobressalto, mas não recebo nada, apenas um sinal de cabeça que diz que ele me ouviu e um rosto que se vira para o outro lado.

– Mais uma coisa para enlouquecer aquele sem-vergonha – John diz, seco. – Qual é o nome dela?

– Ruth Quinn. Ela é estranha.

Ela balança a cabeça, pensativo.

– De volta para o escritório?

– Por favor, John – ponho a bolsa entre meus pés, e então vejo uma ponta do envelope que guardei ali mais cedo. Lembrando-me dele, e eu o pego. A curiosidade acaba me vencendo.

– O que é isso? – John pergunta, indicando o envelope A4 que estou segurando.

– Não sei – digo, apreensiva –, um motoboy me entregou quando eu estava saindo – digo, sendo totalmente honesta, porque se isso for outra ameaça, vou contar a Jesse de qualquer maneira; então não há problema se John também souber. Abro o envelope e puxo um papel. Assim que vejo letras recortadas, perco o fôlego.

– O que é? – John pergunta, com a voz preocupada.

Há um certo grau de maldade ligado a esse tipo de carta e fico olhando para a mensagem, escrita com vários recortes de jornais e revistas, e agora meu desprezo à primeira carta parece um descuido imenso.

– É outra ameaça – consigo dizer, com a respiração acelerada. Estou passando mal.

– Outra?

– Sim, recebi uma com flores mortas. Eu joguei tudo fora – abro a janela para tomar um pouco de ar fresco, necessário neste momento.

– O que diz? – John tenta ver o que há no papel que eu soltei no colo. Eu leio a mensagem para ele.

EU DISSE PARA VOCÊ ABANDONÁ-LO

Um palavrão de pura frustração corta o ar.

– O que dizia o outro bilhete? Era como esse?

Tento organizar os pensamentos e recordar as palavras exatas da mensagem anterior.

– Algo dizendo que eu não o conheço. A pessoa dizia que ela, sim, o conhecia – balanço a cabeça, derrotada. – Não consigo me lembrar. Só sei que a outra era escrita à mão – estou furiosa consigo mesma por tê-la jogado fora, quando deveria ter sido sensata e contado a Jesse. Ele pediu que Steve investigasse o acidente e o incidente com a droga no bar, e eu, estupidamente, escondi algo que poderia ter ajudado a resolver o caso. A notícia poderia tê-lo deixado fora de si, mas, a longo prazo, os benefícios de conhecer esse fato superariam o colapso certo, porque ele também vai ter um colapso quando souber que escondi isso dele, e ele *vai* saber, e então terei que encarar a fúria de Jesse. Como fui idiota.

– Por que não contou a Jesse? – John parece preocupado, o que só aumenta a minha própria preocupação.

– Por que você acha, John? – ele não pode ser tão tolo de me fazer essa pergunta, e a respiração profunda e olhar breve de compreensão que passam por seu rosto aborrecido me dizem que ele não é.

– Está bem, garota – ele não diz que fui ingênua, mas eu sei que é o que pensa.

– Achei que fosse a Coral – digo baixinho.

– Mesmo depois de você ter acabado com ela hoje de manhã? – ele está tentando não rir.

– Não, eu achava que era a Coral antes. Agora não acho mais.

– Você vai contar para ele ou conto eu? – John me pergunta, sério, e sei o que quer dizer.

Não é preciso dizer mais nada quando ele olha para o meu rosto suplicante. – Eu conto, garota.

– Pode tentar acalmá-lo também?

– Se eu estivesse falando sobre qualquer outro assunto, diria que sim. Mas é você. Não posso prometer nada.

Dou um suspiro, resignada, mas aprecio sua franqueza.

– Obrigada. Vamos para o Solar?

– Não, garota; eu vou ligar para ele. Termine o seu dia de trabalho e eu estarei esperando por você.

– Está bem – concordo, sentindo-me ansiosa, estúpida e vulnerável demais. Mas uma vez, subestimei algo que não deveria.

O escritório ainda está imerso em um silêncio incômodo. Meus três colegas estão de cabeça baixa, Sally ainda parece prestes a cometer suicídio, e a porta da sala de Patrick continua fechada. Ninguém toma conhecimento da minha chegada, e Sal não me oferece um café; então, deixo a bolsa sobre a mesa e vou para a cozinha pegar um.

Estou adicionando a terceira colher de açúcar à xícara quando meus ombros se tensionam ao som do toque do telefone, indicando que é o meu adorável marido. Se houvesse chance de conseguir escapar, eu o ignoraria, mas, então, ele vai ligar na linha fixa e, depois disso, vai aparecer aqui pessoalmente. Abandonando meu café, respiro fundo várias vezes para tomar coragem e pego meu celular. Essa não será uma ligação para ser atendida no escritório, diante de todos, por isso eu corro para a sala de reuniões e fecho a porta atrás de mim, antes de atender a chamada que me fará ficar em contato com um macho com sangue nos olhos.

– Por favor, não grite comigo! – disparo de cara, afastando o aparelho da orelha em seguida.

Eu estava certa.

– Que diabos você estava pensando, porra?! – ele urra. – Sua imbecil!

Fecho os olhos e aceito a bronca calada, mantendo o telefone a uma distância segura.

Ele respira com dificuldade entre uma frase e outra.

– Eu arrancando os cabelos aqui, tentando descobrir algo com Steve nessa merda toda, e o tempo todo você tinha uma ameaça manuscrita? – ouço uma porta bater. – E rasgou? Prova, Ava! Era uma prova!

– Desculpe! – estou à beira das lágrimas. – Não queria preocupar você. Achei que era inofensiva.

– Inofensiva, mesmo depois de você ter sido drogada? E você ainda a considerava inofensiva depois que alguém te fez bater o carro? – ele está tão irado, mas sei que é porque não tem as coisas sob controle. Ele não pode controlar o que está acontecendo, e isso o está deixando louco de raiva.

– Eu deveria ter-lhe contado.

– Cacete! – ele faz silêncio depois do último palavrão, e posso vê-lo claramente sentado em seu escritório, massageando as têmporas com as pontas dos dedos. – Diga-me que não vai sair do seu escritório esta tarde.

– Tenho uma reunião com Patrick Vou conversar com ele sobre Mikael – tento falar sobre o que sei que ele quer escutar. Não posso trabalhar com Mikael, mesmo não achando mais que é ele o vilão aqui.

– Isso não é trabalho do Mikael, Ava – ele fala, mais calmo do que sei que está se sentindo. Eu já sabia disso, mas o que será que o convenceu? – Steve confirmou que ele estava em pleno

voo para a Dinamarca. Ele tem ido e voltado para Londres nas últimas semanas, mas temos provas. Ele não poderia tê-la drogado e não era ele dirigindo meu carro, porque em ambas as vezes ele estava na Dinamarca. E por que ele diria que me conhece? – o tom de Jesse fica mais irritado ao final da frase. É uma referência à primeira ameaça.

– E quanto ao homem nas imagens de segurança? – pergunto, cautelosa.

– Não sei, Ava – ele suspira. – Meu carro foi encontrado ontem. Steve o está examinando. O rastreador foi desativado.

Sento-me em uma das cadeiras confortáveis em torno da mesa de reuniões. Eu poderia dizer que não fui a única entre nós a esconder informações, mas não vou fazer isso. Sei que ele está usando de sua influência e cobrando favores e fazendo o possível para não acionar a polícia, enquanto eu tenho sido uma bobalhona.

– Devo ir para o Solar depois do trabalho? – pergunto.

– Não. John vai levar você para casa assim que terminar de conversar com Patrick. Encontro você lá. Chamei Steve aqui para falarmos sobre essa nova informação – seu sarcasmo não passa despercebido, assim como a ponta de raiva. Eu cometi um erro gravíssimo. Não digo a ele que meu dia de trabalho pode não acabar depois da conversa com Patrick, porque posso apenas instigar mais rosnados ao telefone. Preciso seguir as regras dele desta vez. – Não saia do escritório, e quando John te deixar em casa, fique lá. Entendeu?

– Entendi – sussurro.

– Boa menina. Vou falar com Steve, mas saia daqui no minuto em que a reunião acabar.

– Eu amo você – digo com urgência, como se nunca mais fosse conseguir dizer isso a ele.

Ele suspira.

– Eu sei que ama, Ava. Vamos tomar um banho de banheira quando eu chegar em casa. Feito?

– Feito – concordo. Suas palavras mais suaves e a promessa de um tempo a dois na banheira já me fazem sentir melhor.

– Faça o que eu peço, Ava – ele desliga após essas instruções, mas não tiro o telefone do lugar. Sei que ele já se foi, mas mantenho o aparelho colado ao ouvido mesmo assim, talvez na esperança de estar enganada e sua voz rouca e grave voltar a me dar segurança.

Somente quando a porta da sala de reuniões se abre e Patrick aparece é que eu, finalmente, baixo meu celular e aceito que ele não está mais do outro lado da linha.

– Ai está você – ele ainda não parece muito feliz ali, segurando a porta. – Está pronta?

– Sim – faço menção de me levantar, mas ele faz um sinal para que eu continue sentada.

– Não, fique aí. Vamos fazer a reunião aqui mesmo – ele grita para os outros e, um a um, todos entram, intrigados e em silêncio. Algo está acontecendo, dá para sentir no ar, e agora percebo que a reunião não será apenas entre mim e Patrick.

Não há bandejas de chá trazidas por Sally nem bolinhos de creme. Patrick parece cansado e incomodado, e nós estamos confusos, inclusive por sua mudança no ritual desse encontro. O que aconteceu com o clima relaxado das nossas reuniões, em que rodeamos a mesa do chefe e enchemos a barriga de bolo, enquanto o colocamos a par da situação de cada cliente?

– Certo – ele se senta em uma das cadeiras na ponta da mesa e desabotoa o paletó, evitando que fique repuxado na altura do estômago. – Não tenho estado lá muito presente nos últimos dias e tenho certeza de que vocês têm se perguntado por quê.

Todos sinalizam que sim com a cabeça, confirmando o que Patrick acaba de dizer. Mas eu, embora tenha percebido a ausência nos últimos dias, não parei para pensar nos motivos. Tenho estado distraída e bastante ocupada com minha vida pessoal: casando-me, engravidando, abandonando meu marido, voltando para ele, voando para a Espanha, envolvendo-me em acidentes de carro...

– Bem, há uma razão muito boa para isso – ele prossegue –, e agora eu estou em posição de divulgá-la. Foi difícil para mim mantê-los no escuro. Vocês sabem o valor que dou a cada um de meus funcionários, mas as coisas precisavam ser definidas e acertadas. – Ele cruza as mãos sobre a barriga e ele relaxa na cadeira. Meus olhos passam por Tom, Victoria e Sally, indo e voltando algumas vezes, tentando captar a reação deles, mas todos apenas olham para Patrick, sem esboçar nada. – Estou me aposentando – ele suspira. – Para mim, chega.

Todos suspiram, aliviados, menos eu, que fico me perguntando: “Se aposentar, o que acontecerá com a Rococo Union?”. Aposto que ninguém pensou nisso ainda.

– O emprego de todos será mantido, por exigência minha – mais suspiros de alívio –, mas eu não aguento mais. A concorrência em Londres está me deixando esgotado, então Irene e eu vamos nos mudar para Lake District.

Meu primeiro pensamento é: “Patrick terá de passar as vinte e quatro horas do dia com Irene. Será que ele já se deu conta disso?”. E o segundo, é: “Então, para quem vou trabalhar?”.

Não preciso esperar muito para descobrir. Logo a porta se abre e Mikael entra na sala.

Capítulo 32



— Conheçam o novo proprietário da Rococo Union! – Patrick festeja. Tom e Victoria parecem adolescentes apaixonados, mas Sally compartilha comigo o estado de choque. Ambas estamos visivelmente engasgadas com a notícia, mas ao mesmo tempo que conheço muito bem as minhas razões, não tenho ideia do que está acontecendo com Sally.

— Claro que todos vocês o conhecem de uma maneira ou de outra – Patrick prossegue. – O sr. Van Der Haus e eu já estamos negociando há algumas semanas, e finalmente chegamos a um acordo bom para ambos.

— Mal posso esperar para me enfiar no trabalho – Mikael sorri, ignorando os demais membros da equipe e fixando os olhos azuis em mim. – Acho que vamos trabalhar muito bem juntos.

Três pessoas na sala balbuciam alguma coisa em concordância, mas Sally e eu não abrimos a boca. Da minha, nada sai nem vai sair, porque minha garganta está travada. Observo-o rodear a mesa e apertar a mão de Patrick, antes de se apresentar formalmente aos meus colegas. Quando se aproxima de Sal, Mikael mal olha para ela, que enrubesce visivelmente e olha para o chão. Então, a ficha cai: ela tem saído com Mikael!

Fico boquiaberta, e vejo que ela está constrangida. Bingo! Foi assim que ele soube que eu me casei, que estou grávida, que espero gêmeos... Foi assim que ele descobriu tudo!

O recinto é invadido por “Angel”, do Massive Attack, e todos olham para mim, sentada como uma estátua, segurando o telefone sem muita segurança.

— Não vai atender? – Mikael pergunta, sorrindo, gesto que não retribuo. Então a porta se abre e John entra na sala, arfando e examinando a cena na qual se intrometeu. Agora tenho certeza de que a minha carreira na Rococo Union terminou.

John dá um passo à frente, sem a menor consideração pelas pessoas que fixam olhos arregalados nele, e pega meu celular da minha mão inerte, atendendo-o.

— Ela está bem.

Meu cérebro entorpecido desperta e vejo John caminhar pela sala de reunião. Todos olham para ele, mas ninguém pergunta o que faz aqui. Ele deve ter visto Mikael entrar no escritório e ligou para Jesse. Tenho vontade de gritar com o grandão, mas essa mais nova manobra de Mikael é a gota d’água para mim e para o meu trabalho na Rococo Union. Isso e o homem da Máfia grandalhão andando pela sala.

Mikael não precisa de um ateliê de design de interiores. Isso é ridículo e beira o obsessivo, mais ou menos como meu marido fez.

John olha para mim e faz um aceno de cabeça, ao qual retribuo, porque ainda não consigo falar. Em seguida, ele me devolve o telefone, indicando que devo atender, e eu olho para ele, horrorizada, pois não posso ter uma conversa tão séria com Jesse aqui e agora. Encolho-me na cadeira, mas John tenta me dizer com o olhar que eu não vou conseguir escapar tão facilmente desta vez. Jesse quer conversar comigo e eu simplesmente sei que não poderei recusar.

Pego o celular nervosamente, levanto-me e deixo a sala.

– Jesse?

– Que DIABOS ele está fazendo aí? – ele está ensandecido, provavelmente arrancando mechas inteiras de cabelos.

– Ele comprou a empresa – digo em voz baixa e calmamente, na ilusão de que, se parecer suave, ele possa lidar com a ideia da mesma forma, mas é uma esperança vã.

Ele hiperventila ao telefone.

– Pegue a sua bolsa e saia daí com o John. Você me ouviu?

– Sim – confirmo, rápida, ciente de que não tenho outra opção.

– Faça isso enquanto estou na linha.

– Está bem – baixo o aparelho e volto para a sala, deparando-me com seis pares de olhos apontados para mim. A tensão pesa no ambiente. Então, pego a minha bolsa e olho para John, como que dizendo “podemos ir”.

– Ava? – a voz familiar e preocupada de Patrick pede que eu lhe dê atenção.

– Sinto muito, Patrick, mas não posso mais trabalhar para a Rococo Union.

– Por que não? Coisas excitantes vão acontecer. Mikael me assegurou que vai promovê-la a diretora com participação nos lucros; briguei para que isso fosse parte do acordo, flor – ele se levanta e se aproxima de mim com as sobranceiras unidas. – É uma oportunidade incrível para você.

Dou um sorriso e olho para Mikael, que parece não saber o que dizer no momento.

– Sinto muito, eu deveria ter dito que não posso trabalhar para Mikael – agora, todos olham para o dinamarquês. – Mikael tem me assediado ativamente já há algum tempo, e não aceita um não como resposta – digo enquanto penduro a bolsa no ombro. – Sally, ele tem usado você para saber da minha vida. Sinto muito.

Ela esconde o rosto, mas posso ver que está chorando. Sinto-me péssima por ela.

– Está tão desesperado que destruiria uma pessoa tão doce quanto a Sally? – pergunto a Mikael. – Está tão desesperado para se vingar de um homem que compra a empresa em que a esposa dele trabalha?

– A vingança contra aquele cafajeste é apenas um bônus. Eu quero você desde o dia em que te conheci – ele confirma as suspeitas de Jesse em uma frase. – Ele não te merece.

– Ele me merece e ele me tem. E terá para sempre. Nós já superamos problemas maiores que você, Mikael. Nada que você possa dizer vai me fazer recuar de minha decisão de ficar com ele – meu corpo pode estar tremendo, mas minha voz é firme e decidida. – Não tenho mais nada a dizer – viro-me para sair, mas paro brevemente à porta. – Sinto muito, Patrick.

John me segue, sua mão gigante apoia firmemente minhas costas, como se compreendesse minha condição física. Estou triste, mas estranhamente resoluta.

– Ava.

O ligeiro sotaque dinamarquês, que antes eu achava sexy, agora só me dá arrepios. John

tenta me fazer seguir em frente, mas uma curiosidade estúpida me faz enfrentar a força do grandão e me voltar para Mikael.

– Ele comeu outras mulheres enquanto estava com você, Ava. Ele não te merece.

– Merece sim! – eu grito as palavras na cara dele, que recua, chocado.

A mão de John pousa no meu braço, mas eu me desvencilho.

– Garota?

– Não! Ninguém vai julgá-lo a não ser eu! Ele é meu! – eu já o perdoei, e se me dessem a chance, provavelmente eu me esqueceria de tudo. – Você está cego pelo ressentimento – digo, mais calma.

– Meu objetivo é você – o dinamarquês olha com cautela para meu guarda-costas.

Dou risada e balanço a cabeça.

– Não, não é. Estou casada e grávi...

– E eu ainda te quero.

Fecho a boca e John rosna, em advertência.

– A garota é comprometida – ele tenta me fazer ir embora, mas estou paralisada.

– Você me drogou? – pergunto, mas o olhar embaçado que invade seu rosto pálido é toda a resposta de que preciso.

– Ava, eu jamais machucaria você. Eu comprei essa empresa para você.

Balanço a cabeça e rio de novo, incrédula.

– Você nem me conhece... Está tomado pelo desejo de vingança. Nunca tivemos nenhum tipo de intimidade, conexão ou momentos especiais. O que há de errado com você?

– Eu conheço uma coisa boa quando a vejo, e estou disposto a lutar por você.

– Sua luta será em vão – digo, calma. – E ainda que seja bem-sucedido em sua tentativa de nos separar, o que jamais vai acontecer, você nunca ficará comigo no final.

A testa dele se enrugou.

– Por quê?

– Porque sem ele eu estaria morta – viro-me e deixo o meu local de trabalho, sabendo que nunca mais voltarei lá. Estou um pouco triste, mas saber o que espera por mim, passado esse ponto de minha vida, coloca um sorriso largo no meu rosto.

Somente quando já estou segura na Range Rover de John e estamos em movimento é que me dou conta de que estou com o celular na mão e que Jesse está do outro lado da linha. Não quero ouvi-lo, e sim vê-lo.

– Jesse?

A linha fica em silêncio por um tempo, mas sei que ele está lá. Sua presença viaja pela linha e beija a minha pele.

– Eu não te mereço – ele diz, em um fio de voz. – Ele tem razão, mas eu sou egoísta demais para abrir mão de você em nome de alguém que a mereça. Nós nunca vamos nos separar e você nunca vai ficar sem mim, então você será imortal, Ava.

Lágrimas surgem em meus olhos e penso em quanto sou grata por ele ser tão egoísta.

– Feito – sussurro.

– Vejo você na banheira.

– Feito – repito, porque sei que não vou conseguir dizer mais que uma palavra sem tossir ou soluçar. Ele desliga e eu me perco em pensamentos, enquanto assisto a Londres passar pela janela. Experimento uma sensação incrível de alívio. Pela primeira vez o silêncio se faz no carro de John. Não há música, gente cantarolando ou batucadas no volante. Viajamos em um silêncio confortável de volta ao Lusso.

– Vamos subir, garota – John estaciona e salta do carro, enquanto eu solto o cinto e o encontro na frente do carro.

– Não precisa me acompanhar – digo, e ele assume uma expressão de quem sugere que sim. – Jesse pediu para você vasculhar a cobertura, não pediu?

– Só uma checagem; só isso – ele segura meu cotovelo e me conduz ao *hall* do Lusso. Eu poderia reclamar, mas nem me abalo. Isso é excesso de zelo, mas se esse comportamento contribui para que o meu marido neurótico fique mais feliz, então eu obedeco.

Fico surpresa por ver Casey, mas ele não está de uniforme.

– Olá, Casey – digo ao passar, sem ter tempo de conversar ou talvez alertá-lo de que em breve terá de enfrentar a ira de Jesse. Noto que está bem de terno e, definitivamente, capto seu olhar alarmado ao ver John comigo. John tem esse efeito na maioria das pessoas, exatamente como aconteceu comigo.

John digita o código e me espera entrar no elevador, antes de se juntar a mim. Depois, digita o código novamente.

– Você conhece o código? – pergunto, torcendo para que ele não saiba o significado do código.

Ele sorri para mim e não sei dizer se é ou não um sorriso de cumplicidade.

– O sem-vergonha foi sensato dessa vez, mas penso que ele poderia ser mais criativo.

Eu tusso para desviar a conversa, pensando em quanto ele sabe ser criativo, quando chega ao zero. Maravilhosamente criativo, na verdade. Assombrosamente criativo. Preciso encher aquela banheira, mas quando as portas do elevador se abrem, lembro-me de que Cathy ainda deve estar no apartamento.

Abrindo a porta, vou imediatamente para a cozinha e deixo a bolsa sobre a ilha, mas não a encontro; então, subo a escada à procura dela, decidida a dispensá-la pelo resto do dia.

– Ava, deixe-me verificar tudo – os passos de John me seguem.

– Sério, John? – eu paro e o deixo passar. – Você vai ficar dando uma de babá até Jesse chegar? – espero que não; quero tomar banho antes de entrar na banheira com Jesse.

– Não. É só por desencargo de consciência – ele retumba. – Pare de reclamar.

Encolho-me ante a sua rudeza, mas não discuto com o gigante. Permito que abra e feche portas, enquanto eu me apoio no corrimão de vidro, de braços cruzados, esperando pacientemente. Não reclamaria, de jeito nenhum, não depois de nossa visitante inesperada desta manhã.

– Tudo limpo.

– Que alívio – dou um sorriso, afastando-me do corrimão. John para abruptamente e ergue as sobrancelhas.

– Não seja respondona, garota – ele está realmente ranzinza, justo agora que eu achei que

tínhamos chegado a um certo nível de entendimento. – Vou chamar a segurança e pedir que mudem o código.

Eu o vejo descer os degraus às pressas.

– Nada de Cathy? – pergunto às suas costas.

– Nada de Cathy – ele confirma, indo na direção do interfone, mas seu celular começa a tocar antes que ele chegue ao seu objetivo. – Sim? – ele grunhe, indo para a cozinha. – Estamos aqui. Cathy já foi embora, mas eu fico até você chegar – sua voz fica mais baixa à medida que a distância entre nós aumenta. Sei que está falando com Jesse. – Porta azul precisando de pintura – John diz rapidamente, de propósito, mas consigo ouvi-lo perfeitamente. É a desvantagem de ter uma voz tão grave e retumbante. Ele pode soar ameaçador, mas não consegue sussurrar. – Lansdowne Crescent. Não tenho certeza. Eu a vi de relance, mas se não é ela, a mulher tem um clone.

Vou inconscientemente até a voz de John. Eu ouvi bem, nem precisaria me aproximar para ter certeza de que meus ouvidos não estão me enganando. Mas sua tentativa de ficar fora do alcance dos meus ouvidos, aliada à menção do endereço de Ruth Quinn e ao fato de que ele, evidentemente, a reconheceu, faz com que eu queira ver seu rosto para captar sua reação. Sei que não verei nada de bom, não quando está falando com Jesse, o que significa que Jesse também conhece Ruth Quinn. Meu sangue gela a cada passo que dou na direção da sua voz baixa e apressada.

– Não há ninguém aí? – John anda de um lado para outro, no canto mais afastado da cozinha. – Ruth Quinn. Já te disse. Sei que minha vista não está tão boa quanto já foi, mas aposto minha vida nisso. Você precisa chamar a polícia, e não ir você mesmo atrás dela, seu louco sem-vergonha.

Meu sangue congela e meu corpo paralisa no lugar quando vejo John se virar e registrar minha presença. Mesmo negro, ele acaba de ficar pálido.

– Quem é ela? – pergunto-lhe.

Seu peito enorme se expande e ele tira os óculos. Gostaria que ainda os estivesse usando, porque a rara visão de seus olhos só confirma meu medo. Eles estão preocupados, e o grandalhão nunca se preocupa.

– Jesse, você precisa vir para cá. Deixe isso para a polícia – John afasta o celular da orelha e ouço um grito de ódio de Jesse do outro lado da linha. Não consigo decifrar o que ele diz, mas seu grito de frustração vale mais que mil palavras. A menção de intervenção da polícia não pode ser coisa boa, também.

– Quem é ela? Insisto, e minha respiração começa a acelerar. Estou ansiosa e entrando em pânico, mas nem sei por quê.

John suspira, derrotado, mas ainda não responde, dando as costas para mim. – É tarde demais. Ela está aqui na minha frente. É melhor você vir para casa. Ouço outro grito de raiva e acho que escuto também uma batida, algo como um punho na porta, em uma porta azul, velha.

Minha paciência está se esgotando. Não saber algo que eu creio que deveria saber faz o sangue ferver em minhas veias.

John passa o telefone para mim e não demoro a arrancá-lo de sua mão.

– Quem é ela? – pergunto de forma calma e clara, mas se ele não responder, a raiva virá depressa. E já sei que será o tipo de fúria que faz a pressão subir.

Ele respira pesadamente ao telefone, seus passos decididos ao fundo.

– Não tenho certeza.

– O que quer dizer com isso? – estou gritando. Ele não respondeu, não satisfatoriamente. Ele sabe quem é Ruth Quinn.

– Estou indo para casa. Conversaremos quando eu chegar.

– Não! Diga-me!

– Ava, não quero falar nada antes de ter certeza de que era ela – ele diz, os pneus cantando de um jeito que me faz encolher. Pode ser, mas o fato de John não conseguir sussurrar estragou o plano. – Vou explicar tudo quando pudermos sentar e conversar.

– E eu não vou gostar disso, vou? – nem sei por que pergunto; se ele quer que nos sentemos para conversar, isso em si já não é um bom sinal. Não há bons sinais, na verdade. Até o grandão parece estar preocupado.

– Ava, por favor, eu preciso ver você.

– Você não respondeu à minha pergunta – eu o lembro, em voz baixa, sentando-me em um dos bancos. – O que mais você poderia ter para me contar, Jesse?

– Logo estarei em casa.

– A notícia vai me fazer fugir?

– Chego aí num minuto – ele fala e desliga, deixando-me com o telefone de John pendurado e o estômago revirando de agonia. Quase quero sair correndo agora. A incerteza e o medo me fazem querer fugir, mas não para escapar dele, porque pensar em ficar sem ele causa dor em cada fibra do meu ser. Mas há um desespero no fundo do meu estômago, que me diz que preciso me proteger do que quer que esteja prestes a causar impacto em minha vida. Em nossa vida.

O telefone da cobertura toca, agudo, e me faz dar um pulo. John atravessa a cozinha a passos largos, agora com os óculos no lugar. Não vou perder tempo tentando obter alguma informação dele, embora ele tenha a de que preciso.

Ele volta para a cozinha, parecendo muito consternado para um homem tão ameaçador. Agora, estou mesmo transtornada.

– Precisam de mim lá embaixo. Você vai trancar a porta atrás de mim e não vai abrir para ninguém, a não ser que eu ligue para avisar que sou eu. Onde está o seu telefone?

– O que está acontecendo? – fico em pé e começo a tremer.

– Onde está o seu telefone? – ele pressiona, pegando o dele da minha mão instável.

– Na minha bolsa... John, me fala o que está acontecendo.

Ele vai até a minha bolsa e vira todo o conteúdo sobre a ilha, localizando meu celular. Então, coloca-o sobre a ilha e me ergue, colocando-me sentada no banco, gentilmente.

– Ava, agora não é hora de discutir comigo. Há alguém que o *concierge* considera suspeito e vou até lá verificar. Não deve ser nada.

Não acredito nele. Seu tom de voz e sua linguagem corporal sugerem que está mentindo. Tudo sugere que eu deveria estar aterrorizada, e é como estou começando a me sentir.

– Está bem – concordo, relutante.

Depois de um sinal de cabeça e um afago afetuoso em meu ombro, John sai da cozinha e, logo em seguida, ouço a porta se fechar, deixando-me ainda trêmula e com a cabeça à toda. Não estou conseguindo me acalmar. Só quero Jesse. Não me importa o que ele tem para me contar, não estou nem aí. Aperto o telefone na mão e corro para o quarto, localizando rapidamente a

chave do escritório de Jesse na minha gaveta de lingerie. Volto para baixo e destranco a porta. Sei que me sentirei melhor se estiver sentada na enorme cadeira do escritório dele. Lá, terei a impressão de que ele está me abraçando.

Eu entro, atarantada e sem fôlego, e me deparo com uma mulher em pé, no meio da sala, olhando para o meu mural.

Ruth Quinn.

Minhas pernas falham, fazendo-me cambalear para a frente, enquanto meu coração para no peito. Mas minha entrada dramática e minha reação de choque não parecem perturbá-la. Ela mantém o olhar absorto, sem sequer tomar conhecimento da minha presença. Está enfeitiçada, e se não fossem as palavras de Jesse e de John, juntamente com suas reações quanto a essa mulher, eu diria que ela não só tem uma paixonite por mim como é obcecada.

Perco tempo demais antes de meu cérebro registrar que eu deveria estar fugindo daqui, mas quando tento recuar lentamente, ela olha para mim. Parece oca, longe do seu normal, que é a mulher de olhos brilhantes e pele bonita com quem estou acostumada. Faz poucas horas que a vi, mas agora eu pensaria que faz anos.

– Nem se incomode – sua voz é fria e carrega um ar de desprezo, eliminando qualquer pensamento que eu pudesse ter de que ela nutre algum sentimento bom por mim. Agora eu sei, com a mais absoluta certeza, que ela me odeia. – O elevador vai estar fora de serviço e Casey vai te interceptar na escada.

Posso estar em choque, mas as palavras penetram minha mente com clareza, assim como o *flashback* de Casey de terno... e as imagens das câmeras do bar na noite em que eu fui drogada. Consigo inclusive responder à pergunta sensata que eu havia feito a mim mesma, de como ela conseguiu entrar nesse apartamento, que dirá no escritório de Jesse.

Então ela agita um molho de chaves para mim.

– Ele facilitou tudo – ela joga as chaves sobre a mesa de Jesse e meus olhos seguem o trajeto que fazem até caírem com um ruído sobre a mesa. Não reconheço o chaveiro, mas não sou idiota de perguntar que chaves são essas. – A estupidez do seu marido e a necessidade desesperada do meu amante de se fazer agradar quase fez tudo isso parecer enfadonho – ela volta os olhos para a parede. O mural de Ava. – Acho que ele é um pouquinho obcecado por você.

Permaneço exatamente onde estou, pesando minhas opções. Não tenho nenhuma. Sem escapatória, sem chance de alguém vir até mim e com o novo *concierge* montando guarda, estou impotente.

A ponta do dedo dela toca a parede, no local onde Jesse escreveu algo.

– “Meu coração começou a bater outra vez”? – ela solta um riso sinistro e gélido, aumentando meu mal-estar. – Jesse Ward, o detestável cafajeste está amando, casado e esperando gêmeos? Que perfeito.

Ela não fala sério nessa última parte, mas, definitivamente, sim na frase anterior. Estou face a face com mais uma ex-amante desprezada, mas essa levou as coisas a outro nível. Ela o odeia e, por conseguinte, odeia a mim. Uma clareza assustadora, além da forma como ela olha para a minha barriga, me dizem que ela também odeia nossos bebês. Meu medo atinge um novo patamar, eu sei que meus bebês e eu estamos em perigo.

Vejo que ela se aproxima, mas não me dou conta de que também estou me movendo. Não

rápido o bastante, porque ela já está diante de mim e acaricia meu ventre, pensativa.

Em seguida, ela afasta a mão e me dá um soco. Eu grito e me dobro ao meio, com os braços envolvendo a barriga, instintivamente tentando proteger meus filhos.

Ela também grita, agarrando-me pelos cabelos e levando-me do escritório de Jesse para a área aberta da sala da cobertura.

– Você devia tê-lo deixado – ela berra, empurrando-me para o chão e me chutando com precisão.

A dor se espalha em mim e lágrimas surgem em meus olhos, rolando livremente. Se eu conseguir pensar além da dor e do medo, conseguirei também encontrar forças para ter raiva. Ela está tentando matar nossos bebês.

– O que aquele desgraçado imoral tem que faz você ficar pendurada nele, sua vagabunda patética! – ela me põe em pé e me esbofeteia várias vezes, mas nem a dor dos tapas e da pele queimando me fazem tirar as mãos do meu ventre. Nada fará, nem mesmo a vontade de me defender e de atacá-la. Ainda estou com meu telefone na mão, mas não posso correr o risco de deixar minha barriga vulnerável para ela.

Meu cérebro, sobrecarregado, tenta me guiar com urgência, dar-me instruções, mas tudo o que posso fazer é aceitar sua demência e rezar para que nós três saíamos a salvo no final de tudo isso. Se eu achava que um dia estive no inferno, esse momento prova que eu estava errada. Estou abaixo do mais profundo nível do submundo.

Seu punho atinge meu braço ao mesmo tempo que um grito furioso e frenético deixa os lábios dela. Meu corpo se dobra e eu grito, assustada e cheia de dor. Não vou escapar. Estou longe da morte, mas a expressão nos olhos dela me diz que Ruth não vai parar enquanto eu não estiver morta. Está fora de si. Completamente insana. Que diabos Jesse fez a essa mulher?

A porta da frente se abre com um ruído e ela desaparece da minha frente. Tenho de me esforçar para me virar, ainda agarrada à minha própria barriga, ainda chorando, em agonia. Vejo-a ir para a cozinha e depois meus olhos lacrimejantes posam em Jesse. Ele arfa com o corpo todo. Correu escada acima e seu punho está visivelmente inchado. Seus olhos examinam meu corpo todo, sua testa jorra suor e seu rosto é um misto de puro terror e fúria incontrolável. Ele leva um momento para se recompor, e posso ver que está dividido entre cuidar de mim e lidar com a louca que invadiu a nossa casa. Não consigo falar, mas berro mentalmente para que escolha a segunda opção. Um soluço escapa dos meus lábios, o que o faz estremecer e sair correndo para a cozinha. Meus pés entram em ação, e, sabiamente ou não, eu o sigo. Agora, todo o meu medo está concentrado nele.

Paro imediatamente ao ver Jesse de um lado da cozinha, antes de localizar Ruth do outro lado da ilha. Estamos dispostos em um triângulo perfeito, todos respirando pesadamente, todos se entreolhando, mas Ruth é a única com uma faca na mão. O celular cai da minha mão, fazendo barulho ao chocar-se com o chão, mas isso não chama a atenção dela. A lâmina brilha com os movimentos que ela faz, girando-a calmamente na mão. O objeto está apontado para mim, mas a visão do metal afiado não apenas me causa mais medo como faz com que meus olhos recaiam para o abdômen de Jesse, com horror.

– Oh, meu Deus! – sussurro, tão baixinho que sei que não fui ouvida em comparação ao som descompassado da nossa respiração. Ele disse que a cicatriz foi resultado de um acidente de carro. Foi o que ele disse. Tento localizar em minha mente as palavras exatas, mas não as

encontro, porque não estão aqui. O que há, no entanto, é a conclusão silenciosa a que cheguei. Imaginei uma coisa completamente errada, mas também duvido que ele me contaria a razão real, a que está diante de nós agora, brincando ameaçadoramente com uma faca, arma que sei que está preparada para usar. Nada que eu pudesse encarar me aterrorizaria mais. Agora, nós quatro estamos em perigo.

– Prazer em vê-lo, Jesse – ela dispara, separando os pés para estabilizar sua postura. Está pronta para o ataque.

– Não, não é – Jesse responde, calmo, ainda que respirando com dificuldade. – Por que está aqui?

Ela dá um sorriso frio.

– Estava contente, vendo você chafurdar na miséria, bebendo até quase se matar e tentando preencher o vazio que você mesmo criou transando por aí sem se importar com quem, até que você inventou de se apaixonar. Não posso permitir que você seja feliz depois que destruiu a minha felicidade.

– Eu já paguei dez vezes por meus erros, Lauren – a forma como ele se dirige a Ruth faz meu rosto virar da faca para o rosto suado de Jesse. Lauren? – Eu mereço isso – é quase uma súplica e me parte o coração. Jesse está tentando convencer a si mesmo de que me merece, e a noção de que possa estar buscando aprovação dessa mulher maluca me faz esquecer momentaneamente a dor na barriga e o ardor no rosto. Sinto a raiva ferver.

– Não, você não merece. Você roubou a minha felicidade, então eu vou tirar a sua – ela agita a faca para mim e Jesse fica sem saber o que fazer, seus olhos assombrados passam de mim para Ruth, ou Lauren... Já nem sei mais.

– Eu não roubei a sua felicidade.

– Roubou sim! – ela grita. – Você se casou comigo e depois me abandonou!

Engulo em seco e olho para Jesse, que está mordendo o lábio, com os olhos se movendo constantemente de mim para... sua ex-esposa? Ele foi casado? Estou engasgando, minha mente voa em círculos e não consigo compreender o que acabo do ouvir.

Ruth olha para mim, saindo de seu acesso de raiva e sorrindo.

– Você não sabia? Bem, aí está a surpresa. Talvez isso explique por que você ficou com ele.

Sua arrogância, aliada ao desespero de Jesse, acaba comigo.

– Nada pode nos separar – minhas palavras se espalham pelo ar e arrancam o sorriso do rosto dela, mas tornam Jesse notavelmente mais tenso. Sustento o olhar cauteloso dele e determino, pelo vazio que vejo ali, que ele discorda. Começo a balançar a cabeça e meus lábios tremem. A sensação de minha mão sobre meu ventre é reconfortante, mas não o olhar dele. Seus olhos recaem para a minha barriga e uma onda de desespero perpassa por seu rosto.

– Eu sinto tanto – ele murmura. – Eu deveria ter te contado.

Ele guardou mesmo o melhor para o final, mas não me importo. E falei sério: nada pode nos separar.

– Não importa – tento dar-lhe segurança, mas posso ver que o derrotismo o engole.

– Importa, sim – Ruth dispara, tirando nossa atenção um do outro e a colocando de volta na mulher perturbada, com uma faca na mão, que invadiu nossa vida. – Ela não sabe de nada, sabe?

Espero que esteja errada. Espero que Jesse confirme que sei de tudo – do Solar, do alcoolismo, agora dela... de tudo. Mas ele começa a balançar a cabeça, o que quadruplica minha

incerteza.

– Ela não sabe da sua filha? – a cozinha começa a girar e Jesse tenta se mover. – Fique onde está! – Ruth grita, brandindo a faca para ele.

– Ava... – ele tenta desesperadamente vir até mim. Sei que estou perdendo o equilíbrio enquanto tento absorver essa informação, e que ele está morrendo por não poder vir até mim, ainda que, fisicamente, nada o impeça. Ele sabe que não pode se mexer ou ela virá para cima de mim. Ele tem uma filha? Minha vida está acabando aqui e agora. Isso é todo o choque que posso suportar vindo deste homem. Ele está tentando compensar sua ausência na vida dela.

– Sim, nós estávamos casados e ele me largou quando eu estava grávida – ela vocifera.

– Fui forçado a me casar com você por causa da gravidez. Eu não queria, e você sabia disso. Tínhamos dezessete anos, Lauren. Nós transamos uma vez – sua voz é alquebrada e insegura, como se estivesse tentando convencer a si mesmo de que fez a coisa certa.

– Não culpe seus pais pela sua decisão! – ela está queimando de fúria outra vez e sua mão treme incontrolavelmente.

– Eu estava tentando consertar meus erros. Estava tentando fazê-los felizes.

A cozinha gira desvairadamente, enquanto eu tento completar o quebra-cabeça com o que estou ouvindo. Não encontro sentido algum, especialmente agora, em que estou nessa situação. Em meio à confusão e ao estorrecimento, percebo, no entanto, que preciso me manter segura. Preciso sair daqui. Começo a caminhar para trás, esperando que sua atenção e raiva se concentrem em Jesse, enquanto tento escapar. Sei que isso vai terminar com ela atacando a mim, não a ele. Ela quer puni-lo e sua intenção é fazê-lo viver sem mim. Mas se ela tem tudo planejado, eu também tenho.

– Não se mexa! – ela berra, fazendo-me parar no ato. – Nem pense em tentar fugir ou eu cravarei essa faca nele antes que você chegue à porta – essa ameaça frustra completamente meu plano; a ideia de vê-la ferindo Jesse é insuportável, mesmo depois do que acabo de descobrir. – Você nem mesmo ouviu a melhor parte, então seria bom se você ficasse e me ouvisse.

– Lauren – ele a adverte com a voz.

Ela dá uma risada deliciada e demente.

– O que foi? Não quer que eu conte para a sua mulherzinha grávida que você matou a nossa filha?

Ele se move com rapidez e nada o faria parar. Sei disso porque estou cambaleando e prestes a desabar no chão. Meu mundo está explodindo, partindo-se em um milhão de estilhaços dentro da minha mente sobrecarregada, mas posso vê-la movendo-se também. Vejo que a faca vem em minha direção, rápida e decididamente, mas também registro que Jesse se interpõe entre mim e a lâmina, conseguindo impedir a minha queda antes de jogar Ruth no chão e esmurrá-la no rosto, com um urro enfurecido. Ela ri. A vagabunda psicótica apenas ri, provocando-o com seu ataque histérico.

– Eu não matei a nossa filha! – ele golpeia o rosto dela novamente, e o som de seu punho colidindo com aquele rosto sorridente me causa arrepios.

– Matou. No momento em que ela entrou naquele carro, você assinou a sentença de morte dela.

– Não foi minha culpa! – ele está sentado em cima dela, tentando controlar suas mãos

descontroladas.

– Carmichael não tinha que levar a nossa filha; era você quem deveria estar cuidando dela! Eu passei cinco anos em uma cela acolchoada. Passei vinte anos arrependida de ter permitido que você a visse. Você me privou da sua presença e depois matou a única parte de você que me sobrou! Não vou deixar que a substitua! Ninguém mais terá uma parte de você!

Jesse ruge e a nocauteia com um último golpe de seu punho. Sento-me com dificuldade, vendo o corpo de Jesse convulsionar com exaustão e raiva. Ouvi e compreendi perfeitamente cada palavra que um gritou para o outro e estou em choque, mas mais triste do que qualquer outra coisa. Cada partícula de pura loucura que suportei desde que conheci esse homem acaba de se justificar. Toda a superproteção, a preocupação exagerada e o comportamento neurótico estão explicados. Ele acha que não merece a felicidade e tem *mesmo* me protegido. Só que Jesse tem me protegido dele mesmo e da escuridão da sua história. Não era ele naquele carro com Carmichael: era a sua filha. Todas as pessoas que ele mais amou na vida morreram tragicamente, e ele acha que é o responsável por cada uma delas. Meu coração sangra por ele.

– Nada vai nos separar – eu digo entre lágrimas, tentando ficar em pé, mas não consigo mais do que ficar de joelhos. Ele achou que isso nos separaria, mas não vai. Estou aliviada. Na verdade, agora tudo faz muito sentido em mim.

Ele se levanta do chão e fixa seus olhos turvos e atormentados em mim.

– Sinto tanto, tanto... – seu queixo treme enquanto ele vem na minha direção.

– Não importa – eu o reconforto. – Nada importa – abro os braços para Jesse, desesperada para que ele saiba que eu o aceito e à sua história, não importa quão chocante e sombria ela seja. Uma sensação de serenidade atravessa nossos corpos, como um acordo mútuo e silencioso, enquanto espero que ele venha a mim.

Minha impaciência aumenta. Ele está demorando demais, parecendo ficar mais lento a cada passo dado, até que ele cai de joelhos e um ruído estrangulado escapa de seus lábios. Ele aperta o abdômen e geme de dor. Meus olhos confusos buscam no seu rosto alguma pista do que pode estar errado, e então ele abre o paletó, revelando a camisa encharcada de sangue e a faca enterrada abaixo de suas costelas.

– NÃÃÃÃÃÃO! – eu grito, reunindo forças e correndo para o lado dele. Minha mão paira sobre o cabo da faca, sem saber o que fazer. – Oh, meu Deus! Jesse! – ele cai para trás, engasgando, tentando tocar o ferimento em torno da lâmina. – Oh, meu Deus, não, não, não, por favor, não!

Fico de joelhos, e toda a dor que sentia no ventre e no rosto se concentra em meu peito. Estou respirando com dificuldade. Ponho a cabeça dele no meu colo e acaricio o seu rosto. Seus olhos estão pesados.

– Não feche os olhos, Jesse! – grito, frenética. – Querido, mantenha os olhos abertos. Olhe para mim.

Ele os abre com muito esforço. Está ofegante, tentando dizer algo, mas eu o faço calar-se e beijar sua testa, chorando muito.

– Ava...

– Shhhh – recobro a razão por um segundo e começo a procurar o celular dele nos bolsos do paletó, encontrando-o rapidamente. Preciso de três tentativas para conseguir ligar para o número de emergência, e logo estou gritando ao telefone, dando instruções e implorando para a mulher

do outro lado da linha que se apresse. Ela tenta me acalmar e me orientar, mas não consigo ouvi-la. Desligo, distraída demais pelo rosto de Jesse, a cada minuto mais pálido. Ele está cinzento, seu corpo completamente sem forças, seus lábios estão secos e entreabertos, e a respiração superficial. O som de Jesse perdendo o fôlego não aplaca o silêncio sobrenatural que nos cerca.

– Jesse, abra os olhos! – digo, com a voz esganiçada. – Não ouse me abandonar! Vou ficar louca de raiva se você me abandonar!

– Eu não consigo... – seu corpo estremece e ele fecha os olhos.

– Jesse!

Ele abre os olhos mais uma vez e tenta, em vão, erguer o braço, mas logo desiste, deixando-o cair no chão. Não aguento o som de Jesse tentando respirar, então pego o telefone dele e ligo para o meu, fazendo “Angel” encher a sala a poucos metros de mim. Eu o embalo em meus braços, incapaz de controlar os soluços. Ligo outra vez, sempre que o meu telefone para de tocar, repetindo o ato várias vezes, a música cobrindo o som horrendo de sua respiração falha. Ele olha para mim sem expressão alguma. Não há nada em seus olhos. Busco algo, mas não há nada.

– Inseparáveis – ele murmura, os olhos mais e mais pesados, até que perdem a batalha de tentar se manter abertos.

– Jesse, por favor. Abra os olhos – tento desesperadamente abri-los eu mesma. – ABRA! – imploro para o nada, com o meu grito mais desesperado.

Estou perdendo-o.

E sei disso porque meu coração também está parando de bater.

Capítulo 33



Não vejo aqueles olhos há duas semanas. Essas têm sido as duas semanas mais longas da minha vida. Qualquer noção que eu tinha antes de tristeza ou de aflição foi total e completamente superada pelos sentimentos que me dominam neste momento. Estou perdida. Desamparada. Sinto falta da parte mais importante de mim. Meu único conforto tem sido ver seu rosto em paz e sentir sua pele morna.

Quatro dias atrás, o médico removeu os aparelhos que controlavam a sua respiração; agora posso vê-lo melhor, com o rosto barbado e pálido. Ele se recusa a despertar, mas surpreendeu a todos quando voltou a respirar sozinho, ainda que de forma superficial e difícil. A lâmina perfurou seu estômago e um de seus pulmões entrou em colapso durante a cirurgia, complicando a situação. Agora, ele tem duas cicatrizes perfeitas em seu corpo perfeito: a nova, um corte reto, ao contrário da anterior que ela deixou nele, feia e toda recortada. Tenho acompanhado a troca do curativo diariamente, a remoção do sangue coagulado e de toda a sujeira que se forma em torno do ferimento. Já estou acostumada, a imperfeição sendo um lembrete horrível do pior dia da minha vida, tornando-se agora mais um detalhe dele para amar.

Não saí do seu lado uma vez sequer, apenas correndo até o banheiro quando não aguento mais segurar a bexiga por tanto tempo que ela parece a ponto de estourar. Meus banhos duram segundos, e, mesmo assim, só quando minha mãe me coloca fisicamente debaixo do chuveiro e promete gritar se ele mover um músculo. Mas ele ainda não se moveu. Todos os dias, o médico e o cirurgião dizem que agora é um jogo de espera. Ele está forte e saudável, então as chances de sair dessa logo são as melhores possíveis, mas não estou vendo sinais de melhora desde que passou a respirar por si mesmo.

Não se passa uma hora sem que eu implore para ele acordar. Não se passa um minuto sem que eu beije uma parte de seu corpo, na esperança de que a sensação dos meus lábios em sua pele possa causar alguma reação. Nada ainda. A cada dia, as batidas do meu coração diminuem, meus olhos ardem mais e meu ventre cresce. A cada vez em que roubo um milésimo de segundo para olhar para mim mesma, lembro-me de que meus bebês podem jamais conhecer o pai, e essa injustiça é cruel demais para aceitar.

– Acorde! – exijo em voz baixa, com lágrimas começando a rolar novamente. – Homem teimoso! – ouço a porta se abrir e me viro, dando de cara com a minha mãe, a quem vejo através da visão turva. – Por que ele não acorda, mãe?

Ela está ao meu lado em um segundo, tentando me abraçar mesmo com a minha recusa em me mover.

– Ele está se curando, querida. Ele precisa se curar.

– Já faz tempo demais. Preciso que ele acorde. Estou morrendo de saudade. – meus ombros sacodem mais uma vez e minha cabeça desaba sobre a cama, em desalento.

– Oh, Ava – minha mãe também está desolada, sentindo-se inútil e impotente, mas sou incapaz de colaborar para que fique feliz estando eu mesma tão triste. – Ava, querida, você precisa comer – ela diz, suave, encorajando-me a levantar da cama. – Venha comigo.

– Não tenho fome – insisto, desafiadora.

– Estou fazendo uma lista de desobediências e vou contar a Jesse cada uma delas quando ele acordar – ela ameaça, mas sua voz também falha quando me oferece uma salada leve em uma embalagem descartável.

Sei que não adianta tentar recusar, mas a ideia tola de que comer vai satisfazê-lo é a única razão para eu abrir a embalagem e espetar os tomates-cereja com o garfo.

– Beatrice e Henry acabaram de chegar, querida – a voz de mamãe está carregada de cautela, mas já superei minhas diferenças com os pais de Jesse. Dentro de mim, não há espaço para outro sentimento que não seja pesar. – Eles podem entrar?

Quero recusar, mesmo sabendo que é um gesto egoísta. Eu o quero só para mim, mas não houve como evitar que os jornais publicassem a notícia do esfaqueamento por toda Londres. As notícias correram, mesmo para o restante da Europa. E dois dias depois de Jesse ter sido internado, eles chegaram: a mãe e a irmã em péssimo estado emocional, e o pai, apenas em silêncio, acompanhando tudo. Foi possível detectar o arrependimento em seu rosto inexpressivo, que é assustadoramente parecido com o de Jesse. Ouvi todas as explicações, mas ainda não as assimilei. No tempo infinito e quieto que tive aqui sentada e sem nada para fazer a não ser chorar e pensar, cheguei à minha própria conclusão, que é bastante simples: o sentimento de culpa de Jesse por tantos acontecimentos trágicos afastou seus pais. Eles podem ter sido o fator determinante, com seu jeito autoritário e suas exigências para que cooperasse, mas com um pouco de bom senso, e conhecendo meu homem temperamental, além de todo o resto, agora eu sei que foi a teimosia dele que causou a ruptura. Ele deve ter pensado que, distanciando-se de todos os que o faziam lembrar-se de suas perdas, estaria aliviando a culpa. Uma culpa que jamais deveria ter sentido. Ele não se deu a chance de se cercar das pessoas que o amam e que poderiam tê-lo ajudado. Esperou por mim para fazer isso, e talvez tenha sido tarde demais, porque agora ele está ali, deitado, sem vida... vegetando. E ainda que seja a morte para mim pensar na vida sem ele, que é a vida que eu talvez tenha de enfrentar daqui para a frente, preferiria mil vezes não o ter conhecido e que, agora, ele estivesse bem. Um pensamento estúpido, sei disso, mas minha mente esgotada não encontra sentido em nada desde que entrei aqui. Minha cabeça só dói, o nó na garganta não se desfaz e meu rosto arde com lágrimas secas. Estou um trapo, e vou continuar assim pelo resto de minha vida se ele nunca mais abrir os olhos.

– Ava? – a voz de minha mãe e um carinho no ombro me trazem de volta ao quarto que já me é tão familiar.

– Só por alguns minutos – concordo, desistindo da salada e empurrando-a para longe. Elizabeth não discute comigo nem tenta negociar mais tempo para eles. Ela já sabe que é assim: de vez em quando, eu permito que entrem por uns cinco minutos, mas sempre comigo no quarto.

– Está bem, querida – ela sai, e os familiares de Jesse entram em seguida, em silêncio. Nem tomo conhecimento deles. Mantenho meus olhos em Jesse e a boca bem fechada, enquanto

rodeiam a cama. A mãe começa a chorar e minha visão periférica registra Amalie confortando-a, enquanto o pai enxuga o rosto. Três pares de olhos, todos verdes, marejados e pesarosos encarando meu marido inerte.

– Como ele tem passado? – Henry pergunta, dando a volta na cama.

– Igual – respondo, afastando uma mecha de cabelos loiros da testa dele, para o caso de estar fazendo cócegas e atrapalhando seu sono.

– E quanto a você, Ava? Precisa se cuidar – ele fala com suavidade, mas sério.

– Estou bem.

– Você iria conosco comer alguma coisa? – ele pergunta. – Não muito longe, no restaurante do hospital.

– Não vou sair do lado dele – afirmo, pela milionésima vez. Todos já tentaram e todos falharam. – Ele pode acordar enquanto eu não estiver aqui.

– Entendo – ele me acalma. – Então, podemos trazer algo para você?

Ele deve ter visto a salada, mas está tentando qualquer coisa, e sua preocupação é verdadeira; porém, dispensável.

– Não, obrigada.

– Ava, por favor – Amalie insiste, mas ignora seu pedido e balanço a cabeça, fincando pé. Jesse teria me forçado a comer, e eu adoraria que o fizesse agora.

Ouçoo um suspiro coletivo e então a porta se abre e a enfermeira do turno da noite entra, puxando o carrinho que já conheço bem, munida de medidor de pressão, termômetro e uma infinidade de outros equipamentos para verificar o estado dele.

– Boa noite – ela dá um sorriso caloroso. – Como está esse belo espécime de homem hoje? – ela diz exatamente a mesma coisa todo dia, ao início de sua visita.

– Ainda está dormindo – digo a ela, mudando ligeiramente de posição para liberar o acesso ao braço de Jesse.

– Vamos ver o que está acontecendo – ela pega o braço dele e passa o garrote no seu bíceps, antes de apertar alguns botões e o aparelho começa a inflar automaticamente. Enquanto o equipamento faz seu trabalho, ela verifica a temperatura e depois imprime um laudo do monitor cardíaco e anota todos os dados. – Na mesma. Você tem um homem forte e determinado, minha cara.

– Eu sei – concordo, rezando por sua melhora contínua. Ele não está melhor, mas também não está pior, e é nisso que preciso me agarrar. É tudo o que tenho. A enfermeira injeta medicação no acesso em seu braço, antes de trocar a bolsa do cateter e do intravenoso, pegando suas coisas em seguida e saindo do quarto sem mais nenhuma palavra.

– Vamos deixá-los em paz – Henry avisa. – Você tem o meu número.

Confirmo com a cabeça e deixo que tentem me confortar com abraços e depois acompanho cada um deles beijar o rosto de Jesse, sua mãe por último e derramando lágrimas no rosto dele.

– Eu te amo, filho – ela murmura, quase como se não quisesse que eu ouvisse, como que achando que eu a condenaria por tamanha ousadia. Eu jamais faria isso. A angústia deles é o bastante para aceitá-los aqui. O objetivo de minha missão é refazer a vida de Jesse, como deve ser, e farei qualquer coisa, mas não sei se ele estará presente para aceitar e aproveitar.

Mais lágrimas caem.

Levanto a cabeça e os vejo deixar o quarto, abrindo caminho para Kate, Sam, Drew e John.

Cumprimentos breves são trocados e não consigo evitar um suspiro cansado por ver a chegada de mais gente. Sei que estão preocupados comigo e com Jesse, mas o esforço de responder a perguntas requer forças que eu não tenho.

– Você está bem, garota? – John pergunta e eu respondo balançando a cabeça, embora claramente não esteja, mas é mais fácil deixar a cabeça fazer o movimento para baixo e para cima do que a balançar para os lados.

Olho para ele e esboço um sorriso, notando que o curativo que tinha na cabeça foi removido. Ele se culpou por dias, mas o que podia fazer se Casey, o amante de Ruth Quinn, o atraiu para o *hall* do prédio com um motivo falso e o nocauteou com um golpe de barra de ferro na cabeça, quando ele saía do elevador?

– Não vou ficar – John prossegue. – Só vim te contar que eles foram a julgamento hoje e foram condenados.

Eu devia ficar satisfeita, mas não encontro energia nem mesmo para isso. Já respondi a perguntas infundáveis da polícia, e Steve tem sido uma mão na roda, mantendo-me informada de suas descobertas. É tudo bem simples: Ruth, ou Lauren, é a psicótica ex-esposa de Jesse, e Casey é o amante dedicado, que, para agradá-la, fez exatamente o que ela pediu.

– Está bem – levanto a cabeça e vejo quatro pares de olhos, todos cheios de compaixão. Estou cansada de ver isso. – Não quero ser rude, mas simplesmente não tenho for... – minha voz some e eu esfrego os olhos de novo.

– Ava, vá para casa, tome um banho e durma um pouco – Kate puxa uma cadeira para o meu lado e abraça meus ombros trêmulos. – Nós ficaremos aqui. Se ele acordar, eu ligo imediatamente para você. Prometo.

Digo que não com a cabeça. Gostaria que eles desistissem. Não vou a parte alguma sem que Jesse venha comigo.

– Vamos, Ava, eu levo você – Drew se oferece, dando um passo à frente.

– Está vendo? – Sam entra no time da persuasão. – Nós ficamos aqui e Drew pode levar você para casa por um tempo.

– Não! – desvencilho-me de Kate. – Não vou sair daqui, porra! Podem parar! – encaro Jesse, esperando pela bronca, mas nada acontece. – Acorde!

– Está bem – Kate diz, com gentileza. – Nós vamos parar, mas então coma, Ava... por favor...

– Kate, eu já comi um pouco de salada – dou suspiro de cansaço, tentando ao máximo não perder a cabeça.

– Ótimo – ela se levanta, claramente frustrada e volta para perto dos outros. – Não sei mais o que fazer – ela se perde no abraço de Sam, que os abre para confortá-la. Drew olha para mim com tristeza, e lembro-me de que ele também deve estar passando por um momento delicado, tendo de lidar com uma mulher que o usou para tentar prender o meu marido. Ouvi uma palavra ou outra de Kate, quando ela tentava me distrair com conversas, mas não sei da história toda. Sei que Drew se comprometeu com a situação. Não com Coral, apenas com o bebê. Uma bela atitude, dada a forma como ela o enganou.

– Nós vamos embora – John avisa, virando-se para os outros e praticamente empurrando-os para fora do quarto. Fico muito agradecida, e consigo ser cortês o bastante para me despedir deles, antes de voltar toda a minha atenção para Jesse.

Encosto a cabeça na cama e luto contra o peso dos meus olhos por um bom tempo, até que minha teimosia perde para o sono e eles começam a se fechar, levando-me para um lugar onde me recuso a fazer tudo o que ele pede só para vê-lo tendo de recorrer às suas táticas. E ele me toca nesse momento. Sua mão acaricia meus cabelos despenteados, mas, em meu sonho, eu estou perfeitamente bem: descansada, corada e vestida com uma roupa que não é uma calça de agasalho e a camiseta usada dele que eu pedi para minha mãe pegar no cesto de roupa para lavar e que não tiro do corpo desde que vim para cá.

Estou no meu porto seguro, revivendo cada momento com o meu homem, todas as risadas, a paixão e as frustrações. Cada segundo, cada passo que demos juntos e cada vez que nossos lábios se encontraram. Não deixo passar nenhum momento: aquele homem alto e magro se levantando de sua escrivaninha no dia em que o conheci, sua beleza aumentando a cada passo que dava na minha direção, até que seu perfume me invadiu quando se aproximou e me beijou. E seu toque poderoso que acendeu os sentimentos mais incríveis em mim. O sonho é vívido, claro e divino. No momento em que pisei naquele escritório, estava destinada a passar a vida ao lado deste homem.

– Minha menina bonita está sonhando...

Não reconheço a sua voz, mas as palavras são dele; então, sei que é ele. Quero responder, aproveitar a oportunidade para lhe dizer tantas coisas, mas meu desespero não me ajuda a encontrar minha voz. Contento-me com o eco de suas palavras e seu toque contínuo, e ele agora acaricia meu rosto.

Um bip agudo me arranca do meu soninho feliz e minha cabeça se vira, esperançosa, mas me deparo com seus olhos ainda fechados e suas mãos onde as deixei: uma na minha e a outra pousada sobre a cama, imóvel. Estou desorientada e perturbada com o ruído estridente, mas logo noto que é o equipamento intravenoso, sinalizando que o soro terminou. Levanto-me e estendo o braço para chamar a enfermeira, mas dou um salto quando ouço um gemido abafado. Não sei por que tenho essa reação, já que é um som grave e baixinho, de maneira nenhuma assustador, mas meu coração está a mil, de qualquer forma. Observo o rosto dele com atenção, pensando que imaginei coisas, mas então seus olhos se movem sob as pálpebras fechadas e meu coração se acelera mais ainda. Quero me beliscar para garantir que não estou dormindo, e acho que me belisco mesmo, porque sinto uma pontada de dor que ultrapassa o torpor da minha tristeza.

– Jesse? – sussurro, soltando a mão dele e levando-a ao seu ombro para sacudi-lo um pouquinho, coisa que sei que não deveria fazer. Ele geme outra vez e move as pernas sob o lençol de algodão. Ele está despertando. – Jesse? – eu deveria estar chamando a enfermeira, mas não estou. Deveria estar tentando silenciar esta máquina, mas não estou. Deveria estar falando baixo, mas não estou. – Jesse! – eu o balanço um pouco mais.

– Quanto barulho – ele reclama, sua voz fraca e seca, seus olhos indo de fechados e sossegados para fechados e bem apertados.

Estico-me sobre ele e aperto o botão, silenciando a máquina.

– Jesse?

– O que é? – ele resmunga, irritado, levando a mão à cabeça. Todas as emoções de medo e luto que eu vinha sentindo deixam meu corpo e uma luz me envolve. Uma luz brilhante. Uma luz de esperança.

– Abra os olhos – eu exijo.

– Não, dói demais.

– Oh, meu Deus – meu alívio é imensurável, quase doloroso, e corre pelo meu corpo esgotado como um raio, trazendo-me de volta à vida. – Tente, Jesse – eu preciso ver os olhos dele.

Ele geme mais um pouco e posso ver que se esforça para obedecer minha ordem idiota. Não dou o braço a torcer, e por isso não lhe peço que pare. Preciso ver os olhos dele.

E ali estão eles!

Não tão verdes ou inebriantes, mas vivos. E estão estreitos, ajustando-se à luz sutil do quarto.

– Puta merda!

Nunca me senti tão feliz por ouvir essas duas palavras. Pronto! É o Jesse que conheço. Mergulho nele, estúpida que sou, beijando seu rosto barbado e parando apenas quando ele dá um gemido de dor.

– Desculpe! – digo rápido, afastando-me e causando ainda mais desconforto.

– Porra, Ava! – ele contorce o rosto, fechando os olhos outra vez.

– Abra os olhos!

Ele os abre e eu fico mais do que contente por ouvir sua bronca.

– Então pare de me machucar, mulher!

Acho que nunca estive tão feliz. Ele parece terrível, mas eu o aceito de qualquer jeito. Não me importo. Pode manter a barba enorme, pode me xingar a cada segundo do dia, pode fazer o que quiser.

– Achei que tinha perdido você – choro copiosamente mais uma vez, enquanto uma sobrecarga de alívio invade o meu corpo e esconde o rosto devastado nas mãos.

– Ava, por favor, não chore quando eu não posso fazer nada para ajudar – ouço-o tentando se mexer e depois uma sequência de palavras. – Cacete!

– Pare de se mexer! – brigo com ele, enxugando o rosto, antes de segurá-lo pelos ombros.

Jesse não oferece resistência. Apenas relaxa no travesseiro com um suspiro exausto, antes de levantar o braço, concentrar-se na agulha pendurada e olhar confuso para todo o equipamento que o cerca. Vejo o momento em que seu rosto mostra a compreensão dos fatos. Ele levanta a cabeça, com os olhos arregalados e assustados.

– Ela machucou você? – ele dispara, tentando se sentar, deixando escapar vários ruídos de dor. – E os bebês?

– Nós estamos bem – eu o tranquilizo, forçando-o a se deitar novamente. É difícil. O súbito entendimento injetou força nele. – Jesse, nós estamos bem. Deite-se.

– Vocês estão bem? – ele levanta a mão e tateia o ar até encontrar o meu rosto. – Por favor, diga-me que vocês estão bem.

– Eu estou bem.

– E os bebês?

– Já fiz dois exames – ponho a mão sobre a dele e o deixo me tocar; isso e as minhas palavras fazem que ele relaxe totalmente. Seus olhos se fecham e tenho vontade de abri-los de novo, mas sei que devo deixá-lo descansar. – Vou chamar a enfermeira.

– Não, por favor. Deixe-me acordar direito antes de começarem a me cutucar – a mão dele vai da minha face para a minha nuca, com uma ligeira pressão, pedindo-me silenciosamente para chegar mais perto.

– Não quero te machucar – protesto, tentando me afastar, mas seu rosto se contrai e ele aumenta a pressão. – Jesse.

– Contato. Faça o que eu mando! – ele esbraveja, meio zozinho. Mesmo agora, sentindo dor, ele é impossível.

– Está sentindo muita dor? – pergunto, inclinando-me com cuidado para ficar grudada nele.

– Agonizando.

– Preciso chamar a enfermeira.

– Daqui a pouco. Eu estou confortável.

– Não está não! – quase dou risada, deitando-me ao lado dele, mas tomando cuidado com seu ferimento. Estou em uma posição péssima, mas ele está feliz, então eu o deixo estar. Vou lhe dar cinco minutos antes de chamar a enfermeira, e não há nada que ele possa fazer para me impedir. Literalmente, dessa vez.

– Fico feliz que ainda esteja aqui – ele murmura, usando uma quantidade considerável de energia para virar o rosto para mim e me beijar. – Eu teria desistido se não ouvisse a sua voz me desafiando o tempo todo.

– Você podia me ouvir?

– Sim. Era estranho e muito ruim não poder responder. Você nunca vai fazer o que te mandam? – não há humor na voz dele, o que me faz sorrir.

– Não.

– Achei mesmo que não – ele suspira. – Eu tenho explicações a te dar.

Essas poucas palavras me deixam tensa.

– Não, não tem – retruco, tentando me afastar dele para chamar a enfermeira, mas ele não me deixa ir longe.

– Droga! – ele dispara. – Caramba! – ele tenta lutar contra mim, homem estúpido, mas sou eu quem cede, mais preocupada com ele do que ele próprio. – Fique quieta e ouça – ele ordena, brusco. – Você não vai a lugar nenhum até eu te contar sobre Rosie.

O nome não deveria significar nada para mim, mas significa: uma dor insuportável e anos de autoflagelação. Ele deveria ter me contado isso há muito tempo, o que explicaria muito de seu comportamento neurótico.

– Lauren é filha de amigos próximos de meus pais – ele começa e eu me preparo para ouvir a história toda e não apenas a parte que gostaria, sobre a filha dele, mas também a parte da psicopata que quase o tirou de mim. – Você pode imaginar o tipo: bem-nascida, rica e altamente respeitada na comunidade esnobe que éramos forçados a tolerar. Nós transamos uma vez e ela engravidou. Nós tínhamos dezessete anos, éramos jovens e tolos. Pode imaginar o escândalo? Eu tinha passado dos limites dessa vez – ele se mexe, se encolhe e xinga um pouco mais.

Sim, posso imaginar, e ele não precisa me dizer mais nada, mas fico em silêncio e o deixo descarregar anos de tormento.

– As duas famílias se reuniram rapidamente e o pai dela exigiu que eu me casasse com ela antes que o boato se espalhasse e arruinasse nossa reputação. Não fazia muito tempo que Jake tinha morrido, e eu concordei, esperando que minha obediência ajudasse a consertar um pouco as coisas com meus pais.

Fecho os olhos bem apertados e o abraço com um pouco mais de força, lembrando-me de nossa visita aos meus pais e da reação dele quando minha mãe insinuou que tinha se casado

comigo por obrigação.

– Um casamento arranjado? – pergunto.

– Sim, mas o esforço concentrado das duas famílias convenceu a comunidade toda de que estávamos perdidamente apaixonados.

– Ela estava – eu sussurro, ciente do caminho que a história tomará.

– Mas eu não – ele confirma, em voz baixa. – Nós nos casamos e eu me mudei para a casa de campo dos pais dela em um mês. Todos estavam felizes, menos eu. – Seus dedos acariciam meus cabelos e ele respira fundo, com uma expressão de dor, antes de prosseguir. – Carmichael me ofereceu uma fuga, e finalmente tomei coragem de encerrar a farsa diabólica, mas quando Rosie chegou, fiquei determinado a ser um bom pai. Aquela menininha era a única pessoa no mundo que me amava por quem eu era, sem expectativas ou cobranças, ela apenas me aceitava em sua inocência. Não importava que fosse um bebê.

Tudo isso me enche de orgulho, mas essa história não tem um final feliz. E essa parte me destrói.

– Ela era mesmo a filhinha do papai – ele conta, com carinho. – Eu poderia ser todo errado, mas sabia que, aos olhos dela, jamais seria, e isso me fez reavaliar o estilo de vida que eu tinha abraçado enquanto Lauren estava grávida. Carmichael conseguiu o melhor advogado para tentar me garantir a guarda total de Rosie, porque sabia que ela era a minha redenção, mas a família de Lauren desenterrou cada mínimo segredo sujo: de Jake ao Solar, do meu estilo de vida diferente ao fato de eu ter abandonado Lauren depois que Rosie nasceu. Eu não tinha a menor chance.

– Nessa época seus pais já haviam se mudado para a Espanha? – pergunto.

Ele dá um gemido ao tentar se mover e ri baixinho.

– Sim, eles fugiram da vergonha que eu trouxe para a família.

– Na verdade, te abandonaram – sussurro.

– Não... Eles queriam que eu fosse com eles. Mamãe implorou, mas eu não podia deixar Rosie com aquela família; ela seria tratada como uma bastarda, embora tivesse a mim. Não era uma opção.

– Então, o que aconteceu?

– Rosie tinha três anos e eu cometi o pior erro da minha vida – ele faz uma pausa e sei que está mordendo o lábio: – fiz sexo com Sarah – ele diz, em um fio de voz.

– Sarah? – estou com o rosto totalmente franzido, enterrado no pescoço dele. O que Sarah tem a ver com tudo isso?

– Carmichael e Sarah estavam juntos.

– Estavam? – separo-me dele com cuidado, mas desta vez ele permite. Ele morde aquele lábio inferior e prende a respiração. – Sarah e Carmichael? Mas eu pensei que ele fosse um *playboy*.

– E era um *playboy*... com uma namorada – ele se encolhe e respira fundo – ... e uma filha.

– O quê? – estou sentada agora. – Continue – pressiono ao perceber que a história não está tomando o rumo que eu imaginava.

Ele respira fundo mais uma vez, longa e dolorosamente. Eu devia pedir-lhe que parasse e descansasse, mas não o faço.

– Carmichael nos pegou juntos. Ele perdeu a cabeça, pegou as meninas e foi embora.

Meu Deus.

- Que meninas? – pergunta idiota, pois eu sei quem são as meninas.
- Rosie e Rebecca.
- A sua Rosie e a Rebecca deles – sussurro, confirmando que entendi. – O acidente com o carro?

Ele confirma com um aceno mínimo de cabeça e fecha bem os olhos.

- Eu não matei apenas meu tio e minha filha. Matei também a garotinha de Sarah.
- Não – eu balanço a cabeça –, isso não pode ser culpa sua.
- Acho que você vai concluir que minhas decisões imbecis foram a causa de tudo, Ava. Eu cometi muitos erros, em muitos níveis, e já paguei por eles, mas não posso pagar mais agora que tenho você. E se eu tomar outra decisão ruim? E se eu estragar tudo outra vez? E se eu ainda tiver o que pagar?

Seu pedido por complacência é claro como água. Como um cristal. Ele vive aterrorizado, mas é muito pior do que eu imaginava. Ele se culpa por tudo, e talvez seus descuidos tenham um papel menor nisso tudo, mas, em última instância, ele não é o responsável. Ele não estava dirigindo o carro que atropelou Jake. Ele não estava ao volante do carro com as meninas. Ele não queria se casar e, definitivamente, queria ser um bom pai. Há muitos “se” e “mas” nessa história. E Sarah? Isso me deixou pasma. Ela tinha uma filha com Carmichael, mas se apaixonou pelo sobrinho do namorado? É tudo muito complicado. A relação bizarra de Jesse e Sarah ficou absolutamente clara: ele se sente em dívida com ela, que tendo perdido a filha e o namorado, sente que não tem nada. E tanto um quanto outro encontraram refúgio no Solar. Duas almas torturadas que se afogaram em sexo, chicotes e álcool, mas nunca um no outro, e essa última opção por escolha de Jesse, não de Sarah.

- Você já pagou por tudo isso – meus olhos baixam para o abdômen dele. Ele já pagou física e mentalmente, e foi isso o que tornou meu marido um controlador neurótico, agora que tem alguém com quem se preocupar novamente.

Eu.

- Quando foi que ela te feriu antes? – pergunto, precisando apenas dessa última peça para terminar o quebra-cabeça colossal e guardá-lo.

– Depois que Rosie morreu, ela tentou com afinco me fazer ver que precisávamos um do outro. Ela sempre foi um pouco instável, mas quando eu não cedia aos seus avanços, ela começava a se comportar de maneira imprevisível. Estamos falando do tipo de mulher que cozinha o coelho da filha do seu amante, no melhor estilo Alex do filme *Atração Fatal* – ele sorri para mim, como se sugerisse que eu tive sorte por não ter encontrado nenhum coelho no armário da cozinha. Não consigo retribuir o sorriso. Ela tentou matá-lo duas vezes. Isso não é nem um pouco engraçado.

- Ela engravidou de propósito?

– Provavelmente.

- E te esfaqueou?

– Sim.

- Ela foi presa por isso?

– Não.

- Por quê?

Ele suspira de novo.

– A família dela obteve ajuda profissional e a manteve afastada de mim em troca do meu silêncio.

– Mas olhe só o que ela fez com você – aponto para a cicatriz mais antiga. – Como você disfarçou isso?

– É bem superficial. Mas desta vez ela se esmerou e fez um trabalho melhor – ele olha para o próprio abdômen.

– Você nem sequer foi para o hospital, não é? – estou horrorizada. É uma cicatriz bem feia e está longe de ser superficial. – Quem fez a sutura?

– O pai dela... Ele era médico.

– Oh, meu Deus! – eu me solto na cadeira. – E onde estavam os seus pais enquanto tudo isso acontecia? – estou quase histérica... Deus pai, onde é que isso termina?

– Eles já tinham voltado para a Espanha.

– Jesse... – fecho a boca de repente, tentando pensar bem no que vou falar, antes de dizer qualquer bobagem. Como sempre, nada me ocorre. Este homem me deixa sem fala. – Sua mãe, na Espanha... – penso bem. – Uma segunda chance... – Então ela não estava se referindo a Jake, mas à filha que Jesse perdeu, e estava dizendo que ele teria mais uma chance de ser um bom pai.

– Agora você realmente sabe de tudo – sua voz seca ainda soa estranha e seus olhos buscam os meus, mas não chegam a se fixar onde sabem que vão encontrá-los. – Você vai me abandonar?

Se meu coração se partia por ele antes, agora está em pedaços. Aquela pergunta simples e plausível, e o tom incerto com que a profere, me faz querer chorar novamente.

– Olhe para mim – eu ordeno, firme, e ele obedece, com uma tristeza profunda nos olhos. Isso me dilacera, e as lágrimas correm, livres. Ele também chora. Sei que sou a sua salvadora. Sou a chave para a sua redenção. Sou o seu anjo. – Inseparáveis – eu digo e choro, tomada de tristeza por Jesse.

Duas semanas de vazio foram inundadas pela felicidade, mas logo substituídas pela tristeza.

Ele suspira, mas eu não sei se é de dor ou de alívio.

– Me abraça – ele implora, erguendo um braço pesado na minha direção. A falta de contato vai matá-lo, especialmente nesse momento em que depende de mim para alimentar sua necessidade.

Subo na cama com cuidado e me ajeito entre os tubos e curativos. Ele me puxa para mais perto.

– Jesse, tome cuidado.

– Dói mais se eu não te tocar.

A ponta do dedo dele toca o meu queixo e ele levanta o meu rosto até o dele. Estendo a mão para enxugar uma lágrima, antes de passá-la por seu rosto barbado.

– Eu amo você – digo baixinho, beijando-o com carinho.

– Fico feliz.

– Não diga isso – recuo e olho para ele, desapontada. – Não quero que diga isso.

– Mas eu fico mesmo feliz – ele diz, claramente confuso.

– Isso não é o que você diz normalmente – eu sussurro, puxando seus cabelos, agora bem compridos, em advertência.

Minha selvageria faz os cantos da minha boca se curvarem em um sorriso.

– Diga que me ama – ele exige, provavelmente usando energia demais para tentar soar severo.

– Eu amo você – obedeço imediatamente, e ele abre um sorriso deslumbrante, aquele reservado apenas para mim. É a visão mais incrível, ainda que haja lágrimas nos olhos dele e que esteja um pouco pálido.

– Eu sei – ele me beija, doce, e depois geme, perdendo o ritmo, e então espera a dor diminuir para me beijar outra vez.

– Vou chamar a enfermeira agora – digo-lhe, determinada. – Você precisa de analgésicos.

– Eu preciso de você – ele grunhe. – Você é a minha cura.

Relutante, afasto-me dos lábios dele e seguro seu rosto com as duas mãos.

– Então, por que está aí gemendo de dor?

– Porque dói pra caramba – ele admite.

Dou-lhe mais um beijo e me afasto, antes de arrumar os lençóis na cintura dele. Ao mesmo tempo que é horrível vê-lo tão fraco e dependente, a ideia de cuidar dele e ajudá-lo a voltar a ter saúde é algo que me agrada. Vou poder cuidar dele, e não há nada que ele possa fazer quanto a isso.

– Do que está rindo? – ele pergunta, erguendo os braços para me deixar arrumar o lençol.

– Nada... – finalmente aperto o botão para chamar a enfermeira.

– Você está adorando isso, não está?

Paro de afogar seu travesseiro e abro um sorriso ainda mais largo quando vejo a careta que ele faz. Ele é um homem grande e poderoso, que foi reduzido a uma alma fraca e ferida. Isso vai ser difícil para ele.

– Eu tenho o poder.

– Não se acostume – ele rosna, no momento em que a porta se abre e a enfermeira entra.

– Oh! Meu Deus! – ela corre até ele e começa a verificar as máquinas rapidamente, mexendo nele e tomando o seu pulso. – Bem-vindo de volta, Jesse – ela diz, mas ele apenas grunhe mais um pouco e fica olhando para o teto. Ele vai detestar isso. – Está se sentindo grogue?

– Uma merda – ele confirma. – Quando posso ir para casa?

Reviro os olhos e a enfermeira ri.

– Não adianta ter pressa. Olhos, por favor – ela pega a lanterna de bolso e espera o meu senhor ranzinza olhar para ela. Quando ele o faz, ela tem um momento de êxtase antes de retomar suas funções. – Sua esposa já havia me contado sobre esses olhos – ela pondera, examinando um e depois o outro. – São mesmo impressionantes.

Dou um sorriso orgulhoso e fico na ponta dos pés para vê-lo atrás dela, e o encontro sorrindo de orelha a orelha.

– Foi só isso que ela disse? – ele pergunta, atrevido.

A moça simpática ergue uma sobrancelha.

– Não, ela também me falou sobre esse sorriso. Banho na cama? Ele se encolhe, com uma careta, e dou risada.

– Não, eu posso ir até o chuveiro – ele dispara, olhando-me atônito.

– Nada disso, meu rapaz. Não até o médico examiná-lo e remover o catéter – ela o está pondo em seu devido lugar.

O horror dele só aumenta, e a enfermeira levanta o campo do catéter para mostrar-lhe o

obstáculo. A vergonha extrema que se estampa em seu rosto bonito e barbado é uma visão divertida.

– Oh, pelo amor de Deus – ele murmura, deixando a cabeça cair no travesseiro e fechando os olhos para esconder o constrangimento.

– Vou chamar o doutor – ela dá uma risadinha e sai do quarto, deixando-me com meu pobre marido dependente.

– Tire-me daqui, Ava – ele implora.

– De jeito nenhum, Ward – sirvo água em um copo, coloco um canudo e aproximo dos seus lábios secos: – beba.

– É engarrafada? – ele pergunta, olhando para a jarra ao lado da cama.

– Duvido. Mas deixe de ser esnobe e beba.

Ele atende a minha exigência e sorve um pouco de água pelo canudo.

– Não deixe a enfermeira me dar banho aqui.

– Por que não? – pergunto, colocando o copo de lado. – É o trabalho dela, Jesse, e ela vem fazendo isso perfeitamente bem nas duas últimas semanas.

– Duas semanas? – ele quase engasga. – Eu dormi por duas semanas?

– Sim, mas pareceram duzentos anos – eu me sento na beirada da cama e pego a mão dele, girando sua aliança, pensativa. – Nunca mais reclame por ter tido um longo dia.

– Está bem – ele concorda. – Ela não tem me lavado com uma esponja, tem?

Eu dou um sorriso.

– Não, quem tem feito isso sou eu.

Fico impressionada com a forma como os olhos dele brilham e ele faz um biquinho, divertido. Como pode pensar numa coisa dessas?

– Então, enquanto eu estava nu e inconsciente, você ficava... me bolinando?

– Não, eu só te dava banho.

– Mas nem mesmo me tocou com vontade?

– Claro – seguro a cabeça dele e encaro bem de perto o seu rosto convencido. – Eu precisava levantar o seu pênis inerte para chegar às suas bolas murchas – não consigo segurar o riso, especialmente quando ele arregala os olhos e depois os estreita. Este é um homem orgulhoso de seu corpo e de suas habilidades sexuais. Eu não deveria brincar assim com ele.

– Estou no inferno – ele resmunga. – O inferno na Terra. Traga-me o médico. Eu vou para casa.

– Você não vai a lugar nenhum – eu o beijo e deixo que ele fique ali, de cara fechada e resmungando na cama, enquanto corro para o banheiro. É a primeira vez em semanas, talvez na minha vida toda, que cumpro essa necessidade tão banal com um sorriso enorme no rosto. Meu coração bate forte no meu peito. Nossos bebês devem estar com dor de cabeça.

Quando volto para o quarto, o médico está examinando Jesse. Fico ao lado dele, ouvindo as perguntas e as respostas lacônicas que trocam. Faço notas mentais e observo atentamente a enfermeira que o acompanha refazer o curativo e remover os drenos. Ele parece feliz com o processo de cicatrização e encantado com o estado alerta de Jesse, mas não se anima muito em pedir a remoção do cateter; nem mesmo uma discussão acalorada com Jesse o convence a fazê-lo.

– Talvez amanhã – ele tenta acalmar Jesse. – Vamos ver se você consegue caminhar um

pouco amanhã. Você acabou de acordar, Jesse.

– E quanto a isso aqui? – Jesse aponta o acesso em seu braço, mas o médico balança a cabeça e Jesse geme de desgosto.

Depois de terminar suas observações, o médico vai embora e eu me sento na cadeira.

– Quanto mais você cooperar, mais rápido será liberado.

– Você parece cansada – ele diz, mudando de assunto e mostrando sua preocupação comigo. – Você está comendo?

– Sim – meus dedos traiçoeiros se enfiam nos meus cabelos despenteados, entregando-me na hora.

– Ava – ele geme –, vá comer alguma coisa.

– Minha mãe me trouxe salada. Não estou com fome.

Seus olhos se arregalam novamente à menção de minha mãe. Já sei o que vou ouvir.

– O que você contou a eles?

– Tudo – admito. Contei-lhes tudo, com lágrimas nos olhos e soluçando, enquanto minha mãe tentava me acalmar. Ela foi bem tolerante, mas foi bizarro. – Exceto seu sumiço de quatro dias.

Ele apenas balança a cabeça, pensando, quase aceitando a ideia. Ele deve saber que jamais conseguiria evitar.

– Está bem – ele diz, em voz baixa. – Vá comer alguma coisa.

– Eu não estou com fo...

– Não me faça pedir de novo, mocinha – ele esbraveja –, ou eu te levo àquele maldito restaurante pessoalmente e enfio comida na sua boca, com ou sem saco de urina!

Tomo a sábia decisão de não discutir mais. Não estou mesmo com fome, mas sei que ele é capaz de fazer o que disse, então levanto meu corpo cansado da cadeira e pego as vinte libras que meu pai deixou ao lado da cama de Jesse.

– Vou trazer algo para você também.

– Eu não estou com fome – ele nem mesmo olha para mim de tão perdido em seus pensamentos. Está envergonhado, mas não deveria estar. Se eu não sinto vergonha, ele também não deveria sentir.

Disfarço o olhar perplexo ante sua resposta grosseira. Não vou brigar com ele, porque isso não vai levar a nada e só pode estressá-lo além da conta. Mas vou trazer algo para ele comer e, caso se recuse, vou forçar.

O mau humor dele e o meu estado contrariado não chegam nem perto de estragar a felicidade que dança dentro de mim. Sua arrogância e seu comportamento difícil são sinais de que tenho o meu Jesse de volta. Eu não queria que fosse de qualquer outra forma.

Capítulo 34



Volto, comendo uma barra de chocolate e arrastando os pés pelo corredor do hospital. Estou me sentindo muito melhor, mais viva e desperta, mas meu corpo não concorda com a minha mente. Ele precisa de descanso.

Virando a esquina que leva ao quarto de Jesse, paro assim que vejo Sarah na porta. Ela faz menção de segurar a maçaneta, mas desiste, e depois se vira, decidida a ir embora, mas fica paralisada assim que me vê. Eu não a vejo desde que Jesse veio para cá, e pensei que quisesse distância, mas vê-la agora, parada no corredor, me leva a crer que tem vindo aqui quase todos os dias. Sei que se a tivesse visto aqui antes talvez descontasse meu pesar sobre ela, mas não agora. Não depois de saber o que sei. Nunca a perdoarei pelo que fez, mas conhecendo a sua história, não seria humano de minha parte deixar de sentir compaixão. Ela perdeu um filho. É uma tragédia e ela vestiu uma máscara de durona para se proteger. Ela queria Jesse, e viu nisso uma razão para se unir a ele e confortarem o luto um do outro, enquanto ele a via como uma lembrança do que ele perdeu por causa da péssima decisão de fazer sexo com ela. Duas almas sofridas que usaram uma à outra de formas diferentes. Jesse, porém, encontrou a salvação em outro lugar, mas Sarah continua querendo que ele seja dela.

– Você está bem? – pergunto, sem saber o que mais dizer a ela. Minha pergunta a pega de surpresa. Ela parece prestes a chorar, mas está tentando se manter firme. Rapidamente, me dou conta de que ela não sabe que ele acordou. Tenho certeza de que John a mantém informada, mas ele também não sabe. – Ele acordou.

Ela fixa os olhos nos meus.

– E ele está bem?

– Vai ficar, se escutar o que o médico diz – mostro-lhe uma embalagem individual de manteiga de amendoim que encontrei no restaurante – e se concordar em comer alguma coisa.

Ela abre um sorriso nervoso.

– Espero que tenha trazido mais de um desses.

– Dez – levanto o braço, deixando a sacola de papel balançar. – Mas não é da marca que ele gosta, então ele provavelmente vai recusar.

Ela ri, mas logo para, claramente se autocensurando por ter rido, e, mais claramente ainda, por tê-lo feito comigo.

– Eu sei de tudo, Sarah – preciso que saiba que minha compaixão se deve apenas ao fato de que agora eu conheço a história dela. – Nunca vou esquecer o que você tentou fazer conosco, mas acho que entendo por que você fez o que fez.

Ela fica boquiaberta.

– Ele te contou?

– Sobre a sua menina, sobre a filha dele, sobre Carmichael... Contou do acidente e porque as meninas estavam com Carmichael.

– Oh – os olhos dela baixam para piso vinílico azul. – Essa história sempre foi só nossa...

Ela fala da história e da conexão que eu cortei. A mulher diante de mim sempre exalou confiança e arrogância e eu a despi até restar somente a verdade. Ela não é nada e sabe disso. Sinto pena dela. Sinto pena por ter tudo o que ela quer, e com o homem com quem ela gostaria de ter essas coisas. Ela tentou tirar a própria vida, mas isso nunca vai me fazer baixar a cabeça. Nada vai me fazer baixar a cabeça. Nem ex-amantes desprezadas, clubes de sexo de luxo, problemas com álcool, ex-mulheres psicopatas, o choque de uma filha perdida ou a tristeza de Sarah. Nem a loucura que cerca todas essas razões. Jesse me mostrou tudo isso e, ainda assim, não tenho planos de ir a parte alguma. Somos inseparáveis.

– Posso vê-lo? – ela pergunta, quase sem voz. – Vou entender se você não permitir.

Eu devia dizer não, mas a solidariedade me impede. Preciso encerrar essa página, e imagino que ela também precise.

– Claro, espero aqui – sento-me em uma cadeira no corredor e a vejo desaparecer para dentro do quarto.

Não preciso ouvir o que será dito. Faço uma boa ideia, de qualquer forma, então termino a minha barra de chocolate e meu corpo agradece a dose instantânea de açúcar.

– Ava?

Olho para cima e vejo a mãe e a irmã de Jesse vindo pelo corredor, apressadas.

– Oi! – digo, com a boca cheia de chocolate e levanto a mão para mostrar minha incapacidade de falar mais do que isso.

– A enfermeira disse que ele acordou. Jesse acordou – Beatrice olha para a porta e depois para mim.

Confirmo com a cabeça, mastigando mais depressa e engulindo para poder dar a informação de que ela precisa.

– Ele está bem. Ranzinza, mas bem.

– Oh, obrigada Jesus! – ela se vira e abraça Amalie. – Ele vai ficar bem.

Vejo Amalie sorrir para mim por cima do ombro da mãe.

– Ranzinza?

– Ou teimoso... tanto faz – dou de ombros, sorrindo, e seus olhos verdes brilham, compreensivos.

– O segundo, com certeza – ela confirma, abraçando a mãe, que continua aos prantos. – É bom ver você comendo.

Olho para a embalagem da barra de chocolate que acabei de devorar e dou um sorriso, pensando em como foi bom comer. Eu comeria outra facilmente.

– Onde está Henry? – pergunto.

– Estacionando o carro. Você se importa se nós o virmos? – Amalie indaga.

Sou invadida pela lembrança de que Jesse não sabe que eles estão aqui, e não tenho a menor ideia de como lidar com isso. Depois do nosso último encontro com os pais dele, eu deveria evitar submetê-lo a uma situação de potencial estresse, mas minha mente ardilosa pondera o fato de ele

não ter como escapar. Embora eu possa estar assumindo um grande risco, sei que será a minha única oportunidade de colocar todos juntos no mesmo recinto. Ele vai ter de escutar. E se não gostar do que for dito, paciência, mas eu vi a família dele sofrendo. Vi com clareza, mesmo em meio ao meu próprio pesar. Agora é hora de consertar o que está errado, não importa de quem seja a culpa. É o que espero, mas a decisão é dele e eu acatarei o que ele decidir.

– Eu ainda não tive a chance de contar a ele que vocês estão aqui – explico, quase pedindo desculpas. – Assim que ele acordou, os médicos vieram examiná-lo e agora uma amiga está lá dentro.

– Pode fazer isso? – Beatrice se afasta de Amalie e tira um lenço da manga do casaco. – Pode dizer que estamos aqui?

– Claro, mas...

– Não queremos que ele fique nervoso, por isso não insista – Amalie me interrompe.

– Mas você vai tentar – Beatrice segura as minhas mãos, suplicante. – Por favor, tente com carinho, por mim, Ava.

– Vou tentar – sinto a pressão, mas também o desespero que cada poro dessa mulher exala. Eu sou a chance que ela tem de se reconciliar com seu filho. Ela sabe disso, Amalie sabe disso e eu sei disso.

Todas nos viramos quando a porta do quarto de Jesse se abre e Sarah sai de lá. Ela chorou, e quando levanta a mão para limpar os olhos, a manga de sua jaqueta sobe e consigo ver um curativo em seu punho. Mas a reação da mãe de Jesse me distrai rapidamente.

Os olhos lacrimosos de Sarah se arregalam, em choque.

– Beatrice? – ela diz, fechando a porta.

– Que diabos você está fazendo aqui, sua vagabunda? – a mãe de Jesse a xinga, fria. Não é preciso mais uma palavra para ficar claro que Beatrice sabe sobre Sarah e o encontro de Jesse e os eventos que se seguiram, os eventos que lhe tiraram sua neta.

– Mamãe! – Amalie, grita, estarrecida.

Estou bestificada. Sarah também está, e então a porta do quarto se abre e Jesse aparece, perplexo. Vou até ele, notando que se cobriu até a cintura com o lençol e praticamente arrastou o cateter e o intravenoso. – Jesse, pelo amor de Deus!

– Mamãe? – ele parece muito confuso e um pouco instável.

O rosto de sua mãe, contraído de ódio, imediatamente se suaviza ao ver seu filho tão pálido.

– Oh, Jesse, que homem estúpido. Volte já para a cama!

Estou ainda mais atônita. Olho para ele e vejo a confusão em seu rosto embaçado. Depois me viro e vejo Beatrice lutando contra o instinto materno de colocá-lo na cama ela mesma. Não sei como agir. Ela nem sequer tem direito de exigir isso.

Esta é uma situação incrivelmente bizarra, mas enquanto acompanho Sarah sair de fininho e Beatrice e Amalie olharem para Jesse preocupadas, volto à ação.

– Dê-me cinco minutos, Beatrice – digo, empurrando Jesse para dentro do quarto e fechando a porta atrás de mim. – O que acha que está fazendo? Volte para a cama!

Ele abre a boca para gritar comigo, mas logo a fecha e começa a cambalear.

– Merda! – nunca vou conseguir segurá-lo. – Merda, merda, merda! – largo minha bolsa e o guio freneticamente para a cama, mas não consigo fazer mais do que o deixar desabar, como uma massa de músculos. – Você é um idiota, Ward – estou louca de raiva dele. – Por que não

pode fazer o que mandam? – ajeito seu catéter e o intravenoso, antes de colocar suas pernas na cama e cobri-lo com o lençol.

– Estou passando mal – ele balbucia, segurando a cabeça.

– É claro... você se levantou rápido demais.

– O que eles estão fazendo aqui, Ava? – ele pergunta, em voz baixa. – Eu não quero vê-los.

Meus ombros caem de maneira espetacular, mas logo passo a checar seu curativo, antes de me sentar na cama e tirar o braço dele de cima do rosto. Ele me olha com súplica nos olhos. Isso está me matando, mas vou tentar, de qualquer forma.

– Você tem a mim, e eu sou tudo de que você precisa, sei disso, mas esta é a chance de você consertar sua vida. Dê-lhes alguns minutos. Vou estar aqui para sempre, não importa o que aconteça, mas você não pode deixar passar a oportunidade de encontrar paz nesse aspecto de sua vida, Jesse.

– Não quero que nada estrague o que tenho – ele força as palavras por entre os dentes cerrados, fechando os olhos.

– Ouça – eu agarro sua bochecha e sacudo, fazendo-o abrir os olhos –, depois de tudo o que já passamos, acha mesmo que algo pode destruir o que temos? – ele tem de ver que isso não vai fazer a menor diferença. Se essa é sua única preocupação, então eu fico mais determinada ainda para resolver tudo. – As coisas vão acontecer nos seus termos. Nós vamos devagar e eles terão de aceitar.

– Eu só preciso de você – ele murmura, amargo, colocando a mão sob a camiseta e encontrando minha barriga. – De você e dos nossos bebês.

Dou um suspiro e ponho a minha mão sobre a dele.

– Você não precisa querer algo para precisar dele, Jesse. Nós vamos ter gêmeos. Sei que temos um ao outro, mas vamos precisar de nossas famílias também. E eu gostaria que nossos filhos tivessem dois pares de avós. Nós não somos normais, mas devemos tentar tornar a vida dos nossos filhos o mais normal possível. Isso não vai mudar o que temos juntos.

Posso ver que ele começa a entender a minha lógica. Seu rosto pálido vai ponderando meu discurso, até que balança a cabeça, assentindo, e depois me faz baixar com cuidado, aninhando-me em seus braços. Eu relaxo, agradecida por ele ao menos tentar. Não vou esperar uma solução imediata ou uma reunião, mas é um começo.

– Diga que me ama – ele pede, com o rosto nos meus cabelos.

– Eu amo você.

– Diga que precisa de mim.

– Eu preciso de você.

– Está bem – ele me solta. – Afofe meu travesseiro, esposa. Preciso estar confortável para isso.

Ignoro sua insolência e o deixo confortável.

– Vou deixá-los à vontade – digo-lhe, ficando em pé e indo em direção à porta.

– Você não vai ficar? – ele diz, os olhos verdes crescendo, em pânico.

– Não. Eu não preciso estar aqui. Você vai ficar bem – é necessário todo o esforço do mundo para não voltar e segurar a mão dele, mas ele precisa fazer isso por si mesmo. Sei que joguei sujo falando dos bebês, mas minhas razões são mais profundas que a necessidade de ter mais família por perto. Jesse precisa se recuperar física e mentalmente. Perdoar seus pais vai ser

parte determinante dessa recuperação.

Abro a porta e dou um sorriso para Beatrice e Amalie, que agora estão com Henry. Não digo nada. Deixo a porta aberta e desapareço por um tempo, enquanto deixo que uma família perdida se encontre de novo.

Capítulo 35



Estou no Paraíso.

Uma semana depois de Jesse ter saído do coma, o médico deu-lhe alta e fomos embora. Ele, é claro, recusou a cadeira de rodas que foi deixada no quarto. Meu marido forte e ágil teve de ficar deitado por três semanas, dependendo dos outros para cuidar dele, então não pude negar-lhe a dignidade de sair andando do hospital, ainda que para conseguir essa exceção a nossa saída tenha demorado mais uma hora. Voltamos para o Lusso, onde Cathy agiu como uma verdadeira mãe, cuidando para que a despensa estivesse cheia, a roupa fosse lavada e o apartamento estivesse tal e qual na noite de inauguração, antes de qualquer um morar lá. Depois, dei-lhe algumas semanas de folga. Precisávamos de privacidade em nossa casa. Eu precisava cuidar de Jesse. Precisava ajudá-lo a voltar a ser o homem que conheço e amo.

A primeira semana foi um desastre. Hordas de visitantes assolavam a cobertura, incluindo os pais de Jesse. A relação ainda é estranha e um pouco forçada, mas posso ver nos olhos do meu marido uma luz que nunca tinha visto antes. É diferente do brilho de desejo ou da profundidade que adquirem quando ele está com raiva. A luz que vejo em seus olhos é paz.

A polícia nos visitou várias vezes durante a primeira semana. Para mim, isso poderia ter esperado mais, mas Jesse insistiu em resolver logo, para podermos voltar ao nosso normal. Patrick apareceu com meus colegas de trabalho, pedindo sinceras desculpas por me colocar em situação tão ruim, mas nem ele nem a pobre Sally sabiam que Mikael me assediava. Ela voltou a ser a garota sem graça de saias longas, mas parecia mais alegre, e Mikael retirou a oferta feita à Rococo Union, de modo que Patrick adiou sua aposentadoria e ofereceu meu emprego de volta, mas recusei polidamente, e Jesse não tentou me convencer do contrário. Não posso, e realmente não quero, voltar a trabalhar agora.

Nas três semanas seguintes, após aquela loucura inicial, houve contato constante, como ele gosta. Tomamos banho juntos todas as manhãs e tivemos horas de conversas na banheira. Eu refazia o curativo dele e ele massageava a minha barriga com óleo. Eu fazia o café da manhã e ele o servia para nós dois, ambos nus. Ele lia o manual de gravidez em voz alta e eu ouvia com atenção. Ele decidia pular partes que desmentiam suas preocupações ridículas e eu pegava o livro da mão dele e lia aquelas partes em voz alta para ele. Ele fazia cara feia e eu sorria.

Ele queria fazer sexo o tempo todo, mas eu não queria machucá-lo, o que é irônico depois da batalha constante que tive de travar nesse aspecto da nossa relação desde que engravidei. Isso tem sido difícil. Meus hormônios em ebulição não estão ajudando.

Agora, quatro semanas depois, estou deitada na cama, de pernas e braços abertos, no quarto

principal do Paraíso, nua e tomando sol no nível mais alto do Sétimo Céu de Jesse.

– Confortável?

Levanto a cabeça para descobrir onde está o meu senhor e o encontro em pé, na porta do banheiro, nu, do jeito que eu gosto.

– Não, porque você não está aqui comigo – dou tapinhas no colchão e ele me brinda com um sorriso, o meu sorriso. Mas não se deita ao meu lado. Ele abre mais as minhas pernas e se acomoda entre as minhas coxas, pousando o queixo recém-barbeado no meu ventre crescente e me olhando de baixo com aqueles olhos verdes gloriosos.

– Bom dia, minha menina linda.

– Bom dia – meus dedos se embrenham em seus cabelos molhados e eu relaxo mais um pouco na cama, com um suspiro contente. – O que vamos fazer hoje?

– Tenho tudo planejado – ele declara, mordiscando minha cintura. – Você vai fazer o que eu mandar.

– E isso envolve cartas de baralho? – pergunto, casual, mas muito esperançosa. Vou fazer tudo para perder dessa vez e assim não ter que transferir o poder.

– Não.

Fico desapontada.

– Envolve sexo sonolento ao anoitecer?

Sinto-o sorrir enquanto mordisca a minha pele.

– Talvez, mais tarde.

– Nesse caso, vou fazer tudo o que você quiser – aviso, tentando apertar as coxas uma contra a outra à mera ideia de outra sessão deliciosa na areia, e silenciosamente desejando que o dia passe depressa para mais tarde chegar logo.

– O seu dia começa agora, sra. Ward – ele distribui uma sequência de beijos barulhentos em torno do meu umbigo, antes de se sentar nas minhas pernas. Depois, pega um envelope na mesa de cabeceira. – Olhe aqui.

– O que é isso? – pergunto, com o rosto confuso, pegando o envelope com cuidado da mão dele. Não gosto de surpresas vindas deste homem.

– Abra – ele pressiona, impaciente, e começa a morder meu lábio, e eu fico um pouco mais nervosa quando vejo as engrenagens entrando em funcionamento também.

Não tenho certeza se quero abri-lo, mas a curiosidade vence a apreensão; então, levanto a aba com cautela e olho várias vezes de Jesse para o envelope. Por fim, retiro o papel, desdobro e leio a primeira linha:

Haskett and Sandler Property Management

Isso não significa nada para mim. Continuo lendo, mas não entendo nada de linguagem jurídica. Consigo achar sentido na quantidade obscena de números que seguem o sinal de libras esterlinas mais ou menos na metade da página.

– Você comprou outra casa? – disparo, olhando do papel para ele. Eu digo casa, mas, a julgar pelo valor, seguido da expressão “pela soma de”, poderia ser um palácio... talvez um

castelo.

– Não. Eu vendi o Solar – as mordidas no lábio inferior atingem um grau de canibalismo. Ele o mastiga furiosamente, enquanto aguarda a minha reação à sua notícia.

– Você o quê? – tento me sentar, pensando que a posição vertical pode ajudar a diminuir o choque, mas não chego a descobrir, porque ele me empurra de novo na cama.

– Vendi o Solar – ele se deita sobre mim e segura meu rosto com as duas mãos.

– Eu ouvi. Mas por quê? – não entendo; eu plantei a semente, sei disso, mas jamais esperaria que ele tomasse conhecimento.

Ele sorri e toca minha boca com a dele, provocante. Estou desesperada para saber o que o levou a fazer isso, mas também estou desesperada, como sempre, por sua boca mágica. Solto o documento de lado e me entrego ao ritmo que ele impõe, tocando seus ombros e fazendo um caminho de beijos até o seu pescoço. Ele conseguiu me distrair por ora, mas não vai deixar de me dar uma explicação sobre isso. O Solar é tudo o que ele conhece, mesmo que não esteja mais se utilizando das instalações.

– Hmmm, seu sabor é delicioso, Ava – ele morde meu lábio inferior, deixando-o soltar-se naturalmente por entre seus dentes.

– Por quê? – insisto, mantendo-o próximo e enlaçando seus quadris com as minhas coxas. Não vou deixá-lo sair até que desembuche.

Ele me olha por um momento, pensativo, antes de respirar fundo.

– Sabe quando você era pequena, digo, na escola primária?

– Sim – respondo devagar, ficando intrigada.

– Bem – ele suspira –, que diabos eu iria fazer se os bebês me pedissem para ir a um desses dias especiais que as escolas costumam programar?

– Dia com os pais?

– Isso... Sabe, quando os pais vão lá na frente e contam para os colegas dos filhos que são bombeiros, policiais...

Aperto os lábios, tentando ao máximo não rir dele, quando ele parece genuinamente preocupado.

– O que eu diria? – ele pergunta, sério.

– Você diria que é o senhor do sexo do Solar – não adianta, já comecei a rir. Que Deus abençoe esse homem. Meu osso da bacia, que está quase desaparecendo, é apertado e as risadas só aumentam. – Pare!

– Sarcasmo não combina com você, Ava.

– Pare, por favor!

Ele me solta, para eu me recuperar do ataque histerico, quando me deparo com a sua expressão consternada. Ele está mesmo preocupado.

– Você diria a eles que tem um hotel, assim como nós diríamos para os bebês – digo meio sem acreditar que estou lhe dando uma escapatória. Isso, obviamente, sempre me preocupou, mas nunca insisti porque sei o que aquela propriedade no campo significa para ele.

Jesse se deita e eu rapidamente assumo minha posição, sentando-me sobre ele, que pousa as mãos nas minhas coxas e olha para mim.

– Eu não o quero mais – ele está irredutível.

– Mas era o filhote de Carmichael. Se você não o vendeu quando seus pais exigiram, por que

agora?

– Por que eu tenho vocês três.

– Você sempre terá a nós três, de qualquer forma – ele não está fazendo o menor sentido.

– Quero vocês três e nada para complicar a minha vida. Não quero mentir para nossos filhos sobre o meu trabalho. Jamais permitiria que eles fossem até lá, o que significaria que meu tempo com você e os bebês seria limitado. O Solar se tornou uma obstrução, e não quero nenhuma obstrução. Tenho uma história, Ava, e o Solar faz parte dela.

Sinto um alívio indescritível, e o sorriso que se espalha por meu rosto é prova disso.

– Então terei você para mim o dia todo, todos os dias?

Ele encolhe os ombros, acanhado.

– Se você me aceitar.

Eu mergulho nele, cobrindo aquele rosto maravilhoso de beijos, mas logo me sento outra vez, pensativa.

– E quanto a John e Mario? Sarah? E quanto a Sarah? – não tenho a menor ligação com ela, apesar da minha compaixão pelo que ela passou, mas não quero que tente o suicídio outra vez. Entretanto, adoro John e Mario.

– Conversei com eles. Sarah vai aceitar uma proposta de trabalho nos Estados Unidos, e já estava na hora de John e Mario se aposentarem.

Minha cabeça se move, assentindo, e suspeito que eles devem ter recebido uma bela soma pelos serviços prestados ao Solar, não importa em que cargo.

– Será que os sócios vão permanecer com o novo proprietário?

Ele ri.

– Sim, se gostarem de jogar golfe.

– Golfe?

– O terreno será convertido em um campo de golfe.

– Uau! E quanto às quadras e instalações esportivas?

– Essas ficam. O projeto é impressionante. Não muito diferente do atual, exceto que as suítes privadas serão mesmo quartos de hotel e o salão aberto servirá como sala para reuniões de negócios.

Posso mesmo imaginar que será algo grandioso.

– Então, é isso?

– É isso. Agora eu preciso preparar você para o restante do seu dia – ele tenta se sentar, mas eu o faço deitar de novo.

– Preciso refazer minha marca – aponto para o peito dele, onde o círculo perfeito já quase desapareceu, e depois olho para a minha marca, já quase invisível também. – E você precisa refazer a minha.

– Faremos isso mais tarde, Ava – ele me põe em pé. – Vá tomar um banho – ele me dá um tapinha no traseiro, virando-me na direção do banheiro, e vou sem reclamar, com um sorriso bobó no rosto. Nada de Solar, nada de Sarah, e Jesse todinho para mim... e para os bebês.

Depois de ficar debaixo do jato de água deliciosamente quente e de me depilar, seco os cabelos e remexo no guarda-roupa em busca de algo para vestir.

– Eu já escolhi algo – ele diz atrás de mim.

Viro-me e vejo que ele veste um calção de banho largo e segura um vestido curto e leve, de renda.

– É um pouco curto, não é? – observo, passando os olhos pela peça delicada, de alças mínimas e saia esvoaçante.

– Vou abrir uma exceção – ele dá de ombros e abre o zíper do vestido, antes de mantê-lo aberto aos meus pés. Pelo comprimento da saia, imagino que não vamos a nenhum lugar público. Ele se ajoelha para que eu vista a roupa e me ajuda a fechá-la, antes de se afastar um pouco, com a mão no queixo. – Linda – ele aprova, pegando a minha mão e me guiando até a porta dupla que leva à varanda.

– Eu preciso de sapatos.

– Nós vamos remar – ele minimiza minha preocupação e segue em frente, passando pela varanda e pela grama, até chegarmos ao portão que leva à praia.

– Podemos remar deitados? – pergunto, sugestiva, e ele para e me olha com uma expressão divertida.

– A gravidez está fazendo maravilhas em você, sra. Ward.

Eu franzo a testa.

– Mas eu sempre te quis do mesmo jeito.

– Sei que sim... Falta uma coisa – ele diz, revelando um copo-de-leite que estava escondendo nas costas, colocando-o atrás da minha orelha. – Bem melhor.

Toco a flor fresca, sorrindo para ele um tanto intrigada, mas feliz demais para fazer perguntas. Ele pisca para mim, beija o meu rosto e continua a caminhar, virando-se para mim quando chegamos aos degraus, para garantir que eu os desça com cuidado.

– Cuidado com as farpas ali – ele diz, apontando para a quina de um dos degraus. – Devagar.

– Você deveria ter me deixado calçar sapatos – resmungo, pulando daquele degrau para o seguinte.

– Ava, pare de pular – ele bufa. – Vai agitar os bebês.

– Ah, cale a boca! – dou risada, pulando até o fim da escada, até meus pés tocarem e afundarem na areia morna e dourada. – Venha! – começo a correr para o mar, mas assim que levanto a cabeça para olhar aonde vou, paro no ato.

Eles estão todos olhando para mim. Cada um deles. Meus olhos passam pelo grupo de pessoas, notando que conheço todas elas, incluindo a família de Jesse. Tenho um sobressalto, um pouco tardio, e me viro para olhar para ele, encontrando-o logo atrás de mim, com um sorriso nos lábios.

– O que eles estão fazendo aqui?

– Eles vieram testemunhar o nosso casamento.

– Mas já somos casados – eu o faço lembrar-se. – Somos, não somos? – eu me pego considerando a possibilidade de ouvi-lo anunciar que, na verdade, não somos casados porque o Solar não tinha licença para isso.

– Sim, somos, mas meus pais perderam o nosso dia, e nós deveríamos ter feito isso da primeira vez – ele pega a minha mão e me conduz, gentilmente, até que eu, antes relutante, o siga até quase a beira d'água, onde todos os nossos amigos e familiares nos esperam, sorrindo e relaxados. Eles abrem caminho, deixando Jesse passar comigo, enquanto eu olho para cada um

deles e tudo o que vejo são rostos felizes. O sorriso do meu irmão é o maior de todos. Só posso encolher os ombros de leve, demonstrando surpresa. Só agora me dou conta de que o calção de Jesse é branco, assim como o meu vestido. Nós vamos nos casar de novo?

Sou posicionada sobre a areia úmida, com ondinhas lambendo meus pés, e então nós somos recebidos por um homem vestido de maneira tão casual quanto Jesse, eu e nossos convidados. Fico em silêncio e aceito suas boas-vindas. Ele une as minhas mãos e as de Jesse no exíguo espaço que há entre nós. Fui pega de surpresa, mas aceito o que está acontecendo e repito as palavras que ele pede, olhando nos olhos viciantes de Jesse e sorrindo a cada palavra dita. Eu reafirmo tudo. Eu renovo a promessa de amá-lo, honrá-lo e obedecê-lo, antes de ficar na ponta dos pés e beijar gentilmente seus lábios carnudos quando termino. Estou no piloto automático, fazendo apenas o que me é pedido, mas não porque não saiba o que fazer, mas apenas porque é o que tenho de fazer. Apesar de tudo, confio cegamente em Jesse. Ele me aponta o caminho e eu vou, porque sei que aqui é o meu lugar.

Quando é a vez de Jesse falar, o juiz recua e Jesse se aproxima, beijando minhas duas mãos e deixando os lábios colados nelas por um momento a mais.

– Eu amo você – ele sussurra, acariciando com os polegares o ponto onde seus lábios estavam até há pouco. – A eternidade ao seu lado ainda não seria o bastante, Ava. Do momento em que te vi no meu escritório, eu sabia que as coisas iriam mudar para mim. Planejo dedicar cada segundo da minha vida para te idolatrar, te adorar e te satisfazer, e planejo compensar os anos vazios que passei sem você. Vou te levar para o Paraíso, Ava – ele se inclina e me agarra pelo traseiro, erguendo-me acima da sua cabeça e me olhando de baixo. – Está pronta?

– Sim. Leve-me – exijo, passando a mão pelos seus cabelos e puxando-os de leve.

– Ah, eu já te trouxe faz tempo, mas agora é que tudo começa de verdade – ele me beija com força. – Não precisa mais cavar o meu passado para me conhecer. Você já sabe tudo o que há para saber, e não haverá mais confissões, porque eu não tenho mais nada a dizer.

– Acho que tem – sussurro, acariciando o pescoço dele com o meu rosto e inalando seu adorável perfume de menta e água fresca.

– Tenho? – ele pergunta, levando-me para as águas brilhantes do Mediterrâneo.

– Tem sim. Diga que me ama.

Ele olha para mim com aqueles mares verdes reluzentes, o sorriso que é só meu enfeitando a sua boca perfeita e seus cabelos loiros gloriosamente despenteados por minhas mãos incessantes.

– Eu te amo tanto, tanto, tanto, Ava.

Eu não paro de sorrir. Baixo a cabeça e fecho os olhos quando ele começa a nos girar, com o sol no rosto e o corpo dele tão próximo do meu, aquecendo tudo ao redor.

– EU SEI! – berro, rindo, antes de mergulhar e buscar os lábios dele debaixo d'água. Eu o abraço como se a minha vida dependesse disso, porque depende mesmo.

É isso. Esses somos nós. Isso será o nosso normal para todo o sempre, sem mais descobertas chocantes nem confissões. As duas cicatrizes perfeitas no seu abdômen perfeito são um lembrete constante de nossa jornada juntos, mas o brilho incessante de felicidade em seus olhos impressionantemente verdes são um lembrete constante de que eu ainda tenho este homem.

E que sempre terei.

Epílogo



Caramba, quanto tempo eu terei de suportar ver minha casa ser bombardeada e minha esposa e meus filhos sendo monopolizados? Tempo demais, é essa a resposta. Horas, provavelmente. Eu deveria pegar os presentes de todos e jogar pedaços de bolo, antes de bater a porta na cara deles. Sorrio por dentro, imaginando a reação de Elizabeth se eu fizesse exatamente isso. Vai ser um fardo e, só para jogar sal na ferida, esse ano temos amigos da escola também. E as mães deles – um bando de mulheres que aceitaram o convite de Ava para “ficar, se quisessem”. E é claro que elas querem.

Meus pés, relutantes, descem os degraus da escada de nossa adorável casa a passos pesados, enquanto abotoo a camisa e mordo o lábio inferior, pensando em qualquer desculpa para escapar disso. Não consigo pensar em nada. Meus filhos fazem cinco anos hoje, e nem mesmo o incrível talento para negociações do papai os convenceu de que festa seria uma má ideia. Não, agora eles já pensam sozinhos. Tentei nos últimos quatro anos e dei de cara no chão, mas só porque minha linda esposa interveio em favor deles. Sei que esse ano, se conseguisse falar com eles sozinho, poderia convencê-los a fazer outra coisa. Esquiar novamente, talvez?

Chegando ao fim da escada, dou uma olhada rápida no espelho e sorrio. Fico mais bonito a cada dia. Ainda estou arrasando, e ela continua incapaz de resistir a mim. A vida é muito boa.

– Papai!

Dou meia-volta e meus músculos se liquefazem quando vejo meu menino descendo a escada, seus cabelos loiros-cinza despenteados emoldurando seu rosto bonito.

– Ei, aniversariante do dia! – seus olhos verdes brilham e ele se lança sobre mim, esse molequinho lindo. – Opa! – dou risada e ele se ajeita no meu colo.

– Adivinhe! – ele me pergunta, com os olhinhos cheios de excitação.

– O que é? – não é um interesse fingido, estou mesmo curioso.

– A vovó Elizabeth disse que nós podemos dormir na casa dela esta noite. Ela vai nos levar ao zoológico amanhã!

Tento esconder minha contrariedade e ficar feliz por ele.

– A vovó mora muito longe e o papai gosta de levar vocês ao zoológico – digo, jogando-o no meu ombro e virando-nos para o espelho. – Está vendo como somos bonitões?

– Eu sei – ele responde como isso não significasse nada, o que me faz sorrir. – A vovó e o vovô moram a dez minutos daqui. Marquei o tempo no telefone da mamãe.

Eu me lembro de que minha querida sogra mora mesmo a dez minutos daqui. A beleza de Newquay não conseguiu manter Elizabeth e Joseph longe dos netos – ou dos *meus* filhos, para ser

mais exato.

– Eu, eu estava pensando – mudo de assunto ou tento distraí-lo, tanto faz – ... nós podíamos ir esquiar de novo. – Estou falando com entusiasmo exagerado, torcendo para enfeitá-lo.

– Mas nós vamos – ele toca a minha testa, cobrindo a linha de expressão que acaba de surgir.

– Vamos?

– Sim, a mamãe já contou. E ela disse para não escutarmos se você tentasse nos fazer desistir da festa.

Meus ombros caem, e anoto mentalmente que a minha sedutorazinha ardilosa merece uma transa de castigo.

– A mamãe precisa do dinheiro do papai para fazer isso – não tenho a menor vergonha em dizer isso.

– Por que você não quer que a gente faça festa, papai? – a testa dele imita a minha e me sinto um bosta na hora.

– Eu quero, amigo. Só não gosto de dividir vocês com os outros – admito.

– Você também pode brincar – ele dá um beijo na minha bochecha áspera. – A mamãe vai ficar feliz.

– Por quê – eu sei por que ela vai ficar feliz. Ela me interceptou, e agora serão duas transas de castigo: uma pela interceptação e outra pela ousadia.

– Porque você não fez a barba – ele passa a mãozinha para cima e para baixo no meu rosto e eu dou um sorriso para o meu rapazinho lindo, antes de seguir para a cozinha.

Paro na porta da cozinha e passo algum tempo apenas curtindo a imagem do meu anjo, mexendo loucamente uma tigela com uma massa marrom, a curva de seu traseiro perfeito enfeitando-me. Perfeita. Meu garotinho não me pressiona para seguir em frente. Ele fica ali, feliz, nos meus ombros, esperando que seu pai saia do feitiço e volte à ação. Está acostumado a me ver sonhando acordado, especialmente quando a mãe dele está por perto. Não tenho a menor ideia do que fiz para merecer essa mulher e esses filhos maravilhosos, mas não sou eu quem vai brigar com os deuses do Destino.

– Merda! – ela xinga, enquanto uma bolota de chocolate voa e a atinge na bochecha.

– Mamãe! Olha essa boca!

Ela se vira, armada de uma colher de pau coberta de chocolate, e olha para o meu sorriso de cara feia, antes de subir os grandes olhos castanhos para o nosso filho.

– Desculpe, Jacob.

Meu sorriso se abre mais e ela fecha mais a cara. Sou muito convencido e sei que vou pagar por isso mais tarde. Ela não pode fazer a sedutora com nossos filhos por perto, e eu adoro isso.

– O que está fazendo, querida? – pergunto, tirando Jacob dos meus ombros e colocando-o sentado em um dos bancos. Dou meu celular para ele brincar, antes de ir à geladeira pegar um pote de manteiga de amendoim.

– Tortinhas de manteiga de amendoim – ela responde esbaforida, mas não vou oferecer ajuda. Ela sabe que sou péssimo na cozinha e vou acabar atrapalhando. Acho que ano que vem vamos mesmo esquiar.

Estou atrás dela, olhando para a tigela e pensando que prefiro os potes. Ela já tentou um milhão de vezes, mas nunca conseguirá fazer tortinhas de manteiga de amendoim como as da

minha mãe.

– Quantos potes de manteiga de amendoim você desperdiçou para fazer isso? – pergunto, roçando-me em suas costas, sem perder a oportunidade de beijar seu pescoço. Ela cheira tão bem.

– Dois – ela empurra a tigela para longe. – Eu quero a Cathy de volta.

Dou risada e faço-a virar-se, empurrando-a contra o balcão, com a colher de pau diante dos meus olhos. Estou ficando excitado, não consigo evitar. Eu me inclino, vendo que ela me observa, e lambo seu rosto para limpá-lo.

– Não comece algo que não vai poder terminar, Ward – ela sussurra com uma voz rouca e provocante. Estou duro como pedra.

Ela me afasta com um sorriso cúmplice.

– Preciso terminar aqui. Os convidados vão chegar logo – ela está me provocando outra vez, o que vai lhe render a terceira transa de castigo. Ela sabe bem o que está fazendo, que não vai haver contagem regressiva nem ordens com as bebês aqui.

Ou o bebê.

– Onde está Maddie? – ajeito a parte da frente da calça antes de olhar para o meu menino, que está alheio ao que acontece à sua volta. Não é raro ver o papai amando a mamãe, mas eu tive que trabalhar seriamente meu autocontrole.

Ele nem desvia os olhos do meu telefone, mas posso ver que faz uma careta de desgosto.

– Ela está vestindo a roupa de festa. É toda cheia de frufus. Foi a vovó quem comprou.

Reviro os olhos, sabendo que vou encontrar minha filha vestida com um figurino que me fará pensar que toda a serpentina do mundo se desenrolou em cima dela.

– Sua mãe acha que a nossa filha precisa parecer ter sido atacada pela fada cor-de-rosa? – eu me sento ao lado de Jacob e ponho o pote entre nós dois, para ele se servir, e ele o faz. Seu dedinho fofo mergulha no pote e tira a maior bolota que consegue. Meu peito se incha de orgulho e eu solto o ar com o dedo na boca, olhando para Ava e esperando uma resposta.

Ela ergue as sobrancelhas e balança a cabeça para o gesto de Jacob, com um sorriso nos lábios, mas logo depois olha para mim e para de sorrir. O que foi que eu fiz?

– Não a aborreça, Jesse.

– Eu não vou! – dou risada. É claro que vou, e vou amar cada minuto.

– Vovó te chama de peste – Jacob olha para mim com o dedo ainda na boca. – Ela diz que você sempre foi e sempre será. Mas que já aceitou – ele encolhe os ombrinhos.

Não consigo conter o riso, e agora Ava ri comigo, seus lindos olhos cor de chocolate brilham e seus lábios suculentos imploram que eu os beije. E então ela tira o avental e revela seu corpo miúdo. Paro de rir na hora. Já estou perdendo o fôlego e tentando baixar a bola debaixo da mesa. É uma batalha constante.

– Gosto do seu vestido – meus olhos descem pelas costas do vestido preto justo e começo a planejar como vou tirá-lo mais tarde. Posso até ser generoso e deixar que ela o use mais uma vez, porque fica sensacional nele, mas, mais tarde, eu sei que não estarei disposto a ir devagar.

– Você gosta de todos os vestidos da mamãe – Jacob aponta, farto de ouvir a mesma frase, o que me faz tirar os olhos daquele corpo que me deixa louco de desejo.

– Gosto mesmo – concordo, despenteando os cabelos dele. – Falando em vestidos, vou ver a sua irmã.

– Está bem – ele diz, voltando a atenção para o meu telefone e mergulhando o dedo mais uma vez no pote.

Pulo do banco e saio à procura de Maddie, subindo dois degraus por vez e entrando em seu quarto, infestado de cor-de-rosa.

– Onde está a minha aniversariante?

– Aqui! – ela dá um gritinho, surgindo de dentro de sua casinha de bonecas.

Eu quase engasgo.

– Você não vai vestir isso, mocinha!

– Vou sim! – ela corre pelo quarto quando vou até ela.

– Maddie!

Que diabos! Ela tem cinco anos! Cinco aninhos e eu já tenho de tirá-la de *shorts* minúsculos e de miniblusas. Onde está o tal vestido cheio de frufus que a vovó te deu?

– Mamãe! – ela grita, e eu a pego pelo tornozelo, perto da cama. Ela pode gritar até a casa cair, mas NÃO vai usar isto. – Mamãe!

– Maddie, venha cá!

– Não! – ela me chuta, a diabinha me dá um pontapé e sai correndo do quarto, deixando um pai frustrado e prostrado em sua cama rosa e fofa. Uma menininha de cinco anos me deu um baile. E essa menininha é a filha da minha bela esposa... Estou ferrado.

Levanto-me e ajeito o meu visual antes de sair à sua caça.

– Não desça a escada correndo, Maddie! – grito, quase me jogando escada abaixo atrás dela. Vejo-a desaparecer para dentro da cozinha, em busca da intervenção de sua mãe.

Só paro quando a vejo escalando o corpo de Ava.

– O que está acontecendo? – Ava pergunta, olhando para mim, como se eu tivesse perdido a cabeça. E acho que perdi.

– Olhe só para ela! – aponto para a minha filhinha como um louco. – Olhe!

Ava a coloca no chão e se agacha, ajeitando os cabelos castanhos sobre seus ombrinhos e puxando a barra da ridícula minibluza para baixo. Ela pode puxar quanto quiser. Minha filha não vai usar isso.

– Maddie – Ava entra no modo pacificadora, algo que eu talvez devesse ter tentado antes de dar a sentença de morte, pois já devia ter aprendido a regra número um, que é não dizer não a Maddie –, o papai acha que a sua camiseta é muito curta.

– Acho mesmo – eu me intrometo, só para deixar bem claro. – Curta demais.

Minha garotinha me olha feio.

– Ele está sendo irracional – ela diz.

Tomo um susto e acuso Ava com o olhar, que tem pelo menos a decência de ficar envergonhada.

– Viu o que você fez?

– Papai tem o poder! – Jacob cantarola, acabando com qualquer chance que eu tinha de marcar pontos.

É Ava quem toma um susto desta vez.

– Você precisa se lembrar, Ward. Esses ouvidinhos escutam tudo.

Adoto a atitude mais sensata e fecho a minha boca. Minha esposa não consegue esconder sua exasperação e eu nem espero que o faça. Espero apenas que ela faça minha filhinha tirar

essa camiseta patética.

– Ele não pode escolher o que eu vou vestir! – Maddie sai correndo da cozinha, cruzando os bracinhos fofos sobre o peito. Olho para Ava e noto que ela faz o possível para esconder aquele sorriso fantástico.

Caramba! Agarro meus cabelos e os puxo. Logo não terei mais um fio na cabeça, especialmente quando Ava põe as mãos neles. Por um momento, eu me esqueço do problema e sorrio ao imaginá-la puxando meus cabelos enquanto eu me enterro com força naquele corpo maravilhoso, mas logo volto à realidade, com a minha garotinha olhando feio para mim.

Observo enquanto Ava tenta argumentar com ela, segurando seus ombros e virando-a para mim.

– Maddie está pronta para entrar em um acordo – Ava deita a cabeça, como quem diz *concorde, só para agradá-la*.

Isso não me faz sentir nem um pouco melhor. Já tive que agradar Maddie uma vez e isso resultou em ter de colocá-la sobre os ombros e tirá-la do supermercado aos berros e pontapés. Dirijo à Ava um olhar suplicante, fazendo um bico, mas ela apenas balança a cabeça e empurra de leve aquela cabecinha-dura na minha direção.

Ela está sorrindo, os bracinhos estendidos para que eu a pegue no colo. Ela faz meu coração derreter, mas, por Deus, o que vou ter de enfrentar nos próximos anos? Vou ficar careca ou cair morto. Ou posso parar na prisão, porque se algum vagabundo encostar as mãos nela, eu arranco o coração dele. Eu a pego e deixo Ava ajudando meu menino sossegado a calçar seus tênis.

– Pai, você precisa se acalmar. Você vai ter um ataque do coração – ela se aninha no meu pescoço e o amor desvairado que tenho por minha pequena teimosa é completamente restabelecido. Minha esposa, porém, ganha a quarta transa de castigo do dia.

– É “papai”. E você precisa parar de escutar a sua mãe – subo a escada rapidamente e entro no quarto dela, jogando-a na cama. Meu coração transborda ao ouvi-la gritar de alegria, antes de começar a pular na cama, com os cabelos castanhos longos esvoaçando. – Muito bem – esfrego as mãos, pensando em fazê-la ver que o que eu vou fazer agora é excitante. Onde eu encontro seus jeans e blusas de lã? Abro as portas de seu armário cor-de-rosa e passo a fuçar nas araras, imediatamente pondo as mãos em algo grande e cheio de frufus. Eu o tiro do armário e dou uma bela olhada naquela coisa horrorosa, e ela imita a minha reação de desgosto. – A vovó precisa parar de comprar vestidos para você.

– Eu sei – ela se senta e cruza as pernas. – Você vai tirar a vovó do sério hoje, pai?

– *Papai* – devolvo, enfiando o vestido na última prateleira, fora do campo de visão de qualquer um. – E pode ser que sim.

– É engraçado – ela ri.

– Eu sei – pego um vestidinho lindo, estilo marinheiro. Ele não tem mangas, mas eu acho que consigo encontrar um casquinho. – Que tal esse?

– Não, pai.

– *Papai*. E esse? – mostro a ela um vestido de brocado verde-limão na altura das canelas, mas ela balança aquela cabecinha teimosa. – Maddie, você não vai vestir isso aí – eu suspiro. Deus, me dê forças, antes que eu torça o pescocinho dela.

– Eu vou usar uma *legging* – ela pula da cama e abre uma gaveta cor-de-rosa de sua cômoda cor-de-rosa. – Essa aqui – ela diz, mostrando uma coisa listrada que parece um doce.

Eu deito a cabeça e aceito. É aceitável. Posso conviver com isso.

– E quanto à camiseta?

Maddie olha para baixo e passa a mão na própria barriguinha.

– Eu gosto desta aqui.

– Então, que tal comprar uma igual, mas num tamanho maior? – tento entrar em um acordo.

Tiro do armário uma camiseta de mangas longas, verde e coberta de corações e mostro a ela, todo sorridente. – Eu amo essa aqui; deixe o papai feliz – faço um bico patético, como o trouxe desesperado que sou. Posso dizer que minha filha de cinco anos também acha que sou trouxa.

– Está bem – ela dá um suspiro pesado. É ela quem está agradando a mim.

– Boa menina – eu a pego no colo e a coloco em pé na cama. – Levante os bracinhos. – Ela joga os braços para o ar e me deixa tirar a meia-blusa, antes de colocar a verde que eu amo tanto, e depois eu tiro o shortinho e cubro suas perninhas com a *legging* listrada, antes de recolocar a peça minúscula de jeans. – Perfeito – eu me afasto e aprovo sua roupa com um meneio de cabeça, e então pego seus All Star prata de cano longo do armário. – Esses? – não sei por que estou perguntando, ela se recusa a calçar qualquer outra coisa.

– Sim – ela se solta na cama e levanta o pé para eu calçar os tênis.

– Papai?

Fico tenso da cabeça aos pés ao som do nome que tenho que pedir constantemente para Maddie me chamar. Ela quer alguma coisa.

– Sim, Maddie – respondo, cauteloso, falando devagar.

– Eu quero uma irmãzinha.

Eu quase caio sentado de tanto rir. Outra menina? Nem fodendo, eu teria de ser drogado e preso para que tirassem meu sêmen à força. Não há a menor chance, de jeito nenhum, nunca, jamais.

– O que é tão engraçado? – ela olha confusa para o meu rosto divertido.

– Mamãe e eu estamos felizes com vocês dois – eu a tranquilizo, calçando rapidamente o outro pé, ansioso para escapar deste quarto e desta conversa.

– A mamãe quer outro bebê – ela me informa, e meus olhos se fixam nos dela, sérios. Ava quer outro bebê? Mas ela detestou estar grávida. Eu amei, mas ela odiou. Eu amei cada segundo e tudo o que a envolvia, exceto o parto. Ela realmente se vingou durante aquelas vinte e quatro horas no inferno. Ela me cravou as unhas, gritou constantemente e me ameaçou com o divórcio inúmeras vezes. E a boca dela parecia um esgoto de tão suja. Mas o que me matou foi vê-la sentir tanta dor e não poder fazer nada. Não havia o que eu pudesse fazer, e não quero nunca mais fazê-la passar por aquilo novamente.

– Nós só precisamos de vocês dois – eu afirmo, levantando-a da cama e colocando-a sobre seus pezinhos prateados.

– Eu sei – ela saiu correndo e rindo. – A mamãe disse que seus olhos iriam ficar arregalados, e ficaram mesmo!

Começo a rir com vontade, mas não porque isso seja engraçado. Não é. É porque estou imensamente aliviado. Não conseguiria recusar o pedido de Ava se ela dissesse que quer outro bebê, não depois do jeito criativo e totalmente errado de produzir essas adoráveis cópias um do outro que nós temos. Dou um sorriso largo, aquele que reservo apenas para os meus bebês. Sou tão feliz por ter escondido aquelas pilulas.

Esta é realmente a tarde mais longa da minha vida. Dúzias de crianças correndo e gritando, enquanto suas mães fingem que cuidam de suas crias, mas eu estou sob vigilância constante do grupo desesperado de donas de casa entediadas. Talvez eu deva largar minhas funções de *personal trainer* e investir algum tempo para aconselhar os maridos dessas mulheres sobre como satisfazê-las, tipo aulas de vários graus de transas, por exemplo. Estou maquinando a ideia sozinho, quando minha mãe entra em meu campo de visão. Ela está com aquele olhar e eu sei que ouvirei um sermão.

– Filho, vá com calma – ela olha para garrafa de cerveja na minha mão, o que na verdade me dá vontade de beber um gole.

Vou até ela e a abraço.

– Mamãe, pare de se preocupar – caminho com ela até o *deck*, onde meu pai, Amalie e o doutor David estão sentados, em uma conversa animada. Meus bebês não conseguiram manter meus pais afastados, também.

– Eu só... – ela escolhe as palavras, pousando a mão enrugada no meu peito e acariciando de leve – ... eu só me preocupo, é isso.

Eu sei que ela se preocupa, mas não é preciso. Posso tomar uma cerveja de vez em quando, como todo mundo, e posso fazê-lo quando estou em uma atmosfera relaxada, com a minha família. No entanto, não bebo mais vodka.

– Bem, eu disse que você não precisa se preocupar, então não se preocupe. Ponto-final – eu a encorajo a sentar-se ao lado do meu pai. – Quer uma cerveja, pai?

Ele olha para mim e sorri.

– Não, filho. Prometi a Jacob que iria com ele dar uns pulos naquela coisa inflável – ele aponta para o outro lado do jardim e eu me viro e vejo várias crianças, todas turbinadas pelo excesso de açúcar, saltitando dentro de um pula-pula em forma de castelo.

– Boa sorte! – David ri, pousando a mão na barriga de sua mulher, minha irmã, que está grávida. Dou um sorriso afetuoso e acompanho meu pai ir lentamente até Jacob, que acena para o avô, animado. Em seguida, vejo Elizabeth ajoelhada diante de Maddie, prendendo os cabelos da menina em rabinós.

– Deixe-a em paz, Elizabeth! – eu grito do outro lado do jardim, recebendo um olhar terrível de minha sogra e uma risadinha da minha garotinha.

– É isso aí, papai! – Maddie grita, dando um tapinha na mão da avó e correndo para brincar em sua casa na árvore.

Eu assisto sorrindo à insuportável mãe de Ava se levantar do chão. Não consigo evitar. Ela me lança um olhar assustador, o que só me faz sorrir mais. Nada me dá mais prazer que encher o saco dela, mas ela não hesita em retribuir o favor, de modo que não tenho a menor intenção de parar. Vou continuar curtindo.

– Por que a sua filha tinha que puxar a você? – ela grita de volta para mim. Eu quase cuspo a minha cerveja.

– A mim?

– Sim, você! Temperamental!

Eu solto um ruído de deboche. Ela só pode estar brincando.

– Acho que você logo vai descobrir que a minha garotinha é uma cópia da sua filha. Teimosa!

Ela bufa, ajeita a blusa e vai para a cozinha ajudar Ava. Temperamental? Essa mulher tola não faz ideia do que está dizendo.

Deixando minha mãe com Amalie e David, vou até os nossos amigos, que, invariavelmente, fixaram residência no bar.

– Meu chapa! – Sam bate nas minhas costas e John acena com a cabeça, enquanto eu me abaixo, para Kate me dar um beijo na bochecha.

– Todos bem? – pergunto, desabando em uma das cadeiras. – Onde está Drew?

Katie ri, apontando para o castelo pula-pula, onde Drew vasculha a criançada para encontrar sua filha.

– Ele quer se certificar de que Georgia volte para a mãe intacta.

– Por falar em filhos... – aponto minha garrafa para Sam e Kate e não consigo manter o rosto sério quando John começa a gargalhar atrás de mim, sacudindo aquele corpo imenso e fazendo a casa tremer com aquela risada grave e retumbante.

– Jesse, eu já te disse. Não há um pingão de instinto materno nesse corpo – ela suspira, farta da pergunta constante.

– Você cuida muito bem dos meus bebês – eu pondero. Ela é ótima com eles.

– Claro, isso é porque posso devolver as adoráveis criaturinhas para vocês quando me canso delas – ela sorri e eu a imito, erguendo a garrafa para ela brindar comigo.

– Vou procurar a minha esposa – levanto-me, empenhado em localizá-la e dizer-lhe exatamente o que pretendo fazer com ela mais tarde.

Onde ela está?

Encontro-a na cozinha com Cathy, que assumiu a preparação da comida.

– Ai está o meu menino! – a idosa governanta cantarola, beijando a minha face antes de sair da cozinha com uma bandeja de sanduichinhos sem casca. – Vou pedir a Clive que reúna as crianças. Que dia lindo!

Acompanho a saída dela e depois me viro lentamente, até meus olhos encontrarem o que procuravam. Ela me olha com atenção, e aqueles olhos estão em brasas. Ela não consegue mesmo resistir a mim.

– Estava com saudade – vou me aproximando e deixo a garrafa no balcão da pia quando passo por ele. Ela solta o pano de prato e se inclina sobre a mesa, convidando-me a ir até ela, minha sedutorazinha.

Não há gentileza alguma no modo como eu a agarro e a prendo contra a parede, minha boca indo direto para o pescoço dela.

– Jesse, não – ela arfa e arqueia o corpo contra o meu peito.

– Mais tarde, vou arrancar esse vestido e vou te comer até você gritar.

Ela geme e roça o joelho nu na minha ereção.

Controle-se, controle-se, controle-se! Controle-se, porra!

– Feito – ela concorda sabiamente, não que tenha escolha. Onde e quando eu quiser, e ela sabe disso. Mas não agora.

Eu rosno de frustração e afasto meu corpo do dela.

– Eu te amo, porra.

– Eu sei – ela sorri, mas sorriso não atinge seus olhos, como sempre acontece.

– O que foi, Ava? – eu me abaixo para o meu rosto ficar na altura do dela. – Diga-me.

Ela suspira e olha para mim com os olhos ansiosos.

– Eu queria que Dan estivesse aqui.

É preciso me lembrar de todo o amor que eu sinto por ela para não revirar os olhos e resmungar de frustração. O cara não me desce, não adianta.

– Ei, você sabe que ele está bem – eu a lembro. O babaca já me custou quase meio milhão desde que o conheço, coisa que eu não tenho a menor intenção de contar a Ava. Ela sabe da primeira vez, mas não das duas seguintes. Isso só vai preocupá-la mais. Ele não consegue ficar longe de problemas. – É difícil para ele – digo o que sei que vai acalmá-la. – Você sabe, com Kate e Sam.

– Eu sei – ela concorda. – Estou sendo boba.

– Não está, não. Beije-me, esposa – preciso distraí-la e ela não perde tempo. Ataca-me imediatamente, gemendo na minha boca e puxando meus cabelos. Sempre funciona. – Você tem um gosto delicioso – estou rosnando de novo. Que inferno, vou perder a cabeça. Mordo a sua boca e insinuo meus quadris nas curvas de seu corpo perfeito. – Vou me livrar de todos eles – declaro. – Malditos impostores.

Ela me abre aquele sorriso fenomenal, deixando-me mais excitado.

– Parece insensato – ela ri. – É o dia dos nossos bebês.

– Não há nada de insensato em querer você e nossos filhos só para mim – tento me concentrar em acalmar minha situação aqui embaixo, mas com o meu corpo contra o dela, aqueles olhos implorando que eu a possuía, é simplesmente impossível. – Eu não posso olhar para você – murmuro, afastando-me e deixando a cozinha antes de dobrá-la ao meio sobre a mesa.

Meu rolo compressor vai passar por cima desta festa.

Praticamente expulso os últimos convidados, que por acaso são os pais de Ava, que vão levar as crianças, o que me faz ser mais ou menos delicado. Inclino o corpo para dentro do carro de Joseph, com o coração aos pulos de felicidade, ao som das risadas dos meus filhos, e os abraço, um de cada vez.

– Sejam ruins com a vovó – dou uma piscadinha, ouço mais risinhos deles e tenho de aguentar uma bronca de Elizabeth, antes de fechar a porta e voltar correndo para dentro de casa, para agarrar a minha presa.

– Ava? – eu grito, enfiando a cabeça cozinha adentro. – Ava?

– Vai ter de me encontrar! – ela ri, mas não consigo identificar de onde aquela voz aveludada partiu.

Droga, ela quer brincar.

– Ava, não me deixe louco de raiva – aviso. Onde diabos ela se meteu? – Ava? – ela está em silêncio agora, e vai ver só quando eu puser as mãos nela. – Pelo amor de Deus! – eu grito, subindo os degraus de quatro em quatro e indo parar no nosso quarto. – Ava?

Nada.

Fico parado no meio do quarto, pensando no que fazer em seguida. Não demoro muito para descobrir.

– Três... – falo calmamente e com a máxima confiança. Estou confiante, ela não resiste a mim. – Dois... – continuo parado, prestando atenção a qualquer sinal de movimento, e nada. – Um... – digo mais baixo, total e completamente excitado. Sei que ela está perto.

– Zero, querido – ela sussurra atrás de mim, sua voz sedutora fazendo-me sorrir. Viro-me e

quase caio para trás ao vê-la parada diante de mim, apenas de calcinha de renda. Meu Deus, ela fica mais linda a cada dia. Apesar da minha urgência, levo todo o tempo do mundo admirando aquela nudez impecável. Meus olhos pairam naqueles seios firmes e perfeitos, sobre seu ventre liso e depois descem para as suas pernas fabulosas. Já estou latejando quando ela tira a calcinha. Desabotoo a camisa e tiro a calça jeans sem pressa. Ela parece não se importar. Seus enormes olhos castanhos estão enfeitiçados pelo meu corpo. Nada mudou.

– Gosta do que vê? – minha voz é grave e tentadora, embora esta mulher não precise de provocações quando se trata de mim.

Ela entreabre a boca e passa a língua sobre o lábio inferior. Estou em riste. O corpo todo.

– Já me acostumei – ela sussurra, com os olhos em meu peito.

Em um milésimo de segundo, estou sobre ela e minha boca ataca a dela com força bruta. Ela não me detém e jamais me deterá. Suas pernas me enlaçam pelos quadris, seus braços envolvem o meu pescoço e ela é toda minha outra vez.

– Você vai gritar muito alto quando eu te comer? – pergunto, prensando-a contra a parede e arfando em seu rosto.

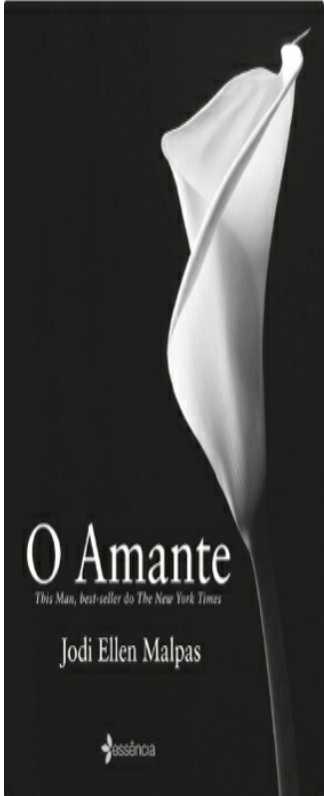
– Eu diria que bem alto – ela também ofega, agarrando-se às minhas costas, antes de levar as mãos aos meus cabelos, puxando-os com força.

Dou um sorriso, recuo um pouco e a penetro com vontade, deixando a cabeça pender para trás com um grito, com os ouvidos saturados pelo som do grito dela.

Não exijo mais ver os olhos dela. Não preciso mais certificar-me de que ela é real.

Enquanto meu coração continuar batendo, sei que ela é real.

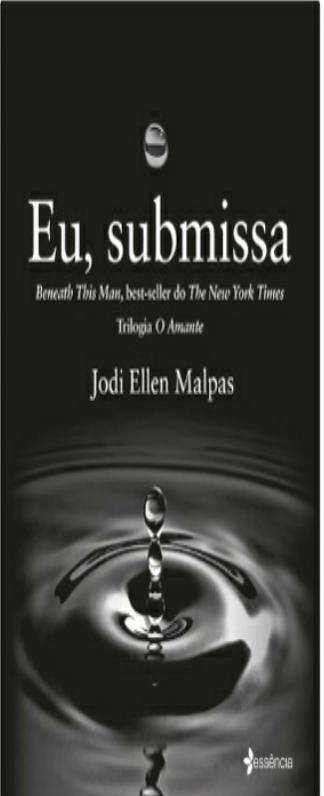
Ponto-final.



O Amante

This Man, best-seller do The New York Times

Jodi Ellen Malpas



Eu, submissa

Beneath This Man, best-seller do The New York Times

Trilogia O Amante

Jodi Ellen Malpas





